

A CABALA DA ASTROLOGIA

A LINGUAGEM DO NÚMERO



William Eisen



MADRAS



A Cabala da Astrologia



A linguagem do número

William Eisen

A CABALA DA ASTROLOGIA



A linguagem do número

Tradução:
Julia Vidili



MADRAS®

Publicado originalmente em inglês sob o título *The Cabalah of Astrology—The Language of Number*, por De Vorss & Company Publisher.

1986, William Eisen

Direitos de edição e tradução para todos os países de língua portuguesa. Tradução autorizada do inglês.

2006, Madras Editora Ltda.

Editor:

Wagner Veneziani Costa

Produção e Capa:

Equipe Técnica

Madras

Tradução:

Julia Vidili

Revisão:

Alessandra J. Gelman Ruiz

Adir de Lima

Augusto do Nascimento

Tânia Hemandes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

E37c

Eisen, William

A Cabala da Astrologia: a linguagem do número/William Eisen; tradução de Julia Vidili. - São Paulo: Madras, 2006

il.

Tradução de: The cabalah of astrology

ISBN 85-370-0051-5

1. Astrologia. 2. Cabala. 3. Tarô. 4. Ciências ocultas. I. Título.
06-0052.

CDD 133.5

CDU 133.52

05.01.06

11.01.06

012882

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem a permissão expressa da Madras Editora, na pessoa de seu editor (Lei nº 9.610, de 19.2.98).



Todos os direitos desta edição, em língua portuguesa, reservados pela

MADRAS EDITORA LTDA.

Rua Paulo Gonçalves, 88 — Santana

CEP: 02403-020 — São Paulo — SP

Caixa Postal: 12299 — CEP: 02013-970 — SP

Tel.: (11) 6281-5555/6959-1127 — Fax: (11) 6959-3090

www.madras.com.br



Índice

Introdução.....	9
------------------------	----------

Capa – Orelha e Contracapa

Parte I

Princípios Básicos

Capítulo 1

A Essência da Cabala: Uma Breve Consideração	13
A Cabala Hebraica	14
O Livro do Tarô	16
A Cabala Inglesa	20
Como Ler um Número.....	22
As Três Disciplinas	22
Os Dois Glifos Fundamentais da Cabala.....	24

Capítulo 2

Os Alfabetos Mágicos	27
Uma Breve Jornada pelos Algarismos.....	29
Os Arcanos Maiores do Tarô	31
Símbolos Pictóricos do Alfabeto Hebraico	32
Símbolos do Tarô no Alfabeto Inglês	33
Inglês Básico: A Chave da Consciência de Deus	35
A Divina Proporção	39
A Roda do Pi/Phi inglês.....	44
A Roda Hebraica do Pi e do Phi	48
A Roda Pi/Phi do Tarô.....	56
Uma Lição dos Romanos.....	61
A Roda Completa do Tarô/Hebraica/Inglesa da Vida Única	64

Parte II

Geometria Sagrada: O Cânone da Lei Universal

Capítulo 3

Geometria Sagrada	73
-------------------------	----

As Formas Geométricas Básicas	73
Círculos de Pedra e Astro-Arqueologia	80
As Pirâmides de Gizé	84
Stonehenge e Glastonbury	87
A Nova Jerusalém: A Cidade da Revelação	91
Os Mistérios da Luz	96
Capítulo 4	
A Árvore da Vida da Grande Pirâmide	103
O Vértice da Série e a Média Phi	104
O Triângulo Áureo Reto	105
Os Números de Lucas e de Fibonacci	109
A Pirâmide do Yin-Yang	113
Existência Positiva e Negativa	115
Capítulo 5	
A Árvore Sefirótica do Conhecimento do Bem e do Mal	121
A Tradicional Árvore Sefirótica	123
O Padrão Numérico das Sefiroth	123
As Três Esferas de Ain, Ain Soph e Ain Soph Aur	126
A Árvore Sefirótica do Tarô	129
A Cabeça da Serpente da Sabedoria	134
Capítulo 6	
Uma Caminhada Pelo Tempo e Espaço	139
Grandeza e Pequenez	139
Viagem pela Consciência	141
As Quatro Dimensões do Espaço-Tempo	143
Passos no Caminho da Vida	145
Sua Escada para as Estrelas	148
Métodos Alternativos de Análise	151
Capítulo 7	
As Quatro Constantes Fundamentais: Pi, (e), Phi, "i" (π , e, ϕ , i)	155
Pi (π), o Ciclo Completo do Início ao Fim	156
A Misteriosa Constante "e" (a Base dos Logaritmos Naturais)	161
Phi (ϕ) o Princípio Universal da Força Vital	168
O "i" Negativamente Existente (Raiz Quadrada de -1)	175
A Espantosa Prova Matemática da Unidade das	
Quatro Constantes	179
A Grande Pirâmide de Gizé: Um Verdadeiro Pi (e) Phi "i"	182
Capítulo 8	
O Pulso da Vibração	191
O Vértice de Ouro	192

A Primeira Revolução do Holofote, Conforme Varre	
as Quatro Faces da Pirâmide	194
Outras Revoluções do Holofote	198
Os Princípios Matemáticos das Leis da Vibração	200
A Unidade da Consciência da Alma	207

Parte III

A Cabala da Astrologia

Capítulo 9

A Terra em Que Vivemos	211
Estatísticas Vitais	213
A Esfera Celeste da Terra	215
O Princípio Fundamental	220
As Quatro Estações	221
Círculos de Latitude e Meridianos de Tempo	223

Capítulo 10

O Zodíaco: O Círculo de Animais Sagrados	229
Os Doze Signos do Zodíaco	231
O Pólo Zodiacal da Eclíptica	233
Símbolos Ingleses para o Zodíaco do Espaço	236
Símbolos do Tarô para o Relógio do Tempo	241
A Precessão dos Equinócios e o Ano Platônico	248

Capítulo 11

O Sistema Solar e Seus Planetas	255
Leis de Kepler sobre o Movimento dos Planetas	258
As Órbitas dos Planetas em Torno do Sol	260
O Estranho e Forte Barbante da Gravidade	264
Uma Visão Geocêntrica da Esfera Celeste	268
A Grande Saga dos Titãs	270
Uma Visão Heliocêntrica da Espiral Aberta	274
Uma Visão Egocêntrica do Círculo Fechado	278
Os 12 Sistemas Planetários	282

Capítulo 12

As Casas da Terra	289
Direções Geográficas Versus Direções Zodiacais	291
O Sistema de Casas Iguais	296
O Horóscopo Quadrado das Casas Triangulares	301
As Casas dos Hemisférios Norte e Sul	304
Hora Média Local (LMT)	304
Casas Solares do Tempo	307
O Grande Horóscopo do Espaço e do Tempo	311

Capítulo 13

O Padrão de Vibração do Nome e da Data.....	315
Seus Nomes Sejam nossos Nomes.....	315
O Efeito Final do Nome e da Data	317
A Grande Pirâmide do Nome e da Data	321
O Método de Análise de Área	325
O Método de Análise Linear	328
O Diagrama Corrigido para Qualquer Vibração do Nome e da Data	330
O Grande Método do Nome, Data, Hora e Lugar	333

Introdução

Em 24 de janeiro de 1986, a nave espacial Voyager-2, após uma viagem que durou mais de oito anos, finalmente atingiu o planeta Urano, estendendo, assim, a consciência do homem aos limites mais longínquos do sistema solar. Um feito notável, para dizer o mínimo. Mas houve um preço a pagar por esse encontro, pois os astrólogos há muito sabiam que a posição de Urano em um mapa, quando o Sol está no ascendente, representa o *Ponto de Catástrofe*.

Porém, quem teria imaginado que haveria uma ligação entre a Voyager-2 e o ônibus espacial Challenger, que estava destinado a ser lançado exatamente *quatro* dias mais tarde, naquilo que parecia ser apenas outra missão de rotina no espaço? Mas havia uma relação, pois o ônibus espacial Challenger (Missão 51-L, imagine, e era seu décimo vôo), por causa de uma estranha combinação de conjunções numéricas e astrológicas que nunca poderiam ter sido previstas, parecia ser impotente para evitar a sina que lhe fora designada.

Dê uma olhada nos números: ele explodiu exatamente às 11:39 AM, que pode ser transliterado cabalisticamente em "AM I AM" [em inglês, *SOU EU SOU*]. E, de acordo com as efemérides, Urano moveu-se exatamente 11,3 minutos de arco (a palavra "AM" — *SOU* — novamente) entre o encontro de 24/01/86 [na datação britânica, 1/24/86] e o desastre do ônibus em 28/01/86 [1/28/86]. Cento e vinte e quatro é o número Alfa de "*Os Amantes*" (Carta 6 do Tarô) e 128 é o número Alfa de "*A Imperatriz*" (Carta 3 do Tarô). E o "I" da "Torre Atingida pelo Raio" (Carta 16 do Tarô) é, com toda a certeza, Urano, já que ele estava movendo-se pelo 9º (9 = I) signo de Sagitário durante aquele ciclo de sete anos.

Há muitas outras relações numéricas e astrológicas entre os dois acontecimentos, demasiado numerosas para detalharmos aqui, que definitivamente provam, sem sombra de dúvida, sua inter-relação. A única razão para que eu traga esses fatos a esta breve Introdução é mostrar que, de fato, há um aspecto prático naquilo a que chamamos "linguagem do número". Não existe um número que não possa ser transliterado em uma palavra

ou palavras equivalentes na linguagem inglesa (704 = GOD [Deus], etc.) e, quando esses números são "lidos", pode-se transmitir mais informação pela Consciência de Deus à pessoa que está preparando o mapa, que não poderia ser obtida apenas por uma análise astrológica do mapa.

Estamos entrando em um maravilhoso período da história da Terra, na muito anunciada Era de Aquário, que está praticamente sobre nós neste momento e, com a ajuda das novas técnicas que estão sendo descobertas de tempos em tempos — não apenas nas ciências, mas em todas as formas de realização, como a arte, a literatura, a música e semelhantes —, deveremos obter uma melhor compreensão da Consciência Universal a que os homens chamam Deus e de nosso propósito aqui na Terra.

William Eisen
Los Angeles, Califórnia

Parte I
Princípios Básicos

Capítulo 1

A Essência da Cabala: Uma Breve Consideração

O que é a Cabala? A Cabala é um alfabeto de símbolos com os quais uma linguagem espiritual é construída de forma que a comunicação entre seres de diferentes estados de consciência possa ser estabelecida. Na Cabala, deuses, anjos e homens encontram uma linguagem comum por meio da simbologia, a linguagem da alma.*

Mas a Cabala não é apenas um conjunto de conhecimentos, no sentido usual da palavra. E principalmente um método de usar a mente de tal modo que o indivíduo entra em contato direto com os poderes viventes e as forças do Universo e, por meio deles, com a fonte eterna de toda a manifestação. Em outras palavras, você faz contato com Deus.

Ela teve seu início nos ensinamentos esotéricos dos judeus da Palestina e do Egito, na era que viu o nascimento do Cristianismo, o primeiro milênio. Foi durante esse período que as diversas doutrinas encontradas em antigos livros hebraicos como o *Sepher Yetzirah* (Livro da Formação), o *Zohar* (Livro do Esplendor) e o *Bahir* (Livro da Iluminação) foram pela primeira vez escritas. Os diversos manuscritos foram então copiados e circularam por toda a Europa, tendo sido cuidadosamente guardados pelos esoteristas.

Porém, não se deve constatar que o conhecimento desses princípios cabalísticos, como tal, eram propriedade exclusiva dos hebreus. Nada disso. Os ensinamentos podem ser remetidos a períodos mais antigos no conhecimento oral, em monumentos e nos pergaminhos sagrados e hieróglifos de todas as nações, remontando à aurora dos tempos. Portanto, o cabalista moderno é herdeiro de uma doutrina realmente antiga, mas deve atualmente reinterpretar e reformular essa doutrina para que ela tenha valor prático para ele na sociedade atual.

* N.E.: Sugerimos a leitura de *Uma Introdução ao Estudo da Cabala*, Wiliam Wynn Westcott, Madras Editora.

Isso se faz lançando mão de seus três aspectos básicos — o aspecto do Tarô, o aspecto hebraico e o aspecto inglês; as letras iniciais desses aspectos formam o artigo definido "THE" [O, A]. Assim, a combinação dessas três disciplinas é o modo mais abrangente para se estudar "A" Cabala.

Descobrimos, então, que essa antiga ciência nos foi dada para expandir nosso universo, de forma que possamos expandir a nós mesmos. Por meio do código cifrado contido nela, encontramos uma espantosa sabedoria oculta. Seus aspectos básicos são simples, mas em nossa civilização atual nós os perdemos de vista porque separamos as letras dos números. Porém, os antigos hebreus não tinham um sistema diverso para diferenciar números e palavras. Cada número era uma palavra e cada palavra era um número. Dessa forma, a Cabala é a ciência em que o segredo da PALAVRA é conhecido. Ao usar a Cabala, o homem torna-se o mago vivo.

A Cabala Hebraica

O mais antigo aspecto de nossa trindade de leis ou sistemas cabalísticos é o aspecto hebreu, a Cabala da linguagem hebraica. Uma vez que o zero (0) não foi inventado até o século III d.C. pelos árabes, e que símbolos diversos para os numerais ainda não eram conhecidos, os primeiros hebreus criaram um sistema de numeração ligeiramente diferente do que usamos na Cabala inglesa atual, com seus 36 símbolos (26 letras e 10 números).

Assim, mesmo sendo em formato diferente, o sistema hebraico ainda era um *sistema denário de numeração*, ou seja, suas partes podiam ser divididas em unidades, dezenas, centenas, etc., tendo cada letra um valor numérico de exatamente dez vezes sua contraparte anterior. É, portanto, o uso da magia do dez, surgida 500 anos antes do advento do zero ou do espaço vazio, o que torna o alfabeto hebraico tão espantoso. As letras hebraicas são mostradas na tabela adjacente, junto com seus equivalentes em português, e o símbolo especial que traz o significado de cada uma das letras. A coluna da esquerda mostra se a letra é uma letra mãe, uma letra dupla ou uma letra simples.

Visto que essas 22 letras (ou 27, se considerarmos as finais) são difíceis de ser escritas, os cabalistas modernos criaram um sistema que substituiu cada letra do alfabeto hebraico por uma letra maiúscula do alfabeto ocidental, que *soa* como a letra original. Desse modo, qualquer palavra hebraica pode ser impressa em outro idioma com sua pronúncia hebraica intacta e permite ao leitor não apenas definir seu valor numérico como também ter uma idéia aproximada do modo como é pronunciada.

O uso de letras para simbolizar números foi provavelmente levado à Palestina no período do Segundo Templo. Nunca ocorreu a esses povos antigos que os números poderiam ser representados de maneira diferente. Assim, como acabamos de dizer, cada número torna-se uma palavra e cada palavra revela um número. Porém, esse sistema não era exclusivo dos hebreus; era também usado pelos babilônios e pelos gregos.

PRANCHA I — TABELA DE LETRAS HEBRAICAS E CALDAICAS							
Tipo	Número	Som ou potência	Letras hebraicas e caldaicas	Valor numérico	Caracter romano usado para expressá-la nesta obra	Nome	Significado do nome
M	1	a (suave)	א	1 (Os milhares	A	Aleph	boi
D	2	b	ב	2 são denotados	B	Beth	casa
D	3	g (duro)	ג	3 por uma letra	C	Gimel	camelo
D	4	d, th (th simples)	ד	4 maior; assim, um	D	Daleth	porta
S	5	h (aspirado)	ה	5 Aleph maior que	H	He	janela
S	6	v, u, o	ו	6 o resto das letras	V	Vau	prego, gancho
S	7	z, dz	ז	7 entre as quais	Z	Zayin	arma, espada
S	8	ch (gutural)	ח	8 está não signifi-	CH	Cheth	cercado, cerca
S	9	t (forte)	ט	ca 1, mas 1000.)	T	Teth	serpente
S	10	i, y (como em imã)	י	10	I	Yod	mão
D	11	k	כ Final = ק	20 Final = 500	K	Caph	palma da mão
S	12	l	ל	30	L	Lamed	agulhada de boi
M	13	m	מ Final = מ	40 Final = 600	M	Mem	água
S	14	n	נ Final = נ	50 Final = 700	N	Nun	peixe
S	15	s	ס	60	S	Samekh	esteio, apoio
S	16	O aa, ng (gutural)	ע	70	O	Ayin	olho
D	17	p, pl	פ Final = פ	80 Final = 800	P	Pe	boca
S	18	ts, tz, j	צ Final = צ	90 Final = 900	Tz	Tzaddi	anzol
S	19	q	ק	100 (As finais nem	Q	Qoph	nuca
D	20	r	ר	200 sempre são consi-	R	Resh	cabeça
M	21	s	ש	300 deradas como um	SH	Shin	dente
D	22	t	ת	400 valor numérico)	TH	Tau	sinal da cruz

Figura 1
As letras hebraicas com seus equivalentes em inglês de acordo com MacGregor Mathers¹

1. A Figura 1 foi tirada do livro *The Kabbalah Unveiled*, de S. L. MacGregor Mathers (London, England. Routledge & Kegan Paul, Ltd.. 1887. 1926, 1954), p. 3. A Introdução de Mathers na primeira parte do livro é excepcionalmente bem-escrita e informativa.

Livro do Tarô

O segundo, e talvez o mais essencial aspecto da Cabala é o Tarô, sem o qual não teríamos meios de desvendar a verdadeira simbologia das línguas hebraica e inglesa de hoje em dia. Esse baralho de símbolos universais, chamado Livro do Tarô, é um conjunto de cartas que, se compreendido em sua totalidade, pode ser capaz de expressar todas as leis do homem, de Deus e do Universo. Sua origem está envolta em mistério. Embora o primeiro indício físico dessas cartas remonte apenas ao século XIV, muitos pesquisadores da área acreditam que pelo menos as idéias filosóficas gerais expressas no Tarô remontam à Antiguidade.

Um desses princípios é a idéia bíblica de que "Deus fez o homem à sua imagem". A literatura esotérica afirma o mesmo conceito no axioma hermético "acima como abaixo". O homem é o microcosmo, o Cosmos em miniatura, e ao aprender mais sobre si ele será capaz de perceber a unidade de seus padrões internos e do Universo Maior de que faz parte.

Eliphas Levi, ocultista do início do século XIX, foi um dos primeiros a combinar Tarô e Cabala em um só sistema. No frontispício de seu livro *Magia Transcendental* ele mostra o Grande Selo de Salomão, os triângulos entrelaçados de Macroprosopus e Microprosopus, os dois anciãos da Cabala: o Deus de Luz e o Deus dos Reflexos, da misericórdia e da vingança, o Jeová branco e o Jeová negro, Deus e Homem.

Em outro trecho, ele escreve: "Os oráculos do Tarô dão respostas tão exatas quanto a Matemática e tão uniformes quanto a harmonia da natureza. Com a ajuda desses signos e de suas infinitas combinações, é possível chegar à revelação natural e matemática de todos os segredos da Natureza. O valor prático do Tarô é real e está acima de quaisquer fantasias".²

O baralho completo do Tarô consiste em 78 cartas individuais, que por sua vez são divididas em dois grupos: 1) os Arcanos Maiores ou Trunfos, que expressam 22 princípios universais da Consciência de Deus, e 2) os Arcanos Menores de 56 cartas, precursoras de nossas cartas de baralho modernas, que expressam a consciência do homem. Ou seja, desse livro vieram nossos jogos de cartas, mas apenas com reminiscências vagas do uso primitivo do misterioso livro.

O uso primitivo, obviamente, era preservar, ensinar e transmitir a Filosofia esotérica. Nesses 78 diferentes ideogramas, o homem foi capaz de aprender muito sobre a vida no plano terrestre e seu conseqüente retorno à perfeição divina. Costumamos dizer que a *Bíblia* é um livro inspirado, mas o Tarô é um *livro* de inspiração.

Outro ponto interessante: os Arcanos Maiores consistem em 21 cartas numeradas, mais uma carta zero (O Louco), somando 22 símbolos ao

2. Eliphas Levi foi um pseudônimo adotado para seus escritos ocultos por Alphonse Louis Constant (1810-1875), um dos mais notáveis estudiosos e místicos franceses do século XIX. Há diversas obras desse autor publicadas em português, como *Dogma e Ritual de Alta Magia* e *As Chaves dos Grandes Mistérios*, lançadas pela Madras Editara.



Figura 2
Acima como Abaixo

todo. O alfabeto hebraico primitivo também continha 22 letras ou símbolos, tornando possível fazer uma correspondência ponto a ponto entre os Arcanos Maiores do Tarô e o alfabeto hebraico. Mas as 21 cartas numeradas também podem ser rearranjadas na forma de um triângulo, ocupando a primeira carta, O Mago (Carta 1 do Tarô), o vértice, já que 21 é a soma de $1 + 2 + 3 + 4 + 5 + 6$. O notório filósofo Manly P. Hall enfatiza graficamente esse fato colocando todas as 21 cartas numeradas dos Arcanos Maiores sobre o corpo do próprio Louco. Assim, percebemos que a pirâmide resultante representa todas as forças ou idéias básicas e fundamentais que permitem que você exista como indivíduo. Cada força ou carta pode ser considerada um elemento ou letra de um alfabeto mágico, cuja totalidade está compreendida nessa pirâmide — a Pirâmide de Seu Próprio Ser.

O Louco (Carta 0 do Tarô) é *Você*. E se esse Louco, que é você, deseja saber mais sobre os mistérios de sua consciência, ele deve partir em uma jornada. Mas antes que possa fazê-lo, deve ter algum lugar para ir. Portanto, os mundos exteriores são trazidos à manifestação. Esses mundos exteriores que o Louco está prestes a explorar são representados pelos quatro naipes dos *Arcanos Menores*: Ouros, Copas, Espadas e Paus. Esses quatro reinos são análogos às quatro divisões básicas da Natureza (estados da matéria sólido, líquido, gasoso e de energia, conhecidos pelos antigos como Terra, Água, Ar e Fogo), e constroem a consciência exterior do homem. Porém esses reinos de sua consciência exterior não são realmente nada mais do que um *reflexo* de sua consciência interior.

Os quatro reinos exteriores do Tarô são também similares em construção aos naipes Ouros, Copas, Espadas e Paus do baralho moderno. Cada um deles tem dez cartas numeradas de As a Dez, mas em vez de ter apenas Valete, Dama e Rei, uma carta de Corte extra foi adicionada — o Cavaleiro montado, elevando o número total de cartas dos Arcanos Menores para 56 (quatro naipes de 14 cartas cada).

Podemos acrescentar, além disso, que as quatro cartas de Corte — o Pajem, a Rainha, o Rei e o Cavaleiro — representam a família real e, conseqüentemente, os regentes de cada reino. As cartas numeradas representam as principais experiências, ou lições, que o Louco deve encontrar enquanto viaja por aquele reino em particular. O Ás sempre representa o início da jornada e o Dez, sua conclusão.



Figura 3

O verdadeiro significado do Louco (Carta 0 do Tarô) a partir de uma interpretação de Manly P. Hall

3. A Figura 3 foi retirada do livro *The Secret Teachings of All Ages* de Manly Palmer Hall uma análise das Cartas de Tarô (Los Angeles, The Philosophical Research Society, Inc., 1928, 1978), p. 129.



Figura 4
O Louco como aparece no popular
*baralho Rider de Arthur Edward Waite*⁴

A Cabala Inglesa

O terceiro aspecto daquilo que passou a ser conhecido como "A" Cabala é o aspecto inglês — a Cabala da língua inglesa. Seu alfabeto compõe-se essencialmente das 23 letras do alfabeto latino clássico de outrora, com três letras extras, o J, o U e o W, que foram acrescentadas por volta do século XI d.C. (o J era uma forma variante do "I" Latino e o U e o W eram ramificações do "V" latino). Porém, o alfabeto inglês, em sua totalidade, não é simplesmente composto de 26 letras de A a Z, mas contém também os dez dígitos de 0 a 9, perfazendo 36 símbolos ao todo.

4. Todas as cartas do Tarô reproduzidas neste livro foram desenhadas por um dos mais brilhantes estudiosos de nosso tempo, Arthur Edward Waite, e sua parceira Pamela Colman Smith. Como o baralho de Waite foi publicado pela primeira vez por William Rider & Son, Ltd., algumas vezes é chamado de baralho Rider.

	C O L U N A S									
DÍGITOS	1	2	3	4	5	6	7	8	9	
LETRAS	1	2	3	4	5	6	7	8	9	
1ª FILEIRA	A	B	C	D	E	F	G	H	I	
	10	11	12	13	14	15	16	17	18	
2ª FILEIRA	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	
	19	20	21	22	23	24	25	26	27	
3ª FILEIRA	S	T	U	V	W	X	Y	Z	O	
										A C E

Figura 5

Uma tabela de letras e dígitos do alfabeto *inglês*

Porém, uma vez que o sistema decimal tornou desnecessário o uso das letras para representar uma multiplicação por dez, o valor numérico de cada oitava na Cabala inglesa, em vez de ser dez vezes seu valor anterior (como nos sistemas hebraico e grego), é de simplesmente nove unidades adicionais por letra: (1 + 9 = 10) em vez de (1 x 10 = 10); e (2 + 9 = 11) em vez de (2 x 10 = 20), sendo o número 11 ainda reduzido a 2. Pode-se ver imediatamente que todos os dígitos de 1 a 9, as letras de A a Z e o zero (que representa um espaço vazio ou a ausência de uma letra) ocupam suas posições apropriadas na tabela da Figura 5.

Portanto, qualquer palavra na língua inglesa também pode ser expressa como um número simplesmente com sua soletração seguida da adição do valor numérico de cada uma de suas letras. Na Cabala inglesa isso é conhecido como *número Alfa* da palavra. Assim, A é um, B é dois, C é três, etc., até a letra Z, cujo número é 26.

É fácil perceber que o *número Alfa* de uma palavra *não é* o mesmo que seria computado na Numerologia comum, em que o número é reduzido a um único algarismo. O *número Alfa* é lido em sua totalidade. Por exemplo:

GOD = 7 + 15 + 4 = 26 Portanto, 26 é o número Alfa de GOD [Deus]

MAN = 13 + 1 + 14 = 28 e 28 é o número Alfa de MAN [Homem].

Além do que foi dito aqui, o *algarismo* zero (0) também pode ser lido como a *letra* O. Por exemplo:

O número 704 = 7 - 0 - 4 = GOD, ou

O número 7.154 = 7-15-4 = GOD [Deus]

Assim, quando você se depara com algum desses números (704 ou 7.154), pode transformá-los mentalmente na palavra GOD. A Cabala inglesa permite ambos os métodos de interpretação..

Como Ler um Número

Qualquer análise cabalística acabará por produzir um número. O que fazer com o número após tê-lo encontrado? A resposta é: *lê-lo* e descobrir o que *ele* tem a dizer. Essa é a magia da Cabala inglesa — e da Cabala de qualquer idioma, aliás.

Por exemplo: digamos que tenhamos descoberto que a resposta para nosso problema reside no número 1.320. Portanto, ele nos diz que devemos ACT [Agir] (1-3-20) nesse momento e talvez EMPTY [Esvaziar] (13-20 = M T) esse problema da negatividade. Por quê? Porque, se colocarmos os dígitos em um círculo e lermos no sentido horário, a seguinte palavra aparece:

1-3-2-0-13-2-0

B O M B [Bomba]

E uma BOMBA pode explodir!

O número 1.320 é, portanto, o número *Natural* para a palavra ACT [Agir], diferente de seu número *Alfa*, que é 24, a soma de suas letras individuais (1 + 3 + 20 = 24). Mas, não importando o método que você use, o número Alfa ou o número Natural, muitas causas ocultas podem, normalmente, ser reveladas com a "leitura" do número obtido a partir de uma simples análise cabalística.

Os números Natural e Alfa de algumas palavras típicas são os seguintes:

<i>Palavra</i>	<i>Tradução</i>	<i>Valores das</i>	<i>Número Alfa</i>	<i>Número</i>
		<i>letras</i>		<i>Natural</i>
<i>All</i>	<i>TUDO</i>	1+12+12	25	11.212
<i>is</i>	<i>É</i>	9 + 19	28	919
<i>One</i>	<i>UM</i>	15 + 14 + 5	34	15.145
Totais:			87	27.276

As Três Disciplinas

Os primeiros cabalistas acreditavam que nas palavras divinas da Escritura havia um significado oculto ou uma essência que deveria ser procurada e trazida à luz. Acreditavam que Deus estava escondido nessas palavras divinas e, para descobrir quais eram esses significados ocultos, criaram os princípios chamados *Gematria*, *Notaricon* e *Ternura*, que usavam como métodos de interpretação. Embora os sistemas fossem originalmente empregados para interpretar a Cabala hebraica, os seguintes exemplos mostrarão que eles funcionam igualmente bem para a Cabala inglesa — a linguagem que usamos hoje.

Gematria: Relaciona-se com o *valor numérico* de palavras ou frases. Palavras com valores numéricos similares tendem a ser explicativas umas das outras.

EARTH [Terra] = 5 + 1 + 18 + 20 + 8 = 52
 DEVIL [Diabo] = 4 + 5 + 22 + 9 + 12 = 52
 LIVED [Viveu] = 12 + 9 + 22 + 5 + 4 = 52
 CHRIST THE KING [Cristo, o Rei] = 77 + 33 + 41 = 151
 JESUS CHRIST [Jesus Cristo] = 74 + 77 = 151
 HOLY SPIRIT [Espírito Santo] = 60 + 91 = 151
 THE GREAT WORK [A Grande Obra] = 33 + 51 + 67 = 151

*Letras hebraicas
e valores numéricos*

Yod (I) = 10
 Hell (H) = 5
 Vav (V) = 6
 He (H) = 5

Palavra
 Hebraica
 para
 Deus

*Letras inglesas
e números Alfa*

G = 7
 O = 15
 D = 4

26

Os totais são iguais

26

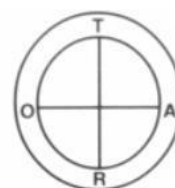
Notaricon: Relaciona-se a *abreviações*. Algumas vezes as letras iniciais das palavras em um nome formam outra palavra que significa o todo.

Pr. = Pair	[Par]
CIA = Central Intelligence Agency	[Agência Central de Inteligência]
CA = California	[Califórnia]
USA = United States of America	[Estados Unidos da América]
Au = Gold	[Ouro]
H2O = Water	[Água]
C = Cee (Cê) (the name of the letter)	[o nome da letra]
C = Sea (Mar) (a large body of water)	[um grande corpo de água]
C = See (Ver) (to observe with the eyes)	[observar com os olhos, compreender] to comprehend
C = 3 (the digit 3)	[o dígito 3]

Temura: Relaciona-se a *permutações* ou *anagramas*. As letras em qualquer palavra podem ser rearranjadas para construir outra palavra, que também tende a explicar seu significado. Algumas vezes as letras são escritas em um círculo ou lidas de trás para diante.

Um exemplo de Ternura: Vamos tomar a palavra TAROT e arranjar as letras dela em um círculo da mesma maneira que o símbolo da serpente que engole a própria cauda. Assim, o T final ocupará a mesma posição na roda de primeiro T, simbolizando a conjunção do início com o fim. O glifo pode então ser lido tanto no sentido horário como no anti-horário, revelando assim o verdadeiro significado da palavra TAROT.

ROTA = Roda (Latim)
 TORA = Lei (Hebraico)
 TAROT = A Roda da Lei



Os Dois Glifos Fundamentais da Cabala

Chegamos assim aos dois maiores glifos da Cabala — representações simbólicas do mecanismo que a faz funcionar. Em primeiríssimo lugar está a *Árvore da Vida da Grande Pirâmide*, em que, por meio dos processos de sucessiva adição e subtração, os efeitos da PALAVRA original que havia no princípio tornam-se manifestos. E a segunda árvore, o complemento necessário da primeira, é a *Árvore Sefirótica do Conhecimento do Bem e do Mal*, que, com seus 32 caminhos de sabedoria, é o meio pelo qual a PALAVRA original é conhecida.

Assim, a PALAVRA pode ser comparada a uma *semente* que, quando plantada em um ambiente adequado, acabará por se desenvolver e crescer, tornando-se aquilo que deve ser. E não faz diferença ser a semente de uma planta, um animal, um ser humano ou uma estrela — o processo é sempre o mesmo. Aquilo que está lá dentro sempre se expandirá e se tornará aquilo que está fora e aquilo que está fora acabará por retroceder ao que está dentro. O interior é o microcosmo, a semente, a centelha de Divindade dentro de todas as coisas; e o exterior é o macrocosmo, o Universo, a expressão física do pensamento que deu origem à PALAVRA.

Descobrimos, então, que os glifos fundamentais da Cabala são uma representação simbólica das duas árvores que estavam no Jardim do Eden: a Árvore da Vida e a Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal (Gênesis, 2:9). Portanto, para que a Cabala seja realmente completa, deve ter, e tem, duas estruturas em "Árvore" separadas e distintas. Elas são mostradas na Figura 6 e serão discutidas com mais profundidade nos Capítulos 4 e 5 deste trabalho.

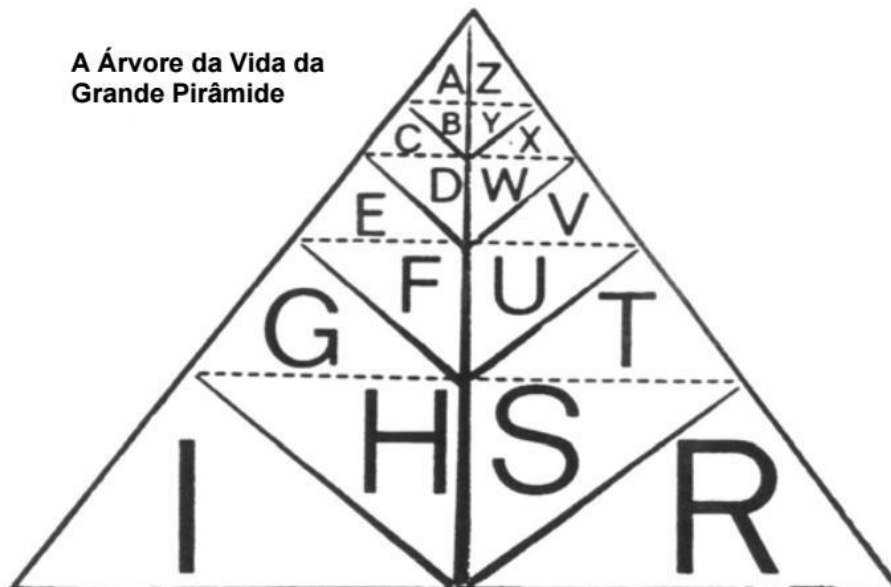


Figura 6
As Duas Árvores Básicas do Jardim do Éden

A Árvore Sefirótica do Conhecimento do Bem e do Mal

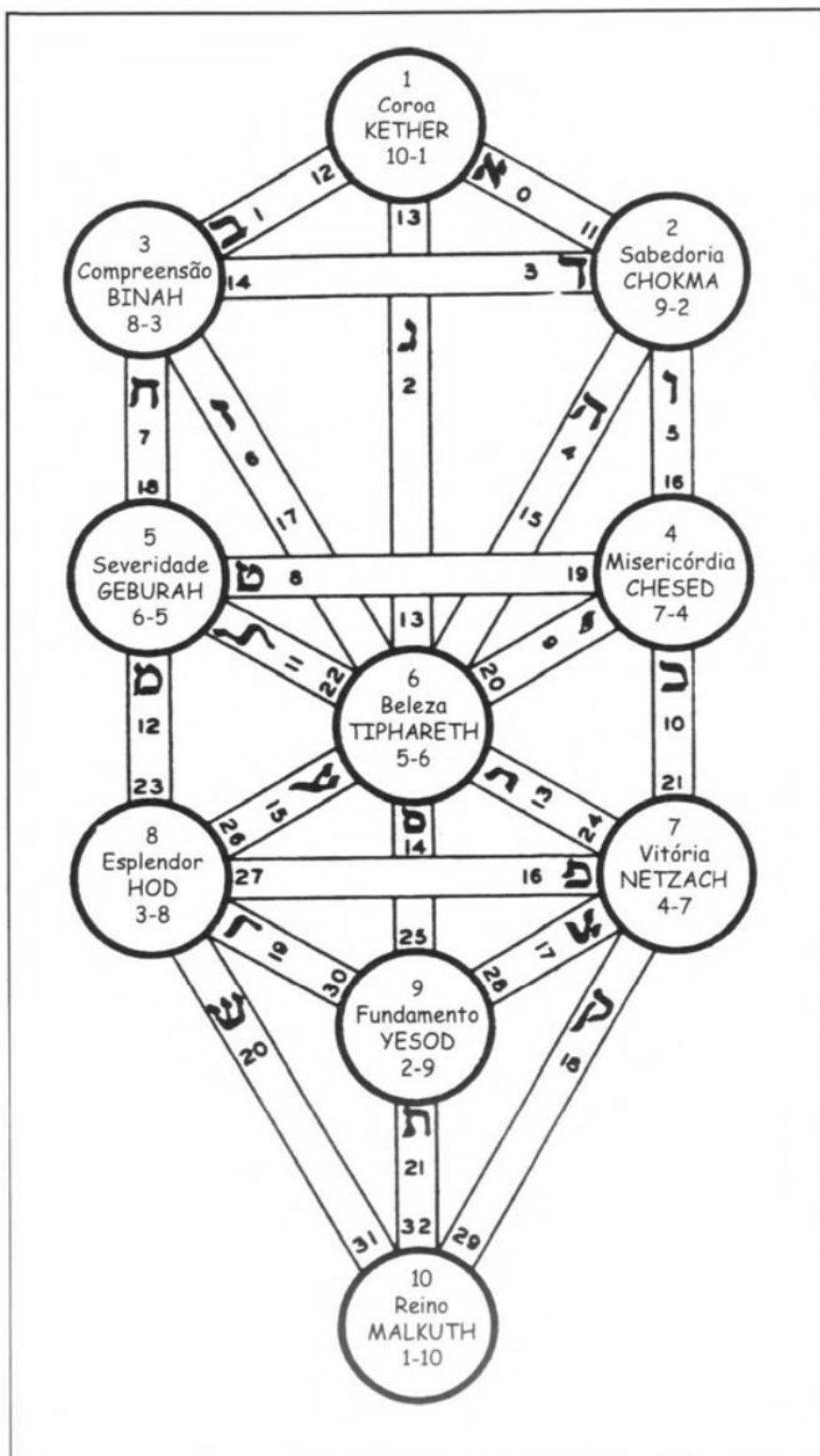


Figura 6
As Duas Árvores Básicas do Jardim do Éden

Capítulo 2

Os Alfabetos Mágicos

No Capítulo 1 falamos brevemente das inter-relações entre os sistemas cabalísticos do Tarô hebraico e inglês. Porém, não podemos esquecer de forma nenhuma de, ao menos, citar o alfabeto grego, que se desenvolveu ao mesmo tempo que o hebraico. Ambos os alfabetos, o hebraico e o grego, originalmente continham apenas 22 letras; mas, por volta do século VI a.C., principalmente por causa dos ensinamentos de Pitágoras, eles foram aumentados para 27 letras para preencher três oitavas completas de vibração — as unidades de 1 a 9, as dezenas de 10 a 90 e as centenas de 100 a 900. Os gregos adicionaram cinco novos símbolos, mas os hebreus, recusando-se a abolir a divindade de suas 22 letras originais, simplesmente acrescentaram uma versão "final" a cinco das letras originais.

O uso de palavras para representar números persistiu durante todo o Período Clássico, tendo existido lado a lado com o sistema romano de numeração até a queda do Império Romano no século V d.C. Mas o sistema romano sobreviveu e, durante os 800 anos seguintes, o sistema de numerais romanos, que usava sete das 23 letras do alfabeto latino para designar números, era usado em toda a Europa. Mas, no início do século XIII, no final da Idade Média, o sistema romano foi também substituído pelo sistema decimal, mais versátil, com seus algarismos arábicos correspondentes. O sistema permanece hoje em dia — o sistema numérico universal empregado atualmente em todas as partes do mundo.

Na Figura 7 encontramos uma tabela comparativa entre os três principais alfabetos da Cabala — o inglês, o hebraico e o grego. Uma vez que os antigos sistemas hebraico e grego não tinham símbolos distintos para numerais, mostramos apenas três fileiras de símbolos. Porém, uma quarta fileira poderia ser facilmente adicionada a cada uma das tabelas, no lugar dos numerais ingleses, se considerarmos que o sistema hebraico também continha as dez Sefiroth (correspondendo aos números de 1 a 10) e os gregos tinham dez Tetractys (dez yods, pontos ou vírgulas arranjados em quatro fileiras dentro de um triângulo equilátero). Assim, para todos os efeitos, cada um dos alfabetos também representava os quatro elementos

ou graus de consciência considerados tão importantes por esses povos antigos. As diversas divisões podem ser agrupadas da seguinte maneira:

Número da Fileira	Estados da Matéria	Símbolo	Alfabeto Inglês	Alfabeto Hebraico	Alfabeto Grego
(1) Alto	Energia	Fogo	Dígitos	Sefiroth	Tetractys
(2) 2º	Gasoso	Ar	A a I	A a T	A to
$\theta \ 9 \iota \epsilon \Delta \theta \phi \pi \sqrt{5}$					
(3) 3º	Líquido	Agua	J a R	I a Tz	I a Q
(4) Base	Sólido	Terra	S a O	Q a Tz	P a 

Esses quatro graus ou estados de consciência eram da maior importância, pois revelavam que a soma dos primeiros *quatro* números inteiros é igual a dez ($1 + 2 + 3 + 4 = 10$) e a multiplicação ou divisão por 10 significava a transformação de um grau de consciência na fileira superior ou inferior, dependendo do caso. Porém, durante esse processo de transformação, a entidade permaneceria na mesma coluna vertical e sob a influência do mesmo dígito principal, Sefirah ou Tetractys individual.

A CABALA INGLESA

1	2	3	4	5	6	7	8	9
¹ A	² B	³ C	⁴ D	⁵ E	⁶ F	⁷ G	⁸ H	⁹ I
¹⁰ J	¹¹ K	¹² L	¹³ M	¹⁴ N	¹⁵ O	¹⁶ P	¹⁷ Q	¹⁸ R
¹⁹ S	²⁰ T	²¹ U	²² V	²³ W	²⁴ X	²⁵ Y	²⁶ Z	O

A
C
E

A CABALA HEBRAICA

¹ A Aleph	² B Beth	³ G Gimel	⁴ D Daleth	⁵ H He	⁶ V Vav	⁷ Z Zayin	⁸ CH Cheth	⁹ T Teth
¹⁰ I Yod	²⁰ K Kaph	³⁰ L Lamed	⁴⁰ M Mem	⁵⁰ N Nun	⁶⁰ S Samekh	⁷⁰ O Ayin	⁸⁰ P Pe	⁹⁰ Tz Tzaddi
¹⁰⁰ Q Qoph	²⁰⁰ R Resh	³⁰⁰ SH Shin	⁴⁰⁰ TH Taw	⁵⁰⁰ K Kaph	⁶⁰⁰ M Mem	⁷⁰⁰ N Nun	⁸⁰⁰ P Pe	⁹⁰⁰ Tz Tzaddi

<----- Finais ----->

A CABALA GREGA

1 A Alpha	2 B Beta	3 Γ Gama	4 Δ Delta	5 E Epsilon	6 F * Diagamma	7 Z Zeta	8 H Eta	9 Θ Theta
10 I Iota	20 K Kappa	30 Λ Lambda	40 M Mu	50 N Nu	60 Ξ Xi	70 O Omicron	80 Π Pi	90 Q * Episemonbau
100 P Rho	200 Σ Sigma	300 T Tau	400 Υ Upsilon	500 Φ Phi	600 X Chi	700 Ψ Psi	800 Ω Omega	900 Sanpi *

*Uma letra obsoleta que não é mais usada ou é usada apenas como numeral

Figura 7

Os Três Alfabetos Principais da Cabala

Essa subdivisão do alfabeto em fileiras e colunas é mostrada graficamente de modo claro na segunda fileira do alfabeto hebraico. As letras KLMNS podem ser lidas foneticamente como COLUMNS [Colunas], em oposição às letras OPTz à sua direita, que se tomam OPPOSITE [Oposto]. A letra na coluna da extrema esquerda é Yod (I); seu oposto na coluna da direita sob o dígito 9 é Tzaddi (Tz). E a combinação de Yod + Tzaddi (I + Tz) é Itz, que significa IT IS, ou IT'S [Isso é]; a soma delas é cem ou dez ao quadrado ($10 + 90 = 100 = 10^2$). Em outras palavras, a Cabala está dizendo que IT'S OPPOSITE COLUMN [Sua Coluna Oposta] é Yod ou Tzaddi, a coluna encabeçada pelos dígitos 1 ou 9, dependendo de seu ponto de referência.

Passando para o alfabeto grego, descobrimos que a primeira coluna é formada pela letra Alfa, seguida por Iota e Rô, ou A (1) seguido por PI. a razão entre a circunferência de um círculo e seu diâmetro. Além disso, as letras KMN na fileira do meio são COMMON [Comuns] aos três alfabetos, estando na mesma posição em todos. Elas aparecem novamente na fileira de baixo do alfabeto hebraico sob os dígitos 5, 6 e 7, provavelmente indicando que há uma relação entre as letras inglesas W, X e Y e as letras gregas Fi, Qui e Psi. Esses três alfabetos estão, com toda a certeza, interrelacionados; muitas outras descobertas interessantes poderão ser feitas pelo leitor atento que se interessar em se aprofundar nisso.

Uma Breve Jornada pelos Algarismos

Vamos agora partir em uma viagem dos *uns* aos *noves* e, logo, mais algumas relações muito interessantes se farão ver. Usaremos o alfabeto inglês como base para nossa análise e, dessa forma, talvez possamos aprender um pouco mais também sobre seus equivalentes hebraico e grego. Todos realizamos essa jornada, muitas vezes, e a análise que se segue é apenas um breve resumo de algumas das principais lições que a Cabala tem a ensinar.

Os Uns manifestam-se como A. J e S. Essas três letras soam foneticamente como AGES [Eras] os diversos períodos na história do progresso humano.

Os Dois são o B, o K e o T. Eles representam um BUCKET [Balde] - um recipiente para carregar ou guardar algo.

Os Três tornam-se C, L e U, E, sendo uma trindade, oferecem-nos unia CLUE [Pista] ou um indício que pode levar à solução de qualquer problema.

Os **Quatros** são um bloqueio ou obstrução que precisa ser superado, como bem sabe qualquer estudioso da Astrologia (ponha uma quadratura em seu horóscopo; as forças serão restritivas, ao contrário do triângulo, que as traz de volta à harmonia). As duas letras superiores, o D e o M, literalmente constroem um DAM [Dique] sobre o V, evitando assim que qualquer fluxo de líquido escape do V quando ele está de cabeça para baixo tornando-se um Δ ” (a letra grega Delta, a 4ª letra do alfabeto grego). Portanto, os **Quatros** não apenas DAM [Represam] o V em um sentido, corno também DAMN [amaldiçoam] o V em outro sentido (já que a letra V é o símbolo dos Amantes, a Carta 6 do Tarô), quando os aspectos masculino e feminino de você mesmo foram expulsos do Jardim do Éden.

Os **Cincos** são o portador do inesperado e, por estarem na coluna do meio do grupo, sempre trazem algo de NEW [Novo] com as letras N, E e W.

Porém, esse "algo" acaba sendo uma FOX [Raposa], que é trazida à manifestação com as letras F, O e X, a furtiva e inteligente Besta do Livro do Apocalipse cujo número é "seiscentos e sessenta e seis (666)". Porém, ela age muito no plano material, já que, de acordo com a filosofia Agashana, os **Seis** estão relacionados ao material — e toda a ação está no plano material, ao menos no que concerne ao mortal. Portanto, muito se ganha com uma compreensão apropriada da FOX [Raposa], cujo número é 666.

Os **Setes**, que são um número espiritual, manifestam-se nas letras G, Y e P. Assim, aqueles que estão no caminho espiritual com frequência se queixam dos sacrifícios que devem ser feitos enquanto se empenham nesse caminho. Por quê? Porque os **Setes** podem, às vezes, agir como um GYP [Trapaceiro] — mas isso é apenas ilusório. Se você sentir que está sendo trapaceado ou enganado por estar no caminho espiritual, lembre-se sempre de que esses sacrifícios acabarão por ser devolvidos a você ao cêntuplo.

Os **Oitos** manifestam-se nas letras H, Q e Z. Elas representam um QUIZ [Teste] — um teste oral ou escrito. E a letra H na Cabala inglesa sempre significa EACH [Cada] (ACHE = EACH [Agá = Cada]). Portanto, os **Oitos** podem beneficiar materialmente uma pessoa conforme ela passa por EACH QUIZ [Cada Teste] dado pelo Professor (a Alma) ao longo do caminho da vida.

Pode-se dizer que os **Noves** são profundos. Eles se manifestam nas letras I e R. Mas também se podem tornar um fator de perturbação se não forem utilizados apropriadamente, e assim experimentamos a IRE [Ira] ou cólera do "EU SOU" na forma de carma (a letra R, a Torre atingida pelo

Relâmpago da Carta 16 do Tarô). O "I ARE ['Eu é'— 'are' tem a mesma pronúncia de 'R', em inglês]", aliás, é gramaticalmente correto quando consideramos os muitos "I-s" [I-s ou Eus] na forma plural, sendo cada um deles parte integral do grande "EU SOU".

Mas "EU SOU" ou "EU É" o quê? É o zero ou o espaço vazio em seguida à letra Z. Assim, Deus é o retorno da letra A na forma do ACE [As] ($1 + 3 + 5 = 9$). Mas Eu também RACE [Corro]. E corro contra quem? Corro contra as Eras, os Uns, o próprio tempo, enquanto corro apressadamente para preparar um lugar para uma nova manifestação de MINHA existência. E quem sou eu? Eu sou toda a raça humana [em inglês, "race" = raça]; você pode chamá-la de raça "Eu" — uma raça de "Eus".

Os Arcanos Maiores do Tarô

O quarto aspecto de nossos alfabetos mágicos são os Arcanos Maiores do Tarô. Se designarmos as três linguagens faladas da Cabala — inglês, hebraico e grego — para representar as três dimensões do espaço (comprimento, largura e altura de um volume retangular), a quarta dimensão, o tempo, seria representada muito apropriadamente pelo Livro do Tarô. O tempo anda em um círculo, é unidimensional e engloba as três Cabalas do espaço. Aqui temos, novamente, uma espécie de *continuum* espaço-tempo e, outra vez, uma manifestação do todo-importante ($1+2+3+4 = 10$) princípio dos antigos.

Os nomes e os números das 22 cartas dos Arcanos Maiores são mostrados na tabela a seguir. Os Nomes de Deus que escolhemos usar para as cartas do Tarô são idênticos aos usados por Arthur Edward Waite em *The Pictorial Key to the Tarot* e também nas próprias cartas. É estranho que, mesmo que os símbolos básicos das cartas tenham permanecido consistentes durante as últimas centenas de anos, os nomes das cartas variaram consideravelmente. Apesar disso, mesmo não havendo nada de errado com os outros nomes, descobriu-se que a "chave mágica" para destravar os segredos da Cabala é usar os nomes escolhidos particularmente por Waite em seu baralho de Tarô. Não faço a menor idéia de qual seja a razão para isso. Sei apenas que funciona.⁵

O segundo ponto que queremos ressaltar é a importância de se usar uma forma abreviada do Nome de Deus, que é chamada Palavra de Deus. Isso também parece funcionar. A Palavra de Deus é simplesmente a palavra principal no Nome de Deus que descreve sua função. Por exemplo: a Palavra de Deus para a Carta 10 do Tarô é *Roda*; seu Nome de Deus é *A Roda da Fortuna*. Também colocamos as letras do alfabeto hebraico em

5. A própria declaração de A. E. Waite de como e por que seu livro "reformado" do Tarô veio a ser publicado, incluindo uma descrição completa e a reprodução de cada uma das cartas, é dada em *The Pictorial Key to the Tarot. Being Fragments of a Secret Tradition under the Veil of Divination*, de Arthur Edward Waite (New York, University Books, 1910, 1959). Há edições atuais disponíveis.

relação às cartas do Tarô da maneira prescrita por Waite e Levi. Chama-se comumente isso de sistema francês, em oposição ao sistema inglês, que localiza o Louco na posição do Aleph. As razões para isso, além das correspondências inglesas, serão explicadas na seção seguinte.

Nome de Deus	Palavra de Deus	Carta do Tarô	Letra Hebraica	Letra inglesa
O Mago	MAGO	1	Aleph	I
A Grande Sacerdotisa	SACERDOTISA	2	Beth	F
A Imperatriz	IMPERATRIZ	3	Gimel	Z
O Imperador	IMPERADOR	4	Daleth	A
O Hierofante	HIEROFANTE	5	He	E
Os Amantes	AMANTES	6	Vav	V
O Carro	CARRO	7	Zayin	W
Força	FORÇA	8	Heth	Y
O Eremita	EREMITA	9	Teth	H
A Roda da Fortuna	RODA	10	Yod	B
Justiça	JUSTIÇA	11	Kaph	G
O Enforcado	HOMEM	12	Lamed	N
Morte	MORTE	13	Mem	M
Temperança	TEMPERANÇA	14	Nun	T
O Diabo	DIABO	15	Samekh	D
A Torre	TORRE	16	Ayin	R
A Estrela	ESTRELA	17	Pe	S
A Lua	LUA	18	Tzaddi	C
O Sol	SOL	19	Qoph	O
Julgamento	JULGAMENTO	20	Resh	X
O Louco	LOUCO	0	Shin	U
O Mundo	MUNDO	21	Taw	J
22 CARTAS	SOMA NUMÉRICA	231	(WA = WAY	
		BC A	[Caminho])	
			(Imperador B. C.	
			[B.C. = Antes de Cristo])	

Símbolos Pictóricos do Alfabeto Hebraico

Muitos já tentaram sincronizar as 22 letras do alfabeto hebraico com as 22 cartas dos Arcanos Maiores. Mas, uma vez que o Louco (Carta 0 do Tarô) pode mover-se para onde bem entende em sua própria consciência, muito semelhante ao ponto decimal movendo-se pelos dígitos de um número, a atribuição de uma letra hebraica distinta e invariável a cada carta do Tarô parece ser uma impossibilidade. Para enfatizar esse ponto, Waite coloca o Louco *entre* as cartas 20 e 21 do Tarô na Tabela dos Arcanos Maiores. Essa posição corresponde à letra hebraica Shin. Mas se o Louco (que é você) subir ao alto da Árvore da Vida, ele ficará no Aleph, ou onde quer que esteja naquele momento.

Como poderíamos associar um símbolo pictórico permanente a essas letras hebraicas? A resposta é encontrada ao se usar simplesmente o nome da própria letra; assim, Aleph significa "Boi", Beth significa "Casa", Gimel significa "Camelo", etc. Por conseguinte, os nomes das letras são por si só verdadeiros símbolos que expressam os poderes e os significados simbólicos daquela letra hebraica.

A ordem, o valor numérico e o símbolo pictórico de cada letra hebraica foram organizados na tabela a seguir. Mas não parece estranho que o valor total do alfabeto *hebraico*, quando lido em *inglês*, anuncie a morte da letra A? Na próxima seção descobriremos que o símbolo pictórico da letra inglesa A é o Imperador (Carta 4 do Tarô). Além disso, o número Alfa para o nome inglês da carta (O Imperador) é 123 ou ABC, o que nos dá uma prova bastante conclusiva de que o Imperador B.C. [Antes de Cristo] que morre no alfabeto hebraico não é outro senão o próprio Imperador do Tarô!

Letra Hebraica		Ordem	Símbolo pictórico da letra hebraica	Valor numérico
Aleph	(A)	1	Boi	1
Beth	(B)	2	Casa	2
Gimel	(G)	3	Camelo	3
Daleth	(D)	4	Porta	4
He	(H)	5	Janela	5
Vav	(V)	6	Prego, Gancho	6
Zayin	(Z)	7	Espada, Armadura	7
Cheth	(Ch)	8	Cerca	8
Teth	(T)	9	Serpente	9
Yod	(I)	10	Mão	10
Kaph	(K)	11	Palma ou Punho	20
Lamed	(L)	12	Aguilhada de bois*	30
Mem	(M)	13	Água	40
Nun	(N)	14	Peixe	50
Samekh	(S)	15	Esteio, apoio	60
Ayin	(O)	16	Olho, Raiva	70
Pe	(P)	17	Boca	80
Tzaddi	(Tz)	18	Anzol	90
Qoph	(Q)	19	Nuca	100
Resh	(R)	20	Cabeça	200
Shin	(Sh)	21	Dente	300
Taw	(Th)	22	Cruz	400
22 letras		253	Soma Total	1.495
		BEC		A Morre

* N.T.: Ver Juizes, 3:31

Símbolos do Tarô no Alfabeto Inglês

Agora, vamos dar uma olhada no alfabeto inglês. Qual o significado da letra A, da letra B, da letra C? Haveria um símbolo pictórico associado a cada uma das 26 letras do alfabeto inglês, da mesma forma como há no alfabeto hebraico? Se as letras do alfabeto hebraico tinham seus próprios símbolos individuais (Aleph = Boi, etc.), por que o alfabeto inglês não teria seu próprio conjunto de símbolos? Seria sensato admitir que ele tem.

Mas não temos de olhar muito longe para encontrar nossa resposta, porque bem na época em que o alfabeto inglês estava sendo finalizado com a inclusão das letras J, U e W ao alfabeto latino de 23 letras (por volta do século XI d.C.), o Livro do Tarô muito provavelmente surgia, mesmo que não tenhamos quaisquer indícios físicos dele até o século XIV. Embora tenhamos visto que há certamente uma relação entre as 22 letras do alfabeto hebraico e as 22 cartas dos Arcanos Maiores, a verdadeira simbologia do Tarô deve estar em um alfabeto mais moderno, por causa da grande diferença de idade entre os dois sistemas (Tarô e hebraico). E qual o candidato mais provável? A resposta óbvia é o alfabeto inglês, o alfabeto de uma das línguas mais universais do mundo de hoje — o inglês.

Isso se torna possível quando percebemos que há, na verdade, 26 símbolos pictóricos no Livro do Tarô quando levamos em consideração as quatro Cartas da Corte: o Pajem, a Rainha, o Rei e o Cavaleiro. E quando adicionamos esses quatro símbolos dos Arcanos Menores às 22 cartas dos Arcanos Maiores, uma correspondência exata com as 26 letras do alfabeto torna-se não apenas possível, mas muito provável. Diversas pessoas tentaram fazer essas correspondências, mas fomos os primeiros a realmente resolver o problema quando publicamos o Volume I do *The English Cabalah* em 1980, provando novamente a extrema versatilidade da Cabala.⁶

Porém, a busca por símbolos que combinassem não foi nada fácil. De fato, foram necessários sete anos para que o processo se completasse. Muitos abismos e becos sem saída foram encontrados ao longo do caminho, porque qualquer mudança, mesmo na combinação de apenas dois símbolos, normalmente causa uma reação em cadeia que afeta muito mais cartas. Mas a tarefa acabou por ser completada e a exatidão das correspondências tem sido verificada todas as vezes em diversos exercícios cabalísticos e testes. Os símbolos parecem agir mais ou menos como se uma corrente elétrica invisível passasse de letra para letra e de carta para carta. Então, sem mais delongas, vamos passar à tabela adjacente das 26 letras inglesas de A a Z e as cartas de Tarô que as representam. As Palavras de Deus estão sublinhadas e em itálico.

6. Para obter mais material sobre o assunto deste capítulo, aconselha-se a consulta aos três livros anteriores do autor sobre Cabala e publicados pela DeVorss & Company, Marina del Rey, CA: *The English Cabalah*, Volume I, the Mysteries of Phi (1980) *The English Cabalah*, Volume II, the Mysteries of Phi (1982) *The Essence of the Cabalah. Its Tarot, and English Aspects* (1984).

<i>Letra</i>	<i>Número Alfa</i>	<i>Nome de Deus</i>	<i>Número no Tarô</i>	<i>N Alfa da Palavra de Deus</i>	<i>NºAlfa do Nome de Deus</i>
A	1	O Imperador	4	90	123
B	2	A Roda da Fortuna	10	53	206
C	3	A Lua	18	57	90
D	4	O Diabo	15	52	85
E	5	O Hierofante	5	114	147
F	6	A Grande Sacerdotisa 2		130	195
G	7	Justiça	11	87	87
H	8	O Eremita	9	73	106
I	9	O Mago	1	57	90
J	10	O Mundo	21	72	105
K	11	O Rei	11	41	74
L	12	O Cavaleiro	12	69	102
M	13	Morte	13	38	38
N	14	O (Homem) Enforcado 12		28	100
O	15	O Sol	19	54	87
P	16	O Pajem	16	29	62
Q	17	A Rainha	17	62	95
R	18	A Torre	16	81	114
S	19	A Estrela	17	58	91
T	20	Temperança	14	100	100
U	21	O Louco	0	48	81
V	22	Os Amantes	6	91	124
W	23	O Carro	7	74	107
X	24	Julgamento	20	99	99
Y	25	Força	8	111	111
Z	26	A Imperatriz	3	95	128
26	351	Somas numéricas	287	1.863	2.747
Z	C EA.		B HG	(Mercúrio)	

Inglês Básico: A Chave da Consciência de Deus

Muitos devem se perguntar por que nos referimos aos nomes das cartas do Tarô como Nomes de Deus ou Palavras de Deus. Para responder a essa questão, vamos supor que você seja Deus. Portanto, se você fosse Deus, teria um computador infinitamente inteligente à sua disposição. Não seria ótimo, poderia você pensar, se fosse possível desenvolver uma linguagem matemática que expressasse todas as leis do Universo nas próprias palavras, letras e símbolos dessa linguagem? Você já tentou isso certa vez, com as 22 letras do alfabeto hebraico, e teve um sucesso moderado. Os primeiros cabalistas hebraicos apossaram-se dele e aprenderam muito sobre o Universo em que vivemos.

Mas, agora, você quer aperfeiçoar essa idéia. Afinal de contas, não é verdade que agora você tem uma segunda geração de seu computador infinitamente inteligente? Intrigado com a ideia, você pede ao computador

que revele o número mínimo de símbolos que pode ser usado para expressar *todas* as leis universais em sua totalidade. O computador "pensa" um pouco sobre isso e, em poucos momentos, o número 36 surge em seu monitor - representando o menor número possível de caracteres que podem ser arranjados em um triângulo equilátero ou em um quadrado. Esse, evidentemente, era um requisito básico.

Além disso, o computador declara especificamente que a *forma* das letras e algarismos deve produzir símbolos geométricos que expressem as leis da Geometria, em oposição a seus *nomes*, que poderiam mostrar a função e o poder de cada símbolo por meio de sua vibração numérica. E, como mais um pensamento, pela simbologia apropriada, uma *ilustração* de cada uma dessas leis universais poderia ser expressa em uma forma facilmente compreendida pela mente leiga (os símbolos das cartas do Tarô). Eis, portanto, a resposta à questão de por que os nomes das cartas do Tarô são chamados Palavras de Deus ou Nomes de Deus.

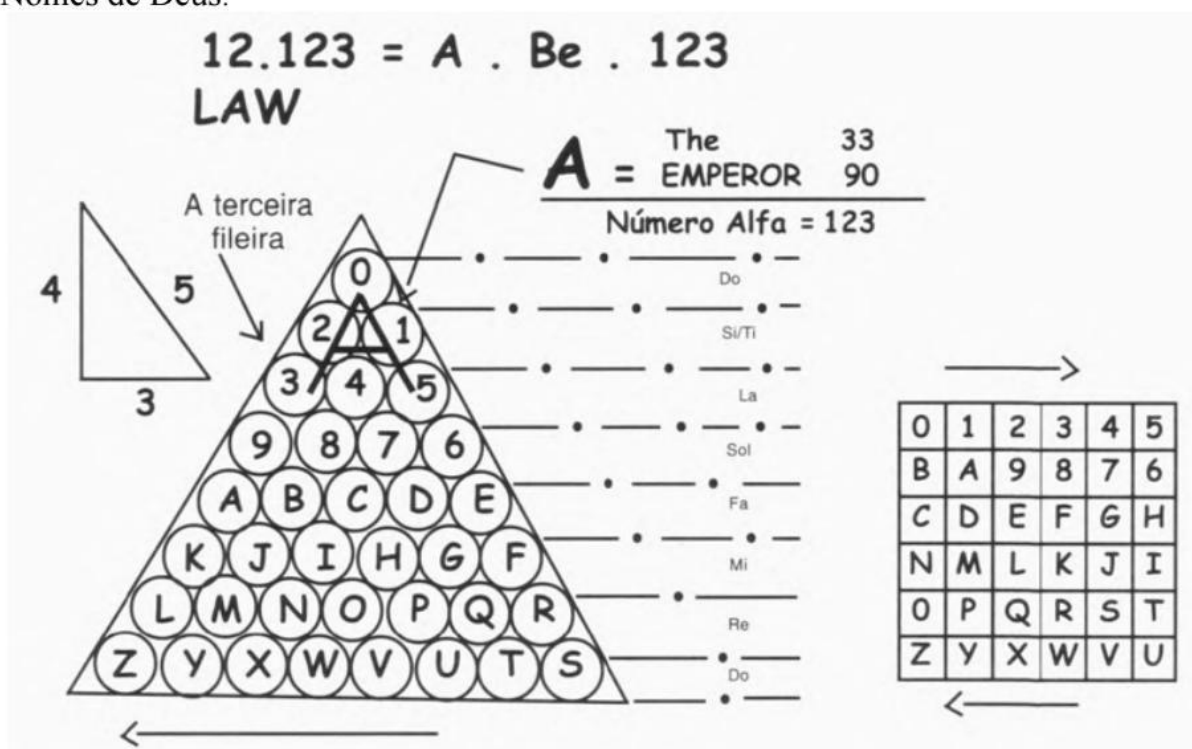


Figura 8

Como a Serpente da Sabedoria traça seu caminho ao longo do Triângulo e do Quadrado dos 36 símbolos INGLESES

Vamos olhar a Figura 8. O vértice do triângulo simboliza claramente a letra A, a primeira letra do alfabeto inglês. Seu símbolo é o Imperador (Carta 4 do Tarô); havia a necessidade matemática de que a soma do número Alfa das letras individuais do nome dele [em inglês, Emperor] tivesse um valor numérico de 123, o que ela tem. Por que elas deveriam ter esse valor? Porque é a LAW [Lei] (o número 12.123 = LAW). E a LAW (12.123) afirma especificamente que A (o Imperador) B [Be, o verbo "ser" em

inglês = seja] 123. Essa é a Lei. O *Webster* define o termo como a revelação da vontade de Deus. Portanto, para que o Imperador seja capaz de expressar sua autoridade, a palavra em inglês para a vontade de Deus torna-se Lei (o número natural 12.123). Poderia ser qualquer outra palavra, exceto pelo fato de que essa era a única palavra que cumpriria a LEI. E por meio do exemplo dado por essa única palavra, podemos compreender o procedimento pelo qual todas as outras palavras em inglês foram cunhadas.

Aos poucos, um vocabulário completo nasceu, baseado inteiramente na vibração matemática de cada objeto ou força; cunhava-se então uma palavra que se encaixasse naquela vibração. O primeiro capítulo de João começa com "No princípio era o Verbo...", ou seja, o Logos, o símbolo ou a idéia do que aquela coisa em particular representava. Assim, temos as palavras FOGO, AR, AGUA, TERRA, GRAVIDADE, LUZ, ELETRICIDADE, etc.; cada uma delas baseada nas leis matemáticas que produziram essa coisa ou efeito.

Então, o computador pegou todos os números básicos usados em matemática e física — constantes como Pi (a razão da circunferência de um círculo para seu diâmetro) e a velocidade da luz (c) —, números que não podem ser alterados, e a partir deles produziu ainda outras palavras que descreviam a natureza da Força, uma vez que os números naturais foram reconvertidos em letras do alfabeto hebraico.

Eis a magia da Cabala. Essa é a história deste livro; em suas páginas investigaremos os *nomes* das coisas e tentaremos decifrar por que são soletradas da maneira como são. Pode parecer que o modo como algumas das palavras são *pronunciadas* não parece afetar em nada sua soletração. Veja, por exemplo, palavras como LUZ, CRISTO, FARAÓ, CONSCIÊNCIA — a maneira peculiar como são *soletradas* é o mais importante, porque em sua soletração reside a vibração numérica que criou o VERBO.

Pouco tempo atrás, o escritor adquiriu um novo computador pessoal e, intrigado com suas capacidades, passou um bom tempo aprendendo a programar em linguagem BASIC simples. A palavra BASIC, de acordo com o *Webster*, é um acrônimo para "Beginner's All-purpose Symbolic Instruction Code" [Código de Instruções Simbólicas Gerais para Iniciantes]. Foi desenvolvida como uma linguagem padronizada fácil de aprender e de usar para programação e interação com um computador.

As instruções do BASIC dizem ao computador qual tipo de operação deve ser realizada. Por exemplo: se você digitar a palavra PRINT [Imprimir], o computador imprimirá instantaneamente uma mensagem ou número no monitor; a palavra GOTO [Ir para] o fará pular para uma linha específica; a palavra LET [Deixar] atribuirá um número específico a uma variável; e a palavra LIST [Listar] listará todo o programa na tela.

Como fazer com que o computador execute o programa que você *escreveu*? Como conseguir que ele faça o que você deseja? Você pode adúlá-lo, gritar com ele, suplicar-lhe. mas nada disso adiantara. Pode até mesmo

digitar algumas novas instruções, mas, a não ser que você pressione a tecla "enter", ele se recusará a fazer qualquer coisa. O monitor vai ficar apenas "olhando" para você, como se perguntasse que tipo de idiota é você. Mas então você digita a palavra mágica RUN [Rodar] e *abracadabra!* Instantaneamente o monitor exibirá toda a ação e som que você programou, tornando-se assim um foco vivo de ação e drama. Em outras palavras, você se tornou Deus.

Parece, portanto, que a língua INGLESA interage com a Consciência de Deus da mesma maneira que a linguagem BASIC interage com um computador. Porém, será que temos quaisquer provas dessa teoria? Não ainda, mas mantenha-se atento. Logo as teremos, assim que concentrarmos nossa atenção na figura 9 e tentarmos compreender as implicações ali presentes.

O INGLÊS interage com a Consciência de Deus do mesmo modo que o BASIC interage com um computador

	Número Alfa				
Beginner's All- Purpose Symbolic Instruction Code	Ic	93	I Came		
	AME	135			
	IH	98	PHI B		
	PB	162			
	BG	27	B GEO		
ALPHA SUM = ^{EO} 515		CODE			
BASIC = ^{CD} 34					
I BECAME PHI (1,62) = Φ					
Φ BE GEO. (EARTH) CD (CODE)					

O BASIC é uma linguagem padronizada para programar e interagir com um computador.

Figura 9
Uma espantosa revelação

Para provar nosso argumento, façamos uma análise cabalística da linguagem BASIC em si. Qualquer análise cabalística começa sempre com a listagem das palavras em uma coluna vertical, cuidadosamente soletradas, de forma que os diversos números de cada palavra possam ser tabulados e escritos em sua fileira correspondente. Uma análise completa incluiria todos os números, como o número Natural, o número Alfa, o número de Palavras, o número de Letras e o número do Tarô (o número que aparece na carta do Tarô para cada uma das letras na palavra); mas uma simples análise do número Alfa bastará no momento.

Penso que o leitor terá de concordar, após um cuidadoso estudo dos resultados tabulados na Figura 9, que a Cabala provou sua teoria com grande sucesso. Os resultados da análise não são menos que profundos! Apenas *lendo-se* os números Alfa obtidos das palavras "BEGINNER'S ALL-PURPOSE SYMBOLIC INSTRUCTION CODE", que por sua vez são seguidas pela simples palavra BASIC, em total acordo com os princípios estabelecidos do Notaricon (as abreviações das palavras), descobrimos que a Consciência de Deus está afirmando:

"I BECAME PHI" [Eu me tornei Phi] (e apenas para ter certeza de que se trata realmente do Número Áureo Phi, temos até mesmo os primeiros três dígitos mais próximos de seu número decimal, que são 1,62). A declaração conclui-se então com "I BE GEO (abreviação de Terra) CODE" [Eu ser código Geo]. A última palavra (Code) deriva-se da combinação da soma do número Alfa da expressão inteira e do número Alfa de BASIC.

O que mais se pode dizer? Caso encerrado.

A Divina Proporção

A Geometria tem dois grandes tesouros: um deles é o Teorema de Pitágoras; o outro, a divisão de uma linha em extrema e média razão. O primeiro pode ser comparado a uma medida de ouro; o segundo pode ser considerado uma jóia preciosa.

Johannes Kepler (1571-1630)

Na citação de Kepler, o famoso matemático e astrônomo, refere-se à Secção Áurea, o Segmento Áureo, a divisão de uma linha em duas partes *desiguais* de forma que a menor está para a maior assim como a maior está para o todo. Isso mais tarde foi chamado de Razão Áurea ou Divina Proporção; essa razão é atualmente designada pela letra grega Phi ($\phi = 1,618034$).

Mas qual o verdadeiro significado desse Número Áureo? É de fato mais do que apenas um número, pois representa a força vital, o princípio universal único por meio do qual todas as coisas são trazidas à manifestação. Portanto, Phi é um procedimento, mais do que um número, um conjunto codificado de instruções dentro da própria molécula de DNA e que a capacita a reproduzir no mundo macrocósmico aquilo que está contido no microcosmos (a semente).

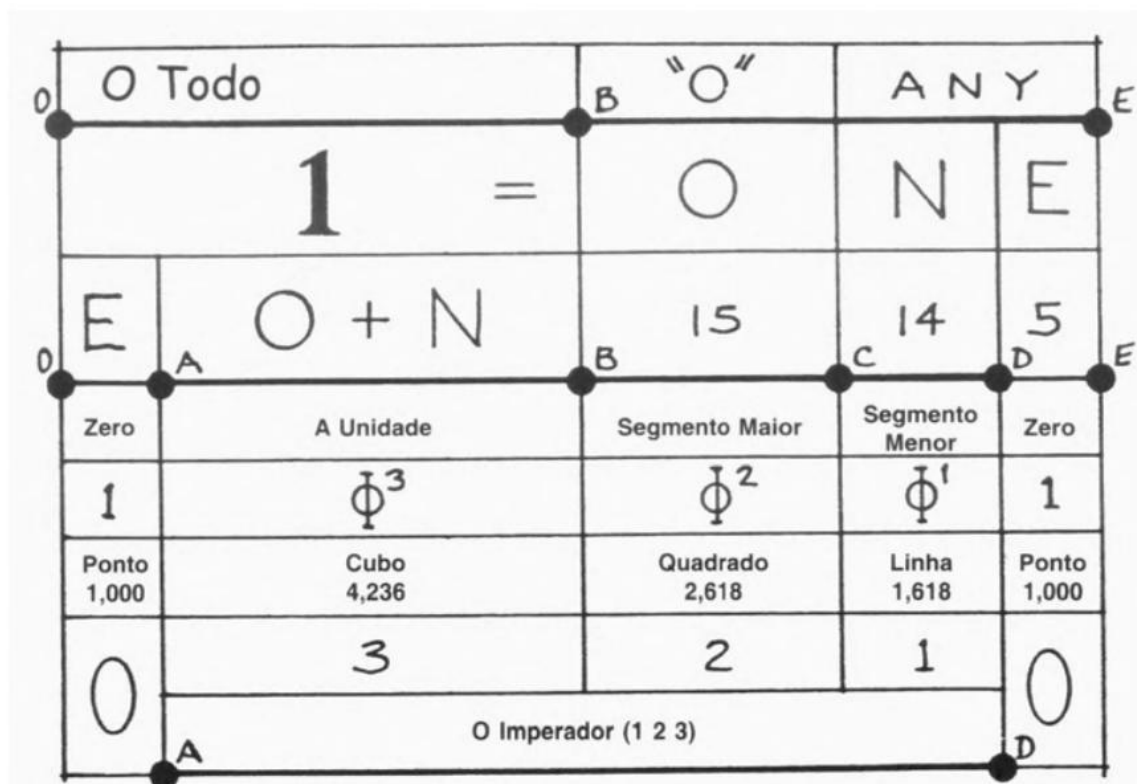


Figura 10

O Princípio Universal de Phi (ϕ)

Mas uma figura vale mais do que mil palavras e a Figura 10 ilustra esse princípio matemático universal de modo muito mais fácil de entender do que poderia ser explicado apenas em palavras. Uma vez que o símbolo de alguma coisa pode sempre ser equiparado ao seu nome, mostramos o dígito (1) no lado esquerdo da equação e seu nome (One) no lado direito. E uma vez que a lei do Phi afirma que a razão entre cada incremento do todo deve estar sempre nessa mesma Divina Proporção, as próprias letras estão sujeitas a essa mesma lei. Portanto:

$$\frac{AB}{BC} = \frac{BC}{CD} = \frac{CD}{DE} = \frac{\text{Phi}}{1} = \phi = 1.618...$$

Mas há mais do que isso. Os princípios matemáticos envolvidos na construção do Número de ouro Phi dão origem a uma série infinita de termos, todos na Divina Proporção, sendo cada termo igual à soma dos dois termos precedentes, assim como à próxima potência de Phi. Assim: $1 + \phi = \phi^2$, $\phi + \phi^2 = \phi^3$, $\phi^2 + \phi^3 = \phi^4$, $\phi^3 + \phi^4 = \phi^5$, $\phi^4 + \phi^5 = \phi^6$, etc.

A Figura 10 também ilustra o fato de que *qualquer* número (não apenas o próprio Phi, mas qualquer número mesmo) elevado à potência 0 é de fato um. Na maioria dos alfabetos, esse símbolo da unidade é designado pela letra A; é interessante notar que o símbolo da letra hebraica Aleph (A) é o Boi. Por que o Boi? Simplesmente porque a Consciência de Deus queria demonstrar essa lei com a equação:

$$X^0 = 1 = A = \text{Aleph} = \text{Boi}$$

Porém, uma vez que a palavra hebraica para "boi" era Aleph, essa lei não ficava imediatamente óbvia para os primeiros hebreus. Mas a segunda geração do computador usada atualmente pela Consciência de Deus cuidou para que o equivalente inglês do termo fosse OX [Boi], sem outra razão além de chamar a atenção para essa importante lei (em álgebra, a letra X é usada para representar uma quantidade desconhecida ou qualquer número desejado).

A palavra ONE [Um] pode ser lida como "Any O" [Qualquer 01. Qual é o Nome de Deus para a letra O? É o Sol (Carta 19 do Tarô). O número Alfa das letras restantes, NE, é 19 ou a letra S, cujo símbolo é a Estrela (Carta 17 do Tarô). E o que é uma estrela? Se você chegar perto de uma, ela não parecerá diferente de nosso Sol. Portanto, a Cabala está afirmando que o número ONE [Um] representa a distância de nosso próprio Sol para "Qualquer Estrela", não importa qual seja essa distância. A unidade poderia representar apenas alguns anos-luz ou um EON [éon] (um período imensuravelmente ou indefinidamente longo). Assim, a magnitude do número ONE [Um] é apenas relativa, dependendo de seu ponto de vista, já que AEON = EON = ONE [Um].

Também é interessante notar que a menor parte de algo, quando somada à parte maior, produz a unidade e não o todo. A parte menor representa a primeira potência de Phi ou a Linha; a parte maior é a segunda potência de Phi ou o quadrado e a unidade é a terceira potência ou o cubo de Phi. Mas o todo não é a unidade; é a unidade com o 0 adicionado a ela, formando o 10. Assim, o círculo do Tempo manifesta-se quando o zero (0) aparece novamente no final.

Podemos também designar o zero como A, a menor parte como B, a maior parte como C e a unidade como D. O todo é, portanto, dez vezes a unidade (a letra D), que se iguala novamente ao "Emperor" [Imperador], já que seu número Alfa é 123 ou (A + B + C). Em outras palavras, o Imperador (a letra A) tem o mesmo poder e magnitude que o Dez. No Tarô, o número 10 é representado pela Roda da Fortuna, mas no alfabeto inglês seu símbolo é o Mundo (a letra J).

E como trazemos esse Número de Ouro à manifestação? Como podemos calcular sua exata magnitude e representá-lo geometricamente em um diagrama? Para obter uma resposta, vamos recorrer à Figura 11.

Tanto o Pi (π) quanto o Phi (ϕ) são números transcendentais, o que significa que não podem ser expressos como uma simples fração ou como um número finito de expressões algébricas. Mas cada um deles pode ser expresso *geometricamente* da maneira mais simples possível. O número Pi é simplesmente a razão da circunferência de um círculo em relação ao seu diâmetro; diferente do número Phi, que é produzido pela junção de dois quadrados. No diagrama, o retângulo FACE formado por dois quadrados está dividido em dois triângulos iguais, ACE e EFA. Esses triângulos são chamados Triângulos da Razão Aurea porque o comprimento da diagonal somado ao comprimento do lado mais curto, quando divididos pelo comprimento do

lado mais longo, são de fato o número Phi. Não apenas todo o perímetro desse triângulo de ouro traz o número Phi à manifestação, como cada lado claramente identifica um de seus componentes básicos, que são 1, 2 e $\sqrt{5}$.

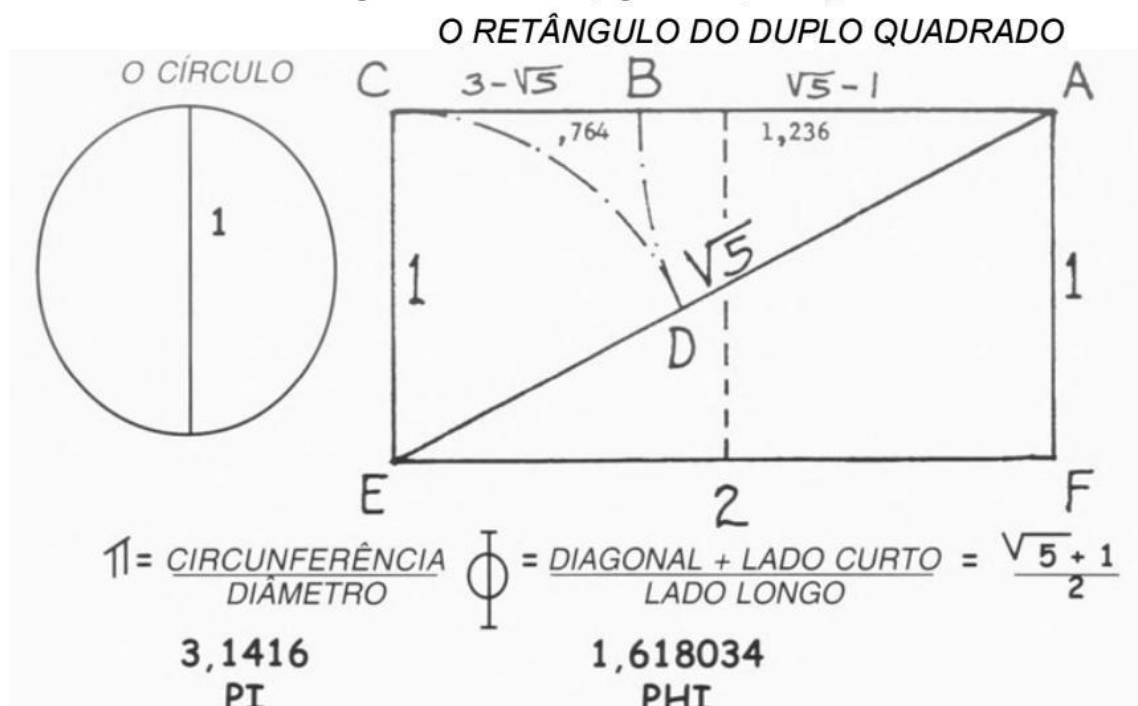
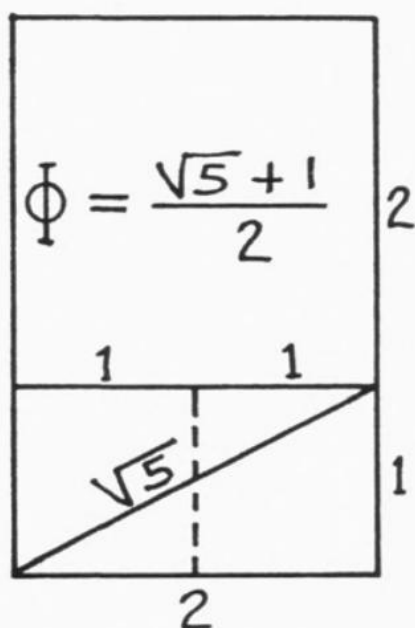


Figura 11
A Geometria de Pi (π) e Phi (ϕ)

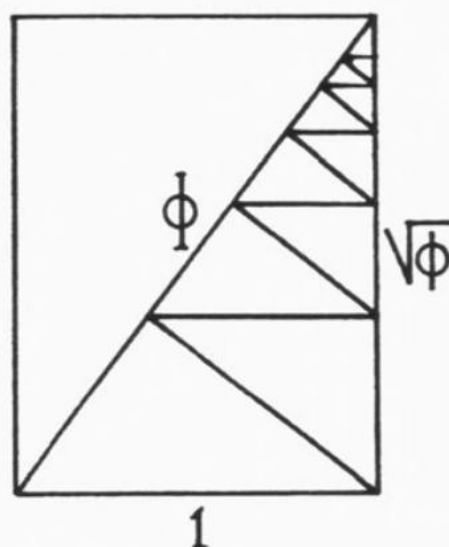
Portanto, vamos agora fazer o processo do Phi funcionar. Como fazê-lo? Por meio da instrumentalidade da linha base EF (a Grande Sacerdotisa, a Carta 2 do Tarô, a letra F) junto com a linha vertical FA (o Pai, o Imperador, Carta 4 do Tarô, a letra A). Tendo como centro o ponto E, o arco EC é descrito cortando a diagonal em D; e tendo o ponto A como centro, o arco AD é descrito cortando a linha AC em B. O ponto B, portanto, corta a linha AC *exatamente* na Secção Áurea, dividindo-a assim nas proporções de Phi. E o mesmo processo pode ser continuado indefinidamente, cortando a linha em segmentos cada vez menores, tornando-se cada incremento um termo individual nessa série infinita de números.

A Figura 12 ilustra a universalidade do princípio do Phi da forma como é usado em nossa vida cotidiana. Quem diria que os quatro principais tamanhos de papel que usamos no dia-a-dia em nossas comunicações terrenas teriam aproximadamente o mesmo tamanho dos quatro retângulos fundamentais em que o processo de Phi pode agir? Mas, por mais estranho que possa parecer, essa é a verdade.

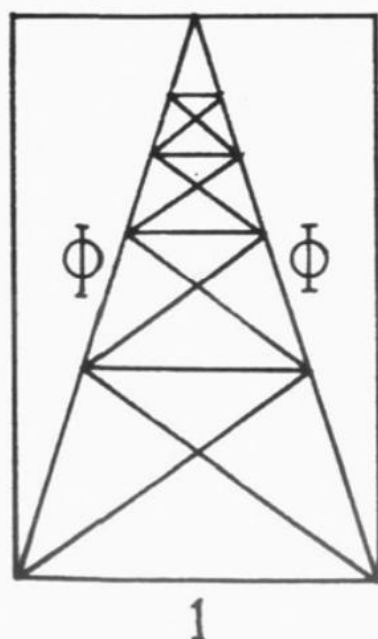
Vamos começar com um livro 6 x 9 polegadas (16 x 23 cm), um tamanho padrão de biblioteca, cujas páginas incorporam não apenas o quadrado e o quadrado duplo, como também os dois elementos básicos do Templo do Rei Salomão: (1) o quadrado único representando o cubo interno do Santo dos Santos; e (2) o quadrado duplo simbolizando a nave externa do próprio Templo.



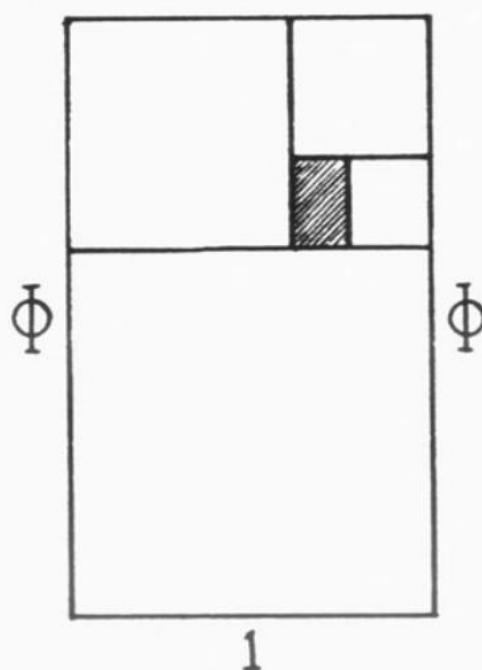
Este Livro (6 x 9)
O Retângulo do Duplo Quadrado de PHI
Sustentando o Quadrado Único



Papel Tamanho Carta (8,5 x 11)
O Triângulo Reto Áureo da Grande
Pirâmide de Gizé



Papel Ofício II (8,5 x 13)
O Triângulo Áureo Isósceles da Estrela
de 5 Pontas (Pentáculo)



Papel Ofício (8,5 x 14)
O Retângulo Áureo dos Quadrados
Sucessivos

Figura 12
Como o princípio do Phi permeia o moderno mundo da comunicação

Nosso próximo exemplo é comum, papel sulfite tamanho carta (8 1/2" por 11"). A diagonal corta a folha em dois Triângulos Retângulos Áureos representando uma secção transversal pela Grande Pirâmide de Gizé, o que será discutido mais longamente no Capítulo 3.

Nosso terceiro exemplo é o papel no tamanho ofício II (8 1/2" x 13"), cujas dimensões revelam o esconderijo secreto do Triângulo Isósceles Áureo. Esse triângulo, por ser uma das pontas da estrela de 5 pontas, é um elemento básico do Pentagrama, cujos poderes mágicos eram conhecidos pelos antigos desde a aurora dos tempos. De fato, os membros da Irmandade Pitagórica usavam o Pentagrama como um sinal secreto de comunicação entre irmãos.

A quarta folha usada popularmente hoje é o tamanho Ofício (8 1/2" por 14"). E a forma do Retângulo Áureo, o mais poderoso de todos porque habilita o Retângulo Áureo interior a formar uma espiral de um número infinito de quadrados em tomo e dentro de si, mantendo sempre sua forma perfeitamente retangular. Por essa razão, é algumas vezes chamado "Retângulo Áureo dos Quadrados Sucessivos". E também associado à mística tumba de Christian Rosenkreutz.

A Roda do Pi/Phi inglês

Mencionamos anteriormente que o computador de segunda geração usado pela atual Consciência de Deus requer que a *forma* das letras expresse as leis da Geometria. Teríamos nós alguma prova de que esse é o caso? Em nossos livros anteriores falamos de cada letra individualmente e acredito que nossa argumentação esteja bem fundamentada. Mas teríamos nós alguma prova adicional da teoria, tomando-se o alfabeto inglês como um todo em consideração?

Para responder a essa questão, vamos olhar a Figura 13. Colocamos as 26 letras do alfabeto inglês na extremidade da Roda da Vida, que por sua vez está dividida em duas partes, um aro interno e um aro externo. No aro interno, aparecem as letras com simetria bilateral (que permanecem iguais diante do espelho) e no aro externo estão as letras assimétricas restantes. Tente você. Coloque a página diante de um espelho e descobrirá que as letras na roda interna parecem exatamente as mesmas quando invertidas, enquanto as da roda externa são bastante diferentes e quase ilegíveis.⁷

"Qual é o significado disso tudo?", pergunta você. A resposta, surpreendentemente, reside nos números Pi e Phi. Imagine! A Consciência de Deus pensou tão bem nessas constantes básicas e fundamentais que

7. A idéia básica da Figura 13 foi sugerida por Martin Gardner em um artigo intitulado "Slicing π into Millions" e publicado na edição de janeiro de 1985 na revista *Discover*. Porém, Gardner apenas mostrou os aspectos do Pi da Figura 14 e evidentemente não percebeu que isso também se aplica ao número áureo Phi.

incorporou a ambas a própria linguagem universal! Se você contar o número de letras nas palavras de cada grupo, descobrirá que a roda externa traz à manifestação o número Pi ($m = 3,1416$), em oposição ao número de letras na roda interna, que produz Phi ($0 = 1,16181$). Claro que, para manifestar Pi, é preciso começar com o 3 = JKL (o Jackal [Chacal]); já Phi começa o número com a letra O (o Sol).

Ambos os termos, Pi e Phi, são arredondados *para cima* até o dígito seguinte, evidentemente para se certificar de que haja espaço suficiente para eles na roda ($3,14159... = 3,1416$; e $1,61803... = 1,6181$). A única discrepância surge no quarto dígito de Phi, em que há apenas duas letras em vez de oito. Mas, em casos semelhantes, a Cabala conta com nossa inteligência básica; não é preciso ser um gênio para ver que, somando as letras H + I, o resultado é 17, que pode ser reduzido a um 8, o número requerido ($8+9 = 17 = 8$). Mesmo a própria Cabala é limitada pelas leis da Matemática, o que a força a passar às vezes para um método alternativo de análise para provar sua opinião e passar a mensagem desejada.

Vamos agora passar à Figura 14 e comparar nosso glifo da Roda da Vida no inglês com a Roda da Fortuna (Carta 10 do Tarô), o símbolo no Tarô para a letra inglesa B. Aqui encontramos o deus-serpente Tifão simbolizando a força vital em descida ao mundo físico. Oposto a ele está o *deus com cabeça de chacal* Hermes Anúbis, que representa você e eu enquanto ascendemos a partir da roda para os reinos espirituais mais elevados. Os quatro Seres Vivos místicos de Ezequiel (o Touro, o Leão, a Águia e o Homem) ocupam os quatro cantos da carta, indicando os quatro signos fixos do Zodíaco.

Você consegue ver uma similaridade aqui? Se começarmos com a letra A no alto, e lermos então as palavras assim formadas pelas divisões de Pi/Phi da roda no inglês, teremos:

A BCD EFG	H	I	2 = B	JKL	MN
A Beast Effigy.	Each	"I"	to be	Jackal	Man.

[Uma efigie de Animal. Cada "I" será Homem Chacal]

A letra H, é claro, é lida EACH [Cada], já que H = ACHE [pronúncia inglesa de H] = EACH. Além disso, o número de graus em cada uma das 26 divisões da Roda da Vida no inglês traz à tona esta mesma palavra:

$$\frac{360 \text{ graus}}{26} = 13,85 \text{ graus}$$

ACHE = H

Descobrimos, então, por meio da mensagem contida no lado direito da roda, que há uma relação muito definida entre a Roda da Vida inglesa e a Roda da Fortuna do Tarô, que vai muito além das leis da coincidência. E quanto às palavras restantes no lado direito da roda? Poderiam elas ser decifradas da mesma maneira? Vamos tentar.

As primeiras palavras a que chegamos são três palavras de uma letra na parte de baixo da roda, as letras M, N e O. Usando o método da Ternura,

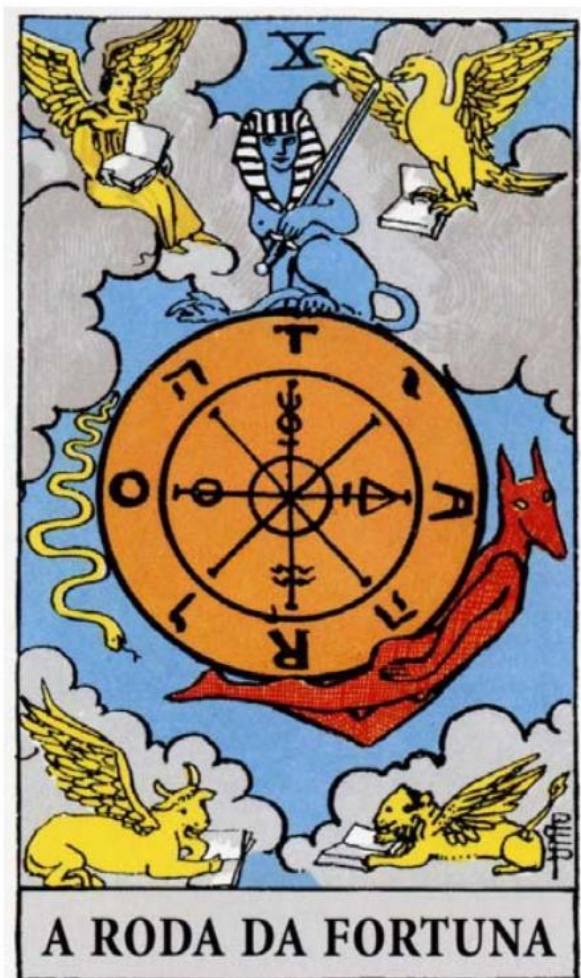


Figura 14
A décima carta do Tare) (a letra B inglesa)

as letras podem ser rearranjadas na palavra OMEN [presságio], que, de acordo com o *Webster*, significa uma ocorrência que prognostica um acontecimento futuro. Qual é esse acontecimento futuro? A resposta reside, evidentemente, nas três palavras restantes no fim do alfabeto, mas essas palavras são difíceis de ler, ao menos pelos métodos que temos usado. Por isso, vamos tentar um outro jeito e procurar uma solução com o método de análise do *Número Alfa/número de letras*. E é assim que conseguimos marcar um gol!

A primeira palavra após nosso "presságio" é a palavra de quatro letras PQRS, que representa o terceiro dígito de Pi (4). Seu número Alfa é 70 e, quando adicionamos a ele seu número de letras, que é quatro, trazemos GOD [Deus] à manifestação ($70 + 4 = \text{GOD}$)! Coincidência, você diz? Não parece muito provável, se levarmos a palavra seguinte em consideração.

A palavra de seis letras TUWXY, que representa o segundo dígito de Phi (6), tem um número Alfa de 135. E se adicionarmos a ele o número de letras (6), descobrimos que agora estamos olhando direto para a FACE de

GOD (6 + 135 = FACE)! É também a FACE: de A (o Imperador) quando a juntamos às letras do alto, A e Z (A'Z FACE) [Face de A]. Ou poderíamos dizer que nosso "presságio" trata daquele momento no tempo em que GOD [Deus] completa seu ciclo de manifestação e retorna novamente à letra A - quando GOD FACEZ (Faces) A [quando Deus encara A].

Assim, temos a Face de Deus à direita e a efígie do chacal à esquerda. Quem está no meio? Lendo a linha do diâmetro para cima e para baixo, das letras superiores às inferiores e de volta às superiores, descobrimos que é uma AMAZON [Amazona], o que significa uma mulher masculinizada alta e forte representando o papel de guerreira. Mas que conjunto de personagens! Deus à direita, o Homem à esquerda e uma Amazona no meio!

Essa é a história de Phi e Pi — os dois elementos básicos do alfabeto inglês. Porém, mais que isso, também fica demonstrado o verdadeiro gênio, a inteligência inata e o *humor* da Consciência de Deus conforme ele se reflete pelo mecanismo de seu computador de segunda geração.

A Roda Hebraica do Pi e do Phi

Vamos agora voltar ao tempo dos antigos hebreus, talvez por volta de 1000 a.C., quando o alfabeto hebreu começava a se manifestar. Essa linguagem também era divina, no sentido em que foi dada aos primeiros hebreus pela Consciência de Deus para lhes trazer uma melhor compreensão das leis do Universo. Isso foi feito por meio de um computador infinitamente inteligente. Mas esse computador de primeira geração ficava longe da complexidade do modelo de segunda geração usado hoje; ainda assim, era capaz de realizar algumas tarefas realmente impressionantes.

Por exemplo: vamos pedir-lhe que defina o significado da própria palavra *Cabalah*. É soletrada QBLH em hebraico e deriva-se da palavra raiz QBL (Qibel), que significa "receber". Portanto, QBLH (Qabalah) define-se como uma doutrina esotérica judaica, que significa literalmente *receber* conhecimento esotérico por meio da letra H, a "*janela*" da alma. E o que vem através de uma janela? A resposta Luz, claro. A palavra vem melhor delineada na Figura 15.

Descobrimos, então, que, por meio da palavra *Cabala*, a Consciência de Deus revela o método pelo qual se consegue comunicar com o Homem. O valor numérico hebraico da palavra é 137 (lido cabalisticamente como MG, '*image*'), mostrando sua capacidade de *retratar* a Consciência de Deus. Por sua vez, isso lhe permite tornar-se um dos meios pelos quais se cumpre o processo natural de auto-realização.

Mas não vamos parar aqui. Para cada imagem deve haver a realidade. E a realidade por trás da imagem da palavra *hebraica* QBLH (Qabalah) é a frase *inglesa* "No Princípio", já que, segundo as regras da Gematria, palavras com valores numéricos similares tendem a explicar umas às outras.

O próximo passo é observar a palavra hebraica para "No Princípio".

Descobrimos ser BRAShITh (Berashith), e realmente é "no princípio" porque é a primeiríssima palavra da *Bíblia*. Todos estamos acostumados com a frase "No princípio criou Deus os céus e a terra" (Gênesis, 1:1); a palavra hebraica para "No princípio" é BRAShITh.

Mas o mais fantástico disso tudo é a capacidade do computador para intercambiar entre a Cabala inglesa e a Cabala hebraica quase à vontade. Pois aqui encontramos, com a ajuda da leitura *inglesa* dos números *hebraicos*, que "No princípio" (Berashith), I AM [Eu sou]. Assim, não parece fazer muita diferença para o "EU SOU" se avaliamos Seu Nome pela Cabala inglesa ou pela Cabala hebraica, já que a resposta é sempre a mesma: EU SOU. E se voltarmos até o princípio em si, descobrimos que não é realmente o princípio, uma vez que esse "EU SOU" já estava ali. A análise completa vem tabulada na Figura 15.

Vamos agora olhar a Cabala hebraica como um todo. Não consiste esta apenas nas 22 letras do alfabeto hebraico, mas também inclui as 10 Sephiroth e os quatro elementos do Tetragrama (*Yod He Vav He*), dividindo assim a Cabala em 36 partes diferentes. Portanto, uma correspondência exata com os símbolos da Cabala inglesa é não apenas possível, mas extremamente provável (nunca se deve subestimar a capacidade de um computador infinitamente inteligente, mesmo antes do advento do sistema decimal).

Porém, as 22 letras do alfabeto hebraico dividem-se em três diferentes subgrupos que consistem em três letras-mãe, sete letras duplas e 12 letras simples. A função e os atributos de cada uma das letras está plenamente explicada no *Sepher Yetzirah*⁸ (Livro da Formação), o mais antigo tratado sobre o Judaísmo e que supostamente foi escrito pelo próprio patriarca Abraão. Os grupos aos quais as letras pertencem são mostrados na coluna da esquerda da Figura 1.

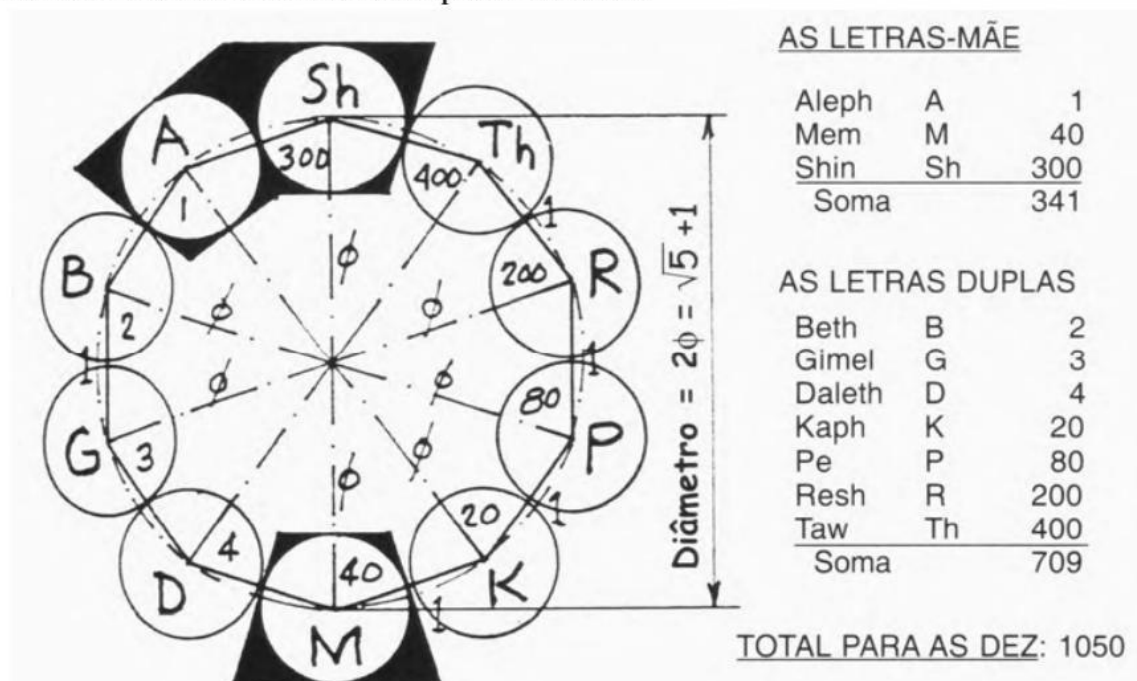
Além disso, os padrões geométricos formados por esses subgrupos mostram claramente a mão da Consciência de Deus em ação. Por exemplo: as três Letras Mãe (Aleph, Mem e Shin) podem ser colocadas em um triângulo, simbolizando assim a Trindade. Seguem-se a elas as sete letras Duplas (Beth, Gimel, Daleth, Kaph, Pe, Resh e Taw), que podem ser arranjadas em um formato circular com seis dos círculos externos movendo-se em torno do círculo interno do meio. Elas correspondem também aos sete planetas visíveis (Sol, Lua, Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno). E o grupo final, as 12 letras simples restantes, fazem perfeita correspondência com os 12 signos do Zodíaco.

8. O *Sepher Yetzirah* (Livro da Formação) é o mais antigo tratado cabalístico existente. Foi republicado integralmente no Capítulo CXIII dos *The Secret Teachings of All Ages* de Manly Palmer Hall. Outra excelente tradução é a de William Wynn Westcott (1887). Line pode ser adquirida pela Samuel Weiser, Inc., York Beach, Maine. As citações específicas são da tradução de Westcott.

HEBRAICO			INGLÊS	
VALORES DE PALAVRA E NÚMERO			EQUIVALENTES	
B	BETH	2	IN	23
R	RESH	200		
A	ALEPH	1	THE	33
Sh	SHIN	300		
I	YOD	10		
Th	TAW	400	BEGINNING	81
BERASHITH 913 ALPHA VALUE = 137				
I AM (IMAGE) = MG				
Q	QOPH	100	BACK OF HEARD [NUCA]	
B	BETH	2	HOUSE [CASA]	
L	LAMED	30	OX GOAD [AGUILHOAR]	
H	HE	5	WINDOW [JANELA]	
VALOR TOTAL = 137				
(IMAGE) = MG				
 QBLH (CABALA) = "RECEBER"				
CONHECIMENTO ESOTÉRICO				
 A CABALA É USADA PARA <u>AGUILHOAR</u> (ESTIMULAR) A <u>CASA NA</u> <u>NUCA</u> (CÉREBRO) PARA QUE ELE POSSA <u>RECEBER</u> LUZ E IMAGENS ATRAVÉS DA <u>JANELA</u> DA ALMA (A GLÂNDULA PINEAL).				
E O QUE VEM ATRAVÉS DE UMA JANELA?				
A LUZ, CLARO.				

Figura 15

Mas esses não são os únicos modos como as letras podem ser arranjadas. Podemos também combinar as três letras-mãe com as sete letras duplas e colocá-las na circunferência de um círculo que encerre um



O valor médio das três letras-mãe e das sete letras duplas é portanto 105, o número Alfa de THE WORLD [O Mundo] (Carta 21 do Tarô), a décima letra inglesa (J).

Figura 16
As três letras-mãe e as sete letras duplas em um formato circular, mostrando sua relação com ϕ (Phi)

decágono. E ao realizarmos esse ato mágico trazemos o Número Áureo Phi à manifestação! Por quê? Porque o decágono é o *único* polígono que pode ser inscrito em um círculo cujo raio, quando dividido pelo comprimento de um de seus lados, é *exatamente* igual a Phi. Essa combinação das letras-mãe e das letras duplas, junto com seus valores numéricos hebraicos, é mostrada na Figura 16.

Será que o leitor vê algo de incomum aqui? Além do fato de que o valor médio das letras mostra que cada letra é uma manifestação de um dos dez Mundos das Sephiroth (105), ou que o valor numérico das três letras-mãe pode ser lido como "Three for One" [Três para Um; a pronúncia inglesa do número quatro (four) é a mesma da preposição "para" (for)] (341), que significa que eles representam uma Trindade na Unidade; ou que o valor numérico das sete letras duplas (709) pode ser transliterado como "GO I" [Vai eu] (o que implica em que o "I" [Eu] está indo para algum lugar), haveria alguma outra coisa de interesse real aqui? Claro que há! O computador infinitamente inteligente está brincando conosco! Se o leitor somar o valor numérico hebraico de Berashith (913) ao valor numérico hebraico de Qabalah (137), descobrirá que o total é o número 1.050, o

valor total das 10 letras-mãe e duplas combinadas em uma! Fm outras palavras, a Cabala está dizendo-nos que no princípio (Berashith), junto com sua imagem (Qabalah), os dez mundos foram produzidos da forma como são representados pelas letras-mãe e duplas do alfabeto hebraico, simplesmente permitindo que os poderes reprodutivos da lei do Phi os manifestasse. Um feito e tanto para esse antigo computador de primeira geração, para dizer o mínimo!

O autor do *Sepher Yetzirah* (Livro da Formação) reforça esse pensamento nas seguintes citações diretas de sua antiga obra: primeiro capítulo, versículos 3 e 4, na tradução de W. Wynn Westcott (vide nota 8):

(1:3) "As inefáveis Sefiroth são Dez e tantos são os Números; e assim como há no homem cinco dedos contra outros cinco, assim entre eles se estabeleceu uma aliança de força, por palavra de boca, e pela circuncisão da carne."

(1:4) "Dez é o número das inefáveis Sefiroth, dez e não nove, dez e não onze. Compreenda essa sabedoria e seja sábio na percepção. Procure descobrir mais, devolva a Palavra a seu criador e reponha Aquele que a formou em seu trono."

Podemos ver claramente que o autor nos pede para observar essa aliança e compreender os princípios básicos do *Phi*. Mesmo tendo sido proibido de revelar a lei em sua totalidade, ainda dá pistas suficientes sobre o que essa Lei Universal realmente é. O modo como os dedos na palma aberta se juntam, uma mão contra a outra, forma um decágono, a perfeita proporção Phi entre o raio e seus lados. Cada seção linear dentro de um decágono também constrói uma proporção Phi com cada uma das outras secções, ou seja, cada traço é um termo individual na grande sequência de números Phi.

Aqui descobrimos, para nossa absoluta surpresa e espanto, que a Lei Universal, considerada pelos antigos rabinos tão sagrada que nunca a submeteram à escritura, não era outra senão a Lei do Phi, a Secção Aurea, a Divina Proporção. Essa é, portanto, a razão porque há dez Sefiroth e não nove, dez e não onze, pois o único modo pelo qual o número Áureo Phi pode ser trazido à manifestação é colocando-se exatamente *dez* Sefiroth em um círculo, não mais e não menos, em torno de um núcleo central. Sim, os antigos sacerdotes hebreus compreendiam o Phi e rogam para que compreendamos essa sabedoria: "Procure descobrir mais", dizem eles, "e devolva a Palavra a seu criador".

Mas ainda não terminamos. Se o computador infinitamente inteligente fosse capaz de trazer o Phi à manifestação por meio do alfabeto hebraico, onde fica o Pi nisso tudo, a razão da circunferência de um círculo em relação a seu diâmetro? Para responder a esse problema precisamos buscar os nomes hebraicos para as próprias Sefiroth e calcular então sua soma numérica. Isso foi feito na Figura 17; tenho certeza de que quando o impacto dessa revelação da Consciência de Deus tiver surtido todo o seu efeito, o leitor não deixará de estar impressionado com a pura resplandecência de seu gênio matemático.

Pense nisso! A Consciência de Deus teve muito trabalho para dar nome às Sefiroth de tal modo que seu valor total (2.868), quando usado como a circunferência de um círculo, produzisse um diâmetro de valor 913, de forma que o "EU SOU" seria capaz de se manifestar na forma do BRASHITH (Berashith), a primeira palavra da *Bíblia* que significa "No princípio".

Além disso, quando a circunferência é dividida pelo verdadeiro valor decimal de Pi ($\pi = 3,14159\dots$), não apenas o número inteiro mais próximo é 913, como também o são os primeiros três dígitos da parte decimal, provando que o "EU SOU" não apenas é o inteiro (o macrocosmos) como também a parte fracionária (o microcosmo).

Outro modo de expressar Pi é pela fração 22/7. De fato, era uma prática comum entre os antigos expressá-lo desse modo. Portanto, sempre

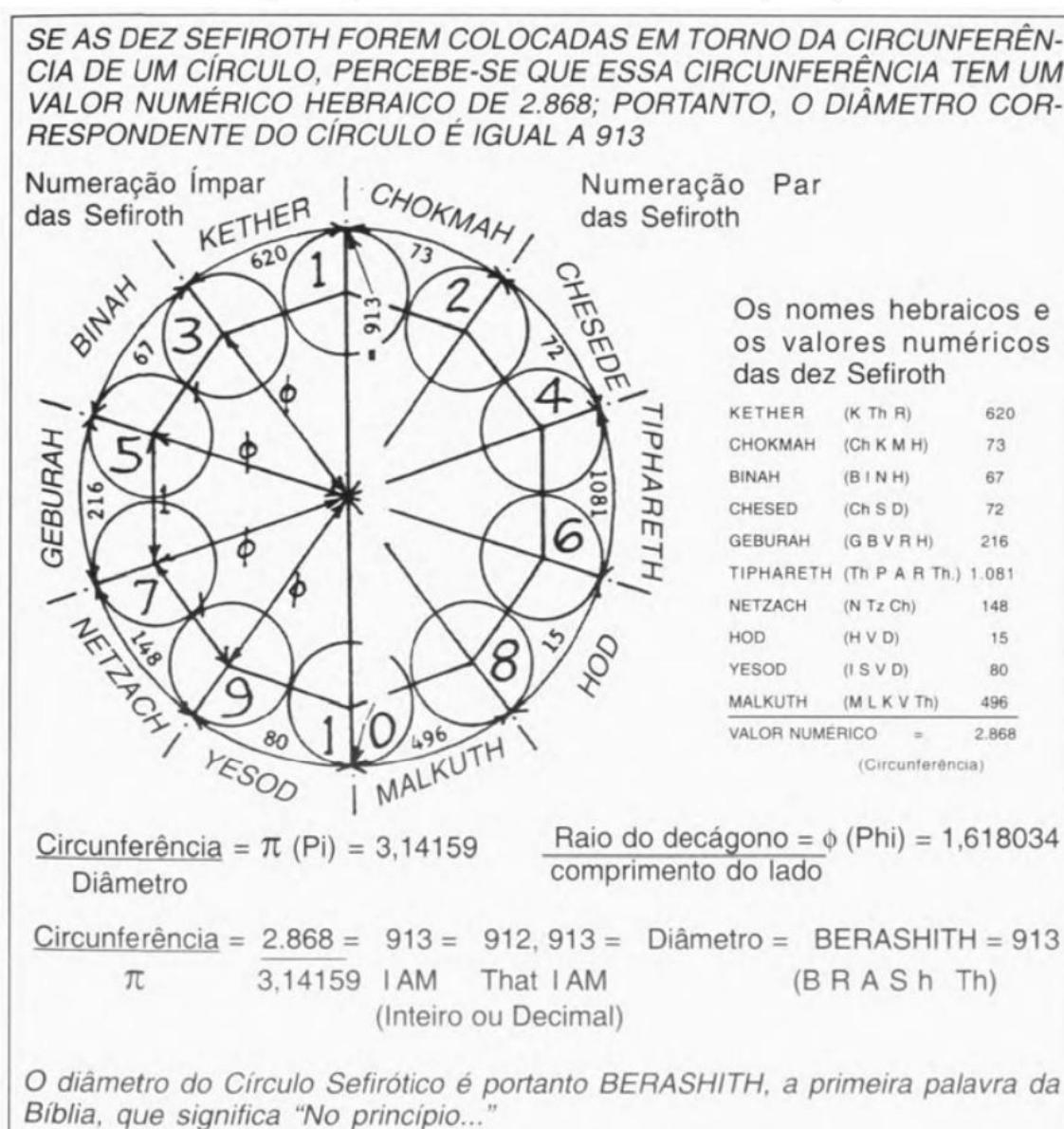


Figura 17

As dez Sefiroth em formato circular, mostrando sua relação com Pi (π) e Fi (ϕ)

se considerava que um círculo tinha 22 partes em sua circunferência e sete partes em seu diâmetro. Essa era, então, a razão por que esses dois números eram considerados tão sagrados e a resposta óbvia a por que a Consciência de Deus decidiu atribuir 22 letras ao alfabeto hebraico. Embora não seja tão preciso quanto a fração 2868/913, ainda era preciso o bastante para fins práticos. De fato, a verdadeira diferença entre o verdadeiro valor de Pi e 22/7 revela-se ser o Louco (Carta 0 do Tarô), cujo símbolo é U e cujo nome é *You* [Você].

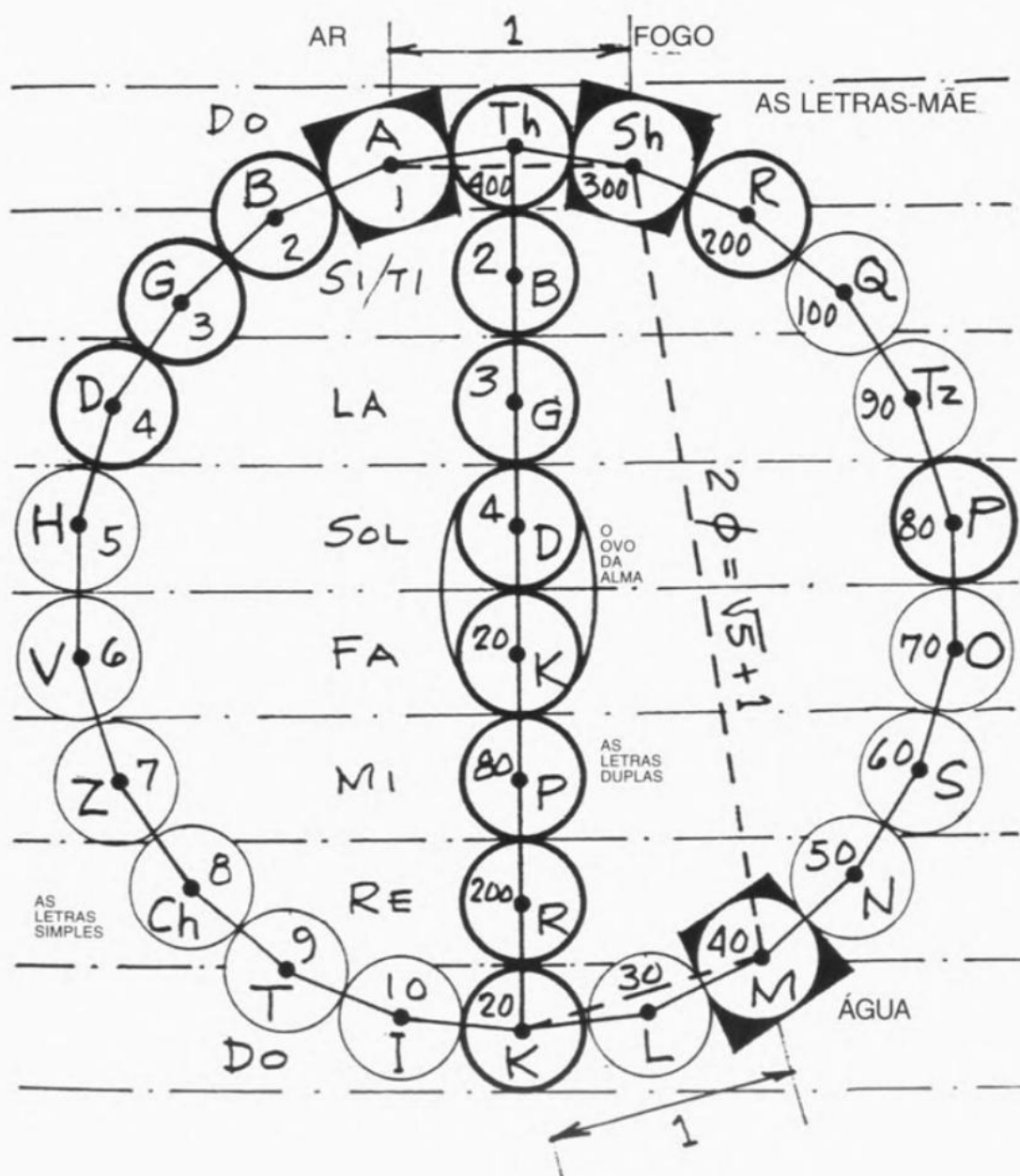
$$\begin{array}{rcl} \text{Circunferência} & 22 & \\ \text{Diâmetro} & = 7 = 3,14285 & \\ & & 22/7 = 3,14285 \\ & & \pi = \underline{3,14159} \\ & & \text{Diferença} = ,00126 \\ & & U = FOOL [O Louco] = ,OOLF \end{array}$$

De forma que, agora que sabemos quem você realmente é, vamos passar à Figura 18, na qual você pode encontrar-se em algum lugar no meio das 22 letras da Roda da Vida hebraica do Pi/Phi.

Começamos com a última letra do alfabeto (Taw = 500) no alto da roda e continuamos pela circunferência em sentido anti-horário de Aleph (A = 1) a Shin (Sh = 300). As letras-mãe são mostradas com bordas quadradas e as letras duplas são identificadas por círculos mais reforçados do que as letras simples.

E interessante notar que cinco das seis letras na palavra hebraica BRAShITH parecem estar *enrodilhadas* em torno do diâmetro no alto da roda. A única letra que falta é o Yod (I = 10), que deixou as outras e "se foi" para a parte de baixo da roda. Esse pensamento é reforçado pelo fato de que as letras restantes têm o valor numérico de 903, e uma vez que $12 = 9 + 0 + 3$, isso pode ser lido como COIL [Rolo, espiral], se lermos à maneira hebraica, da direita para a esquerda. Será que não há limites para a magia da Cabala?

Vamos agora voltar nossa atenção para as sete letras duplas. Por que essas letras em particular são repetidas novamente ao longo do diâmetro? Para responder, devemos buscar no *Sepher Yetzirah* (vide nota 8), que afirma: "As Sete Letras Duplas, Beth, Gimel, Daleth, Kaph, Pe, Resh e Tau têm, cada uma, dois sons associados a elas... Os dois sons de cada letra são o duro e o suave — o aspirado e o suavizado. Elas são chamadas duplas porque cada letra apresenta um contraste ou permutação, assim: a Vida e a Morte; a Paz e a Guerra; a Sabedoria e a Loucura; a Riqueza e a Pobreza; a Graça e a Indignação; a Fertilidade e a Solidão; o Poder e a Servidão (IV:1)". Isso explica, então, seu reaparecimento no diâmetro do círculo, a mesma letra mas com um som diferente e um significado oposto. Também "por acaso" há letras duplas em cada extremidade do diâmetro, possibilitando encher o diâmetro com letras duplas e apenas letras duplas.



$$\frac{\text{Circunferência}}{\text{Diâmetro}} = \frac{22}{7} = 3,14 = \pi$$

$$\frac{\text{Corda (8)}}{2 \text{ Corda (2)}} = \frac{\sqrt{5} + 1}{1 + 1} = 1,62 = \phi$$

RODA HEBRAICA PI (π)/PHI (φ)

Figura 18

As letras-mãe são igualmente interessantes. Qual é seu propósito? Novamente, devemos voltar-nos ao *Sepher Yetzirah*, que explica: "As Três Mães Aleph, Mem e Shin são um grande Mistério, mui admirável e recôndito, selado com seis sinetes; e delas procedem o Ar, a Água e o Fogo, que dividem em forças masculinas e femininas. As Três Mães Aleph, Mem e Shin são o Alicerce; delas saem três Pais e, deles, vieram todas as coisas que estão no mundo (III:2)" (vide nota 8).

Muito bem. Mas onde está o elemento faltante, Terra, em tudo isso? Olhando cabalisticamente, a resposta seria que ele é o próprio alicerce, a soma dos outros três (Ar, Água e Fogo), o três para um (341), a soma numérica das três letras-mãe.

Mas e quanto a esse "mistério mui admirável" mantido na mais alta estima e oculto da vista? Segundo nossa experiência anterior, ele provavelmente é a Lei do Phi, a Secção Áurea, a Divina Proporção; e novas investigações provaram que havíamos novamente feito um gol, embora a proporção Phi estivesse extremamente bem escondida. Na análise final, o responsável foi o comprimento das *cordas* ligando as três letras-mãe.

Se você calcular o comprimento da corda entre Aleph e Shin e der a ela um valor de unidade, descobrirá que o comprimento de corda equivalente entre Shin e Mem é aproximadamente igual a 20. Em outras palavras, o comprimento da *corda* entre Shin e Mem na Figura 18 é quase exatamente o mesmo do *diâmetro* do círculo na Figura 16. O verdadeiro valor de Phi é 1,618..., diferente de seu valor calculado na Figura 18, de 1,614.... Esse erro pode ser comparado ao que advém do uso da fração 22/7 para representar o valor de Pi em vez de sua verdadeira fração decimal.

Maiores indícios da validade da descoberta surgem apenas com a leitura do número 1,614. Pode ser transliterado como PAD [almofada]. E o que é um *pad*, em inglês? Uma de suas definições diz que se trata de uma *fundação* ou plataforma de concreto a partir do qual um míssil ou foguete teleguiado é lançado. E isso não seria exatamente o que o *Sepher Yetzirah* diz das Três Mães? O *Alicerce* do qual surgem os três Pais? Sim, de fato, quanto mais estudamos a Cabala, mais fabulosa ela se torna.

A Roda Pi/Phi do Tarô

Vamos pular o alfabeto grego por agora e voltarmos-nos para o Tarô. Aprendemos que o Livro do Tarô consiste de Arcanos Maiores com 22 cartas diferentes e Arcanos Menores com quatro naipes ou reinos, cada um dos quais com 14 cartas. Os primeiros correspondem às 22 letras do alfabeto hebraico e os últimos aos quatro elementos Terra, Água, Ar e Fogo. Mas ainda não chamamos sua atenção para o fato de que a adição de apenas *um* dos naipes dos 14 Arcanos Menores aos Arcanos Maiores dividirá o total de 36 cartas no Segmento Áureo, com 22 cartas à esquerda e 14 à direita, cada um dos quais em uma proporção de Phi em relação ao outro.

De fato, a secção teria de ser 22,2 e 13,8, mas os números inteiros mais próximos são 22 e 14. Assim, mesmo nas divisões do Tarô, temos a confirmação da Lei do Phi em operação.

Tendo em mente essa idéia, podemos facilmente ligar os Arcanos Maiores a um dos naipes dos Arcanos Menores e colocá-los a ambos na Roda da Vida, sendo um segmento de dez graus de sua circunferência de 360 graus atribuído a cada carta do Tarô. Mas uma situação ainda mais interessante surge quando colocamos as 22 cartas dos Arcanos Maiores sozinhas na roda, de modo similar ao da roda hebraica na Figura 18, e em seguida comparamos os dois diferentes sistemas ponto a ponto. Isso foi feito na Figura 19.

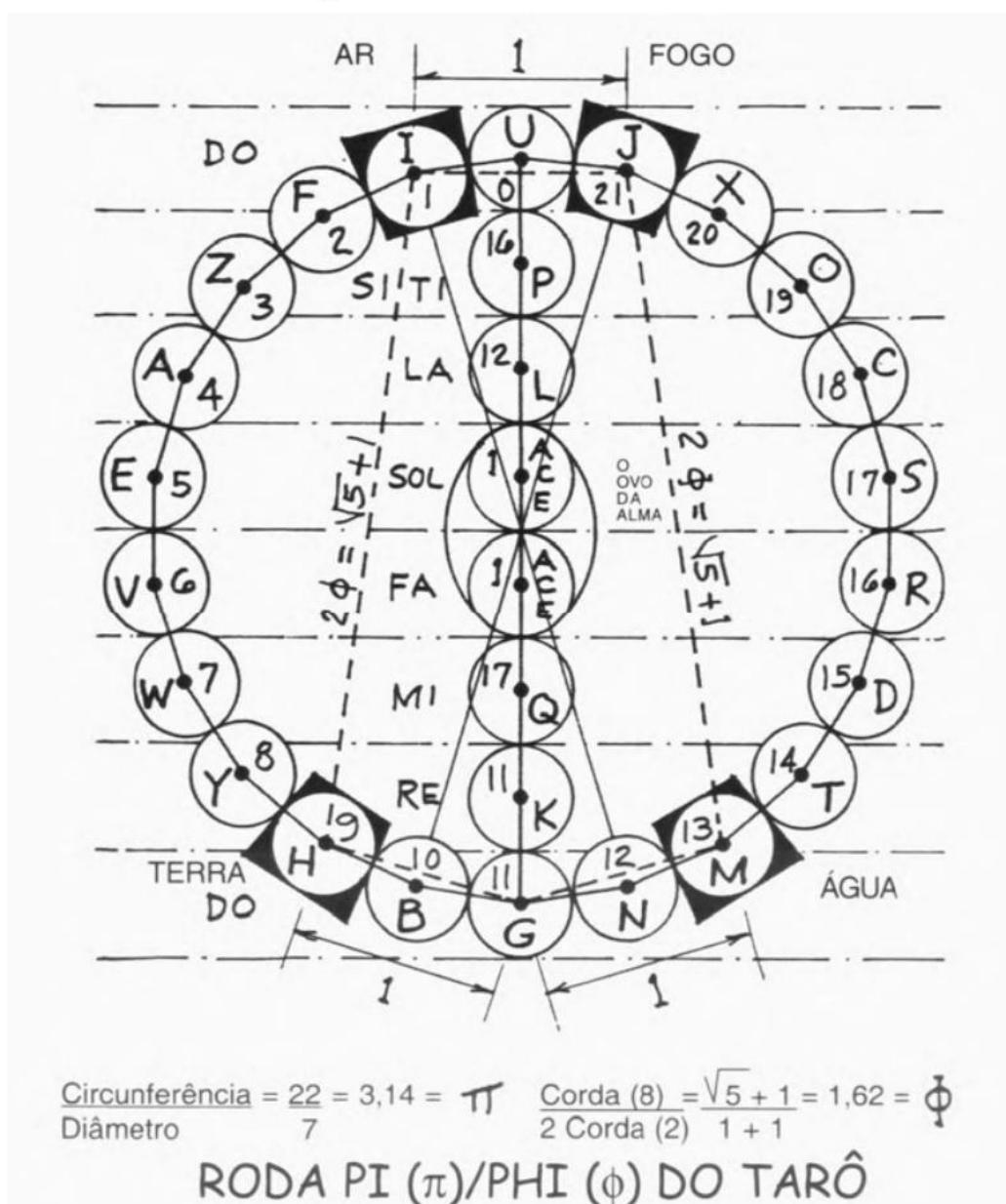


Figura 19

Começamos com o Louco (Carta 0 do Tarô) no alto da roda e novamente seguimos no sentido anti-horário em torno do círculo desde o Mago (Carta 1 do Tarô) até o Mundo (Carta 21 do Tarô). E nessa posição você (o leitor deste livro) se encontrará exatamente entre esses dois.

Também desenhamos quadrados em torno das cartas do Tarô correspondentes às letras-mãe do alfabeto hebraico. Mas com o Tarô, como não há nenhuma razão particular para limitar as letras-mãe a três, também enquadrámos o Eremita (Carta 9 do Tarô) para representar o quarto elemento faltante, Terra, e, dessa maneira, equilibrar o triângulo simples Phi M-J-I (Água, Fogo e Ar) com sua imagem espelhada H-I-J (Terra, Ar e Fogo).

Você notará que as cartas do Tarô são identificadas não apenas por seu número (o número que aparece em cada carta dos Arcanos Maiores), mas também pela letra inglesa em particular que funciona como seu símbolo e pela qual a carta é conhecida. Elas devem ser sabidas de cor; quanto mais se usa o Tarô, mais evidentes as letras se tornarão.

Vejamos agora se podemos ler a Roda da Vida do Tarô do mesmo modo como lemos a roda inglesa da Figura 13. Se uma fazia sentido, a outra também deve fazer. Vamos testá-la. Se lermos os espaços entre os quatro elementos no alto e na parte de baixo da roda, descobrimos as letras "U BGN", que significa que é onde "YOU BEGIN" [Você começa]. Portanto, nosso pressentimento era verdadeiro. A roda está de fato falando conosco.

Vamos continuar. Se começarmos na letra A (Carta 4 do Tarô) e lermos em torno da beira da roda, descobrimos a seguinte explicação para a razão porque devemos iniciar na carta 0 do Tarô, ou o espaço vazio:

A	E V	W Y	H	B G N	MT
ADAM	EVE	WHY	EACH	BEGIN	EMPTY
[Adão]	[Eva]	[Por quê]	[Cada]	[Início]	[Vazio]

Prosseguindo, conforme preenchemos nosso recipiente vazio com as experiências que encontramos a cada passo do caminho, acabamos por encontrar uma explicação simples de por que há tanta coerção na vida terrena.

D R S	COX	JU	IF	F I	ZAVE
DURESS	COAX	JEW,	IF	PHI	SAVES
[Coerção]	[persuade]	[judeu]	[se]	[Phi]	[Salva]

Uma das definições para a palavra *Coax* [persuadir, adular], de acordo com o *Webster*, é manipular com grande perseverança e normalmente com considerável esforço para se obter um estado ou atividade desejados, como em "*persuadir* o fogo a arder". E será que isso não explica bem a razão para o estado de coerção a que a raça humana como um todo, e os judeus em particular, têm sido sujeitos pelos últimos milhares de anos? Um estado desarmonioso, mas que pode ser devolvido à harmonia por meio da operação natural da Lei do Phi? Parece que esse é o caso, e isso novamente reitera a sabedoria natural e simples da Cabala.



Figura 20
A segunda carta do Tarô (a letra F inglesa)

Vamos agora considerar o diâmetro da roda. Se a circunferência for dividida em 22 segmentos ou partes, deve haver sete planos horizontais entre a parte de baixo e a de cima, simbolizando os sete planos de consciência tão importantes em todos os ensinamentos esotéricos. Na verdade, há oito símbolos a estudar, se os pontos na própria circunferência forem considerados como um plano. Eles são representados pelas oito notas da escala diatônica. Assim, há apenas sete degraus no diâmetro de aro a aro (os sete planos), mas oito notas se pensarmos na nota fundamental mais baixa como o tom inicial.

Disso advém que as duas notas *Dó* (a fundamental e sua oitava) estão sempre no aro da roda, não importa o quanto você a rode e onde voes comece. Elas são sempre parte dos Arcanos Maiores, deixando que as outras seis notas intermediárias no diâmetro sejam designadas por outros símbolos. Que cartas do Tarô deveríamos colocar aí? A resposta pode ser descoberta nos diâmetros adjacentes por meio dos dois elementos superiores (Ar Fogo). Ao ler as notas *Dó* desses três elementos, sabemos agora *exatamente de onde* você veio e a limitada declaração original de seu início

pode agora ser expandida para "U BEGIN IN B-i" I Você começa em B-11, na própria Grande Sacerdotisa, na Virgem Mãe do Mundo, que governa seu reino a partir do ponto central entre os dois pilares do Templo do Rei Salomão — o pilar negro de Boaz (B) representando a força vital negativa e o pilar branco de Jaquin (J), a força vital positiva. Seu retrato é mostrado na Figura 20.

Mas, uma vez que a Grande Sacerdotisa já é parte dos Arcanos Maiores, os seis segmentos intermediários do diâmetro devem ser trocados por um substituto em forma das quatro cartas de Corte dos Arcanos Menores, mais dois Ases, que representam o Olho-que-Tudo-Vê da Consciência de Deus. Esses dois Ases simbolizam o grande Ovo Cósmico da Alma, conhecido também como Núcleo da Vida.

O espírito ascende, então, pelo diâmetro, por intermédio de duas das cartas da Corte, aos reinos espirituais mais elevados, enquanto o mortal desce por intermédio das outras duas para os planos inferiores mais densos da matéria. Ao combinar o Cavaleiro com o Pajem e a Rainha com o Rei, os valores numéricos das duas metades do diâmetro serão iguais e equilibrados (os números do Tarô das cartas da Corte são iguais aos números Alfa). Mas como sabemos que as cartas estão na ordem certa? Essa ordem deve estar correta porque o próprio diâmetro faz essa afirmação: "U PLACE the Ace, Queen, King in the PALACE of the Queen and King (Kg é a abreviatura de *King*, Rei)" [Você coloca o As, a Rainha, o Rei no Palácio da Rainha e do Rei].

Os nomes das notas também podem ser usados nesse processo de verificação. Uma vez que o cubo da roda está *entre* as duas notas Fá e Sol (*Fa* significa *Father*, Pai, e Sol *Soul*, Alma), o Núcleo da Vida interior deve ser duplo e incorporar a ambos, a parte masculina na forma do Pai e a parte feminina na forma da Alma. O Ovo da Alma é, portanto, masculino e feminino, positivo e negativo — dois Ases, um invertido em cima do outro na forma da letra V (Eva) e o outro na forma da letra A (Adão).

Então, por meio do processo de transmutação, podemos facilmente converter a metade feminina superior (SOL + ACE — *Ás*) em "SOLACE" [*Consolo*], uma das principais atribuições do aspecto feminino da Alma, que reconhecidamente oferece consolo e conforto e que acalma e acalenta nos momentos de grande mágoa e tristeza.

Isso faz com que a metade masculina inferior (FA + ACE — *As*) seja transformada em "A FACE" [Uma Face]. Uma face é a aparência externa de algo ou alguma coisa. Portanto, poderia ser *qualquer* face, a face do Pai ou a face da Mãe. Poderia ser até mesmo sua própria face, a face que você vê quando se olha em um espelho.

Como sabemos disso? Simplesmente porque o valor Alfa total das seis partes do diâmetro interno (P + L + ACE + ACE + Q + K) é 74, o número Alfa de "The King" [O Rei]. Mas quando acrescentamos a ele a letra U (o ponto superior) elevamos seu valor a 95, o número Alfa de "The

Queen" [A Rainha]. E por fim, ao reverter o processo e adicionar o valor do *Tarô* de seu ponto mais baixo, a letra G (Carta 11 do Tarô), a soma final é 106 ($74 + 21 + 11 = 106$), o número Alfa de "The Hermit" [O Eremita], a letra H, que significa *Each* [Cada] ($H = Ache = Each$).

Agora você está convencido? Ou ainda está cético quanto à inteligência de nosso computador? Se estiver, considere então o seguinte problema simples: Suponha que lhe pedissem para calcular o diâmetro interno de uma roda cujo aro contivesse as 22 cartas dos Arcanos Maiores. Sua soma é 231 (a soma dos números de 0 a 21); e seu diâmetro poderia ser encontrado simplesmente dividindo-se 231 por 1t. Se você tentar essa conta em sua calculadora, descobrirá que o diâmetro é 75,53, a Hermit (73) Wheel (53) [Roda do Eremita], de que o número inteiro mais próximo é 74 — *a soma real dos seis segmentos interiores do diâmetro!*

Uma Lição dos Romanos

Tudo o que foi dito anteriormente remete diretamente à linguagem mãe de nossa moderna cultura ocidental. O alfabeto latino, também chamado alfabeto romano, é o sistema alfabético de escrita mais amplamente usado no mundo, a escrita padrão não apenas da linguagem inglesa e das línguas da maior parte da Europa, mas também das outras áreas do mundo colonizadas pelos europeus.

Começou como uma ramificação do alfabeto etrusco por volta de 600 a.C., mas não havia sinais de sua futura magnificência até após a conquista da Grécia no século I a.C. Nessa época, duas letras adicionais foram emprestadas dos gregos e o alfabeto de 23 letras do latim clássico foi finalizado.

É interessante notar que as 23 letras do alfabeto latino são as mesmas do alfabeto inglês de hoje em dia, mas sem as letras J, U e W. Assim, o "Judeu" (em inglês, *Jew*) estava ausente do latim clássico, tendo sido ressuscitado apenas no inglês moderno. A soma dos números Alfa das 23 letras romanas é 297 (BIG, Grande), diferente da soma das letras J, U e W. que é 54 (igual à Palavra de Deus para SUN, Sol). Portanto, quando falamos do inglês moderno, estamos referindo-nos cabalisticamente ao "BIG SUN" [Grande Sol].

Devemos lembrar-nos que, mesmo tendo os romanos selecionado sete letras do alfabeto latino para servir de números ($M = 1.000$, $D = 500$, $C = 100$, $L = 50$, $X = 10$, $V = 5$ e $I = 1$), é muito provável que os valores numéricos normais das letras do alfabeto latino tenham sido usadas também pelos primeiros cabalistas, de acordo com o conhecimento de que as palavras, assim como os números, carregam vibrações matemáticas definidas. Assim, é mais do que provável que eles tenham estendido o mesmo sistema numérico estabelecido nos alfabetos grego e hebraico para o alfabeto latino, embora esse fosse evidentemente um segredo guardado pelos cabalistas e iniciados das Escolas de Mistério e que não era transmitido ao público em geral.

Tendo isso em mente, preparamos a Figura 21 mostrando a Roda da Vida romana seguindo as mesmas linhas de suas equivalentes do Tarô, hebraica e inglesa. Temos assim uma roda de 23 letras, duas rodas de 22 letras e uma roda de 26 letras para comparar uma com a outra e, desse modo, descobrir algumas coisas muito interessantes.

A primeira coisa que você vai notar, ao estudar a Figura 21, é que as letras que funcionam como números podem ser usadas uma segunda vez no diâmetro da roda para representar seus sete segmentos de modo muito semelhante ao das letras duplas do alfabeto hebraico. E, uma vez que o ponto mais baixo do diâmetro é também um numeral (M = 1.000), pode também se tornar parte do número total do diâmetro ($1.666 + 1000 = 2.666$). Ou, se você preferir, o diâmetro *interno* do aro pode ser expresso pelos seis números menores na forma do número DCLVI = 666.

Mas qual o significado do número 666? Pode ser lido cabalisticamente como "D (Diâmetro) Selects Six (D CLX VI) [D Seleciona Seis]. Ou, lendo as duas outras alternativas, pode ser lido como "Um 666 Seja 666". Pode referir-se à famosa Besta do *Livro do Apocalipse* cujo número é "seiscentos e sessenta e seis". Mas é também o valor total dos primeiros 36 números, a soma de 1 a 36. De qualquer modo, a idéia de que os números romanos podem ser somados e dar 666 é muito interessante.

O valor das letras dos sete algarismos romanos é 566 *versus* seu valor numérico de 1.666. Isso deixa uma diferença de 1.100 se subtrairmos um do outro. Assim:

$$\begin{array}{rcl} 566 + & 1.100 & = 1.666 \\ EF\ F\ A & J\ O & = A\ 666 \end{array}$$

Se colocarmos a equação acima em um círculo e a lermos cabalisticamente, descobriremos que a soma da Grande Sacerdotisa (EF), mais o Father [Pai] (FA), mais o Filho (Joe ou GI JOE) é igual a "A 666". Portanto, parece haver um plano definido por trás da seleção dessas sete letras em particular, essas, e não outras, para representar os numerais.

Além disso, a distribuição dessas letras/números é tal que, se você começar na parte de baixo da roda e ler ambos os lados do arco, primeiro para a esquerda e depois para a direita, a afirmação feita pelos espaços que separam os numerais é que você "ADD GOD" [Soma Deus].

Mas ainda resta um problema perturbador. A relação entre o valor total entre circunferência da roda e seu diâmetro não ocorre em uma razão rr como deveria. O valor numérico do arco é 1.995 e, se você dividir esse número por TC, o diâmetro seria 635 em vez de 566, uma diferença de 69. Porém, por alguma razão desconhecida, a *soma* de 635 e 69 é 704 ou GOD [Deus]. Assim, quando você *soma* o erro ao invés de subtrai-lo, você traz *Deus à manifestação*! É o inverso do que faríamos normalmente.

Por outro lado, se começarmos com um diâmetro de 566 e calcularmos então qual deveria ser a circunferência multiplicando esse número por π , a circunferência seria de, teoricamente, 1.778, e não 1.995. uma diferença de

As letras sombreadas são usadas para algarismos romanos

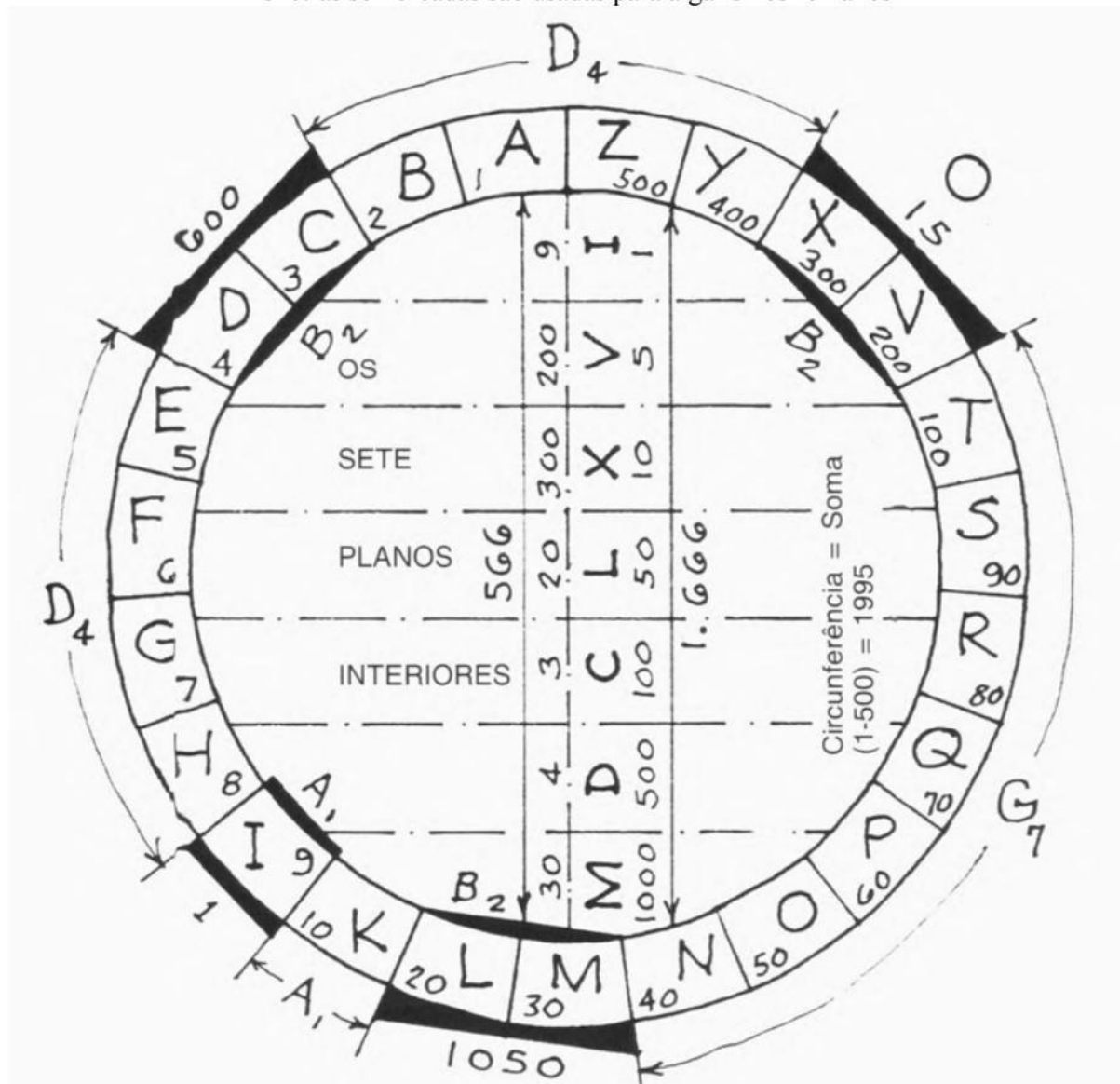


Figura 21

O alfabeto latino de 23 letras com seus sete algarismos romanos

217 ou urna BAG [Bolsa]. E se repetirmos o mesmo processo reverso descrito anteriormente, *somando* a diferença em vez de subtrair-la, a sorna de 1.995 e 217 é 2.212, que afirma que "B BAB-B", ou que "Be a Baby" [E um Bebê] quando os números são lidos como se estivessem em um círculo.

Mas o clímax quase inacreditável desse espantoso processo ainda está por/ir. Se você olhar novamente a Figura 21, e estudar o modo como as letras/números estão posicionados no arco da roda, descobrirá que esse mesmo número (2.212) é trazido à manifestação pelo agrupamento independente das letras/números. Se você ler em sentido horário pelo aro, iniciando com o par XV na extremidade superior direita, descobrirá que o número de letras/números em cada grupo afirma com bastante ênfase que "BAB-B", ou seja, eles são o filho do Pai/Mãe/Deus.

Mas os romanos ainda não terminaram sua lição. A maior parte dela ira logo a seguir. Como afirmamos antes, era de conhecimento comum entre os antigos que a circunferência de uma roda devia ser dividida em 22 partes iguais, de forma que seu diâmetro pudesse, por sua vez, ser dividido em sete planos ou divisões interiores. Portanto, a fração $22/7$ era universalmente usada para representar π . Porém, o alfabeto latino clássico acabou tendo 23 letras em vez das mais facilmente adaptáveis 22. Como resolveram o problema e conciliaram um diâmetro de sete segmentos com uma circunferência que envolvia 23 letras? Para conhecer a resposta, vamos ver a Figura 22.

A solução fica prontamente aparente. Para fazer que o número de letras no arco interior voltasse a ser 22, uma delas deveria ser sacrificada e deixada de fora, passando para o círculo exterior da roda. Mas qual? Uma vez que o valor correto da circunferência devia ser $566n$ ou 1.778, a letra mais próxima disso seria a letra V, com um valor de letra de 200. E, uma vez cumprido esse sacrifício, o valor numérico do aro interno de 22 letras seria reduzido a 1.795, muito próximo ao número desejado. O diâmetro retificado da roda agora é de 571,365. O número integral mais próximo deste representa o fim de uma AGE [Era] (lendo da direita para a esquerda) e sua parte decimal é 365, o número de dias no ano.

A letra V é o símbolo dos Amantes (Carta 6 do Tarô), ou simplesmente Adão e Eva, você e seu complemento, os aspectos masculino e feminino da alma. E muito provavelmente o Adão e a Eva originais foram expulsos do Jardim do Éden por essa mesma razão — não apenas para devolver o Éden à perfeita harmonia, mas também para permitir que Adão e Eva tivessem a oportunidade de construir um novo reino naquele círculo físico exterior pelas gerações que viriam depois deles.

O nome da letra V é VEE [Vê], que pode ser transliterado como EVE [Eva]. Assim, a letra V, quando colocada em cima da letra A, se torna a *cimalha*, o ponto que coroa o círculo exterior da Grande Roda da Vida. E é interessante notar que o valor total dessa cimalha A/V, a pedra que os construtores rejeitaram, é 206, o número Alfa para "The Wheel of Fortune" [A Roda da Fortuna] (Carta 10 do Tarô), a letra inglesa B. O número 206 é determinado a partir dos valores de letra e numéricos da letra V (200 + 5) mais o valor da letra A (1).

A cimalha também simboliza a serpente engolindo sua cauda, a fusão da primeira letra com a última, simbolizando a amarração das extremidades de um círculo. Como disse Cristo: "Eu sou o Alfa e o Omega, o princípio e o fim". E com isso em mente, com a cimalha novamente representando a letra B, podemos começar na letra X e descobrir que as letras/números agora dizem "A BAB-B", ou simplesmente "a baby" [Um bebê].

A Roda Completa do Tarô/Hebraica/Inglesa da Vida Única

Logo antes de publicar *The Pictorial Key to the Tarot* in 1910, Arthur Edward Waite reverteu as cartas Força e Justiça do Tarô, afirmando apenas

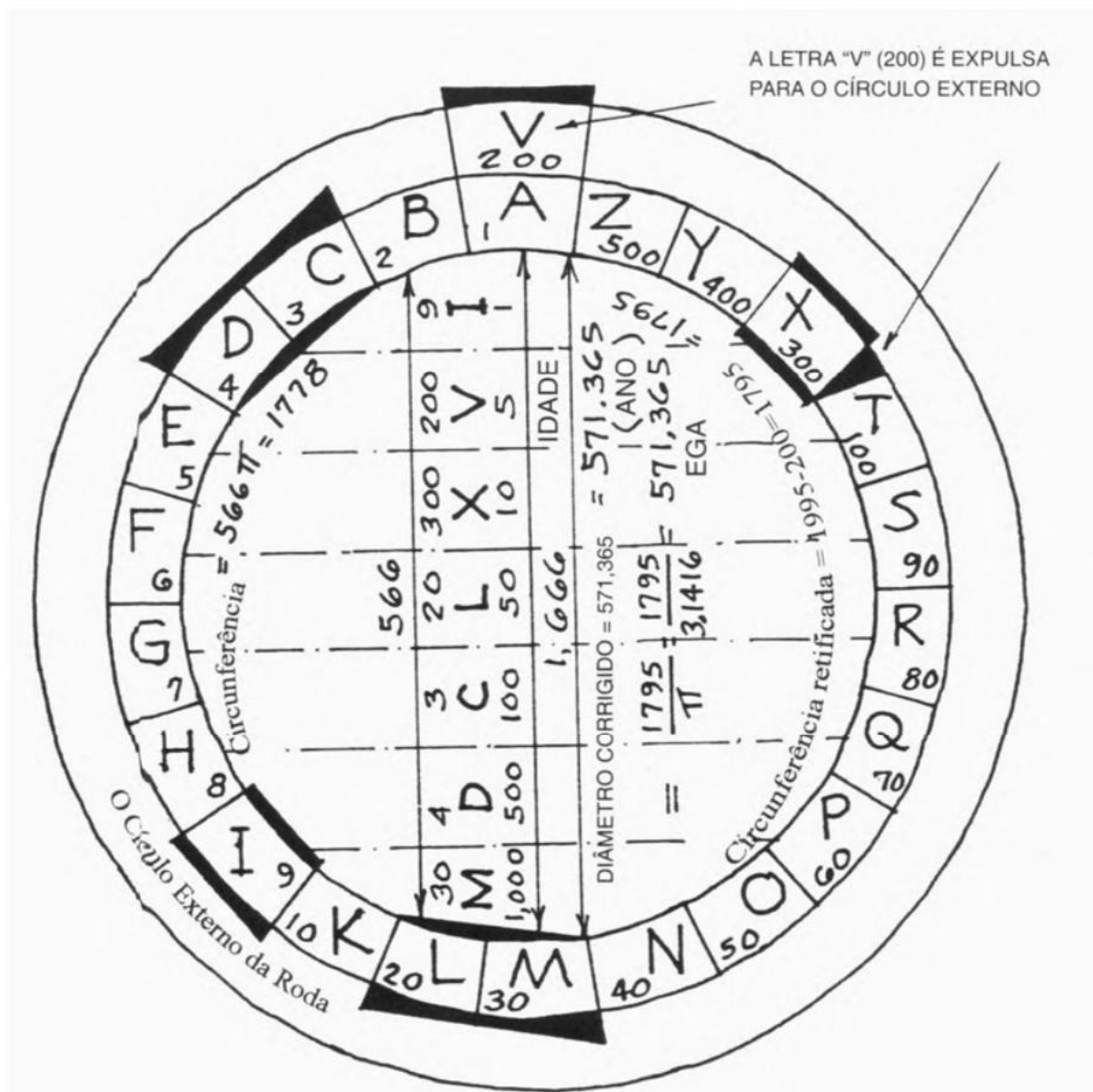


Figura 22
A solução para o problema

que o fazia "por razões que me satisfazem". Assim, a Força tornou-se a carta 8 do Tarô e a justiça tornou-se a 11, e desse modo permaneceram a partir de então. Waite não deu grandes explicações na época, mas em outra ocasião admitiu que a inversão das cartas era necessária para deixar as cartas do Tarô na posição correta e para remover a única venda que restava (5).

Mas a Figura 23 mostra ao menos uma das razões pelas quais a Carta da Justiça (a letra G inglesa) deve ser a carta 11 do Tarô e nenhuma outra. Pois podemos então começar no alto da roda com o Louco (Carta 0 do Tarô) e representar todos os *comprimentos de corda* possíveis dessa roda com 22 divisões, balançando para a esquerda e depois para a direita, com as 21 cartas numeradas dos Arcanos Maiores. A 11ª e mais longa corda torna-se assim automaticamente o diâmetro da roda, como deve ser, e é representada pelas balanças da Justiça (Carta 11 do Tarô), a letra inglesa G.

Essa fusão da sétima letra do alfabeto inglês com a 11ª carta do Tarô permite então representar os sete segmentos do diâmetro com qualquer unia das sete letras duplas do alfabeto hebraico ou as primeiras sete letras do alfabeto inglês de A a G. Além disso, uma vez que a 11ª letra de todos os quatro alfabetos (inglês, hebraico, grego e os Arcanos Menores do Tarô) é representada pelo mesmo símbolo (a letra K), podemos designar os 22 *comprimentos de arco* que cobrem a escala desde uns poucos graus até o círculo inteiro de 360 graus, seja com as letras inglesas, as hebraicas ou as gregas (ver Figura 7).

Por essas razões, chamamos à Figura 23 de Roda Completa do Tarô/Hebraica/Inglesa da Vida Única. Ela incorpora os três alfabetos: as cartas do Tarô para os *comprimentos de corda*, as letras inglesas para os *comprimentos de arco* e as letras hebraicas para os *graus angulares* que sustentam tanto as cordas como os arcos. Ou você pode inverter o processo e substituir o inglês pelo hebraico, ou vice-versa, sendo isso puramente caso de conveniência.

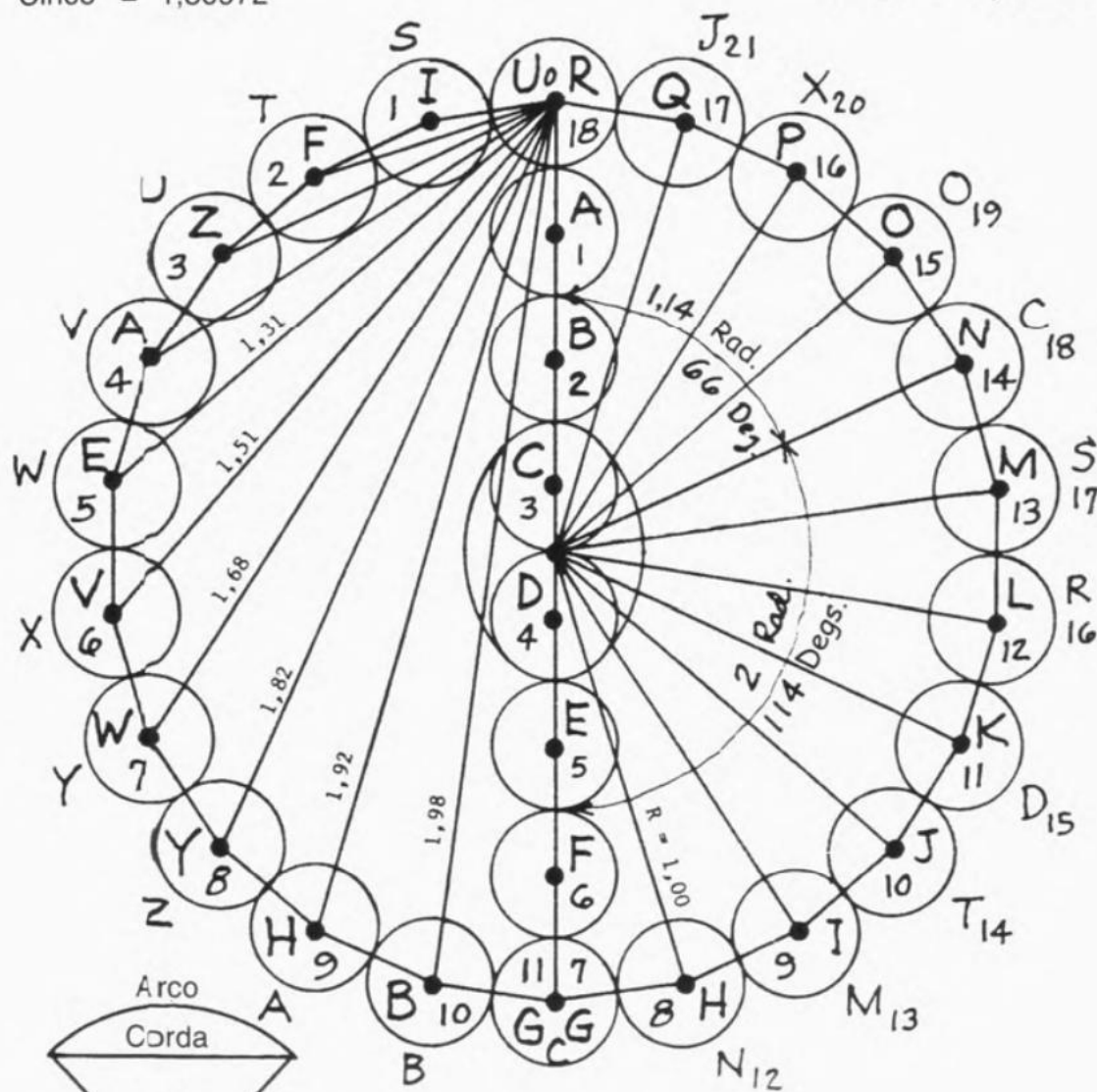
A unidade padrão para o comprimento de um arco é o *radiano*, que é exatamente a mesma coisa que o raio de um círculo. Mas o tamanho do *ângulo* que mede o arco é medido em graus. Portanto, medimos um ângulo em *graus*, mas um arco em *radianos*. Na Figura 23, adotamos a unidade (1) para o raio do círculo. O comprimento do diâmetro é portanto (2) e o comprimento de cada corda é dado em termos do raio.

A fórmula para o comprimento de uma corda é simplesmente duas vezes o raio multiplicado pelo seno de metade do ângulo em graus ($\text{Corda} = 2 R \text{ Sen } \frac{1}{2} \theta$). Antes da era da moderna da calculadora eletrônica, era preciso enfrentar uma complicada tabela trigonométrica para encontrar a resposta. Mas agora, com uma simples calculadora de mão, tudo o que você tem a fazer é digitar o ângulo em graus, dividi-lo por 2, pressionar o botão *sen* e multiplicar a resposta por 2. E *presto*, em um piscar de olhos, o comprimento exato da corda aparecerá no mostrador, tão exato quanto o número de dígitos disponível.

Por exemplo: o ângulo que sustenta um segmento de nosso polígono de 22 lados na figura 23 é de 360° dividido por 22, ou 16,3636 graus. Dividindo isso por dois, temos 8,1818 graus. Pressione o botão *sen* e sua calculadora exibirá o número 0,142314838 no mostrador. E ao multiplicar isso novamente por 2, você obterá o número 0,284629676 — o comprimento exato da corda entre quaisquer dois segmentos da circunferência de uma roda da vida contendo 22 letras. Esses 11 comprimentos de corda estão tabulados nos cantos esquerdo e direito da figura 23.

Um simples estudo das letras e números dessa mesma Figura provará a autenticidade da simbologia e o poder quase mágico dos alfabetos. Por exemplo, se você olhar de perto, vai ver se no alto da roda no espaço ocupado pelas letras U-R, o que significa que é onde YOU ARE [Você está]. Você pode seguir então para qualquer direção que desejar. Pode

Seis	=	1,51149
Sete	=	1,68250
Oito	=	1,81926
Nove	=	1,91898
Dez	=	1,97964
Onze	=	2,00000



INGLÊS
ARCOS, RADIANOS, GRAUS

Figura 23

viajar em torno do aro e desfrutar do cenário do mundo exterior ou (se estiver inclinado a isso) pode mover-se em uma direção interior para a própria Alma, para o Ovo da Alma, simbolizado pelas letras C-D (SEED [Semente]).

Mas você acha que pode ficar nisso para sempre? Claro que não, pois se você ler o diâmetro, descobrirá que o Pai/Imperador é uma *seedy effigy* [efígie cheia de sementes], o que significa que ele é cheio de sementes (A B CDE FG). E está prestes a atirar suas sementes na Grande Sacerdotisa (a letra Ef), a Mãe Virgem do Mundo. Bem, você sabe a resposta. Em cerca de nove meses, você se verá novamente no aro exterior da Roda da Vida, mas dessa vez seu centro de operações será o CG (Centro de Gravidade), a sede da alma no plexo solar do corpo de uma criança recém-nascida. Assim é a vida.

Também se pode obter uma quantidade considerável de informação adicional estudando não apenas as letras, mas também os próprios números na Figura e o que eles nos dizem quando os lemos. Por exemplo, aprendemos que a razão entre qualquer corda que se estenda por oito pontos e uma que se estenda por dois pontos é aproximadamente igual a 20. Eis a razão entre duas das letras-mãe do alfabeto hebraico (Alef, Mem e Taw) e, se uma das proporções se mostra tão importante, por que as outras duas não seriam igualmente informativas? (Veja a roda do alfabeto hebraico na Figura 18). O único modo de descobrir é realizar as duas contas seguintes: a primeira com a Corda de (10) e a Corda de (2); e a segunda com a Corda de (10) e a Corda de (8).

$$\frac{\text{M-A}}{\text{A-Sh}} = \frac{\text{Corda}(10)}{\text{Corda}(2)} = \frac{1,97964}{0,563465} = 3,5133327 = 3,5 - 13 - 3 - 3 - 2 - 7$$

C E M C C B G

$$\frac{\text{M-A}}{\text{M-Sh}} = \frac{\text{Corda}(10)}{\text{Corda}(8)} = \frac{1,97964}{1,81926} = 1,0881567 = 1,0 - 8 - 8 - 15 - 67$$

A H H O FG

Será que o leitor consegue ver uma coisa interessante aqui? Se não, deixe-me refrescar sua memória. Nas Teorias da Relatividade Geral e Especial de Einstein, ele prova que a energia pode não apenas ser transformada em outro sistema, como também pode ser *convertida* em matéria. Portanto, matéria e energia são intercambiáveis. Se a matéria derrama sua massa e viaja com a velocidade da luz, é chamada energia e radiação; e se a energia se solidifica em massa e fica inerte, é chamada matéria. Disso advém que a massa nada mais é do que energia concentrada. A relação exata entre as duas é expressa na equação seguinte:

$$E = mc^2 \text{ ou } E = (m) (c) (c)$$

Nessa equação, desenvolvida pelo dr. Einstein no início deste século, o símbolo (E) representa a quantidade de energia contida em qualquer partícula de matéria; (m) é a massa do corpo em gramas; e (c) é a velocidade da luz em centímetros por segundo. A velocidade nunca muda e é uma

constante fundamental da Física. Seu valor, de acordo com experimentos científicos, é $2,9979250 \times 10^{10}$ centímetros por segundo (299.792,5 quilômetros por segundo).

Será que agora as proporções entre as letras-mãe do alfabeto hebraico fazem mais sentido para você? A parte inteira da primeira razão é 3, que pode ser lida como C, a velocidade da luz (aproximadamente 300.000 quilômetros por segundo, convertido para C). E apenas para provar que estamos na trilha certa em nossa interpretação, nosso computador infinitamente inteligente teve até mesmo o trabalho de colocar os quatro termos da equação da energia na parte maior de sua fração decimal! Isso sim é um grande feito! Além disso, ele também confirmou que a velocidade da luz é a Justiça (Carta 11 do Tarô, a letra inglesa G e o diâmetro do círculo. "See (understand), diz ele, $E = MCC$ be G" [Vede (compreendei), "E = MCC é G] (Justiça)". E Justiça é GOD [Deus].

Mesmo a segunda equação ecoa a primeira. O símbolo químico da água é H_2O , o que significa que uma molécula de água contém dois átomos de Hidrogênio (H) e um átomo de Oxigênio (O). Portanto, afirma-se que essa razão entre as letras-mãe é uma "efígie de água". A simbologia é extremamente poderosa, mas deixaremos quaisquer outras explicações adicionais para o capítulo seguinte, em que isso será tratado em profundidade.

Porém, há ainda uma outra relação, ainda dentro do mesmo tema, que deve ser discutida aqui antes que encerremos este capítulo. Trata-se da razão entre o diâmetro do círculo (a corda de 11) e a corda de 2. Mas para que essa razão tenha sentido, ela precisa ser calculada com um pouco mais de precisão do que o número de 6 dígitos que estivemos usando até agora. O cálculo é o seguinte:

$$\frac{\text{Diâmetro}}{\text{Corda (2)}} = \frac{2,000}{,563465112} = 3,549465\ 54348 = 3,5 - 4\ 9\ 4 - 6\ 5\ 5\ 4 - 3\ 5$$

CE DID FEED CE

No cálculo acima, arredondamos o número para seus 11 dígitos mais próximos para dar ênfase ao verdadeiro significado do décimo. O décimo dígito é um 3, novamente uma repetição do primeiro dígito, a parte inteira do número anterior ao ponto decimal. Portanto, o número faz esta declaração: "See (understand), E (energia) DID FEED C [Vede (compreendei)]. E alimentou C (velocidade da luz)". Em outras palavras, a Cabala está nos dizendo que o décimo dígito ou o microcosmo (a palavra pequena) realmente oferece sustento e energia ao primeiro dígito ou o macrocosmo (o mundo maior).

O *Webster* define a palavra "Feed" [Alimentar] da seguinte maneira: 1) fornecer para uso ou consumo; 2) fornecer algo essencial ao crescimento, sustento ou operação de alguma outra coisa; 3) enviar via cabo a uma estação de transmissão para difusão; 4) fornecer um sinal a um circuito eletrônico.

Um pouco de meditação sobre o real significado por trás dessas proporções não apenas é esclarecedor quanto ao porquê e para quê do

processo energético, como também pode estimular a mente exterior para aceitar mais prontamente a inteligência inata básica da Consciência de Deus que vive lá dentro.

Afinal de contas, ela está dentro de você e não em qualquer outro lugar. Por isso, vamos arregaçar as mangas e sintonizar esse canal interior.

Parte II

Geometria Sagrada: O
Cânone da Lei Universal

Capítulo 3

Geometria Sagrada

O que é a Geometria Sagrada?* É o cânone da lei universal. As leis da Geometria, em seu sentido puro, são imutáveis. As relações entre triângulos, quadrados e círculos têm sido as mesmas desde o princípio dos tempos e devem permanecer inalteradas até os infinitos amanhãs que virão. Portanto, essas leis não são criadas nem destruídas. Elas apenas são.

O símbolo de um círculo é o mesmo no planeta Terra e na mais distante galáxia. E podemos dizer o mesmo para o quadrado. Portanto, a Geometria pura é a única ciência realmente universal, já que todas as civilizações precisam usar o mesmo simbolismo, porque o símbolo é o objeto. Mas não é assim com números. Os símbolos dos números podem variar em cada civilização, mas o símbolo de um quadrado é universal.

Mas quando falamos de Geometria *Sagrada*, normalmente estamos nos referindo a uma Geometria *criada*, uma relação geométrica estabelecida entre objetos com o intuito de produzir algum efeito desejado. A Geometria, que significa literalmente medir a terra, é sagrada porque vem de Deus. E podemos dizer o mesmo para o Sol, a Lua e as estrelas. Os tamanhos e as órbitas dos corpos celestes foram projetados pela Consciência de Deus. A terra é a Consciência de Deus, assim como tudo o mais na Natureza, desde átomos, moléculas, células, planetas e estrelas. até galáxias.

As Formas Geométricas Básicas

A mais simples de todas as formas é o círculo, que em última análise é um polígono com um número infinito de lados. Portanto, por ser uma curva contínua, não tem início nem fim. Segue-se a ele toda uma família de polígonos, com cada vez menos lados. até que chegamos ao quadrado. ao triângulo, à linha e ao ponto. E é aqui que tudo começa. Esse minúsculo ponto não difere, em essência, do círculo infinitamente grande que lhe deu

* N.E.: Sugerimos a leitura de *Catedral de Chartres. A Geometria Sagrada do Cosmos*. Sonja Ulrike Klug, Madras Editora.

origem. Aquele pontinho de luz a que chamamos estrela nau seria essencialmente igual ao círculo a que nos referimos como Sol? A única diferença entre os dois é uma questão de perspectiva.

Do círculo passamos à *vesica piscis*. Essa "bexiga do peixe", como é com frequência chamada, é trazida à manifestação pela interpenetração de dois círculos de igual tamanho, tocando a circunferência de um o centro do outro. O orifício assim formado é considerado o útero a partir do qual são gerados muitos dos números e proporções da Geometria Sagrada. Desde a aurora da história tem sido respeitado como um símbolo do casamento sagrado do mundo espiritual das essências com o mundo material dos fenômenos. Assim, com frequência nos referimos a ele como o emblema de Cristo (ver figura 24).

Isso tudo é muito bonito. Mas o verdadeiro poder da *vesica piscis* vem à cena quando os círculos gêmeos que formam uma bexiga interior estão encerrados em uma bexiga maior. A Figura 25 mostra o efeito dessa penetração. Os dois triângulos equiláteros internos tornam-se parte da Grande Árvore da Vida Piramidal que será discutida no Capítulo 4. Os triângulos opostos A-B-C-D são um corte transversal quase exato da Grande Pirâmide de Gizé. E uma pirâmide do Phi, já que o apótema A-B está em proporção Phi com a meia-base B-C. Assim, o grande poder criativo da Consciência de Deus é realizado. A proporção não é exata, sendo acurada apenas nos primeiros três dígitos do Número Áureo, mas é suficientemente próxima para produzir os efeitos desejados (o pequeno erro matemático é da mesma ordem que o uso da fração $22/7$ para π (Pi), um valor consistentemente usado em Geometria Sagrada para o n decimal).

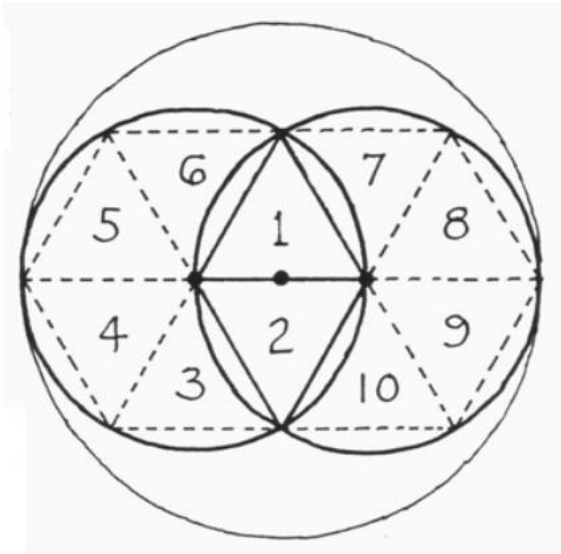
As outras duas curvas mais amplamente usadas nesta ciência sagrada são a espiral logarítmica e a elipse. Todos estamos familiarizados com espirais, abundantes na natureza em formas de conchas marinhas, caracóis, parafusos, chifres de carneiro e mesmo nebulosas e galáxias em espiral.

A elipse não parece ser tão comum, mas está presente em toda parte. A elipse é muito similar ao círculo, mas com dois centros em vez de um. Se você fizer um corte transversal no planeta Terra, em que vivemos, descobrirá que ele é uma elipse, e não um círculo, porque a Terra é achatada nos pólos. E, é claro, cada planeta move-se em uma órbita elíptica tendo o Sol como um dos focos. O outro foco é vazio.

Passando para as estruturas tridimensionais, chegamos aos cinco sólidos platônicos. Receberam em seu nome essa homenagem a Platão porque os gregos primitivos os descobriram e ele os menciona em seus diálogos. Além disso, os matemáticos modernos provaram a partir de então que, dentre o número infinito de formas irregulares, havia cinco, e apenas cinco poliedros regulares que poderiam ser inscritos em uma esfera. Para qualificar-se como um poliedro regular, o sólido geométrico deve ter um número par de faces com todos os lados e ângulos iguais. As faces devem ser polígonos regulares da mesma forma e tamanho. Todos os vértices do poliedro terão então ângulos poliédricos semelhantes, que darão à figura uma perfeita simetria. Os cinco são mostrados na Figura 26, junto com a esfera que engloba a todos.

O CÍRCULO:

O local de uma curva plana fechada, do qual cada ponto é eqüidistante do centro.



VESICA PISCIS:

A interpenetração de dois círculos de mesmo tamanho, estando o centro de um sobre a circunferência do outro. Há oito triângulos equiláteros fora da Vesica e dois dentro, perfazendo ao todo dez triângulos.

A ELIPSE:

O local de uma curva plana fechada gerada por um ponto (P) movendo-se de modo tal que a soma de suas distâncias a partir dos dois focos fixos (F, F') é sempre constante e igual ao diâmetro do eixo maior ($2a$).

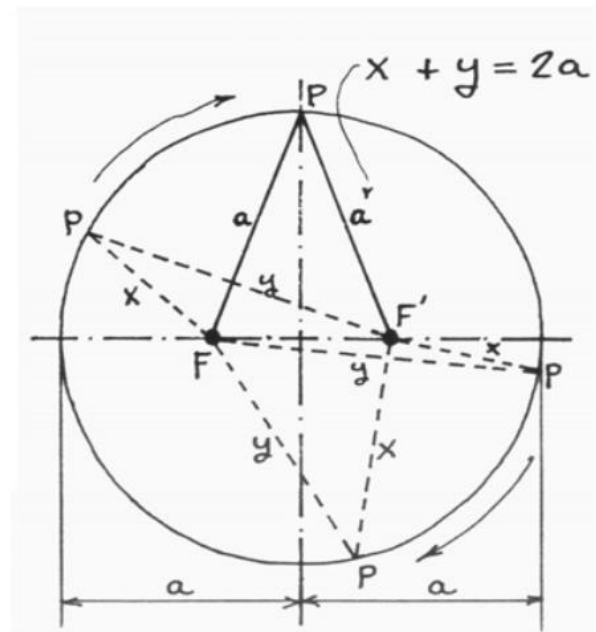


Figura 24

As três principais curvas da geometria sagrada: O Círculo, a Elipse e a Vesica Piscis

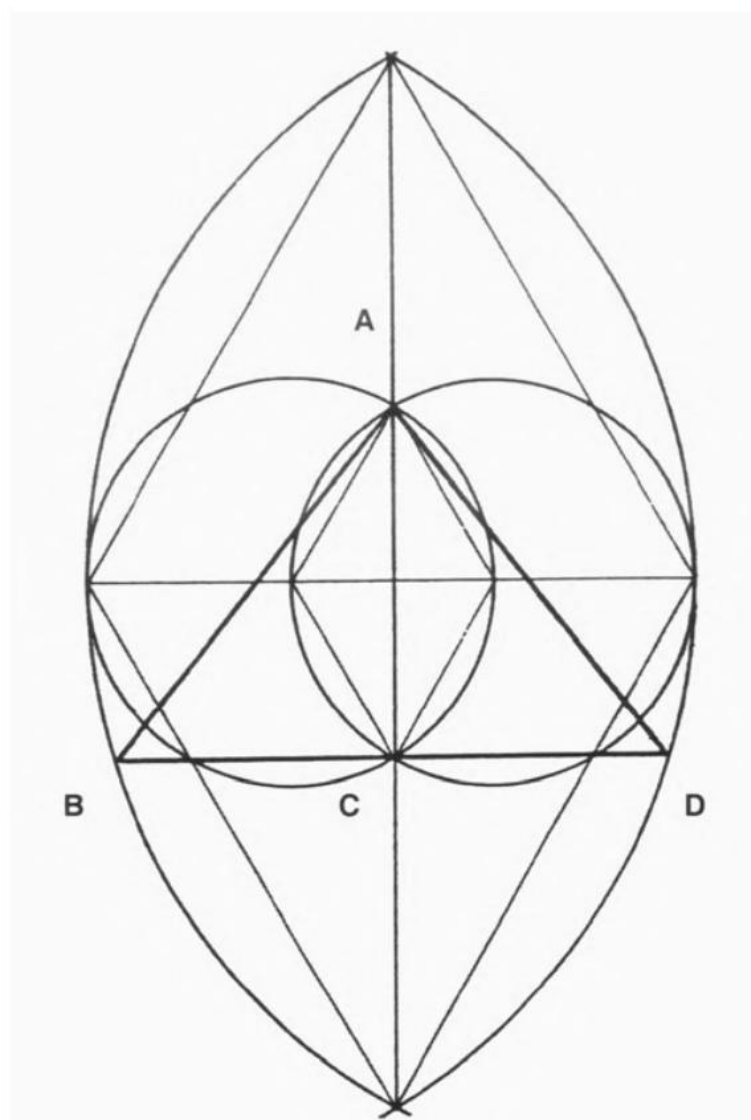
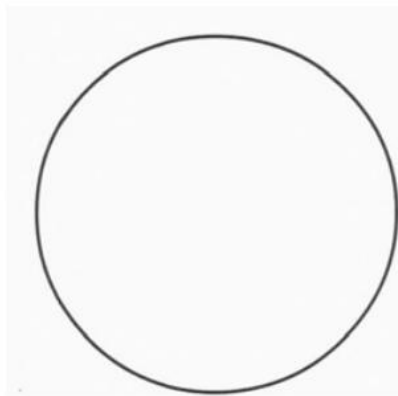


Figura 25

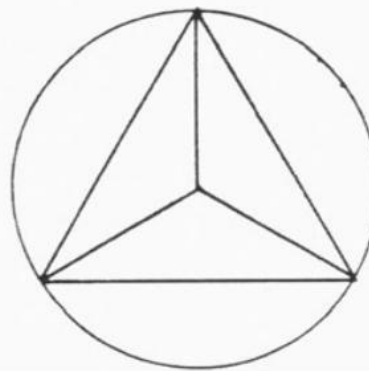
Como os poderes da Grande Pirâmide manifestam-se em uma dupla Vesica Piscis

Três dos sólidos têm triângulos equiláteros como faces, mas o quadrado só se manifesta no cubo e o pentágono apenas no dodecaedro. Os platônicos usavam os sólidos com faces de triângulo para representar os elementos do Fogo (o tetraedro), Ar (o octaedro) e Água (o icosaedro). O cubo, com seus seis lados quadrados, representava a Terra. Mas se isso for verdade, o que representa o dodecaedro, com seus 12 lados e forma de pentágono? A resposta é: o próprio Universo, o éter, o doador de vida. Suas 12 faces representavam, então, os 12 signos do Zodíaco, cada um dos quais contém o pentágono, o símbolo do Homem.

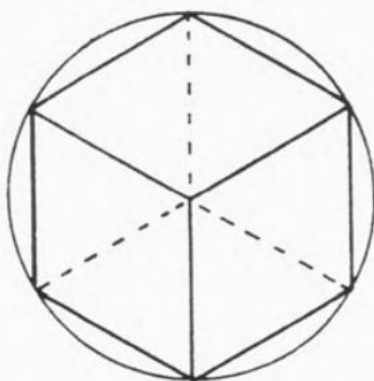
A razão por que o pentágono é o símbolo do Homem é que está a meio-caminho entre o decágono que pode ser circunscrito ao redor dele e o pentagrama que pode ser inscrito dentro dele. A idéia da dualidade é expressa na Figura 27. Assim, o Homem compartilha igualmente tanto os poderes



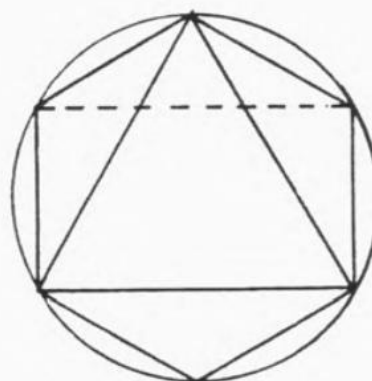
ESFERA
 Infinitas faces
 Infinitas arestas
 Infinitos vértices



TETRAEDRO
 4 faces (triângulos)
 6 arestas
 4 vértices



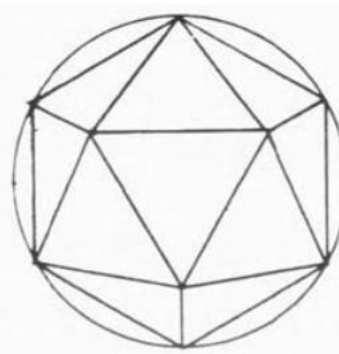
CUBO
 6 faces (quadrados)
 12 arestas
 8 vértices



OCTAEDRO
 8 faces (triângulos)
 12 arestas
 6 vértices



ICOSAEDRO
 20 faces (triângulos)
 30 arestas
 12 vértices



DODECAEDRO
 12 faces (pentágonos)
 30 arestas
 20 vértices

Figura 26

A Esfera com os cinco sólidos platônicos inscritos (Poliedros Regulares)

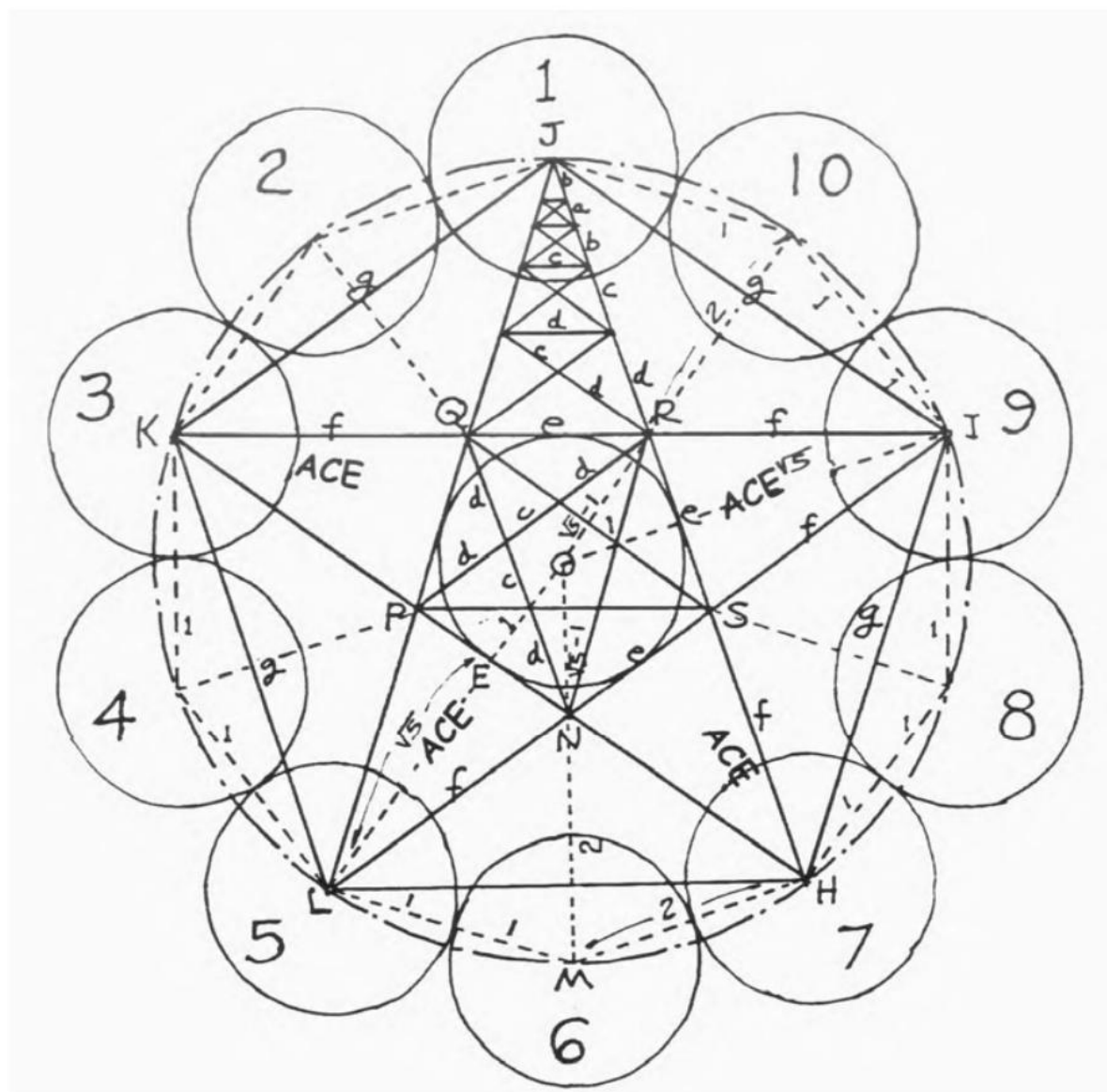


Figura 27

A magia do pentagrama mostrando como o círculo inscrito em sua base é exatamente igual a cada uma das dez Sefirot externas que o circunscrevem, e como a figura como um todo é um símbolo vivo do processo de Phi

exteriores das dez Sefirot como o poder interior do pentagrama, cujo elemento básico é o Triângulo Áureo Isósceles, cujos lados estão em uma proporção Phi com sua base. Esse é, portanto, o grande segredo do pentagrama — os grandes poderes de Phi, a Média Áurea, a Divina Proporção.

Cada um dos segmentos do Triângulo Áureo Isósceles está em uma proporção Phi *exata* com cada um dos outros segmentos, matematicamente exata até a última casa decimal. Os segmentos lineares do Número Áureo são designados pelas letras minúsculas a, b, c, d, etc., sendo que cada uma das letras sucessivas representa não apenas a potência seguinte de Phi, mas também a soma dos dois termos anteriores. Podemos ver que o pentagrama é um verdadeiro tesouro de proporções Phi.

Mas o mesmo pode ser dito para o próprio Homem. Foi essa razão, a proporção Phi dentro do homem, que levou Vitrúvio (um famoso arquiteto e engenheiro romano do século I a.C.) a afirmar que "a estrutura humana parece ter sido formada com tanta propriedade que os diversos membros são proporcionais ao todo". E a única proporção que vai realizar isso completamente é a proporção Phi. Veja a figura 28.⁹



Figura 28
Homem Vitruviano superposto ao pentagrama. De Fludd

Porém, nem toda a arquitetura vitruviana tem a ver com as proporções do corpo humano, mas reservou-se aos templos. Suas idéias sobre a função da geometria sagrada na construção desses edifícios é bastante explícita: "As diversas partes que constituem um templo devem ser sujeitas às leis da simetria; os princípios desta devem ser familiares a todos os que professam a ciência da arquitetura (...). Proporção é a comensuração das diversas partes constituintes com o todo, em cuja existência se descobre a simetria". (Vide nota 9)

Instruções detalhadas a respeito desses princípios sagrados foram dadas em seus *Dez Livros de Arquitetura*, fielmente seguidos durante todo o período do Império Romano. Mas veio a decadência e seus trabalhos tiveram de esperar alguns séculos até serem novamente considerados a principal autoridade para alguns dos maiores arquitetos da Renascença. Assim, as primitivas formas góticas dos séculos XII e XIII foram desenvolvidas e refinadas.

9. As citações de Vitrúvio e o diagrama da Figura 28 foram tiradas do capítulo Vitruviano em *Sacred Geometry* de Nigel Pennick (Great Britain. Turnstone Press Limited, 1980), pp.

Assim, as catedrais medievais são a mais tina flor da arte da geometria sagrada, a corporificação microscópica do universo criado. Um excelente exemplo de arte gótica é a Catedral de Lichfield na Inglaterra, que mostra a magnífica harmonia de cada uma de suas partes microscópicas sendo refletida no macrocosmo do todo. Veja a Figura 29.

Círculos de Pedra e Astro-Arqueologia

Há milhares de sítios megalíticos espalhados por toda a Grã-Bretanha e norte da Europa, últimos resquícios de uma civilização há muito perdida. Megalito é o nome dado a uma das imensas pedras nuas usadas em monumentos pré-históricos, que sobrevivem hoje em número considerável.

No início achava-se que eram trabalho dos druidas celtas, em grande parte resultado das conclusões a que chegaram os antigos autores gregos e romanos que escreveram sobre o conhecimento astronômico desses remotos povos. Mas a moderna ciência da astro-arqueologia provou que eram de um período muito mais antigo, remontando a um tempo entre 1600 e 2000 a.C., quase 4 mil anos antes da era atual e precedendo em muitos séculos os celtas na Grã-Bretanha.

A história da ascensão da astro-arqueologia (a fusão da Astronomia com a Arqueologia) é fascinante. Começou com o trabalho de *sir* J. Norman Lockyer na década de 1890, o primeiro cientista a fazer um estudo sistemático da Astronomia antiga por meio de seus monumentos; e no final do século XIX diversos artigos de diferentes autores foram publicados, ligando os sítios megalíticos aos corpos celestes.

Esses antigos pesquisadores também perceberam que os sítios megalíticos estavam alinhados de alguma maneira. Mas coube a Alfred Watkins a honra de encontrar indícios físicos desse fenômeno em *The Old Straight Track*, publicado em 1925.¹⁰ Essas linhas *ley*, como as chamou, representavam uma espécie de corrente magnética, cuja natureza havia sido esquecida. Mas essas linhas de força magnética podem ser encontradas em todo o mundo. No Peru, longas linhas retas ligando figuras gigantes de homens e animais só podem ser percebidas em uma visão aérea; na China isso é conhecido como a corrente do dragão, sendo a intersecção das linhas o lugar ideal para um túmulo ou um templo. Mesmo hoje, cientistas e leigos estão tentando determinar a natureza exata desse sistema de grade que evidentemente engloba toda a Terra.¹¹

10. *The Old Straight Track*, de Alfred Watkins (London, Methuen & Co., 1925. Reimpresso por London: Garnstone, 1970).

11. Uma excelente visão geral da história da descoberta das linhas *ley* na Grã-Bretanha é dada por John Michell em *The New View Over Atlantis* (New York, Harper and Row, 1983). O desenho da catedral de Lichfield na Figura 29 vem da p. 194 desse trabalho (desenho de F. Mackenzie. litografia de H. LeKeux).



Figura 29
A fachada oeste da Catedral de Lichfield, Inglaterra

Mas somente em 1967, com a publicação de *Megalithic Sites in Britain*, a comunidade científica realmente aceitou o fato de que os diversos círculos de pedra, anéis ovais, elipses e semelhantes estavam, em todos os lugares, relacionados uns aos outros como centros ou marcadores para observação astronômica e que foram construídos por um povo muito versado em Geometria e Astronomia. Trinta anos antes, em 1937, um professor de Engenharia da Universidade de Oxford, Alexander Thom, começou a fazer levantamentos exatos desses sítios megalíticos e, até o momento da publicação de sua tese, havia examinado cerca de 300 dos mais de 450 sítios que visitou. Mais que isso, seus levantamentos mostraram também que esses povos antigos haviam obtido seu conhecimento de Geometria e Astronomia mil anos antes dos primeiros matemáticos da Grécia clássica!¹²



Figura 30
O Círculo de Pedras de Rollright em Oxfordshire, Inglaterra ¹³

Outra parte importante da descoberta do professor Thom foi o fato de que os construtores dos círculos tinham uma obsessão por usar comprimentos inteiros sempre que possível. Usavam a elipse com bastante frequência, já que ela lhes oferecia a liberdade de usar números inteiros no perímetro assim como na dimensão plana. Os alinhamentos distorcidos sempre serviam para algum propósito astronômico. Visto que os comprimentos do eixo maior, o eixo menor e a distância entre os focos de uma elipse devem sempre representar os lados de um triângulo reto, eles preferiam usar triângulos pitagóricos para essas dimensões-chave. Se limitarmos a

12. *Megalithic Sites in Britain*, de Alexander Thom (Great Britain. Oxford University Press, 1967-1979). O levantamento do professor Thom na Figura 31 vem da p. 78 desse trabalho.

13. *Megalithomania*, de John Michell (Ithaca, New York, Cornell University Press, 1982) p. 104. A vista do círculo de pedras de Rollright na Figura 390 foi gravada por Kip para a *Britannia* de Camden. do século XVII.

hipotenusa a 40, há seis triângulos pitagóricos verdadeiros. Eles são os seguintes:

- | | |
|--------------|---------------|
| 1) 3, 4, 5 | 4) 7, 24, 25 |
| 2) 5, 12, 13 | 5) 20, 21, 29 |
| 3) 8, 15, 17 | 6) 12, 35, 37 |

O homem megalítico conhecia e usava ao menos três desses triângulos. Ele deve ter conhecido todos os seis, mas as outras condições que deveriam ser cumpridas provavelmente restringiam seu uso. E as outras condições, obviamente, tratavam de encontrar alinhamentos adequados para suas observações astronômicas.

Hoje usamos a jarda como unidade de comprimento. Originalmente tratava-se de um bastão de madeira ou um galho. Thom demonstrou inequivocamente a existência de uma unidade comum de comprimento a que chamou jarda megalítica. Essa unidade era usada em toda a extensão da Grã-Bretanha. Eles estavam interessados em construir suas estruturas em múltiplos dessa unidade, ou ' unidade, dependendo do caso. Nunca era dividida em três. Descobriu-se que o valor de uma jarda megalítica era:

$$1 \text{ JM} = 2,720 \text{ pés} \pm 0,003 \text{ pés.}$$

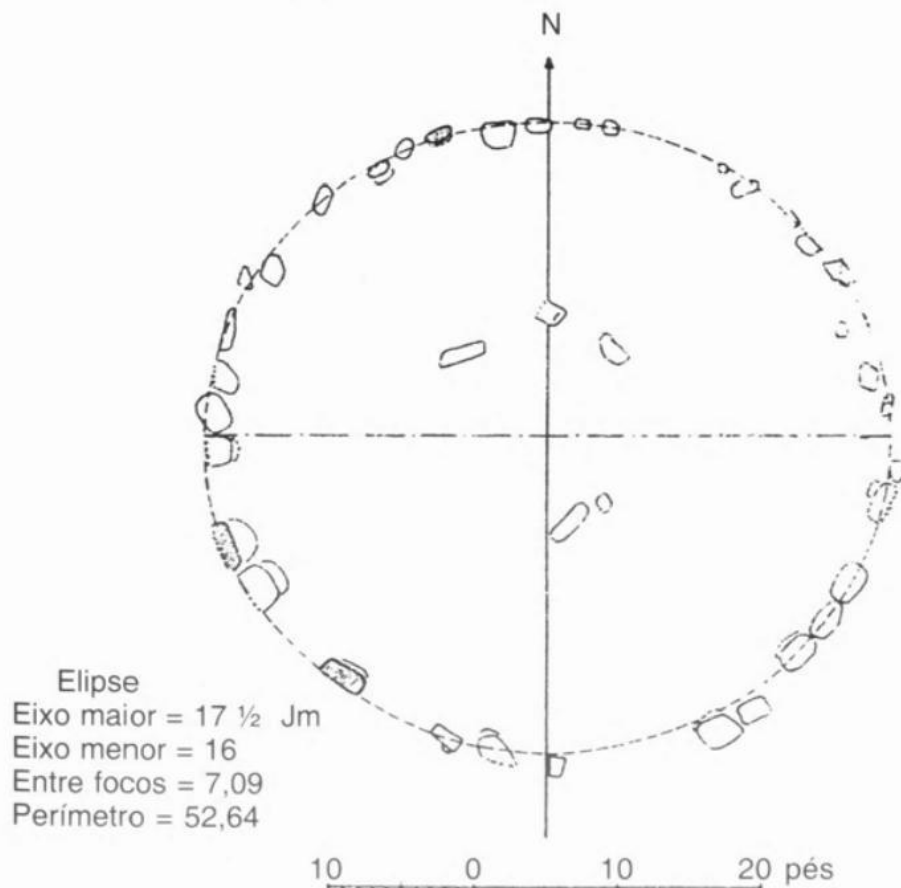


Figura 31
A medição da elipse em Boat do Sítio de Garton

Em última análise, a escolha dessa unidade em particular como unidade de comprimento tem um tremendo significado matemático que não fica imediatamente aparente. Como a maioria dos outros aspectos da Geometria Sagrada, está de fato bem escondido. Mas, escondido ou não, seu verdadeiro significado se mostrará, claro como cristal, no Capítulo 7 deste trabalho.

A exatidão das observações astronômicas era bastante notável. Thom encontrou diversos sítios que permitiam, e aparentemente eram arranjados para detectar a pequena irregularidade de nove minutos na órbita da Lua por causa da atração do Sol. Isso não voltou a ser percebido até o tempo do astrônomo dinamarquês Tycho Brahe.

As Pirâmides de Gizé

Vamos agora sair da Grã-Bretanha e passar ao Egito. Bem ao lado do Cairo, descansando sobre um platô de pedra que se estende por mais de uma milha em todas as direções, estão três das maiores estruturas do mundo antigo — as famosas pirâmides de Gizé. Embora sejam atribuídas a três dos primeiros faraós (Quéops, Quéfren e Miquerinos), não há indícios reais de que tenham sido realmente construídas por esses faraós. Podem ter sido erguidas em período muito anterior. De qualquer modo, vamos estabelecer que têm ao menos 5 mil anos, o que empurra o limiar da história para mais mil anos antes dos construtores megalíticos da Europa.

Porém, os construtores desses monumentos, mesmo separados por muitos séculos, tinham algo em comum: sua reverência por triângulos pitagóricos — triângulos retos cujos lados eram números inteiros. De fato, a maior parte das estruturas de todo o complexo das pirâmides, que inclui outras seis pirâmides menores, a Esfinge, tumbas, templos, etc., foi erguida de acordo com o sistema de números inteiros naturais. Esse fato foi descoberto por Robert Ballard, engenheiro-chefe das estradas de ferro australianas, quando comparou as distâncias reais entre as estruturas a partir dos levantamentos que estavam disponíveis naquele tempo. Suas descobertas foram publicadas mais tarde, em 1882, em um livro intitulado *The Solution of the Pyramid Problem*, mas o livro é difícil de se encontrar e deixou de ser publicado há um bom tempo.¹⁴

Na Figura 32 reunimos alguns dos principais aspectos dessa descoberta. Se uma pessoa estivesse no vértice da Grande Pirâmide e olhasse para o Sul, descobriria que ela forma um triângulo reto 20-21-29 com a segunda pirâmide (Quéfren), um triângulo 3-4-5 com a terceira pirâmide (Miquerinos) e outro 3-4-5 com a nona pirâmide, que não pode ser vista porque fugiria da escala do desenho. Ballard afirma que muitos outros triângulos pitagóricos podem ser encontrados quando o resto das estruturas é posto no mapa.

14. *The Solution to the Pyramid Problem*, de Robert Ballard (New York, John Wiley & Sons, 1882).

GEOMETRIA SAGRADA

DISTÂNCIAS A PARTIR DOS CANTOS EXTERNOS DAS CANTONEIRAS DE PEDRA DA GRANDE PIRÂMIDE

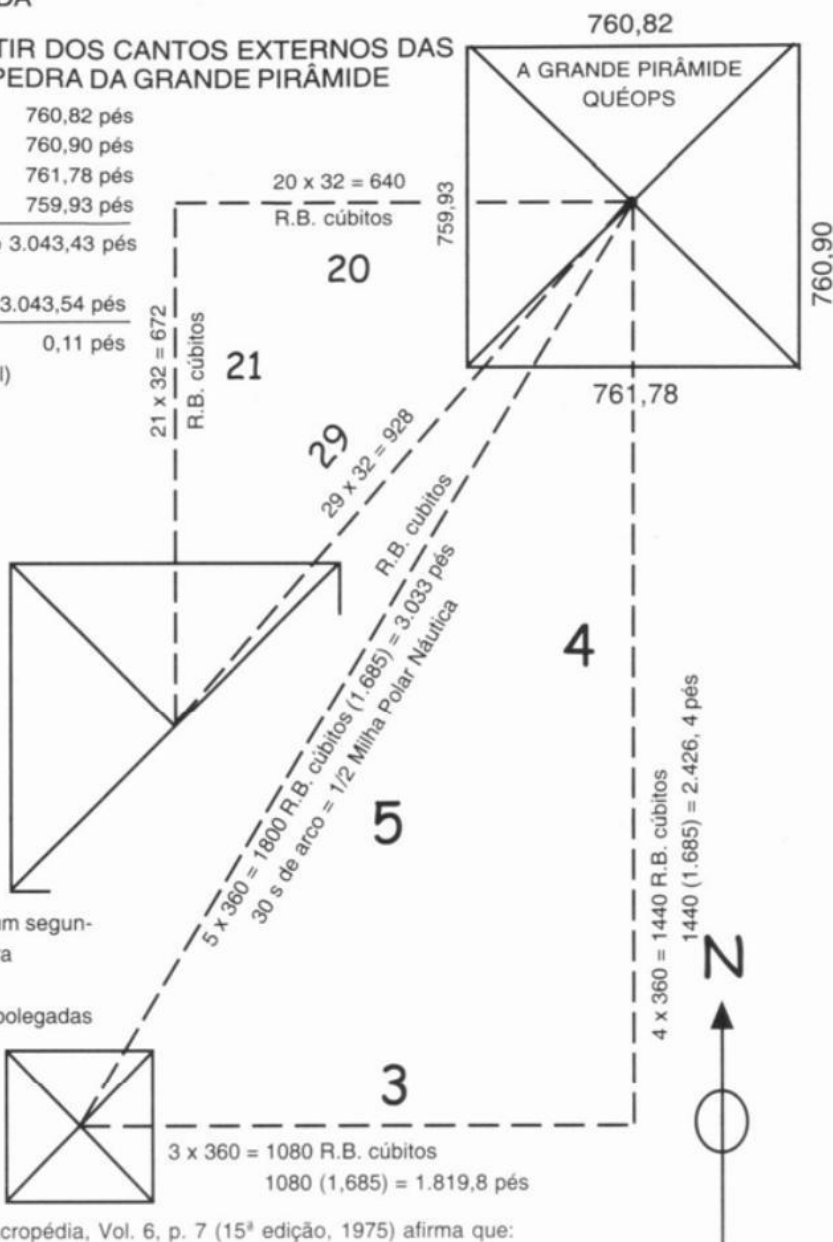
Face Norte	760,82 pés
Face Leste	760,90 pés
Face Sul	761,78 pés
Face Oeste	759,93 pés

Comprimento do perímetro 3.043,43 pés

30 s de arco
no Equador 3.043,54 pés

Diferença 0,11 pés
(½ milha náutica Equatorial)

A SEGUNDA PIRÂMIDE QUÉFREN



Um cúbito R. B. é a 60ª parte de um segundo da circunferência polar da Terra

1,685 pés = 20,22 polegadas
PHE T.V.

A TERCEIRA PIRÂMIDE MIQUERINOS

Enciclopédia Britânica, Macropédia, Vol. 6, p. 7 (15ª edição, 1975) afirma que:

Raio polar da Terra = 6.356.774,5161 metros

Raio equatorial = 6.378.160 metros (exatamente)

Assim:

Comprimento de 30 segundos de arco = $\frac{2\pi R}{(360)(60)(2)} = \frac{(2)(3,1415926)R}{43,200} R = 0,000145444R$

Uma vez que exatamente: 0,3048 metros = 1,00 pé = 12,0 polegadas

30 s no Pólo = 924,55 metros = 3033,30 pés = 36.399,6 polegadas

30 s no Equador = 927,67 metros = 3043,54 pés = 36.522,5 polegadas

Figura 32

*Uma vista de cima das três Pirâmides principais no complexo de Gizé*¹⁵

15. As medidas em torno da base da Grande Pirâmide na Figura 32 são as medidas tiradas diretamente por Petrie das cavidades nas rochas. Ver *The Great Pyramid: Its Divine* de D. Davidson (London, Williams and Norgate. Ltd., 1924, 1948), p. 120.

Mas o mais importante é o comprimento exato do cúbito (o denominador comum, por assim dizer) que os egípcios usavam ao traçar o "plano aéreo" das pirâmides (esse cúbito era diferente do Cúbito Real usado na construção de interiores). Como havia exatamente 1800 desses cúbitos entre os centros das pirâmides de Quéops e Miquerinos, uma distância de 3033 pés, conclui-se que o cúbito tem 1.685 pés de comprimento. Esse número pode ser transliterado como PHE, que é como a letra ϕ (é pronunciada em grego ($\phi = phe$ i, como em 'final'). Ele o chamou de cúbito R. B. porque se parecia muito com o Cúbito Real Babilônico de 0,5131 metros ou 1,68339 pés ($0,5131/0,3048 = 1,68339$). E esse número, estranhamente, pode ser lido como "PH-33-I", ou "O (33) PHI" [Phi], o que nos traz ainda mais provas de sua relação com o Número Áureo.

Mas não é aí que queremos chegar. O importante é que o cúbito R.B. tem exatamente a medida da *60ª parte de um segundo da circunferência polar da Terra*. Além disso, uma vez que uma milha náutica é definida como o comprimento de um minuto de arco medido na circunferência da Terra, a distância entre os centros das pirâmides de Quéops e Miquerinos é exatamente metade de uma milha náutica *Polar* (30 segundos = meio minuto de comprimento de arco).

Tudo certo, diz você. Mas e quanto ao comprimento de uma milha náutica medida no Equador? Ahá! Aqui a Consciência de Deus tira seu As da manga. Nos quatro cantos da Grande Pirâmide, cortados em pedra para que ali permaneçam para sempre, estão as cantoneiras em que ficava o revestimento original, do qual resta muito pouco. Assim, muito embora o revestimento tenha sido removido há muito tempo, os quatro cantos da Grande Pirâmide foram estabelecidos sem qualquer sombra de dúvida. As dimensões são mostradas no canto superior esquerdo da Figura 32. E ali está a resposta. O perímetro mensurado da Grande Pirâmide no nível da *base* é de 3.043,43 pés, que é quase exatamente o mesmo de 30 segundos de arco no Equador ou meia milha náutica *Equatorial*.

Pense nisso. A Consciência de Deus teve todo esse trabalho para fazer o perímetro da Grande Pirâmide de Quéops exatamente igual a meia milha náutica medida no *Equador* da Terra, em oposição à distância exata da Grande Pirâmide à terceira Pirâmide de Miquerinos, que tem exatamente a medida de meia milha náutica mensurada no *pólo* da Terra. E para os que pensam que estamos inventando, as medidas reais foram tiradas da mais recente edição da *Enciclopédia Britânica*. Elas são mostradas, junto com nossas contas, na parte de baixo da Figura 32, se você quiser conferir.

Mas como conseguiram fazer isso?, pergunta você. Qual foi o segredo que capacitou esses antigos egípcios a obter esse conhecimento? Bem, assim como tudo o mais na Cabala, se você quiser saber a resposta para algo, basta perguntar. E a resposta é surpreendentemente simples. De fato, o segredo é revelado simplesmente descobrindo-se quantos metros há em

uma jarda. Se há 0,3048 metros em um pé (a conversão padrão internacional), há naturalmente três vezes isso em uma jarda: 1 jarda = 3 x 0,3048 metros = 0,9144 metros, que podem ser facilmente transliterados na resposta "I ADD" [*Eu acrescento*]. É exatamente como Deus o faz.

Stonehenge* e Glastonbury

De volta à Inglaterra, chegamos a dois de seus mais sagrados sítios da Antiguidade: o templo de Stonehenge e, a cerca de 40 milhas a leste, nas redondezas da cidade de Glastonbury, a antiga Avalon, a nova Jerusalém. É preciso lembrar que a carta para os segredos de Glastonbury e todo o complexo avaloniano reside nos contornos da paisagem. Seu famoso Tor, o morro cônico a leste da cidade, tem em seu cume uma torre medieval visível a muitas ilhas, em torno da qual as características naturais da Terra formam um enorme zodíaco terrestre.

Nas escarpas inferiores do Tor estão as ruínas da Abadia de Glastonbury, construída no local da igreja de pau-a-pique original estabelecida por São José de Arimatéia pouco depois da crucifixão. Esse famoso santuário foi destruído pelo fogo em 1184, mas reergueu-se das cinzas como a famosa Fênix e tornou-se ainda mais grandioso e glorioso do que antes. Dizia-se que o Rei Artur fora enterrado ali e sua famosa biblioteca e outros tesouros acabaram por se tornar os mais ricos da Inglaterra. Isso durou por mais de 350 anos, até sua destruição final e a supressão dos monastérios em 1539. A abadia tornou-se, então, uma pedreira para construções e estradas, tendo sofrido, portanto, o mesmo destino do revestimento da Grande Pirâmide no Egito. Mas mesmo que restem apenas as ruínas da Capela de Santa Maria e outras partes da abadia, ainda se pode sentir o encantamento místico que emana eternamente desse ponto sagrado.

Por outro lado, o templo de Stonehenge, que fica a cerca de oito milhas a norte de Salisbury, nunca teve uma encarnação cristã. Pertence definitivamente a uma cultura pré-histórica. Teve seus princípios por volta de 2800 a.C., quando foi usado como observatório astronômico. Isso ocorreu cerca de 2 mil anos antes mesmo que os celtas chegassem à Grã-Bretanha, mas naquela época não tinha a mesma aparência que tem hoje em dia. Seu círculo exterior de 30 pilares de rocha de arenito, cada um dos quais encimado por um lintel de pedra, não estava instalado e organizado até cerca de 1550 a.C. Veja a ilustração na Figura 33.¹⁶

* N.E.: Sugerimos a leitura de *Thot: Arquiteto do Universo – Mapas Neolíticas da Terra* de Ralph Ellis, Madras Editora.

16. A vista de Stonehenge na Figura 33 vem do *Illustrated Guide to Old Sarum and Stonehenge* (Salisbury: Brown & Co. 1877) Essa reprodução vem da p. 120 de *The New View Over Atlantis* de John Michell.

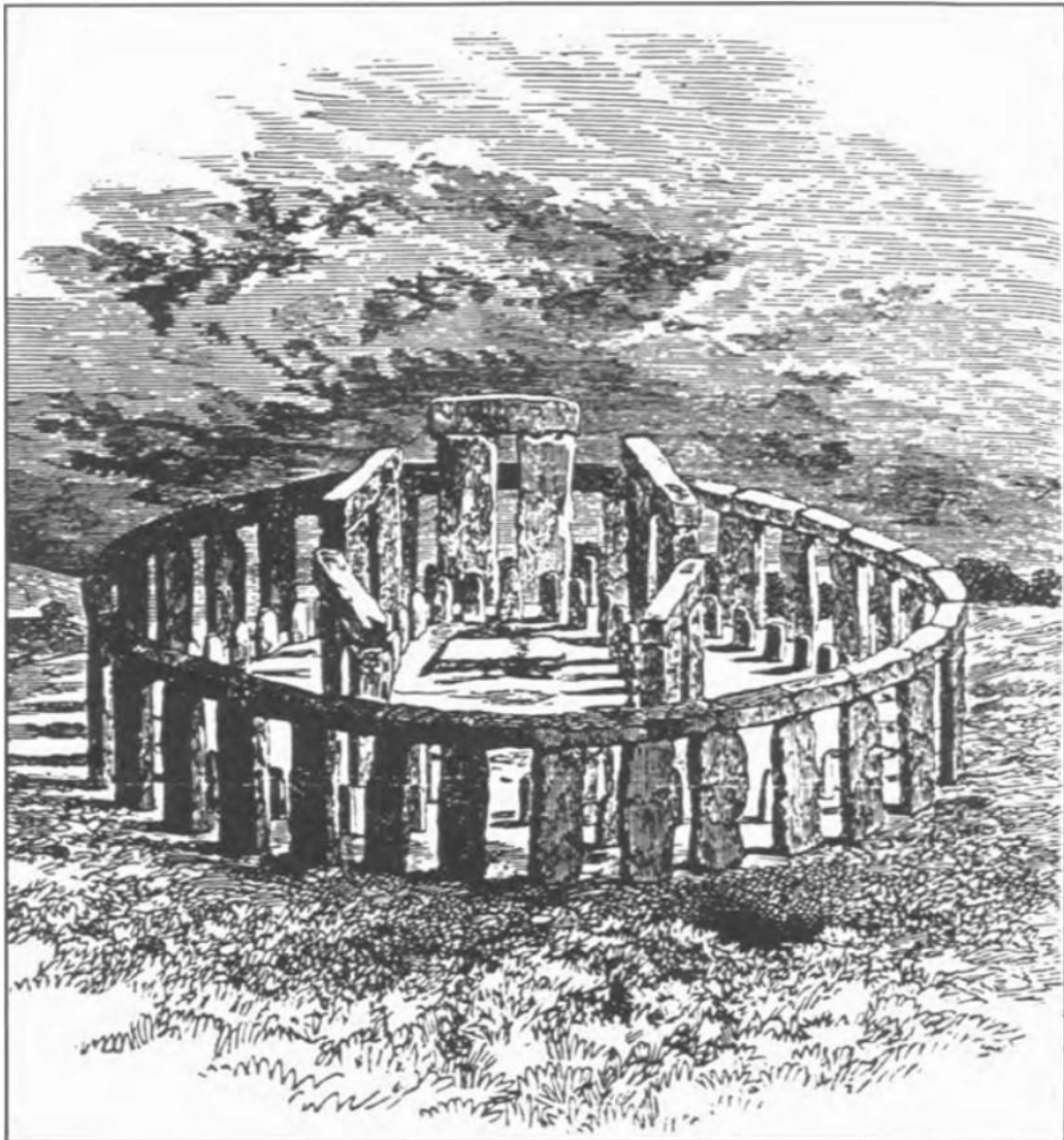


Figura 33

Um conceito do Templo restaurado de Stonehenge, desenhado no século XIX.

Mas hoje, tudo o que resta do círculo completo de 30 lintéis e 30 colunas, cada uma com 13 pés e $1/2$ de altura, são seis lintéis de pedra curvados e 17 pilares em pé. Eles são mostrados em preto no anel de lintéis reconstruído na Figura 34. Mas mesmo estando o círculo incompleto, restam lintéis e colunas suficientes para se reconstruir a Geometria Sagrada com a qual essa espantosa estrutura foi construída.

Como começar? Começaremos estudando a pesquisa de outros, especialmente as realizadas por John Michell, um dos principais pesquisadores e escritores da área. Até onde sei, embora possa estar enganado, ele foi o primeiro a resolver o problema com sucesso e a análise que se segue foi tirada em parte de seus dois volumes: *The City of Revelation* e *The New View Over Atlantis*, uma edição revisada de um trabalho anterior com o mesmo título.

Um exame dos lintéis restantes mostra que todas as 30 pedras originais foram entalhadas em suas faces interna e externa para formar arcos de dois círculos cujos raios diferem segundo a largura de um lintel. São unidos um ao outro e a suas respectivas colunas por um sistema de encaixes para ficarem perfeitamente nivelados enquanto a estrutura existir. As faces internas polidas das colunas são também entalhadas para ter o mesmo raio dos lintéis.

Essa precisão significa que o anel dos lintéis poderia facilmente trazer um registro permanente de um padrão de medida do mesmo tipo. O diâmetro do círculo entre as faces internas das colunas e lintéis foi medido com muita precisão pelos pesquisadores modernos, confirmando o número obtido por William Flinders Petrie em 1880, de 97,325 pés. A largura dos lintéis, de acordo com o Stonehenge de Atkinson e outras autoridades, é de cerca de 3,5 pés. Portanto, somando-se duas dessas larguras ao diâmetro interno, o diâmetro externo seria aproximadamente igual a 104,325 pés.

Mas conhecendo a tendência desses antigos construtores megalíticos para se aproximar de números inteiros, a medida aproximada de 3,5 pés poderia ser considerada mais precisamente como tendo 3,4759 pés, pois $28 \times 3,4759 = 97,325$ pés (o valor estabelecido para o diâmetro interno das colunas e lintéis). Ademais, uma vez que a circunferência de um círculo é de 1t vezes seu diâmetro, isso explicaria a razão por que eles dividiam o círculo em 30 segmentos. Desse modo, tomando-se a largura do lintel como uma unidade, o comprimento do arco de sua face externa seria exatamente igual a π . Uma divisão do círculo em qualquer outro número de colunas e lintéis não produziria esse resultado.

Segue-se, então, que o padrão de medição que procuramos é igual a 3,4759 pés ingleses. Mas essa unidade, como se verificou, é exatamente a mesma unidade que sir Isaac Newton buscava quando queria testar sua teoria da gravidade. Era o "cúbito sagrado" hebraico, que se dizia ser uma milionésima parte do raio polar da Terra, e sua dissertação sobre o assunto foi incluída em seu *Lexicon Propheticum*, publicado dez anos após sua morte. Hoje, a Enciclopédia Britânica informa que seu raio polar é de 6.356.774,5 metros (ver Figura 32) e, quando convertemos a medida métrica para pés, descobrimos que uma sexta milionésima parte do raio polar tem exatamente a mesma medida (exata em até 4 casas decimais) que a largura dos lintéis de Stonehenge:

$$\frac{\text{Raio Polar}}{6.000.000} = \frac{6.356.774,5 \text{ metros}}{0,3048 \times 6.000.000} = 3,4759266 \text{ pés.}$$

Temos, assim, uma espantosa confirmação do conhecimento matemático e astronômico que essa antiga civilização parecia possuir. As figuras 34 e 35 mostram essa unidade como uma vara sagrada em vez de um cúbito, porque seu comprimento verdadeiro aproxima-se mais de uma jarda do que das dimensões normais de 18 a 20 polegadas de um cúbito. A Figura

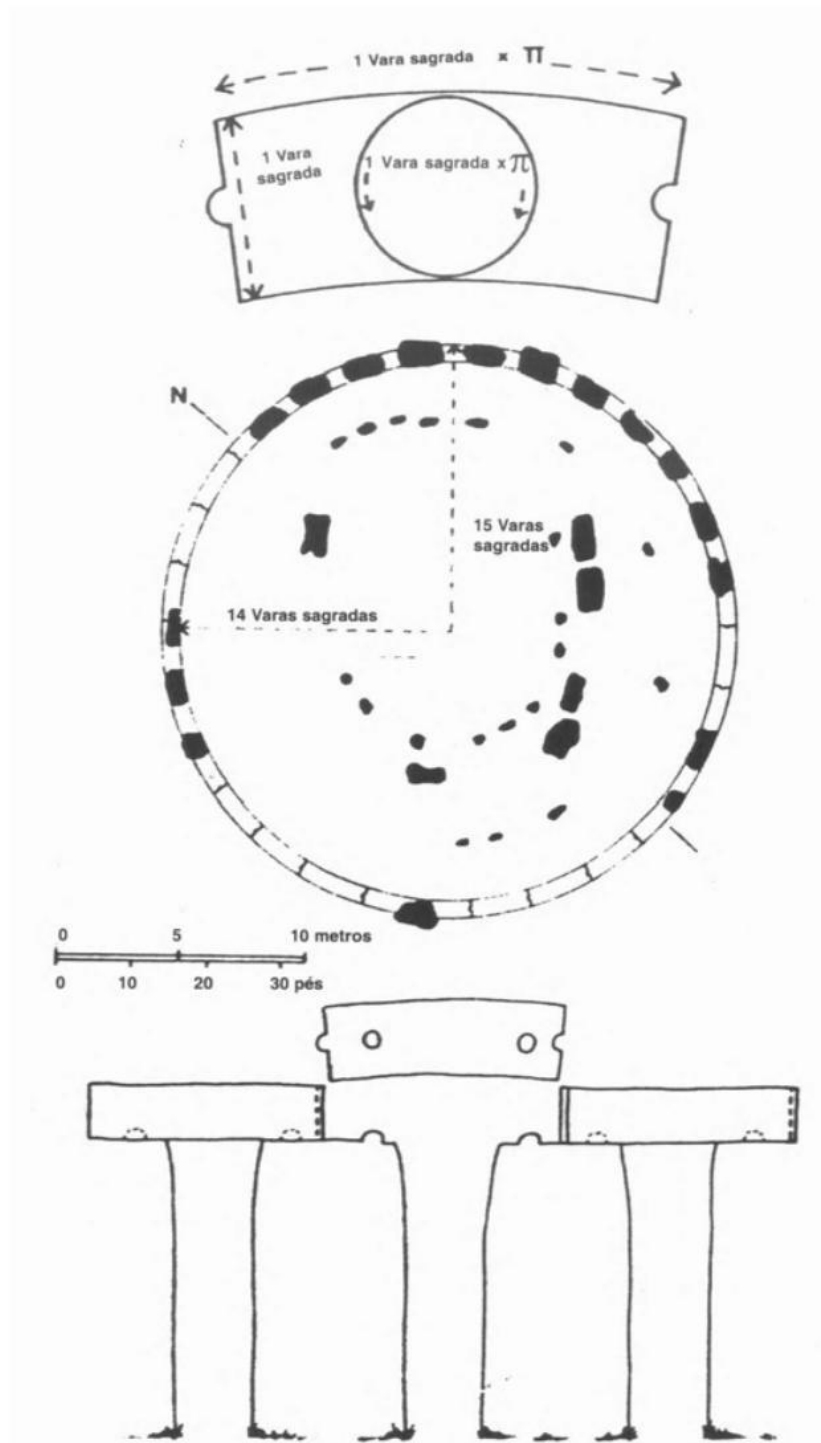


Figura 34
A Geometria Sagrada oculta no anel externo de arenito em Stonehenge¹⁷

17. Dois excelentes livros anteriores de John Michell sobre a Geometria Sagrada são 1) *City of Revelation* e 2) *The View Over Atlantis*, publicados pela Ballantine Books em 1972 e 1973. A Figura 34 é uma reconstrução de um desenho original da p. 129 de *The New View Over Atlantis* (Ibid.)

35 mostra como as dimensões de Stonehenge conformam-se ao diagrama da Nova Jerusalém, que será discutido em seguida.¹⁸

A Nova Jerusalém: A Cidade da Revelação

É evidente que houve uma era de ouro do conhecimento espiritual. De outra maneira, as antigas civilizações do passado não poderiam estar tão conscientes desses princípios universais como evidentemente estavam. Mas se essa era de ouro existiu no passado, deve voltar a existir no futuro.

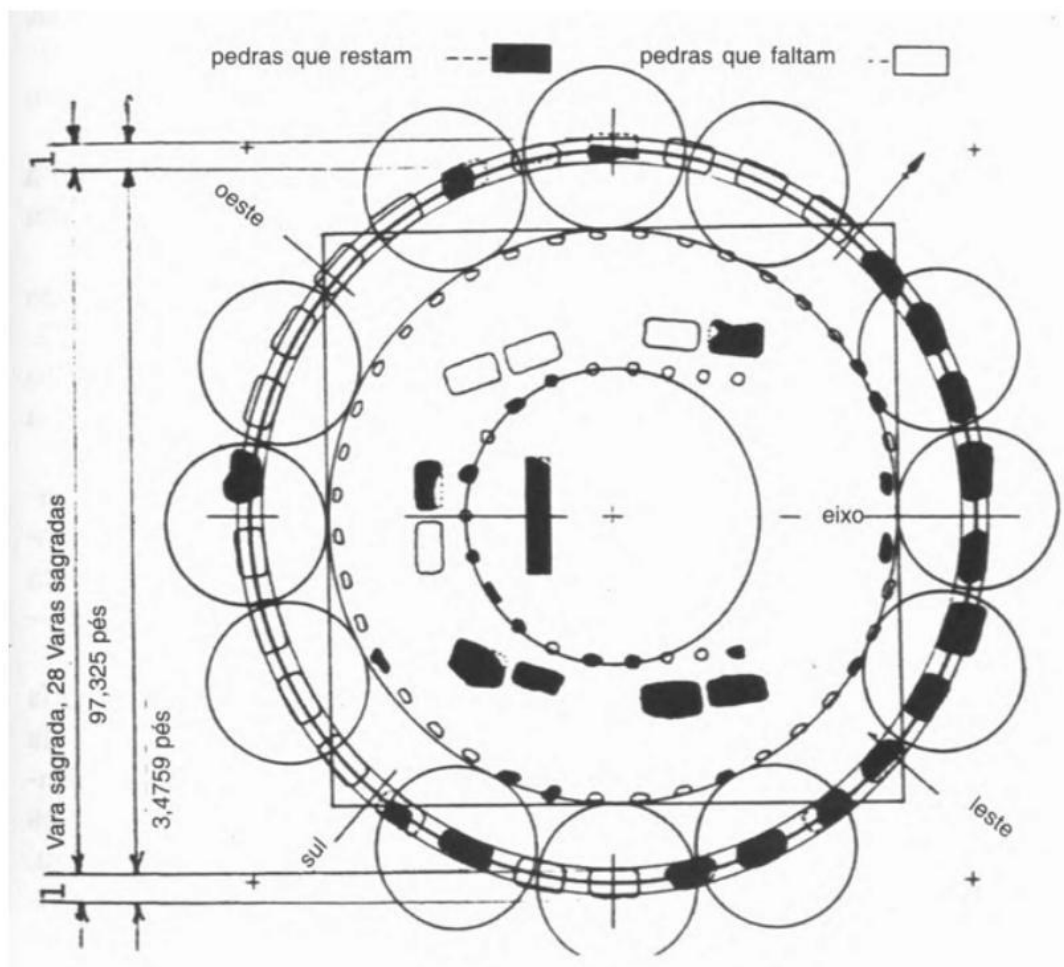


Figura 35 (Vide nota 18)

Os círculos do diagrama de Nova Jerusalém, desenhados com as dimensões corretas como estão em Glastonbury, definem as medidas dos anéis de pedra concêntricos em Stonehenge

18. As Figuras 35 e 38 foram também adaptadas de diagramas das pp. 184 e 178 de *The New View Over Atlantis*. A pesquisa de Michell é tão importante que tivemos de devotar a maior arte deste capítulo a ela. O diagrama básico da Figura 35 foi feito a partir de C. A. Newham e foi publicado pela primeira vez em *The Astronomical Significance of Stonehenge* (Leeds, John Blackburn, 1972).

Essa é a profecia dos dois últimos capítulos da *Bíblia*, capítulos 21 e 22 do Livro do Apocalipse. O capítulo 21 começa desta forma:

"Vi novo céu e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe." (21:1)

"Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, ataviada como noiva adornada para o seu esposo." (21:2)

São João delinea, então, a cidade canônica com o templo no centro, tomando como modelo três das figuras básicas da Geometria Sagrada: o cubo, o círculo e o quadrado, que são a medida do cubo:

"A muralha da cidade tinha 12 fundamentos, e estavam sobre estes os 12 nomes dos 12 apóstolos do Cordeiro." (21:14)

"Aquele que falava comigo tinha por medida uma vara de ouro para medir a cidade, as suas portas e a sua muralha." (21:15)

"A cidade é quadrangular, de comprimento e largura iguais. E mediu a cidade com a vara até 12 mil estádios. O seu comprimento, largura e altura são iguais." (21:16)

A chave, aqui, reside na quadratura do círculo. Tanto os lados do quadrado quanto a circunferência do círculo relacionam-se ao número 12. O mostrador de um relógio divide-se em 12 horas e o círculo do céu (o zodíaco) divide-se em 12 signos. Mas "a cidade é quadrangular", ele diz, ou seja, os lados do quadrado são iguais à circunferência do círculo.

A cidade também é comparada a um cubo cujos lados são numericamente equivalentes em escala microcósmica a 12 oitavos de milha de comprimento. Uma vez que há 660 pés em um oitavo de milha, isso significa que um cubo equivalente teria lados de 660×12 ou 7920 pés de largura — *a mesma distância, em pés, que o diâmetro médio da Terra em milhas.*

Mas estamos aqui falando de um casamento, uma "noiva adornada para o seu esposo". Portanto, devemos levar a Lua, a companheira da Terra, em consideração. E o único modo pelo qual podemos realizar o casamento é trazer a Lua para as proximidades da Terra e, ao fazê-lo, unir os aspectos masculino e feminino do sistema Terra/Lua em uma só consciência. Em outras palavras, ao trazer a Cidade Santa, a Nova Jerusalém, à manifestação, nós esquadramos literal e realmente o círculo da Terra, que é matematicamente igual à órbita da Lua em torno dela. Os detalhes da construção são mostrados na Figura 36.

O que torna possível esquadrar a Terra são os diâmetros relativos únicos da Terra e da Lua. A maioria das enciclopédias informa o diâmetro da Lua como 2.160 milhas; a Figura 32 mostra que o diâmetro da Terra pode ser convertido para 7.900 milhas nos pólos e 7.927 milhas no Equador. Mas se supusermos um valor médio de 7.920 milhas (que é $20/27$ da diferença entre os extremos), traremos Deus à manifestação, já que a fração $20/27$ converte-se na dízima periódica 0,7 407 407 407 407..., que se translitera como GOD GOD GOD GO [Deus Deus Deus Vai] quando lida da direita para a esquerda. Isso cumpre a profecia do terceiro versículo,

que diz: "Então ouvi uma grande voz vinda do trono, dizendo: eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus e Deus mesmo estará com eles." (21:3)

Outra razão para arredondar o diâmetro médio da Terra para 7.920 milhas é reduzir os diâmetros relativos dos dois corpos a números inteiros e pares. Uma simples divisão por 720 faz o serviço e, vejam só! O diâmetro da Lua torna-se 3 (seu símbolo natural, que é C), e o diâmetro da Terra torna-se 11 (a letra K, o King [Rei]). Além disso, ela também nos permite usar a fração $\frac{22}{7}$ para o valor de π , reduzindo assim todo o processo de transformação a uma operação de fácil visualização envolvendo números inteiros simples.

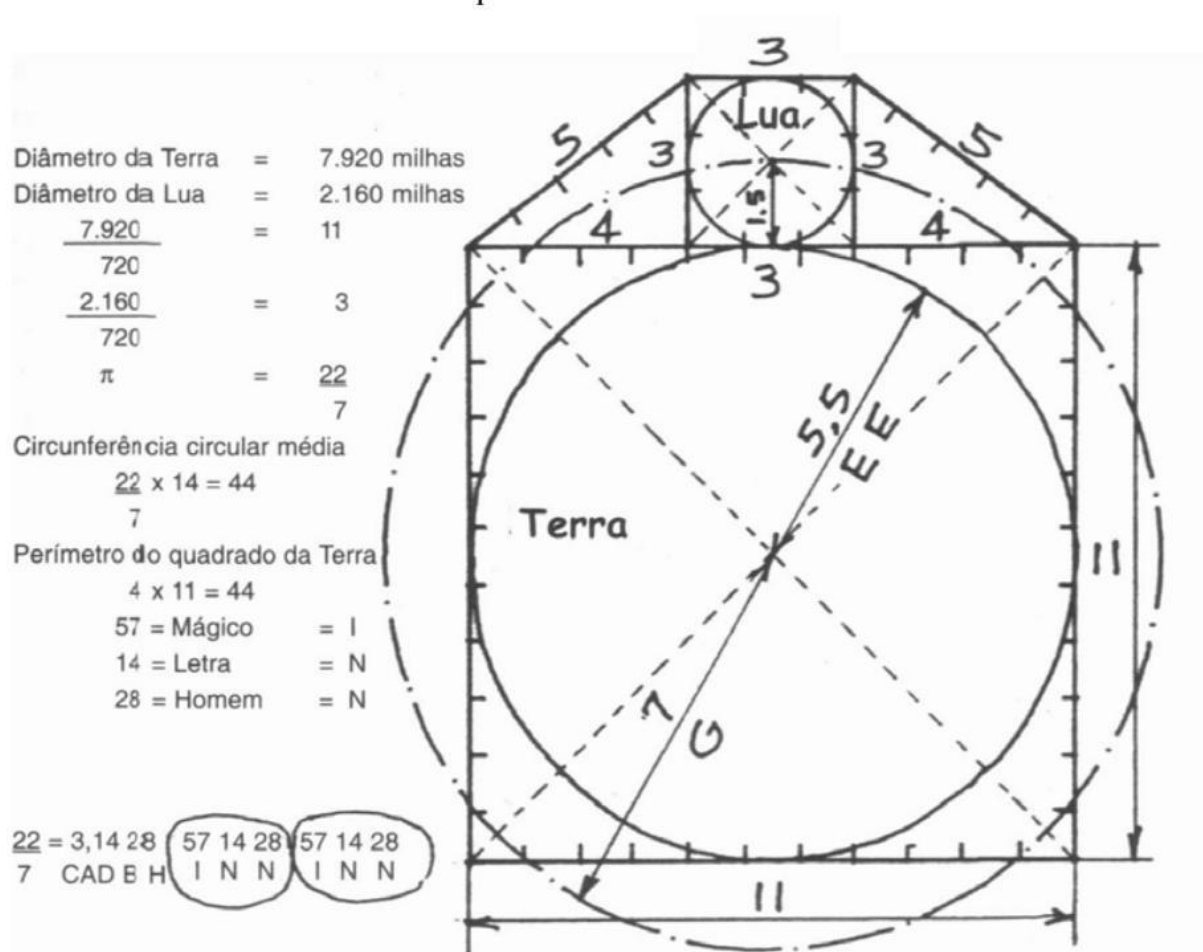


Figura 36
Como a Lua esquadra o círculo da Terra

O próximo passo é aproximar mentalmente a distância entre a Terra e a Lua a um ponto em que a Lua possa simplesmente rolar em torno da Terra. Mas ao fazê-lo, a distância circular pela qual viaja durante uma revolução em torno da Terra (a circunferência circular média dos dois corpos) acaba sendo o número 44, exatamente o perímetro do quadrado da Terra. Em outras palavras, os tamanhos relativos da Terra (o Rei) e sua noiva, a Lua, são tais que a Lua esquadra o menor círculo da Terra ou a Terra esquadra o maior círculo da Lua. É um trocadilho e pode ser dito *de* qualquer maneira.

Assim, não apenas um relacionamento extremamente singular existe entre o Sol e a Lua (eles *parecem* ter quase exatamente o mesmo tamanho quando vistos a partir da Terra), mas uma singularidade de ordem inteiramente diferente e tão profunda quanto seus conceitos filosóficos também existe entre a Terra e a Lua, coisa que comprova o seguinte versículo:

"No meio da sua praça, de uma e outra margem do rio, está a *árvore da vida*, que produz 12 frutos, dando o seu fruto de mês em mês, e as folhas da árvore são para a cura dos povos." (22:2)

Mas o que é a árvore da vida? No próximo capítulo vamos provar que é "A Grande Pirâmide do Imperador", cujo número alfa é 314, os primeiros três dígitos de Pi (π). E é o poder dessa mesma pirâmide, a *Árvore da Vida da Grande Pirâmide*, que a capacita a agir como intermediário entre a Terra e a Lua de modo tal que cada uma delas pode esquadrear o círculo da outra (ver Figura 37).

Na Figura 36 anterior, a Lua era mostrada encaixada em um quadrado 3 x 3 apoiado em dois triângulos 3-4-5. Essa é, portanto, a razão para o agrupamento de seus círculos em grupos de três na Figura 37. Ela está cheia quando se encaixa no quadrado; está enchendo ou minguando quando no estágio triangular 3-4-5; e desaparece completamente nos cantos inclinados da Grande Pirâmide quando se move de um de seus reinos (faces) para outro. Porém, o perímetro de sua caixa é sempre 12; a soma de um triângulo 3-4-5 é igual à soma de um quadrado 3-3-3-3. Os seguintes versículos acentuam ainda mais esse papel:

"(A Cidade) Tinha grande e alta muralha, 12 portas, e junto às portas 12 anjos, e sobre elas nomes inscritos, que são os nomes das 12 tribos dos filhos de Israel." (21:12)

"Três portas achavam-se a leste, três ao norte, três ao sul e três a oeste." (21:13)

Além do 12, o número mais característico da Nova Jerusalém é o sete. No Livro do Apocalipse há sete igrejas, sete castiçais, sete estrelas, sete anjos, sete selos, etc., e mesmo a besta tem sete cabeças que são sete montanhas da prostituta da Babilônia. Portanto, a geometria do sete deve figurar em algum lugar da Cidade Santa. Isso se realiza por meio de uma estrela de sete pontas, levemente irregular e cujas pontas cortam três círculos em seus centros, dois círculos no perímetro exterior e duas junções da órbita da Lua com a base quadrada da pirâmide, completando, assim, o necessário circuito de comunicação entre esses pontos de contato críticos.

Vamos agora olhar para a pirâmide em si na Figura 37. Para manter a órbita circular da Lua com exatamente o mesmo comprimento do perímetro de sua base quadrada, ela deve ser uma pirâmide Pi/Phi similar à Grande Pirâmide de Gizé, ou seja: 1) a razão entre metade do perímetro de sua base E-F-G-H para sua altura A-O deve ser igual a π ; e (2) o comprimento de seu apótema A-B, quando dividido por sua meia-base B-O, deve estar na Divina Proporção, o Número Áureo, que é ϕ .

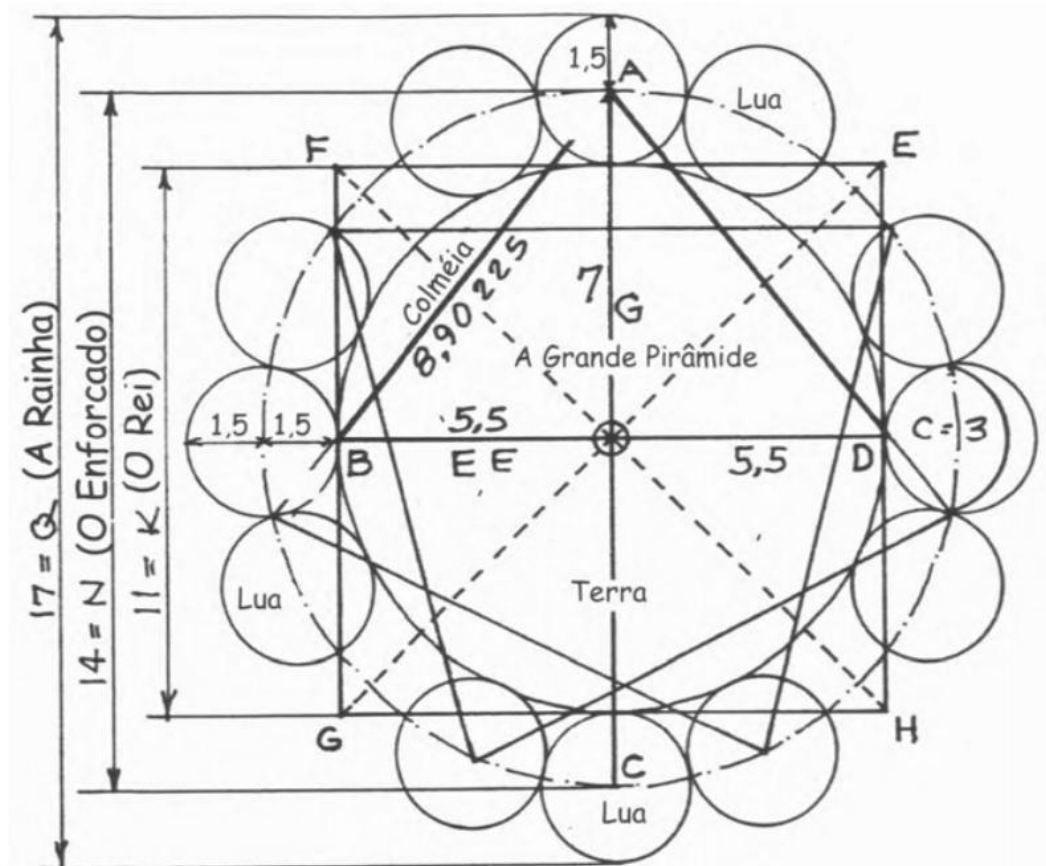


Figura 37
O poder de Pi/Phi da Árvore da Vida da Grande Pirâmide

Já vimos como a fração $\pi 22/7$ funciona bem com os diâmetros relativos de 3 para a Lua e 11 para a Terra:

$$\text{Órbita circular da Lua} = \pi r D = 22/7 \times 14 = 44$$

$$\text{Perímetro da quadratura da Terra} = 4 \times 11 = 44$$

Mas ainda não verificamos a precisão dessas duas unidades no que diz respeito à parte 11). A primeira conta a fazer é encontrar o valor do apótema A-B (a distância do vértice à base, medida pelo centro de um dos lados)

Usando o teorema de Pitágoras:

$$AB^2 = BO^2 + OA^2 = (5,5)^2 + (7)^2 = 79,25$$

G I B E

$$\text{Apótema} = AB = \sqrt{79,25} = 8,90225$$

H I V E

$$\frac{\text{Apótema}}{\text{Meia-base}} = \frac{8.90225}{5,5} = 1,61859 = \text{Phi} (\phi = 1,618034)$$

$$\text{Meia-base} \quad 5,5$$

Assim, não apenas encontramos os diâmetros relativos da Terra e da Lua capazes de esquadrear o círculo, como são igualmente válidos ao trazer o Número Áureo Phi à manifestação. De fato, eles o fazem com precisão

ainda maior que a produzida pela estrutura geométrica da dupla *vesica piscis*. Em nosso sistema Terra/Lua, a precisão do Phi é levada um dígito além, para quatro dígitos, em vez da precisão de três dígitos da Figura 25.

Além disso, no sistema Terra/Lua ainda ganhamos mais um bônus. Por meio dos próprios números, a Consciência de Deus informa-nos que a Terra é muito semelhante a uma colméia — um GI (government issued) BEE-HIVE [colméia LG (lançado pelo governo)]. O dicionário *Webster* define a palavra "colméia" como: 1) uma colônia de abelhas e 2) um lugar fervilhando com ocupantes atarefados. E penso que você terá de concordar: essa é uma descrição muito apropriada da vida aqui na Terra.

Mas onde entra a Abadia de Glastonbury nisso tudo? Vimos a relação que Stonehenge traz com os círculos da Terra e da Lua comparando a Figura 35 com a Figura 37. Aqui, o diâmetro do círculo de arenito exterior de Stonehenge é numericamente o mesmo em *pés* do que a soma dos diâmetros da Terra e da Lua em *milhas* ($97,325 \text{ pés} + 3,475 \text{ pés} = 100,80 \text{ pés}$, versus $7.920 \text{ milhas} + 2.160 \text{ milhas} = 10.080 \text{ milhas}$). Mas onde entra a Abadia de Glastonbury nesse quadro?

Em 1907, a Igreja da Inglaterra adquiriu o sítio das ruínas de Glastonbury; começou então a fazer reparações por sua anterior destruição da Abadia com a nomeação de Frederick Bligh Bond, uma autoridade em arquitetura medieval, como diretor das escavações. Desde o início ele teve sucesso, não apenas em descobrir partes desconhecidas da Abadia como também em estabelecer comunicação com os monges da antiga Abadia por meio de escrita automática. Mas de um modo ou de outro, descobriu-se que as dimensões da atual Capela da Santa Maria eram de $39,6 \times 68,6$ pés, uma razão de 1 para Uma propriedade do retângulo si3 é que o diâmetro do círculo contido dentro dele tem metade do diâmetro do círculo em que o próprio retângulo inscreve-se. Aqui, o diâmetro do círculo interior na planta baixa da Capela de Santa Maria é de 39,6 pés e o diâmetro do círculo exterior é de 79,2 pés — provando ser, também, *numericamente igual ao diâmetro da Terra em milhas*. A planta baixa da Capela é mostrada no retângulo pontilhado inscrito no círculo da Terra na Figura 38.

A Figura 38, portanto, é um desenho composto do sistema Terra/Lua, a Capela de Santa Maria na Abadia de Glastonbury, os círculos exterior de arenito e interior de pedra azul de Stonehenge e da Árvore da Vida da Grande Pirâmide que os liga em um todo composto. E, é claro, também representa a Nova Jerusalém, a Cidade Santa, vista por São João nos capítulos 21 e 22 do Livro do Apocalipse. Mas esse é apenas um resumo. Para os que desejam estudar o assunto mais a fundo, recomendo vivamente os dois volumes anteriormente mencionados de John Michell.

Os Mistérios da Luz

Nosso capítulo sobre Geometria Sagrada não estaria completo sem ao menos falarmos do grande mistério da Luz. O que é a Luz, afinal, e qual

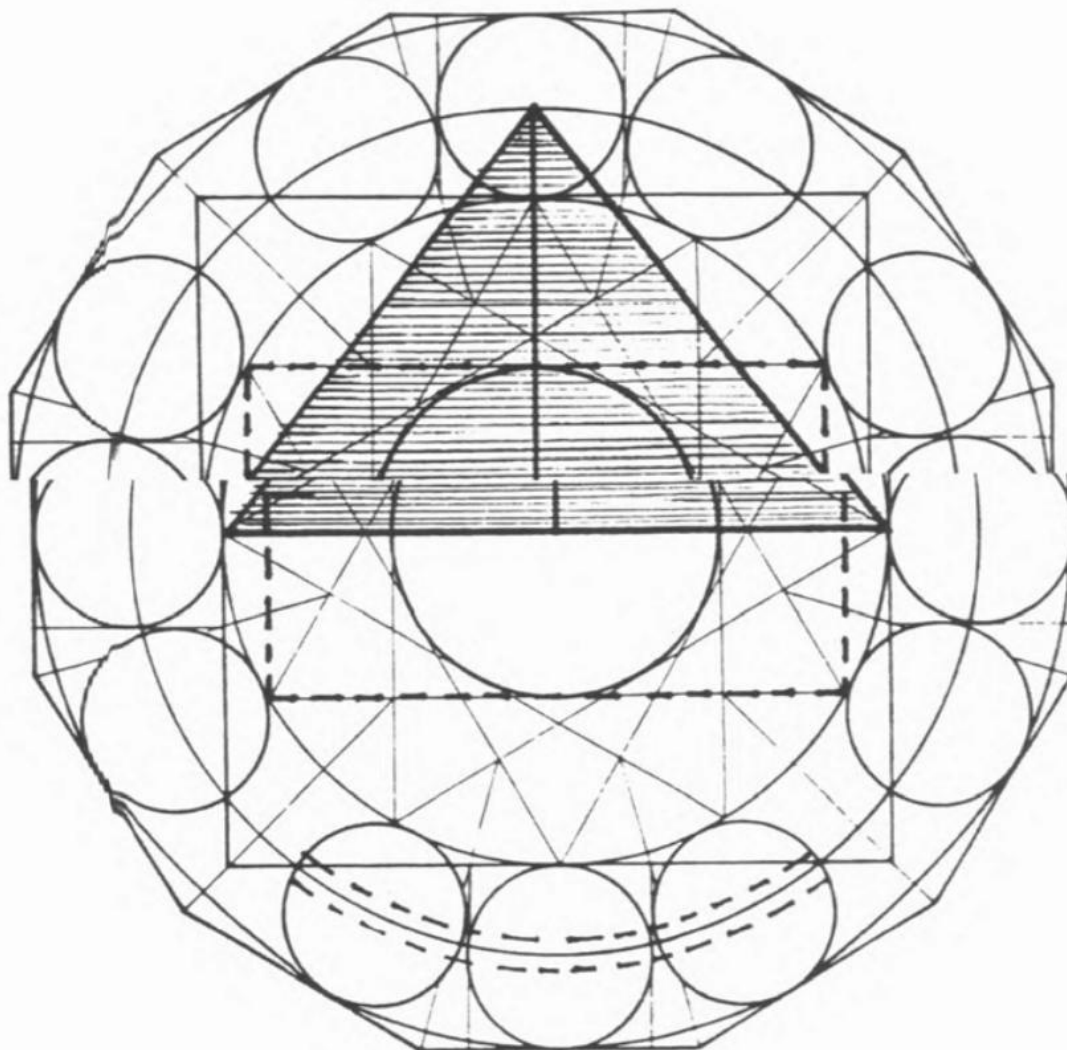


Figura 38 (Vide nota 18)

O diagrama da antiga cosmologia de Nova Jerusalém, incluindo as plantas baixas de Stonehenge e do santuário de Glastonbury. Dimensões:

*12 círculos pequenos, cada um com diâmetro de 12,60 pés
círculo no centro dos círculos pequenos, diâmetro de 100,8 pés
círculo dentro do quadrado, diâmetro 79,20 pés.*

Como um esquema de cosmologia, o diagrama é medido em unidades de cem minas em vez de pés. Assim, o diâmetro do círculo dentro do quadrado passa a ser de 7.920 milhas, o diâmetro da Terra, e o diâmetro dos círculos pequenos 2.160 milhas, igual ao diâmetro da Lua.

sua função? Essas são boas perguntas e boas perguntas *merecem* uma resposta. Aprendemos que a Consciência de Deus projetou cada uma das principais palavras da língua inglesa com o propósito expresso de revelar, na própria palavra, seu verdadeiro significado e função. Bem, vamos fazer com que a Cabala enfrente o teste e novamente mostrar suas cores esvoaçantes. Veja a Figura 39.

O número Alfa da palavra LIGHT [Luz] é 56 ($12 + 9 + 7 + 8 + 20 = 56$), mas seu número Natural é 1.297.820. Ao ler seu número Alfa trazemos a Grande Sacerdotisa à manifestação, já que 56 é transliterado como

EF, o nome da letra F, símbolo da Grande Sacerdotisa (Carta 2 do Tarô). Isso já é bastante interessante, mas se lermos o Número Natural, a razão para o modo aparentemente sem sentido como a palavra é soletrada fica em evidência, como mostra a seguinte análise:

$$\begin{array}{rcl} \text{LUZ} & = & 1.297.820 \\ \text{LUZ} & & \text{A Grande H}_2\text{O} \end{array}$$

Isso é muito revelador, uma vez que H_2O é o símbolo químico da Água e, não apenas isso, como uma BIG WATER [Água Grande] é um SEA [Mar], que pode ser lido como CI, o nome da letra "C" em inglês. Essa letra é também o símbolo científico da própria velocidade da Luz (a constante eletromagnética), que é igual a 300 mil quilômetros por segundo, novamente uma manifestação do número 3. E se você procurar a carta do Tarô cujo símbolo é C, encontrará a Lua (Carta 18 do Tarô) e, nela, você SEE [Verá] toda a vida desenvolvendo-se a partir do SEA [Mar] e para o "C".

$$\begin{array}{c} \text{LUZ} \\ 12-9-7-8-20 \\ = 1.297.820, \\ \text{A GRANDE H}_2\text{O} \\ \text{H}_2\text{O} = \text{O Símbolo Químico} \\ \text{da Água} \\ \text{Assim, A Luz é a Grande Água.} \\ \text{E o que é a Grande Água?} \\ \text{A Grande Água é o Mar} \\ \text{MAR} = \text{VER} = \text{CE} \\ \text{C} = \text{A Velocidade da Luz} \\ = 300.000 \text{ Km/S} \\ \text{Assim nós vemos(See) por que a vida deve} \\ \text{desenvolver-se a partir do mar (Sea)} \\ \text{e ir para o C (CEE)} \end{array}$$

Figura 39



Figura 40
A 18ª Carta do Tarô (a letra inglesa C)

Nessa carta do Tarô, o caminho da evolução no plano terrestre está demarcado muito claramente e é simbolizado por uma estrada longa e tortuosa que começa no mar e atravessa a Terra. No meio do caminho estão duas colunas ou torres, que são as colunas Boaz e Jaquim, as duas colunas ladeiam a Grande Sacerdotisa (Carta 2 do Tarô). A partir desse ponto o caminho sobe pelas escarpadas montanhas mostradas a distância.

Mas antes da corporificação no reino humano por meio do útero da Grande Sacerdotisa, as fases inferiores da vida desenvolvem-se e tornam-se aquilo que devem ser. Em primeiro plano aparece um lagostim, simbolizando a vida nos primeiros estágios da revelação consciente. Um pouco mais adiante no caminho há um lobo e um cão. O lobo é uma das criações selvagens da natureza e o cão é o resultado da adaptação dele à convivência com o homem. Isso ocorre por meio da interação dos 15 Yods (gotas de orvalho do pensamento) com a consciência em desenvolvimento enquanto ela se empenha em atingir a auto-realização. Em toda parte que olhamos, aparentemente, há uma espantosa confirmação da sabedoria oculta contida no Tarô e na Cabala.

Vamos agora olhar os aspectos geométricos da Luz: para isso, precisamos estudar sua velocidade. O famoso experimento de Michelson-Morley de 1881 provou que a velocidade da luz permanece constante e não é afetada pelo movimento da Terra ou do corpo da qual é emitida. Assim, um raio de luz emitido de qualquer ponto do Universo sempre viajará na mesma velocidade, não importa se foi enviado a favor ou contra a corrente do chamado éter do espaço.

A velocidade da luz é, portanto, uma constante fundamental da Física e recebeu o símbolo "c". Seu valor foi conferido muitas vezes e medido com precisão como 299.792,5 quilômetros por segundo. Além disso, todos os sinais elétricos de qualquer natureza viajam nessa velocidade e não faz diferença ser a luz de uma estrela, raios cósmicos, raios X ou mesmo sinais de rádio e de TV – a velocidade será sempre a mesma.

A universalidade dessa velocidade explica, assim, por que a *Bíblia* identifica tão freqüentemente Deus com a Luz. Por exemplo, "Deus é luz, e não há nele treva nenhuma". (I João 1:5). Se assim é, vamos tentar descobrir *por quê*. Mas antes vamos lembrar que a velocidade da luz (agora chamada constante eletromagnética) não é um número particular em si, mas uma *razão* entre números, cujo valor numérico depende inteiramente do comprimento da unidade que você está usando, sejam quilômetros, milhas ou qualquer outra. Tendo isso em mente, vejamos o que as unidades naturais da própria Terra têm a dizer sobre o assunto:

C = 299.792,5 Quilômetros/Segundo	= 300 = C (Lua)
C = 186.282,4 Milhas Terrestres/Segundo	= 186 = R F
C = 161.803,4 Milhas Náuticas/Segundo	= Phi (0) x 105
C = 23,58055 Diâmetros Polares/Segundo	= 235-805 = WE HOE [Nós carpimos]
C = 7,50592 Circunferências Polares/Seg.	= 7,50 = GEO (Terra)

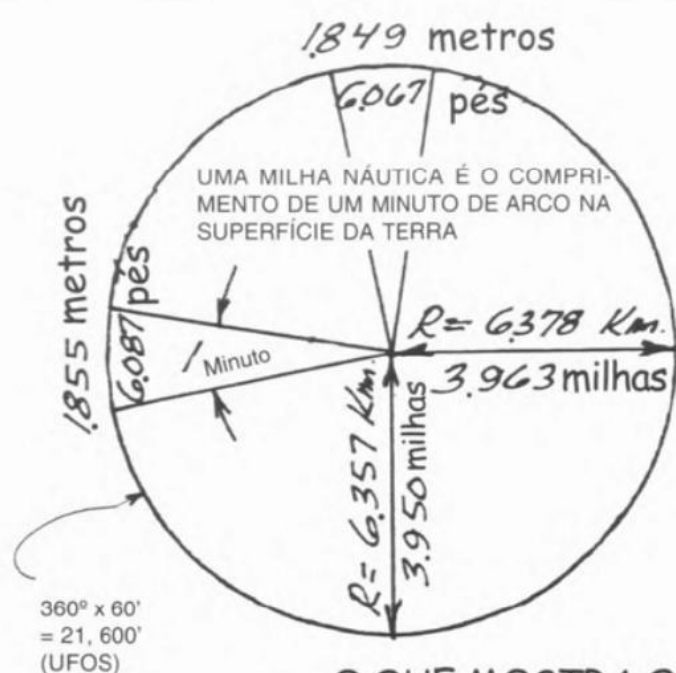
Agora você está convencido do valor da Geometria Sagrada ao interpretar as instruções da Consciência de Deus? Se não, deveria estar. *Carpir* significa cavar, capinar e cultivar a Terra para que a vida por ela sustentada possa expandir-se e crescer. E o crescimento, como o leitor logo descobrirá, é o resultado natural do processo de Phi, o princípio universal que traz toda a vida à manifestação. E quem teria pensado, quem teria imaginado, aliás, que o tamanho da Terra seria tal que o comprimento de um minuto de arco em sua circunferência, uma única milha náutica, ligaria o processo de Phi à velocidade da luz? Não sei se alguém já havia descoberto isso antes; mas se havia eu não ouvi falar. Os detalhes desse espantoso fenômeno podem ser vistos na Figura 41.

Para os que possam questionar a veracidade da Figura 41, os seguintes dados auxiliares podem ser úteis. O dicionário *Webster* define o

termo *milha náutica* como "qualquer das diversas unidades de distância usadas para a navegação marítima e aérea baseada no comprimento de um minuto de arco de um grande círculo da Terra, sendo variável porque a Terra não é uma esfera perfeita". Passa então a listar os comprimentos das três unidades básicas em uso atualmente. Elas são: 1) uma unidade britânica, também chamada *Admiralty mile* (milha do Almirantado), 2) uma unidade dos Estados Unidos que não é mais usada oficialmente e 3) uma unidade internacional que vem sendo usada oficialmente nos Estados Unidos desde 1º de julho de 1959. O comprimento das três unidades aparece na Figura 41. A unidade internacional de 1.852 metros é obviamente o comprimento médio de uma milha náutica polar e equatorial. Os valores dos raios da Terra são os mesmos da Figura 32, cuja fonte original foi a *Enciclopédia Britânica*.¹⁹

19. O Dicionário (Webster's New Collegiate Dictionary) (G & C Merriam Company, edição de 1974, p. 766) foi a fonte dos dados da Figura 41. a seguir.

A velocidade da Luz = C	Comprimento
C = 299.792,5 Quilômetros/Seg	3.281 pés.
C = 186.282,4 Milhas/Seg	5.280 pés.
C = 161.803,4 Milhas náuticas/Seg	6.079 pés.



$$161.803,4 = \text{PHI } (\Phi) \times 10^5$$

$$e$$

$$1 \text{ Milha} = 1,61 \text{ Km}$$

$$= \Phi$$

$$1 \text{ Km} = 0,62 \text{ milhas}$$

$$= \frac{1}{\Phi}$$

O QUE MOSTRA QUE AMBOS OS SISTEMAS (INGLÊS E MÉTRICO) ESTÃO TAMBÉM EM UMA PROPORÇÃO PHI, UMA VEZ QUE 1 PÉ = 0,3048 METRO (EXATAMENTE)

Milhas Náutica	Pés	Metros
Unidade britânica	6080,000	1853,184
Unidade americana	6080,209	1853,248
Unidade internacional	6076,115	1852,000
Comprimento médio	= 6078,775	1852,811
299.792.500 metros/seg	= 161,804 Náutica/milhas/segundos	
1852,811 metros		

$$\Phi \times 10^5 = 161.803,4$$

Com uma precisão de quase seis dígitos!

Figura 41

Figura 41

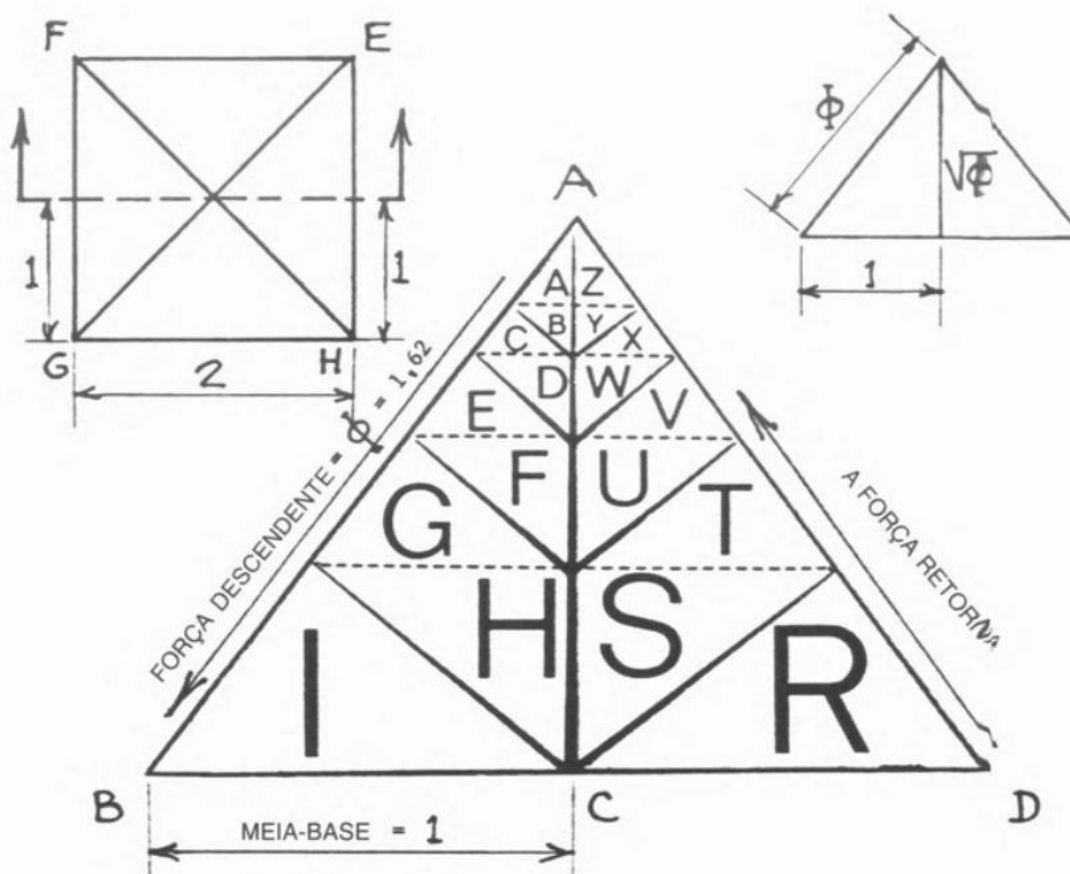
Capítulo 4

A Árvore da Vida da Grande Pirâmide

O glifo fundamental da Cabala inglesa é a Árvore da Vida. Recebeu o nome da Grande Pirâmide porque sua construção geométrica é tal que representa uma secção transversal precisa ao longo do centro do grande monumento de Gizé. Se removêssemos mentalmente toda a alvenaria interna, deixando apenas a casca, e plantássemos uma árvore ali dentro cujos galhos fossem perpendiculares a seu eixo central e a suas quatro faces, a árvore mostrada na Figura 42 seria o resultado. E chamada Árvore da Vida por causa das qualidades vivificantes de suas proporções geométricas. Os espaços triangulares interiores recebem seus nomes na ordem do alfabeto inglês, descendo pelo lado esquerdo da árvore e subindo novamente pela direita. Portanto, graças à sua relação peculiar com o alfabeto inglês, a Árvore da Vida da Grande Pirâmide é o principal glifo da Cabala inglesa.

A fonte de sua energia reside nos poderes matemáticos inerentes aos números Pi (π) e Phi (ϕ) que, como aprendemos nos capítulos anteriores, são os princípios fundamentais da Geometria Sagrada. E a Grande Pirâmide de Gizé incorpora ambos: 1) a razão de metade do perímetro de sua base EF-G-H para sua altura A-C é igual a π ; e 2) o comprimento de seu apótema A-B, quando dividido por metade de sua base (B-C) resulta na manifestação do Número Áureo, a Divina Proporção, que agora é chamada ϕ .

Além de tudo, suas proporções geométricas são tais que não apenas as *áreas* dos triângulos estão em uma sequência Phi (potências consecutivas de ϕ) como cada *segmento de linha* tanto da altura quanto do apótema (hipotenusa) também estão em uma proporção Phi. Portanto, cada termo na série (as áreas ou segmentos de linha) é a soma dos dois termos que o precedem. Isso ocorre porque eles representam potências consecutivas da constante universal Phi (ϕ). Assim, se designarmos as áreas dos triângulos na Figura 42 pelas letras maiúsculas do alfabeto inglês, podemos dizer que



A GRANDE PIRÂMIDE ÁRVORE DA VIDA

MEIO PERÍMETRO DA BASE = 3,14 = π (Pi)
ALTURA

APÓTEMA = 1,62 = ϕ (Phi)
MEIA-BASE

Figura 42

A estrutura matemática da Grande Pirâmide em Gizé

os triângulos $(C + D = E)$, $(E + F = G)$, $(G + H = I)$, etc. Da mesma maneira, se os segmentos de linha forem designados por letras minúsculas, ficaria $(c + d = e)$, $(e + f = h)$, etc., até a parte de baixo da árvore.

Mais adiante, também demonstraremos que você pode começar com *quaisquer* dois números, escolhidos aleatoriamente, e não necessariamente em uma proporção Phi um com o outro e, por meio do processo de adição e subtração sucessivas, trazer à manifestação uma pirâmide de idênticas proporções às da Árvore da Vida da Grande Pirâmide, provando novamente a verdadeira universalidade dessa árvore vivificante.

O Vértice da Série e a Média Phi

Chegamos assim ao ponto mais importante e uma chave real para a compreensão da verdadeira magia de Phi. É fácil provar que o vértice da pirâmide (que representa um número infinito de termos menores) é sempre *exatamente* igual ao terceiro termo na série. Fazemos questão de enfatizar

esse ponto porque é um fundamento básico de qualquer compreensão verdadeira desse número mágico. Portanto, se designarmos o vértice com a letra A (como na Figura 43), é literalmente verdadeiro que $A \text{ Be } C$ [$A \text{ é } C$] ($A = C$), já que o triângulo C representa a soma total do número infinito de termos no vértice que o precederam. E podemos dizer o mesmo para o triângulo E, que seria então numericamente igual à soma dos triângulos ($A + B + C$), etc. Em todos os pontos da série há um vértice e o valor desse vértice é sempre numericamente igual ao triângulo em que você está no momento.

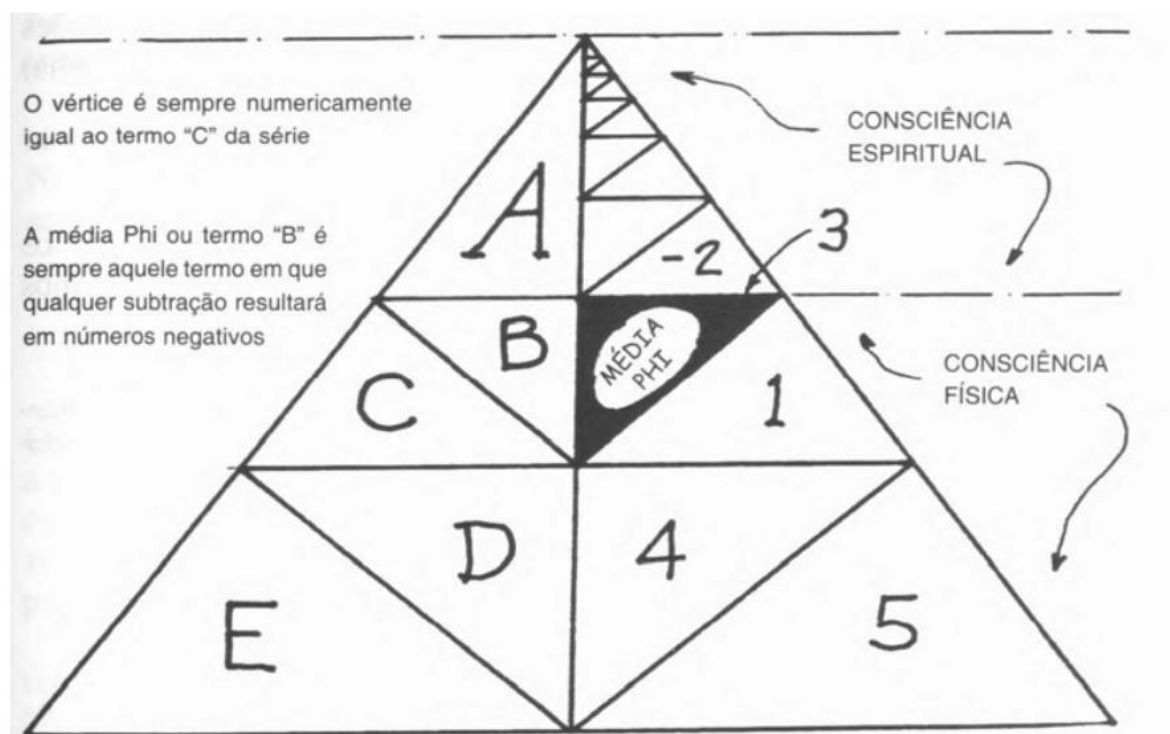


Figura 43
A relação entre os triângulos da base e o vértice espiritual

O valor numérico dos triângulos é encontrado por subtração sucessiva, que começa na base e continua até a Média Phi. O triângulo de Média Phi é sempre o termo em que qualquer outra subtração resultará em números negativos. Na Figura 43, a Média Phi tem um valor de 3, já que $5 - 4 = 1$ e $4 - 1 = 3$. Uma vez que $1 - 3 = -2$, um número negativo, sabemos que a Média Phi da pirâmide deve ser o triângulo B, com um valor de 3. A Média Phi é a porta para a consciência espiritual, mas o vértice é a consciência espiritual.

O Triângulo Áureo Reto

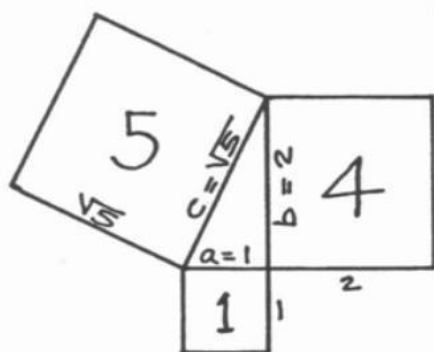
A prova de que Phi é o princípio universal por meio do qual todas as coisas são trazidas à manifestação deriva-se de um novo exame do Teorema de Pitágoras. Essa famosa lei afirma que o quadrado da hipotenusa de qualquer triângulo reto é sempre igual à soma dos quadrados dos outros dois lados. É uma lei universal, aplicável a *qualquer* triângulo reto de *qualquer* forma, sendo que a única restrição é que dois dos lados devem ser

perpendiculares. O princípio básico é expresso geometricamente no diagrama superior da Figura 44. A lei diz que a área do primeiro quadrado, quando somada à área do segundo quadrado, é sempre igual à área do terceiro quadrado.

Mas essa soma dos quadrados é apenas parte da lei, sendo a outra parte que as *razões* entre essas linhas ou quadrados muito provavelmente *não* são iguais umas às outras. O único exemplo em que elas *são* realmente iguais é no caso especial do Triângulo Áureo Reto ilustrado na parte de baixo da figura. Esse é o único triângulo reto, dentre um número infinito de outros triângulos retos, em que não apenas $a^2 + b^2 = c^2$, como as razões entre os lados também são iguais, tanto em relação a uma dimensão (linha) como a uma área. Assim:

$$a^2 + b^2 = c^2 \quad \text{e} \quad \frac{a}{b} = \frac{b}{c} \quad \text{e} \quad \frac{a^2}{b^2} = \frac{b^2}{c^2}$$

O próximo passo em nossa análise é determinar matematicamente os comprimentos exatos dos lados de um Triângulo Áureo Reto. Se fizermos



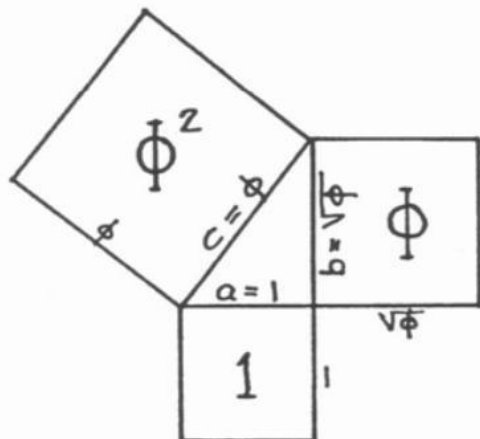
O TEOREMA DE PITÁGORAS

O quadrado da hipotenusa de qualquer triângulo reto é sempre igual à soma dos quadrados dos dois outros lados.

$$a^2 + b^2 = c^2$$

mas

$$\frac{a^2}{b^2} \neq \frac{b^2}{c^2}$$



O TEOREMA DA MÉDIA ÁUREA

As áreas dos quadrados dos lados de um triângulo reto 4 (Phi) são tais que a área do primeiro quadrado está para o segundo assim como o segundo quadrado está para o terceiro.

$$1 + \Phi = \Phi^2$$

e

$$\frac{1}{\Phi} = \frac{\Phi}{\Phi^2} = \frac{\Phi}{1+\Phi}$$

$$\Phi = \text{PHI} = \frac{1 + \sqrt{5}}{2} = 1,618034 = \text{PROCEED}$$

Figura 44

O Triângulo Áureo Reto: um caso especial do Teorema de Pitágoras

$a = 1$, podemos ver, para nossa alegria e espanto, que b será igual à raiz quadrada de Phi ($\sqrt{\phi}$) e c , a hipotenusa do triângulo, se iguala ao próprio Phi (ϕ)!

Essa é, aparentemente, a razão por que os antigos egípcios optaram por usar esse triângulo em particular, o Triângulo Aureo Reto de Phi (o *único* triângulo reto em que os lados estão em igual proporção uns com os outros) como base para a construção daquele grande monumento à espiritualidade conhecido como Grande Pirâmide, pois se pegarmos um triângulo idêntico e o encostarmos nesse da figura, a combinação de ambos seria uma secção transversal exata da Pirâmide.

Disso advém, então, que Phi é o único número cuja raiz quadrada e 1 se tornam o lado longo e o curto, respectivamente, de um triângulo reto. Nasce assim uma série infinita de quadrados — sendo cada quadrado a soma dos dois anteriores, assim como a potência seguinte de Fi.

$$\begin{aligned}1 + \phi &= \phi^2 \\ \phi + \phi^2 &= \phi^3 \\ \phi + \phi^3 &= \phi^4, \text{ etc.}\end{aligned}$$

Mas ainda não terminamos nossa análise desse espantoso triângulo. O próximo passo é "ler" os dígitos dos números em si e ver o que eles têm a nos contar. A Árvore da Vida inteira é mostrada na Figura 45, junto com os incrementos de seu tronco, o comprimento de seus galhos, etc. E ao simplesmente ler os números, nossos olhos abrem-se em admiração e espanto, pois a prova que estamos buscando está bem diante de nossos olhos.

Vamos começar com a altura do vértice. Os primeiros sete dígitos da raiz quadrada de Phi ($\sqrt{\phi}$) são 1,272019, que podem ser transliterados como "A BGTS" (1,2-7-20-29) e podemos ler foneticamente essa frase com muita facilidade como "A (O Imperador) BEGETS" [Gera]. E se procurarmos essa palavra no dicionário, descobriremos que significa 1) procriar como pai: PROGENITOR, e 2) produzir como um efeito: CAUSA. Mas o mais espantoso é que quem está "gerando" não é outro senão o próprio Imperador, a letra A, a linha da base do triângulo Phi! Não é uma explicação bem substancial para o uso repetido do termo no Capítulo 5 do Gênese, o livro da geração de Adão?

Vamos agora tratar da hipotenusa do triângulo do vértice, que é o próprio número Phi. Uma vez que o sétimo dígito desse número áureo está apenas ligeiramente abaixo de 4 ($\phi = 1,61803\ 398$), vamos arredondá-lo e chamá-lo 1,618034 (um procedimento matemático perfeitamente legítimo, usado para eliminar o decimal infinito). Esse número é transliterado como "PROCD" (1,6-18-0-3-4) e, se substituirmos o símbolo da letra C por seu nome (Ci, em inglês) teremos o verbo "PROCEED" [Proceder].

O que significa essa palavra? O dicionário *Webster* a define como 1) emanar de uma fonte: SAÍDA; 2) continuar após uma pausa ou interrupção; 3) seguir um caminho regular; 4) iniciar e continuar uma ação, processo ou movimento; 5) estar em processo de realização e 6) mover-se ao longo de

arredondando-os para números de três dígitos, trazemos a Imperatriz à manifestação no lado longo ($1,28 = 128 = A$ Imperatriz) e a Grande Sacerdotisa à manifestação na hipotenusa ($1,62 = 162 =$ Grande Sacerdotisa).

Uma vez que as leis do Phi rezam que o vértice deve refletir-se novamente no terceiro termo da série, podemos pôr o processo em funcionamento e permitir que o Imperador, o Triângulo Áureo Reto no vértice da pirâmide, reproduza-se de novo e de novo, gerando outros Triângulos Áureos Retos até a base da pirâmide. Assim, pelo poder de sua "PHARAOH SEED" [Semente do Faraó] (a pronúncia fonética de ϕ ou $1/\phi$), todo um novo conjunto de personagens pode ser trazido à manifestação, dos quais alguns são mostrados na Figura 45. Deixaremos que o leitor descubra o resto.

Os números de Lucas e de Fibonacci

A Geometria, que trata da medição das *formas* das coisas, não é o único método por meio do qual a Consciência pode ser revelada. Temos ainda de levar os números inteiros em consideração antes de podermos ver o sistema de crescimento completo e, mesmo então, há muitos modos de medir as coisas numericamente. Por exemplo: o homem aprendeu a contar usando os números 0, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, etc. Todos os sistemas começam com o 0 para representar o ponto inicial a partir do qual as coisas são medidas e, se houvesse dez objetos em uma fila, esse seria o modo como você os contaria. Os Nomes de Deus para as primeiras dez letras do alfabeto inglês demonstram esse sistema de contagem, como provam seus números Alfa, tabulados na Figura 46.

Assim, o Tarô, em sua infinita sabedoria, revela que é preciso a soma dos primeiros *quatro* números para manifestar a Década ou o Dez ($1 + 2 + 3 + 4 = 10$). E ele nos diz até mesmo *quando* somar, porque o número 11, quando virado de lado, torna-se o sinal de igual (=), indicando que a soma dos primeiros dez números revertem novamente ao 1. Além disso, o número Alfa de THE EMPEROR [O Imperador] é 123, mas quando adicionamos o número de sua carta de Tarô (Carta 4 do Tarô temos o 123-4 em manifestação novamente na letra A, a primeira letra do alfabeto).

Mas o sistema cardinal de numeração não é o único jeito de contar. Tanto Deus quanto a Natureza usariam um sistema inteiramente diferente, envolvendo o uso de números de Lucas e de Fibonacci, como provado pela revelação verdadeiramente espantosa que se esconde na Figura 47.

Os números de *Fibonacci* são o sistema de numeração da Natureza: já os números de *Lucas* são o sistema de numeração de Deus. Ambos os sistemas baseiam-se na lei do Phi, o que significa que *cada número sucessivo na série é a soma dos dois que o precedem*. A única diferença entre os dois sistemas é que a Natureza começa a contar com o 0 e o 1 e a Consciência de Deus começa com o 2 e o 1. Tirando isso, os dois sistemas de numeração são idênticos.

LETRA INGLESA	NOME DE DEUS DA CARTA DO TARO	NÚMERO ALFA	VALOR DA LETRA
A	O Imperador	123	1
B	A Roda da Fortuna	206	2
C	A Lua	90	3
D	O Diabo	85	4
E	O Hierofante	147	5
F	A Grande Sacerdotisa	195	6
G	Justiça	87	7
H	O Eremita	106	8
I	O Mago	90	9
J	O Mundo	105	10
K	Iguais	=	=
L	Soma Total dos dez primeiros	1.234	55
A BCD			EE

Figura 46
Os números Alfa das primeiras dez letras do alfabeto inglês

Vamos começar com o primeiro. Os números de Fibonacci receberam o nome do homem que os descobriu, Leonardo Fibonacci, o mais ilustre matemático da Idade Média. Eles aparecem em toda parte na Natureza, desde o arranjo das folhas nas plantas até o padrão de pétalas em urra flor, as brácteas de uma pinha ou as escamas de um abacaxi. Os números de Fibonacci são, portanto, aplicáveis, embora às vezes em uma forma modificada, ao crescimento de toda coisa viva, incluindo uma simples célula, um grão de trigo, um enxame de abelhas ou o próprio homem.

Conforme os números da sequência de Fibonacci crescem em magnitude e a razão entre termos adjacentes aproxima-se cada vez mais do Número Áureo Phi, a Divina Proporção, cujo valor aprendemos no Capítulo 2 (Ver Figura 11), pode ser expressa algebricamente da seguinte maneira:

$$\text{Phi} = \phi = \frac{1 + \sqrt{5}}{2} = 1.618033....$$

O HOMEM CONTA POR NÚMEROS CARDINAIS		A NATUREZA CONTA POR NÚMEROS DE FIBONACCI	DEUS CONTA POR	
			NÚMEROS DE LUCAS	POTÊNCIAS DE Phi
A	1	1 $\sqrt{5}$	1	1
B	2	0 $\sqrt{5}$	2	0
C	3	1 $\sqrt{5}$	1	1
D	4	1 $\sqrt{5}$	3	2
E	5	2 $\sqrt{5}$	4	3
F	6	3 $\sqrt{5}$	7	4
G	7	5 $\sqrt{5}$	11	5
H	8	8 $\sqrt{5}$	18	6
I	9 Eu Sou	13 $\sqrt{5}$	BI 29	G 7
J	10 J U	21 $\sqrt{5}$ E	DG 47	8
K	= Iguais	34 $\sqrt{5}$	76	9
L	55 Soma	55 $\sqrt{5}$	123	10
L = E = A = VE			L = AW	

Figura 47

Os três métodos de contagem usados pelo Homem, a Natureza e Deus

Porém, não importa quantos termos analisemos na sequência de Fibonacci, o número Phi nunca é alcançado, apenas aproximado. A razão entre dois termos sucessivos sempre se alterna entre um número um pouco maior ou um pouco menor que o Número Áureo. Para conseguir quantidades exatas desse decimal infinitamente longo, devemos levar a Consciência de Deus em consideração e incorporar os números de Lucas, que agem como modificadores dos números de Fibonacci. Eles foram inventados pelo matemático francês Edouard Lucas no ano de 1877. Seu raciocínio é o seguinte:

Se a razão limitadora gerada pela série de números de Fibonacci é $\frac{1+\sqrt{5}}{2}$, agora conhecido como Phi, ou sua função inversa $\frac{1+\sqrt{5}}{2}$, por

que não estabelecer simplesmente uma nova série de números de dois termos construída de tal forma que cada uma das razões entre termos sucessivos, em vez de se aproximar da Média Áurea, *seja* realmente a Média Áurea? Assim, os números de Lucas vêm automaticamente à manifestação ao se seguirem as instruções inerentes à própria razão: ou seja, estabelecer o denominador da fração, que é 2, como o primeiro termo da série e o numerador $\sqrt{1 + 5}$ como o segundo termo. Todos os outros termos podem ser encontrados por adição sucessiva em que cada termo é a soma dos dois que o precedem e a razão entre *quaisquer* dois termos, não importa onde apareçam na série, é sempre *exatamente* igual ao Número Áureo Phi. Portanto, os números de Lucas, agindo em conjunção com os Números de Fibonacci (coeficientes do radical $\sqrt{5}$), tornam-se os dois ingredientes ativos do processo de Phi ilustrado abaixo:

Números na ordem	Seqüência de Lucas		Seqüência de Fibonacci	Terno completo	Valor decimal
0	2 (1)	+	0 ($\sqrt{5}$) =	2 =	2,000000
1	1 (1)	+	1 ($\sqrt{5}$) =	$1 + \sqrt{5}$ =	3,236068
2	3 (1)	+	1 ($\sqrt{5}$) =	$3 + \sqrt{5}$ =	5,236068
3	4 (1)	+	2 ($\sqrt{5}$) =	$4 + 2\sqrt{5}$ =	8,472136
4	7 (1)	+	3 ($\sqrt{5}$) =	$7 + 3\sqrt{5}$ =	13,708204
5	11 (1)	+	5 ($\sqrt{5}$) =	$11 + 5\sqrt{5}$ =	22,180340
6	18 (1)	+	8 ($\sqrt{5}$) =	$18 + 8\sqrt{5}$ =	35,888544
7	29 (1)	+	13 ($\sqrt{5}$) =	$29 + 13\sqrt{5}$ =	58,068884
8	47 (1)	+	21 ($\sqrt{5}$) =	$47 + 21\sqrt{5}$ =	93,957428
9	76 (1)	+	34 ($\sqrt{5}$) =	$76 + 34\sqrt{5}$ =	152,026312
10	123 (1)	+	55 ($\sqrt{5}$) =	$123 + 55\sqrt{5}$ =	245,938740

Após essa introdução, podemos voltar à Figura 47. Um pouco de reflexão mostrará que os números de Lucas aproximam as potências de Phi. Assim, $\phi^{10} = 123$, $\phi^9 = 76$, etc. É por isso que dizemos que Deus conta pelos números de Lucas, porque a série representa sucessivas multiplicações pelo Número Áureo (ϕ).

Podemos dizer quase a mesma coisa para os números de Fibonacci, já que o verdadeiro valor da metade de cada termo de Fibonacci, quando multiplicado por $\sqrt{5}$, é aproximadamente igual à sua contraparte de Lucas. A verdadeira diferença entre os dois se aproxima do zero conforme avançamos pela série.

Assim, a própria *Matemática* do Phi nos dá mais provas de que a força vital (uma terminologia alternativa para a Alma) é ao mesmo tempo masculina e feminina. A unidade básica dos números de Lucas é 1 (a letra A), representando o Imperador. E a unidade básica dos números de Fibonacci é $\sqrt{5}$ (a raiz quadrada de 5), representando a Imperatriz, a letra Z. Como sabemos disso? A resposta fica óbvia apenas com a leitura do valor decimal ($\sqrt{5} = 2,23-6-06-8 = B \text{ WF OF H}$). Assim, afirma-se que "BE WIFE OF

EACH" [Seja esposa de cada]. E a definição da palavra "Each" [Cada], segundo o *Webster*, é *cada um*, ou a letra A, o próprio Imperador.

Além disso, temos agora provas válidas de que se recolocarmos o vértice de ouro que falta na Grande Pirâmide (que foi omitido da tabela, mas colocado nas Figuras 47 e 48), o valor de cada um dos termos, não importa em que lugar da pirâmide esteja, sempre será a soma total de todos os que vieram antes, com exceção do termo que o precede imediatamente. Além disso, a soma dos dez primeiros números cardinais também pode ser igualada aos primeiros dez números de Fibonacci porque ambas as séries fundem-se no 12º termo, indicando novamente que os primeiros dez números revertem novamente a um.

É por essa razão que a Consciência de Deus informa-nos nas letras I e J que "I AM BIG JUDGE" [Eu sou grande juiz]. Quem é o juiz? Deve ser o Rei, o 11º termo na série que age como o sinal de igual, o fulcro da balança sobre o qual os dez termos e o primeiro termo se equilibram. A afirmação é feita pelas letras I e J, mas a soma das duas é a letra K. O número alfa de "The King" [O Rei] é 74, novamente uma remanifestação do segundo termo, a letra B, cujo valor é 2. Assim, parece ser mais que mera "coincidência" o fato de que a soma dos dois, o início e o fim, por assim dizer, seja 76, o verdadeiro valor de seu termo $\phi^6 = 76$).

O 12º ou termo final da série é, obviamente, o Imperador. Seu número Alfa é 123 e, como ele se manifesta no Cavaleiro (cujo símbolo é o ângulo reto de 90º da letra L), é capaz de nos LEAVE [Deixar] ou conceder a LAW [Lei]. E o que é a lei? Ela é encontrada nos números de Lucas e de Fibonacci do próprio vértice $(1 + \sqrt{5})$ e é transliterada em AVE, uma expressão de saudação ou de despedida, que significa SALVE ou ATÉ LOGO. Salve a força vital retomando pelo lado direito da pirâmide por meio da Imperatriz (a Maternidade de Deus) e Até Logo para ela novamente enquanto o Imperador (a Paternidade de Deus) desce novamente à encarnação física. Há uma ilustração dessa operação na Figura 48.

A Pirâmide do Yin-Yang

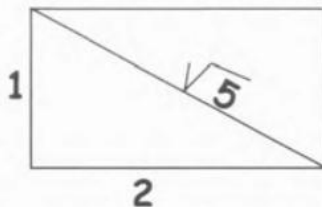
Além das seqüências de números de Lucas e de Fibonacci (que são usados para se obterem valores *exatos* de Phi), é um fato matemático bastante surpreendente que *quaisquer dois números*, tomados ao acaso, quando passados pelo processo de sucessiva adição e subtração, possam trazer também o Phi à manifestação. Assim, descobrimos que a pedra filosofal dos alquimistas, o princípio que supostamente transmutaria todas as coisas em ouro, é literal e realmente o Número Áureo Phi.

Você pode começar com dois números quaisquer de sua preferência e, ao adicioná-los ou subtraí-los sucessivamente, estará usando o princípio do Phi (adição sucessiva é o mesmo que multiplicar por Phi e subtração sucessiva é o mesmo que dividir por Phi). Mesmo após apenas algumas contas, as razões entre os termos serão aproximadamente iguais ao número

Phi (1,618034. nos sete dígitos mais próximos); quanto maior o minero de termos, mais próximo será o resultado.

É melhor começar com subtração sucessiva e continuar o processo até chegar ao zero (0) ou até que quaisquer outras subtrações resultem em um

O pronome EACH [Cada] = Each One
[Cada um] = 1
H = Ache = Each



O comprimento da diagonal de um retângulo é determinado segundo o Teorema de Pitágoras, que afirma ser ele igual à raiz quadrada da soma dos quadrados dos outros dois lados.

A raiz quadrada de cinco:
 $\sqrt{5} = 2,236068 = 2,236068$ (Be Wife of Each)
B WF OF H (Ache = Each)

$$\frac{1 + \sqrt{5}}{2} = \Phi = \text{Phi}$$

$$\Phi = 1,618034$$

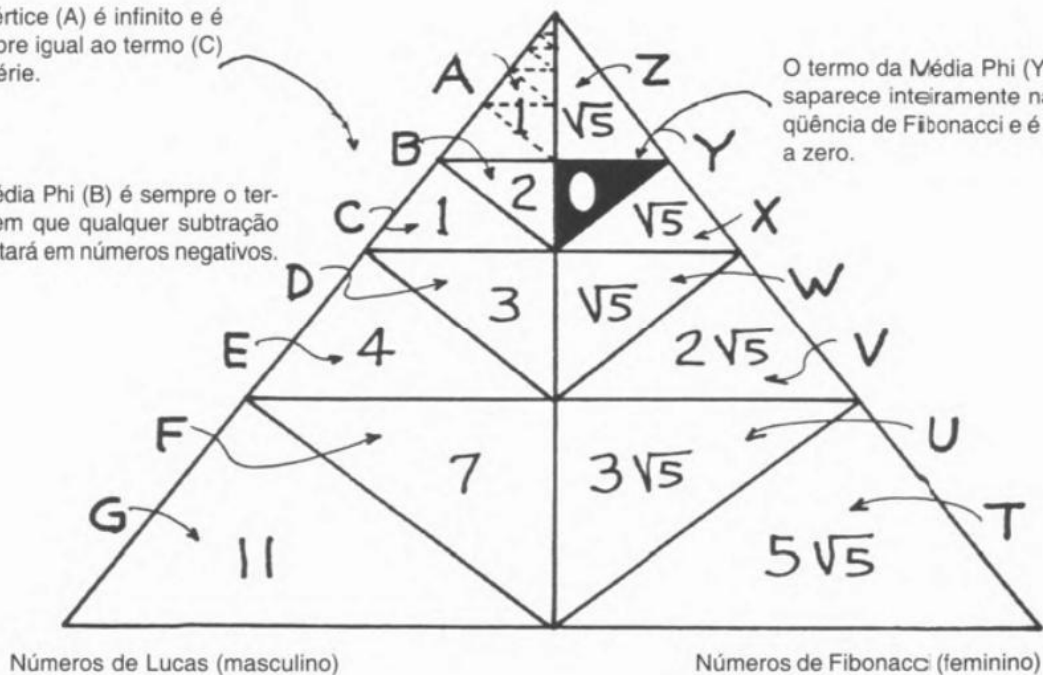
$$= \text{PROCeeD}$$

(O nome da letra C, em inglês, é Cee)

O Vértice (A) é infinito e é sempre igual ao termo (C) da série.

A Média Phi (B) é sempre o termo em que qualquer subtração resultará em números negativos.

O termo da Média Phi (Y) desaparece inteiramente na sequência de Fibonacci e é igual a zero.



E a série continua. Deve-se notar que a razão entre cada par consecutivo de números de Lucas e Fibonacci (os aspectos masculino e feminino de você mesmo) é sempre exatamente igual ao número Phi.

Figura 48

Os princípios matemáticos envolvidos na construção de uma Pirâmide/Árvore da Vida

número negativo. Isso representa a Média Phi da série, a passagem para a consciência interior do vértice. Assim, uma vez que a Média Phi tenha sido estabelecida (o termo B na série, logo abaixo do vértice), o processo pode ser

continuado indefinidamente por adição sucessiva, sendo o objetivo determinar o valor numérico de cada um dos termos na Árvore da Vida para as duas palavras ou números em particular que você está investigando.

Podem ser *quaisquer* duas palavras e em *qualquer* língua e, por meio da magia do Phi, você será capaz de fazer uma análise abrangente das suas relações passadas, presentes e futuras. Só é preciso definir, em primeiro lugar, os respectivos números Alfa das palavras e, após tê-las colocado na Árvore da Vida, permitir que o grande poder da lei de Phi revele a história daquilo que elas têm a dizer.

A Figura 49 realiza essa análise usando as palavras YIN e YANG como base. Essas duas palavras são especialmente interessantes porque representam os dois princípios da filosofia chinesa que influenciam o destino de todas as criaturas e coisas. YIN (o princípio passivo feminino) simboliza a Terra. É negativo, escuro, frio e úmido. YANG (o princípio ativo masculino) simboliza o Sol ou o Céu. É positivo, luminoso, quente e seco.

O número Alfa de YIN é 48 ($25 + 9 + 14 = 48$). O número Alfa de YANG é 47 ($25 + 1 + 14 + 7 = 47$). Passando-se os dois números pelo processo de subtração sucessiva, facilmente se descobre a Média Phi, que é 46: $48 - 47 = 1$; $47 - 1 = 46$ e, uma vez que $1 - 46 = -45$, um número negativo, sabemos que o termo *B* (a Média Phi) da pirâmide deve ser 46.

Uma vez que o termo *C* é sempre um reflexo do vértice (*A Be C* [*A é C*], lembre-se), seu valor é determinado como 1 e os valores numéricos para o equilíbrio dos triângulos são encontrados por adição sucessiva. Eles são colocados então no lado direito da Árvore da Vida e estamos prontos para começar nossa análise.

Mas o que temos aqui? A interação do YIN com o YANG produziu uma Árvore da Vida quase perfeita, de acordo com os princípios do Phi mostrados na Figura 47. Ali, você deve lembrar-se, os dez vértices dos triângulos foram equilibrados por volta do 11º triângulo (a letra *K*), que agiu como o fulcro da balança que separa o 1 do 10. Em outras palavras, uma Média Phi exterior foi restabelecida na letra *K* com o mesmo poder e autoridade da Média Phi original na letra *B*. É muito semelhante à transferência de poder do microcosmo para o macrocosmo. As vibrações numéricas são as mesmas, mas em uma oitava de existência completamente nova.

Uma vez que Phi à potência 0 é sempre igual a 1 ($\phi^0 = 1$), essa situação se repetirá em qualquer Árvore da Vida em que um dos termos torne-se 10, 100, 1000, etc., mas que isso ocorra na pirâmide do YIN/YANG em particular parece, de fato, bastante notável. Isso apenas confirma o que os chineses sempre disseram: Se você tem demasiado Yin ou demasiado Yang, está desequilibrado. Mas com a pirâmide Yin/Yang, está tudo perfeito.

Existência Positiva e Negativa

Um dos livros mais importantes do *Zohar* é o "Livro do Mistério Oculto". Sua primeira estrofe começa desta forma: "O Livro do Mistério Oculto é

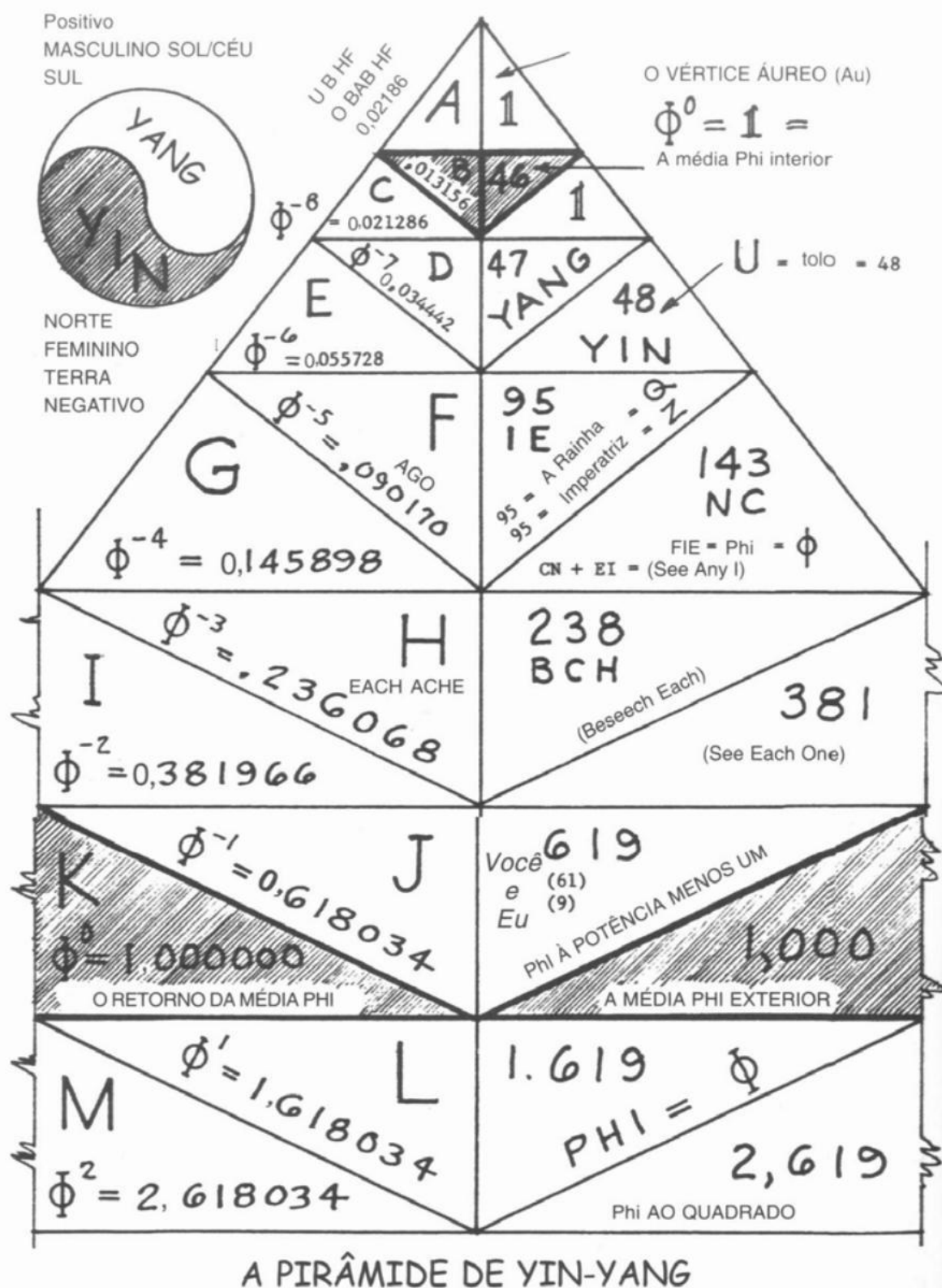


Figura 49

o livro do equilíbrio da harmonia. Pois antes que houvesse equilíbrio, o semblante não contemplava o semblante... Esse equilíbrio estava suspenso naquela região que é *negativamente existente* no Ancião".²⁰

O que é a existência negativa? O que é a existência positiva? MacGregor Mathers, em sua Introdução ao livro, fez a ele mesmo essas mesmas questões, mas foi incapaz de atinar com uma resposta satisfatória. Porém, a distinção entre esses dois termos é obviamente uma idéia fundamental da Cabala, já que a palavra hebraica primitiva AIN não é simplesmente nada (como muitos cabalistas a interpretaram), mas é mais corretamente definida como o "Uno negativamente existente".

Assim, a resposta, logo que a percebemos, é tão profundamente simples que parece espantoso que nunca tenha sido descoberta. Porém, ela foi — muitas e muitas vezes por matemáticos de todos os tempos —, mas, por ser *tão* simples, suas implicações filosóficas básicas foram grandemente mal compreendidas pela mente leiga média. Não faço a menor idéia do porquê disso, já que a idéia básica de "nada" não é difícil de compreender se for explicada corretamente.

Em primeiro lugar, "nada" não é mais que a *diferença* entre duas forças ou números de magnitude igual ou oposta. Portanto, "nada" não pode existir, pois na verdade é *algo*. Aleister Crowley explica esse ponto muito bem no Capítulo 5 de seu livro *Magic without tears*, intitulado "O Universo: a Equação $0 = 2$ ". Ali, ele mostra que a verdadeira definição do termo é " $0 = n + (-n)$ ", onde a letra *n* designa qualquer número que você quiser. Portanto, se tivermos uma quantidade positiva extremamente grande de um lado e uma soma igual mas oposta do outro, a soma total de *ambas* as quantidades não é 0, mas 2, já que a própria definição do termo implica que *duas* coisas devem existir.²¹

Sabendo disso tudo, vamos voltar à Pirâmide/Árvore da Vida da Figura 48. Vamos supor que já colocamos o vértice de ouro que falta (o triângulo A) em cima do termo da Média Phi (o triângulo B) e estamos prestes a começar nossa subida ao universo espiritual que agora é novamente parte integral do corpo da pirâmide. Há um número infinito de termos diante de nós e o processo que nos capacitará a ascender a eles será a *subtração* sucessiva, em vez do processo aditivo que usamos para descer ao universo material, abaixo. Um é o inverso do outro. Subtração sucessiva significa dividir por Phi e adição sucessiva significa multiplicar por Phi. E simples assim.

20. O *Zohar*, também chamado "Livro do Esplendor", é uma coleção de muitos escritos distintos sobre a cosmogonia do Universo e é talvez o mais famoso de todos os trabalhos cabalísticos na história do misticismo judaico. As partes do *Zohar* chamadas "O Livro do Mistério Oculto", "A Grande Assembléia Sagrada", e a "Pequena Assembléia Sagrada" foram traduzidas para o inglês por S. L. MacGregor Mathers em 1887 e publicadas sob o título de *The Kabbalah Unveiled* (London, Routledge & Kegan Paul Ltd., 1887, 1926, 1954).

21. Aleister Crowley dá uma excelente explicação de "O Universo: a Equação $0 = 2$ " em seu livro *Magick without Teras* (St. Paul, Minnesota, Llewellyn Publications, 1973), Capítulo 5, pp. 52-63.

Começaremos na Média Phi, cujo valor numérico é 2. e subiremos pelos números de Lucas no lado esquerdo da pirâmide. O primeiro termo dentro do vértice de ouro é -1, já que $1 - 2 = -1$; o segundo termo é +3, já que $2 - (-1) = +3$; o terceiro termo é -4, já que $(-1) - (+3) = -4$; o quarto termo é +7, uma vez que $(+3) - (-4) = +7$, etc. Assim, descobrimos que os termos dentro do vértice são exatamente os mesmos, numericamente, que os que estão dentro do corpo da pirâmide, sendo a única diferença entre os dois o fato de que os termos do vértice são alternadamente positivos e negativos, enquanto seus equivalentes no corpo da pirâmide são todos positivos. Um é simplesmente a imagem espelhada do outro.

Mas o que está acontecendo aqui de verdade? Se observarmos a pirâmide de fora, os termos no vértice de ouro parecem ficar cada vez menores, e menores, e menores, conforme se aproximam da ponta; enquanto no corpo da pirâmide parecem aumentar de tamanho, ficando cada vez maiores conforme se aproximam da base. Assim, os valores numéricos de cada um dos termos no corpo da pirâmide parecem bem grandes, visto que representam a *soma* das duas partes que os compõem. E o valor numérico dos termos do vértice parecem da mesma maneira bem pequenos porque estes representam a *diferença* entre essas mesmas duas partes componentes, respectivamente os números de Lucas e de Fibonacci. Mas se tomarmos as duas partes independentemente, a metade positiva e a metade negativa são igualmente grandes por si só no mesmo número de termos, tanto acima quanto abaixo da Média Phi.

Por conseguinte, é preciso um novo diagrama que retrate mais tantos a Pirâmide/Árvore da Vida como *realmente é*, e não do modo como normalmente a vemos, com todo o universo espiritual dobrado e comprimido no estado pouco realístico representado na Figura 48. Chegamos então ao diagrama da Figura 50.

Podemos expandir nossas duas pirâmides para cima e para baixo em quantos termos quanto desejarmos e, assim fazendo, englobar cada vez mais do universo infinito conforme cada termo é revelado diante de nossos olhos. Porém, o único modo de podermos atingir o termo definitivo, o termo final, é recolocar novamente o vértice de ouro sobre a "seta" invertida da Consciência Mais Elevada (o vértice superior AIN no alto da figura). Esse, obviamente, deve ser numericamente igual ao termo próximo-ao-mais-alto que conseguimos alcançar, para que se mantenha a matemática da Sequência Phi na mesma condição válida em que estava originalmente. Assim, cada termo na pirâmide espiritual superior ou na pirâmide física inferior ainda será a soma total de tudo o que veio antes dele, com a única exceção daquele que o precede imediatamente.

Outro ponto importante a ser lembrado é que toda a "flecha" invertida da pirâmide superior, toda a consciência espiritual, é, na verdade, o vértice de ouro que falta na pirâmide inferior. Eles são um só e representam o corpo ressuscitado de Cristo.

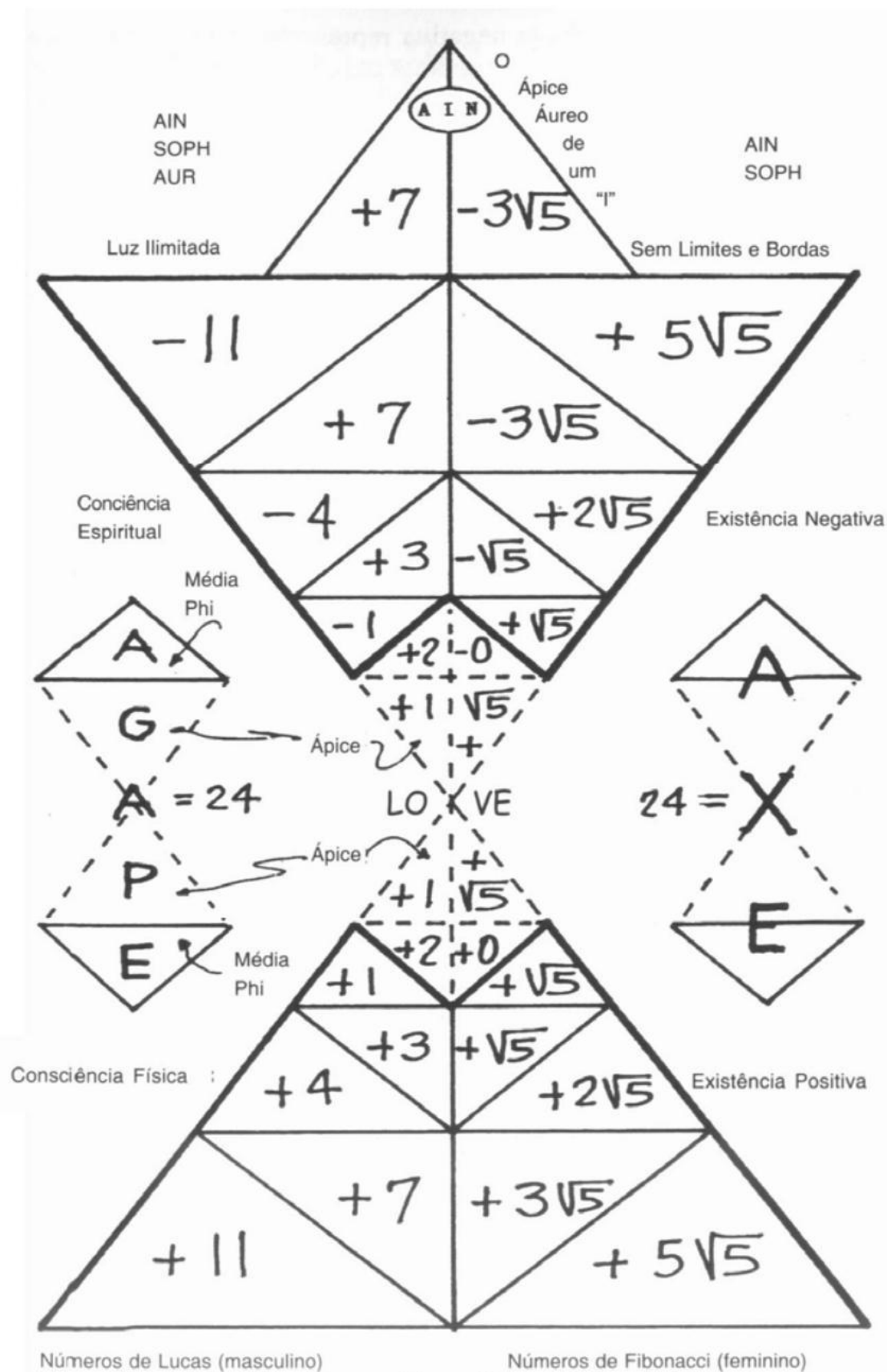


Figura 50

A verdadeira relação entre os aspectos físico e espiritual de uma Pirâmide/Árvore da Vida

Em resumo: a existência negativa representa as potências negativas de Phi (ϕ^{-1} , ϕ^{-2} , ϕ^{-3} , etc.), em oposição à existência positiva, que traz suas potências positivas à manifestação (ϕ^1 , ϕ^2 , ϕ^3 , etc.). Os primeiros representam a diferença entre duas partes componentes (seus aspectos de Lucas e Fibonacci) e os últimos sua soma.

Porém, nos vértices das duas pirâmides, no espaço vazio entre (2 - 0) e (2 + 0), há um hiato. Um hiato entre o quê? A resposta é um hiato entre a letra A (2 - 0) e a letra V (2 + 0), ou entre Adão e Eva (V). Isso significa EA (Each [Cada]) AE (ONE [Um]) e Phi à potência zero é de fato um ($\phi^0 = 1$), mesmo se o *número Phi* da Média Phi é 2. Assim, temos a palavra AGAPE (da palavra grega Amor), que em inglês significa o amor desprendido, leal e fraternal pelo bem do outro. Mas também temos um AXE [Machado], o instrumento com o qual a cabeça é separada do corpo. Porém, no centro do AXE está a letra X, que significa Julgamento (Carta 20 do Tarô), Cristo ou a Ressurreição dos mortos.

Está tudo muito bem. Temos agora uma explicação perfeita da interpretação *geométrica* da Média Phi na Figura 50. Mas o que o *número Phi* da Média Phi tem a dizer sobre o caso? O que ele tem a dizer quando o interpretamos *numericamente* e então o lemos? Bem, vamos fazer essa pergunta e descobrir a surpreendente resposta, que vem na próxima página.

Assim, descobrimos que a palavra-chave é AMOR, uma força emocional que, por meio de sua forte atração magnética e afeição por algo ou alguém, constrói o laço espiritual que une o que está acima ao que está

$$\begin{array}{rcl}
 2 = B = 1(2) - 0 \sqrt{5} & & \text{ESTEJA} \\
 \text{AB} & \text{OV} & \text{ACIMA} \\
 2 = B = 1(2) + 0 \sqrt{5} & & \text{LOVE} \\
 \text{L} & \text{OVE} & \text{ESTEJA} \\
 2 = B = (2) + 0 = 120 & & \text{ABAIXO} \\
 \text{BE} & \text{L} & \text{O} \quad \text{W}
 \end{array}$$

embaixo. A letra W, por acaso, é trazida à manifestação por meio, do número Alfa de seu nome. O número Alfa de "Double you" [Duplo você] é 120 ($59 + 61 = 120$).

E novamente a Cabala não nos abandona. Ela está sempre ali, com a resposta correta no momento exato.^{22, 23}

22. Um dos maiores livros de interesse geral sobre a Grande Pirâmide é o de Peter Tompkins intitulado *Secrets of the Great Pyramid* (New York, Harper & Row, Publishers, 1971). Esse livro contém também um apêndice do professor Livio Catullo Stecchini, um especialista em história da medição e apresenta o drama milenar das investigações arqueológicas sobre esse famoso monumento de maneira extremamente fluente.

23. O autor também recomenda o extremamente informativo *Cabalah Primer*, de Henrietta Bernstein, com o subtítulo "Uma introdução à Cabala Inglesa/Hebraica". Muito do material deste capítulo é explicado de maneira bastante simplificada (Marina del rey, CA., DeVorss & Company, 1984).

Capítulo 5

A Árvore Sefirótica do Conhecimento do Bem e do Mal

No livro Gênesis havia duas árvores no meio do Jardim do Éden: a Árvore da Vida e a Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal. Portanto, para que a Cabala seja realmente completa, deve ter duas estruturas em "Árvore" separadas e distintas. E nós as temos: a Árvore da Vida da Grande Pirâmide e a Árvore Sefirótica do Conhecimento do Bem e do Mal.

A Árvore das Sefiroth, portanto, é o glifo principal da Cabala hebraica. Sua filosofia trata de evolução e involução. A partir da "inexistência", o Cosmos desenvolveu-se por meio de 32 caminhos de sabedoria. Os primeiros dez caminhos são a manifestação das próprias Sefiroth (esferas de consciência), começando com o puro espírito de Kether, a Coroa, e terminando com o reino físico ou material de Malkuth. Mas uma vez que esse ponto básico da décima Sefirah é atingido, o Universo inicia um processo ascendente de reabsorção pelos 22 caminhos interconectados entre as Sefiroth.

Portanto, a Árvore da Vida é um retrato da criação. Montada na forma de uma árvore analógica, demonstra o fluxo de forças desde o Divino até o mundo mais baixo e de volta ao Divino. O Universo paira, então, entre esses dois pólos, que podem ser descritos matematicamente como o Tudo ou o Nada. Cada uma das extremidades do eixo pode ser vista como o Nada ou pode tornar-se o Tudo, conforme sirva como ponto de entrada ou de saída.

A carta, aqui, é a 11ª Sefirah ausente, ou Daath, representando o dígito 0; sua localização é no pilar central entre Kether (1) e Tifareth (6). Mas a palavra "Daath" em inglês significa *Gnose* ou *Conhecimento*. Portanto, ao subir e descer a Árvore das Sefiroth, ganha-se automaticamente o *conhecimento* de, e aprende-se a diferenciar entre o *bem*, no Pilar branco da Misericórdia, à direita e o *mal*, no Pilar negro da Severidade à esquerda. Mas isso certamente não significa que o Pilar negro de Boa/. curau, c chamado na

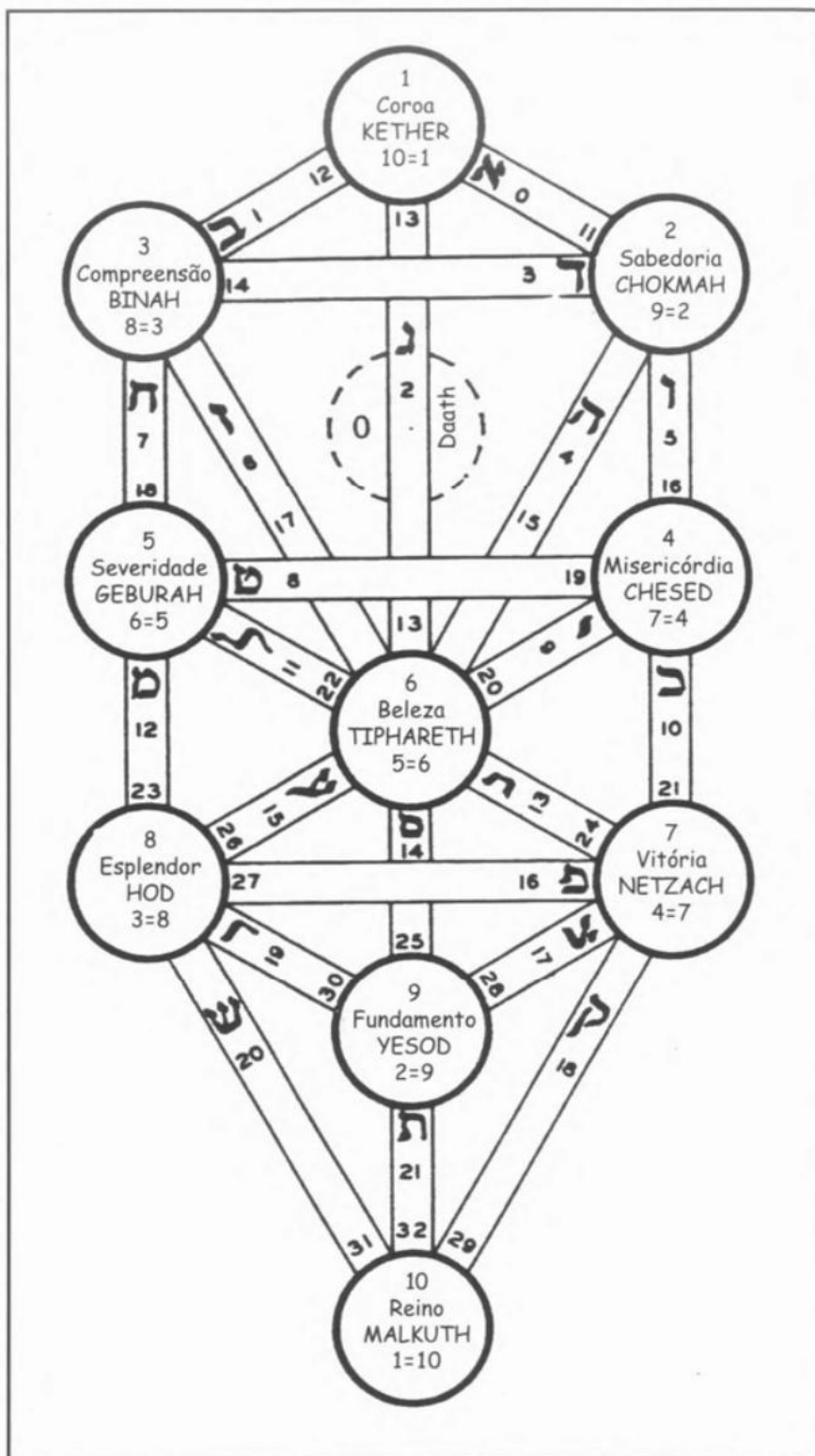


Figura 51
*A Árvore da Vida Sefirótica com seus 32 Caminhos de Sabedoria*²⁴

24. A Figura 51 vem do diagrama geralmente aceito da Árvore da Vida publicado por Paul Foster Case (Los Angeles, Builders of the Adytum, Ltd.)

terminologia maçônica, seja, de alguma forma "mau", e o Pilar Branco de Jaquim seja "bom". Um é simplesmente o oposto ou o equivalente do outro e, se ficar no Pilar central da Indulgência, você pode seguir o caminho do meio entre esses dois extremos: quente e frio, verão e inverno, riqueza e pobreza, etc.

A Tradicional Árvore Sefirótica

Vamos agora estudar a Árvore da Vida Sefirótica mais detalhadamente. A Árvore tradicional é mostrada na Figura 51. É interessante que a Árvore moderna seja sempre representada na forma hexagonal, indicando assim uma aproximação das esferas quando cada uma das Sefiroth é expandida (como se você enchesse um balão) até tocar sua vizinha. Parece então que os Caminhos que ligam as Sefiroth tiveram sua origem nos pontos de contato entre esses Globos ou Esferas, nascidos da expansão e contração das próprias Sefiroth. E uma vez que tanto o *Sefer Yetzirah* quanto o *Zohar* afirmam que os "32 caminhos da Glória Oculta" compõem-se das dez Sefiroth e dos 22 Caminhos que as ligam, a ação interior que ocorre dentro de cada Sefirah deve ser também considerada um Caminho. A maioria dos escritores cabalísticos concorda que as dez Sefiroth (os dez números de 1 a 10) representam estados relativamente objetivos de consciência, enquanto que os 22 Caminhos entre elas representam as experiências subjetivas pelas quais a psique do indivíduo passa enquanto sua consciência é transferida de uma Sefirah ou estado de consciência a outra.

Os 22 Caminhos podem ser, então, representados pelas 22 letras do antigo alfabeto hebraico ou pelas 22 cartas dos Arcanos Maiores do Tarô. As dez cartas numeradas dos Arcanos Menores (do As ao Dez) tornar-se-iam, então, os estados objetivos das próprias Sefiroth em cada um dos quatro reinos, desde o mundo arquetípico de Atziluth até o denso mundo físico de Assiah. Desse modo, podemos encarar cada Sefirah como uma cidade ou estação em que o viajante pode tardar um pouco, enquanto os Caminhos são rodovias designadas para o movimento contínuo enquanto o viajante passa de um local para outro. E obviamente as condições encontradas nos Caminhos são resultado direto das forças internas das Sefiroth que conectam.²⁵

O Padrão Numérico das Sefiroth

No Capítulo 2 aprendemos que os nomes hebraicos das dez Sefiroth eram soletrados de modo tal que seu valor total (1868), quando usado como a circunferência de um círculo, produziria um diâmetro de 913. E o número 913 (I AM - *Eu Sou*, em inglês) é o valor numérico hebraico da palavra BRASHITH (Berashith), a primeira palavra da *Bíblia*, que significa "No princípio" (ver Figura 17 na página 64). Portanto, a Consciência de

25. Um excelente tratado sobre os 22 Caminhos da Árvore da Vida foi feito por Stephan A. Hoeller em *The Royal Road* (Wheaton, Illinois, The Theosophical Publishing House, 1975).

Left Diagram (Standard Tree of Life):

- Spheres and Numbers:** Kether (1), Binah (3), Daath (4), Geburah (6), Chesed (5), Netzach (3), Hod (2), Tipharah (1), Yesod (4), Malkuth (312).
- Gematria Values:** Kether (620), Binah (67), Daath (474), Geburah (216), Chesed (72), Netzach (148), Hod (15), Tipharah (1081), Yesod (80), Malkuth (496).

Right Diagram (Tree of Life with Letters):

- Spheres and Letters:** Kether (K), Binah (B), Daath (D), Geburah (G), Chesed (C), Netzach (N), Hod (H), Tipharah (T), Yesod (Y), Malkuth (M, L, K, V, T, H).
- Gematria Values:** Kether (620), Binah (67), Daath (474), Geburah (216), Chesed (72), Netzach (148), Hod (15), Tipharah (1081), Yesod (80), Malkuth (496).

Calculations:

Left Diagram Calculations:

- DO Th + Ch S D (5 + 4 + 6):** 474 + 72 = 546; 474 - 72 = 402; DOB = BOD = 144.
- GBVRH - Ch S D:** 216 - 72 = 144.
- ThPARTh:** 1081.
- N Tz Ch:** 148.
- H V D:** 15.
- I S V D:** 80.
- Total:** 1324.

Right Diagram Calculations:

- MX A BCD:** 1234.
- IO BE (Two):** 2558.
- DIF (Diferença):** 1234.
- Result:** 3124.

Removendo alguns véus dos valores numéricos hebraicos dos nomes sefiróticos

Os nomes hebraicos das Sefiroth são mostrados no diagrama da esquerda, junto com seus valores numéricos hebraicos. Nós as encerramos em grupos de quatro, em um padrão de diamante, para melhor explicar seu notável segredo. Na coluna do meio estão as contas das somas numéricas das Sefiroth em cada grupo, e no diagrama da direita essas somas de quatro dígitos, quando lidas em ziguezague de Kether a Malkuth, atribuem um valor de um só dígito a cada Sefirah.

E qual o resultado? Cada grupo de quatro Sefiroth completa todo o ciclo do $1 + 2 + 3 + 4 = 10$! Mas essa não é a primeira vez que esse número mágico aparece na Cabala. O número 1234 é o valor total dos Nomes de Deus das primeiras dez letras do alfabeto inglês (ver Figura 46). E mesmo os pitagóricos descobriram-no muitos séculos antes na Grécia, com seus dez Tetractys arranjados em quatro fileiras dentro de um triângulo equilátero. As fileiras eram divididas da seguinte forma: a primeira representava o ponto, a segunda a linha, a terceira o triângulo e a quarta o tetraedro; a soma total era o 1-2-3-4 do 10. E obviamente não podemos esquecer "The Emperor" [O Imperador] (a letra A), cujo número Alfa é 123 e cujo número no Tarô é 4.

Assim descobrimos, por intermédio dos próprios nomes que deram às primeiras quatro Sefiroth, que os antigos hebreus sabiam que a verdadeira quarta Sefiroth da Árvore da Vida original era Daath, a quarta parte da Sequência 1-2-3-4. E bem fácil mostrar que a quinta e a sexta Sefiroth são Chesed e Geburah, simplesmente adicionando Chesed a Daath, o que resulta na sequência 4-5-6 do número 546.

Mas as Sefiroth no próximo grupo de quatro (Tiphareth a Yesod), em vez de identificar-se como a sétima, a oitava, a nona e a décima, apenas repetem novamente a sequência 1-2-3-4 do primeiro grupo, só que dessa vez a sequência é mudada para 1-3-2-4. Por quê? A resposta é encontrada na décima Sefirah de Malkuth que, sozinha na base da Árvore, é um ciclo 1-2-3-4 completo em si mesmo, já que seu número (496) pode ser fatorado em seus dois primos (31×2^4). Assim, a Morte (13 = M) e o Julgamento (24 = X) do diamante de Tiphareth, Netzach, Hod e Yesod não é outro senão o Reino de Malkuth, a décima Sefirah da Árvore da Vida.

Mas Malkuth (que significa Reino em inglês) também é *perfeita*, porque 496 é um número perfeito. Um número perfeito, aliás, é qualquer número que seja igual à *soma* de seus fatores. Assim, $496 = 1 + 2 + 4 + 8 + 16 + 31 + 62 + 124 + 248$, cada um dos quais é um fator ou submúltiplo de 496. Também representa a soma dos números inteiros de 1 a 31 e há dez fatores para o número 496.

Números perfeitos são extremamente raros e o número 496 representa apenas o quarto da série. Os outros são 1, 2 e 28. Assim, $1 = 1$, a soma de (1); $6 = 1 + 2 + 3$, a soma de (1 a 3); e $28 = 1 + 2 + 4 + 7 + 14$, a soma de (1 a 7).

Sabendo disso, fica bastante óbvio que a sequência 1-2-3-4 da Década ou do Dez é um dos aspectos mais importantes da Cabala. Portanto, se o número 1-2-3-4 é a unidade básica da Vida, a etapa seguinte no processo seria adicionar as unidades ou subtrair-las. Não é isso que fazemos

normalmente com unidades de qualquer coisa, combiná-las em grupos maiores ou menores? Parece estranhamente significativo que a Árvore Sefirótica Hebraica na Figura 52 repita as mesmíssimas instruções. As duas Sefiroth que separam o diamante de cima do de baixo são Geburah e Chesed, mas quando subtraímos os dois números resta 144, que nos manda ADD [somar]. E bem no final da Árvore, sob os dois diamantes, está Malkuth, com valor numérico 496. Porém, esse número *hebraico* é transliterado para o inglês como DIF, a abreviação de *Diferença*. Dessa forma, somos instruídos não apenas a somar as unidades, como também a subtraí-las.

Não é exatamente isso que estamos fazendo por todo este livro, multiplicando por Phi por meio de adição sucessiva e dividindo por Phi mediante subtrações sucessivas?

Disso adviria, portanto, que o processo de Phi é novamente sugerido como o único cordão que ataria todas as unidades em uma só. E a Consciência de Deus, em sua infinita sabedoria, certamente não nos permite duvidar disso, como descobriremos na seção seguinte deste trabalho.

As Três Esferas de Ain, Ain Soph e Ain Soph Aur

Mas antes de mostrarmos nossas provas, vamos regredir um pouco. No início, antes da aurora dos tempos, havia o AIN SOPH. Ele representa aquilo que resta depois que todas as coisas cognoscíveis são removidas —o estado incompreensível do puro *Ser*. Tem a forma circular, sendo retratado como um globo gigante fora do qual não há nada, nem mesmo vácuo. Porém, a natureza do AIN SOPH é dividida em três partes: 1) AIN, nada ou Existência Negativa, o vácuo do Espírito Puro; 2) AIN SOPH, o *i* limitado e infinito; e 3) AIN SOPH AUR, a Luz sem limites.²⁶

Eles podem ser simbolizados como anéis circulares dentro da área de um círculo. Mas no princípio a Substância Suprema, o AIN, permeava sozinha toda a área do círculo. Então, conforme essa substância se movia em direção a seu próprio centro, o anel do AIN SOPH foi trazido à manifestação, o que na realidade era uma limitação do AIN; e finalmente o terceiro anel do AIN SOPH AUR, ou Luz, veio a Ser, o que representava ainda outra limitação. E todas elas rodeiam aquilo que resta — o corpo físico do Universo (o macrocosmo) ou o corpo físico do próprio Homem (o microcosmo).

O contínuo movimento do globo do AIN SOPH em direção a seu centro acabou por resultar no estabelecimento de um único ponto conhecido como o grande "EU SOU" — a suprema individualização da Consciência

26. Não há um resumo melhor da doutrina cabalística que o publicado nos seguintes quatro capítulos de *The Secret Teachings of All Ages*, de Manly Palmer Hall: The Qabbalah, the Secret Doctrine of Israel; Fundamentals of Qabbalistic Cosmogony; The Tree of the Sephiroth; and Qabbalistic Keys to the Creation of Man (Los Angeles. The Philosophical Research Society, Inc., 1928, 1978).

Universal. Ele representa o processo de *involução*, enquanto o globo externo do TODO (o infinito) retrocedeu em si mesmo e se tornou o UM, um minúsculo ponto central em torno do qual as quatro cadeias de mundos ou árvores Sefiróticas, agora vazias do grande EU, orbitam. Esse "ponto" que, de acordo com a ciência moderna, representa uma concentração de energia com meros massa do que uma maçã, é simbolizado pela décima Sefirah no CG (centro de gravidade) do Cosmos. Todo o processo vem ilustrado na Figura 53.

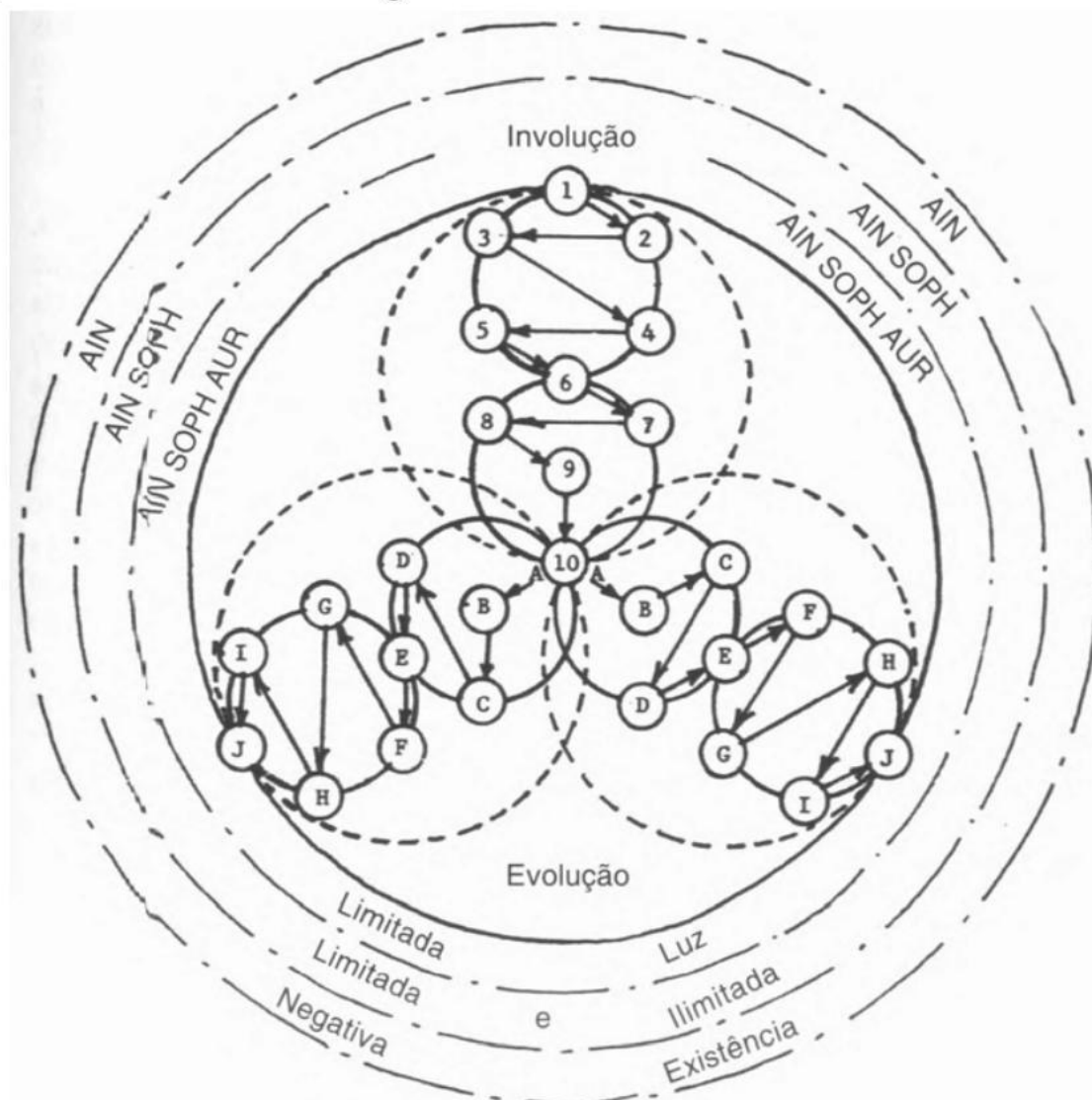


Figura 53
O Todo retrocede ao Ponto e o Ponto se expande no Todo

As quatro cadeias de mundos ou árvores sefiróticas recebem os seguintes nomes, em ordem crescente de densidade: 1) *Atziluth*, o Mundo Arquetípico da Emissão; 2) *Briah*, o Mundo Arcangélico da Criação; 3) *Yetzirah*, o Mundo Hierárquico da Formação; e 4) *Assiah*, o Mundo Físico da Ação o último e mais denso de todos. Os troncos das quatro árvores devem ser visualizados como as diagonais internas do CG de um gigantesco

tetraedro em cada um de seus quatro vértices quarta árvore não pôde ser mostrada na figura 53 por ser perpendicular ao plano do papel).

Mas cada processo na Natureza tem sua reação igual e oposta e a Consciência Universal de Deus não é diferente. Portanto, acabou por chegar o momento em que o processo deveria reverter-se e em que a consciência do UM deveria preencher novamente as quatro cadeias vazias de mundos de onde viera. Esse processo é chamado de evolução, no qual a essência da Consciência de Deus do UM preenche os 36 (não 40, mas 36, veja só) receptáculos vazios que constituem as quatro árvores sefiróticas. Dizemos que há apenas 36 receptáculos exteriores das Sefiroth porque a décima Sefirah ou Malkuth (o Reino) de cada uma das árvores é exatamente a mesma em última análise — uma Sefirah em torno do qual as outras 36 orbitam.

Descobrimos, portanto, nessas quatro cadeias de mundos ou árvores, a solução matemática não apenas de por que todos os homens, na realidade última, são Um Só, mas também porque o "Um" é Deus. A prova vem da soma do valor total de todos os números de 1 a 37. O total para as 36 Sefiroth exteriores (a soma numérica de 1 a 36) é 666, o número da Besta no *Apocalipse*. Mas quando acrescentamos o 37º número, o CG ou Centro de Gravidade deles todos, encontramos como soma 703, um a menos que o número de GOD [Deus], que é 704. Porém, a combinação do UM, que representa a *Realidade*, com a soma dos primeiros 37 números que representam sua *Imagem*, é realmente DEUS ou 704. O Um é simplesmente igual à soma de suas partes, trazendo assim DEUS à manifestação quando consideramos ambas as metades da equação.

Devemos também levar em consideração o fato de que do mesmo modo que $A + B = C$ na Cabala inglesa, assim também $AIN + SOPH = AUR$ na Cabala hebraica. A seguinte tabulação traz mais provas de que os antigos hebreus conheciam muito bem as leis universais do Phi:

<i>Letras inglesas</i>		<i>Tradução inglesa</i>	<i>Letras hebraicas</i>	<i>Valores das letras</i>
AIN	+	<i>Nada</i>	(144)	AIN + 61
SOPH	+	<i>Ilimitado</i>	(118)	S V P + 146
AUR = <i>Luz</i>			(262)	A V R = 207

A soma dos números Alfa da tradução inglesa das palavras hebraicas é 262, os três dígitos mais próximos de Phi ao quadrado (0). E se esse fosse o caso, "Nada" representaria a Média Phi (100) e "Ilimitado" traria o próprio Phi à manifestação (162). Isso é reforçado pelo fato de que 144 é transliterado como ADD [Somar] e 118 pode ser lido como AR/KH, que significa "HARK (prestar atenção). O que temos aqui é H (each, *cada*) ARK (*Arca* da Aliança, a residência de Deus)".

A Árvore Sefirótica do Tarô

Para que os antigos hebreus tenham chegado ao conceito de "AIN (61) + SOPH (146) = AUR (207)", provavelmente conheciam bem as leis do Phi. Isso é evidente. A questão seguinte a ser respondida é: como eles incorporaram esses princípios infinitos à Árvore Sefirótica? Se os egípcios resolveram o problema do infinito recolocando o vértice de ouro no alto da Grande Pirâmide, talvez tenham feito o mesmo com a Árvore das Sefiroth. De fato, o único modo de colocar adequadamente esses três princípios cósmicos na Árvore da Vida é por meio de três esferas adicionais, com AIN no meio, encabeçando o Pilar da Indulgência, SOPH no Pilar direito da Misericórdia e AUR no Pilar esquerdo da Severidade. Desse modo, esses vértices esféricos podem ter o mesmo propósito e função dos vértices triangulares que encimam uma Pirâmide/Árvore da Vida.

Mas mesmo sendo tecnicamente correto dar à esfera que encabeça o Pilar da Misericórdia o nome SOPH (que também é similar à palavra grega Sophia, que significa Sabedoria), os hebreus afirmaram que o nome completo dela é AIN SOPH. E se isso for verdade, o nome completo da esfera que encima o Pilar da Severidade, à esquerda, é AIN SOPH AUR. Assim, descobrimos que "AN I" [Um Eu) na forma de AIN não é de forma alguma limitado apenas ao Pilar do Meio.

Com isso em mente, preparamos a Figura 54, que estende o relâmpago original que levou as dez Sefiroth de volta ao seu verdadeiro princípio, no centro da esfera do AIN, na extremidade da Árvore. Identificamos também as Sefiroth nesta nova Árvore corrigida na ordem das cartas dos Arcanos Maiores do Tarô. Elas são mostradas no diagrama da direita. Assim, AIN é simbolizado pelo Mago (Carta 1 do Tarô), AIN SOPH pela Grande Sacerdotisa (Carta 2 do Tarô) e AIN SOPH AUR pela Imperatriz (Carta 3 do Tarô). Isso coloca o Imperador (Carta 4 do Tarô) em sua posição justa como a primeira Sefirah verdadeira. Sendo a letra A, ele representa a Coroa de Kether, o ponto mais elevado da árvore, e a partir desse ponto ele pode começar a sequência 1-2-3-4 de Kether, Chokmah, Binah e Daath.

Isso responde, portanto, à questão de por que os hebreus tiraram o número 4 da quarta Sefirah Daath e passaram-no para a posição de Chesed, que normalmente seria 5. Foi para criar um espaço vazio na Média Phi e permitir que o Louco (Carta 0 do Tarô) se manifestasse. O valor numérico hebraico para Chesed é 72, o mesmo que "Mundo", a letra J, a décima letra do alfabeto inglês. Tudo isso nos parece contar de um jeito confuso que a força vital está destinada a terminar em Malkuth, a décima Sefirah na parte de baixo da Árvore, e assim cumprir o axioma cabalístico que diz que Kether (1) está em Malkuth (10).

Devemos lembrar que numerar as Sefiroth na *ordem* de sua manifestação não representa necessariamente sua *magnitude* (seu verdadeiro valor numérico). Esses números seriam consideravelmente diferentes. O Pilar esquerdo, da Severidade, deixa o exemplo: $3 + 5 = 8$, cumprindo assim a exigência de que cada termo da série fosse a soma dos dois termos

que o precedem. E o vértice infinito, obviamente, deveria ser numericamente igual ao terceiro termo da série, como fica evidente por ser o valor hebraico do AIN (61) igual ao valor Alfa de You [Você], etc. Portanto, não faz realmente diferença se estamos falando de uma Pirâmide/Árvore da Vida ou da Árvore Sefirótica do Conhecimento do Bem e do Mal: o princípio

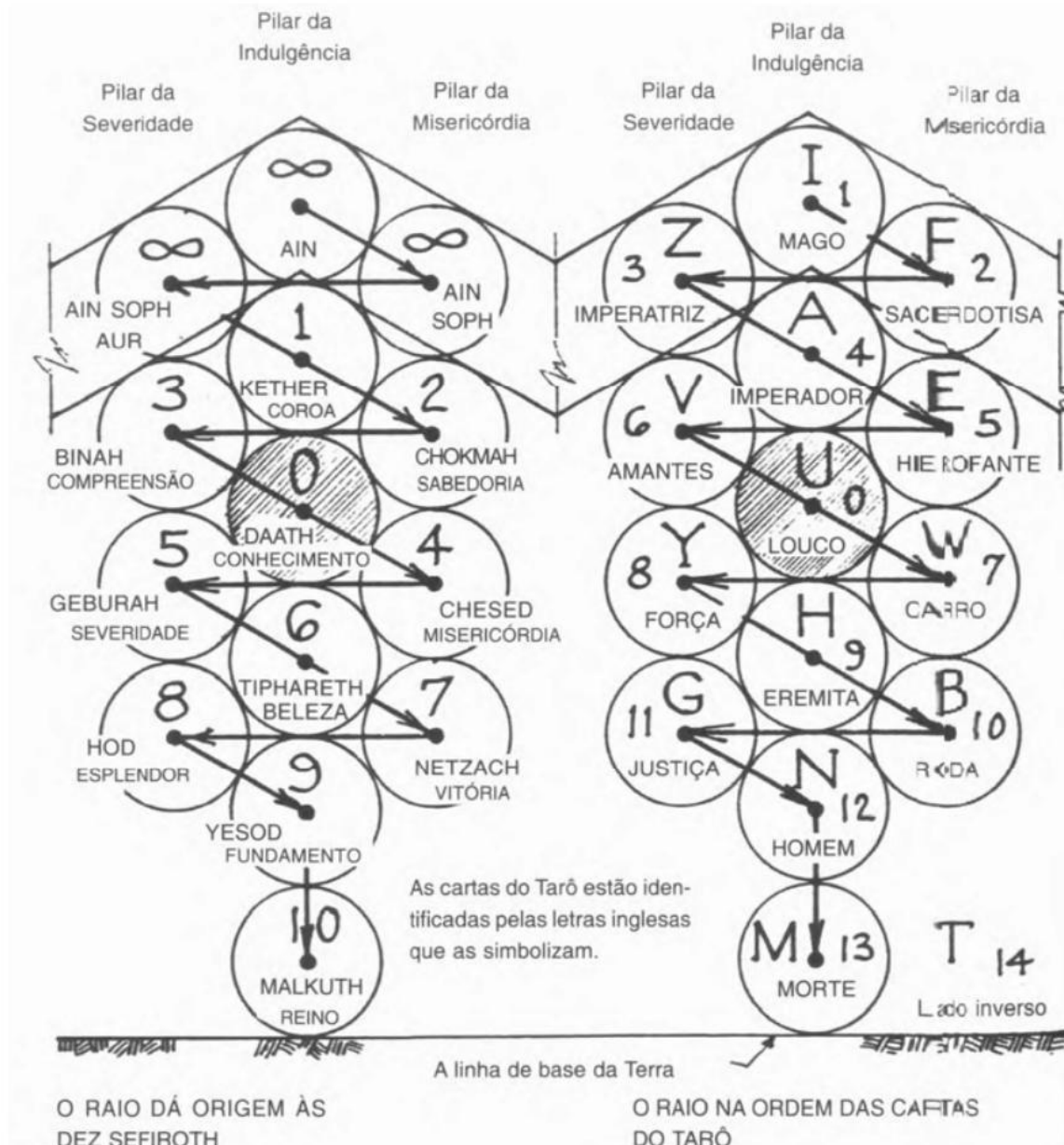


Figura 54
A Árvore da Vida Sefirótica junto com seus nomes hebraicos e símbolos correspondentes no Tarô.²⁷

27. Paul Foster Case, em seu livro póstumo intitulado *The True and Invisible Roscrucian Order*, explica como os princípios cabalísticos da Gematria podem ser aplicado, aos símbolos do Tarô na Árvore da Vida (York Beach, Maine, Samuel Weiser, Inc., 1985). O livro é recomendado para estudos mais aprofundados.

é sempre o mesmo. Cada termo na série representa uma potência consecutiva da constante universal Phi (ϕ).

Mas vejamos o que a Árvore Sefirótica em si tem a dizer sobre o assunto. Os números de suas seis primeiras Sefiroth são 1-2-3045, que podem ser lidos em inglês como "A B CODE" [Código A B]. O que é um *Código*? O dicionário *Webster* define essa palavra como: 1) declaração sistemática de um corpo de lei, 2) um sistema de princípios ou regras, 3) um sistema de sinais para a comunicação e 4) um sistema de símbolos (como letras, números ou palavras) usados para representar significados atribuídos e, com frequência, secretos. E acho que você terá de concordar que essas definições são igualmente aplicáveis à própria Cabala.

Vejamos agora o que essas mesmas seis Sefiroth dizem em hebraico. O número 1-2-304-5 pode ser transliterado como "Aleph (1), Beth (2), Gimel (3), Daath (0), Daleth (4) e He (5)"; e se usarmos os símbolos ingleses para essas letras hebraicas, descobrimos que "A B GOD: H", ou que "H (each, *cada*) A Be God. [Cada A Ser Deus]. Então o que seria a letra A, um *Deus* ou um *Código*?

A resposta está no *cada*, pois quando olhamos para o Tarô, o terceiro instrumento de comunicação disponível para nosso uso, a resposta aparece clara como cristal. Tudo o que temos a fazer é ler os números codificados em ordem inversa ao longo da árvore, desde o 5 até o 1 e, na linguagem do Tarô, o número 54-03-21 nos diz que "EA. UZ(e) FI(e)", sendo a palavra "Fie" apenas um outro modo de soletrar "Phi" (ϕ), o princípio universal por meio do qual todas as coisas são trazidas à manifestação.

Parece incrível, não é mesmo? A Cabala pode carregar três conceitos filosóficos tão poderosos, tirados apenas de seis pequenos dígitos. Você vai ter de concordar que estamos lidando aqui com um computador bem inteligente, para dizer o mínimo.

Já falamos do diagrama da esquerda na Figura 54. Vamos agora tratar do diagrama da direita e tentar interpretar o significado das Sefiroth à luz de sua simbologia no Tarô. Se lermos os números ao longo do tronco da árvore (o Pilar do Meio), seu significado fica bem evidente. Ele afirma: "I AM. I HUM AN AUM. I AM HUMAN" [Eu sou humano]. E o som do AUM, de acordo com a Teosofia, é o som primordial que criou o Mundo. Sua contraparte é OM, o som perene, e juntos representam o ciclo de vida completo da Palavra Divina que havia no princípio.

Portanto, se o "EU SOU" representa o diâmetro do círculo sefirótico — coisa que certamente ele faz, já que seu valor é 913 (ver Figura 17) — quais símbolos do Tarô representam sua circunferência? São, obviamente, as três esferas de AIN, AIN SOPH e AIN SOPH AUR, que consistem no Mago, na Grande Sacerdotisa e na Imperatriz; lendo da direita para a esquerda, elas afirmam que "F IZ" (F IS, F *é*). Assim, entre o "EU SOU" na forma do AIN (AN I, *Um Eu*) e sua contraparte, o "F IZ" na forma do AIN SOPH (AIN'S EF, *EF do AIN*), os aspectos masculino e feminino da força criativa entram em plena atividade.

Os quatro mundos de Atziluth, Briah, Yetzirah e Asiah, além de serem representados como quatro árvores distintas, também dividem uma única Árvore Sefirótica em quatro partes triangulares. *Atziluth*, o mais alto dos quatro, é o Mundo Divino dos Arquétipos. Constrói o triângulo divino de Kether, Chokmah e Binah. Seus símbolos no Tarô seriam então A e EV, ou Adão e Eva. E não são estes os mais perfeitos arquétipos de que temos conhecimento? Isso prova mais uma vez a infinita sabedoria da Cabala.

O próximo mundo triangular está no lado material do Abismo (a Média Phi) e portanto aponta para baixo. Trata-se de *Briah*, o Mundo Arcangélico das Criações, e responde à questão de WHY [Por que] temos H (each, *cada*) WY(e) [nome do 'Y' em inglês]. Consiste de Chesed, Geburah e Tiphareth e seus símbolos no Tarô, novamente lidos da direita para a esquerda, nos contam WHY [Por quê].

O terceiro mundo triangular é *Yetzirah*, o Mundo Hierárquico da Formação, e dali o denso universo físico tem seus princípios. Como sabemos disso? Sabemos que é verdade porque ele se compõe de Netzach, Hod e Yesod, cujos símbolos no Tarô são BGN. E não é preciso muita imaginação para transformar essas letras na palavra BEGIN [Principiar].

O quarto mundo é o mais denso de todos e fica isolado no Reino de Malkuth, a décima Sefirah no final da Árvore. Trata-se de *Asiah*, o Mundo Físico da Ação, e não é representado como um triângulo porque toda sua ação é vertical. Ele simboliza a queda do HUMANO do abismo conhecido como Daath (a Sefirah vazia no centro da árvore), ponto a partir do qual ele passa ao longo de Tiphareth e Yesod, até que chega ao Mundo Físico de Malkuth. Assim, aprendemos que "Adam and Eve are why you begin empty" [Adão e Eva são o porquê de você começar vazio] (A EV WHY U BGN M-T).

Está tudo certinho, mas o que fazemos quando voltamos a Daath, a Sefirah vazia no meio da árvore? A resposta é simples. Do mesmo modo que a Morte (M) caiu de Daath (0) no Reino de Malkuth (10), assim a Temperança (T) deve retornar ao vazio de Daath e preenchê-lo com o *Conhecimento*. Esse é um processo automático, porque o único meio pelo qual a Temperança pode ser trazida a Daath é por meio do Louco (U), que já está "Full" [Cheio] de experiência e conhecimento.

Assim, aquilo que estava "empty" [Vazio] (MT) será magicamente transformado em um Monte (MT), mas não em qualquer montanha porque seu nome é "MOUNT AIN" [Monte AIN]. Isso prova novamente, então, que o AIN existe em DAATH porque o valor numérico do vértice de qualquer série Phi é sempre igual ao terceiro termo. Além do mais, o número Alfa de "Mountain" [Montanha] é 107, o mesmo de "The Chariot" [O Carro] (a letra W). E quando você inverte a letra W, transforma-a em um "M". Além disso, não seria o número Alfa de "I AM" [Eu sou] o número 23, igual ao da letra W? Quanto mais entramos na Cabala, mais espantosa ela parece tornar-se.

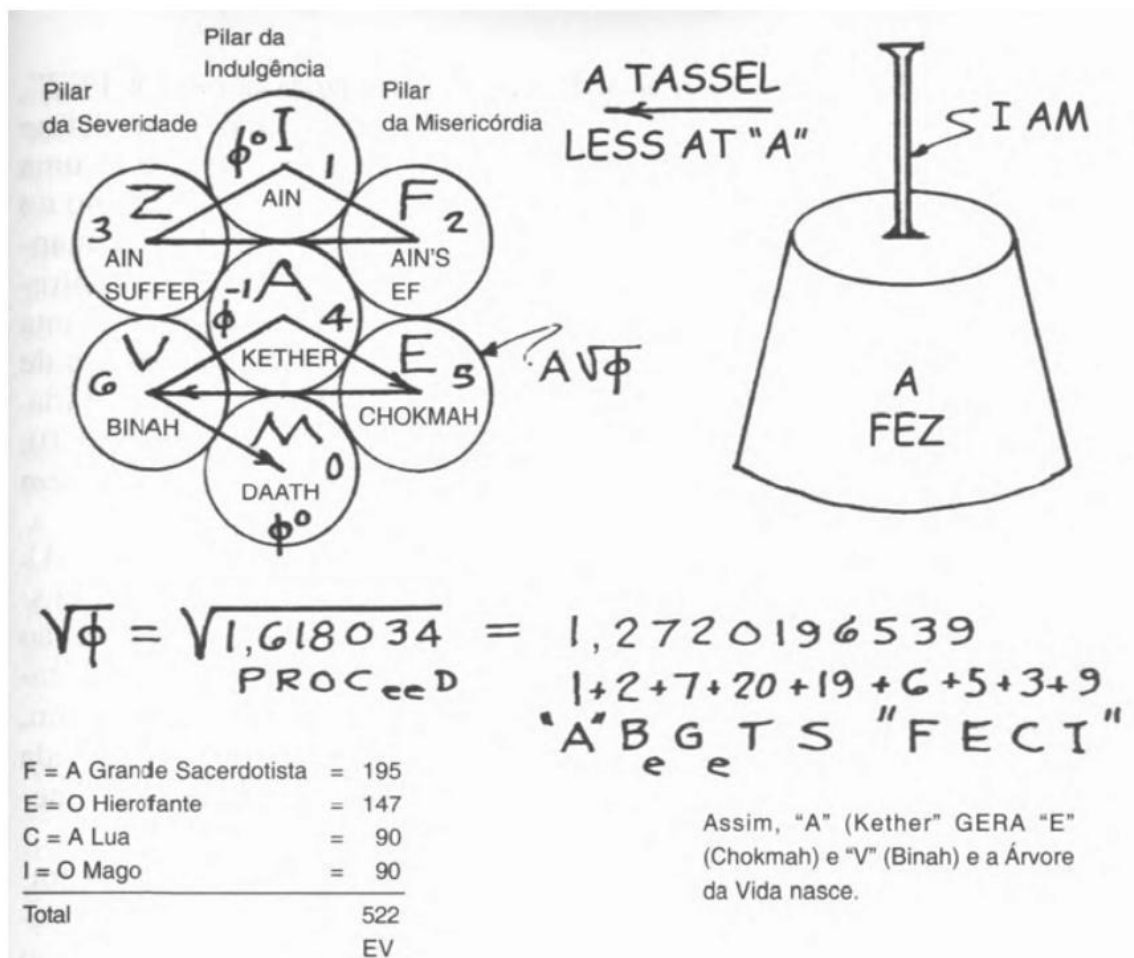


Figura 55
O Grande "EU SOU" revela o segredo de seu poder

A Figura 55 dá ainda mais mostras de que a Árvore Sefirótica tem a mesma relação com o Livro do Tarô que uma série de fechaduras tem com as chaves. E as chaves, obviamente, são necessárias para abrir as fechaduras. Uma das chaves é a esfera do AIN SOPH AUR, que significa Luz Sem Limites. Seu valor numérico hebraico é 414, que surpreendentemente é lido como DAD [Papai] em inglês. Podemos então supor que o princípio paterno do Sol encabeça o Pilar direito da Severidade, em oposição ao princípio Materno da Lua que deve encabeçar o Pilar direito da Misericórdia. AIN SOPH ou (AIN'S EF) significa Espaço Ilimitado e se relaciona, definitivamente, com a Grande Sacerdotisa, a Mãe Virgem do Mundo.

Mas o que realmente significa AIN SOPH AUR? Novamente temos a resposta, pois não é preciso muita astúcia para traduzir "AIN SOPH AUR" como "AIN SUFFER" [AIN sofre], o que significa que aqui no Pilar da Severidade é onde "AN I" SUFFERS [Um Eu Sofre]. No Pilar da Misericórdia "AN I" [Um Eu] é confortado pelo princípio feminino da Maternidade de Deus, mas no Pilar da Severidade "AN I" é obrigado a sofrer as consequências de suas ações pelo princípio masculino da Paternidade de Deus.

Mas talvez uma das mais notáveis provas seja aquela dada pelas cartas 1, 2, 3, 4 e 5 do Tarô, cujos símbolos são as letras I, F, Z, A e E. Por meio

das leis da Ternura essas letras podem ser rearranjadas como "A FEZ", [Um barrete] com o "I" funcionando como sua borla. O *Webster* define um "barrete" como um chapéu sem abas, em forma de cone, com uma *borla*, sendo que o Barrete representa obviamente o aspecto feminino do "MA P" e a Borla o aspecto masculino do "I AM" [Eu sou]. Assim, quando lemos "A Tassel + MA I" [Uma Borla + MA I] ao contrário, encontramos a declaração "I AM LESS AT A" [Eu sou menos em A], que é uma necessidade matemática se o "I" [Eu] tiver de ser o termo do vértice de uma série Pi de números que desce pelo pilar central da Árvore da Vida. Por exemplo: se os termos "I" e "M" são iguais à Média Phi ($2 = 0$), então $A = \frac{2}{\phi} = \frac{2}{1,62} = 1,23$ o que não apenas é *menos* que 2, como também

$$\phi \ 1,62$$

é numericamente igual ao 123 de "The Emperor" [O Imperador] (a letra A).

No capítulo 4 mostramos como a " ϕ é a posição média entre quaisquer dois termos numa série Phi (ϕ) (ver Figura 45). Disso adviria então que a magnitude de cada termo nos dois pilares externos deve ser exatamente $\sqrt{\phi}$ maior que o termo pouco acima dele no pilar do meio. Assim, $E = A \sqrt{\phi}$, $F = I \sqrt{\phi}$, etc. Mas por outro lado, $I = A(\phi) = M$, sendo cada termo sucessivo em qualquer dos pilares exatamente ϕ vezes aquele imediatamente acima dele.

Na Figura 55 temos, portanto, a prova viva da incrível inteligência embutida na Cabala, pois não apenas descobrimos que " $\sqrt{\phi}$ permite que o Imperador (A) "Gere", como também mostra exatamente a quem ele gera. São esses o Hierofante (E) e os Amantes (V). Como sabemos disso? Sabemos que é verdade por causa da declaração feita pelo valor decimal de " $\sqrt{\phi}$ quando é estendido a um número significativo de dígitos. Descobrimos que ele gera os dígitos 6, 5, 3 e 9, que podem ser transpostos como as letras F, E, C e I. O valor total dos Nomes de Deus para essas letras é 522, ou E + V, os símbolos do Tarô para Chokmah (Sabedoria) e Binah (Compreensão).

A Cabeça da Serpente da Sabedoria

Aprendemos que o valor numérico das palavras AIN SOPH (Existência Negativa Ilimitada) é idêntico à palavra hebraica para Luz (AUR), como mostrado pela seguinte tabulação:

$$\begin{aligned} \text{Aleph (1) + Yod (10) + Nun (50)} &= 61 = \text{AIN (Ain)} \\ + \text{Samekh (60) + Vav (6) + Pe (80)} &= 146 = \text{SVP (Soph)} \\ = \text{Aleph (1) + Vav (6) + Resh (200)} &= 207 = \text{AVR (AUR)} \end{aligned}$$

Portanto, se os hebreus sabiam que $\text{AIN (61) + SVP (146) = AVR (207)}$ e se tinham familiaridade com o processo Phi de adição sucessiva, é de se espantar por que eles não repartiram três Sefiroth distintas para essa Trindade Hebraica em vez de apenas uma. É extremamente provável que o tenham feito, mas isso os forçaria a usar uma quarta Sefirah oculta,

representando a *diferença* entre os dois elementos do AIN-SVP, assim como sua soma. Assim: AVP (146) — AIN (61) = PH (85). A descoberta dessa Sefirah oculta os capacitaria, então, a substituir as simplistas esferas de três vértices de AIN, AIN-AVP e AIN-SVP-AVR por um novo círculo apical de sete esferas a que chamaremos AIN Maior. Por quê? Porque as leis de Phi exigem que uma esfera adicional de AIN seja repetida como o terceiro termo na série de cada um dos vértices que encabeçam os três Pilares da Severidade, da Indulgência e da Misericórdia.

Há apenas uma solução que pode satisfazer todas as possíveis permutas do AIN-AVP-AVR, que é colocar o AVR (207) entre os dois AINs do Pilar do Meio. Desse modo, as três esferas do AIN (61), AIN-SVP (207) e AIN-SVP-AVR (414) terão sido transformadas em *uma* esfera do AIN Maior, ainda com a mesma vibração (682) e formada por seus sete componentes principais de modo tal que a grande Árvore da Vida possa realizar seu grande trabalho por meio das adições sucessivas aparentemente infinitas das Sefiroth. Os resultados de nossos esforços são mostrados na Figura 56.

Neste momento recomendamos que o leitor compare nossa Árvore da Vida corrigida com a Árvore Sefirótica mostrada na Figura 54. Elas são essencialmente a mesma, sendo a única diferença que os primeiros três trunfos do Tarô (o Mago, a Grande Sacerdotisa e a Imperatriz) correspondem agora a um único AIN, e não mais ao AIN, o AIN SOPH e o AIN SOPH AUR a que correspondiam originalmente. Dessa forma, cada um deles agora é simplesmente "AN P" [Um Eu] que, por acaso, corresponde ao mesmo valor numérico da palavra inglesa "You" [Você] (61).

Há ainda uma outra mudança feita por nós, na Sequência dos trunfos do Tarô no diagrama da direita. O triângulo divino começa como antes, com o Imperador (A) representando Kether, o Hierofante (E) Chokmah e os Amantes (V) Binah. Mas quando chegamos a Daath (a Sefirah vazia no meio da Árvore, correspondente à Média Phi), a deixamos vazia por enquanto, seguindo o exemplo dos hebreus ao numerarem as Sefiroth originais do 1 ao 10.

O resto dos trunfos do Tarô continua, então, em sua sequência normal e seguem o caminho serpentino da Serpente conforme ela ondula por todo o caminho, descendo até o Reino de Malkuth, a décima Sefirah na parte de baixo da Árvore. Mas ali, como você notará, Malkuth agora é simbolizado pelo Diabo (Carta 15 do Tarô), enquanto a Morte (M) e a Temperança (T) devem ocupar as Sefiroth *vazias* (MT) que sustentam os Pilares da Severidade e da Misericórdia, como ocorre na Árvore Sefirótica moderna.

Mas o Reino de Malkuth é um lar adequado para a Serpente, uma vez que representa a máxima densidade possível de qualquer das Sefiroth. Portanto, quando a Força Vital finalmente se houver solidificado aqui, não há nenhum outro lugar para onde ela possa ir senão de volta à Árvore da Vida de onde veio. Mas agora ela deve seguir o caminho da *involução* em vez da evolução; é preciso passar pelo processo de entrar em si mesmo. O caminho serpentino *cem torno* do Pilar do Meio era o caminho da evolução.

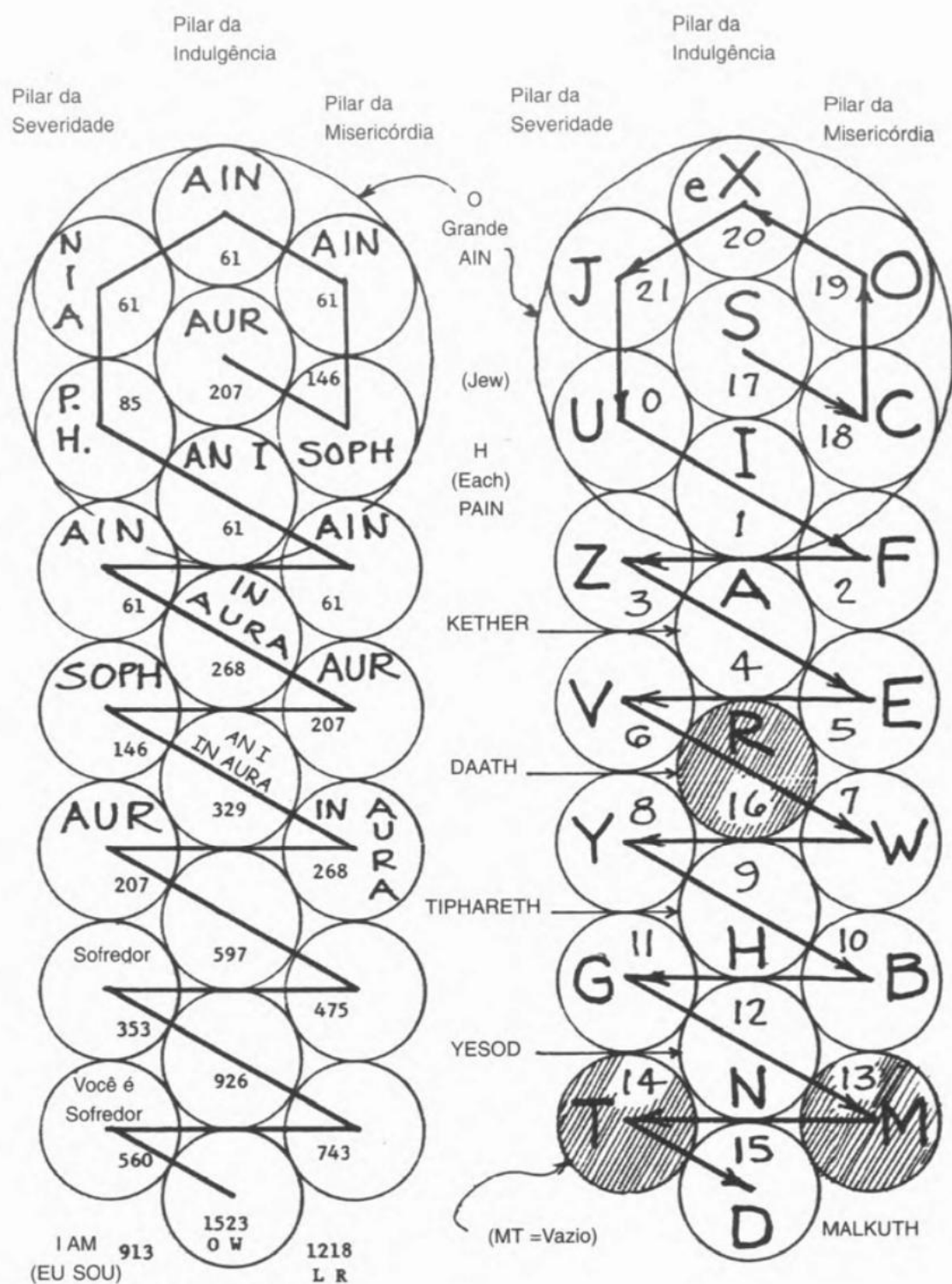


Figura 56

Como as 22 cartas do Tarô relacionam-se às três maneiras possíveis de expandir os valores numéricos hebraicos para AIN (61) SOPH (146) AUR (207)

mas o Caminho reto da Flecha *por dentro* do Pilar do Meio é o caminho da involução. Assim, ele deve despertar a força do Kundalini adormecida na base da espinha e, à maneira da cobra, erguer novamente sua cabeça em direção à extremidade da árvore, ao longo de sua corda espinal, que se tornou rígida e forte. Mesmo a Cabala verifica ser este o procedimento correto, pois se você começar na Torre (a letras R) e ler primeiro ao longo do Pilar do Meio e depois descer novamente a partir do R, a ordem é "RAISE H (each) ND", ou "raise its hind end" [erguer sua extremidade posterior].

O número Alfa de "Devil" [Diabo] é 52, igual ao de "Earth" [Terra]. Mas a palavra DEVIL, quando lida de trás para a frente, torna-se LIVED [vivido], que é exatamente o que nossa Serpente da Sabedoria tornou-se nessa fase de sua jornada pela vida. Portanto, para que ela continue em sua jornada *involuntária*, deve fazer uma parada na Sefirah de Daath (Morte) da qual caiu. E isso é fácil de fazer, pois a Casa de Daath está vazia, já que seu simbolismo básico é 0, que significa a ausência de um número.

Você notará que Malkuth (Carta 15 do Tarô) é a oitava Sefirah no Pilar do Meio da Figura 56. Portanto, a Carta 15 do Tarô deve ser também a primeira Sefirah em sua viagem evolucionária de subida da árvore, que da mesma maneira deve passar por uma série de oito paradas ou etapas. Dessa forma, o Diabo (Carta 15 do Tarô) é a primeira; a Torre (Carta 16 do Tarô) preenche o vazio na segunda parada em Daath (a Média Phi); e a Estrela (Carta 17 do Tarô) torna-se seu terceiro lar no próprio centro da cabeça da cobra, bem no meio de seu capuz. É bastante significativo que esse núcleo central do AIN Maior seja o AUR, que significa Luz. Além disso, as seis esferas que formam seu capuz consistem no JU (Jew, *Judeu*) encabeçando o Pilar da Severidade, a palavra SIX [Seis] encimando o Pilar do Meio e o Sol e a Lua abrigando o Pilar da Misericórdia.

A Força Vital, então, move-se em torno do círculo do AIN Maior, fazendo sua quarta parada na Lua (Carta 18 do Tarô), a quinta no Sol (Carta 19 do Tarô) e a sexta em Julgamento (Carta 20 do Tarô), na extremidade superior da árvore. A sétima parada é em Mundo (Carta 21 do Tarô) e sua última e conclusiva parada no processo involutivo é no Louco (Carta 0 do Tarô), onde ele espera por sua oportunidade de começar o processo *evolucionário* novamente em "AN I" [Um Eu], o Mago (Carta 1 do Tarô).

Isso completa, portanto, o circuito da força vital ao longo dos Arcanos Maiores do Tarô. O verdadeiro valor numérico de cada Sefirah pode ser encontrado, então, por adição sucessiva. Eles são mostrados no diagrama da esquerda. É significativo que o Ju (Judeu), por encabeçar o Pilar da Severidade, torne-se "AN I" [Um Eu] (AIN) que deve SUFFER [Sofrer] (SOPH-AUR) H (each, *cada*) PAIN [Dor] (HP + AIN) que o Pilar da Severidade tem a oferecer.

Por quê? Porque ele é aquele que representa a palavra PH (Pe). o nome da 17ª letra do alfabeto hebraico, e que significa "Boca" em português.

Como ele é a *boca* do Louco (Carta O do Tarô), fala com a autoridade do AIN. Ele é o Diabo, uma vez que o valor Hebraico de PH (é) é 85; mas é também Cristo, já que o número Alfa de "Mouth" [Boca] é 77. E se somarmos os dois, ele se torna a própria Grande Sacerdotisa, cujas iniciais formam a palavra PH ($85 + 77 = 162 = \text{High Priestess [Grande Sacerdotisa]} = 1,62 = \text{Phi}$). Seria, assim, de espantar que ele deva sofrer por todas essas honras que são seu legado?

Mas ainda não acabamos. Ainda há mais. O valor numérico da oitava Sefirah na base do Pilar da Severidade é 913, o mesmo que BRASHITH (Berashith), a primeira palavra na *Bíblia* que significa "No Princípio". O número também pode ser transliterado como "I AM" [Eu sou].

Os valores numéricos hebraicos para as duas oitavas Sefiroth que sustentam o Pilar central, da Indulgência, e o Pilar direito, da Misericórdia, são 1523 e 1218, respectivamente. Eles são transliterados como OW e LR e, quando consideramos o símbolo do *Tarô* para esse mesmo Reino de Malkuth (que é a letra D), o resultado é o WORLD [Mundo]. Assim, declara-se em inglês: "IAM (the) WORLD" [Eu sou (o) Mundo]. Mais perguntas?

Você talvez não tenha perguntas, mas eu certamente tenho. O mais difícil de entender é como puderam os antigos hebreus projetar uma Árvore da Vida, baseada inteiramente em palavras *hebraicas* e no sistema *hebraico* de numeração, que fizesse tanto sentido atualmente em inglês moderno, quase dois mil anos antes mesmo que a linguagem inglesa fosse inventada? A única resposta é dar crédito a quem o merece — à Mente Divina da Consciência Universal de Deus, onisciente, onipresente e onipotente.²⁸

28. A obra de David Godwin, *Cabalistic Encyclopedia*, é um dos melhores livros publicados até hoje no quesito de dicionários das pronúncias hebraicas das palavras mais usadas na Cabala (St. Paul, MN., Llewellyn Publications, 1979).

Capítulo 6

Uma Caminhada Pelo Tempo e Espaço

Tempo e espaço — será que realmente compreendemos o verdadeiro significado dessas palavras? Haveria, na realidade, uma diferença? Pois quando olhamos no espaço as incontáveis miríades de estrelas espalhadas pelo Universo, o que estamos observando na verdade? Aprendemos que são todas sóis gigantescos, mas tão longe no "espaço" que nos parecem meios pontinhos de luz. Mas não estariam também, na realidade, distantes no "tempo"? Não há um único objeto dentre os que vemos em todo o céu, exceto talvez a Lua, de cuja existência tenhamos prova absoluta no atual memento do tempo a que nos referimos como "agora". Aquele objeto pode ter explodido há muitos milhares de anos e nem mesmo existir "agora". Mesmo quando observamos a estrela mais próxima, podemos ver apenas o modo como ela existia há quatro anos, não necessariamente o modo como existe "agora". E muita coisa pode acontecer nesses curtos quatro anos.

Mas e quanto a cem mil anos? Algumas das estrelas em nossa galáxia, a Via Láctea, estão, na verdade, projetando a imagem da forma como existiram há 100 mil anos no passado, pois demora mais de 100 mil anos para que sua luz viaje até o planeta Terra. E mesmo esse tempo é só uma gota em meio à eternidade. Algumas das galáxias nas regiões mais remotas do "espaço" estão mostrando-se a nós da forma que eram há mais de 40 bilhões de anos. Imagine só! Quando nossos modernos telescópios observam essas galáxias, estão na verdade fotografando um pedaço do Universo há 40 bilhões de anos no passado! Assim, o espaço e o tempo são um só.

Grandeza e Pequenez

Outro elemento a ser considerado é o conceito de grandeza e pequenez. O que é grande e o que é pequeno? Não seriam esses apenas termos

relativos? Um estudo da Figura 57 mostra coisas bem interessantes. É bem fácil perceber que o "tamanho" de um objeto depende apenas de seu ponto de vista e de sua posição na escala. Vamos pegar o homem, por exemplo. Ele tem um corpo composto de bilhões de células. Para ele, uma célula é muito pequena e a Terra, o planeta em que vive, é muito grande. Mas, na verdade, o corpo do homem está aproximadamente na posição média entre

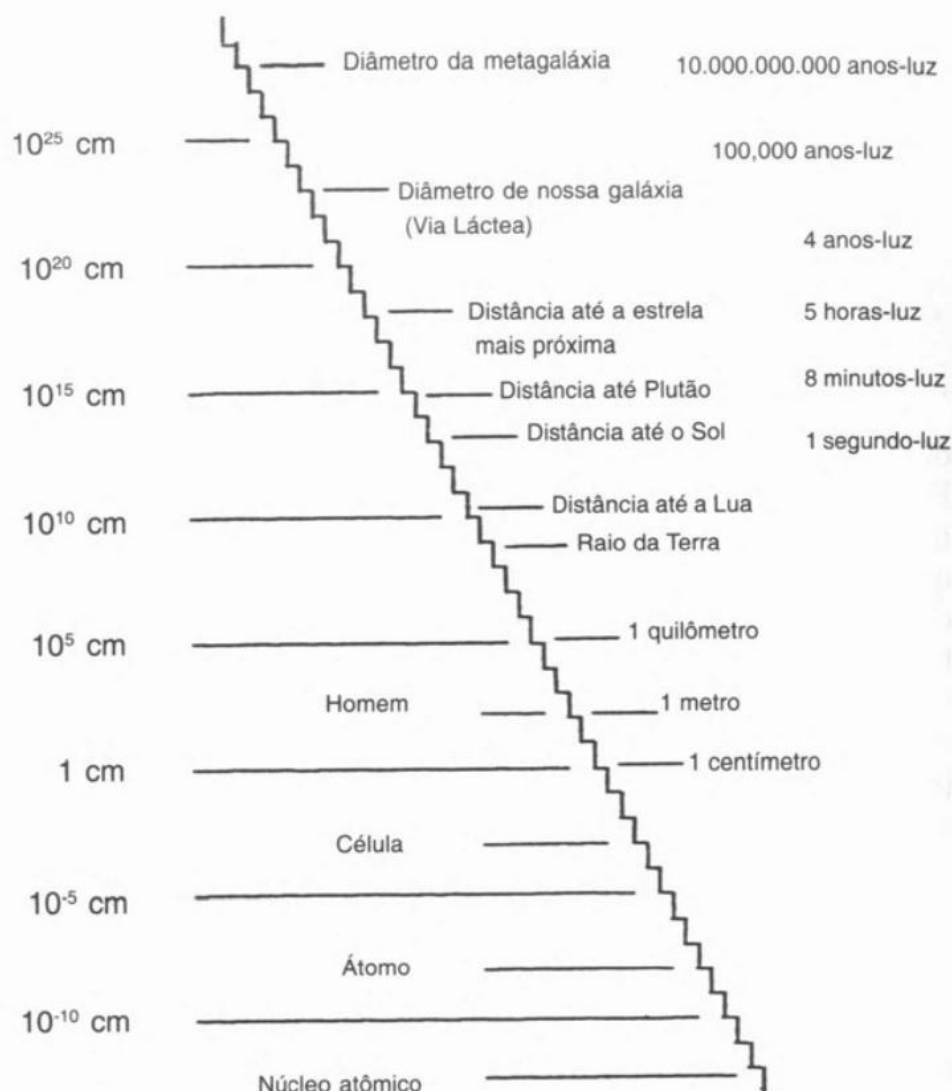


Figura 57

A escala do átomo ao Universo. Cada degrau indica um aumento de dez vezes. Por exemplo: um objeto cinco passos mais alto que outro é $10 \times 10 \times 10 \times 10 \times 10$ vezes maior = 100.000 vezes²⁹

o tamanho de uma única célula e o tamanho da Terra; ou seja, uma célula é proporcionalmente tão pequena em relação ao corpo do homem quanto a Terra é grande.

29. A figura 57 é uma adaptação do diagrama publicado em *Worlds-Antiworlds* de Hannes Alfvén (San Francisco, W. H. Freeman e Co., 1966), p. 7.

E podemos ir ainda mais longe na analogia. Um átomo é tão menor que uma célula quanto o corpo do homem é maior; e o núcleo de um átomo está tão distante de sua casca externa quanto o Sol está da estrela mais próxima dele. Em outras palavras, o corpo do homem é também a posição média entre o núcleo de um átomo e a distância do homem até a estrela mais próxima. Assim, uma estrela gigante vermelha (o maior corpo material no Universo) é tão maior que o homem quanto o elétron (a menor das entidades físicas) é menor. Quem pode dizer, portanto, se o corpo do homem é grande ou pequeno? Por conseguinte, grandeza e pequenez, o macrocosmo e o microcosmo, da mesma maneira tornam-se um só.

Isso coloca o homem no fulcro da balança, o ponto de equilíbrio entre esses dois extremos; e um dos únicos modos como ele pode compreender a natureza da realidade definitiva é por meio das relações matemáticas entre as partes que a compõem. Seria coincidência que a célula média que constitui o corpo humano contenha mais ou menos tantos átomos quanto nossa galáxia (a Via Láctea) contém estrelas? Pense nisso! Ela contém nada menos que 100 bilhões de estrelas. E seria coincidência que o corpo físico do homem, que contém cerca de 60 trilhões de células, seja a média proporcional entre o tamanho de uma célula e o tamanho de nosso próprio planeta Terra, sobre o qual vivemos? E seria coincidência que o Sol, que é um corpo extremamente grande quando comparado à Lua, esteja situado no espaço de tal modo que seu tamanho aparente ser o mesmo para os sentidos físicos? A simples razão nos dirá que esses fatos, junto com muitas centenas de outros, não podem ser explicados pelas leis da coincidência.

Portanto, cabe ao homem descobrir a razão pela qual ele é realmente a Média Áurea entre o macrocosmo do universo maior e o microcosmo do universo menor; e um dos modos como ele pode fazê-lo é compreender a natureza de seu próprio *Ser*, quem e o quê ele realmente é e seu propósito na vida. Os antigos compreendiam muito bem essas verdades e muitos Mestres afirmaram que não vai demorar muito até que a própria humanidade seja trazida ao limiar da pura consciência e compreensão espirituais.

Viagem pela Consciência

Como isso tudo poderá ocorrer? A resposta, aparentemente, é que o homem precisa simplesmente aprender como viajar na consciência. Isso não se limita necessariamente a viagens pelo espaço porque certamente teremos também de considerar a viagem pelo tempo; portanto, viajar pela consciência significaria viajarem ambas as dimensões, tanto no tempo quanto no espaço.

Isso tudo leva àquilo que poderia ser chamado "aspecto espacial do tempo". O que você quer dizer com isso?, pergunta você. Podemos explicá-lo comparando o tempo com o espaço. Por exemplo, é muito simples para o homem

viajar para qualquer destino que deseje — e até mesmo voltar àquele lugar quantas vezes quiser — no "universo espacial" a que o homem chama Terra. Porém, quando consideramos o "universo temporal", temos uma situação completamente diferente. E não faz diferença se estamos pensando nos mundos macrocósmicos de galáxias, estrelas e planetas que existem fora daqui — lembre-se que essas são apenas imagens do passado — ou se estamos pensando no aspecto temporal do universo microcósmico a que chamamos Terra, as limitações são as mesmas; o homem simplesmente não é capaz de viajar em seu mundo físico de um lugar para o outro, para frente e para trás, na dimensão chamada *tempo* da mesma maneira fácil como o faz na dimensão chamada *espaço*. Porém, essas duas dimensões são apenas aspectos diferentes da mesma realidade definitiva.

Chegamos então à inexplicável conclusão de que embora o homem ainda não tenha se tornado um viajante do "tempo" — com isso queremos dizer ser capaz de viajar para trás no tempo para o número quase infinito de estrelas, planetas e outros corpos que existem no mundo macrocósmico do tempo e que é erroneamente chamado espaço sideral — ele certamente é, no momento, um viajante do "espaço", porque é livre para viajar para qualquer lugar que deseje no "universo espacial" a que os homens chamam Terra, esse mundo microcósmico de nosso próprio planeta. De todos os lugares do Universo, nosso próprio planeta é o único lugar que o homem pode realmente dizer que é o presente ou o agora.

"Estamos vivendo no agora", os professores afirmaram muitas e muitas vezes. E onde está o agora? A resposta não está em nenhum outro lugar além do planeta Terra, no que tange à nossa consciência física. Tudo o mais que vemos no espaço sideral é apenas uma imagem daquilo que existiu no passado. O planeta Plutão está cinco horas no passado quando o observamos. Mesmo nosso Sol está oito minutos no passado de acordo com nossos sentidos. O único corpo celeste que podemos considerar como existente em nosso presente, no agora, é nosso astro-irmão Lua, cuja luz foi enviada apenas um segundo antes do momento em que aparece para nós. Tudo o mais existe naquilo a que o homem chama "passado" e, até onde sabemos, pode nunca existir em nosso "agora".

Isso pode soar estranho porque, por simples analogia, podemos projetar o passado no presente. Você sabe tão bem quanto eu que Marte, Vênus e Júpiter existem "agora", mesmo se a prova de sua existência ainda não atingiu nossos sentidos. Mas será que podemos estar absolutamente seguros desse fato aparentemente óbvio? Eu posso ter visto você na rua hoje e saber que você está vivo e bem, e muito provavelmente você ainda está. Mas e se nesse meio tempo você houvesse sofrido algum acidente infeliz, uma explosão ou qualquer outra coisa, e a notícia desse acontecimento não tivesse ainda chegado a meus sentidos? Claro que você ainda existiria; quer dizer, sua alma ainda existiria, sua consciência ainda existiria. Mas seu corpo físico teria desaparecido no nada e não existiria mais em minha

consciência presente a consciência a que chamo de meu "agora" individual. Você existiria em um "agora" completamente diferente.^{30, 31}

As Quatro Dimensões do Espaço-Tempo

Tudo o que foi dito anteriormente nos leva diretamente a uma discussão sobre o próprio *continuum* espaço-tempo. Podemos prontamente ver que a viagem no plano terrestre envolve movimento em duas direções da superfície (comprimento e largura) e em uma direção vertical (altura), perfazem-

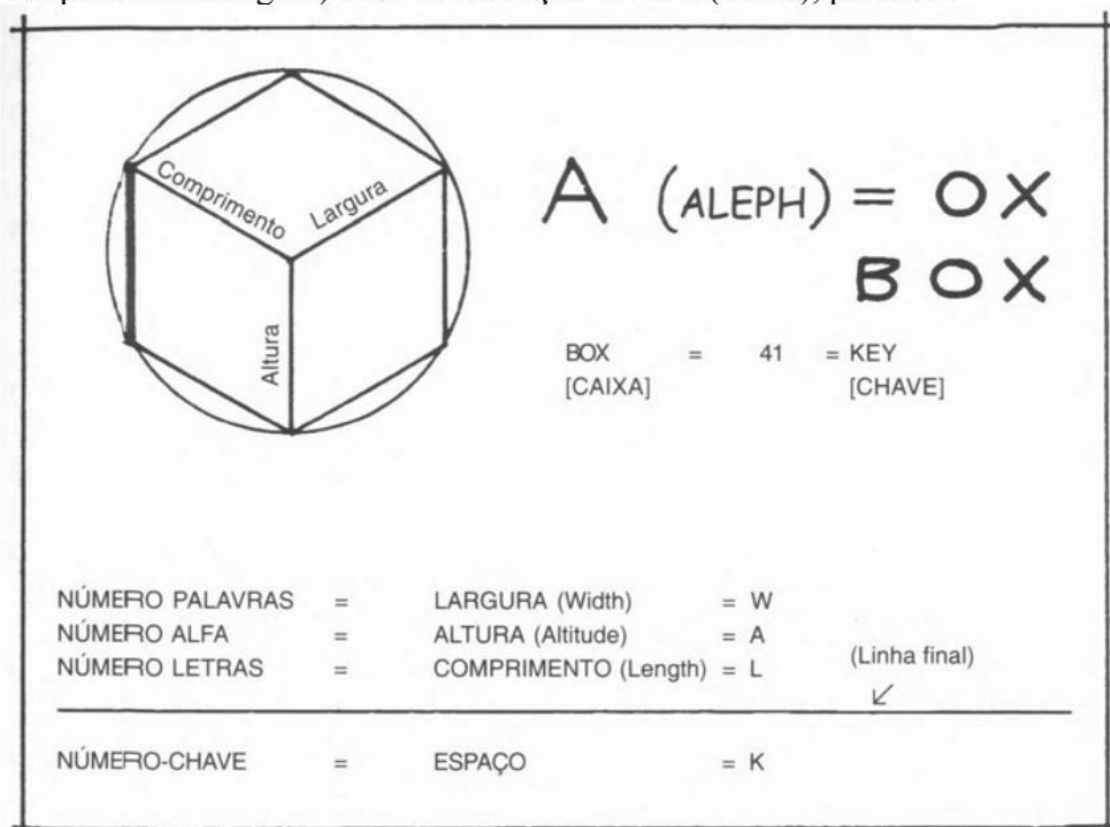


Figura 58
O Cubo do Espaço dentro da esfera do tempo

do ao todo três componentes do espaço. Porém, não importa a velocidade em que se viaje, ainda leva "tempo" para ir daqui até ali, por causa do próprio movimento circular da Terra ao girar em torno de seu eixo.

30. Grande parte do material da primeira parte deste capítulo foi tirada do primeiro livro do escritor, intitulado *Agasha: Master of Wisdom* (Marina del Rey, CA., DeVorss & Company, 1977), capítulo 9.

31. Lincoln Barnett, em *The Universe and dr. Einstein*, dá uma explicação bastante abrangente das Teorias Geral e Especial da Relatividade de que falamos neste capítulo (New York. William Sloane Associates, 1948). O livro teve diversas edições e é muito bem recomendado.

A Cabala considera todas essas condições, chegando mesmo a descrever o VERBO original que existiu no princípio. Esse Verbo poderia ser quase qualquer palavra ou grupo de palavras, referindo-se "Verbo" ao som, palavra, frase ou nome em particular que inicia uma ação que leva a um resultado específico. Portanto, estudaremos agora esse "Verbo" e o dividiremos nas partes que o compõem.

"Quais são as partes que o compõem?", pergunta você. A resposta é que ele tem comprimento, largura e altura. Vamos considerá-lo como uma caixa. Portanto, tem três dimensões separadas e distintas em seu ser. Ocupa "espaço" (como determinado por sua largura, comprimento e altura), mas também existe no "tempo". Ou seja, na realidade, ele tem três dimensões de "espaço" e uma dimensão de "tempo", sendo que se considera que o elemento tempo possui apenas uma dimensão, que é linear ou circular. Podemos ver então que o nosso "Verbo" deve ter quatro números distintamente diferentes, mas relacionados, ligados a ele para que possa existir em um espaço quadridimensional ou no *continuum* espaço-tempo. Os componentes individuais são mostrados na Figura 58.

A primeira de suas dimensões "espaciais" é o número de *palavras*. Isso corresponde à largura de nossa caixa e para conhecê-lo basta contar o número de palavras na frase ou nome em particular que está sendo considerado. Por exemplo: o número de palavras para MAN [Homem] é 1, já que há apenas uma palavra; mas o número de palavras para THE MAN [O Homem] é 2, uma vez que há duas palavras nesse nome em particular. E o número de palavras deste livro estaria na casa dos milhares, pois é simplesmente o número total de palavras no livro.

A segunda de suas dimensões "espaciais" é o número *Alfa*. Esse corresponde à altura da caixa e é, de longe, a maior de suas dimensões espaciais, visto que a "caixa" que contém o homem assemelha-se mais a um prédio alto ou a um arranha-céu. E mesmo o corpo de Deus com frequência é chamado literalmente "Pilar de Luz".

Sua terceira dimensão no espaço é, portanto, o comprimento da caixa. Esse é o número de *letras* do nome e, assim como o número de palavras, seu cálculo é extremamente simples. Basta contar quantas letras há em uma palavra ou frase. Porém, deve-se notar que os espaços entre as palavras não são contados como letras. Pontuação, espaços vazios, etc., não entram na conta de nenhum número de letras.

Antes de passarmos à quarta dimensão de nosso *continuum* espaço-tempo, que é o tempo, vamos considerar a dimensão "espacial" como uma entidade em si mesma. Esse é o número-chave e corresponde ao *volume* da caixa. Assim, o número-chave é a soma total de seus três componentes individuais — o número de palavras, o número alfa e o número de letras. Agindo como um sinal de igual (=) que separa esses três componentes do espaço de sua soma, está o elemento "tempo" — a esfera circular unidimensional em que o cubo tridimensional do espaço está encapsulado. Esse é

o número do *Tarô* e representa a linha de chegada que deve ser cruzada conforme nós WALK [Andamos] da letra W à letra K na Figura 58.

Então, agora que temos o número que representa o tempo (o número nos trunfos do Tarô), o passo seguinte é atribuir a ele um símbolo apropriado. A Figura 58 usa o princípio do Notaricon (abreviaturas) para atribuir símbolos aos quatro números do espaço (o que também é reforçado pelo fato de que o número Alfa para "Key" [Chave] é 41, o mesmo número de "King" [Rei], a Palavra de Deus para a letra K). Assim, vamos usar o mesmo sistema e atribuir a letra T para representar o número do Tarô do tempo.

E ao fazê-lo, descobrimos que, da mesma maneira que se leva "tempo" para ANDAR ao longo do "espaço", também é preciso "espaço" para se mover do primeiro T ao último T na palavra TAROT. Isso pode ser demonstrado colocando-se as letras da palavra TAROT no aro da Roda da Vida, com o T final unindo-se ao primeiro T, como na figura da página 27. Assim, na palavra TAROT, temos literalmente a roda (rota) da lei (torá), um símbolo adequado para o grande relógio do tempo. Portanto, do mesmo modo como o número-chave representa as dimensões do espaço, assim o número do Tarô representa a dimensão do tempo.

Além disso, uma vez que a letra T ocupa a posição intermediária entre as duas letras L e K, essa situação única capacita o Rei do Espaço (K) a TALK [Falar] com o Carro (W), o WORD [Verbo] original que havia no princípio. Esses dois (o Rei e o Carro) tornam-se assim a KEY WORD [Palavra-Chave]. Por quê? Porque você deve usá-los para manifestar a LAW [Lei] (as iniciais dos três componentes do Espaço — Letter, Alpha e Word, *Letra, Alfa e Palavra*).

Passos no Caminho da Vida

O uso da palavra-chave vem mais plenamente explicado na Figura 59. Ali, um diagrama de Pirâmide/Árvore da Vida foi desenhado para os aspectos de Espaço/Tempo da própria palavra LIFE [Vida]. O aspecto espacial de uma palavra é sempre a soma total de seus números Alfa, de letras e de palavras. Essa é a LEI principal. Portanto, o valor total desses três números sempre representará o vértice de qualquer Pirâmide/Árvore da Vida. Mas uma vez que o Vértice é sempre igual ao terceiro termo na série (o triângulo básico exterior da pirâmide), ele será obviamente separado do triângulo-chave do espaço pelo sinal de igual (=), o triângulo do tempo interior do Tarô.

E se você WALK [Andar] conosco, descendo ainda mais pelas entranhas da Terra, vai descobrir que "our SPACE TIME PACES EMIT SPACE TIME" [Os Passos de Nosso Espaço Tempo Emitem Espaço Tempo], sendo os triângulos interiores ocupados por "Time" [Tempo] e os exteriores por "Space" [Espaço]. Assim, essas etapas ou passos estão constantemente emitindo (atirando fora ou ejetando) suas pegadas no Caminho da Vida.

Outro ponto a considerar: o número de palavras para a palavra LIFE [Vida] na verdade é 1, já que se trata de uma palavra só. Na Figura 59 nós a

chamamos de "The Walking World" [A Palavra Ambulante, apenas para preencher o espaço do vértice (as letras SPA da palavra SPACE, *Espaço*).

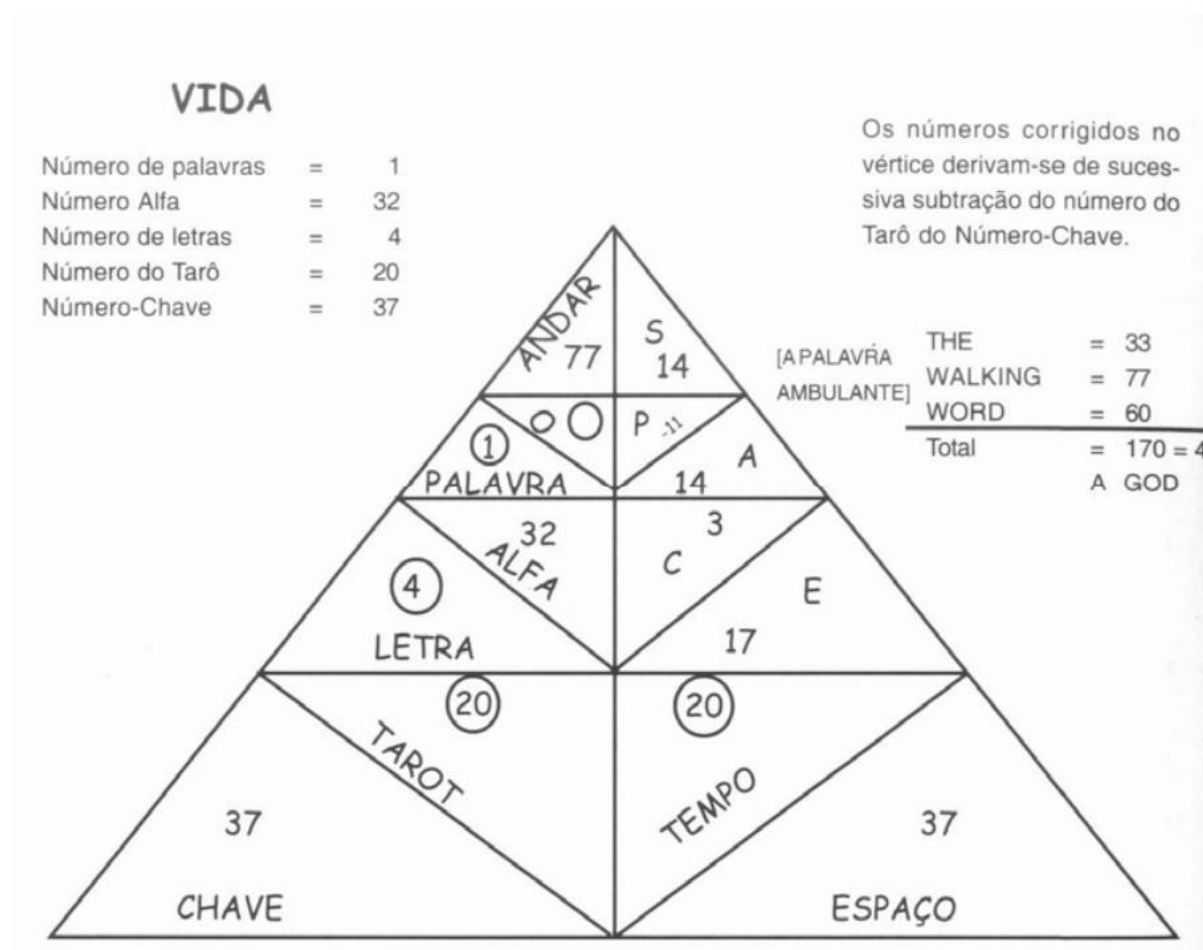


Figura 59
LIFE (Vida): A palavra ambulante

Poderíamos tê-la chamado igualmente "The Word" [A Palavra] ou mesmo ter usado as letras individuais da própria palavra WORD, com o "W" no vértice, o "OR" no segundo triângulo e o "D" no terceiro. Mas, não importa como o chamássemos, o número de palavras continuaria a ser um.

Portanto, uma vez que o número do Tarô e o número-chave estiverem firmemente estabelecidos — e quando você tiver sua CARTA DO TARÔ individual, por assim dizer — será possível "WALK" [Andar] pelo corpo da pirâmide (por sucessiva adição) ou em direção a seu vértice (por subtração sucessiva), por uma jornada tão longa quanto você desejar. E disso que se trata a "LIFE" [Vida]. Essa jornada mudaria, então, os números de letras, Alfa e de palavras para seus valores numéricos corrigidos, da forma como são ditados pelos números do Tarô/Chave, e é sempre interessante comparar os números originais com os números mais novos com que eles

se revestirão. No caso da palavra LIFE, seu número de palavras muda de um (a letra A) para 14 (a letra N), ou do Imperador para o Homem. Seu número Alfa muda de 32 (C B) para 3 (a letra C) e não há muita mudança. Mas seu número de letras, porém, passa de 4 a 17 e aquilo que era D (o Diabo) encontra-se novamente no útero da Rainha (a letra Q). Descobrimos, então, que há muito mais na "Vida" do que poderia parecer à primeira vista.

Digamos, por exemplo, que agora você esteja na base da pirâmide, no lado esquerdo, olhando para o vértice. Seu pé esquerdo está no triângulo "Key" [Chave] do "Space" [Espaço], e seu pé direito está no triângulo "Tarot" do "Time" [Tempo]. Portanto, você representa seu próprio *continuum* Espaço-Tempo e tudo o que precisa fazer para se expandir é andar pelo caminho em direção ao vértice. Isso pode ser feito com o método de subtração sucessiva do número do Tarô (20) do número-chave (37). Os valores corrigidos dos triângulos para a palavra LIFE [Vida] são mostrados na metade direita da Figura 59.

Mas quando você atinge "The Word" [A Palavra] (os triângulos PA logo abaixo do vértice), digamos que você dê uma meia-volta e olhe para o caminho de onde veio. Seu pé esquerdo estará agora no triângulo interno do "Time" [Tempo] (a letra P com um valor de -11) e seu pé direito ocupará o triângulo exterior do "Space" [Espaço] (a letra A, com um valor de 14), exatamente o oposto do modo como estavam antes. Porém, estranhamente, na palavra LIFE sua descida começará com seu pé esquerdo ainda em um triângulo "Key" [Chave] ($-11 = K = \text{King [Rei] = Key [Chave]}$) com seu pé direito ainda em um triângulo do "Tarot" ($14 = \text{o número do Tarô para a Temperança, a letra T}$). Aprendemos, assim, que a palavra LIFE é construída de forma a ser capaz de se movimentar em qualquer direção (para cima ou para baixo, dentro ou fora, direita ou esquerda, etc.) sem que o viajante esteja visivelmente consciente dessa reversão na direção.

O número Alfa de "Time" [Tempo] é 47, igual ao número de "Decimal"; e o número Alfa de "Tarot" é 74, o mesmo de "Point" [Ponto]. Portanto, o termo Tarô/Tempo age de forma muito semelhante à do ponto decimal. Para onde quer que você o mande, age sempre como o termo que separa o espaço exterior do interior, o número inteiro ou a parte inteira de um número de sua fração decimal infinita.

Hi ainda outra relação que devemos observar: o "Time" [Tempo] (47) é a contraparte de "Tarot" (74). Se o primeiro é o interior, o último deve ser o exterior, a parte "atômica" da *anima* interior. Portanto, se a letra T significa "Time" [Tempo] (47), a palavra WORK [Trabalho] deve significar "Tarot [74]. Por quê? Simplesmente porque o número 74 pode ser expresso em "Charict" [Carro, em um contexto bíblico] (74) ou em "The King" [O Rei] (74), os números Alfa dos nomes das letras "W OR K" (WORK). E, uma vez que o número Alfa para "Work" é 67, o mesmo que "Hanged Man" [Enforcado] ou "Soul" [Alma], sabemos agora exatamente o que é que está "andando" — Você, o Louco, a expressão exterior da Alma.

Sua Escada para as Estrelas

Incluimos as tabelas das palavras de Deus e Nomes de Deus nas Figuras 60 e 61 para mostrar como cada carta do Tarô pode literalmente WALK [Andar] ao longo de sua própria consciência. Com isso, queremos dizer que estendemos as palavras de Deus e os nomes de Deus para todas as 22 cartas dos Arcanos Maiores por meio dos primeiros seis termos de seus ciclos Palavra-Alfa-Letra-Tarô-Chave. São também identificadas por suas dimensões equivalentes no Espaço e no Espaço-Tempo, que são contadas pela adição e/ou subtração sucessiva dos números do Tarô/Chave nas colunas 4 e 5. Cada carta do Tarô tem uma história a contar, mas deixaremos que o leitor conte sozinho esses números corrigidos e, assim fazendo, aprenda o verdadeiro segredo das cartas.

Como devemos, então, chamar os outros números? Eles têm nomes? Sim, eles têm, ou ao menos os primeiros deles que se seguem ao número-chave receberam nomes, que são os descritos a seguir.

O primeiro número Espaço/Tempo verdadeiro é o número-mestre, porque representa a soma do número do Tarô do Tempo e o número-chave do Espaço. O número-mestre é, portanto, o número Tarô-Chave e é o sexto termo da série. Ele vem seguido pelo *número professor*, ou "Mestre-Chave", porque destranca todas as portas. Esse é o Professor, o sétimo termo na série.

Chegamos agora ao *Mestre Professor*, o oitavo termo da série, porque é a soma do número-mestre com o Professor. Mas quem é ele? Em nossos livros anteriores, após uma análise longa e complicada, demasiado longa para que a repitamos aqui, descobrimos que o Mestre Professor não pode ser ninguém além do Louco (Carta 0 do Tarô), cujo símbolo é U e cujo nome é YOU [Você]. Porém, o leitor pode certificar-se de que o nome do verdadeiro Mestre Professor é *You* simplesmente corrigindo os números do próprio FOOL [Louco] na tabela de Palavras de Deus na Figura 60.

Seu número do Tarô é 52, que significa "Diabo", a letra D; seu número-chave é 53, que significa "Roda", a letra B; seu número-mestre é 105, igual ao de "The World" [O Mundo], a letra J; e seu número-professor é 158 ou OH, o nome da letra O, símbolo do Sol. E se nos movermos para o vértice e corrigirmos seu número de Letras, Alfa e de Palavras, descobrimos que são 1, 51 e 1, respectivamente, que se transliteram em A (o Imperador), EA (Each Adam-Eve [Cada Adão-Eva] = 51) e na letra A novamente, que substitui o 4 (número da carta do Tarô do Imperador).

O Louco (Carta 0 do Tarô) começa a história de sua vida nos primeiros três triângulos do vértice da pirâmide, no Jardim do Éden antes da Queda. Aqui, ele manifesta o EA - 1 (Each One, *Cada um*), como simbolizado por Adão e Eva. Mas o movimento incessante do Cosmos acaba por causar sua queda do Espaço no próprio Tempo. Logo ele desperta, mas agora está no quarto termo da série, no Triângulo "Tarot" do Tempo. Como seu

OS ARCANOS MAIORES DO TARÔ - PALAVRAS DE DEUS							
Número de ordem Letra símbolo	AS PALAVRAS DE DEUS	Variáveis independentes				Somam consecutivas	
		1	2	3	4	1 + 2 + 3	1 + 2 + 3 + 4
		largura	altura	comprimento	tempo	espaço	espaço/ tempo
		PALAVRA	ALFA	LETRA	TARÔ	CHAVE	MESTRE
1. I	MAGO	1	57	8	64	66	130
2. F	SACERDOTISA	1	130	9	108	140	248
3. Z	IMPERATRIZ	1	95	7	89	103	192
4. A	IMPERADOR	1	90	7	90	98	188
5. E	HIEROFANTE	1	114	10	105	125	230
6. V	AMANTES	1	91	6	75	98	173
7. W	CARRO	1	74	7	81	82	163
8. Y	FORÇA	1	111	8	98	120	218
9. H	EREMITA	1	73	6	58	80	138
10. B	RODA	1	53	5	38	59	97
11. G	JUSTIÇA	1	87	7	76	95	171
12. N	HOMEM	1	28	3	29	32	61
13. M	MORTE	1	38	5	47	44	91
14. T	TEMPERANÇA	1	100	10	108	111	219
15. D	DIABO	1	52	5	39	58	97
16. R	TORRE	1	81	5	61	87	148
17. S	ESTRELA	1	58	4	51	63	114
18. C	LUA	1	57	4	63	62	125
19. O	SOL	1	54	3	29	58	87
20. X	JULGAMENTO	1	99	9	96	109	205
21. J	MUNDO	1	72	5	69	78	147
231.	Subtotal	21	1.614	133	1.474	1.768	3.242
O. U	LOUCO	1	48	4	52	53	105
231.	Total Geral	22	1.662	137	1.526	1.821	3.347

Figura 60
Os primeiros seis termos na seqüência de Palavras de Deus

OS ARCANOS MAIORES DO TARÔ - NOMES DE DEUS							
Número de ordem Letra símbolo	OS NOMES DE DEUS	Variáveis independentes				Somam consecutivas	
		1	2	3	4	1 + 2 + 3	1 + 2 + 3 + 4
		largura	altura	comprimento	tempo	espaço	espaço/ tempo
		PALAVRA	ALFA	LETRA	TARÔ	CHAVE	MESTRE
1. I	O MAGO	2	90	11	92	103	195
2. F	A SACERDOTISA	3	195	16	166	214	380
3. Z	A IMPERATRIZ	2	128	10	117	140	257
4. A	O IMPERADOR	2	123	10	118	135	253
5. E	O HIEROFANTE	2	147	13	133	162	295
6. V	O AMANTES	2	124	9	103	135	238
7. W	O CARRO	2	107	10	109	119	228
8. Y	• A FORÇA	1	111	8	98	120	218
9. H	O EREMITA	2	106	9	86	117	203
10. B	A RODA	4	206	17	155	227	382
11. G	• JUSTIÇA	1	87	7	76	95	171
12. N	O HOMEM	3	100	12	113	115	228
13. M	• A MORTE	1	38	5	47	44	91
14. T	• A TEMPERANÇA	1	100	10	108	111	219
15. D	O DIABO	2	85	8	67	95	162
16. R	A TORRE	2	114	8	89	124	213
17. S	A ESTRELA	2	91	7	79	100	179
18. C	A LUA	2	90	7	91	99	190
19. O	O SOL	2	87	6	57	95	152
20. X	• O JULGAMENTO	1	99	9	96	109	205
21. J	O MUNDO	2	105	8	97	115	212
231.	Subtotal (21 Chaves)	41	2.333	200	2.097	2.574	4.671
O. U	O LOUCO	2	81	7	80	90	170
231.	Total Geral	43	2.414	207	2.177	2.664	4.841

Figura 61
Os primeiros seis termos na seqüência de nomes de Deus

número do Tarô é 52, ele traz o Diabo à manifestação, e você conhece as consequências disso. Mas o mal não pode durar para sempre e, no quinto e sexto termos, ele aprende a lição dada pelos dois Pilares de Luz em cada um dos lados da Grande Sacerdotisa (Carta 2 do Tarô). Eles são o Pilar negro de Boaz (B) e o Pilar branco de Jaquin (J), a verdadeira Chave Mestre. E isso ainda não é tudo. Seu sexto número-mestre é "*The World*" [O Mundo] (105) e seu sétimo *número-professor* é o "Sun" [Sol] (158 = OH); a combinação deles transforma-o em "O Professor do Mundo" no oitavo e último termo da série.

Assim se completa, portanto, o ciclo de sua manifestação terrena, preparando-o para a vida maior que é seu legado. Mas esse homem não é estranho ao leitor, pois seu nome é *Você*.

Métodos Alternativos de Análise

Vamos agora pensar um pouco no modo como caminhamos. O processo é realizado por meio de pés alternados, primeiro o pé esquerdo, depois o direito e assim por diante até chegarmos ao destino. Mas o interessante é que, se nossos passos fossem copiados na árvore, com o lado esquerdo representando o movimento do pé esquerdo e o lado direito o do pé direito, haveria um triângulo vazio ou espaço entre esses passos. Assim, se o número de Palavras e o número de Letras tivessem de ocupar triângulos no lado esquerdo da árvore, os números Alfa e do Tarô ocupariam triângulos no lado direito, correspondentes aos *espaços vazios* do lado esquerdo e vice-versa.

Mas que nomes ou números colocaremos nesses espaços vazios? Eles naturalmente teriam de representar as diferenças entre os números de Letras e de Palavras e os números do Tarô e Alfa, respectivamente. Portanto, nomes alternados devem agora ser considerados como representativos dos espaços vazios ou triângulos. Felizmente, a Cabala vem em nossa ajuda quando consideramos os números Alfa dos próprios nomes e os interessantes resultados de seu ensinamento são mostrados na Figura 62. A diferença entre "Letter" [Letra] (80) e "Word" [Palavra] (60) é o número 20, que representa a letra T. E a diferença entre "Tarot" (74) e "Alpha" (38) é o conveniente número 36, que representa "Law" [Lei]. Todos os outros números entram, então, em seus lugares de acordo com isso e são mostrados neste espantoso diagrama.

Uma análise da Figura 62 provará, sem sombra de dúvida, que a Cabala está de fato presenteando-nos com um método alternativo de análise para qualquer "Palavra" que possamos querer analisar. Não apenas a sequência "Death-Be-Alpha-Law-Tarot" [Morte-Ser-Alfa-Lei-Tarô] é "OK", como (OU) poderíamos usar também "Temperance" [Temperança], a palavra com a letra T (coisa que decididamente ela é) para ir TOWARDS [Em direção a] o vértice, que por sua vez representa o "A's Death" IA

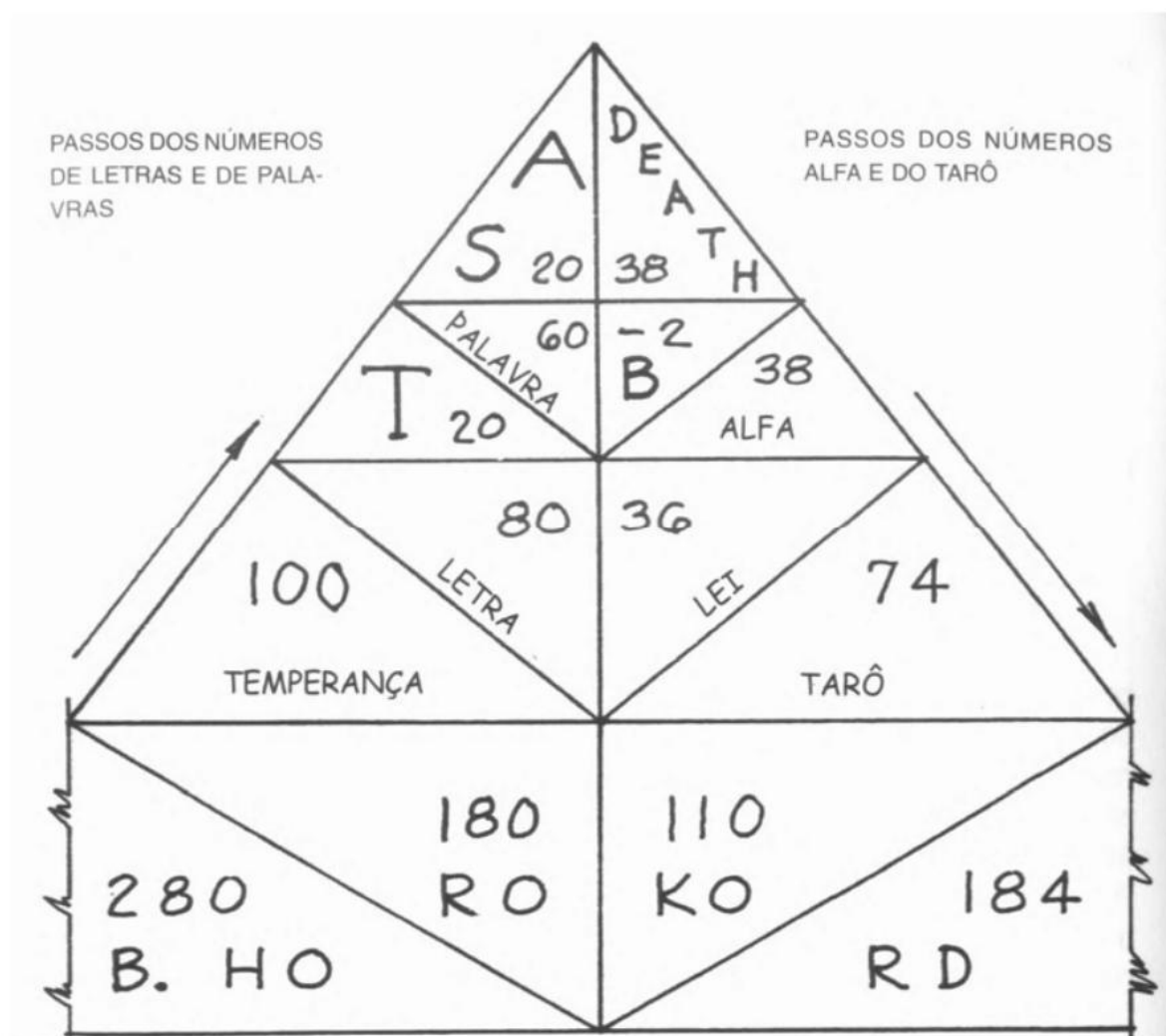


Figura 62

A Árvore da Vida com os números de Palavra e Letra à esquerda e os números Alfa do Tarô à direita

Morte do A] (A morte do Imperador). Assim, a verdadeira carta Mestre é encontrada no valor Alfa das palavras na frase: "TEMPERANCE (100) LETTER (80) T (20) WORD (60) B (-2) ALPHA (38) LAW (36) TAROT (74)" [TEMPERANÇA LETRA T PALAVRA B ALFA LEI TARO]. Esses números Alfa formam uma progressão de Phi que sobe a árvore nos termos Palavra-Letra da esquerda e voltam a descer ao longo dos termos Tarô-Alfa da direita. Ou, se nos movermos em torno do círculo do vértice, descobrimos que "A SWORD Be DEATH" [Uma espada ser morte].

Estendemos a Figura 62 com dois termos adicionais na base para mostrar o valor total da pirâmide. O número-chave pode ser lido como ROCK [Rocha], o alicerce interno sobre o qual a pirâmide repousa. Mas é também um ROOK [Torre], o castelo do jogo de xadrez simbolizado pela Torre (R) à esquerda e o Rei (K) à direita. O valor total das duas metades é 290 (BIO), simbolizando a Vida ($180 + 110 = 290 = \text{BIO}$). Assim, aprendemos que dentro da Rocha há Vida.

Mas o significado do número-mestre , os triângulos externos na base da pirâmide, é esplêndido. Esse número representa o valor total do lado Palavra-Alfa-Letra-Tarô da pirâmide, mais o vértice de ouro. Portanto, o número é bastante importante, já que a Cabala afirma que ele *Be* [é] uma "HoarD" [Reserva] ou uma "HORDe" [Horda]. A definição do primeiro diz que é "um suprimento oculto ou capital cuidadosamente guardado para preservação ou uso futuro"; e a definição do segundo é "uma multidão ou tropel pouco organizado ou desordenado, um *enxame* de pessoas ou coisas".

Portanto, a Cabala parece estar dizendo-nos que a Árvore da Vida da Grande Pirâmide é literalmente um baú de tesouro riquíssimo, uma fonte de provisão infinita em torno da qual uma multidão de incontáveis indivíduos enxameia. E, aparentemente, é disso que se trata a VIDA.

Capítulo 7

As Quatro Constantes Fundamentais: Φ i, (e) , Φ hi, “ i ” (π , e , ϕ , i)

Neste capítulo discutiremos quatro das constantes mais fundamentais do Universo, mas na verdade deveríamos dizer cinco, porque sempre se deve levar em conta a unidade, o único número que é a base a partir da qual se medem todos os outros. Falamos de certos aspectos de Φ i (π) e Φ hi (ϕ) nos capítulos anteriores, mas a base dos logaritmos naturais comumente conhecidos como (e) e o chamado número "imaginário" que representa a raiz quadrada de menos um, conhecido como (i) , serão novidade para alguns leitores, especialmente para os que não têm muito conhecimento de Matemática. Mas não deixe que isso o atrapalhe. Os conceitos dessas constantes realmente universais são bastante simples e fáceis de compreender se apresentados apropriadamente. Esse conhecimento só faz aumentar a compreensão do Universo em que vivemos.

Esses números são todos *transcendentais*, o que significa que não podem ser expressos como um número inteiro (simples), uma fração (o quociente de dois números inteiros) ou por um número finito de expressões algébricas. Em outras palavras, são de alcance *infinito* e transcendem os chamados números racionais, que representam quantidades finitas. Mas números transcendentais rodeiam-nos todo o tempo, como evidenciado por círculos e esferas, as diagonais em raiz quadrada de retângulos e as dimensões cúbicas de um simples volume integral de espaço.

O universo que não possuísse essas constantes universais certamente não sena inconcebível. Seria bastante difícil imaginar que o Sol não nasceria ou que a Lua deixaria de controlar as marés por falta de π ou ϕ . O mesmo poderia ser dito a respeito de e ou i . Certamente não. Mas sem esses artefatos matemáticos, aquilo que sabemos sobre o Sol, a Lua e as

marés — de fato, nossa capacidade de descrever os fenômenos naturais, físicos, biológicos, químicos ou quaisquer outros — seria reduzida a dimensões puramente primitivas. Portanto, o uso dessas constantes matemáticas torna-se absolutamente necessário para uma compreensão apropriada da lei natural. Assim, vamos começar com Pi, o símbolo do círculo, para que possamos decifrar seu fim.

Pi (π), o Ciclo Completo do Início ao Fim

Como π é um número irracional com um número infinito de casas decimais (3,14159...), não pode ser expresso como uma fração, mas apenas aproximado. Para os antigos gregos ele era conhecido como a fração $22/7$ (3,1428), cujos primeiros três dígitos eram exatos. Os antigos hebreus estenderam essa exatidão a quatro dígitos com a fração $2868/913$ (ver Figura 17). No século XVI, o célebre matemático Franciscus Vieta, abandonando o método grego de aumentar e diminuir polígonos, desenvolveu uma fórmula bastante complicada que igualava $7t$ a um produto não-finito. Ao usar esse método mais sofisticado, foi capaz de estender seu valor à exatidão até então não igualada de 11 dígitos.

Mas coube ao grande Leibniz (1646-1716), co-inventor do cálculo junto com Newton, a glória de criar o primeiro método realmente moderno para o cálculo de π . Leibniz concebeu π como a *soma* de uma série convergente infinita de frações, cuja fórmula é dada na Figura 63. Mas para não ser superado pelos alemães, o inglês John Wallis (1616-1703) deu sua contribuição imaginando o π como um *produto*, e não soma de uma série de frações similar e relativamente simples. Os produtos e somas sucessivos dos termos dessas duas séries resultavam, então, nos desejados valores precisos de π .

Porém, essas contas ainda traziam grande quantidade de cálculos. Em 1699, usando uma série que convergia ainda mais rapidamente, Abraham Sharp conseguiu estender $7t$ a 71 casas decimais. Esse feito foi seguido por Dase (empregado do famoso matemático Gauss), que calculou $7t$ com 200 casas em 1824, por Richter, que chegou às 500 casas em 1854 e, finalmente, em 1873, um matemático inglês de nome William Shanks conseguiu um tipo curioso de imortalidade ao determinar $7t$ com 707 casas decimais. Mesmo hoje, usando os métodos antiquados desses velhos matemáticos, seriam precisos dez anos de cálculo tedioso para se chegar a apenas mil dígitos desse incomensurável número.

Hoje, porém, estamos na era do computador. Em 1949 $7t$ foi estendido com precisão a 1.120 decimais por dois americanos, John W. Wrench Jr. e Levi B. Smith. Veio então o ENIAC (integrador numérico e computador eletrônico), que elevou esse valor a 2.037 casas. O dinossauro levou 70 horas para terminar o serviço. Cinco anos mais tarde, o NORC (calculador naval de pesquisas) computou $7t$ com 3.089 casas e, em 1957, o IBM 7090

Os resultados de Tóquio baseiam-se todos em um notável algoritmo (um procedimento sistemático de cálculo), no qual o número dos dígitos calculados dobra a cada etapa. Isso explica por que as cifras de Tóquio são potências de 2. Mas não seria exatamente assim na música, onde a freqüência das notas de cada oitava também aumenta segundo potências de 2? E quanto à própria Luz? Não seria a luz visível uma oitava do espectro eletromagnético, sendo cada oitava exatamente duas vezes a freqüência da anterior? Se formos ainda mais longe com essa idéia, descobrimos que a Luz, como a escala musical, também se divide em sete cores distintas, criando assim oitavas de luz com as mesmas relações harmônicas existentes entre oitavas de som.

Mas isso não é tudo. Há mais uma revelação em estoque, se estendermos o número um pouco mais. Os primeiros 19 dígitos de Pi seriam mais ou menos assim:

$$\begin{array}{ccccccc} & N & O & I & Z & E & H & I & G & & H \\ \text{Pi } (\pi) = & 3.14-15-9-26-5-35-8-9-7-9-3-23-8 \\ & C & & & & CE & & & ICW & & \end{array}$$

32. A fonte dos dados históricos no cálculo de Pi foi um artigo de Martin Gardner intitulado "Slici π into Millions". Foi publicado na edição de janeiro de 1985 da revista Discover.

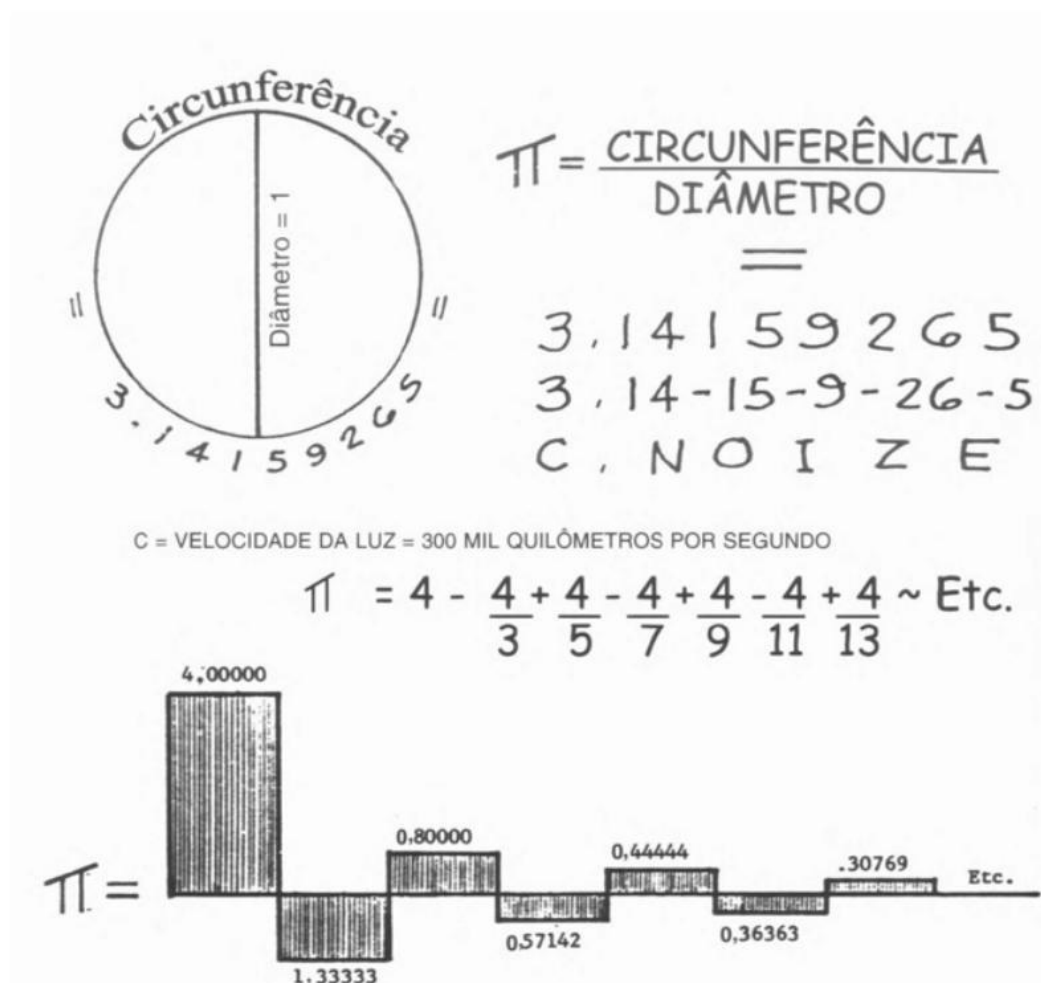


Figura 63
Os mistérios do π (Pi): O "Ruído" à Velocidade da Luz

A Cabala está ficando mais clara e afirmando que o "C" representado pelo Pi é HIGH C [C Maior]. Essa é a 884 tecla e a nota mais alta do teclado do piano. Assim, se o Pi representa C Maior, deve representar a mais alta taxa de vibração de nosso universo físico. O que é isso? É a letra C — a velocidade da luz (300 mil quilômetros por segundo). Nada pode andar mais rápido do que a luz e continuar a ser físico. E dentro dessa MAIOR vibração está o "I" que vê o duplo você, a nota fundamental e a oitava, tendo uma o dobro da frequência da outra.

Ainda há mais. A seguinte relação liga ainda mais o Pi e a Luz. No século V d.C. o grande astrônomo chinês Tsu Ch'ung descobriu que a fração 355/113 resultava no Pi exato, não com umas poucas casas

$$\frac{355}{113} = \frac{\text{CEE}}{\text{AM}} = \pi$$

$$\frac{355}{113} = 3,141592 \ 92$$

$$\pi = \pi = 3,141592 \ 65$$

$$\text{Diferença} = 0,000000 \ 27 \ (\text{BG})$$

decimais, mas com *sete* casas³³! Os matemáticos ocidentais não descobriram essa notável fração até mil anos depois, quando Peter Metius a redescobriu por volta de 1585 d.C., mas há indícios de que ela apareça indiretamente na *Bíblia*. De qualquer forma, o verdadeiro impacto surge quando analisamos os números cabalisticamente. O *nome* da letra C, em inglês, é CEE. Portanto, a fração afirma que "CEE AM = Pi" e C é, obviamente, a velocidade da luz.³⁴

$$\frac{553}{312} = \frac{EEC}{CAB} = \sqrt{\pi} \qquad \sqrt{\pi} = 1,7724\ 538$$

$$\frac{553}{312} = 1,7724\ 358$$

$$\text{Diferença} = 0,000000\ 180\ (\text{RO})$$

Essa fração reflete também uma estranha relação entre a raiz quadrada de Pi e o próprio Pi, o que poderia nos dar uma pista para uma melhor compreensão de sua relação com a Luz. Se você escrever a fração de trás para a frente (553/311), a resposta é " π ", exata em três dígitos; mas, se alterar apenas um dígito, (553/312) consegue a raiz quadrada de PI com *cinco* dígitos de exatidão.

A espantosa versatilidade da fração força-nos a olhar com mais cuidado para as reais diferenças entre os verdadeiros valores de Pi e a própria fração. Se lermos essas diferenças cabalisticamente, elas fazem a seguinte declaração: 'B GROw and ROB G" [B cresce e rouba G]. A letra B é a Roda da Fortuna (Carta 11 do Tarô). Não disse Cristo que retornaria como um "ladrão" durante a noite? Isso poderia sugerir que há uma solução matemática para o problema do retorno Dele, assim como uma solução religiosa e filosófica.

Se lermos a fração 553/312 de trás para diante, ela diz "CEE (See) BACK" [Ver novamente]. Mas se os dígitos forem lidos na ordem correta, fazem a declaração "EEC/CAB", cujas letras podem ser rearranjadas em "C BE ACE" = $\sqrt{\pi}$ [C é As = $\sqrt{\pi}$]. A letra C é provavelmente uma abreviação para "Cab" [Táxi]. E o que é um táxi? O *Webster* define essa palavra como um carro de aluguel. E também (em inglês) a parte da locomotiva que abriga o engenheiro e os controles (em português, cabine). Não é essa uma boa definição para a velocidade da luz? Essa velocidade (C = 300 mil quilômetros por segundo) é a única velocidade ou força que carrega qualquer vibração no Universo daqui até ali.

Vamos agora considerar a fração como uma possível solução para o problema da quadratura do círculo, que significa desenhar um quadrado

33. Ibid.

34. Ver *The Source of Measures*, de J. Ralston Skinner (San Diego, CA., Wizards Bookshelf. 1875, reimpresso em 1982), p. 13.

com a área exatamente igual à de um dado círculo. Isso se mostrou impossível apenas com régua e compasso, embora a operação possa ser realizada com sucesso com a ajuda de curvas mais elevadas. Mas e quanto a fazê-lo com uma simples fração? Um candidato provável é a fração $355/113$; a seguinte análise mostra que ela cumpre os resultados com bastante eficiência (usamos a palavra "eficiência" em vez de "verdade" porque estamos lidando com um valor aproximado de π , não com seu verdadeiro valor, que nunca poderá ser expresso como fração). Se um círculo for desenhado com um raio de 113 ($R = 113 = RAM$), sua semicircunferência (CEE) será de 355 e sua área será πR^2 ou $\pi (113)^2$, que cabalisticamente declara "Pi AM Squared" [Pi SOU Esquadrado].

$$\text{Área do círculo} = \pi R^2 = \frac{355}{113} \times (113)^2 = 355 \times 113$$

CEE AM

Mas um quadrado com lados iguais a $113\sqrt{\pi}$ teria a mesma área, uma vez que $\pi = \frac{355}{113}$, e $\sqrt{\pi} = \frac{553}{312}$

$$\text{Área do quadrado} = \left(113 \times \frac{553}{312}\right)^2 = (113)^2 \times \frac{355}{113} = 355 \times 113$$

CEE AM

Portanto, nosso círculo já está "esquadrado".

Há diversas outras frações que se aproximam do valor de π , embora não tão dramaticamente quanto $355/113$. Porém, na segunda metade do século XIX, John A. Parker, de Nova York, passou a maior parte de sua vida tratando dos méritos da fração $20,612/6,561$, que resulta em π com uma exatidão de seis dígitos. Os detalhes de sua busca, junto com uma análise mais detalhada da fração $355/113$, são tratados em um excelente livro sobre o assunto de J. Ralston Skinner, intitulado *The Source of Measures*. Recomendo vivamente esse trabalho para estudos mais aprofundados.³⁵

Outros exemplos de frações de π podem ser encontrados na raiz quadrada de 10 (correto em dois dígitos); na raiz quadrada de 2 mais a raiz quadrada de 3 (correto em três dígitos); na raiz cúbica de 31 (correto em quatro dígitos); na raiz quadrada de 146 vezes $13/50$ (correto em seis dígitos), etc.

Mas nenhum desses pode ultrapassar a espantosa fórmula ($22\pi^4 = 2,143$) descoberta em 1914 pelo famoso matemático indiano Srinivasa Ramanujan. Você pode começar sua análise rearranjando o número 1234 no número 2.143 e dividindo-o por 22 (note o sempre presente número 22, uma força muito poderosa no esquema das coisas). Agora aperte o botão de raiz quadrada duas vezes e você obterá o π correto em *nove* dígitos.

³⁵. Ibidem.

imagine só. Além disso, o 10º e o 11º dígito (que deveriam ser 35) são 25, afirmando assim que Pi BE CE [Pi ser CE].

Não é exatamente isso que estamos dizendo até agora?

A Misteriosa Constante "e" (a Base dos Logaritmos Naturais)

O próximo número que investigaremos é a constante universal "e" (que recebeu esse nome por causa da letra grega epsilon), que simboliza a expansão logarítmica do *crescimento*. Foi descoberto pelo matemático escocês John Napier em 1614 d.C., como um subproduto de sua invenção dos logaritmos (exponentes) para simplificar a preparação de tabelas de navegação e de interesse misto. O número *e* (2,71828...) é, portanto, o limite da expansão de $(1 + \frac{1}{n})^n$, conforme *n* se torna infinito. Mas é também

a raiz limitadora de $(1+n)^{1/n}$, conforme *n* se aproxima de 0. Esta última equação vem tabulada na Figura 64 para diversos valores de *n*.³⁶

Mas há aqui uma estranha dicotomia. Sempre aprendemos que $1 \times 1 \times 1 \times 1$, etc. é sempre 1. Em outras palavras, $(1)^{\infty} = 1$. Mas a contradição vem quando lidamos com a quantidade $1 + 0$, que todos sabem ser também 1. Se adicionarmos *nada* a algo, não mudamos de forma alguma seu valor. Continua a ser o mesmo número com que começamos. Mas a Matemática mais avançada prova que estamos errados nessa afirmação, pois $(1+0)^{\infty} = e = 2,71828...$ E indo na direção oposta, a raiz infinita de um número infinitamente grande é sempre 1 ou a unidade. A resposta nunca é menor que 1.

Já no exemplo específico em que $n = 1$, a resposta para ambas as equações é 2. $(1 + 1/1)^1 = 2$. Percebemos então com espanto que o Universo flutua entre 1 e 2 por um lado e entre 2 e *e* por outro. Antilogaritmos dos números, não importa o quão grandes eles realmente sejam, nunca ficam menores que 1 nem maiores que *e*. Em outras palavras, descobrimos que isso é o que A Be [A é] $(1 - 2 - e)$: cada um dos termos possíveis de 1 a "e".

Assim, o número *e* é realmente uma constante universal. Além de servir de base para logaritmos naturais (potências exponenciais de *e*), é um número usado em toda a Matemática e em ciência aplicada. Por quê? Porque a equação ($y = ex$) é a *única* função de *x* cuja taxa de mudança é sempre exatamente igual à própria função (*ex*). Assim, quanto maior algo é, mais rápido cresce. Ou seja, não importa quais números estejamos usando como base, sejam potências de 2, potências de 10 ou potências de *e*, o que é particular a todo processo orgânico é que a *taxa* de crescimento é proporcional ao *estado* de crescimento.

36. No livro *Mathematics and the Imagination*, de Edward Kasner e James Newman, ha um excelente tratado sobre *Pi*, *i* e *e* (New York, Simon and Schuster, 1945), pp. 65-111.

n	(1 + n)	$\frac{1}{n}$	$(1 + \frac{1}{n})^n$	
∞	∞	0	1.	A
1.000.000	1.000.001.	,000001	1,00001	
100.000	100.001,	,00001	1,00012	
10.000	10.001,	,0001	1,00092	
100	101,	,01	1,00693	
10	11,	,100000	1,04723	
9	10,	,111111	1,27098	
8	9,	,125000	1,29155	
7	8,	,142857	1,31607	
6	7,	,166666	1,34590	
5	6,	,200000	1,38309	
4	5,	,250000	1,43097	
3	4,	,333333	1,499535	
2	3,	,500000	1,58740	
1	2,	1,	2,	B
,1	1,1	10,	2,59374	
,01	1,01	100,	2,70481	
,001	1,001	1.000,	2,71692	
,0001	1,0001	10.000,	2,71815	
,00001	1,00001	100.000,	2,71827	
,000001	1,000001	1.000.000,	2,71828	
0	1. + 0	∞	2,71828	e

Figura 64
O Número "e" mostrado como o limite da função $(1 + \frac{1}{n})^n$ conforme (n) se aproxima de 0

Como o número é derivado? Há muitos modos de derivá-lo pois, como Pi, ele é a soma de uma série infinita e aparece em toda parte na

Diagram illustrating the construction of the decimal expansion of e using rectangles whose widths are the reciprocals of the first six natural numbers. The total width is labeled $e = 2,71828....$. The rectangles have widths 1, $\frac{1}{2}$, $\frac{1}{3}$, $\frac{1}{4}$, $\frac{1}{5}$, and $\frac{1}{6}$. The total width is also shown as the sum of these reciprocals:

$$e = 1 + \frac{1}{2} + \frac{1}{3} + \frac{1}{4} + \frac{1}{5} + \frac{1}{6}$$

$$e = 1 + 1 + \frac{1}{2} + \frac{1}{6} + \frac{1}{24} + \frac{1}{120} + \frac{1}{720}$$

Below the diagram, the decimal expansion of e is shown with the first six digits circled, corresponding to the rectangles:

$$e = 2,7182818284590452354...$$

The digits 2, 7, 1, 8, 2, 8 are circled, and the text "FATORES DO NÚMERO PERFEITO 28" (Factors of the perfect number 28) is written above the diagram, pointing to the rectangles with widths 2, 7, 1, 8, 2, 8.

O símbolo " $\lfloor$ " significa pegar o fatorial do número entre parêntesis. Alguma; vezes usa-se um ponto de exclamação. O fatorial é o produto das partes que o compõem. Assim, fatorial $1! = 1$; fatorial $2! = 1 \times 2$; fatorial $3! = 1 \times 2 \times 3 = 6$; fatorial $4! = 1 \times 2 \times 3 \times 4 = 24$, etc., sendo que cada termo

sucessivo deixa o número cada vez mais perto de seu valor definitivo, mas sem nunca atingi-lo.

A Figura 65 também aponta um fenômeno bastante notável associado ao número e . O primeiro número perfeito é 1, que representa o ponto decimal, já que ($X^0 = 1$). O segundo número perfeito é 6, pois a soma de seus fatores é 6 ($1 + 2 + 3 = 6$). Mas os primeiros seis dígitos de e também são perfeitos, porque sua soma traz à manifestação o terceiro número perfeito, que é 28 ($2 + 1 + 7 + 4 + 14 = 28$). Além disso, se lermos esses números na ordem em que aparecem no número e , são magicamente transformados na cidade bíblica de BAGHDAD [Bagdá], que foi a principal cidade da antiga Mesopotâmia e atualmente é a capital do Iraque.

Mas essa é apenas uma amostra da magia do e . Sua verdadeira magia ainda está por vir. Mas antes de entrarmos em uma discussão completa sobre a Figura 65, devemos compreender o significado de seus termos. O dicionário *Webster* define-os como segue:

Nome	Número Alfa	Definição
<i>DIODO</i>	37	Um tubo de elétrons, com dois eletrodos, com um <i>cátodo</i> e um <i>ânodo</i> .
<i>CÁTODO</i>	56	Terminal negativo de uma célula eletrolítica. O terminal positivo de uma célula principal ou de uma bateria de armazenamento que está enviando a corrente.
<i>ÂNODO</i>	39	Elétron que coleta o eletrodo de um tubo de elétrons. O oposto de <i>cátodo</i> .
<i>ELETRODO</i>	87	Condutor usado para estabelecer contato elétrico com uma peça não-metálica de um circuito.
<i>UMNODO</i>	39	Cada um dos dois pontos em que a órbita de um satélite da Terra cruza o plano do equador (ou em que um planeta cruza o eclíptico).

Os primeiros dois dígitos do valor decimal de e são 2,7..., que afirmam que ele Be G [E G] (Justiça), o símbolo do Tarô para GOD [Deus] (os números Alfa dos Nomes de Deus para as letras da palavra JUSTICE somam 704 ou GOD). E se você examinar a Carta 11 do Tarô, verá que ela tem uma balança na mão esquerda, com os pratos em perfeito estado de equilíbrio. E igualmente significativo que os oito dígitos seguintes do valor de e sejam "1828-1828", dois números idênticos de 4 algarismos, um para cada um dos pratos da balança da Justiça.

Mas o aspecto mais absolutamente espantoso desse número são os dez dígitos que se seguem a esses. Os primeiros seis são "45 9 0 4 5", que não apenas trazem DeIODE à manifestação (um tubo de elétrons com *dois* eletrodos), como também um outro "e" embutido, que obviamente deve

representar a *eletricidade* que constantemente flui entre os dois eletrodos ou entre os dois pratos da balança.

E só para provar que isso é verdade, os quatro dígitos seguintes são "23 5 4", que afirmam que os eletrodos são WED [Casados], unidos pelo matrimônio, macho e fêmea, positivo e negativo, representando a UNIDADE desse fantástico número. Descobrimos, então, que a verdadeira magia do "e" é a eletricidade que flui do cátodo para o ânodo e de volta para onde veio.

Vamos agora deixar o "e" de lado por um momento e voltar ao assunto da Geometria Sagrada. No Capítulo 3 mencionamos que a unidade de medida conhecida como jarda megalítica, usada em toda a Grã-Bretanha por volta de 2000 a.C., tem um significado matemático muito maior do que parece à primeira vista. Portanto, devemos agora responder à questão de se John Napier realmente descobriu o número "e" em 1614 d.C. ou se ele era conhecido pelos homens megalíticos mais de 3 mil anos antes. Isso aparentemente poderia ser verdade, já que o professor Thom descobriu que o comprimento de uma jarda megalítica (JM) aproxima-se muito do valor de e :³⁷

$$1 \text{ JM} = 2,720 \text{ pés} \pm 0,003 \text{ pés}$$

Mas para provar nossa argumentação devemos ir até o Egito no período de 3000 a.C. Que unidades de medida eram usadas pelos antigos egípcios? A *Enciclopédia Britânica* responde à questão da seguinte maneira: "*Os Egípcios*: embora haja indícios de que muitas civilizações primitivas tenham utilizado padrões de medida e algumas ferramentas de medição, o cúbito egípcio é em geral reconhecido como o mais utilizado padrão de medição linear no mundo antigo. Criado por volta de 3000 a.C., baseava-se no comprimento de um braço desde o cotovelo até a ponta dos dedos e foi padronizado por um cúbito-mestre de granito negro, padrão pelo qual todos os bastões de medição utilizados no Egito eram marcados a intervalos regulares". Um desses bastões vem reproduzido na Figura 66 a seguir.³⁸

A Britânica prossegue: "o cúbito real (20,62 polegadas, 524 milímetros) foi subdividido de modo extraordinariamente complicado. A subunidade básica era o dígito, indubitavelmente da largura de um dedo, dos quais *havia 28 em um cúbito real*...

O dígito tinha subdivisões por sua vez. O 14º dígito em um bastão de medição era demarcado em 16 partes. O dígito seguinte era dividido em 15 partes e assim por diante, até o 28º dígito, que era dividido em duas partes iguais. Assim, a medição poderia ser feita em frações de dígitos com qualquer denominador, de 2 até 16. A menor divisão, 1/16 de um dígito, era igual a 1/448 avos de um cúbito real".³⁹

37. Os cálculos matemáticos da jarda megalítica (JM) são dados em *Megalithic Sites in Britain* de Alexander Thom (Oxford, The Clarendon Press, 1967, 1979), p. 43.

38. A ilustração do cúbito Real egípcio na Fig. 66 foi tirada de *Secrets of the Great Pyramid*, de Peter Tompkins (New York, Harper & Row, 1971), p. 305.

39. A citação dos dados históricos quanto ao comprimento do Cúbito Real egípcio vem da *Enciclopédia Britânica*. Macropédia. Pesos e Medidas. Vol. 19, p. 728, 15ª edição. 1975.

A medida moderna de 20,62 polegadas para o cúbito real egípcio é das mais extraordinárias, pois se a dividirmos por 12 ela se torna 1,718 33... pés, os primeiros quatro dígitos de $(e - 1)$ seguidos por um número infinito de 3s ou Cs. Além disso, o fato de terem subdividido o cúbito em 28 partes reforça o argumento de que ele representa $(e - 1)$, pois se igualarmos 1,718 pés a 28 dígitos teremos o número 1,718-28, o que aumenta a precisão a quase inacreditáveis seis dígitos!

Mas o que há de tão importante em $(e - 1)$, ou um menos que o valor de e ? Por que não o próprio número e ? Bem, tudo o que temos a fazer é olhar para a jarda megalítica (1 JM = 2,72 pés). E uma vez que os construtores dos círculos de pedra da Grã-Bretanha (2000 a.C.) pertenciam à mesma moldura temporal que os construtores das pirâmides do Egito (de 3000 a.C. a 2000 a.C.), é ainda mais provável que tenham usado variações da mesma unidade. Certamente as tolerâncias de 2.720 +/- 0,003 pés estabelecidas pelo professor Thom tomam possível o valor de uma jarda megalítica (1 JM = 2,71828 pés).

Repetimos, porém: por que os egípcios subtraíram 1 do valor de e ? Se o leitor consultar mais uma vez a fórmula para e , a resposta fica evidente por si só. O número e é definido como 1 *mais* a série infinita de frações fatoriais, o que dá aos antigos matemáticos uma excelente razão para deixar de fora a unidade e simplesmente definir o cúbito real como a soma da série infinita de fatoriais. A relação natural entre a jarda megalítica (JM) e o cúbito real (CR) é demonstrada bastante claramente na construção de uma elipse. Veja a Figura 67.

A elipse superior da Figura 67 foi desenhada tendo o cúbito real $(e - 1)$ como o semidiâmetro de seu eixo principal e a elipse de baixo tem Phi como semidiâmetro. Mas, em ambos os diagramas, no de cima e no de baixo, a distância do centro para cada um dos dois focos é sempre igual à unidade ou 1. Portanto, o apótema dos triângulos centrais também é igual a $(e - 1)$ e Phi, respectivamente (veja a definição da elipse na Figura 24).

Vamos começar com a elipse de cima. Os Arcanos Maiores do Tarô são feitos sob medida para se encaixar nos termos da série infinita de e . Essa descoberta vem como um choque, mas é verdade. O Louco (Carta 0 do Tarô) é igual ao primeiro termo da série, já que $e^0 = 1$; e o Mago (Carta 1 do Tarô) é igual à primeira das frações fatoriais porque $1/1$ é 1. A Grande Sacerdotisa (Carta 2 do Tarô) corresponde então a $1/\text{fatorial-2}$, que é $1/2$; a Imperatriz (Carta 3 do Tarô) com $1/\text{fatorial-3}$, que é $1/6$; o Imperador (Carta 4 do Tarô), com $1/\text{fatorial-4}$, que é $1/24$, ou $1 \times 2 \times 3 \times 4$, etc. Poderíamos continuar dessa maneira, com cada termo formando um pedaço do semi-diâmetro do eixo maior, até atingirmos seu limite exterior na extrema direita com o Julgamento (Carta 20 do Tarô), a letra X.

As almas dos mortos erguem-se, então, de seus caixões (seus corpos físicos) e reaparecem novamente no Mundo (Carta 21 do Tarô), a última das cartas do Tarô e a primeira na extrema esquerda da elipse. O valor

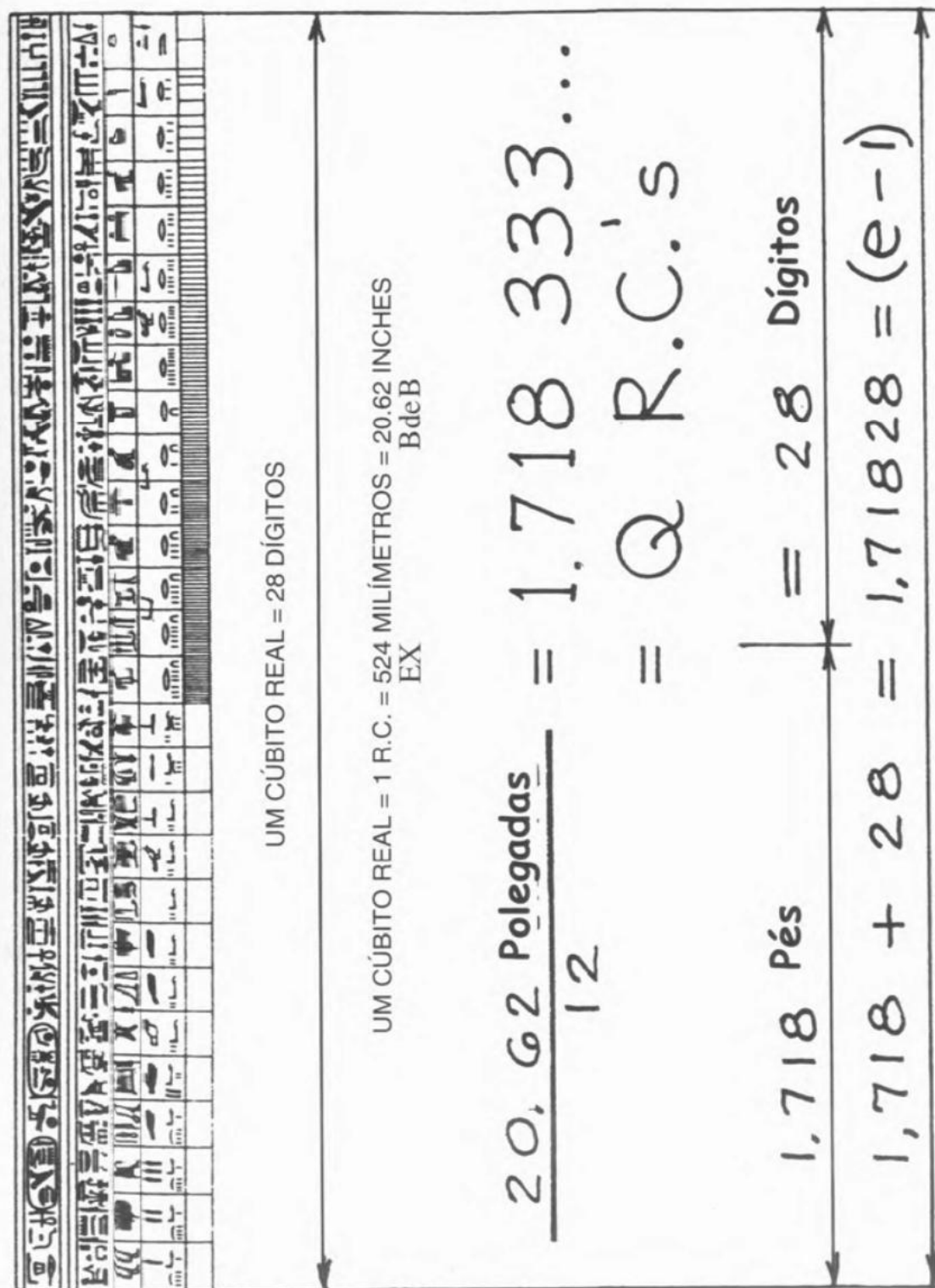


Figura 66

Prova de que o Cúbito Real egípcio está diretamente relacionado ao "e", a base dos logaritmos naturais $(e - 1) = (1.718281828 \dots)$ ⁴⁰

40. Idem nota 37.

desse termo é $(e - 2)$ ou 0,71828, que pode ser arredondado para 72, o número Alfa de WORLD [Mundo]. Assim, o JU ou "Mundo Louco" (cujo número Alfa é 120, igual ao de "Double You" [Duplo você]) é transformado então no Cúbito Real $(e - 1)$, que representa a soma total de todas as suas experiências anteriores no lado direito ou físico do Ovo da Alma.

Essa é, portanto, a razão pela qual subtraímos um da jarda megalítica; ela de fato torna-se o cúbito real $(JM - 1 = CR$; em inglês, $MY - 1 = RC$, ou "MY ARC" [Meu Arco]), representando todo o circuito da experiência pessoal. Os efeitos dessas encarnações são sentidos até mesmo no semidiâmetro do eixo menor, que é $\sqrt{(e - 2)}$ ou $\sqrt{1,9} \approx 1,37$. Isso é transliterado como SEX [Sexo] e, uma vez que 195 é o número Alfa de "The High Priestess" A Grande Sacerdotisa, são também os "effects" [Efeitos] (FX). Mas de um modo ou de outro, os resultados desse número mágico são mais facilmente visualizados com uma espiral logarítmica como a mostrada na Figura 68.

Mas antes de entrar em uma discussão detalhada sobre a Figura 68, é bom fazer uma pequena revisão. Uma espiral logarítmica é conhecida também como espiral equiangular, pois por mais diferentes que dois segmentos da curva sejam em *tamanho*, nunca serão diferentes na forma (o ângulo que a tangente faz com o raio é sempre o mesmo). A espiral também não tem um ponto final. Você pode viajar indefinidamente por esse caminho e nunca atingir o pólo ao redor do qual ele permanentemente gira.

O número *Base* da espiral é aquele que dita a forma e as proporções dela. No caso da Figura 68, a espiral foi desenhada em uma escala em que a Base = $e - 2,72$; ou seja, cada revolução da espiral é uma potência sucessiva de e , como e^0 , e^1 , e^2 , e^3 , etc. Portanto, uma vez que uma rotação de 360 graus representa uma multiplicação por uma potência *inteira* de e , uma volta de 90° aumentaria o antilogaritmo (o raio) em $e^{1,25}$, uma volta de 180° o aumentaria em $e^{1,5}$, uma volta de 270° o aumentaria em $e^{1,75}$ e assim por diante. Os expoentes de e são chamados logaritmos, mostrados ao longo da periferia da espiral. O comprimento do raio desde o centro até qualquer ponto da espiral é chamado *antilog* e representa o verdadeiro valor de e naquele ponto.

O Círculo do Núcleo pode ser considerado a casca externa do Núcleo da Vida; por meio dessa "casca" a força vital emerge ao iniciar sua jornada pelas revoluções externas da espiral. Portanto, o raio do Círculo do Núcleo é sempre 1 (unidade), já que $e^0 = 1$. A Força Vital começa no centro e se move em torno do núcleo central traçando a forma de uma gigantesca letra e. O formato peculiar dessa letra que descreve tão apropriadamente a jornada da Força Vital foi provavelmente uma das razões para que o número e recebesse esse nome.

Phi (ϕ) o Princípio Universal da Força Vital

A terceira constante fundamental que discutiremos neste capítulo é o grande Número Aureo Phi — o princípio universal que traz a própria Vida

Nas coordenadas cartesianas, o eixo de X é o eixo horizontal e o eixo Y o vertical, sendo que os valores positivos de x e y aparecem à direita e acima dos dois eixos, diferentemente de seus valores negativos que ficam, respectivamente, à esquerda e abaixo dos eixos Y e X, respectivamente.



A espiral logarítmica da função exponencial ($y = e^x$) desenhada usando coordenadas polares

Assim, para cada valor de x em uma equação, há um valor de y correspondente. A linha da curva, portanto, representa cada valor possível da função ($y = \phi^x$) dentro dos limites do gráfico.

Deve-se notar que a inclinação da curva (os triângulos mostrados em preto) fica cada vez mais acentuada para as potências mais altas de Φ , conforme a curva se aproxima, mas nunca chega realmente a atingir a vertical. Isso é típico para qualquer função exponencial e não faz diferença se estamos falando de potências de 2, de ϕ , de e ou de 10, a forma da curva é sempre a mesma. E, de maneira parecida, as potências negativas de Φ aproximam-se, mas nunca chegam a tocar o eixo X horizontal.

Está tudo muito bem. Mas voltemos à unidade de medida chamada cúbito. Vimos que o cúbito real egípcio (1 CR = 1,718 pés) baseava-se no princípio matemático de $e - 1$. O cúbito foi extensivamente usado na construção interior da Grande Pirâmide; a Câmara do Rei tem 20 CR de comprimento, 10 CR de largura e uma diagonal cúbica de exatos 25 CR. Há muitos outros lugares em que esse cúbito real foi usado, mas esses exemplos bastarão no momento.

Mas agora a questão a ser respondida é qual cúbito usaram no *exterior* ou no projeto do sítio das pirâmides? Se acreditarmos na descoberta de Robert Ballard, descobriremos que a distância entre a Grande Pirâmide de Quéops e a terceira pirâmide de Miquerinos é de exatamente 1.800 cúbitos de R.B. (1 RB = 1,685 pés), sendo um cúbito RB definido como *a 60ª parte de um segundo da circunferência polar da Terra*. Isso torna a distância entre essas duas Pirâmides precisamente metade de uma milha náutica *Polar* (30 segundos = 1h minuto de comprimento de arco. Veja a Figura 32).

Também mostramos, no mesmo diagrama, que o perímetro medido da Grande Pirâmide no nível de seu *alicerce* tem exatamente metade de uma milha náutica *equatorial*. Mas o que não mostramos é que 30 segundos de comprimento de arco no equador, quando convertidos para esses mesmos cúbitos R.B., dão alguns resultados realmente espantosos. Segue abaixo nossa análise:

1.800 cúbitos R.B. (1,685 pés) = 3,033.000 pés (meia milha náutica polar)	
R O	PHE
1.802 cúbitos R.B. (1,689 pés) = 3,043.578 pés (meia milha náutica equatorial)	
RB	PHI
1.877,77 cúbitos (1,618034) = 3.038.289 pés (meia milha náutica média)	
R (Christis)	PR (Par) C O M N I

Assim, encontramos em nosso "Par PHE/PHI" (PHE/PHI PR) o cúbito pelo qual estávamos procurando, mas baseado no princípio vivificador do Φ , não no princípio de crescimento do e . Além disso, se lermos os três valores do número de cúbitos, primeiro a partir da esquerda, depois da direita e em seguida repetirmos a operação, vemos a declaração "RO-BOR R (Are)

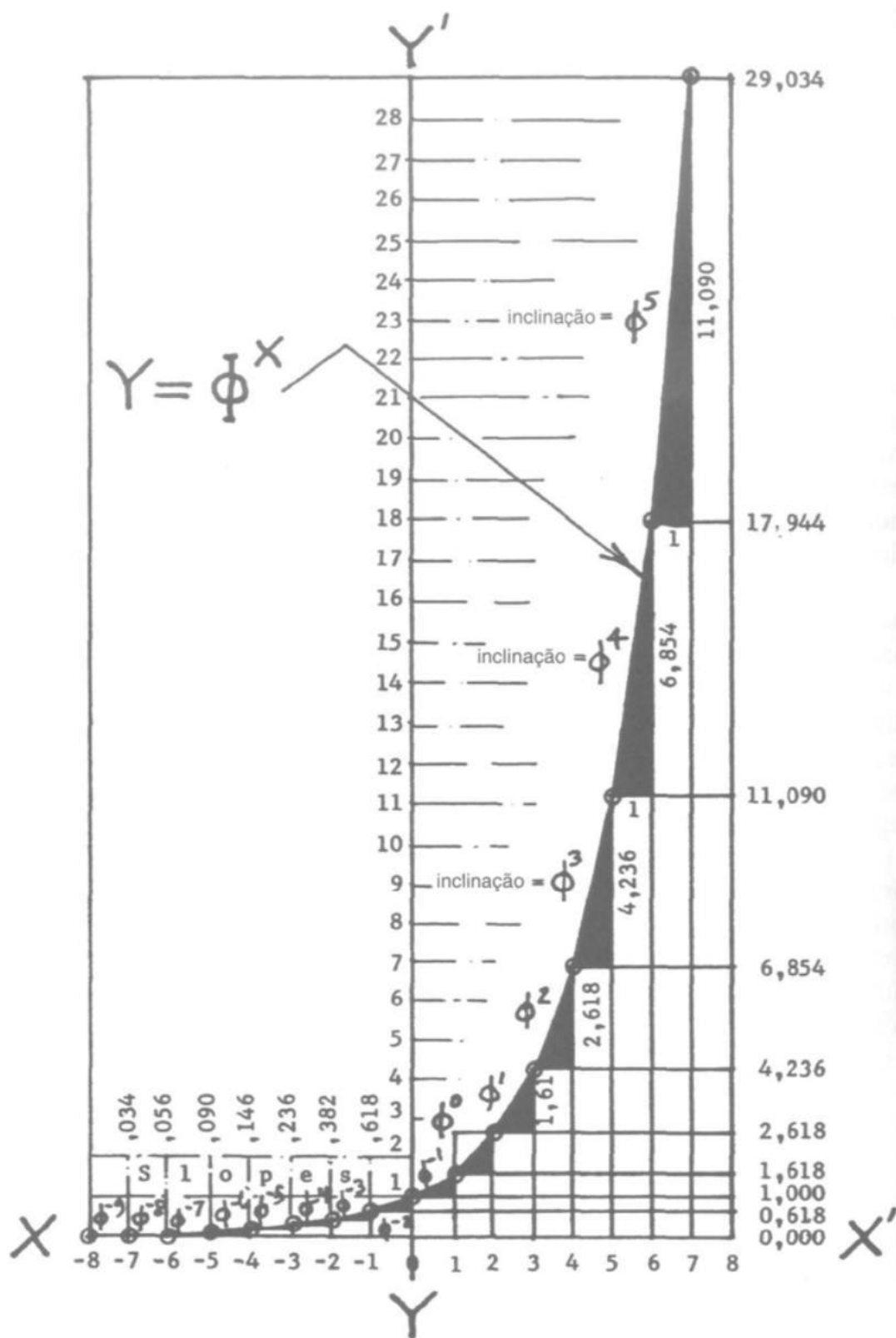


Figura 69

Phi como uma função exponencial ($y = \Phi^x$) desenhado segundo coordenadas cartesianas

Christis (77.77)" ["Robber", em inglês, é "assaltante"; "Are" significa "são", do verbo Ser]. Isso parece cumprir a profecia que fala: "Virá, entretanto, como *ladrão*, o dia do Senhor" (II Pedro 3:10) ou "virei como *ladrão*" (Apocalipse 3:3). Pois um "ladrão" não é também um *assaltante*?

Além disso, o número Alfa para "Morte" é 38 (a letra M) e o número Alfa para "Man" [Homem] é 28 (a letra N). Assim, temos no "Homem" (28) a "Morte" (38) de "Cristo" [Christ] (77). E isso com toda a certeza é um "COMMON 'I'" — [I Comum], o valor médio do comprimento de uma milha náutica polar e uma milha náutica equatorial em pés (3.038,289 pés).

Vamos agora dar uma olhada no valor numérico dos dois eletrodos no número *e* (2,7 1828 1828). O número 1.828 é transliterado como "R B H", que pode ser lido como "R (A Torre) B Each PHE/PHI PR (Par)" [R seja cada par Phe/Phi]. Podemos igualar as duas metades da frase porque o nome do cúbito Phi é na verdade o cúbito R.B., que é numericamente o mesmo de cada eletrodo.

Isso está ficando realmente interessante. A próxima etapa em nossa análise é descobrir a razão entre os quatro dígitos de cada eletrodo e os primeiros quatro dígitos comparáveis de Phi:

$$\frac{1828}{1618} = \frac{RBH}{PR.A.L.IGH} = 1,12978 \quad \frac{986402}{IHF.DOB} = BOBFHI \text{ (Body Phi)}$$

E quando fazemos esse cálculo, o leitor pode ver que atingimos o gol. Não apenas trazemos as primeiras cinco letras de "A LIGHT" à manifestação como a parte decimal restante da letra incompleta "T" afirma (quando os dígitos são lidos da direita para a esquerda) que eles representam o *Corpo do Phi* (BOD FHI, em inglês *Body of Phi*)!

O próximo passo é aumentar a exatidão para que realmente obtenhamos a palavra "A LIGHT" [Uma Luz]. O velho método da tentativa e erro resulta na seguinte fração:

$$\frac{1.8280257}{1618034} = 1,12978200705/5$$

A L I G H T O GOD
PROCeeD

Minha calculadora de 12 dígitos não é precisa o suficiente para mostrar se o 122 dígito do quociente é um "4" ou um "5", mas de qualquer modo captamos a mensagem bem claramente. Isso não é absolutamente fantástico? E, é claro, a letra O realmente se iguala à letra G, já que o número Alfa para "O Sol" é o mesmo número de "Justiça". Ambos são 87.

Mas não vamos parar por aqui. Precisamos também dividir nosso número recém-encontrado para os eletrodos de nossa pilha de "DeIODE" [Diodo] pelo mais preciso valor de Phi atingido pela calculadora. E, como sempre, novamente acertamos a cesta.

$$\frac{1,828\ 0\ 25\ 7}{1.618033\ 98875} = 1,12\ 9\ 7\ 8\ 20\ 14\ 9 \quad (\text{Raio})$$

A L I G H T N I - NG (147 = E) FLASH

A Torre atingida pelo raio (Carta 16 do Tarô)

Quando lemos o quociente, as primeiras oito letras de "A LIGHTNING" [Um Raio] são soletradas, deixando apenas o "NG" do número 147 de fora, o número Alfa de "O Hierofante" (Carta 5 do Tarô), cujo símbolo é E. Uma vez que seus números Alfa e do Tarô são os mesmos, podemos dizer que o "E" maiúsculo representa Energia e o "e" minúsculo a eletricidade dentro do número "e".

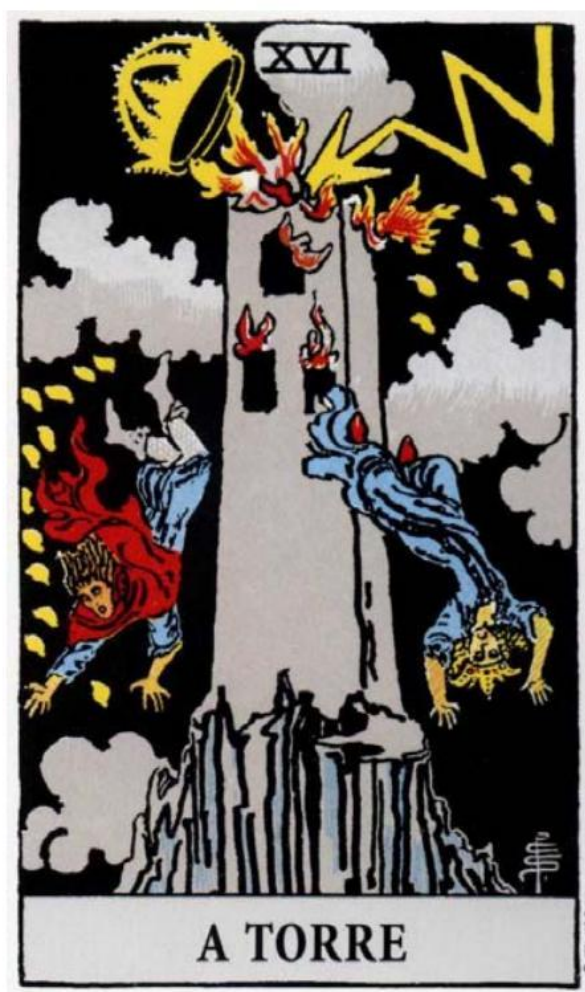


Figura 70

A 16ª Carta do Tarô (a letra inglesa R)

Essa "energia da eletricidade" é graficamente representada na Torre atingida pelo raio (Carta 16 do Tarô), cujo símbolo é R. Aqui, um raio atinge o alto da torre e seu vértice coroado de ouro é lançado ao chão, junto com seus dois ocupantes. Essa carta do Tarô é conhecida também como Casa de Deus

e essa é uma das cartas mais profundas dentre todos os Arcanos Maiores, já que pode ser compreendida em vários níveis de pensamento. O número Alfa para "Torre" é 81, o mesmo de "O Louco" (a letra U). Mas o número Alfa de "The Tower" [A Torre] é 114, o mesmo do "Hierofante" [Hierofante], (a letra E). Portanto, podemos juntar todos eles e afirmar que "U R E" (You Are the E of the "e") [Você é o E do "e"]. Veja a figura 70.

Mais uma coisa. O que acontece quando combinamos Som com Luz? A resposta é que trazemos H (Cada) LIFE [Vida] à manifestação em forma de Eletricidade. E absolutamente impressionante o que a Cabala pode fazer quando a submetemos a um teste.

$$\begin{aligned}
 &73 \text{ (H)} = \text{SOUND: SOM} = 19 \ 15 \ 21 \ 14 \ 4 \text{ (SO U ADD): ENTÃO VOCÊ SOMA} \\
 + &56 \text{ (EF)} = \text{LIGHT: LUZ} = 12 \ 9 \ 7 \ 8 \ 20 \quad \text{(A BIG H}_2\text{O): UMA GRANDE H}_2\text{O} \\
 = &129 \text{ (LI)} = \text{ELECTRICITY: ELETRICIDADE} = 5 \ 12 \ 5 \ 3 \ 20 \ 18 \ 9 \ 3 \ 9 \ 20 \ 25 \\
 &\quad \quad \quad \text{(EA. BE C) (TRI - CITY)}
 \end{aligned}$$

O "i" Negativamente Existente (Raiz Quadrada de -1)

Assim, chegamos à nossa quarta e última constante universal, a raiz quadrada de menos um, aquele pequenino "i" que vive dentro de nós. E chamado número *imaginário* porque não há nenhum número (quer dizer, em nossa realidade física) que, quando multiplicado por si mesmo, seja igual a -1. Isso ocorre porque o produto de dois números negativos é sempre positivo. Todavia, os números imaginários, como a geometria quadridimensional, desenvolveram-se a partir da extensão lógica de certos processos.

O processo de extrair raízes é chamado evolução, mas esse é um mau nome. Uma palavra melhor seria *involução*, já que o processo tem a ver com ir para dentro de si. Mas ele recebeu esse nome porque os números imaginários literalmente vieram do processo de extrair raízes. Se $\sqrt{4}$, $\sqrt{7}$, $\sqrt{11}$ têm um significado, por que não $\sqrt{-4}$, $\sqrt{-7}$, $\sqrt{-11}$? Se a equação $(x^2 - 1 = 0)$ tem uma solução, por que não a equação $(x^2 + 1 = 0)$? Até há bem pouco tempo, a reconhecimento dos imaginários era muito semelhante ao reconhecimento da Rússia Soviética pelos Estados Unidos. Sua existência era inegável e só o que faltava era sua aceitação formal. Portanto, números imaginários como a -1 agora prosperam por todas as matemáticas, do mesmo modo como a Física Quântica tornou-se parte da ciência. Euler, um dos maiores matemáticos do século XVIII, atribuiu-lhe o símbolo "i", que permanece o mesmo a partir de então.

Mas como um número imaginário como $\sqrt{-1}$ pode ser representado no mundo real da Geometria de coordenadas? A resposta óbvia era que não podia e, assim, ele permaneceu afastado do mundo da realidade até o final do século XVIII, quando foi finalmente readmitido graças aos esforços do matemático alemão Gauss. Esse gênio matemático foi capaz de construir todos os números complexos a partir de um simples teorema de geometria elementar relacionado à média geométrica.

Na Figura 71, qualquer triângulo ADC inscrito dentro de um semicírculo cujo diâmetro seja AC é um triângulo reto. Assim, a perpendicular DB deve dividir AC em suas partes de modo tal que BC esteja para BD assim como BD está para BA. A perpendicular à hipotenusa de qualquer triângulo reto sempre divide o triângulo original em dois triângulos retos semelhantes. A perpendicular BD é, portanto, a *média geométrica* de AB e BC. Além disso, é também a raiz quadrada de AB se atribuirmos ao lado mais curto, BC, o valor numérico 1 ou unidade. Vamos agora tomar desses mesmos princípios e aplicá-los ao sistema geral de coordenadas cartesianas desenvolvido por Descartes.

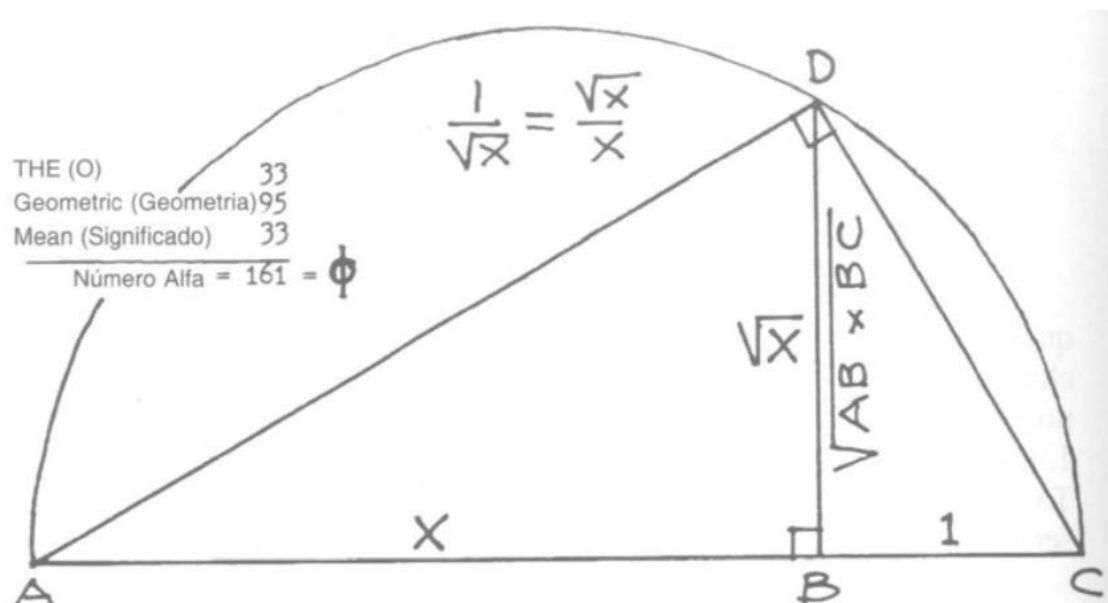


Figura 71

Como a altura de qualquer triângulo reto é a média geométrica entre os dois segmentos de sua hipotenusa

Na Figura 72, temos os eixos X e Y da Geometria de coordenadas. No círculo menor está o triângulo reto ADC novamente, com a perpendicular BD agindo como a média geométrica de AB e BC. Portanto, BD deve ser igual à raiz quadrada de AB vezes BC, que neste exemplo em particular representam os números +1 e -1, respectivamente. Mas uma vez que o produto de -1 e +1 é sempre -1, não temos outro recurso senão afirmar que $BD = \sqrt{-1} = i$.

Baseado nessa idéia, Gauss estendeu-a para incluir toda a gama de números complexos. Nesse plano complexo, cada ponto representado por um número na forma $(x + iy)$ corresponde a um ponto no plano fixado pelas coordenadas x e y. Em outras palavras, um número complexo pode ser visto como um par de números reais com a adição do número i. Mas quando multiplicamos um número complexo por i, isso tem o mesmo efeito de rodar aquele ponto 90 graus em torno da origem, enquanto a multiplicação por -1 o rodaria 180 graus.

perguntamos por que a ciência ainda não os usou com relação à maior de todas as velocidades — a própria velocidade da luz.

Os professores agashanos, que foram assunto em nossos dois primeiros livros, afirmam ser uma falácia dizer que nada pode andar mais rápido do que a luz (300 mil quilômetros por segundo) ou que haja um "limite de velocidade" ao qual se deve obedecer ao viajar daqui até ali na vasta Consciência da Imensidão a que chamamos Universo. De fato, são capazes de viajar em velocidades muitas vezes mais rápidas que essa constante universal "c" e cobrir vastas distâncias naquilo que poderia se chamar "um piscar de olhos". Tudo é vibração, dizem eles constantemente, e até que a humanidade aprenda o segredo da vibração deveremos permanecer prisioneiros na Terra e seus arredores, quer dizer, ao menos enquanto mantivermos o corpo físico.⁴¹

Então, no momento da morte física, o espírito aumenta sua taxa de vibração, igualando-a à do raio cândido (300 mil vibrações por segundo) e cruza o limiar entre as densas vibrações físicas do *átomo* e as vibrações espirituais mais etéreas da *anima*, mas que parecerão ao espírito recém-libertado tão "sólidas" e reais ao toque espiritual quanto o mundo que ele deixou parecia ao toque físico. A *anima* é então simplesmente o complemento do átomo, ou o "átomo" dos reinos espirituais, se você quiser usar o termo dessa maneira (*The Agashan Discourses*, cap. 7).⁴²

Porém, há uma relação matemática bastante válida entre esses dois estados de consciência, além daquela que indicamos no Capítulo 4 (Figura 50). Ali, mostramos que o mundo espiritual está para o mundo físico assim como a existência negativa está para a existência positiva, ou assim como a diferença entre dois números está para suas somas. Essas são expressas matematicamente como $(/5 - 1)$ e $(J+ 1)$, etc. Também indicamos como a sequência de números Phi faz isso tudo aflorar. Mas agora vamos combinar aquilo que aprendemos naquele capítulo com a matemática deste aqui. A raiz quadrada de menos um $0,1-1$), também conhecida como i , está virtualmente implorando para ser identificada com a consciência espiritual, o estado de *anima* do "i" em oposição ao estado atômico do "I", a em oposição a•, etc. E a seguinte prova matemática, quase inacreditável, poderia servir muito bem como passo inicial para essa compreensão.

41. Os professores agashanos manifestaram-se por mais de 30 anos por meio do transe mediúnico de Richard Zenor em Los Angeles. A filosofia agashana foi apresentada em nossos primeiros dois livros intitulados *Agasha: Master of Wisdom* (1977) e *The Agashan Discourses* (1978), ambos publicados pela DeVorss & Company, Marina del Rey, CA.

42. *Ibidem*.

A Espantosa Prova Matemática da Unidade das Quatro Constantes

Há uma fórmula famosa — talvez a mais compacta e famosa de todos os tempos — desenvolvida por Euler a partir de uma descoberta do matemático francês De Moivre, que é como segue:

$$e^{1\pi}e+1=0 \quad e/\text{ou} \quad e^{1\pi}=-1$$

Elegante, concisa e cheia de significado, é significativa tanto para o místico quanto para o filósofo, assim como para o cientista e o matemático. Tanto que, mesmo sendo conhecida há mais de um século, a fórmula de De Moivre pareceu a Benjamin Peirce, um dos principais matemáticos de Harvard no século XIX, uma espécie de revelação. Havendo-a descoberto certo dia, voltou-se a seus estudantes e fez a observação que diz tudo: "Cavalheiros", disse ele, "isso é certamente verdade, é absolutamente paradoxal: não podemos compreendê-la e não sabemos o que significa, mas nós a provamos e, portanto, sabemos que deve ser a verdade".⁴³

Assim, vamos tratar da Figura 73. O gráfico foi desenvolvido como tentativa nossa de compreender essa fórmula compacta e misteriosa. Nossas idéias caminharam mais ou menos assim: visto que, ao multiplicar um ponto da geometria analítica por i , isso é equivalente a rotar esse ponto em um ângulo de 90 graus em torno da origem (uma multiplicação por i^2 ou -1 o rotaria em 180 graus), quando esse mesmo " i " aparecesse no expoente ele deveria manter-se no ponto em que está e forçar os dois eixos (o eixo X e o eixo Y) a uma rotação de 90 graus. Mas seja como for, ao menos sabemos que e e n relaciona-se de algum modo à unidade, já que $e^{1\pi} = -1$.

A figura 73, portanto, põe em funcionamento ambas as idéias: 1) coloca a curva da equação ($y = e^x$) em um ponto em que ela termina em e^π , e 2) rotaciona cada eixo em um ângulo de 90° até que se forme a base quadrada de uma pirâmide. Mas o gráfico parece muito mais complicado do que realmente é. A curva se aproximará, mas nunca chegará a atingir o eixo X horizontal e terminará abruptamente em $x = 3,14$ e $y = 23,14$ ($e^\pi = 23,14$). Nesse momento, rotamos os dois eixos em um ângulo reto e desenhemos novamente o gráfico, mas dessa vez o eixo X torna-se a base do lado direito da pirâmide. Assim, e^π na verdade é -1 . A figura mostra quatro ciclos completos da equação ($y = e^x$).

Já que estamos sempre encerrando nosso gráfico em $x = \pi$, o eixo Y é mais facilmente dividido em unidades de grade múltiplas de π em vez de unidades de 1. Cada base da pirâmide será então igualmente dividida em

43. A citação de Benjamin Peirce vem de *Mathematics and the Imagination*, de Kasner e Newman (p. 104)

oito unidades de it, duas unidades finais de 1,00 cada e uma unidade no centro de cada base com valor de 0,14954... A simetria da pirâmide força-nos a adicionar essa quantidade extra no centro.

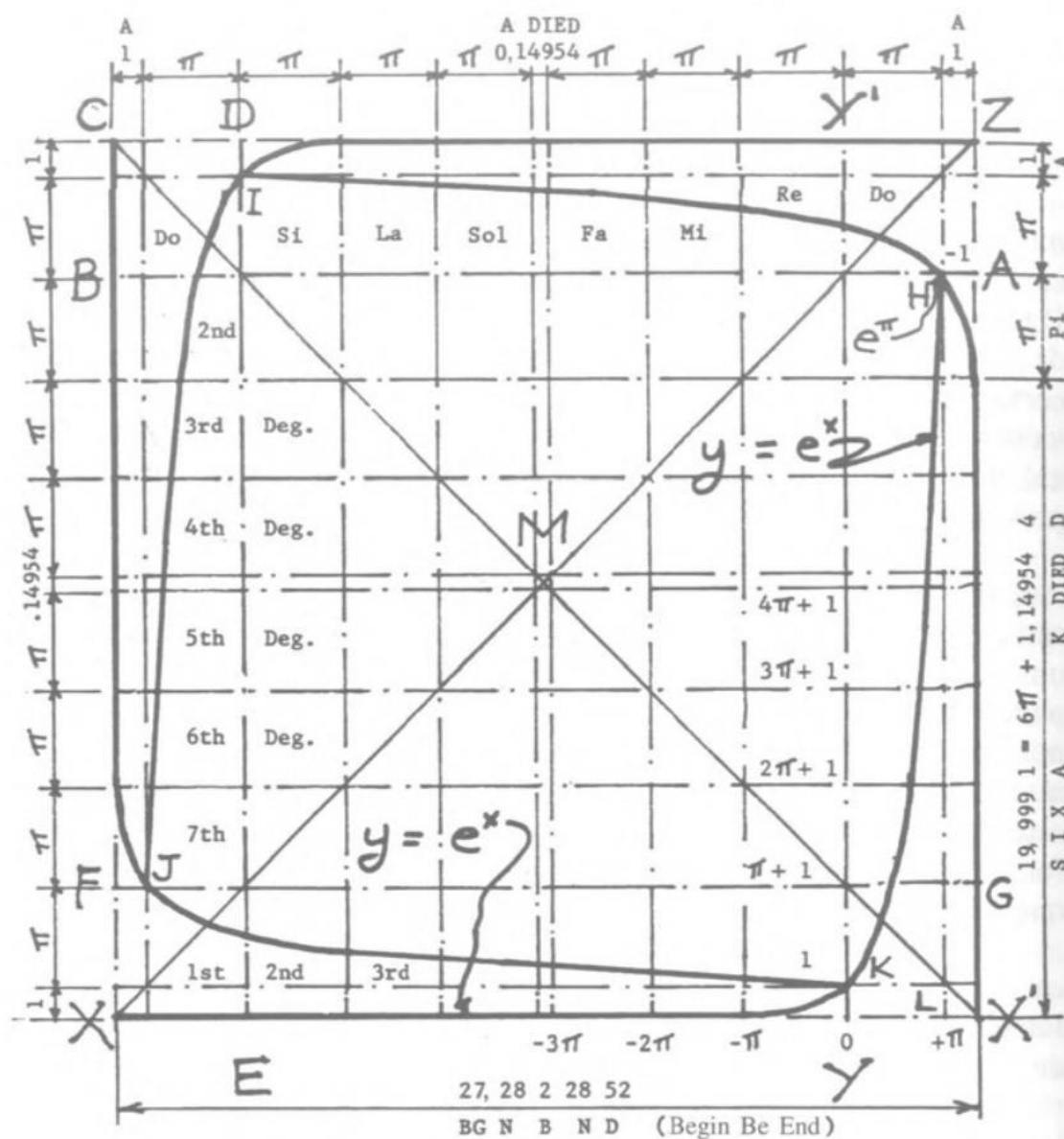


Figura 73
Uma representação gráfica da função exponencial de base e

A Figura 73 acentua também o fato de que qualquer curva exponencial é essencialmente uma curva em ângulo reto; o que queremos dizer é que os valores negativos de x gradualmente se fundirão com o eixo X horizontal, enquanto os valores positivos de x farão que a curva fique cada vez mais próxima de uma perpendicular de 90 graus. Já havíamos mencionado isso anteriormente, mas nada há de mal em repeti-lo.

Se o leitor desejar conferir nossos cálculos, pode fazê-lo facilmente com uma pequena calculadora de bolso, sendo que a única restrição é que a calculadora deve ter uma tecla (e^x) e, de preferência, também uma tecla

(x^y). Assim, cálculos tediosos com tabelas de logaritmos agora fazem parte do passado. Tudo o que se precisa fazer é apertar as teclas certas e *presto!* A resposta aparece no visor da calculadora. Mas será preciso escrever suas respostas e tabulá-las. Calculadoras de bolso normalmente têm apenas uma memória; o resto cabe a você.

Portanto, à luz do que aqui foi dito, uma análise cabalística completa da função torna-se absolutamente imperativa se quisermos compreender os processos em obra. Se você fizer os cálculos necessários em uma calculadora de mesa com 12 dígitos, deverá chegar aos valores listados abaixo. Acrescentamos também algumas interpretações cabalísticas lendo alguns dos elementos-chave do diagrama.

e	= 2, 71 828 1828	BGR B H (Bigger Be Each R) [Maior seja cada R]
e^π	= 23, 14 069 265	B CAD OF I'Z e
$e^\pi - 1$	= 22, 14 069 265	B BAD [Seja Mau]
π	= 3, 14 159 265	"c" NOIZE [Ruído "c"]
$e^\pi - \pi$	= 19, 99 91	SIX A = AXIS (99 = <i>Judgement</i> = X) <i>Seis A = Eixo</i> (99 = <i>Julgamento</i> = X)
$7 \times \pi$	= 21, 99 114 855	U X AN H
$e^\pi - 7 \pi$	= 1, 14 954 41	K DIED. King (41) DK (Decay) [K morreu.] <i>Rei (41) DK</i> [Decadência]
<i>vértice</i>	= 0, 14 954 41	A DIED (ADD) [A Morreu (Somar)]
$8 \times \pi$	= 25, 13 274 12	BE M (Death) [Seja M (Morte)]
$8 \pi + \text{vértice}$	= 25, 28 228 53	BE N (Man) B Man Wheel [Seja N (Homem)] <i>B Homem Roda</i>
base	= 27, 28 228 52	BGN B ND (Begin Be End) [Começo Seja Fim]

O espantoso a respeito de toda essa operação é que esse glifo em particular está realmente falando conosco! Não que eles nunca tenham feito isso — pois certamente fizeram — mas aqui temos outra confirmação da morte do Imperador no vértice da pirâmide, o que é exatamente o profetizado pelo valor total das 22 letras do alfabeto hebraico. A tabela na página 38 do Capítulo 2 mostra que a soma é 1.495 (A DIE, A *Morre*). Além disso, o glifo mostra que nesse caso em particular sua morte ocorreu na origem da espiral, tornando-se assim o ímpeto inicial que envia as curvas exponenciais originadas em cada canto da base a uma rota de colisão e que acaba por terminar quando o e^π de uma curva encontra o e^0 seguinte.

Por acaso, os primeiros seis dígitos de $e^\pi = 23,1407$. Eis uma afirmação cabalística de que B [é] 3,14 ou π quando lido da esquerda para a direita, e que se relaciona a GOD [Deus] quando lido da direita para a esquerda. Além disso, esse mesmo "GOD A C B" torna-se "GON C B" ou "GONE" [Ido] porque $C + B = E$. Concluimos então que na potência e^π velocidade da luz c se vai.

O espanto e deslumbramento que podem muito bem apoderar-se do leitor ao compreender plenamente as implicações por trás da Figura 73 não

são inesperados. De fato, o escritor nunca pôde superá-los e duvido que um dia o consiga; a prova é que parecemos estar embelezando e aperfeiçoando este mesmo glifo matemático a cada livro que escrevemos. Mas as implicações filosóficas são enormemente significativas!

Como puderam os construtores da Grande Pirâmide, por exemplo, conhecer tão bem a matemática do Universo a ponto de serem capazes de esconder seu segredo em uma linguagem que, na época em que a pirâmide foi construída, nem sequer fora inventada? E estou falando da língua inglesa atual. E como explica o fato de que, quando você está no lado direito da Figura 73 e lê o valor de e^π nas coordenadas de π da direita para a esquerda, ele afirma muito claramente que é o "PI AXIS" [Eixo de Pi]? Ou que o vértice de ouro faltante é o "A" que "DIED" [Morreu]? A inteligência inata da Cabala simplesmente confunde a gente.

Mas ainda não acabamos. Ainda falta considerar a razão entre o macrocosmo e o microcosmo. O macrocosmo é a base inferior em torno do perímetro da pirâmide ($8\pi + \text{vértice}$) e o microcosmo é a base interior em seu vértice (0,54). Essa proporção é a seguinte:

(Base Inferior)	BE 28 (Man)	
<u>Lower base</u>	= <u>25.2822853</u>	= 169 06 7 0 4 09 25
Apex base	0,14954	PI OF GOD I BE [Pi de Deus eu ser]
(base do ápice) A DIED	= Morreu	

Além do mais, a meia-base do vértice é $0,14954/2 = 0,07477$, que não pode ser outra coisa senão Jesus (74) Christ [Cristo] (77). E, quando combinamos as duas meias-bases e lemos toda a soma de suas metades, temos o termo "0,07477 + 0,07477", que pode ser transliterado como "O KNOWN" [O Sabido], já que 74 pode ser tanto "The King" [O Rei] (K) como "Chariot" [Carro] (W) e $7 + 7 = 14 = N$. Assim, a Cabala nos diz que a verdadeira origem do plano complexo (o 0) é NOW KNOWN [Agora conhecida].

A Grande Pirâmide de Gizé: Um Verdadeiro Pi (e) Phi "i"

Por todo este livro afirmamos que a Grande Pirâmide, esse grande "monumento à espiritualidade", como é chamada pelos professores agashanos, foi construída para expressar os princípios da Média Aurea assim como para trazer o Pi à manifestação. Mas como foi realmente construída? Seria uma verdadeira pirâmide de Pi ou uma verdadeira pirâmide de Phi?

A resposta reside na inclinação de seus lados. Se fosse uma pirâmide de Pi, sua inclinação seria de $51^\circ 51,2'$; mas se fosse uma pirâmide de Phi, essa inclinação seria de $51^\circ 49,6'$, uma diferença de apenas 1,6 minutos no ângulo. Portanto, as inclinações reais das poucas pedras do revestimento restantes foram medidas, mas inutilmente. A diferença na inclinação é tão pequena que não pode ser determinada com precisão dentro

das dimensões de uma única pedra. Mas isso não surpreende, já que mesmo os próprios números nos contam a mesma história: 51,2, (EA. B) — 49,6' (DIF.) = 1 6' (Phi).

A resposta, portanto, deve residir na verdadeira altura vertical da pirâmide do modo como foi originalmente construída. Se o comprimento de sua meia-base é 1, sua altura seria $4/\pi = 1,273239$ (uma pirâmide de Pi); ou $4/\phi = 1,272019$ (uma pirâmide de Phi)? A resposta é assim simples. Mas como determinamos sua verdadeira altura original, considerando-se o atual estado de decadência e o fato de que o vértice há muito desapareceu? Eis o problema, e isso permaneceu desse modo pelos últimos milhares de anos.

Até meados da década de 1920 ainda restava considerável dúvida quanto ao verdadeiro comprimento dos quatro lados da base da Grande Pirâmide. Claro, o célebre pesquisador inglês William Flinders Petrie estabeleceu firmemente essas dimensões em seu exaustivo levantamento no início da década de 1880, mas havia discrepâncias peculiares em suas medições. Mesmo sendo a magnífica estrutura alinhada com tanta precisão que ultrapassava em exatidão qualquer construção humana até então e sendo o trabalho de precisão na alvenaria acima de qualquer comparação, como, então, aqueles antigos construtores foram aparentemente incapazes de construir a Grande Pirâmide sobre uma base quadrada? (mesmo admitindo a extensão de 17,5 polegadas a partir da linha cinzelada na cavidade do canto sudoeste, o levantamento de Petrie ainda mostra os quatro lados ligeiramente fora da perpendicular e com comprimentos que chegam a variar em um pé).

Para resolver o dilema, Ludwig Borchardt, diretor do Instituto Alemão de Arqueologia do Cairo, mandou medir novamente todo o sítio em 1925. O engenheiro que realizou a tarefa foi J. H. Cole, que foi capaz de definir com precisão de milímetros a posição original dos quatro cantos no alto do calçamento; mas as descobertas da medição de Cole foram muito negligenciadas até o presente porque apenas corroboravam, em essência, as conclusões a que Petrie chegara cerca de 45 anos antes. A Figura 74 mostra os ângulos e comprimentos em cada um dos quatro lados, bastante exagerados, tanto no nível do alicerce quanto no do calçamento.⁴⁴

Tenho a certeza de que o leitor não deixará de se impressionar, assim que compreenda inteiramente o significado da Figura 74, com a sabedoria e inteligência divinas expressas por esses construtores da Antiguidade. Pois de que outra forma poderiam construir uma pirâmide, usando *ambos* os princípios, o de Pi e o de Phi, exceto fazendo as faces ligeiramente desiguais em tamanho e inclinação? Não seria possível. Porém, muito estranhamente, essa resposta tão óbvia e simples de alguma forma escapou à

44. Os dados das medidas da base da Grande Pirâmide presentes na Figura 74 vêm da medição de Cole realizada em 1925. Foram obtidos no apêndice de *Secrets of the Great Pyramid* (pp. 364 a 366).

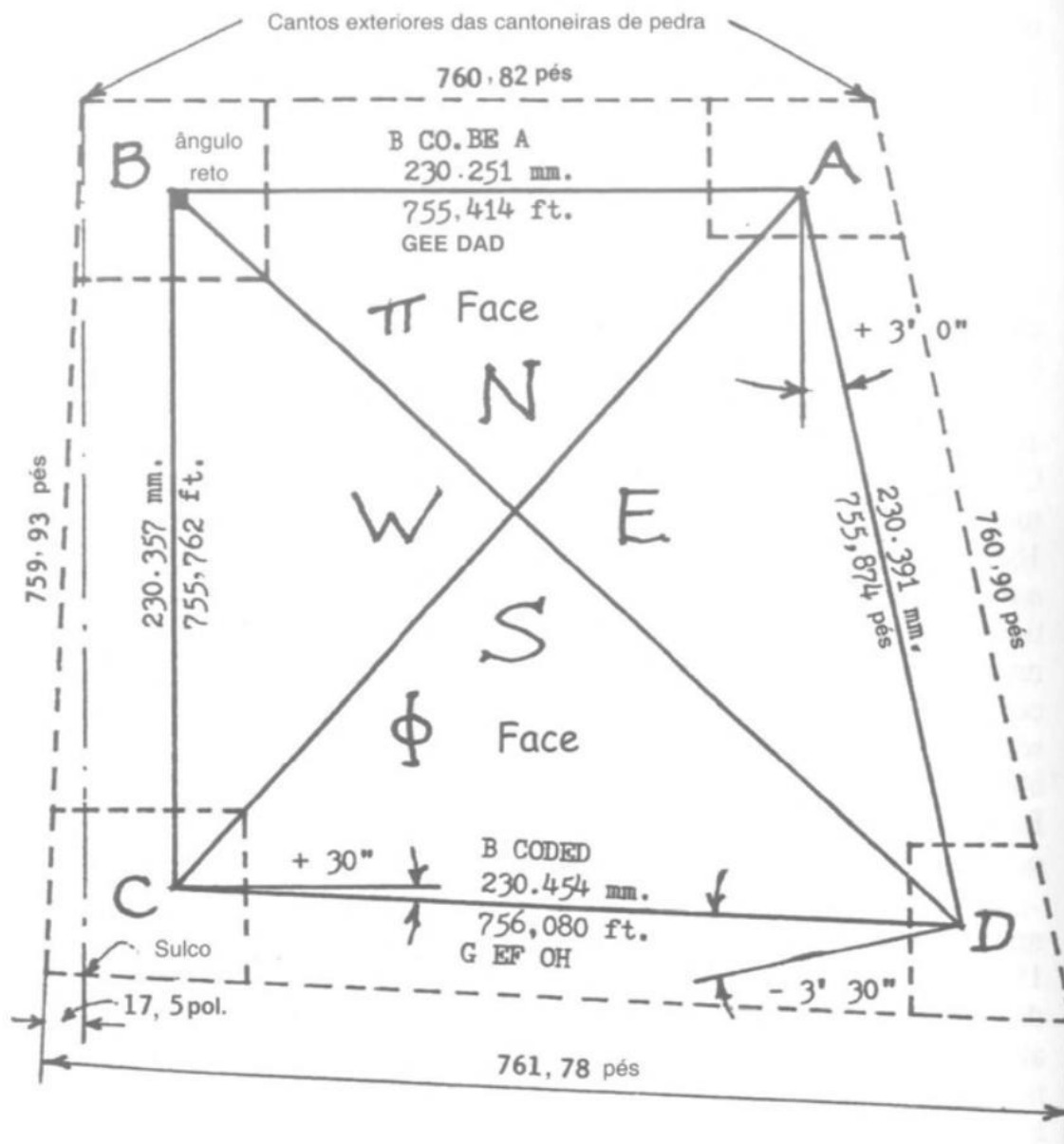


Figura 74
As medidas reais da base da Grande Pirâmide

maioria dos estudiosos que analisaram esse monumento desde que a medição de Cole tornou-se disponível no final da década de 1920. Em vez disso, eles se contentaram em usar o comprimento *médio* de cada lado, supondo simplesmente que aqueles antigos matemáticos haviam cometido um erro de cálculo.

Mas nada poderia estar mais longe da verdade. Os fatos estão ali. Os números-chave para qualquer pirâmide de "Pi/Phi" são dados pelas duas equações seguintes, que devem ser usadas para calcular sua altura:

A altura de uma pirâmide de Pi é, portanto, 1,000959 vezes maior que a de uma pirâmide de Phi, o que se aproxima muito da *verdadeira*

$$\text{Altura da pirâmide Pi} = \frac{4}{\pi} \times \frac{\text{Base}}{2} = 1,27323955 \times \text{meia-base}$$

$$\text{Altura da pirâmide Phi} = \frac{\sqrt{\phi}}{2} \times \text{Base} = 1,27201965 \times \text{meia-base}$$

razão entre as bases norte e sul, respectivamente: 230.454 dividido por 230.251 é igual a 1,0009 (esses são os cinco primeiros dígitos).

Mais que isso, a medição de Cole mostra que o comprimento do lado oeste (230.357 mm) é quase exatamente a média entre o lado norte "Pi" e o lado Sul "Phi" (sendo a verdadeira diferença de apenas 4 milímetros). Portanto, se equipararmos a altitude Pi com a altitude Phi, somos levados à irrefutável conclusão de que a verdadeira meia-base do lado norte deve ser tal que produzirá uma pirâmide de "Pi", em oposição ao verdadeiro comprimento da meia-base do lado sul, que revela uma pirâmide de "Phi".

Estamos agora em uma boa posição para calcular a verdadeira altura original da Grande Pirâmide. A meia-base do lado norte é $230.454/2 = 115.227$ mm. E se multiplicarmos esses dois comprimentos pelos fatores fornecidos acima, as alturas seriam as seguintes:

$$\text{Altura da pirâmide de Pi} = 146.583 \text{ mm}$$

$$\text{Altura Média} = 146.577 \text{ mm.}$$

$$\text{Altura da pirâmide de Phi} = 146.571 \text{ mm.}$$

A diferença entre as duas alturas teóricas em nossa nova base de medição da Grande Pirâmide é agora de apenas 12 milímetros ou 0,47 polegadas, menos de meia polegada! Mas isso não é tudo. Se lermos cabalisticamente a altura média, o número declara que é "A DF. (*different*) EGG" [Um ovo diferente]. Além disso, se convertemos esse número para pés multiplicando 146,577 metros por 3,28083 pés/metro, a resposta será 480,89421 pés, a parte decimal do número que diz "HID U" [Escondeu você]. Mas quem escondeu você? A resposta pode ser encontrada na parte inteira (480), dez vezes o número Alfa de Louco (Carta 0 do Tarô) em outras palavras, você, o Louco, escondeu-se nas alturas da Grande Pirâmide e nem mesmo sabe disso.

Cole estendeu suas medições a uma exatidão milimétrica e o escritor transformou-as em pés com o fator de conversão padrão de 39,37 polegadas/metro = 3,28083 pés/metro. Os dois dígitos seguintes do decimal são 33 ou 99 (usando 1/0,3048) e assim, para evitar a controvérsia, estamos limitando o fator de conversão à mesma exatidão de seis dígitos dos números originais.

As pistas de que a face norte foi construída de acordo com o princípio Pi do Pai (o número Alfa de "The Great Pyramid of the Emperor" [A Grande Pirâmide do Imperador] = 314 = 3,14 = Pi) e que a face sul relaciona-se ao princípio Phi da Grande Sacerdotisa, a Virgem Maria com seu filho, o Menino Jesus (High Priestess = 162 = 1,62 = Phi) são obtidas

simplesmente lendo-se os próprios números. Mas o mais fantástico, o aspecto quase inacreditável da Cabala, é que essas dimensões em milímetros ou pés possam fazer tanto sentido em inglês moderno! Declaramos nosso espanto na seção anterior a respeito do $e^{1\pi}$, mas os resultados são tão incríveis que merecem ser novamente destacados aqui.

A parte inteira dos comprimentos em pés e metros são, respectivamente, 755 e 230, que são transliterados como GEE (Justiça ou Deus) B CO (Be Company [E companhia], o Sol e a Lua, o macho e a fêmea, uma organização para realizar alguma meta). Eles são iguais para todos os lados, mas os números completos individualizam-nos e declaram sua função. A face norte, por exemplo, declara: "Gee, Dad Be CO (Commanding Officer), Be A (o Imperador)" [Gê, Papai é CO (Oficial Comandante), é A (o Imperador)].

Mas a face sul "Be CODED" [é Codificada] e deve ser decifrada antes de poder ser compreendida. Consiste em G (God, *Deus*), EF (a Grande Sacerdotisa) e OH (o Sol, o menino Jesus, carta 19 do Tarô). Mas quando combinamos as faces norte e sul e as lemos como uma única declaração, a mensagem fica bem clara e evidente: "Gee! Dad Be Coded. [Caramba! Papai (a Grande Pirâmide do Imperador) é codificado (escrito em código)]. *G + Ef + Oh* be [Seja] Co (Companhia): Be [Seja] A (O Imperador).

O leitor pode se perguntar porque aqueles antigos matemáticos afastaram a face sul da Grande Pirâmide 30 segundos de um grau do ângulo reto. Não parece haver uma razão real para esse afastamento porque um ângulo de 90 graus no canto sudoeste funcionaria igualmente bem na construção de sua pirâmide "Pi/Phi". Mas há uma razão, e muito válida, que de alguma forma escapou-me em meus livros anteriores.

Tudo o que temos a fazer é voltar à Figura 32 e ali estará a resposta, tão evidente quanto seu nariz. A distância em torno do perímetro dos encaixes de pedra da Grande Pirâmide é de exatamente 3.043,43 pés, quase precisamente igual a *30 segundos de arco no Equador* ou meia milha náutica equatorial. Portanto, chamar nossa atenção para essa medida crítica (30 segundos de arco, seja no pólo ou no equador) torna-se assim a resposta óbvia para o deslocamento.

A Figura 75, a seguir, tem o intuito de reunir, em um único e abrangente diagrama, tudo o que aprendemos até agora em relação à Grande Pirâmide. Visto que determinamos que ela é uma pirâmide "Pi/ Phi", é bastante fácil ver que seu título original, "A Grande Pirâmide do Imperador", não está completo. O número Alfa do termo é 314, que traz Pi à manifestação; mas ainda há Phi ou a Grande Sacerdotisa ($162 = 1,62 = \text{Phi}$) a se considerar.

Portanto, seu verdadeiro nome automaticamente torna-se "The Great Pyramid of the Emperor [A Grande Pirâmide do Imperador] (314) and [E] (19) Grande Sacerdotisa (162)".

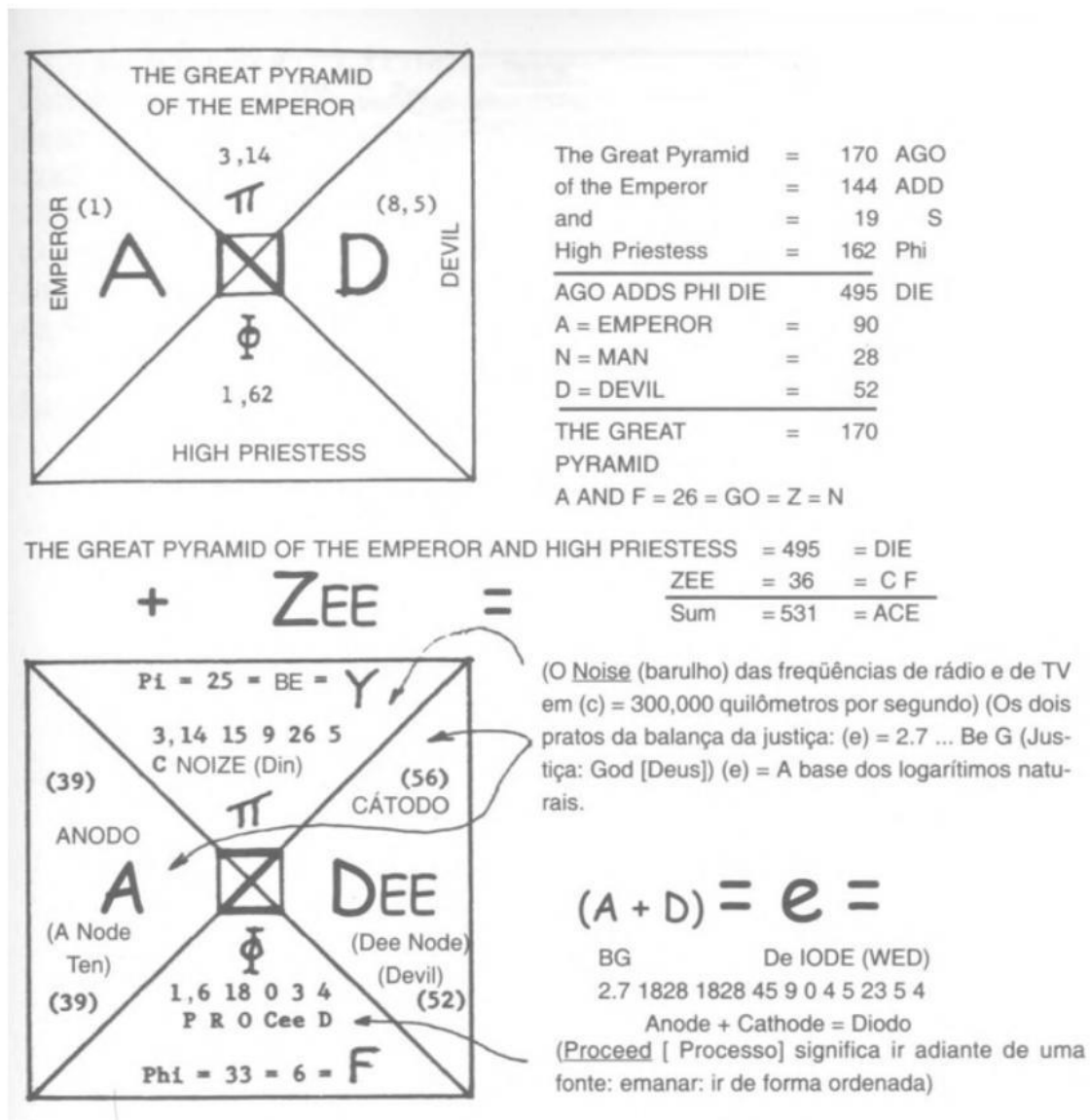


Figura 75
A Grande Pirâmide com suas quatro faces e seu vértice de ouro

A conjunção "and" [E] deve ser acrescentada, não apenas para deixar o nome gramaticalmente correto, como também para identificar apropriadamente o A com a face oeste, o N com o vértice e o D com a face leste. Isso faz com que o número Alfa do nome inteiro seja 495, que pode ser transliterado como "DIE" [Morrer].

Mas o diagrama superior da Figura 75 ainda não está completo. A letra N apenas traz metade do vértice dourado à manifestação; ele ainda precisa da letra Z para estar completo. Além disso, ainda não estamos confortáveis com o número Alfa do nome (495), o que implica em que "Pi e Phi" literalmente "Morrem". Precisamos de vida, não de morte. Portanto, a adição da letra Z aumenta o valor para 521 (495 + 26 = 521) e, se for lido da direita para a esquerda, declara que A BE [A é]. Além disso, se incluirmos o

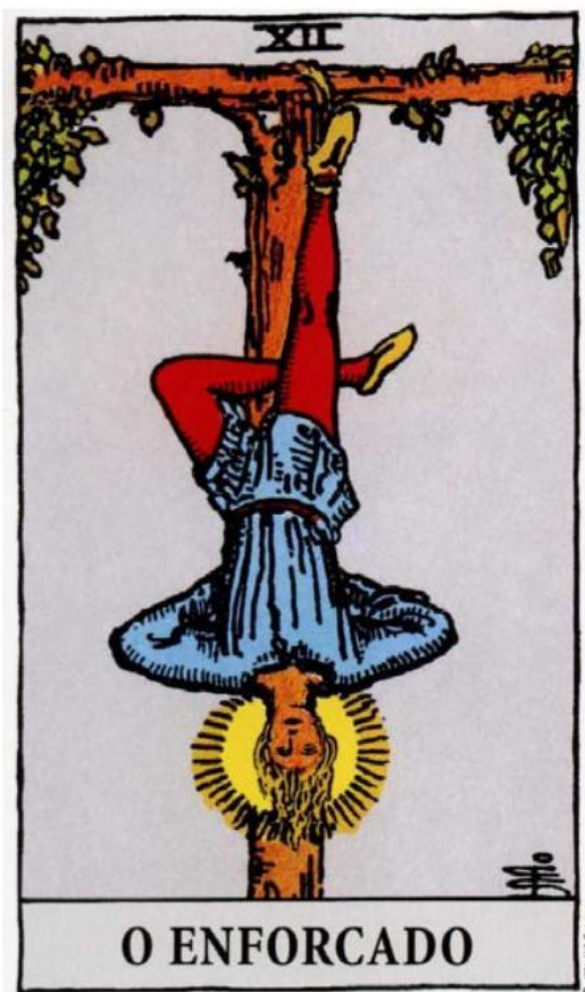


Figura 76
O vértice interno: um Pi(e) Phi "i" (a letra N)

número Alfa do *nome* da letra (Zee= 36), aquilo que A BE torna-se o ACE [As] ($495 + 36 = 531$).

Isso nos leva ao diagrama inferior da Figura 75 e à magia do número *e*. Se somarmos o A ao D, a resposta é 5, a letra E cuja forma minúscula é *e*, e temos a analogia perfeita para a verdadeira relação entre as faces leste e oeste da pirâmide, ambas parte desse espantoso número, porque um número não é um número a menos que seja comparado com a unidade ou o 1.

Mas essas não são as únicas indicações de que os construtores da Grande Pirâmide pretendiam que a razão entre essas duas faces representasse *e*. A pesquisa de Cole aponta que o comprimento da face leste é de 230.391 mm e o da face oeste 230.357 mm, sendo a razão entre ambas de 1,000147. Assim, temos o número 1 no oeste e o número 147 no leste, ou o A e o E (147 é o número Alfa de "O Hierofante", a letra E). Além disso, os egípcios colocaram um sulco linear no calçamento próximo ao meio da face norte, que está a *mais de 2,7 polegadas mais próximo* do canto noroeste do que do canto nordeste, o que fornece um indício adicional para essa hipótese ($e = 2,718$).

E onde entra a letra D nisso tudo? O valor teórico do comprimento da face oeste deve ser a meia-base do lado norte (115.125,5 mm) mais a meia-base do lado sul (115.227 mm) ou 230.352,5 mm, mas em vez disso eles o construíram com 230.357 mm, um desvio de 4,5 mm. Por quê? E o desvio da face leste é (230.291 - 230.352,5 = 38,5 mm), sendo a *razão* entre os dois desvios de $38,5/4,5$ ou 8,55..., seguido por uma série infinita de números 5. A resposta é, obviamente, não apenas HEED [Dar atenção a] "e" (8,55 + 4,5), mas é também He, a quinta letra do alfabeto hebraico, assim como 85, o número Alfa para "The Devil" [O Diabo], a letra D. Parece não haver fim para essas "coincidências".



Figura 77
O vértice externo: um Pi(e) Phi "zero" (a letra Z)

Estamos agora prontos para provar a nós mesmos que uma jornada em torno das quatro faces da pirâmide a partir do oeste, para o norte, o leste e o sul representa uma manifestação espiritual de A Pi(e) Phi "i" [Um Pi(e) Phi "i"] ou uma manifestação física de A Pi(e) Phi "zero", sendo a única diferença entre as duas que a primeira termina no vértice interior da consciência espiritual (a letra N) e a última no vértice exterior da

consciência física (a letra Z). Os dois vértices são as extremidades (NZ) do eixo polar em torno do qual a Terra gira.

O vértice interior é simbolizado pelo Enforcado (a letra N), que se manifesta como a raiz quadrada de menos um $\sqrt{-1}$. Ele é o pequenino "i" que vive no centro da consciência espiritual da alma. O vértice exterior é simbolizado pela Imperatriz (a letra Z), a mãe terra por meio da qual a alma ganha entrada para os reinos físicos. Em seu útero está o ponto zero, o pingo do "i", o absoluto início de todas as encarnações terrestres.

Na subseção anterior deste capítulo, investigamos o teorema matemático ($e^{i\pi} + 1 = 0$), que por sua vez pode ser expresso por ($e^{i\pi} = -1$). Mas onde entra o Número Aureo Phi (ϕ) nisso tudo? Infelizmente, a equação acima representa apenas metade do processo da vida. Para expressar adequadamente a forma final precisamos de duas equações. Elas podem ser colocadas da seguinte forma:

$$e^{i\pi} = -1 \quad \text{e/ou} \quad \phi^0 = +1$$

A primeira é igual ao valor negativo da Consciência Una Universal e a segunda a seu valor positivo; sua soma total é zero ou nada.

Portanto, em última análise, há na verdade seis constantes matemáticas fundamentais no universo: Um (1), Pi (π), "e", Phi (ϕ), $i\sqrt{-1}$ e Zero (0). Elas podem ser comparadas aos cinco sólidos platônicos e à esfera (veja Figura 26), ou às seis faces de um cubo, dependendo de como você prefira visualizá-las. Mas de qualquer modo, elas representam a totalidade da existência — do Nada do Não-Manifestado (o 0) à totalidade do Tudo (o 1).

Capítulo 8

O Pulso da Vibração

Neste capítulo investigaremos a Grande Pirâmide como se fosse um Sol gigantesco, o próprio grande Núcleo da Vida. Desse modo, podemos visualizá-la como uma grande antena de difusão, constantemente enviando sinais elétricos com seu vértice de ouro, os quais, por sua vez, após terem sido captados por um receptor adequado, podem recriar imagens do grande Mundo da Realidade que existe dentro dela. Essa é a Consciência de Deus, a realidade original a partir da qual o Universo é projetado como uma espécie de imagem de TV de si mesmo.

A fonte de seu poder é a energia elétrica transmitida em forma de ondas eletromagnéticas. Isso resulta em uma *vibração*, que pode ser de dois tipos: corrente alternada (AC) e corrente contínua (DC). Se as quatro faces da pirâmide recebessem como nome as letras A-B-C-D no sentido horário, da esquerda para a direita, a corrente alternada (AC) se moveria de forma A-C-E-G, da face esquerda para a face direita e vice-versa, revertendo-se a duração da corrente com cada oscilação do pêndulo.

Por outro lado, a corrente contínua (DC) fluiria apenas em uma direção e teria um valor substancialmente consistente. Isso é chamado velocidade da luz (*c*) e é conhecido como constante eletromagnética. Normalmente, a energia eletromagnética move-se em linha reta, exceto porque pode ser *percebida* como se se movesse de forma circular' sob certas circunstâncias, como se um poderoso holofote fosse colocado no alto da Grande Pirâmide. Então, conforme o holofote gira em torno das quatro faces de modo D-C-B-A, sua luz seria recebida como corrente direta (DC) com um *pulso*; o pulso da vibração seria sentido por um observador a cada vez que o holofote passasse por aquele ponto em particular no espaço.

Porém, o pulso é sentido em qualquer caso, e não faz realmente diferença se se trata da corrente AC alternando para a frente e para trás por meio do diâmetro ou se é percebida como uma corrente DC movendo-se em torno da periferia de um círculo ou espiral, a reação sobre os sentidos seria a mesma. Haveria sempre um lapso de tempo entre um ponto de contato e o seguinte e ele poderia ser matematicamente descrito como um

pulso A-E-I-M-Q-U-Y, etc. Ou, se interpretarmos isso cabalisticamente, talvez pudéssemos até mesmo dizer que é um tipo de pulso "Ea. I make you" [Ea., eu faço você]?

O Vértice de Ouro

Para dar força ao nosso argumento, vamos passar para a vista aérea de uma Pirâmide de Luz, como a mostrada na Figura 78. Mas essa visão não é aplicável apenas à Grande Pirâmide, pois é também uma representação verdadeira de qualquer pirâmide que se possa construir, com qualquer ângulo de declive, sendo a única restrição que tenha uma base quadrada. Como o diagrama da Árvore da Vida da Grande Pirâmide mostrado no Capítulo 4, cujos galhos são perpendiculares ao tronco central e a suas quatro faces diagonais, assim também é dividida uma Pirâmide de Luz. Mas uma visão frontal de qualquer Pirâmide de Luz divide o interior dela em triângulos retos de 45 graus em vez dos triângulos retos de $52^\circ/38^\circ$ de uma pirâmide de Phi. Em tudo o mais, o processo de criar triângulos retos similares com a mesma forma do triângulo reto mãe é exatamente o mesmo.

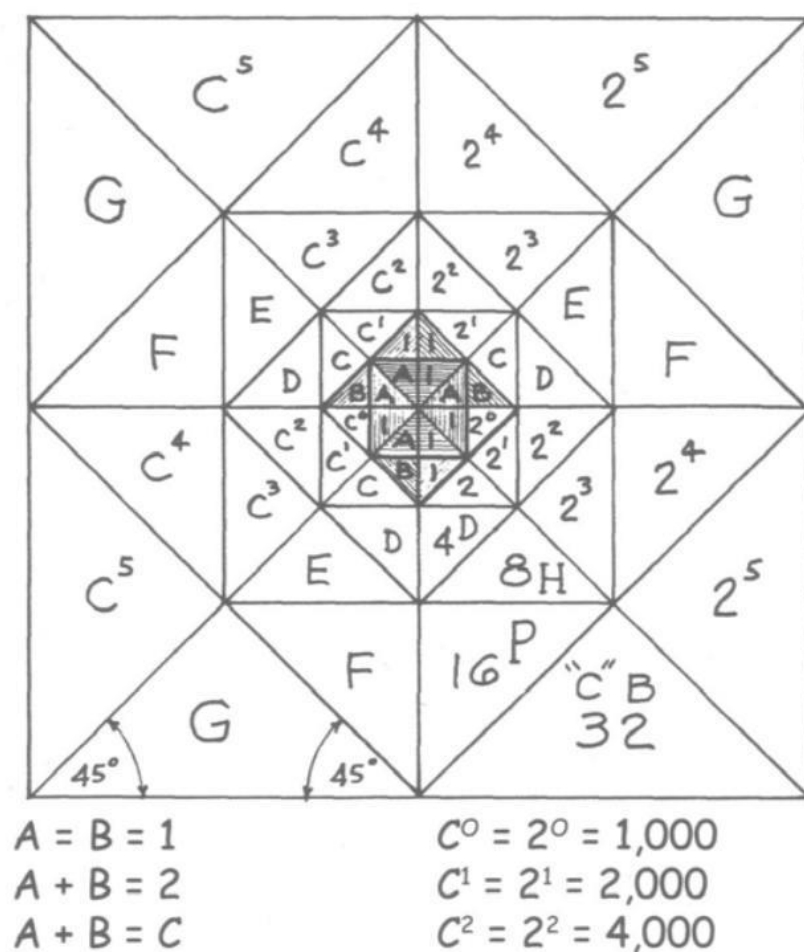


Figura 78
Visão frontal de qualquer Pirâmide de Luz

Portanto, podemos continuar a subdividir a diagonal da Figura 78 com linhas perpendiculares a ela, até que terminemos com um número infinito de triângulos retos de 45 graus, cada um com exatamente metade do tamanho de seu vizinho, formando uma Árvore da Vida igualmente bela, mas desta vez baseada em um fator de dois (2) em vez de Phi (1,618...). Além disso, a soma total do número infinito de termos menores que se estendem até o vértice é sempre igual ao termo *seguinte* na série, e não ao segundo que se segue ao último termo, como na série de Phi. De maneira semelhante, o vértice sempre forma uma imagem de si mesmo no segundo termo da série, não no terceiro. Assim, o vértice (A) é igual ao termo B na Figura 78, enquanto que em uma Árvore da Vida Phi ele é igual ao termo C.

Vamos agora ler a mensagem contida nos valores numéricos dos termos no vértice (visão frontal) de qualquer Pirâmide de Luz e ver o que eles têm a nos dizer. O valor do termo G na Figura 78 é 32, que pode ser transliterado como C (a velocidade da luz) Be [Ser]. Ser o quê? Os valores dos cinco termos seguintes são 16, 8, 4, 2, 1, que podem ser lidos como PHD (Doutor em Filosofia) Be [Ser] A (o Imperador). Assim, o Imperador (A) não apenas é um PHD, como é também C (a própria constante eletromagnética). De fato, é isso que faz dele o Imperador.

Mas agora vamos ler a partir do vértice e movermo-nos para fora, não mais para dentro. Os três termos internos mais próximos são (0,125), (0,25) e (0,5), que são transliterados como A BE YE [A Ser Ye]. E você sabe quem é "Ye". Ele é VOCÊ, o Louco (Carta 0 do Tarô)! Portanto, se o imperador é um PHD, *você* também é, com um poder tão grande quanto o do próprio Imperador. Assim declara o vértice de Ouro da Grande Pirâmide de Luz.

Se isso é verdade, podemos agora determinar *por que* é verdade. A Figura 75 mostra que o vértice de ouro é trazido à manifestação pelas letras N e Z. Elas representam a raiz quadrada de menos um (*i*) e zero (0), respectivamente. Assim, com a combinação desses dois elementos, o vértice está aparentemente inteiro e completo. Mas não estará realmente inteiro enquanto a Unidade não for expressa nos três níveis de consciência — mental, físico e espiritual.

No nível mental, podemos pôr o pinga no "i" colocando o zero (0) acima dele, ou podemos pôr o ponto dentro do 0 e transformar o vértice no próprio Sol, cujo símbolo astrológico é ☉. E no nível físico a completude é conseguida fundindo-se as duas extremidades (NZ) em um símbolo pictórico seja do microcosmo (o vértice) ou do macrocosmo (a pirâmide inteira). Mas a ação espiritual ocorre quando intercambiamos os elementos dentro dos próprios pares. Assim, quando transformamos o "i" minúsculo no "I" maiúsculo, o dígito "0" na letra "O" e fazemos então a mesma coisa com as letras N e Z, a seguinte transformação ocorre: O (*i* + N) e o (0 + Z) declaram agora que eles estão (In Oz) [Em Oz], um lugar cujo número Alfa é igual ao de "Zero" (64) e o oposto de "Apex" [Vértice] (46).

E Oz, como você deve lembrar, é o domínio legendário do fabuloso Mágico de Oz, que Frank L. Baum imortalizou em seu brilhante clássico do início do século XX. Mas talvez sua história mais reveladora seja a de Dorothy, uma menina do interior do Kansas que é levada por um ciclone à terra de Oz, onde ela e outros três personagens memoráveis iniciam uma peregrinação à maravilhosa Cidade de Esmeralda de Oz, em busca do famoso Mágico na esperança de que ele lhes conceda *as coisas que eles já têm*.

Portanto, aqui nesse simples conto de fadas está a resposta para a questão *por quê*. Somos tão grandes quanto o Mágico/Imperador, pois as coisas que buscamos já estão dentro de nós. Por quê? Porque o "i" dentro do vértice de ouro não pode estar "em Oz" sem estar também *em nós*. Portanto, em última análise, nós somos Oz.

A Primeira Revolução do Holofote, Conforme Varre as Quatro Faces da Pirâmide

A Figura 79 mostra o holofote no alto da Grande Pirâmide de Gizé, que, de acordo com o capítulo anterior, é uma pirâmide *A Pi(e) Phi "i"*, se nossos cálculos estiverem corretos. Assim, vamos conferir isso e tentar determinar os princípios matemáticos envolvidos nas variações da inclinação de suas faces. De fato, provamos que a face norte foi construída de acordo com os princípios do Pi, mas para obter o ângulo de inclinação de Pi tivemos que *mudar os critérios* pelos quais havíamos estabelecido a inclinação de Phi na face sul. Para obter Pi tivemos de usar uma fórmula inteiramente diferente da que havíamos usado para o Phi; o mesmo pode ser dito para as inclinações de "A" e "e" nas faces Oeste e Leste, respectivamente.

Portanto, vamos agora tentar definir uma *única* fórmula matemática que pode ser usada para dar a inclinação correta de cada uma das quatro faces de uma Pirâmide de Luz. E a Figura 79 faz exatamente isso. Todos sabemos que, ao ajustar o foco de um holofote, o raio de luz projetado de suas lentes pode passar de um fecho longo e estreito concentrado em um ponto distante para um fecho curto e largo que ilumina os arredores. O mesmo pode ser dito em relação a um *flash* comum, embora seu foco seja normalmente fixo e não tão ajustável. Mas não é exatamente isso o que significa a palavra "holofote" (do grego *holóphotos*, 'todo iluminado')? Procurar e encontrar um objeto em particular no espaço e, em seguida, iluminá-lo com uma poderosa concentração de energia? A resposta é afirmativa e ilustra o princípio geral da variação das inclinações das faces de uma Pirâmide de Luz, como a Grande Pirâmide de Gizé.

Em uma visão frontal de uma Pirâmide de Luz, como o diagrama da Figura 78, não há espaço entre o vértice e sua imagem. O mundo real do vértice está diretamente ligado ao triângulo adjacente que se torna sua imagem. O vértice (A), que representa o mundo da realidade, é igual e oposto ao segundo triângulo (B), que representa sua imagem na TV ou o mundo

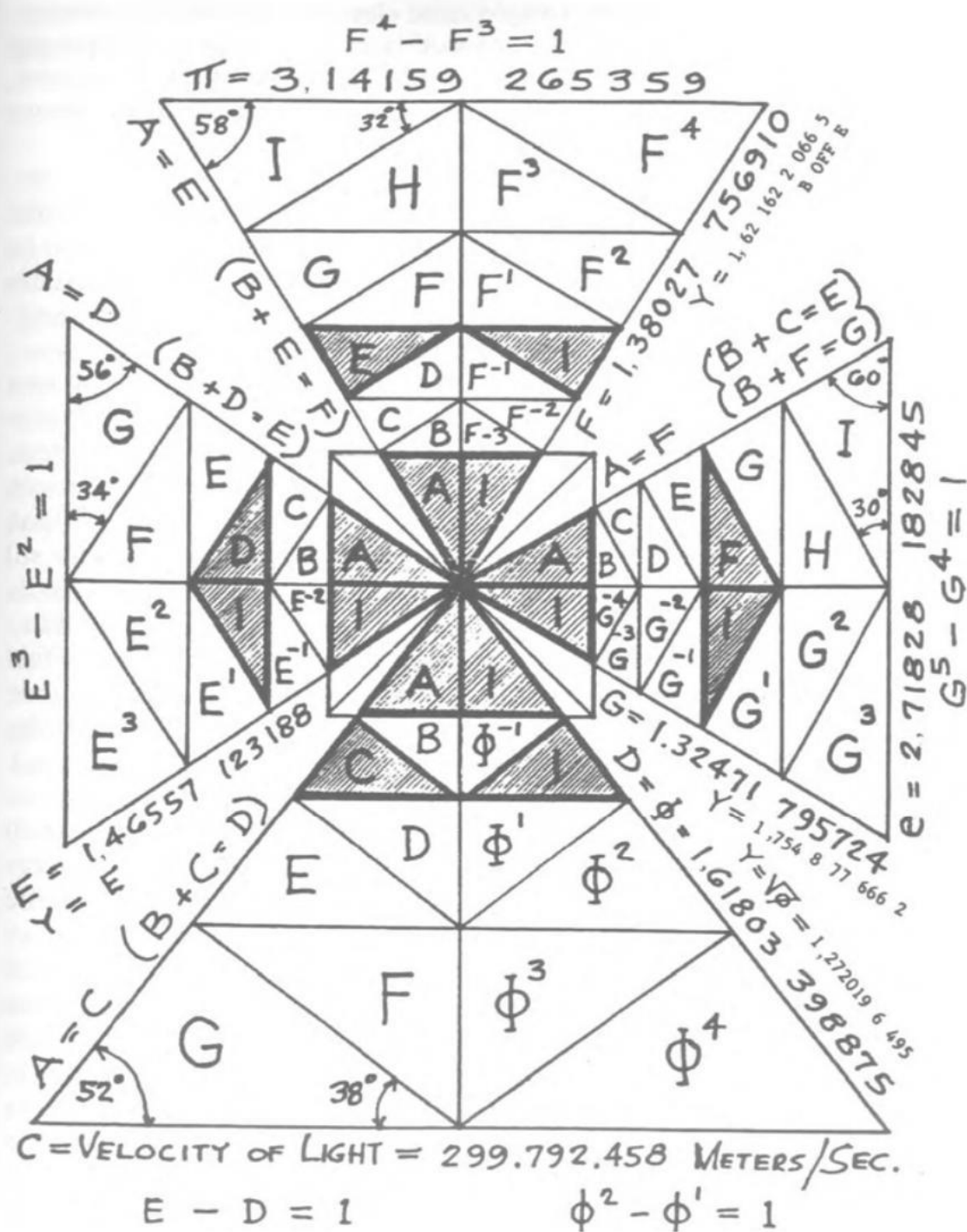


Figura 79
A primeira revolução de um holofote a partir do vértice

da ilusão. Porém, sem espaços vagos entre eles, toda a pirâmide é magicamente fundida na UNIDADE de uma realidade mais nova e maior, que por sua vez se tornará o vértice de um universo ainda maior que se seguirá. Assim, quando visto de frente, todo o Cosmos é transformado em um imenso Sol, que apenas pode ser descrito como "LUZ".

Porém, se o foco das lentes for ajustado levemente (como nas diversas inclinações das faces da pirâmide), surgirão triângulos de escuridão entre o vértice (A) e o triângulo sobre o qual o foco está — sua imagem na TV que, tendo exatamente o mesmo tamanho do próprio vértice, recriaria automaticamente a mesma imagem que estava sendo transmitida pelo estúdio de televisão no vértice da Grande Pirâmide de Luz.

Conforme passamos à pura luz dourada do vértice (onde $A = B$, sem triângulos interpostos), o passo seguinte é em direção à face da Pirâmide de Luz em que apenas um único triângulo separa o vértice de sua imagem. Essa seria a face Phi, pois aprendemos que, em qualquer série de termos Phi, o vértice (A) é sempre igual ao terceiro termo, ou C, da série. E uma vez que a Grande Pirâmide de Gizé é construída de forma que sua face sul de fato traz o Número Aureo Phi à manifestação, escolhemos a face sul da Pirâmide de Luz para iniciar a "varredura" exterior do fecho do holofote.

Segue-se a isso, portanto, que o fecho de luz que traz o Phi à manifestação é o fecho mais largo de toda a série, tirando o projetado por uma visão frontal do vértice, que ilumina toda a pirâmide. Essa é, sem dúvida, uma das razões pelas quais o processo de Phi é associado à força vital. Cada triângulo na face sul, portanto, representa potências sucessivas de Phi ($0 = 1,618$), em oposição aos triângulos do vértice, que representam potências sucessivas de Dois (2). E em todos os casos o triângulo do vértice (A) recebeu um valor de 1 ou unidade: a potência zero (0) do número de base da série ($2^0 = 1$), ($\phi^0 = 1$), etc.

Conforme o holofote move-se pela face oeste, haverá dois triângulos de escuridão vazios entre o vértice (A) e sua imagem na TV, que nesse caso seria o triângulo D ($E^0 = D = 1 = A$). Os triângulos nessa face da pirâmide seriam, portanto, potências sucessivas de base E, que, por tentativa e erro, foi determinada como tendo o valor aproximado de 1,47. Mas o que temos aqui? O número Alfa de "O Hierofante" (Carta 5 do Tarô), cujo símbolo é a letra E, é também esse mesmo número (147). E provamos além disso, no capítulo anterior, que a forma minúscula dessa mesma letra (e = 2,718) representa a corrente elétrica alternada que se move para a frente e para trás no eixo horizontal da pirâmide.

Você pode até dizer que é coincidência e somos obrigados a concordar com você, exceto por uma coisa. O ângulo de inclinação da face norte da Grande Pirâmide de Gizé traz o número Pi à manifestação. Acho que nossa teoria provou muito bem que esse é o caso e não deve haver mais controvérsias sobre fato tão evidente. A verdadeira altura da Grande Pirâmide seria então a altura média entre suas faces norte (Pi) e sul (Phi). Seu

valor verdadeiro foi calculado no capítulo anterior, mas descobrimos ser quase exatamente o mesmo da base *E*:

$$\begin{array}{rcl} \text{Altura Média da Grande Pirâmide} & = & 146.577 \text{ mm (EGG)} \\ \text{Os primeiros seis dígitos da base } E & = & 146.577 \text{ (GEE)} \\ \text{Diferença verdadeira} & = & 20 \end{array}$$

Ademais, a Figura 79 mostra que, se a meia-base de cada triângulo do vértice for igual a um (1) ou a unidade, a altura do triângulo do vértice será igual a *Y*. As alturas são dadas para cada face da Pirâmide de Luz, assim como os números de base (os números que são multiplicados por eles mesmos de novo e de novo). E no caso particular da face oeste, a altura do vértice (*Y*) é também exatamente a mesma do número da base (*E*). Portanto, $Y = E = 1,46557 = YE$. E ainda, essa altura é numericamente similar à altura média (em milímetros) da Grande Pirâmide de Gizé. Absolutamente fantástico!

Agora que estamos armados com ainda mais indícios de que a face norte da pirâmide se relaciona ao *Pi*, estamos em posição de analisar mais cuidadosamente o padrão geométrico do fecho do holofote. Uma vez que haverá três triângulos vazios entre o vértice (*A*) e sua imagem na TV (*E*), os triângulos da face norte serão potências sucessivas de base *F*, cujos primeiros três dígitos são 1,38. Esse número pode ser lido como *ACHe*, que é o nome da letra *H*, e o símbolo do Eremita (Carta 0 do Tarô).

Estaria o Eremita relacionado a *Pi*? Claro que sim, uma vez que, se desmembrarmos a letra *H* nas partes que a compõem, ele pode ser convertido a zero ($H = 1 - 1 = 0$), o símbolo *Pi* do círculo e a conclusão do ciclo. Além disso, usando o princípio cabalístico da Ternura (anagramas), podemos rearranjar as letras da palavra "HERMIT" [Eremita] como "THE RIM" [O Aro]. E o que é um aro? É a parte exterior ou a circunferência de uma roda, esta ligada ao cubo por raios. Assim, na palavra *Eremita* (O Aro), temos o símbolo perfeito para o número *Pi* (a razão entre a circunferência de um círculo e seu diâmetro).

Movendo-se pela face leste, a luz de nosso holofote assume uma forma muito semelhante à de um triângulo equilátero. Agora há quatro triângulos vazios entre seu vértice (*A*) e sua imagem na TV (*F*). Se fosse um triângulo equilátero, a altura de seu vértice seria dou 1,732, mas na verdade essa altura é 1,754, transliterado como *AGED* [Idoso]. Quem é o *idoso*? Se lermos os primeiros onze dígitos do decimal (1, 754 8 77 666 2), descobrimos que "Each (*H*) Christ (77) and/or (666) Be *AGED*" [Cada Cristo e/ ou Ser Idoso].

O número base da face leste é *G*. Seus primeiros oito dígitos podem ser agrupados na forma 1,3 24 717 9, que declara "M X GAG I". Assim, descobrimos que a combinação da Morte (*M*) e da Julgamento (*X*) *gags* [Amordaça] ou evita que o "i" interior do vértice fale. Isso parece ser

verdade, já que até o momento fomos incapazes de compreender mesmo parcialmente o imenso poder do "i" interior (a raiz quadrada de menos um). Mas talvez possamos descobrir qual a força de seu poder convertendo a base *G* para seus *primeiros* quatro dígitos aproximados (1,325), lendo em seguida a declaração feita pelas faces leste e oeste, quando agem como um único sistema de corrente alternada. Encontramos a declaração de que essas duas faces representam "MY E" [Meu E] (o número de base da face oeste é 1,47, o número Alfa do Hierofante, a letra E). Ou podemos ler esse número como "MY e (eletricidade)", a corrente alternada que flui entre elas.

E quanto à força que atua a face norte à face sul e interage entre elas? Como se chama? Se há uma única entidade que age na direção horizontal, deve haver também uma única entidade que age verticalmente. Bem, vamos perguntar às próprias faces e descobrir o nome dela. O número de base da face sul é 1,6 (P); o número de base da face norte é 1,38 (H); e o número de base do vértice de ouro que os une é "i". Portanto, quando olhamos para eles como uma Trindade, eles se tornam "PHI", a Média Aurea, a Divina Proporção, o princípio universal único que traz toda vida à manifestação.

Outras Revoluções do Holofote

Na figura 80, delineamos os padrões geométricos dos feixes de luz conforme eles cruzam as quatro faces da pirâmide durante a segunda revolução do holofote. Você vai notar que as inclinações das vibrações desses raios de luz tornam-se mais acentuadas conforme a imagem sobre a qual eles se concentram esteja mais distante. Assim, se visualizarmos a Pirâmide de Luz como um cristal gigantesco, o ponto a partir do qual a luz é projetada muda de posição a cada revolução da espiral. Esse movimento ocorre dentro do próprio cristal. E quando a imagem está a uma distância infinita do vértice, o ponto de luz projetada estará no plano do papel.

Conforme o holofote varre a face sul uma segunda vez, o número de base da vibração passa do triângulo *D* para o triângulo *H*, de Phi (1,618) para 1,285, muito próximo à raiz quadrada de Phi (1,272). Assim, os primeiros três dígitos da base *H* são 128, número Alfa de "The Empress" [A Imperatriz] (Carta 3 do Tarô), a letra Z. Os primeiros três dígitos da base *D* anterior eram 162, que é o número Alfa da "Grande Sacerdotisa" (Carta 2 do Tarô), a letra F. Portanto, a face Phi sul do Cristal/Pirâmide parece ser uma face feminina, em oposição à face Pi norte que é normalmente masculina.

Oposto à Imperatriz está o Imperador, que agora se manifesta na face Pi norte, uma vez que sua vibração de base passou de 1,38 (ACHé) para 1,23 (0 Imperador), a letra A, Carta 4 do Tarô. Assim, com o Eremita/ Imperador ao Norte, de frente para a Grande Sacerdotisa/Imperatriz no Sul, a simbologia do Tarô entra definitivamente em campo, especialmente porque os próprios números do Tarô afirmam que representam cada [each] (H), 2, 3, 4, etc.

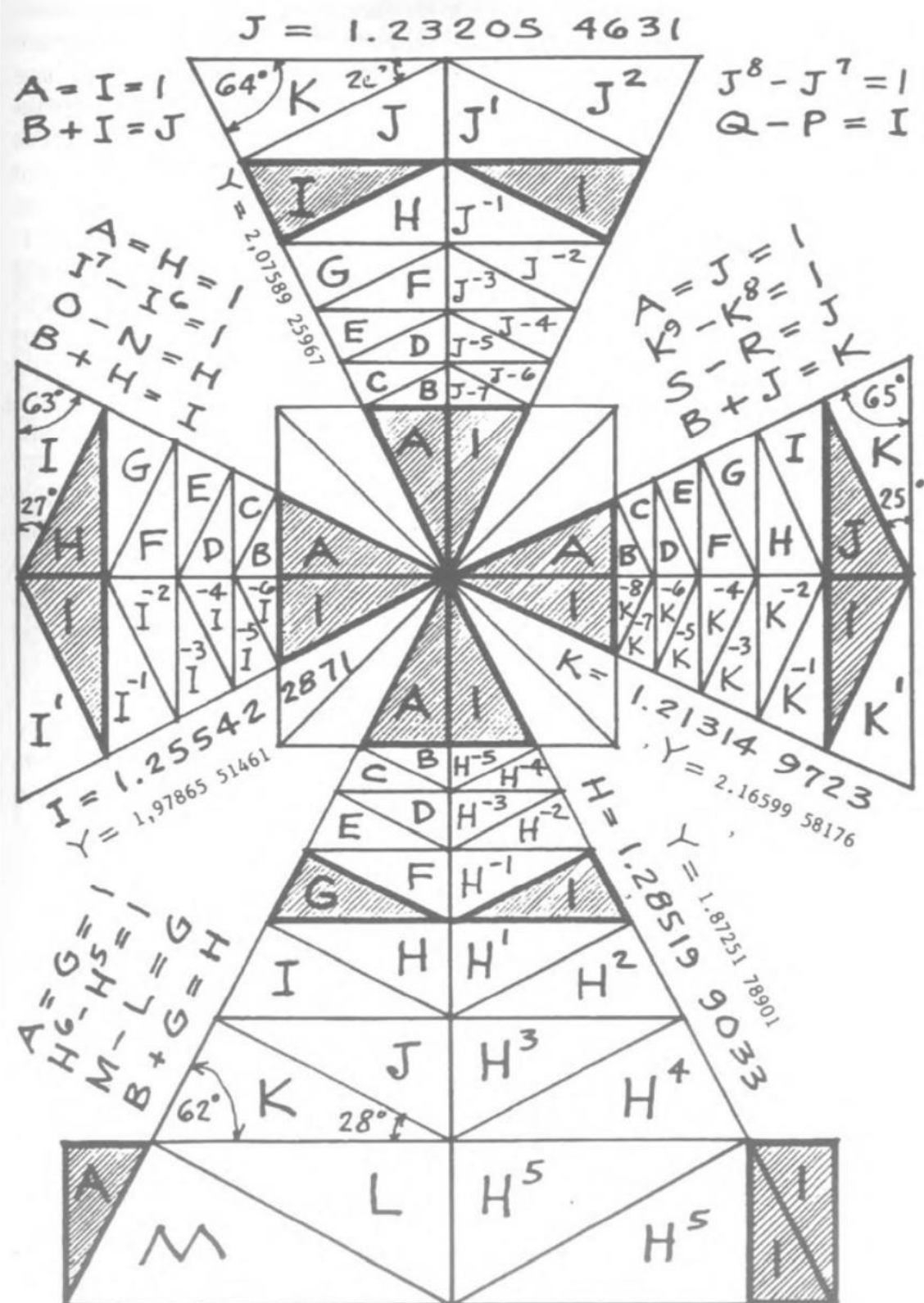


Figura 80
 A segunda revolução de um holofote a partir do vértice

Vamos agora olhar para as faces leste e oeste, que também trabalham em conjunto. O novo número de base da face oeste é 1,255, transliterado como AYE, que significa sempre, indefinidamente, continuamente. Sempre o quê? Para ter a resposta, vamos olhar para a face leste, cujo número de base agora é 1,2-13-14, ou as letras L-M-N. Eles também declaram que o Imperador (A) Be A CAD [É um grosseirão], os primeiros três dígitos de N. Parece não haver um fim para o drama, a ação, a própria *vida* que se passa dentro desses números, uma vez que os aprendemos a ler e ouvir o que têm a dizer.

Vamos agora passar à Figura 81. Esse diagrama mostra parte da terceira revolução de nosso holofote. Na face oeste, à esquerda, há agora dez triângulos vazios entre o vértice (A) e sua imagem na TV (L). O Imperador agora tornou-se o Cavaleiro. E na face sul, onde há apenas nove espaços vazios separando-o de sua imagem, ele se torna o Rei (K). Mas há ainda uma terceira encarnação do Imperador, por assim dizer: uma encarnação exterior que existe como um "degrau" no canto diagonal do fecho de luz. Vamos voltar a falar nisso mais adiante.

De volta ao raio de luz na face oeste, vamos dizer que preenchemos os espaços vazios entre o vértice (A) e sua imagem na TV (L). Um vértice novo e maior forma-se e passa pelos 12 termos de A a L. E, uma vez que esse circuito é energizado, ele fundirá todos os elementos distintos em uma "Unidade", que por sua vez será projetada em escala macrocósmica como uma nova imagem de TV no 23º termo, identificado com a letra W. Assim, aquilo que até então fora "ALL" [Tudo] tornou-se agora uma "WALL" [Parede, muro]. Sendo essa a décima curva em ângulo reto do holofote, e visto que o número dez simboliza a conclusão do ciclo, esse "Muro" poderia muito bem indicar a circunferência de um círculo, a linha divisória que separa um grau da consciência do outro.

Waite evidentemente tinha essa idéia em mente quando desenhou seu símbolo do Tarô para o Sol (Carta 19 do Tarô). Aqui, do outro lado de um *jardim murado*, uma criança nua montada em um cavalo branco é mostrada partindo para uma jornada pelos reinos físicos. E uma vez que o símbolo do Sol é um círculo com um ponto no centro, o muro deve representar sua periferia externa ou sua circunferência.

Os Princípios Matemáticos das Leis da Vibração

Tudo o que foi dito antes leva-nos diretamente à próprias leis da vibração. Mas o que é a vibração? O dicionário *Webster* define o termo como um movimento periódico das partículas de um corpo elástico em direções alternadamente opostas a partir de uma posição de equilíbrio (assim como quando uma corda esticada produz sons musicais ou quando partículas de ar transmitem sons ao ouvido). Outra definição diz que uma vibração é emanção ou aura característica que infunde ou vivifica alguém ou algo e que pode ser instintivamente sentida ou experimentada (como quando alguém

sente as "vibrações" na atmosfera de um cômodo). Portanto, em última análise, mesmo a própria Consciência é uma vibração, em oposição ao estado inconsciente que representa a estagnação, o repouso e a inércia.

Disso advém, então, que não há nada no Universo que não pode ser identificado por sua própria vibração individual de luz. E a única diferença entre cada uma das vibrações é a inclinação matemática do triângulo de luz

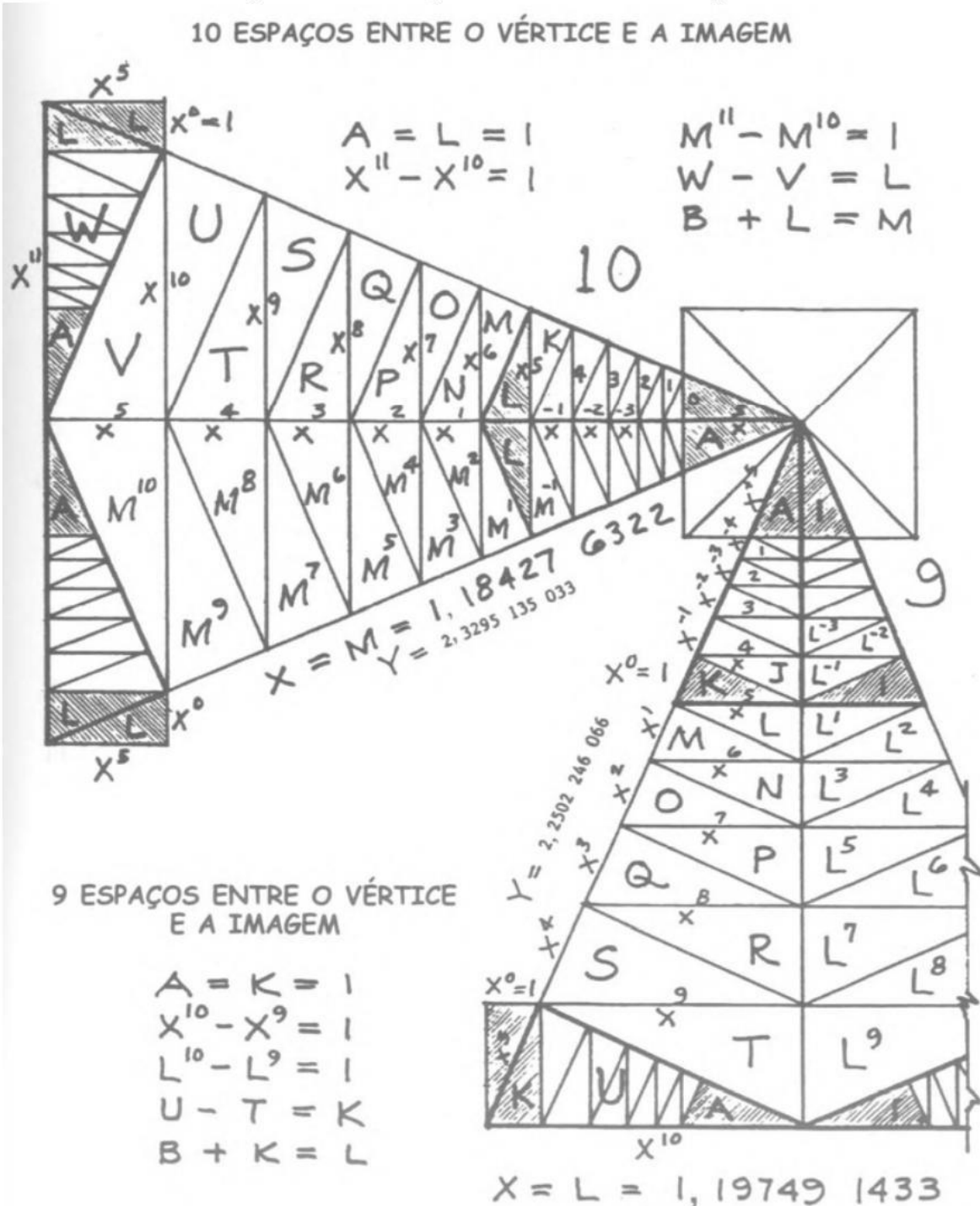


Figura 81
Metade da Terceira Revolução do Holofote



Figura 82
A 19ª carta do Tarô (a letra inglesa O)

que representa aquela coisa em particular, qualquer que seja ela. Assim, a vibração emitida é personalizada para se encaixar em cada indivíduo. Falaremos disso com maior detalhes em um capítulo posterior ao tratar da vibração da entidade com base em sua data de nascimento *e* no nome que aparece em sua certidão de nascimento, mas essa explicação bastará por enquanto.

Anteriormente, mencionamos que há três encarnações distintamente diferentes do Imperador, a letra A, que representa o vértice de cada Triângulo de Luz. Seu valor numérico é sempre Um, não importa a inclinação do triângulo, porque o número de base de *qualquer* vibração à potência zero é na verdade Um ($X^0 = 1$). Sua segunda encarnação é a imagem de TV do vértice e sua terceira encarnação é o degrau exterior na base do triângulo de luz. Essas três encarnações da "Unidade" são claramente identificadas na face sul da Figura 80.

Portanto, se o leitor quiser dar outra olhada na Figura 80, verá facilmente que, se subtrairmos o vértice (A) do termo M, restará o termo L. Assim, $M - 1 = L$. Isso pode ser expresso na forma ($X^6 - X^5 = 1$), onde X é o número de base da vibração (o número que é multiplicado por si mesmo

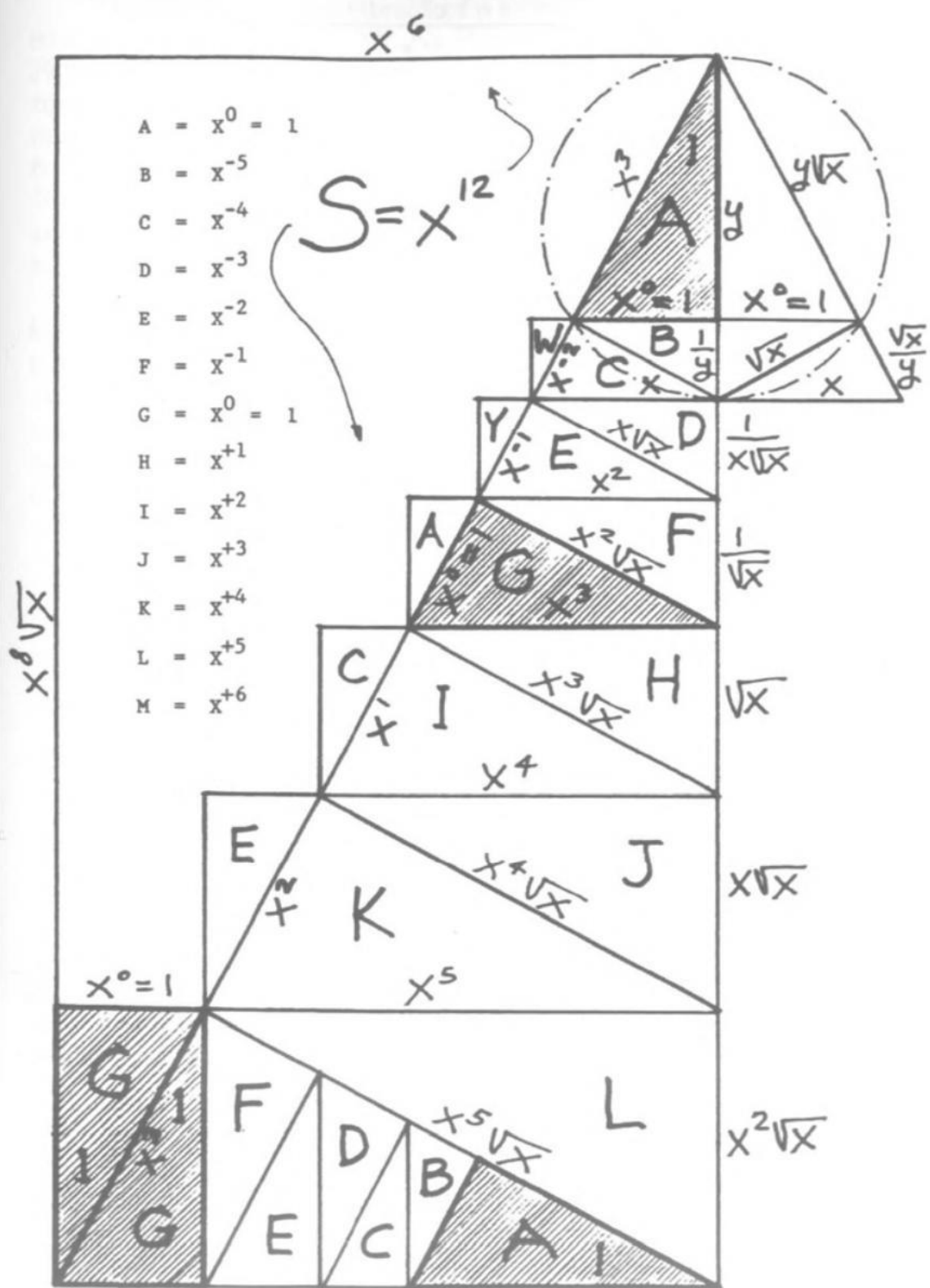


Figura 83
A pulsação de uma vibração de luz ímpar

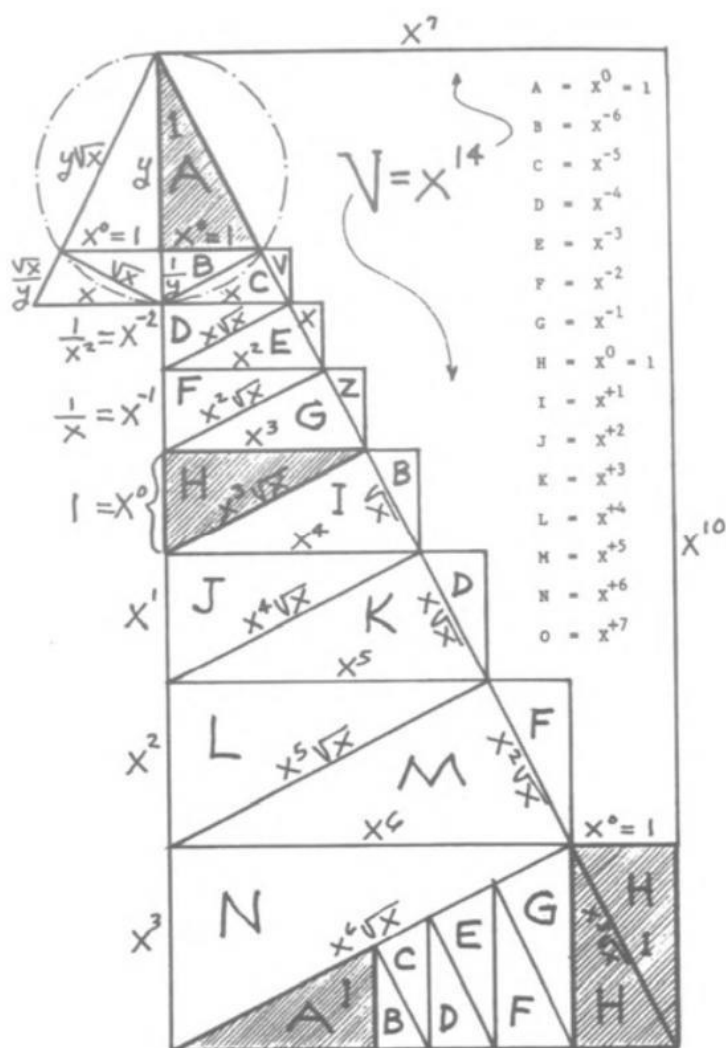


Figura 84
A pulsação de uma vibração de luz par

muitas e muitas vezes para dar o valor de cada incremento no triângulo de luz). Eis, portanto, o segredo da vibração. Não importa qual seja realmente a inclinação do triângulo de luz, há sempre um termo, em algum lugar da pirâmide, que ao ser subtraído de seu vizinho imediato nos dará Um ou a unidade. E esse "Um" é sempre o vértice da Pirâmide de Luz.

Esses simples princípios matemáticos vêm ilustrados nas Figuras 83 e 84. A Figura 83 é aplicável a qualquer fecho de luz em que haja um número *ímpar* de termos entre o vértice (A) e sua imagem na TV e a Figura 84 aplica-se a um fecho de luz que contenha um número *par* de termos entre esses dois triângulos iguais e opostos. Portanto, tudo o que temos a fazer agora é subir os degraus que existem ao longo das diagonais de cada face de nossa Pirâmide de Luz e, ao fazê-lo, ascender à Consciência Mais Elevada que espera a todos nós.

O pulso de qualquer vibração é o número de triângulos entre seu vértice (A) e sua imagem na TV. Na Figura 83 o pulso da vibração é 5; na Figura 84 esse pulso é 6. E se dividirmos o pulso por 2, podemos obter a frequência, que significa o número de ciclos completos (de um lado para outro) que suas partículas completam em um segundo. Mas o pulso (ou frequência) de qualquer vibração tem um componente vertical e horizontal. O componente horizontal da vibração é designado por X e o componente vertical por Y . Se a base do triângulo do vértice for 1, sua altura será Y ; e se a base do triângulo do vértice for X , sua altura será X vezes Y , etc.

Dessa forma, antes que possamos traçar a imagem de qualquer vibração, esses dois valores fundamentais devem ser calculados. Depois de terem sido determinados, é comparativamente fácil estabelecer a taxa de pulsação e/ou o valor numérico de cada um dos termos na vibração para quantos termos quanto se desejar. Se A , B , C e D representam as áreas do vértice, segundo, terceiro e quarto triângulos, respectivamente, os valores numéricos podem ser obtidos a partir destas simples fórmulas:

$\frac{A}{B} = Y^2$	$\frac{A}{B} = \frac{1}{X - 1}$
$\frac{C}{B} = X$	$\frac{D}{B} = X^2$
$X = 1 + \frac{1}{Y^2}$	$Y^2 = \frac{1}{X - 1}$

Além das áreas dos triângulos, o comprimento linear de cada segmento de qualquer Triângulo de Luz pode ser estabelecido muito facilmente. Tudo o que o estudante precisa fazer é se lembrar que " X vezes o comprimento do lado mais longo de qualquer segmento triangular sempre será sua hipotenusa. Então, uma vez que o valor de X seja colocado na memória da calculadora como uma constante, o valor de cada uma das diagonais pode ser obtido por multiplicação consecutiva por X . Lembre-se: para obter potências negativas da base X é necessária a *divisão* consecutiva por X ; potências positivas de X são obtidas por sucessiva multiplicação. E necessário apenas pressionar a mesma tecla, muitas e muitas vezes, até que o valor numérico de cada termo do diagrama tenha sido determinado. É simples assim.

Os valores de X e Y nas Figuras 79, 80 e 81 foram determinados por tentativa e erro. Por exemplo: para determinar o valor de X na face leste (à direita) da Figura 79, precisamos resolver a equação ($X^5 - X^4 = 1$). Se sua

calculadora possuir a tecla (XY), existente na maioria das calculadoras científicas, qualquer potência de X pode ser obtida imediatamente e sem multiplicação sucessiva. Portanto, por tentativa e erro, o valor de X foi determinado como sendo maior que 1,3 e menor que 1,4, maior que 1,32 e menor que 1,33, maior que 1,324 e menor que 1,325, etc.

Ademais, descobriu-se que as áreas dos triângulos nessa face em particular seguem o padrão $(B + C = E)$, $(C + D = F)$, $(D + E = G)$, etc., sendo a soma de cada dois termos igual ao quarto termo da série, um termo a mais do que a forma como aparecem na seqüência de números Phi. Na face Phi sul a soma de cada dois termos é igual ao terceiro termo da série, porque $(1 + \phi = \phi^2)$. Mas quanto ao porquê de a equação $(1 + G = G^3)$ ser



Figura 85
A 15ª carta do Tarô (a letra D inglesa)

válida na face leste, eis um mistério que eu ainda não fui capaz de resolver. É uma relação que se pode mostrar tão significativa quanto $(e^{1\pi} + 1 = 0)$.

Deve-se notar que, ao se calcular o pulso da vibração média, o triângulo do vértice normalmente não será repetido na localização *exata* de um dos termos intermediários. A imagem na TV do vértice normalmente cairá

parcialmente em um termo e parcialmente em outro. Por exemplo, a taxa de pulsação de uma vibração em particular deve estar entre 65 e 66 (65,2 triângulos entre o vértice e sua imagem na TV). Mas para fins práticos o pulso pode ser considerado 65, o número inteiro *mais próximo* entre os dois termos.



Figura 86
A sexta carta do Tarô (a letra V inglesa)

A Unidade da Consciência da Alma

Já mostramos anteriormente que se removermos a "costela" central da letra A (o símbolo de Adão) e então virarmos essa letra de cabeça para baixo, obtemos a letra V (símbolo de Eva). Por que esse é o símbolo dela? Porque (V = Vê = Eva). Assim, Adão pode ser transformado em Eva e Eva em Adão. Os dois são complementares, os aspectos masculino e feminino da Consciência Única a que chamamos Alma. Há ainda uma terceira parte a se levar em consideração. E o Diabo. Ele é a Mente Mortal, o Eu Demônio, a parte da consciência que nos escraviza e mantém-nos prisioneiros.

Já no baralho de Tarô Waite, há uma grande similaridade entre o Diabo (Carta 15 do Tarô) e os Amantes (Carta 6 do Tarô). Se tomadas juntas, suas letras inglesas soletram D-V; nós os reproduzimos nas Figuras 85 e 86, respectivamente. O número Alfa de "The Devil" [O Diabo] é 85 e o número Alfa de "Os Amantes" é 124; e se colocarmos os dois números lado a lado temos a palavra "HELD" [Mantido, seguro](85 + 124 = HELD). Mantido pelo quê? A resposta é *vibração*. Os Amantes (Adão e Eva) e o Diabo são "mantidos" juntos pela vibração única que flui ao longo deles todos. É chamada grande "Unidade" porque identifica cada um dos aspectos de si como parte integrante do todo.

Se lermos a palavra "Diabo" de trás para frente, descobrimos que ele representa o "Live D" que LIVED [O Vivo D que Viveu]. Ou talvez possamos dizer que ele é o "Evil D" [Mau D]. Mas no Jardim do Éden ele se manifestou como a Serpente sábia, cujo movimento serpentino simboliza a *vibração de onda* da energia conforme ela irradia da luz do Sol/estrela ao longo da escuridão do Espaço, de forma muito parecida com o modo como a curva senoidal move-se na função ($y = \sin x$). Esse pensamento é verificado novamente no número Alfa para "Serpente/Cobra", que é 147, o mesmo de "O Hierofante"(Carta 5 do Tarô), cujo símbolo é E. E a letra E, como você bem sabe, é o símbolo da Energia.

Tudo o que foi dito aqui parece apontar para o fato de que a luz direta do Sol ou de uma estrela representa o vértice ou o aspecto masculino de uma vibração, em oposição à luz refletida da Lua ou de um planeta que traz seu aspecto feminino à manifestação na imagem da TV. E entre esses dois triângulos de luz estão os triângulos interiores da escuridão, a energia passiva do próprio espaço. Assim, por um lado, temos os triângulos de luz como o Imperador e a Imperatriz, o Sol e a Lua, Adão e Eva, etc., e por outro temos os triângulos de escuridão, o estado inconsciente do próprio Diabo, que a Psicologia moderna agora chama de Inconsciente Coletivo.

O leitor notará que as correntes que unem o herói e a heroína de nosso pequeno drama na carta do Tarô para o Diabo não estão mais em evidência na carta do Tarô dos Amantes. Aqui, Adão e Eva preencheram a consciência interior da Unidade com a Luz e, onde há luz não há escuridão. A prova de que esse é o caso reside nos números Alfa das próprias palavras. O número Alfa de "Lovers" [Amantes] é 91, exatamente o mesmo de "Oneness" [Unidade]. Assim, os Amantes ascenderam ao grande estado chamado Unidade e, suponho eu, viveram felizes para sempre.

Ainda um pensamento: o número Alfa de "Earth" [Terra] (52) é o mesmo de "Devil" [Diabo]. Portanto, a razão entre "Unidade" e "Terra" é a mesma que existe entre "Amantes" e "Diabo". E se você dividir esses dois números em sua calculadora, descobrirá que $91/52 =$ exatamente 1,75, o que significa que eles representam uma AGE [Era], uma existência na escala microscópica, como a Era de Aquário, etc. E você sabia? O número Alfa de "CONSCIOUSNESS" [Consciência] é 175, a reencarnação de outra "Era".

Parte III
A Cabala da Astrologia

Capítulo 9

A Terra em Que Vivemos

Astrologia talvez seja a mais antiga de todas as ciências. Desde que o homem surgiu sobre a face da Terra, olhava para o céu e observava o movimento das estrelas e planetas. É fácil ver como o Sol tornou-se o regente do dia e a Lua, a regente da noite. Portanto, o Sol era um deus de vitalidade e força, em oposição à Lua que era uma deusa da procriação e do crescimento. Uma vez que ambos tinham aparentemente o mesmo tamanho, um representava o pai e a outra, a mãe, embora o sexo verdadeiro dos dois corpos celestiais tenha variado segundo cada civilização.

Em geral pensa-se que os antigos acreditavam que a Terra fosse chata e ficasse no centro do Universo, mas isso não é necessariamente verdade. É razoável acreditar que os verdadeiros pensadores da época visualisassem a Terra como uma esfera, seguindo o exemplo observado no Sol e na Lua. Em 270 a.C., Eratóstenes de Cirene conseguiu fazer uma medição surpreendentemente exata do diâmetro e da circunferência da Terra e, se pôde fazê-lo naquela época, outros poderiam ter realizado o mesmo feito muitos milhares de anos antes.

O último dos grandes astrólogos-astrônomos do mundo antigo foi Ptolomeu de Alexandria (120-180 d.C), que aperfeiçoou uma teoria segundo a qual o Universo movia-se em torno da Terra em um complicado sistema de círculos e epiciclos (um círculo cujo centro é empurrado em torno da circunferência de um círculo ainda maior). Mas, com a descoberta do telescópio, a Astronomia separou-se da Astrologia e as duas ciências seguiram caminhos separados: a Astronomia investigava os movimentos planetários em um nível estritamente materialístico e a Astrologia ligava os movimentos deles à vida na Terra. Assim, a diferença entre o astrólogo e o astrônomo é que o primeiro acredita que as leis que governam a vida da humanidade são as mesmas leis que governam o movimento dos planetas. Disso advém, portanto, a idéia de que quanto mais estritamente essas leis sejam compreendidas e obedecidas, mais unificada será toda a civilização da Terra, pois os planetas, assim como os homens, são pontos que se movem ao longo de uma curva matemática pelo espaço. Por isso, as leis



Figura 87

A Antiga Ciência da Astrologia

Dois astrólogos preparando um horóscopo, de uma seção sobre horóscopos em Robert Fludd, *Utriusque Cosmi... Historia*⁴⁵

que afetam um afetarão também o outro. Já no século XVII, o grande físico *sir* Isaac Newton certa vez fez a seguinte observação para um atrevido astrônomo (o descobridor do cometa Halley): "A diferença entre nós, sr. Halley, é que eu estudei a Astrologia e o senhor não".

E exatamente o que propomos fazer na Parte III deste trabalho — estudar a Astrologia à luz da Cabala e ver o que ela tem a nos dizer. Quem sabe não encontramos coisas interessantes por ali? Então, sem mais delongas, vamos começar com a Terra, o planeta em que vivemos.

45. A figura 87 vem da Ronan Picture Library. Ver *The Living Zodiac* (New York, Black Watch and Marshall Cavendish Publications Ltd., 1974), p. 7.

Estatísticas Vitais

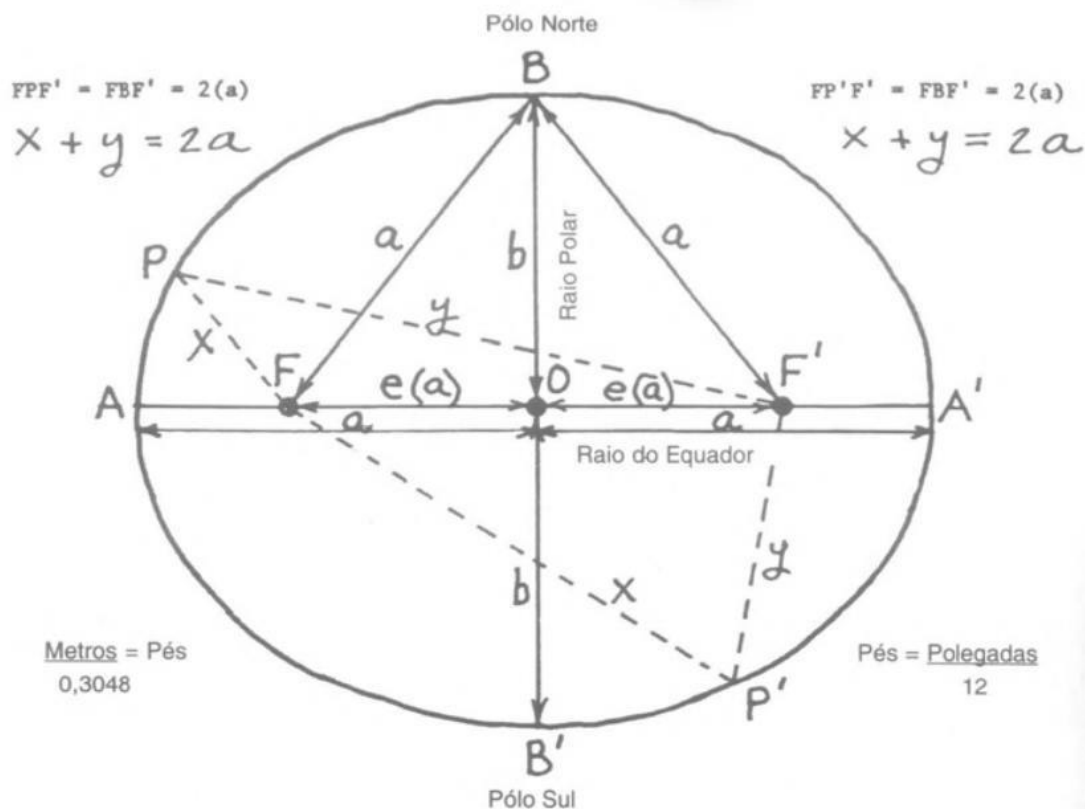
A ciência informa-nos que a Terra tem cerca de 4,7 milhões de anos. Mas demorou muito para que o planeta atingisse um ponto de resfriamento no qual a vida pudesse existir. Então, gradualmente, a vida começou a se formar, primeiro no reino dos germes, então no das plantas e depois no dos grandes animais. Mas os professores agashanos afirmam que a manifestação humana não se mostrou até há apenas 25 milhões de anos e só muitos milhões de anos depois disso a civilização começou a se formar. Mas, de qualquer modo, mesmo com alguns milhões de anos a mais ou a menos, a verdade é que somos bem velhos, para dizer o mínimo.

Se exibíssemos o interior da Terra por meio de um corte de pólo a pólo, essa secção transversal revelaria uma estrutura muito semelhante à de um fruto titânico. O profundo caroço da Terra seria uma gigantesca bola de ferro derretido, com cerca de 4 mil milhas de diâmetro, o tamanho aproximado do planeta Marte. As estupendas pressões criadas dentro desse núcleo esmagam as moléculas de ferro, criando um estranho e denso líquido, diferente de qualquer líquido existente na superfície. Sua temperatura é de cerca de 8 mil graus ou semelhante à da superfície do Sol. Assim, podemos dizer que o núcleo de nosso planeta é um verdadeiro "Sol" em constante estado de agitação, e contendo em si forças de gigantesca magnitude.

Em torno desse núcleo, contendo-o e quase chegando à superfície, está a grande casca interna da Terra, com cerca de 2 mil milhas de espessura, chamada de "manto". Sua temperatura é mais ou menos a do ponto de ebulição das pedras (2.200 graus); é a partir desse manto que se formam as lavas dos vulcões, empurradas para cima por rachaduras nas camadas sólidas mais acima. Assim, aparentemente o filósofo grego Heráclito poderia muito bem estar certo ao declarar: "Este mundo sempre foi, é e sempre será um fogo permanentemente vivo".

Mas o homem vive no fundo de um oceano de ar, mais concentrado nos níveis mais baixos. Um quarto da massa da atmosfera reside abaixo dos 7 mil pés; metade da massa está abaixo de 16.500 pés e três quartos abaixo de 29 mil pés, a altura do Monte Everest. E acima do ar está a magnetosfera, que se estende pelo espaço. Essa zona de intensa radiação é conhecida como zona de Van Allen e forma uma barreira contra partículas carregadas que vêm de fora. Ela as prende de forma que não possam escapar, protegendo assim a vida nos arredores do planeta.

Descobrimos, então, que por meio de um incrível conjunto de circunstâncias, a Consciência Universal de Deus designou as condições e temperaturas exatamente corretas para que a vida existisse no planeta Terra. A Terra consegue manter não apenas seus oceanos (71% da superfície é água) como também sua densa atmosfera, porque sua velocidade de escape é relativamente alta. A Lua não tem atmosfera porque sua velocidade



Constantes geométricas:	Metros	Pés	Polegadas
Raio do Equador	(a) = 6.378.160	20.925.721,8	251.108.661,4
Raio Polar	(b) = 6.356.774.5160908	20.855.559,4	250.266.713,2
Distância focal	e (a) = 521.864.673242	1.712.154,4	20.545.853,3
Comprimento do quadrante de meridiano	q = 10.002.001,2313	32.814.964,7	393.779.576,0
Raio de curvatura polar	(c) = 6.399.617,4920	20.996.120,4	251.953.444,6
Raio médio = (2a + b) / 3	R = 6.371.031,5054	20.902.334,3	250.828.012,0

Achatamento:

Excentricidade:

$$f = \frac{a-b}{a}$$

$$\text{se: } (a - b) = 1,0$$

$$(f) = 1$$

$$\underline{298,247167427}$$

então:

$$(a) = 298,247167427$$

$$(b) = 297,247167427$$

$$(ea) = 24,4027526081$$

$$e^2 = \frac{a^2 - b^2}{a^2}$$

$$(e)^2 = .006694\ 60532856$$

$$(e) = .081820\ 567882$$

$$\text{se } (ea) = 1,0000$$

$$(a) = 12,2218\ 657859$$

$$(b) = 12,1808\ 868122$$

$$(a - b) = 0,0409\ 789837$$

Figura 88
A secção transversal elíptica ao longo do planeta Terra⁴⁶

46. Os valores das dimensões da Terra usados na Figura 88 foram tirados da *Enciclopédia Britânica*. Macropédia, vol. 6. edição de 1975, p. 7.

de escape é de apenas 1,5 milha por segundo, em oposição às 7 milhas por segundo da Terra. Assim, se as velocidades ou temperaturas fossem levemente diferentes, os delicados equilíbrios seriam violados e a vida não poderia existir. Na Figura 88 mostramos as estatísticas vitais da esferóide achatada que chamados Terra.

A Esfera Celeste da Terra

Na Figura 89 vemos dois astrólogos entretidos em uma animada conversa que obviamente envolve a relação da Terra com as estrelas no céu. Como não sabemos ler alemão, não temos certeza do que estão dizendo, mas usando nossa imaginação podemos recriar a conversa mais ou menos assim:



Nun saget das büch von den übrigen
kören der himel vnd irem lauff vnd na-
turen Vnd hebt an dem himel an der do
heysset das firmament

Figura 89
Augsburg Kalendar, 1484, Museu de Arte Metropolitano⁴⁷

47. A Figura 89 vem de *The Coffee Table Book of Astrology*, editado por John Lynch (New York. The Viking Press, 1967), p. 9.

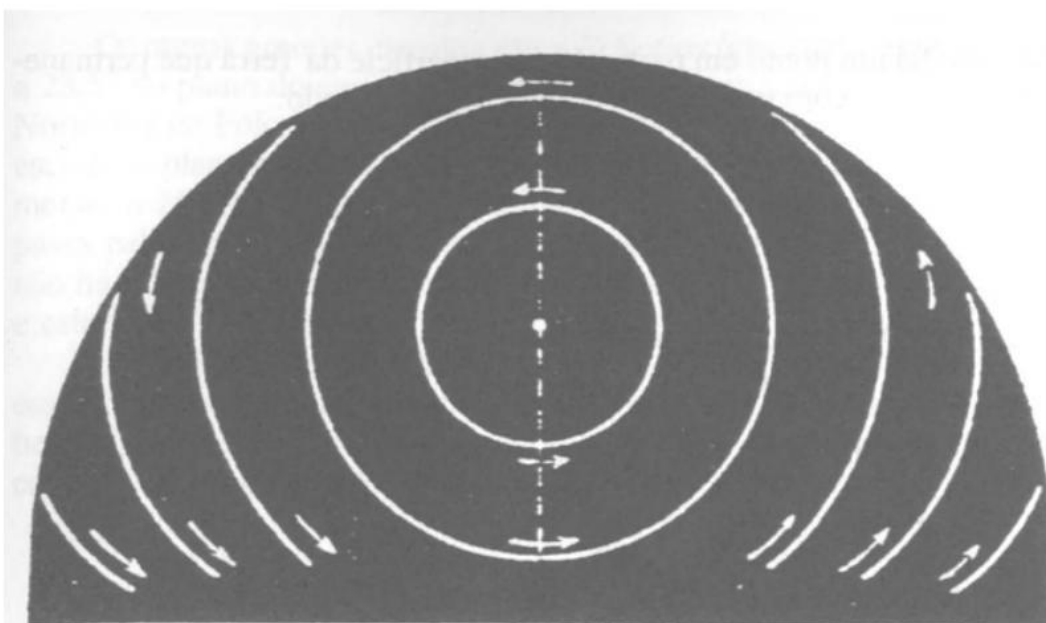
"Você vê aquelas estrelas no céu"? Há milhões e milhões delas e, se as colocarmos todas juntas, elas se tornarão um mundo tão grande quanto este em que estamos bem agora. Não é verdade que Hermes Trismegisto legou-nos seu grande axioma: 'Acima como abaixo'? Então, se a Terra é um verdadeiro microcosmo do macrocosmo, ela deve ser um modelo em miniatura do universo maior das estrelas. Se nos afastássemos o bastante do Universo, como ele seria em aparência? Eu lhe digo, poderia muito bem ser exatamente este mundo em que vivemos bem agora."

Bem, nosso sábio astrólogo pode não estar certo, mas podemos muito facilmente testar a teoria dele. De fato, nós o fazemos o tempo todo nos planetários que recriam a esfera celestial em torno da Terra; a única diferença é que raramente percebemos as correspondências que existem entre as diversas estrelas, constelações, galáxias, etc., e as verdadeiras cidades e países na superfície da Terra. Não há nenhuma cidade na face da Terra que não tenha sua estrela correspondente na esfera celestial.

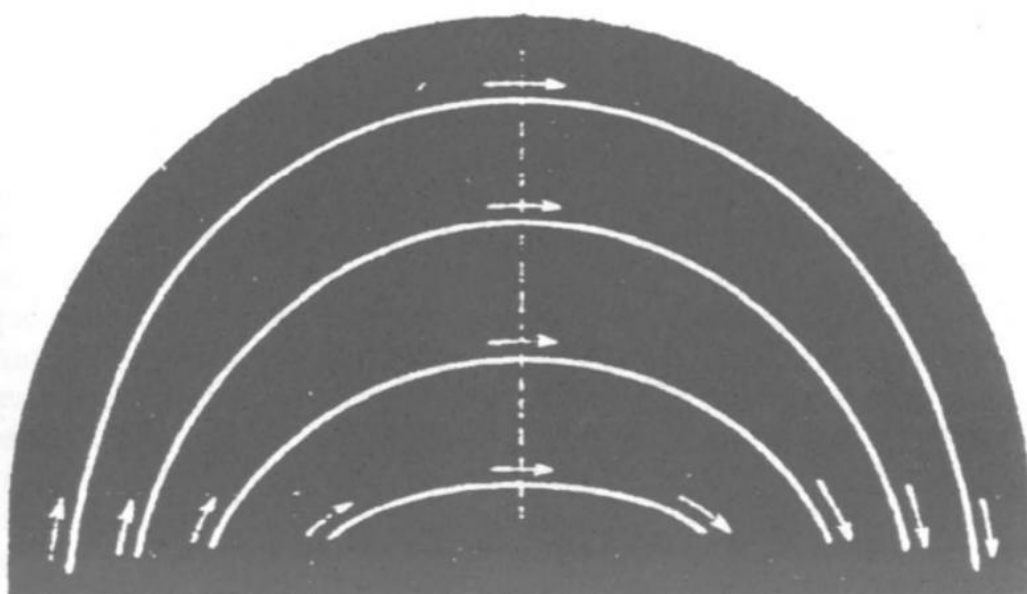
Por exemplo: digamos que estamos agora no centro de um planetário qualquer. Todas as estrelas visíveis são projetadas no domo do edifício. O círculo do horizonte rodeia-nos e acima de nós está o domo do céu. Vamos fazer de conta que o operador aumenta a velocidade de rotação das estrelas para que um período de 24 horas comprima-se em apenas alguns momentos. Como será a aparência do céu então? A resposta é dada na Figura 90.

Se olharmos para o norte, podemos facilmente identificar a Estrela Polar, porque todo o céu parece estar girando em torno dela. E de todas as estrelas do céu, essa é a única que parece não se mover. Mas a Estrela Polar também corresponde ao pólo norte da Terra e, se pudéssemos ir para lá agora, é onde estaríamos. Mas não estamos no Pólo Norte. Estamos em alguma outra cidade sobre a face do globo. Digamos que seja Los Angeles (Latitude 34° Norte). A posição da Estrela Polar será, então, de 34 graus acima do horizonte norte, igual à latitude de nossa atual localização. Além disso, se tivéssemos parado nosso relógio no exato momento em que a projeção da cidade de Los Angeles estava no zênite do domo planetário (diretamente acima de nossas cabeças), a linha pontilhada vertical da Figura 90, que liga o Pólo Norte ao Pólo Sul, representaria o meridiano que passa por Los Angeles (Longitude 118° Oeste). Portanto, as vibrações da estrela ou galáxia em particular que estivesse nessa exata localização dos céus estaria em harmonia com a cidade de Los Angeles.

E quanto aos planetas? Eles podem ser identificados do mesmo modo que as estrelas? Não exatamente. O único modo como podemos encontrá-los é ao longo do caminho da Eclíptica, a grande pista de corridas no céu em torno da qual o Sol, a Lua e todos os planetas estão constantemente se movendo. Na verdade, o caminho tem 16° de largura e é chamado Zodíaco em homenagem às 12 constelações ao longo das quais ele passa, sendo a Eclíptica em si a órbita do Sol como é vista da Terra. O equilíbrio dos planetas, portanto, forma uma trama dentro dos limites desse cinturão invisível.



Movimento aparente das estrelas: olhando para o norte



Movimento aparente das estrelas: olhando para o sul

Figura 90
O movimento aparente do céu⁴⁸

48. A Figura 90 vem da *Enciclopédia Larousse de Astronomia*, de Lucien Rudaux e G. De Vaucouleurs (New York, Prometheus Press, 1959), p. 31.

Assim, não ha um ponto em particular na superfície da Terra que permaneça em conjunção com um planeta por um longo período.

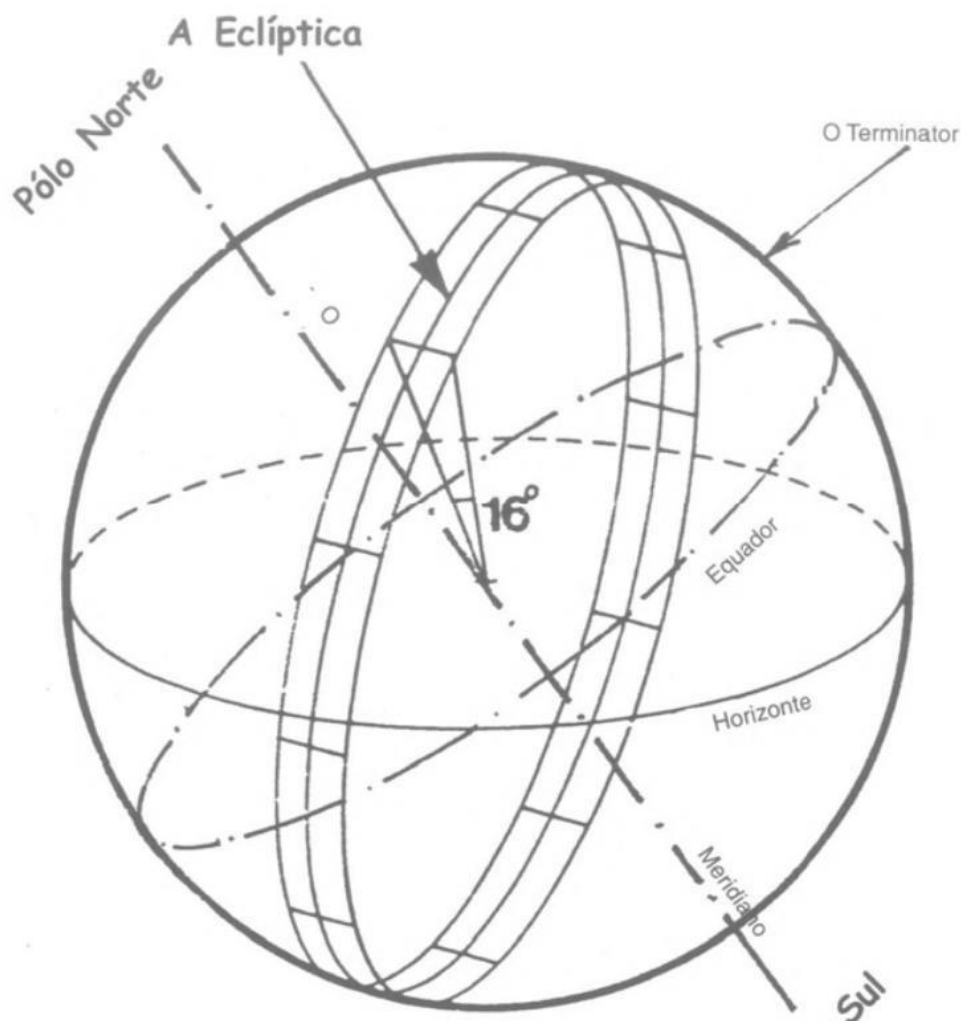


Figura 91
Os cinco principais grandes círculos da Terra⁴⁹

A Figura 91 mostra os cinco principais círculos da Terra. Um grande círculo sempre passa pelo centro da esfera e corta-a exatamente pela metade. Um círculo pelo *Equador* (Latitude 0°) é, portanto, um grande círculo enquanto o equilíbrio dos círculos de latitude (ou paralelos de latitude como são por vezes chamados) não são grandes círculos. A distância mais curta entre quaisquer dois pontos sobre a superfície de uma esfera é sempre um grande círculo e, girando-o, ele se mostra como uma linha reta se visto de frente.⁵⁰

49. A Figura 91 foi adaptada de uma ilustração do *The Living Zodiac* (Ibid.), p. 16.

50. *Ibidem*.

Os outros grandes círculos são a *Eclíptica* (que está sempre inclinada a 23,5° no plano do equador), os *Meridianos*, que se estendem na direção Norte-Sul de Pólo a Pólo, o *Terminator*, ou a linha divisória entre a parte escura do planeta e o lado iluminado que está de frente para o Sol e, finalmente, o *Horizonte*, o plano paralelo a seu horizonte imediato mas que passa pelo centro da Terra (por causa das imensas distâncias envolvidas, não há diferença entre esses dois horizontes no que diz respeito a planetas e estrelas).

Bem, adiante mostraremos os nomes em inglês que foram dados a esses cinco grandes círculos pela Consciência de Deus, mas ainda não sabemos por que recebem tais nomes. Uma simples análise cabalística oferece a seguinte informação adicional:

Notaricon				Gematria (Números Alfa)		Soma
T	20	O	33	Terminator (MC)	133	186
H	8	O	33	Horizonte (O Mundo)	105	146
E	5	O	33	Equador (O Zero)	97	135
M	13	O	33	Meridiano (Eremita)	73	119
<u>E</u>	<u>5</u>	<u>A</u>	<u>33</u>	<u>Eclíptica (Cristo)</u>	<u>77</u>	<u>115</u>
	51		165		485	701
EA. (Cada) P E (Pedestre)				D HE GO A		

Assim descobrimos, por meio do princípio do Notaricon (abreviações), que o "THEME" [Tema] principal da vida na Terra envolve a interação desses cinco grandes círculos. E ao ler os números Alfa dos nomes, também descobrimos que eles afetam "EA. PED" (Cada Pedestre), ou pessoa que anda a pé. Este é quem HE [Ele] é. Mas nossa análise ainda não está completa. Devemos ainda tratar do princípio da Ternura, o que significa rearranjar as letras ou símbolos de algum modo. Isso é realizado pelo próprio círculo.

Um círculo significa a conclusão de um ciclo. Mas antes que o ciclo esteja completo, deve ter uma ascensão e uma queda, cuja combinação resulta no ciclo inteiro da letra "O". Assim, se cortarmos o círculo em dois para representar os extremos de seu movimento cíclico, teremos dois arcos abertos ou Cs. Esses pares podem ser arranjados em qualquer número de padrões, sendo o mais comum a curva senoidal da letra "S" ou a cicloide do número "3".

m e w S

Mas acontece que, arranjando esses arcos de determinadas maneiras, podemos estimular a forma cursiva das letras que designam os quatro pontos cardinais da bússola (em inglês, North, East, West e South). São as

letras N-E-W-S, que podem ser lidas como a NEWS [Notícia] de que uma NEW "S" [Nova "S"] (Estrela) acaba de nascer. Além disso, as letras também possibilitam que todos os cinco grandes círculos sejam SEWN [Costurados] juntos em uma só consciência (como se fosse com agulha e linha) e o resultado é o planeta Terra em que vivemos.

Esses cinco grandes círculos também têm um centro comum, bem no centro da Terra. Portanto, visto que representa todos eles, esse centro comum pode ser representado pelo símbolo C = 3 (o que é razoável, já que "C" é a letra inicial tanto de *Círculo* quanto de *Centro*). A soma dos números Alfa dos nomes desses cinco grande círculos (Gematria), o TEMA que eles representam (Notaricon) e seu centro comum "C" ou "3" (Ternura) será, então, 704, o que traz GOD [*Deus*] à manifestação. Ademais, ele possibilita que cada pedestre do planeta, conforme perambula pelos quatro cantos da Terra, realmente *veja Deus*. E isso são realmente BOAS NOVAS!

O Princípio Fundamental

Mas esse é apenas o começo. Ainda há outras relações fundamentais entre essas letras em particular que devem ser apontadas ao leitor. Uma das mais importantes é a que existe entre as letras C e D. Quando somamos o C ao D, as letras soam foneticamente como a palavra SEED [Semente]; mas isso é apenas parte da história. Uma análise cabalística mais detalhada de seus Nomes de Deus revela a seguinte informação adicional:

Símbolo da letra	Nome de Deus	Número Alfa
C	<i>A Lua</i>	90
D	<i>A Terra (Diabo)</i>	85
Valor total	<i>Consciência</i>	175
G		<i>Era, Idade</i>

Assim, descobrimos que dentro da semente estão os elementos da própria *Consciência* (175), que constituem uma ERA. Além disso, essa mesma consciência é a da Terra e a da Lua! Se construirmos mais uma palavra combinando o valor numérico dos símbolos ao de seus nomes, temos a palavra GAGE, ou GAUGE [Sinal de desafio, ou medida padrão], como é mais frequentemente soletrada. O que é um *sinal de desafio*? O dicionário *Webster* define o termo como um penhor — uma luva ou chapéu atirado ao chão a ser apanhado por um adversário como um desafio ao combate. Mas um *Gauge* pode ser também um instrumento graduado usado para medir ou testar. Ambos os termos dão uma descrição bastante boa da vida no planeta Terra.

A Figura 92 traz uma imagem pictórica do mesmo princípio, que se aplica igualmente tanto ao átomo quanto ao Cosmos. No capítulo anterior falamos sobre a unidade da consciência da alma, onde a luz direta do Sol ou

estrela representa o vértice ou aspecto masculino de uma vibração, em oposição à luz refletida da Lua ou planeta que se torna sua imagem na TV, o aspecto feminino de sua consciência. Por um lado temos a unidade de toda a luz e pelo outro temos a dualidade de luz e escuridão, os aspectos masculino e feminino da mesma vibração. Mas a totalidade dos três traz o próprio Imperador à manifestação, o princípio Um-Dois-Três da Consciência de Deus.

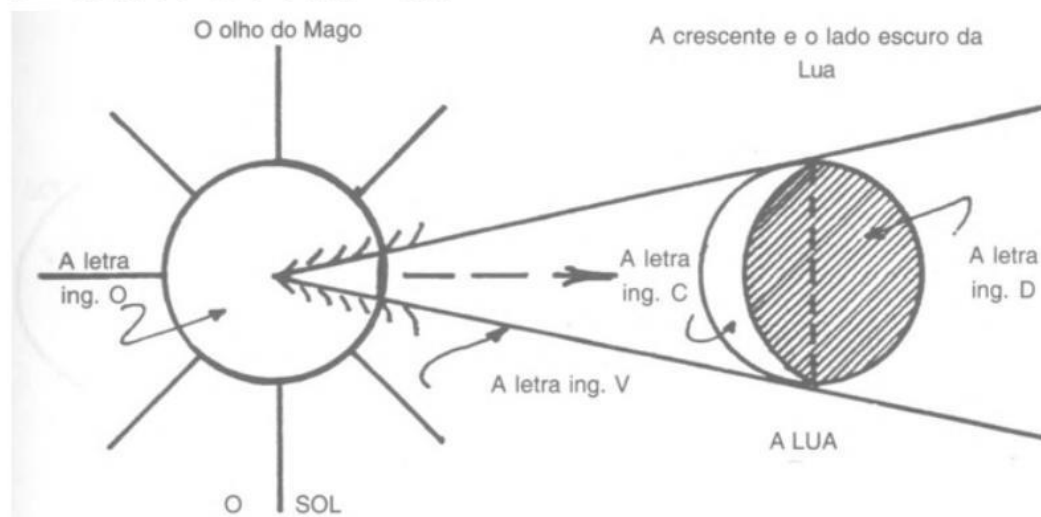


Figura 92
O Princípio fundamental de $1 + 2 = 3$

Assim, descobrimos que os Amantes (a letra V) são emitidos a partir do Núcleo da Vida (a letra O) de forma muito parecida como um raio de luz é emitido a partir do Sol para a superfície de um planeta. Mas a combinação de "O + V" é geometricamente a mesma de "C + A" e, nessa última, o A (o Imperador ou o As) é emitido para o planeta. Assim, o Imperador poderia muito bem representar o proverbial papel do "Homem na Lua", uma vez que não há diferença real entre a Lua e um planeta porque todos os corpos planetários aparecem em forma de crescente quando observados por meio de um telescópio.

A combinação de "I + O" é também a mesma de "C + D". O número Alfa de "O Mago" (90) + "O Sol" (87) é 177, ou "A Christ" [Um Cristo]. Assim, a combinação de Terra e Lua é de fato "Uma Consciência de Cristo". Todavia, tudo é *energia* em última análise, porque o número Alfa de "Light" [Luz] (56) + "Darkness" [Escuridão] (91) é igual a 147, o mesmo da "Serpent-Snake" [Serpente-Cobra] de "O Hierofante (Carta 5 do Tarô), a letra E.

As Quatro Estações

A Figura 93 mostra como o plano da Eclíptica é inclinado 23,5 graus em relação ao plano do Equador. Assim, conforme a Terra orbita em torno do Sol no plano da Eclíptica, seu hemisfério sul fica mais iluminado do que o norte durante o outono e o inverno e a situação inverte-se durante a

primavera e verão. desse modo, as quatro estações são criadas. Mas se o eixo da Terra fosse perpendicular ao plano de sua órbita, a temperatura em qualquer lugar seria a mesma durante o ano todo e grandes áreas da Terra seriam inabitáveis por causa do frio.⁵¹

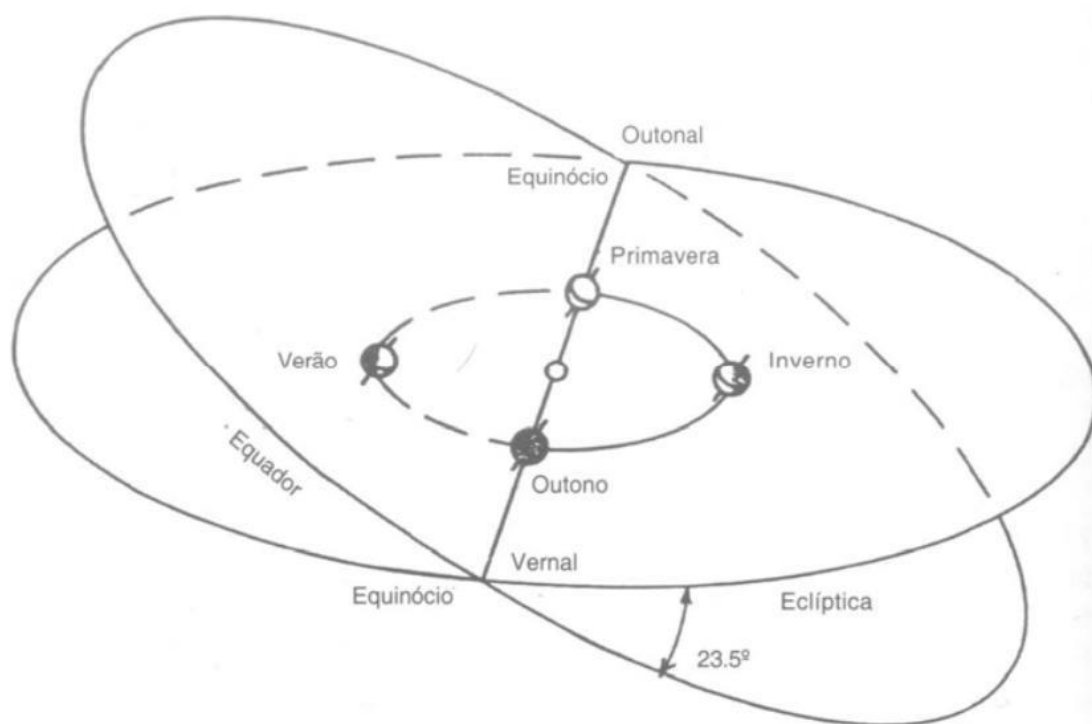


Figura 93
*Como a órbita da Terra cria as quatro estações*⁵²

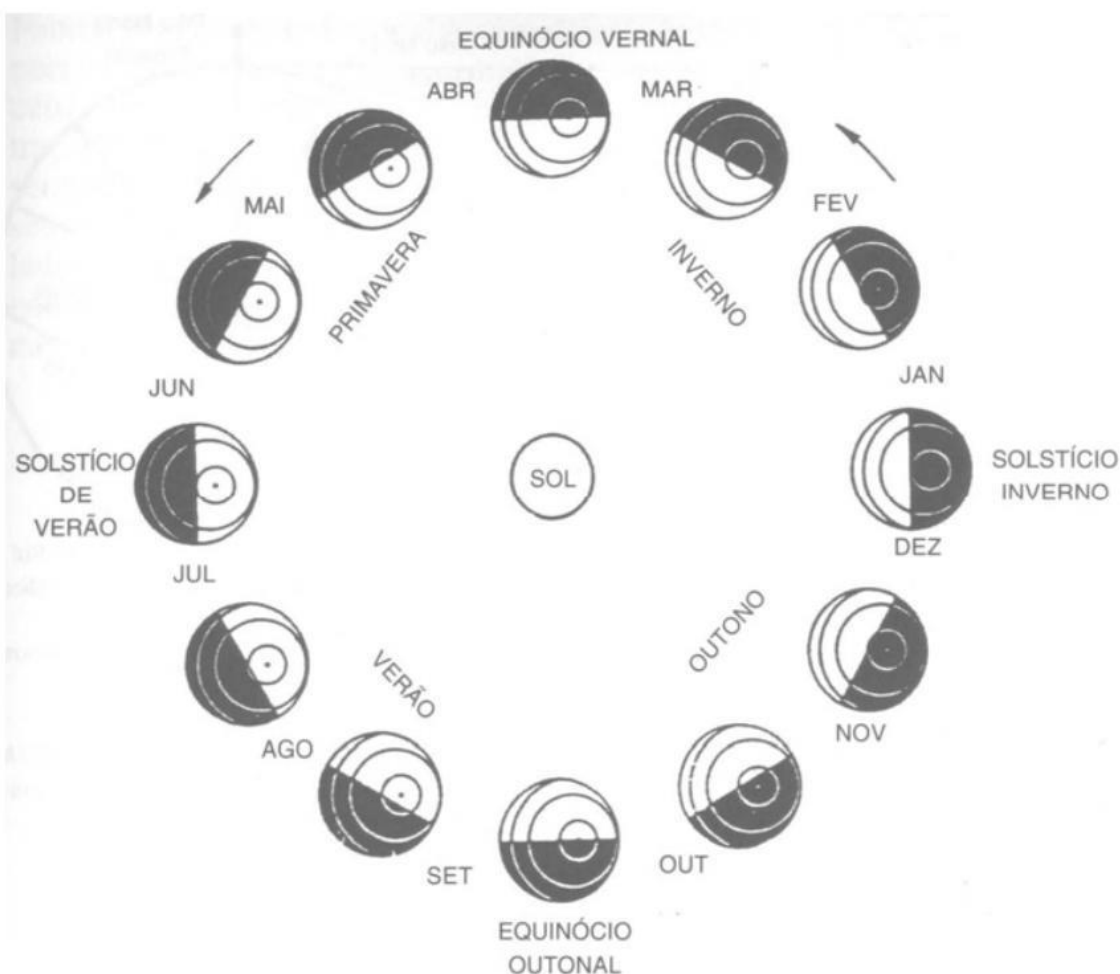
Mas esse não é o caso. O eixo da Terra, em torno do qual ela gira, também é inclinado nesse mesmo ângulo de 23,5° na perpendicular. Portanto, ele está sempre apontando para o norte e nunca muda de posição. E por isso que o pólo norte recebe luz continuamente durante os seus meses da primavera e do verão e o pólo sul recebe esse benefício durante o outono e o inverno. Quanto mais estudamos a harmonia da natureza, mais nos maravilhmos com Aquele que a criou.

A Figura 94 define esses períodos de luz e escuridão mais nitidamente. A Terra é mostrada em intervalos mensais vista de uma direção perpendicular ao plano da Eclíptica. Em cada uma das 12 posições, o pólo norte é mostrado no centro de três círculos. O menor é o Círculo Ártico, o segundo é o Trópico de Cancer e o terceiro o Equador. O Sol ilumina uma metade da Terra em todos os momentos; a linha de demarcação é chamada Terminator.⁵³

51. As figuras 93 e 94 são de *Pictorial Astronomy*, de Dinsmore Alter e Clarence H. Clemenshaw do Observatório Griffith em Los Angeles (New York, Thomas Y. Crowell Company, 1952), pp. 20 e 21.

52. Ibidem.

53. Ibidem.



Posições da Terra no Hemisfério Norte por volta do dia 21 de cada mês
 Figura 94⁵⁴

Círculos de Latitude e Meridianos de Tempo

A Figura 93 mostra três visões da Terra a partir do ponto de vista do zodíaco e não da esfera celeste. O pólo norte zodiacal está em um ângulo de $23,5^\circ$ do pólo norte geográfico e gira em torno dele uma vez a cada 23 horas e 56 minutos (hora solar). Mas vamos agora tentar visualizar a Terra a partir das direções zodiacais, não mais das direções geográficas, ou seja, vamos olhar para ela a partir do plano da Eclíptica em vez do plano do Equador.

Uma vez que o pólo norte geográfico está sempre a 0° do Trópico de Câncer e o pólo sul geográfico está sempre a 0° do Trópico de Capricórnio, desenhamos o diagrama superior direito da Figura 95 como uma secção transversal da Terra no solstício de verão, quando não apenas tanto o pólo zodiacal quanto o geográfico estarão no plano do papel, como os círculos de latitude aparecerão como linhas retas. Isso para nós é uma grande vantagem, pois assim podemos visualizar todos os planos simultaneamente.

54. Ibidem.

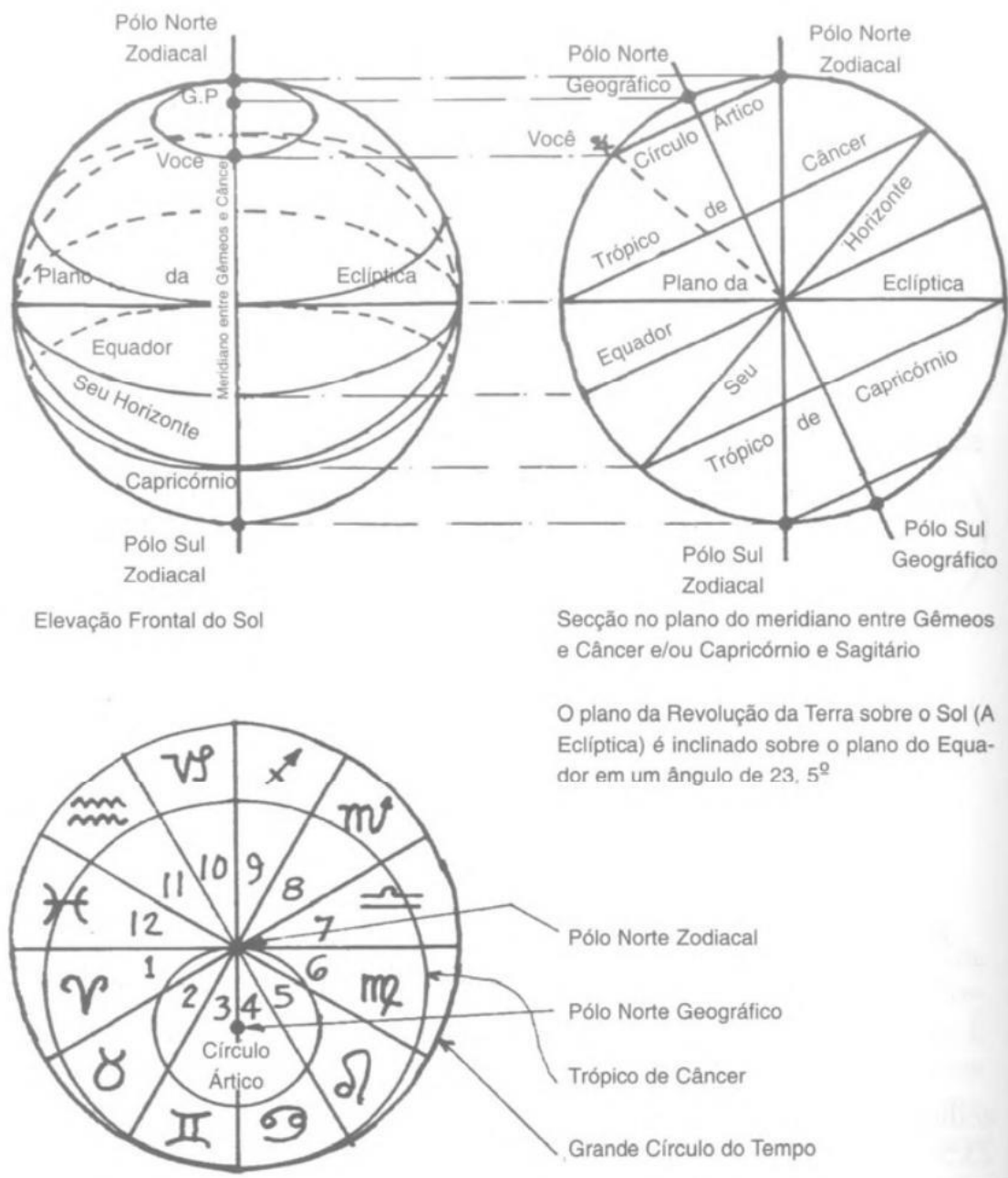


Figura 95
Três visões da Terra mostrando a relação dela com a esfera zodiacal e o plano da Eclíptica

O Trópico de Câncer (latitude $23,5^\circ$ Norte) é definido como a posição mais setentrional do Sol vertical em 23 de junho, e o Trópico de Capricórnio (latitude $23,5^\circ$ Sul) é a posição mais meridional do Sol vertical em 22 de dezembro. Como os pólos zodiacais sempre definem os limites dos Círculos Ártico e Antártico, sua latitude deve ser $66,5^\circ$ Norte e Sul, respectivamente. O diagrama superior esquerdo da Figura 95 mostra a Terra vista do Sol e a visão de baixo mostra a Terra vista do alto. Como a Terra é o microcosmo do macrocosmo, essa visão também pode representar a esfera zodiacal. Por essa razão, incluímos os 12 signos do zodíaco, de Áries a

Peixes. Mas como todos os signos zodiacais fundem-se nos pólos zodiacais norte e sul, o efeito é muito semelhante aos aros de uma roda girando no céu. Porém, o cubo da roda não permanecerá em um único ponto. Ele traçará um caminho em torno do Círculo Ártico, com a Estrela do Norte sempre presa ao mesmo raio (0° Câncer). Quando 0° Capricórnio está em seu zênite (diretamente em cima da cabeça), o pólo zodiacal está em seu lado do Círculo Ártico, mas quando 0° Câncer está em seu zênite o pólo zodiacal está no lado oposto do Círculo Ártico com a Estrela do Norte no meio.

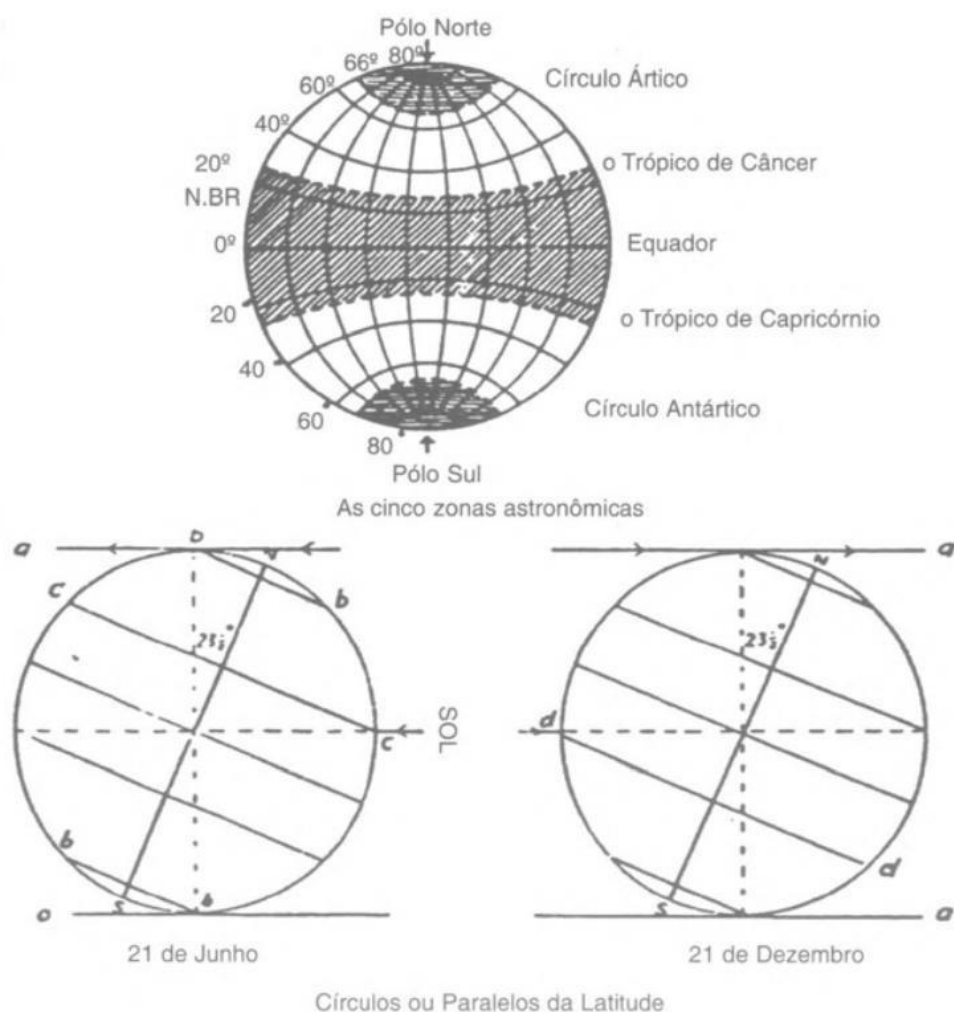


Figura 96
A divisão da Terra em paralelos de latitude e meridianos de longitude⁵⁵

Vamos agora olhar para a Terra geograficamente em vez de zodiacal-mente. A Figura 96 mostra como ela é dividida em dois conjuntos imaginários de círculos. Eles são chamados paralelos de latitude e meridianos de

55. As figuras 96 e 97 são da brochura da Hammond Sean a/s (Dinamarca), 1979, pp. 10, 20 e 21.

longitude e cruzam-se entre si em ângulos retos. Os paralelos de latitude tomam o Equador como ponto de referência (latitude 0°) e são medidos ao longo de um meridiano a partir do pólo norte geográfico (latitude 90° Norte) até o pólo sul geográfico (latitude 90° Sul).⁵⁶

Esses paralelos de latitude dividem a Terra em cinco zonas astronômicas. A área do meio, entre o Trópico de Câncer e o Trópico de Capricórnio, é chamada Zona Tórrida. Uma ou duas vezes por ano o Sol fica exatamente em cima de todos os lugares dentro dessa área. Os dois cinturões que rodeiam os pólos são chamados Zonas Geladas; elas têm um ou diversos dias com o Sol da meia-noite (quando o Sol está acima do horizonte) e um ou diversos dias em que o Sol não chega a surgir. Nos pólos, o dia dura 6 meses e a noite outro tanto. Entre a Zona Tórrida e as Zonas Geladas há duas Zonas Temperadas em que o Sol nunca chega ao zênite e onde nunca haverá o Sol da meia-noites.⁵⁷

Por outro lado, os meridianos de longitude usam o grande círculo que passa pelo observatório de Greenwich (um subúrbio de Londres) como o Meridiano Principal (latitude 0°). Esses meridianos longitudinais são medidos a 180 graus leste e 180 graus oeste a partir do Meridiano Principal, até que se encontrem na Linha Internacional da Data (longitude 180° leste/ oeste), que fica um pouco a oeste das ilhas do Havai.

Ademais, desde tempos imemoriais, a posição do Sol no céu tem sido usada na medição do tempo. Quando o Sol está mais alto no céu, é realmente meio-dia, de acordo com a hora solar. Todos os pontos localizados na mesma linha de longitude têm o meio-dia na mesma hora (a palavra *meridiano* vem da palavra latina para meio-dia). E uma vez que há 24 horas entre um meio-dia e o seguinte em qualquer lugar do globo, por causa da rotação da Terra de oeste para leste, um lugar que fique 15° mais distante para oeste terá seu meio-dia uma hora mais tarde ($360/24 = 15$). Em outras palavras, uma diferença de longitude de 15° corresponde a uma diferença de tempo de 1 hora; uma diferença de longitude de 1° corresponde a uma diferença de tempo de 4 minutos (ver Figura 97).

Porém, por razões práticas, a verdadeira hora solar não pode ser usada e a Terra foi por isso dividida em zonas com a mesma hora. Cada zona tem 15° de largura e se estende por 7,5° para cada lado do meridiano 0°, 15°, 30°, 45°, etc. Elas são chamadas por diversos nomes, como Pacific Standard Time (PST, Hora Padrão do Pacífico), Mountain Standard Time (MST, Hora Padrão das Montanhas), Eastern Standard Time (EST, Hora Padrão do Leste), etc., e são sempre comparados com o Greenwich Mean Time (GMT, Hora Média de Greenwich) para estabelecer a hora exata de um acontecimento no Meridiano

56. Ibidem.

57. As figuras 98 e 99 são de *Pictorial Astronomy*, pp. 22 e 23.

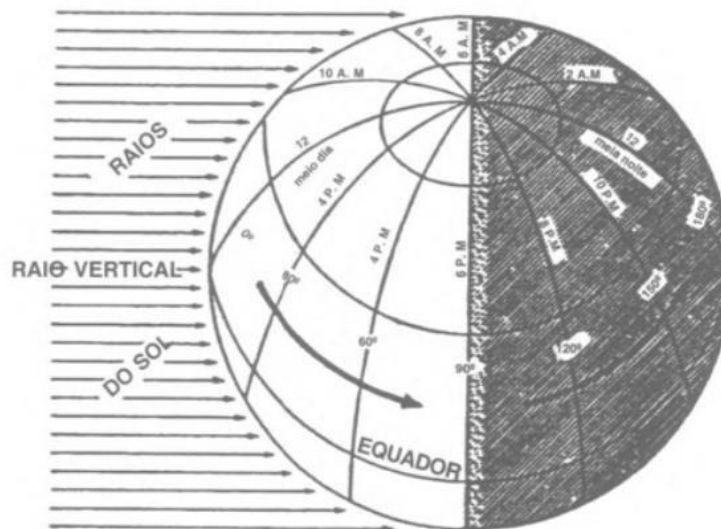


Figura 97
Meridianos do Tempo (longitude)

A verdadeira hora solar da Terra quando é meio-dia no Meridiano de Greenwich. As setas para a esquerda indicam a direção dos raios do Sol. As setas sobre a Terra indicam a direção da rotação.⁵⁸

Principal (longitude 0°). Os cálculos não são difíceis, já que a diferença de tempo entre Greenwich e qualquer lugar do globo é sempre um número exato de horas: PST = -8 horas, MST = -7 horas, EST = -5 horas, etc.

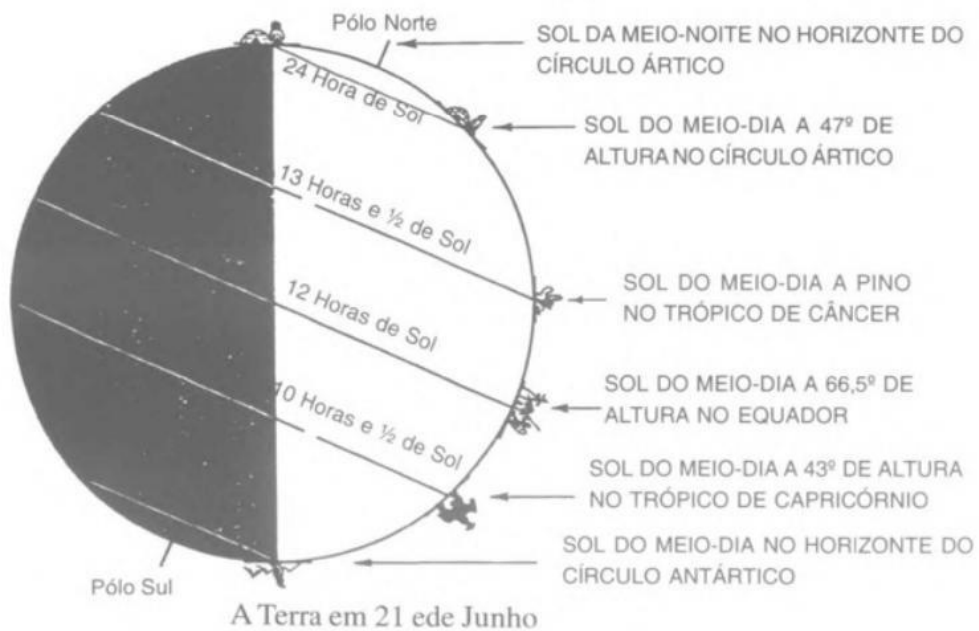


Figura 98
O solstício de verão⁵⁹

58. Idem nota nº55.

59. Idem nota nº57

Mas resta ainda um problema, que surge quando se tenta converter a hora sideral do acontecimento (hora estelar) para a hora do relógio (hora solar). Um relógio solar (relógio de Sol) mostrará que uma revolução da Terra leva 23 horas e 56 minutos, enquanto um relógio sideral mostrará que o tempo que leva para que uma estrela transite sobre si mesma (volte à sua posição original) é de 24 horas completas. A razão para isso é que o próprio Sol está se movendo pelo zodíaco em uma taxa de 4 minutos por dia, enquanto o único movimento que uma estrela faz é um movimento aparente causado pela revolução da Terra em torno de seu eixo.

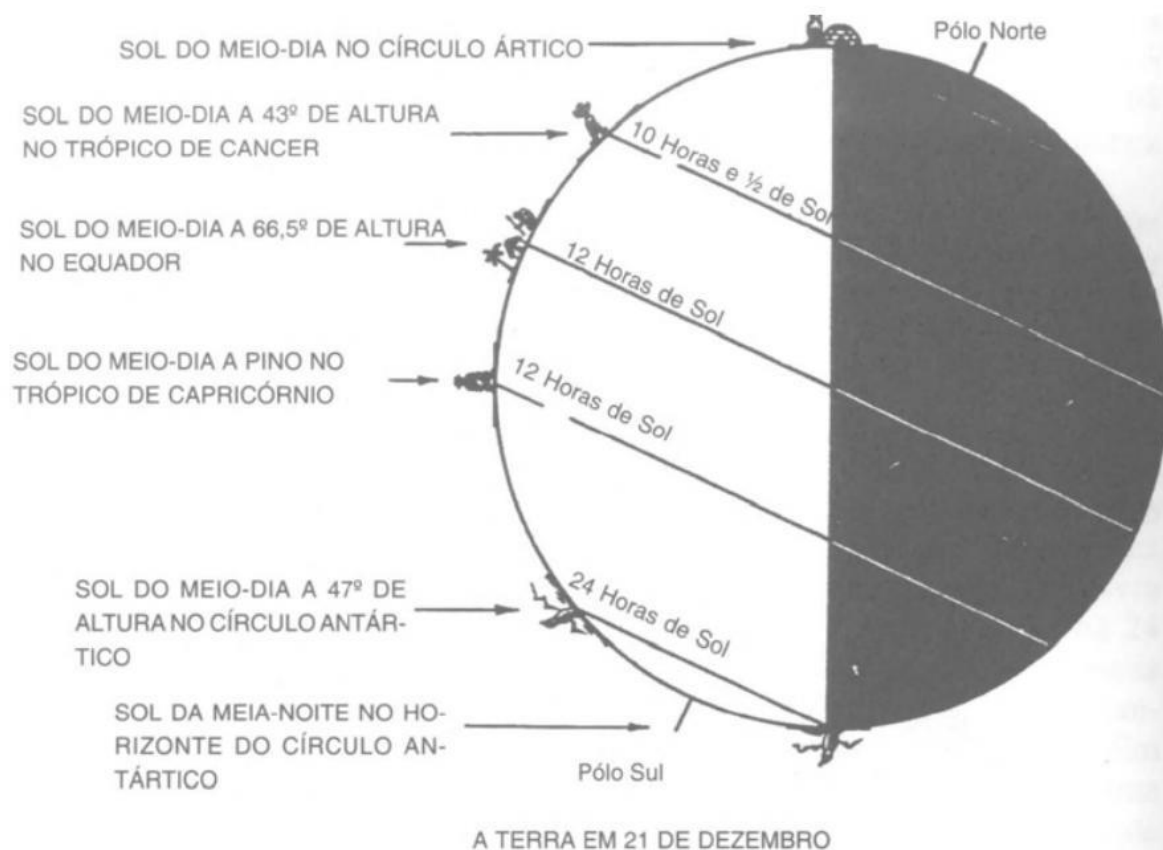


Figura 98
O solstício de inverno

Isso é chamado aceleração no intervalo e chega a uma correção de 10 segundos por hora (4 minutos = 240 segundos) quando se converte a hora sideral do meio-dia em Greenwich para a verdadeira hora sideral (ST) no momento do evento. Mas quando se volta a reconverter a hora sideral em Greenwich (longitude 0°) para a hora sideral na longitude da cidade em que aquele evento ocorreu, não é necessário mais aceleração porque se lidará apenas com a hora sideral.⁶¹

60. Idem nota 57

61. Ver *The Compleat Astrologer* de Derek e Julia Parker (New York, McGraw-Hill Book Company, 1971), p. 79.

Capítulo 10

O Zodíaco: O Círculo de Animais Sagrados

Deste capítulo trataremos das diversas constelações ou grupos de estrelas que rodeiam a esfera celestial da Terra, especialmente as 12 por meio das quais passa o caminho da Eclíptica. A origem desses padrões das constelações não é conhecida, mas todas as civilizações notaram e transformaram-na em formas de vários tipos. Os egípcios, por exemplo, conheciam duas delas como o Gato e o Hipopótamo; muitos dos famosos mitos da Antiguidade foram imortalizados ali. Cada civilização acrescentou sua própria versão do grande drama cósmico que se passa dentro delas, até que o céu acabou por se tornar um livro de figuras mitológicas, tendo permanecido assim a partir de então.*

Hoje, seguimos o padrão estabelecido pelos gregos e todas as 47 constelações apontadas por Ptolomeu de Alexandria; seus livros *Almagest* (a Grande Construção) e *Tetrabiblos* (Quatro Livros da Influência das Estrelas), escritos por volta de 150 d.C., ainda são usados. A lista de Ptolomeu contém a maior parte das constelações importantes visíveis da latitude de Alexandria. Entre as 20 a norte dos 12 grupos zodiacais estão nomes famosos como as grandes Ursas (Ursa Maior e Ursa Menor), Dragão, Hércules, Cisne e Águia; e as 15 constelações do sul incluem Orion, Cão, Hidra e Centauro.⁶²

Porém, as constelações de Ptolomeu não englobam todo o céu. Havia falhas entre elas, mais tarde preenchidas por outros astrônomos, seja acrescentando novas constelações ou, às vezes, modificando as fronteiras originais. Ainda mais tarde, as estrelas do extremo sul tiveram de ser divididas

*N.E.: Sugerimos a leitura de *Astrologia e Mitologia — Seus Arquétipos e a Linguagem dos Símbolos* de Ariel Guttman e Kenneth Johnson.

62. *Ptolemy's Tetrabiblos*, Four Books of the Influence of the Stars (North Hollywood, CA. Symbols & Signs. 1976). Livro 1, Cap. X, p. 19.



VRANIA

Figura 100

PTOLEM AE VS

A posição do Zodíaco na Esfera Celestial

Esta xilogravura de E. Schon, Alemanha, 1515, presta tributo a Ptolomeu, o antigo astrônomo greco-egípcio de Alexandria⁶³

63. A figura 100 vem de *Astrology, the Celestial Mirror*, de Warren Kenton (New York, Avon Books, 1974), p. 100.

em constelações e alguns dos nomes têm um sabor bem moderno, como o Telescópio, o Microscópio e a Bomba de Ar. O Cruzeiro do Sul é uma constelação do século XVII e entra nessa última categoria. Houve tentativas ocasionais de rever toda a nomenclatura, mas elas foram malsucedidas, já que os nomes atuais popularizaram-se há tanto tempo que não seria possível mudá-los agora. Além disso, eles sem dúvida têm uma interpretação cabalística que os liga à Consciência de Deus.

Os Doze Signos do Zodíaco

Ao preparar seu sistema cosmológico, quase todas as antigas civilizações fizeram uso das 12 principais constelações pelas quais o Sol e a Lua regularmente passavam. A cada duas horas essas constelações moventes deslocavam-se 30 graus, ou um doze avos de um círculo completo. Elas se tornaram, assim, as precursoras do Zodíaco, e um símbolo quase idêntico — uma roda dividida em doze seções iguais com nomes específicos — foi encontrado no Egito, Judéia, Pérsia, Índia, Tibete, China, América do Norte e do Sul, Escandinávia e no mundo islâmico.

Assim, o Zodíaco é um símbolo realmente universal. Seu nome deriva-se das palavras gregas *zoe*, que significa "vida", e *diako*, que é "roda". Quando combinamos as duas temos o Zodíaco, ou "Roda da Vida". Mas há mais que isso. A palavra *zoe* é etimologicamente ligada a *zoo*, que não apenas significa "animal", como acabou por dar origem à palavra "zoológico". O *Webster* define *zoológico* como uma coleção de animais vivos acomodados para exibição pública. O Zodíaco é exatamente isso: um jardim zoológico, um círculo de animais sagrados que se move constantemente em torno da Terra para que a humanidade fique em uma posição melhor para compreender a verdadeira natureza de seu *Ser*.

Os nomes dos 12 signos e os símbolos que representam aparecem na Figura 101. Pode-se afirmar facilmente que sete dos signos são realmente animais, e um oitavo signo (Sagitário), por ter como símbolo um centauro (meio homem e meio cavalo), faz parte de duas categorias. Assim, no Zodíaco temos um homem (Aquário), uma mulher (Virgem) e seus dois filhos (Gêmeos), sendo pesados na balança da justiça (Libra), que iguala as formas de vida humanas com as formas de vida animais e em torno das quais essas diversas criaturas vivas são equilibradas, pesadas e medidas.

Desse modo, uma vez que cada signo é governado por um planeta ou uma divindade, que é identificada melhor pela Mitologia, os signos representam limiares que a consciência humana deve cruzar para obter a auto-realização. Isso é realizado por meio dos processos de involução e evolução. Assim, no ponto mais baixo do ciclo, a força vital é dirigida para formas cada vez mais intrincadas até o momento em que a multiplicidade da Natureza possa ser novamente reconciliada com a Unidade de Deus. Desse modo, a estrutura circular do Zodíaco consegue expressar de

FORma alegórica as principais categorias da vida dentro do cosmos da Mente Universal⁶⁴.

Nomes dos signos		Descrição	Números Alfa		Soma
1	Áries	O Carneiro	52	33 + 32	297 117 BIG 180 175 AGE
2	Touro	O Touro	100	33 + 47	
3	Gêmeos	Os Gêmeos	57	33 + 85	
4	Câncer	O Caranguejo	44	33 + 24	101
5	Leão	O Leão	32	33 + 50	115
6	Virgem	A Virgem	71	33 + 79	183
7	Libra	A Balança	42	33 + 59	134
8	Escorpião	O Escorpião	95	33 + 109	237
9	Sagitário	O Arqueiro	144	33 + 53	230
10	Capricórnio	A Cabra	97	33 + 43	173
11	Aquário	O Portador de Água	107	33 + 67 + 49	256
12	Peixes	Os Peixes	71	33 + 66	170
Totais Gerais:			912	LI + 1.159 KEI = 2.071 BOGA	

Figura 101
Os nomes, símbolos e números Alfa dos 12 signos do Zodíaco

Vamos agora tentar ler os números Alfa dos nomes reais dos signos e ver o que eles têm a nos dizer. Uma olhadela nos cálculos da Figura 101 mostrará que a Consciência de Deus está muito consciente dos nomes que escolhemos para seus signos. Os primeiros três signos declaram representar uma BIG AGE [Grande Era] e o número Alfa do último signo (Peixes) é 170, transliterado em AGO [Passado]. Isso significa que essa "Grande Era" ocorreu antes do tempo atual, ou no passado. Além disso, a soma dos números Alfa de todo o Zodíaco, quando lida primeiro a partir da direita e depois a partir da esquerda, declara que o "AGO Be LIKE I" [Seja como Eu]. A inteligência inata do computador usado pela Consciência de Deus nunca deixa de nos maravilhar, pois não é fato que a luz de todas as estrelas dessas constelações leva milhares de anos para chegar até nós? Portanto,

64. Há uma excelente história do Zodíaco em *Astrology, History, Symbols, and Signs*, de Solange de Mailly Nesle (Leon Amiel. Publisher, 1981). pp. 22-39.

quando olhamos para nosso "Círculo de Animais Sagrados", certamente estamos olhando para o passado.

O Pólo Zodiacal da Eclíptica

O mapa do céu na Figura 102 mostra os 12 signos do Zodíaco construídos em torno do pólo norte *zodiacal* no plano da Eclíptica. Muitos dos mapas antigos eram orientados dessa maneira, e não para o pólo norte *geográfico*, que representa o pólo norte da esfera celeste. Esse é um ponto muito importante e que atualmente é deixado de lado por muitas pessoas que têm a inclinação de olhar para um horóscopo baseado em direções *geográficas* (no plano do Equador) e não nas direções *zodiacais*, que são orientadas para o plano da Eclíptica. Se os astrólogos conseguissem chegar a um consenso sobre essa questão, isso eliminaria grande parte da confusão atual quanto à construção das casas em um mapa; mas vamos deixar essa discussão para o Capítulo 12.⁶⁵



Figura 102

Como a serpente-dragão da constelação do Dragão está entrelaçada em torno do Pólo Zodiacal da Eclíptica (de um mapa do séc XVII, tipicamente construído em torno do pólo zodiacal, mostrando as antigas constelações e também algumas das mais modernas).⁶⁶

65. A figura 102 foi adaptada da sobrecapa de *The Compleat Astrologer* de Derek e Julia Parker (New York, McGraw-Hill Book Company, 1971). Mapas similares podem ser encontrados em *The New Concise Atlas of the Universe* (New York, Rand McNally and Company, 1978), pp. 138-139.

66. *Ibidem*.

O leitor notará que o pólo norte da Eclíptica está bem no centro da constelação do Dragão, que fica entrelaçada em torno dele. Os antigos estavam muito conscientes desse fato e provaremos esse argumento com a seguinte citação do *Sepher Yetzirah* [O Livro da Formação], capítulo IV, versículos e 2:

"Três Pais e suas gerações, Sete conquistadores e seus exércitos e *Doze fronteiras do Universo*. Vede, dessas palavras, as fiéis testemunhas são o Universo, o Ano e o Homem. A dodécada, a héptada e a tríade com suas províncias; acima delas está o *Dragão Celestial*, Th-L-I (Theli), e abaixo está o Mundo e, por último o coração do Homem... O *Dragão Celestial*, Th-L-I (Theli), está acima do Universo como um rei sobre o trono; a revolução do ano é como um rei sobre seu domínio; o coração do homem é como um rei em combate..."⁶⁷

Portanto, à luz da Figura 102, não temos alternativa a não ser aceitar o fato de que o Dragão Celestial (Theli) não é outro senão a constelação do Dragão, que reside no zênite da esfera zodiacal. Mas que estrela específica na constelação representa seu pólo norte? Se a Estrela Polar representa o pólo norte geográfico da Terra, que estrela representa o pólo norte zodiacal? Intrigado com essa questão, o escritor pesquisou o assunto no Observatório Planetário de Griffith Park, obtendo como resultado a Figura 103. O seguinte trecho foi tirado do Volume II de *Burnham's Celestial Handbook*, cujo subtítulo é "Um guia de observação do Universo para além do Sistema Solar", de Robert Burnham Jr.:

"NGC 6543: Uma pequena e brilhante nebulosa planetária *localizada quase exatamente no pólo norte da Eclíptica*, mais ou menos no meio do caminho entre Delta e Zeta do Dragão. Essa é uma das nebulosas planetárias mais distintas no céu; nas primeiras fotografias, sem muita ampliação, parecia uma estrela; em fotografias maiores, revelava um disco borrado à sua volta. T. W. Webb, usando um telescópio de 3 polegadas, estimou seu diâmetro em 15"; H. D. Curtis, no Observatório Lick (1918) calculou a medida de 22" x 16", sendo a orientação da dimensão mais longa AP 35°. As fotografias do Lick a mostravam como *uma hélice com duas voltas*, com os envoltórios de gás sobrepondo-se de maneira curiosa, dando uma vaga impressão de *braços entrelaçados em espiral*. O brilho da superfície da NGC 6543 é muito alto...

A NGC 6543 foi o primeiro objeto desse tipo a ser analisado com o espectroscópio, por William Huggins, a 29 de agosto de 1864. Essa observação resolveu o enigma da nebulosa de uma só vez, já que Huggins viu imediatamente que o espectro era de um tênue gás luminoso, não uma massa de estrelas indefinidas como alguns observadores haviam previsto. A distância, como no caso de todas as nebulosas planetárias, não é conhecida com exatidão; diversos catálogos mostram valores que vão de

67. O *Sepher Yetzirah* (O Livro da Formação), traduzido por William Wynn Westcott (New York, Samuel Weiser, Inc., 1887, 1975), p. 26.

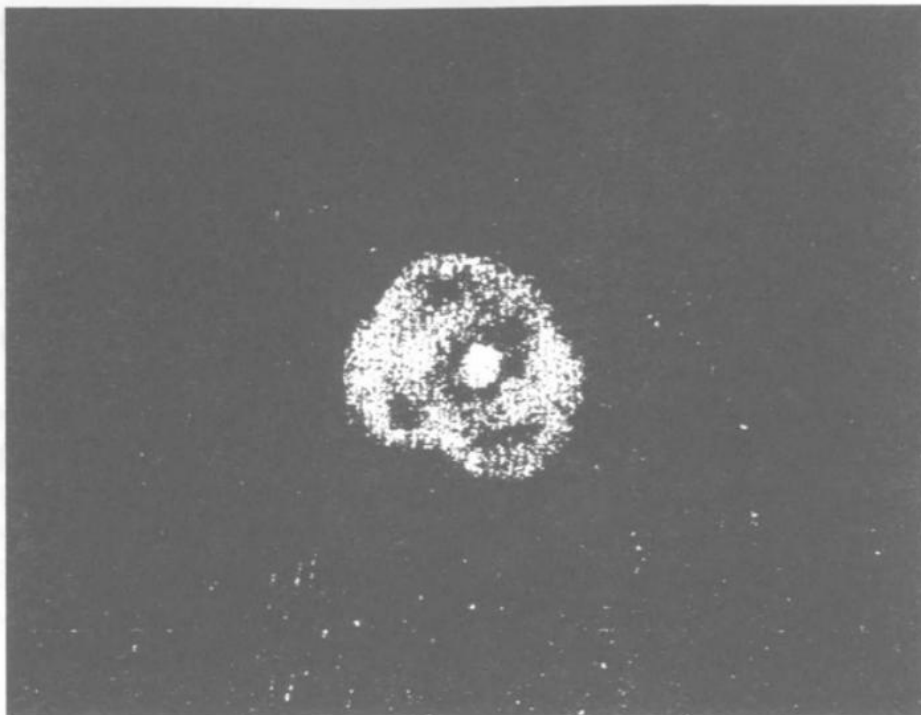


Figura 103

A Nebulosa Planetária NGC 6543

Essa nebulosa planetária está quase exatamente no pólo norte da Eclíptica, estabelecendo assim o pólo norte do próprio Zodíaco⁶⁸

500 a mais de mil *parsecs*. Em sua listagem das planetárias mais brilhantes, C.R. O'Dell (1963) estima uma distância de cerca de 3 e 200 anos-luz para a NGC 6543, o que deixaria o verdadeiro diâmetro com cerca de 20 mil (unidades astronômicas) ou cerca de um terço de ano-luz. O envoltório exterior, mais tênue, tem cerca de 3,5 anos-luz de diâmetro e a estrela central é uma anã de classe 'O' superquente, com uma temperatura calculada em cerca de 35.000 K e uma luminosidade quase cem vezes maior que a do Sol."⁶⁹

Assim, descobrimos que o pólo norte de todo o nosso sistema solar é, de fato, uma entidade magnífica. E de particular interesse o fato de que se trata de *uma dupla hélice com duas voltas*, mostrando exatamente as características de uma molécula de DNA encontrada no núcleo de todas as células e cuja função é a transferência de características genéticas para seu veículo físico exterior. É muito possível que a NGC 6443 seja a molécula de DNA não apenas da Terra, mas de todo o sistema solar de que fazemos parte.

Basta olhar para seu nome. NGC 6543 é transliterado como "NG (Negativo) C FED C" [C alimentou C]. E o "C" que ele alimenta é o "C"

68. A figura 103 vem do *Burnham's Celestial Handbook. An Observer's Guide to the Universe Beyond the Solar System*, de Robert Burnham, Jr. (New York: Doer Publication, Inc., 1978), volume dois, pág. 871.

69. Ibid. *Burnham's Celestial Handbook*, pp. 870-872.

positivo ou os planetas físicos. Lendo o número da direita para a esquerda, encontramos os dígitos consecutivos 3-4-5-6 ou um triângulo reto 3-4-5, cuja área é 6. A situação faz lembrar de Alice no País das Maravilhas, onde as coisas ficam "cada vez mais e mais curiosas".

Símbolos ingleses para o Zodíaco do Espaço

A Figura 104 é um esforço de nossa parte para relacionar as letras do alfabeto inglês aos signos do Zodíaco. Mas por causa do fenômeno conhecido como a precessão dos equinócios, os signos do Zodíaco não se relacionam com as constelações reais, mas com a seqüência da estações na Terra. Assim, 0° de Áries sempre começa no Equinócio Vernal (Primavera), o ponto em que o Sol passa o Equador e move-se do hemisfério sul da Terra para o norte. Isso ocorre por volta de 21 de março a cada ano. E 0° de Libra sempre começa no Equinócio de Outono, quando o Sol volta ao

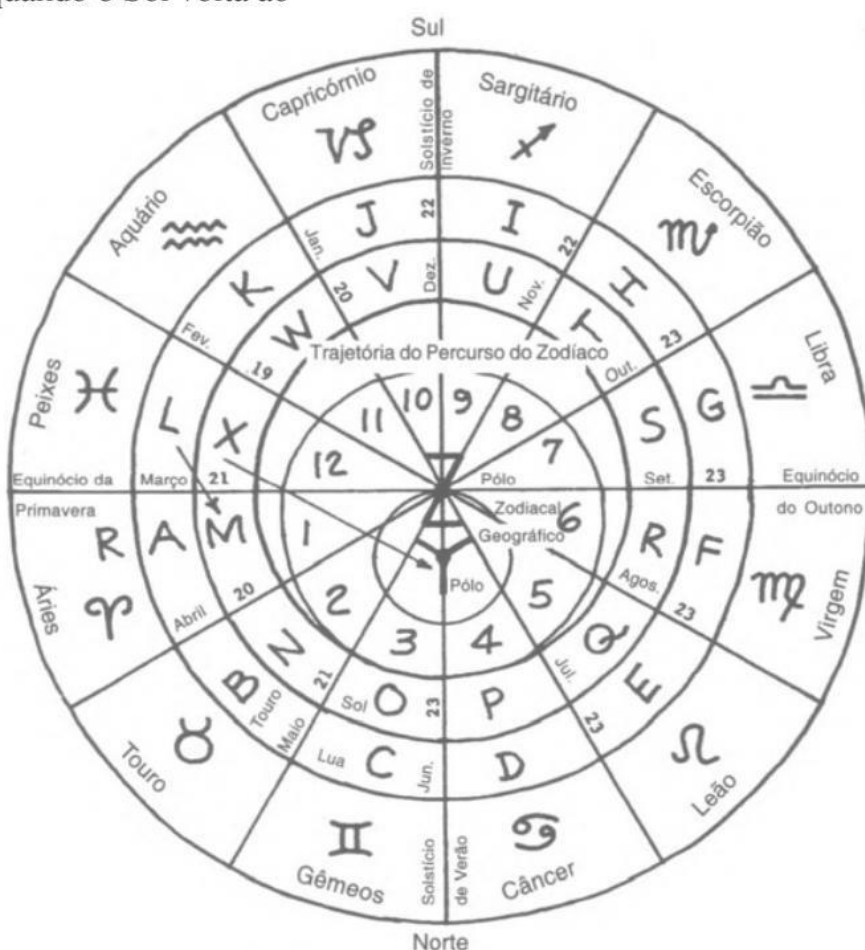


Figura 104

Os signos do Zodíaco do Espaço representados pelas letras do alfabeto inglês

Equador e vai do hemisfério norte para o sul. Isso ocorre sempre ou por volta de 21 de setembro de cada ano. Os pontos médios desses dois extremos são

os solstícios de Verão e de Inverno, quando o Sol atinge seu ponto mais ao norte ou mais ao sul do Equador. Assim, o início do verão (0° de Câncer) é sempre por volta de 21 de junho e o início do inverno em torno de 21 de dezembro.

A Astrologia convencional sempre orienta o *Ascendente* (o signo que está se erguendo no horizonte) à esquerda e o *Descendente* (o signo que está se pondo no horizonte) à direita. Assim, o observador está sempre olhando para o sul, com o leste (nascente) à sua esquerda e o oeste (poente) à sua direita. O sul estará, então, no alto da página e o norte, embaixo. O horizonte é uma linha entre o ascendente e o descendente, marcando a intersecção entre os planos do horizonte e da Eclíptica.

É também uma convenção astrológica (quando não estamos lidando com um horóscopo em particular) iniciar com 0° de Áries no horizonte leste e 0° de Libra no horizonte oeste. Desse modo, a intersecção entre os planos do Equador e a Eclíptica será uma linha horizontal que vai do Equinócio de Primavera, à esquerda, ao Equinócio de Outono, à direita. O *Meio-Céu* (Medium Coeli ou MC) estará, então, no Solstício de Inverno, no alto da página, e o *Imum Coeli* (IC) estará no lado oposto a ele, no Solstício de Verão, na parte de baixo da página. Mas como os planetas são vistos de um ponto de observação localizado no planeta Terra, o plano da Eclíptica deve estar necessariamente localizado no plano do papel, no que diz respeito aos ângulos (aspectos) entre os planetas. Assim, a Terra é mostrada na Figura 104 com o pólo zodiacal no centro do horóscopo e o pólo geográfico no centro do Círculo Ártico que passa através do pólo zodiacal. A ordem numérica dos signos vai da esquerda para a direita, no sentido anti-horário.

Como há 26 letras no alfabeto inglês, temos letras suficientes para representar dois círculos completos em torno do Zodíaco, um interior e um exterior, ou um para representar a órbita do Sol e o outro representando a órbita da Lua. As duas letras restantes podem, então, simbolizar os dois pólos da esfera celeste, seja o pólo geográfico ou o zodiacal, qualquer que seja o caso.

Digamos que começaremos com a última letra do alfabeto (a letra Z), a letra inicial das palavras *Zodíaco* e/ou *Zero*. A primeira letra, A, seria então atribuída a Áries, a segunda letra, B, a Touro, a letra C a Gêmeos, etc., até a letra L, que representaria Peixes. A primeira volta fica assim concluída e estamos prontos para começar a segunda com a 13ª letra, M. Essa volta vai terminar com a 24ª letra, X, em Peixes, ponto em que a Força Vital novamente volta-se para dentro, para a letra Y, o pólo oposto àquele em que tudo começou.

Esse sistema tem muito a dizer quando comparamos a simbologia das cartas do Tarô, que representam as letras com os próprios signos. Quanto mais você investiga, mais se espanta com as similaridades entre esses dois conjuntos de símbolos completamente diferentes. Uma revelação segue-se

a outra, sendo o resultado final a convicção de que a Consciência de Deus havia planejado todas essas correspondências.

Por exemplo: as duas letras que representam Áries são A-M, as últimas duas letras da palavra RAM [Carneiro]. O número Alfa de "O Imperador + Morte" é 161, que é transliterado como PA (o Pai). Aqui, temos novamente a morte do Imperador, como previsto pelo valor total do alfabeto hebraico ($1.495 = A\ DIE, A\ Morre$). O A-M é também a parte "AM" de "I AM "[Eu Sou]. E, é claro, também representa AM, que significa manhã em vez de noite, a hora em que você SE ERGUE.

As duas letras que representam Touro são B-N. A letra B é a primeira letra da palavra *Boi*. A letra B representa a Roda da Vida e a letra N, Homem, dando a combinação das duas letras a palavra *Ben*, que significa "dentro". Isso pode significar que os signos pares representam a fase interior do ciclo da vida, em oposição aos signos ímpares, que representariam sua fase exterior.

As duas letras que representam Gêmeos são C-O, abreviação da palavra *Companhia*. Não seriam o Sol e a Lua uma "companhia", companheiros ou associados? Mas acima de tudo, eles certamente simbolizam os *Gêmeos*, os carros gêmeos que regem o dia e a noite. Além disso, a Consciência de Deus colocou suas posições no alfabeto de forma que as primeiras 12 letras possam representar a órbita da Lua e as últimas 12 a órbita do Sol. Em relação a qual seja a órbita exterior e qual a interior, isso é completamente arbitrário. O diagrama poderia ter sido desenhado de qualquer um dos modos.

Passando ao signo de Câncer, descobrimos as letras P-D. Elas representam seu *Pad* [Almofada], ou seja, o lugar em que você vive ou sua cama. Um "launching pad" [Plataforma de lançamento] é também o lugar da pista do aeroporto usada para decolagens e aterrissagens. Mas o número Alfa para "O Pajem" (62) + O Diabo (85) é 147, igual ao de "The Hierophant" [O Hierofante] ou "Serpent-Snake" [Serpente-Cobra] ou "Light + Darkness" [Luz + Escuridão], etc. E o número Alfa para "Page + Devil" [Pajem + Diabo] é 81, igual aos de "The Fool" [O Louco] ou "Tower" [Torre] que *você é* (U R, 'you are').

O símbolo para Leão é o Hierofante (a letra E): Virgem é a Grande Sacerdotisa (a letra F); e Libra, a Balança, é Justiça (a letra G). A simbologia não podia ser melhor.

Escorpião é representado pelas letras T-H. O número Alfa de "Temperança" (100) + "O Eremita" (106) é 206, igual ao de "A Roda da Fortuna" (a letra B). Mas isso é compreensível, uma vez que Escorpião está em oposição direta a Touro. E podemos dizer o mesmo em relação a Sagitário, representado pelas letras U-I, que significa *You* [Você] e *I* [Eu]. Você e Eu aparecemos, então, na posição oposta à do Sol e à da Lua e nós quatro realmente representamos uma "companhia". Mas não seria um centauro,

meio humano e meio cavalo? O "I" representa o "I AM "[Eu sou], mas *você* obviamente é o cavalo.

Quando chegamos ao décimo signo de Capricórnio, nossos símbolos são as letras J-V, o que significa que aqui é onde nós *Jive* [Requebramos]. O dicionário *Webster* define esse termo como uma música suingada ou o ato de dançar essa música. E por que não? Os Amantes (a letra V) agora uniram forças com o Mundo (a letra J) e libertaram-se dos grilhões do Diabo que os escravizara no signo oposto de Câncer. Os números Alfa de "O Mundo" (105) + "Os Amantes" (124) somam 229, que se translitera como VI, as primeiras duas letras da palavra VIE [Competir]. A última letra E é trazida à manifestação por seus símbolos opostos O Diabo + O Pajem (147), como mencionado antes. E esses dois signos opostos sempre vão "competir".

Reproduzimos o símbolo do Tarô para o Mundo na Figura 105; o leitor pode perceber que seu motivo central é uma figura feminina dançando. Em um de nossos livros anteriores dissemos que o nome dela era *Verdade*, mas à luz do dito anteriormente sabemos que seu nome é *Eva* (V = Vê = Eva). Ela está "requebrando" no centro do dígito 0, que representa o Zodíaco, e em torno dela, nos quatro cantos da carta, estão os quatro Seres Videntes de Ezequiel (o Touro, o leão, a Águia e o Homem), que representam os quatro signos fixos do Zodíaco. Eles são as letras B-E-H-K e, juntos, declaram que eles "B H (each) King" [São cada Rei] ou que o Leão (o rei dos animais) BE H (each) [É cada].

A esquerda de Capricórnio está Aquário, representado pelas letras KW. O *kw* é uma abreviação para *kilowatt*, uma unidade de potência (mil watts) igual ao *work* [Trabalho] (W ou K) realizado por uma corrente elétrica. Portanto, os símbolos de Aquário são as letras (W ou K), que representam o Grande Trabalho que deve ser realizado na vindoura Era de Aquário.

Na Figura 106 encontramos o símbolo da carta do Tarô para o Carro (a letra W). Mas esse é também o símbolo do Rei (a letra K), já que é ele quem está dirigindo o Carro. A soma dos números Alfa de "O Carro" (107) + "O Rei" (74) é 181, que é transliterado como RA. E quem é Ra? Ra é a principal divindade dos antigos Egípcios. Ele é um deus do Sol e você pode vê-lo diariamente dirigindo seu carro flamejante pelo céu. A permutabilidade entre esses símbolos, do Tarô para o inglês e de volta ao Tarô, nunca deixa de surpreender.

Chegamos finalmente ao último signo do Zodíaco, Peixes. Sua simbologia básica é mostrada na Figura 107, a carta do Tarô para a Julgamento (a letra X). Seu outro símbolo é o Cavaleiro (a letra) e, se juntarmos os dois, descobrimos que há uma grande possibilidade de *excelência* (X-L) neste signo. Mas o peixe neste signo também pode ser usado como *comida*, que é provado pela transliteração dos números romanos "LX (60) + XL (40)", que é FOOD [Comida]. não apenas para o corpo, mas também para o espírito.



Figura 105
A 21ª carta do Tarô (a letra inglesa J)

O número Alfa de "Peixes" é 71, igual ao de "The Death" [A Morte] (a letra M). O número Alfa de "The Fishes" [Os Peixes] é 99, igual ao de "Julgamento" (a letra X). Assim, no nome completo temos "A Morte e Julgamento" do espírito no AGO [Passado] (170) ou no ciclo que acaba de se completar. Essa é, portanto, a razão pela qual o símbolo de Peixes (pi + Cs) são dois peixes nadando em direções opostas (um círculo com seus dois arcos semicirculares virados de costas um para o outro).

Um dos peixes representa a ressurreição do espírito após a morte física e o outro representa a descida do espírito à matéria física após seu nascimento na Roda da Vida.

É preciso entender que essas letras que simbolizam os signos do Zodíaco não representam pontos no espaço, mas os comprimentos de arcos na superfície de uma esfera. Portanto, as 23 letras de B até X representam arcos de 30 graus em torno da circunferência da Eclíptica. Mas, no final do arco X, a força vital volta-se para cima e faz uma curva em ângulo reto no Equinócio de Primavera (simbolizado pela letra L). Assim, os arcos Y e A são circumpolares (arcos meridianos), e não equatoriais ou zodiacais, e a



Figura 106
A sétima carta do Tarô (a letra inglesa W)

letra Y (Força) é um arco voltado para dentro, para o pólo norte zodiacal. A letra Z (a Imperatriz) representa a direção descendente da força vital ao longo do eixo da esfera zodiacal do pólo norte ao pólo sul. E a letra A (o Imperador) é um arco voltado para fora, que se estende até os 30 graus de Áries. O único verdadeiro arco equatorial no signo de Áries é o arco M da Morte. Assim, quando está em Áries, a força vital deve ARISE [Erguer-se] dos Mortos e essa é, evidentemente, a razão pela qual o túmulo de Cristo foi encontrado vazio após a Crucifixão. A simbologia simplesmente não poderia ser melhor.

Símbolos do Tarô para o Relógio do Tempo

Se os signos do Zodíaco do Espaço são representados pelas letras do alfabeto inglês, como designamos as casas no grande Relógio do Tempo? No Capítulo 6, aprendemos que as três dimensões do "espaço" de um *continuum* espaço-tempo quadridimensional são comprimento, largura e altura. Elas são cabalisticamente representadas pelos números de Letras. Alfa e de Palavras do alfabeto inglês. Essa é a LEI. Mas sua dimensão de

"tempo" — a esfera circular unidimensional na qual o cubo tridimensional do espaço está encapsulado — é identificada com o número do *Tarô* daquela palavra ou frase em particular. Portanto, se desejarmos representar astrologicamente as casas no grande Relógio do Tempo, seria razoável seguir o mesmo exemplo e designar essas casas do "tempo" na ordem numérica das cartas do Tarô, não na ordem ABC do alfabeto inglês.



Figura 107
A 20ª carta do Tarô (a letra inglesa X)

Mas antes de entrar nessa fascinante discussão, vamos rever as duas curvas matemáticas que representam o movimento por meio de um *continuum* espaço-tempo: a ciclóide, na forma da letra "B", e a curva senoidal em forma de "S". Os procedimentos matemáticos que trazem essas duas curvas à manifestação são demonstrados nas Figuras 108 e 109 e, se colocarmos "U" entre as duas, o resultado seria o "BUS" [Ônibus] que levaria você daqui até ali.

Ciclóide é a curva matemática gerada por um ponto na circunferência de um círculo (ou uma roda) conforme ela rola por uma linha reta. Duas revoluções completas da roda traçam então a letra inglesa B, sendo a parte reta da letra representada pelo plano sobre o qual ela rola. É uma *curva*

senoidal é gerada pela função matemática ($y = \text{sen } x$), que demonstra o movimento serpentino de uma onda movendo-se pela superfície da água ou o modo como a energia de uma estrela é transmitida pela vastidão do espaço. A primeira representa o movimento das partículas de matéria e a segunda o movimento das ondas da energia, mas ambas estão ligadas pelo movimento circular do tempo.



Figura 108
A Ciclóide da Roda da Fortuna (a letra B)

Esse fato é originado pela relação muito definida que existe entre as cartas do Tarô para a Roda da Fortuna (a letra B) e o Mundo (a letra J). A Roda da Fortuna (Carta 10 do Tarô) é mostrada na Figura 14. Ambas as figuras referem-se ao Zodíaco, visto que nos quatro cantos de cada carta estão os Divinos Vigilantes — os quatro Seres Vivos místicos de Ezequiel, representando os quatro signos fixos de Touro, Leão, Escorpião e Aquário. Mas os signos fixos não têm monopólio sobre essas "Criaturas Vivas", já que cada um dos outros oito signos tem um tipo similar de símbolo. Portanto, há aqui um mistério aue deve ser resolvido.

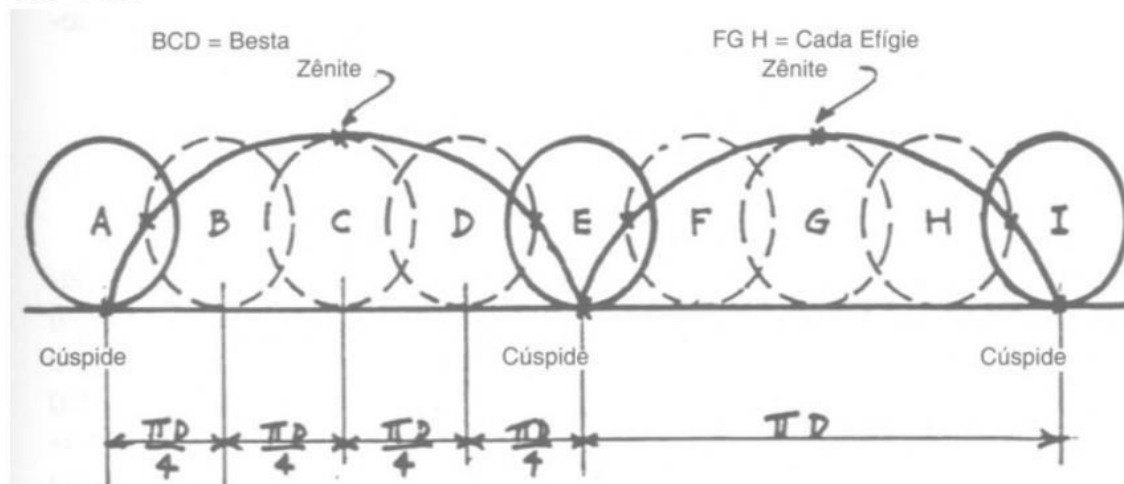


Figura 109
A Curva Seinoideal da estrela (a letra S)

A resposta é encontrada na Figura 108, que representa a ciclóide da Roda da Fortuna. Você vai notar que as cúspides da curva cruzam a linha da base nas vogais, deixando que o corpo principal da curva seja representado pelas consoantes. De fato, há três consoantes entre cada vogal, indicando os três signos em cada quadrante do Zodíaco. As vogais, portanto, poderiam representar pontos no eixo da roda, em torno dos quais giram os 12 signos do Zodíaco. Se estendermos a Figura 108 por 360 graus, a seguinte análise seria o resultado:

B-C-D			F-G-H		J-K-L		N-O-P	
A	E		I		M		Q	
Beast			Efígie		Chacal		Aberto	
			Cada				Trança, fila	

O J-K-L é obviamente Hermes Anúbis, o *deus com cabeça de chacal* que fica no signo fixo de Aquário (Homem). E caberá a ele *open each beast effigy* [Abrir cada efígie de besta] nos outros signos fixos de Touro (o Touro), Leão (Leão) e Escorpião (o Escorpião/Serpente/Águia). Como ele faz isso? Ele abre o próprio Zodíaco, para que ele possa ser receptivo às novas vibrações da Era de Aquário. O *Webster* define "Trança" como uma mecha de cabelos entrelaçados usada na parte de trás da cabeça. "Queue" é também uma longa fila de pessoas ou veículos. Uma olhadela na Figura 105 (a carta do Tarô para o Mundo) mostrará que nosso "Q" não é nada menos que o caminho do Eclíptico, a grande pista de corridas no céu em torno da qual os planetas, e mesmo a própria Terra, estão constantemente se movendo.

A Figura 110 quebra o Relógio do Tempo em dois períodos distintos de 12 horas: as 12 horas do dia, das 6h às 18h, que são regidas pelo Sol, e as 12 horas de escuridão, das 18h às 6h, regidas pela Lua. Os signos do Zodíaco do Espaço são representados pelas áreas circulares bidimensionais de cada face do relógio, sendo que as letras de A a L representam a órbita do Sol (uma vez que a letra O está faltando no grupo) e as letras de M a X representam a órbita da Lua (pela mesma razão dita antes). As áreas das duas faces do relógio, portanto, representam o Zodíaco do espaço.

Mas vamos agora olhar nosso relógio a partir do aspecto do tempo. As horas do dia e da noite no grande relógio do tempo não são áreas bidimensionais, mas uma linha circular bidimensional medida pelos dígitos em torno de sua circunferência. Se considerarmos que o ciclo de 24 horas inicia-se ao meio-dia (12h), a dimensão do tempo deve mover-se em uma ciclóide das 12h às 18h, que se torna sua cúspide, e completa a segunda metade da ciclóide às 0h, meia-noite. A viagem de volta da meia-noite ao meio-dia será também uma ciclóide, mas virada para a direção oposta. Junto, o ciclo completo de 24 horas manifestará o verbo BE [Ser].

Por outro lado, se considerarmos o tempo como o movimento em ondas da energia em vez do movimento de partículas da matéria (como nos

ponteiros de um relógio), as primeiras 12 horas do ciclo de energia seriam positivas ou horárias, e as últimas 12 horas desse ciclo seriam negativas ou anti-horárias (como na curva senoidal da Figura 109). Nesse caso, o ciclo completo de 24 horas do tempo teria a forma de duplo "S" da figura "8". Se a primeira fosse o símbolo do "EU SOU", a segunda seria o símbolo do "EU NÃO SOU".

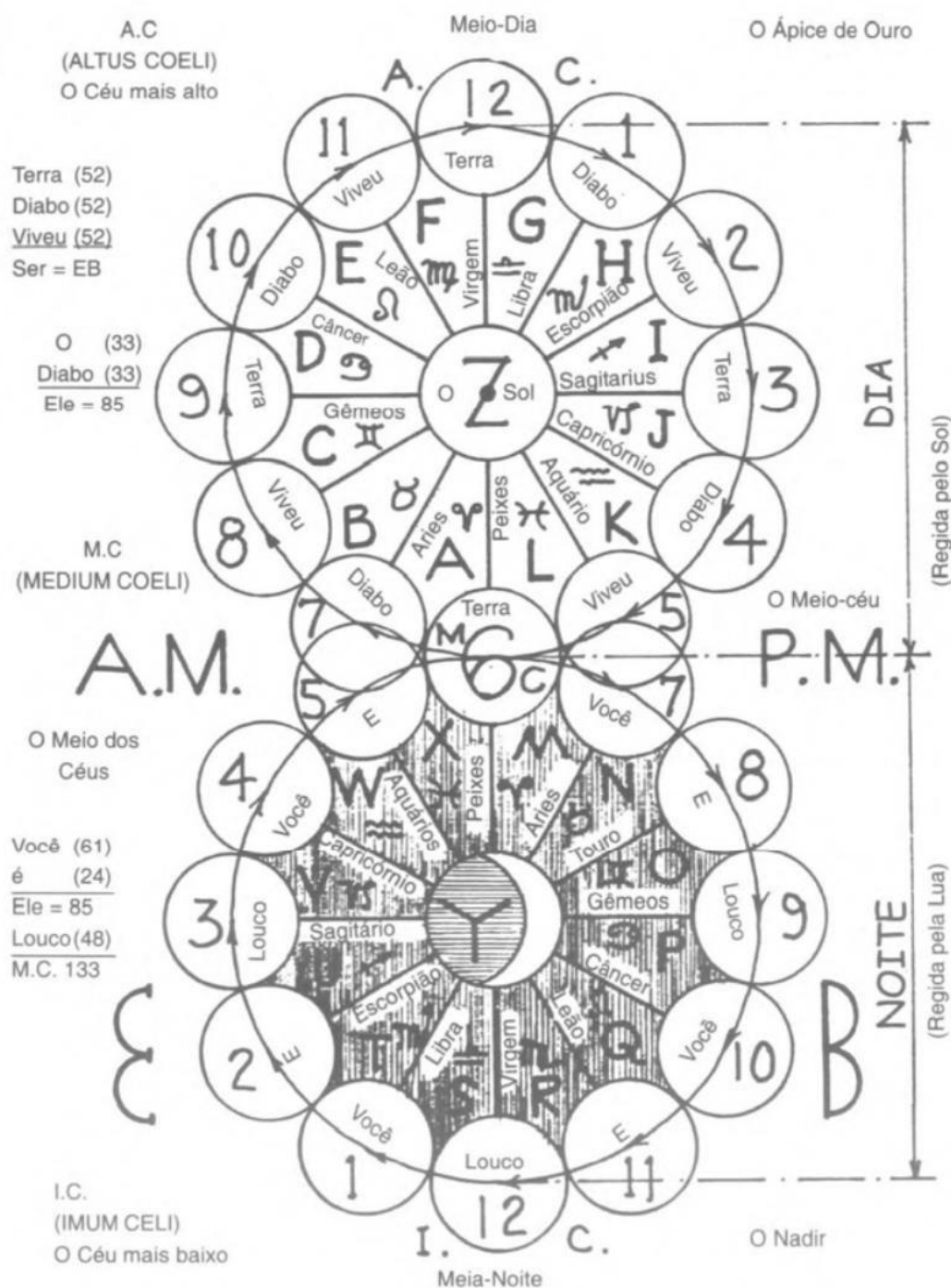


Figura 110

Vamos agora olhar os símbolos das cartas do Tarô que representam as horas em nosso relógio universal do Tempo. Como mencionamos anteriormente, essas "casas" do tempo estão na ordem numérica do Tarô, e não na ordem ABC do alfabeto inglês. A seguinte tabela lista o símbolo apropriado para todas as horas do dia ou da noite. É interessante notar que na conjunção de 6h e 18h na Figura 110 a combinação de letras resultante seria o número romano VC (95) ou CV (105), os números Alfa de "A Rainha/ Imperatriz" ou "O Mundo".

Carta do Tarô	Nome	Letra	Hora
1	O Mago	I 1h	1h
2	A Grande Sacerdotisa	F 2h	2h
3	A Imperatriz	Z 3h	3h
4	O Imperador	A 4h	4h
5	O Hierofante	E 5h	5h
6	Os Amantes	V 6h	6h
7	O Cano	W 7h	7h
8	Força	Y 8h	8h
9	O Eremita	H 9h	9h
10	A Roda da Fortuna	B 10h	10h
11	Justiça	G 11h	11h
12	O Enforcado	N MEIO-DIA	12h
13	Morte	M 13h	13h
14	Temperança	T 14h	14h
15	O Diabo	D 15h	15h
16	A Torre	R 16h	16h
17	A Estrela	S 17h	17h
18	A Lua	C 18h	18h
19	O Sol	O 19h	19h
20	Julgamento	X 20h	20h
0	O Louco	U 21h	21h
21	O Mundo	J 22h	22h
11	O Rei	K 23h	23h
12	O Cavaleiro	L MEIA-NOITE	24h

Na Figura 11 mostramos um disco padrão de 12 horas com as 24 horas equivalentes em duas voltas no mesmo disco; a faixa externa representa as horas da manhã e a faixa interna, as horas da tarde. Os signos numéricos do Zodíaco são mostrados na Terra central em torno da qual o Relógio do Tempo gira. A Figura 111 poderia ser comparada ao Zodíaco do Espaço da Figura 104, pois um é o complemento do outro.

Fica bem claro que a intenção das cartas do Tarô era representar as horas dos dias quando analisamos os seguintes dados. Por exemplo: a letra inicial de *Noon* [Meio-Dia] é *N*, o símbolo do Enforcado (Carta 12 do Tarô). Da mesma maneira, *Meia-Noite* é representada pela letra *L* (Cavaleiro),

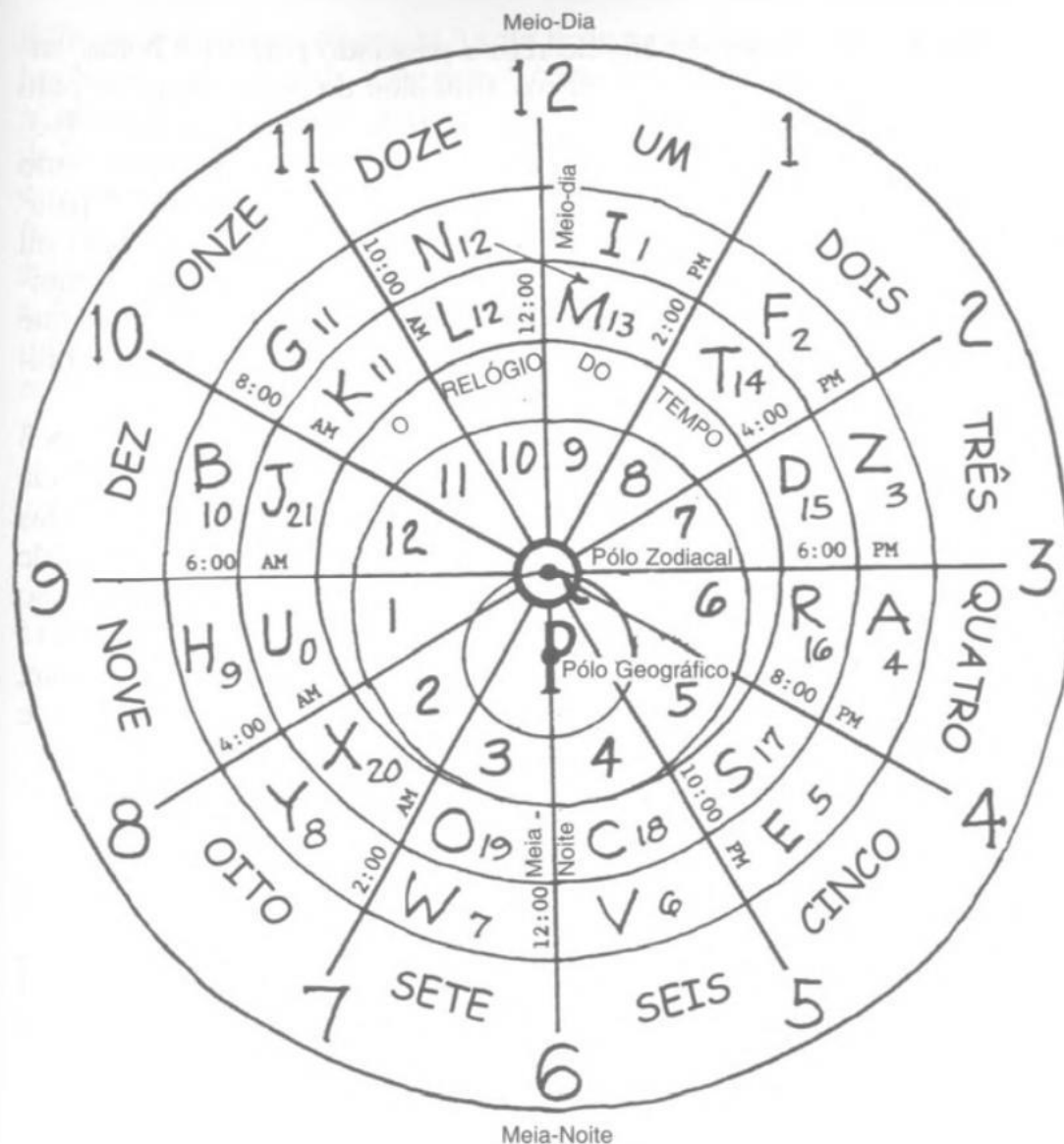


Figura 111
 As casas no Relógio do Tempo representadas pela ordem numérica das cartas do Tarô

seguida por um "M". Os dois símbolos para as 12 horas são N-L, que podem ser lidas como "Nulo", um sinônimo para *Nada* ou *Zero*.

Então, à 1 hora, temos as letras I-M, que se convertem para o número 913, o valor hebraico de *Berashith*, a primeira palavra da *Bíblia* que significa "No princípio". Seus símbolos opostos às 7 horas são as letras O-W e, juntas, fazem a declaração "I MOW" [Eu ceifo]. O *Webster* define a palavra "ceifar" como cortar com uma segadeira ou com uma foice ou unia máquina; matar ou destruir em grande número sem piedade, como quando uma arma poderosa *ceifa* a vida de civis desarmados. Em outras palavras, significa passar por cima ligeira e decididamente. Não é essa uma descrição perfeita para a Morte. a letra M?

Fazendo uma curva em ângulo reto e passando para as 4 horas, encontramos as letras R-A. Esses são os símbolos da Torre atingida pelo relâmpago e do Imperador. Oposta a elas, às 10 horas, estão as letras B-J, que representam a Roda da Fortuna e o Mundo. Lendo-se o diâmetro como uma única entidade, as letras declaram que elas "JAR B" (a Roda). A palavra "Jar" [Chocalhada] é definida como sofrer uma severa vibração ou uma sacudida repentina, um estado de discórdia ou conflito e um rompimento desagradável da harmonia da Roda. Mas não é exatamente isso que se espera com uma quadratura em seu mapa? Juntas, essas quatro vibrações formam uma grande cruz mutável com os signos zodiacais.

A quadratura do diâmetro das 6 às 12 horas é o diâmetro das 9 às 3 horas. As 9 horas estão as letras H-U, que representam "Each You" [Cada você]. Opostas a elas, às 3 horas, estão as letras D-Z, que podem ser lidas como "Dizzy" [Tonto]. Assim, você provavelmente terá uma sensação de rodopio na cabeça, com tendência a cair ou ficar mentalmente confuso nesse instante. Mas isso é o que se podia esperar quando o Enforcado (a letra N) ou os Amantes (a letra V) estão em quadratura. E, obviamente, você certamente deve ficar "tonto" quando pensa que está constantemente girando em torno da Roda da Vida, dia após dia após dia.

A Precessão dos Equinócios e o Ano Platônico

Como todos os corpos celestes estão constantemente se movendo em torno de *algo* — e não faz diferença se é uma luz, um planeta, uma estrela, uma galáxia ou qualquer outra coisa —, a localização desse objeto celestial nunca é realmente fixada. Porém, como a vida inteira de uma pessoa não passa de um instante na vida do Cosmos, para fins práticos poderíamos dizer que as estrelas e constelações são fixas, já que podemos usá-las como pontos de referência segundo os quais a vida no planeta Terra é medida.

Mas certamente não podemos dizer o mesmo em relação ao Sol, o centro de nosso sistema solar atual. Por exemplo: é evidente que uma estrela retornará ao mesmo ponto do céu, como o meridiano, após uma volta da Terra em torno de seu eixo. Mas será que podemos dizer o mesmo quanto ao Sol? Não, não podemos, pois, no tempo que leva para que a Terra complete uma revolução em torno de seu eixo, o próprio Sol terá se movido cerca de 1 grau pela Eclíptica. Portanto, a Terra deve rodar um pouco mais para que esteja novamente de frente para o Sol. Essa rotação extra leva cerca de 4 minutos (ou 3 minutos e 56 segundos, para ser exato). Veja a Figura 112.

A Figura 112 serve para dois propósitos. Primeiro, mostra o movimento do Sol como descrito antes, e segundo, mostra como o horóscopo médio é construído de acordo com a convenção astrológica. Um horóscopo sempre olha para o sul, com o meio-dia no Meio-Céu (MC ou Medium Coeli) e a meia-noite no IC ("Fundo do Céu" ou Imum Coeli), ao norte. A

linha do horizonte é chamada Ascendente e representa o eixo horizontal do horóscopo passando do leste para o oeste. O nativo cujo horóscopo estivesse sendo traçado estaria então no alto do globo, no Meio-Céu (a definição de Meio-Céu ou MC é a intersecção do meridiano da pessoa com a Eclíptica) e o Sol estaria *na ponta do ponteiro das horas de um relógio de 24 horas*. Assim, 6h no mostrador do relógio representaria o horizonte oriental e 18h ficaria no horizonte ocidental. Porém, a hora verdadeira do nascente e do poente pode variar em uma hora a partir desses valores teóricos. As únicas vezes em que seriam exatamente as mesmas ocorreriam nos equinócios, quando dias e noites têm o mesmo tamanho.

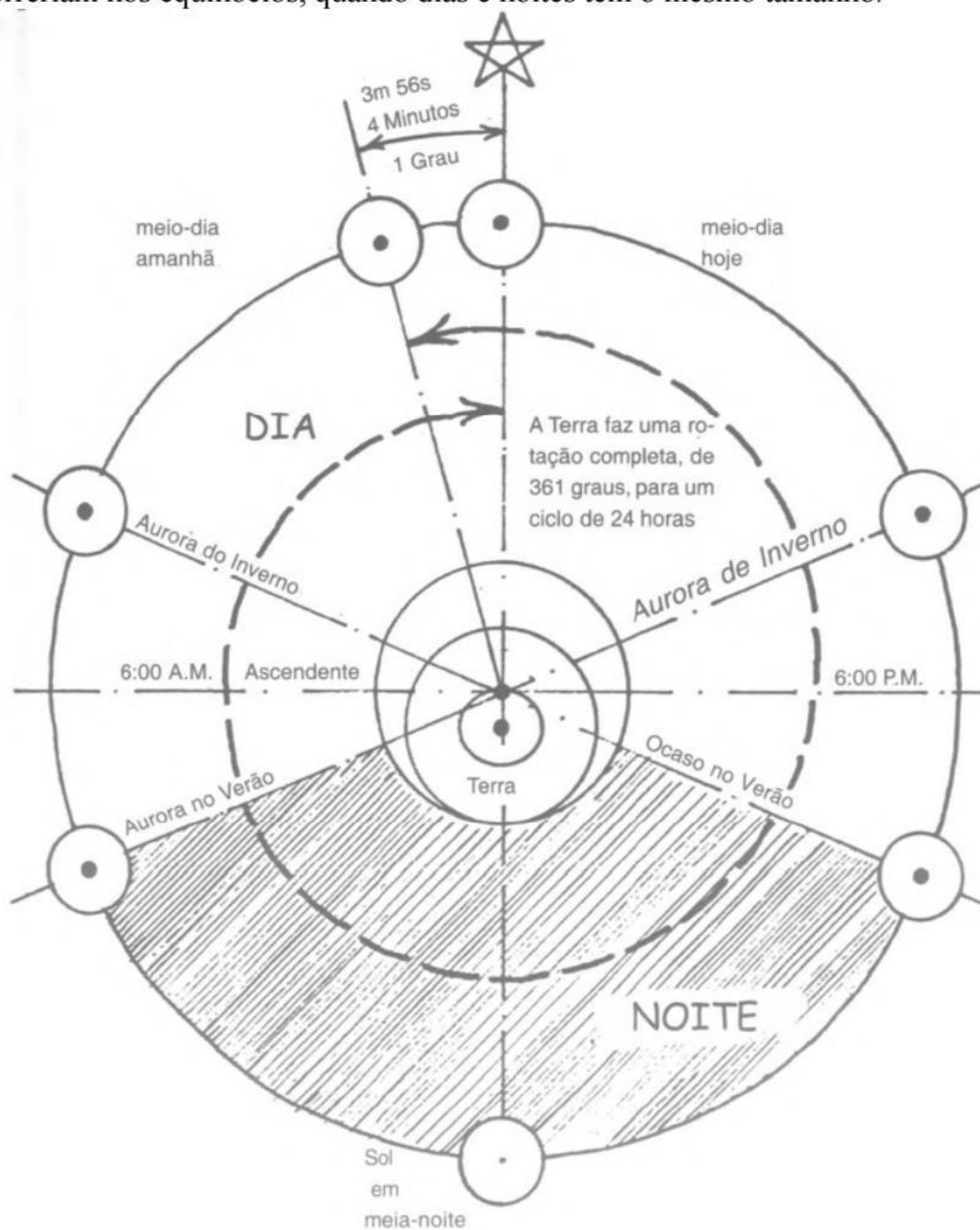


Figura 112
O avanço do Sol em um único dia

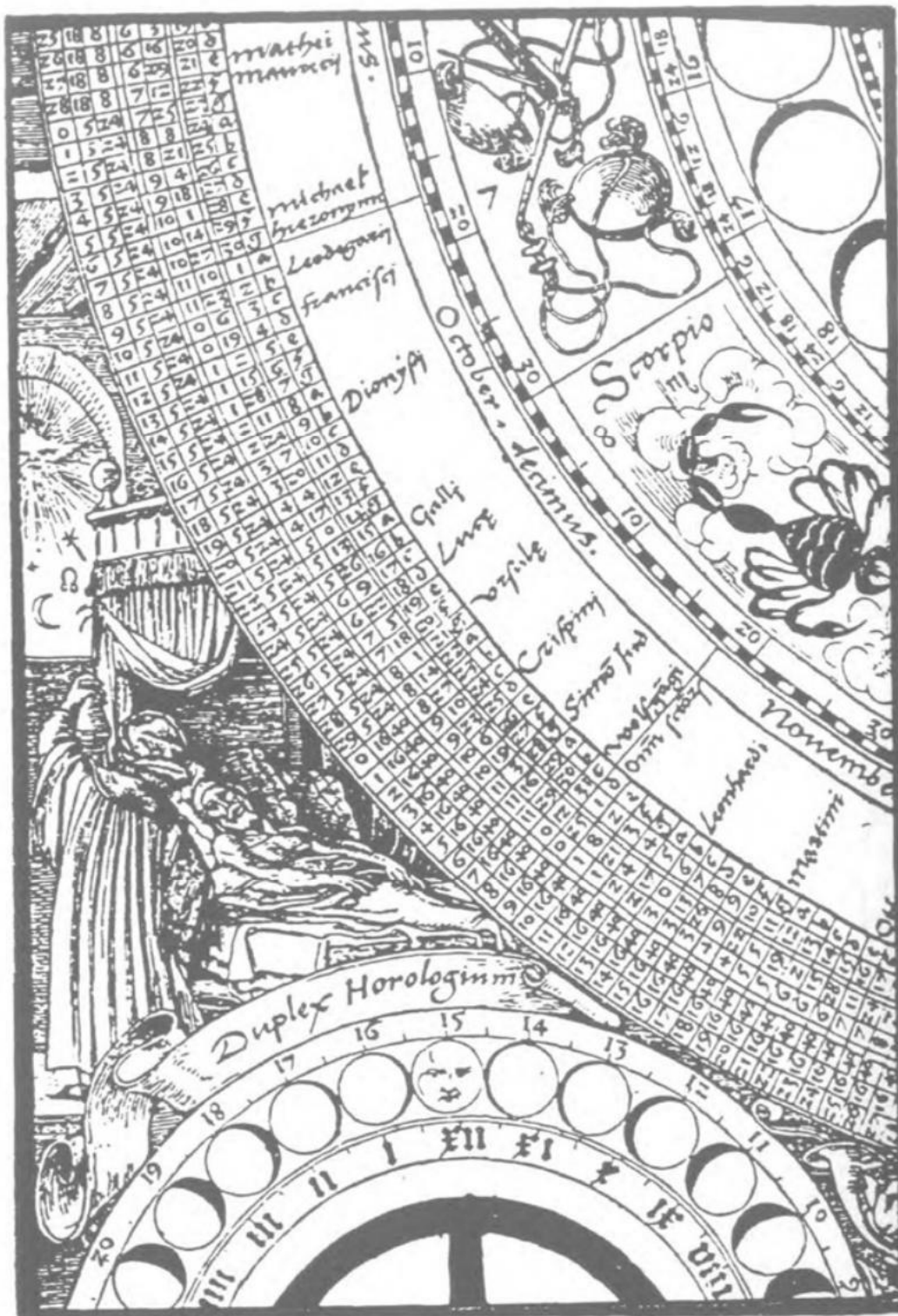


Figura 113
 Rodas dentro de rodas dentro de rodas
 (O físico-astrólogo, gravura do Kalendertafel por Hans Holbein, 1534)⁷⁰

70. A figura 113 foi tirada de *Astrology, the Celestial Mirror* (fig. 20 desse livro). Ver nota 64.

Esse movimento do Sol de cerca de 1 grau por dia conforme viaja em torno da Eclíptica (a que chamaremos microcosmo) tem sua correspondência na escala macrocósmica da própria Eclíptica. A cada ano, no Equinócio de Primavera, o Sol cruza o equador e move-se do hemisfério sul da esfera celestial para o hemisfério norte. Isso é designado pelo Primeiro Ponto de Áries (0° de Áries) e ocorre por volta de 21 de março a cada ano. Mas esse ponto não é constante no que diz respeito às constelações. Na verdade, esse ponto equinocial move-se ao longo da Eclíptica, do oeste para o leste, cerca de 50 segundos de arco a cada ano. Portanto, na escala microcósmica, esse ciclo precessional de 50 segundos angulares por ano leva cerca de 26 mil anos. Esse é o chamado ano platônico ou grande ano.

Vamos olhar para esses números cabalisticamente. Há 21.600 minutos angulares em um círculo (360 X 60). Mas isso é numericamente o mesmo que dez vezes o diâmetro da Lua em milhas (2.160 milhas). Esses números são transliteradas como UFO ou UFOs [OVNI ou OVNIS]. Mas se multiplicarmos o número de minutos angulares em um círculo por 60, descobriremos que há 1.296.000 segundos angulares em um círculo, que, se colocados em torno de sua circunferência, poderiam ser transliterados como "I FOOL" ou "FOOL + I" [Eu Louco ou Louco + Eu]. Assim, aqui vamos nós de novo, você e eu, os símbolos cabalísticos do nono signo, Sagitário (ver Figura 104).

Podemos calcular o número de 26 mil anos do ano platônico com mais precisão com as seguintes equações:

$$\frac{1.296.000 \text{ segundos}}{50 \text{ segundos/anos}} = 25.920 \text{ anos} = \frac{129.600}{5} = \frac{\text{LIF } 00}{\text{E}}$$

Descobrimos, assim, que o ano platônico não apenas tem 25.920 anos, como também "BE IT" [E isso]. Ademais, descobrimos que "Isso" é a LIFE [Vida] Infinita (00) do "LOUCO & EU".

A próxima questão a ser respondida é quanto tempo realmente perde-se a cada ano como resultado dessa precessão dos equinócios. A diferença de tempo pode ser calculada simplesmente subtraindo-se o comprimento de um Ano Tropical (de Equinócio a Equinócio) do comprimento de um Ano Sideral (de trânsito estelar a trânsito estelar). O cálculo vem a seguir."

	Dias	Horas	Minutos	Segundos	Decimal
Ano Sideral Estrela para Estrela)	365	6	9	9,5	365,25631 dias (de
Ano Tropical (entre equinócios)	365	5	48	46	365,24220 dias
Diferença real em Tempo	20 m	23.5 s			0,01411 dias
		T	WE		O N K

71. A figura 114 vem da *Enciclopédia Larousse da Astronomia*, de Lucien Rudaux e G. De Vaucouleurs New York, Prometheus Press, 1959), p. 40. Os cálculos dos tamanhos exatos do ano vêm da p. 35 do mesmo volume.

Se lermos cabalisticamente esse intervalo de 20 minutos e 23,5 segundos, descobrimos que é WET [*Úmido*] e deve se referir a água. Como os quatro elementos seguem a ordem Fogo, Terra, Ar, Água, Fogo, etc., o intervalo equinocial deve representar o movimento do Fogo (Áries) para a Água (Peixes) e o Ar (Aquário). Isso fica ainda mais evidente se lermos os segundos e as partes decimais do intervalo. Descobrimos que há um EON (um longo período ou Era) entre as letras W e K (WorK, *Trabalho*), os dois símbolos do signo de Aquário (ver Figura 104). Mas Aquário é um signo de ar, posso ouvir você dizer. E verdade, mas é também o *portador de água* (um homem carregando um cântaro de água). Portanto, a água que ele traz é a *chuva* que cai do ar de Aquário e que acaba por encher todos os mares e oceanos no signo de Peixes.

Se tomarmos como média para o comprimento de um ano o número de 365,25 dias, descobrimos que há 525.960 minutos por ano ($365,25 \times 24 \times 60$). Esse número (525.960) pode ser transliterado como "E BE IFO" (IFO: Objeto Voador Identificado). Assim, os OVNI's dos minutos angulares de um círculo (Objetos Voadores Não identificados) são agora identificados por seus minutos correspondentes em *tempo*.

Além disso, como os 20 minutos e 23,5 segundos de um intervalo equinocial convertem-se para o valor decimal de 20,391666 minutos, podemos calcular o valor final ajustado para o comprimento de um ano platônico da seguinte maneira:

$$\frac{525.960 \text{ minutos/ano}}{20,391666 \text{ minutos}} = 25.792,89 \text{ anos} \\ \text{BE GIN I}$$

Para converter o 2,8 do número para a letra N, simplesmente usamos o número de sua Palavra de Deus, que é 28 (Man [Homem] = 28 = N). Esse valor é obviamente o valor correto do comprimento de um ano platônico, que a maioria das publicações científicas afirma ser de 25.800 anos. Mas o mais importante no número que conseguimos é a resposta quase inacreditável da Consciência de Deus, que é onde "I BEGIN" [Eu começo].

Cada signo precessional concede certas características ao período de dois mil anos que governa. A Era do Carneiro precedeu a Era dos Peixes dos últimos dois mil anos e, antes disso, foi a Era do Touro. Atualmente, o Equinócio de Primavera está na fronteira entre as constelações de Peixes e Aquário, o que significa a alvorada da tão anunciada Era de Aquário. É interessante notar que o diâmetro da Lua (2.160 milhas) é aproximadamente igual ao número de anos que cada signo do Zodíaco permanece no Ascendente.

Esse aspecto sincronístico dos números talvez relacione-se ao fato de que são os impulsos gravitacionais do Sol e da Lua que causam a precessão dos equinócios. Isso, por sua vez, tende a alterar a direção do eixo da Terra. Assim como o eixo de um pião tende a se afastar da vertical, também o eixo da Terra está inclinado 23,5° em relação à perpendicular. Mas o pião

leva apenas alguns segundos para completar seu balanço ou movimento cambaleante, enquanto que o período equivalente para a Terra é de 26 mil anos.

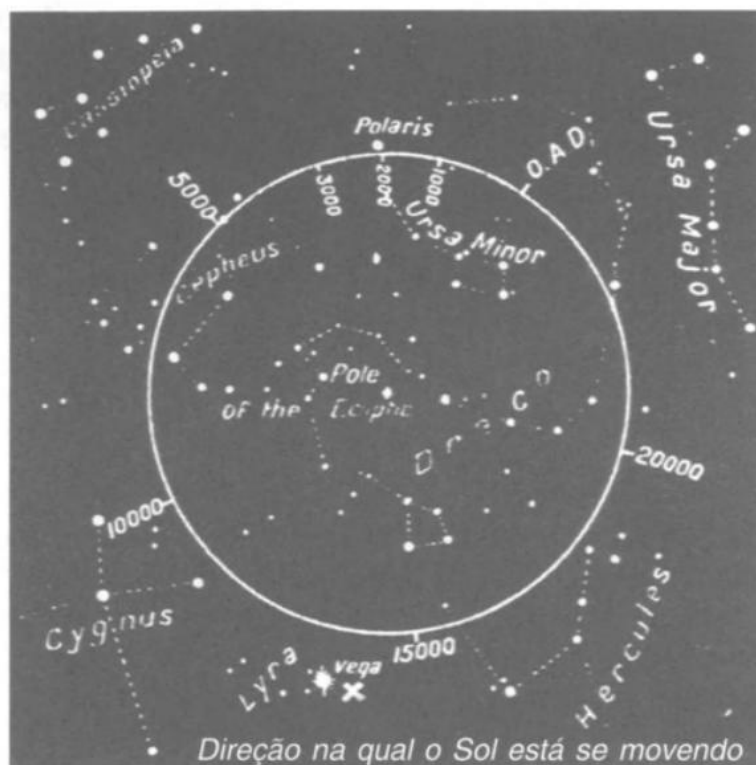


Figura 114
O caminho do pólo geográfico durante um círculo precessional completo de 25.920 anos⁷²

O prolongamento de cada extremidade do eixo da Terra traça um círculo entre as estrelas. Esse é o caminho do pólo geográfico durante o período de 26 mil anos do ano platônico (ver Figura 114). No centro desse círculo está o pólo norte zodiacal. E do mesmo modo como o pólo zodiacal gira em torno do pólo norte geográfico a cada 24 horas, assim o pólo geográfico gira em torno do pólo zodiacal a cada 26 mil anos (71).

A Estrela Polar tem sido a estrela do pólo há apenas umas poucas centenas de anos. No tempo de Colombo, o eixo da Terra apontava para 3,5° de distância dessa estrela, mas agora está a apenas um grau e, no ano de 2100, estará à distância mínima de apenas meio grau. Depois, o Pólo Norte geográfico vai afastar-se da Estrela Polar e outras estrelas tomarão seu lugar como estrelas polares. A mais brilhante será Vega, que estará a cinco graus de distância do pólo em 14 mil d.C.

72. Ibidem

Voltando à outra direção, chegamos a Thuban (Alfa do Dragão). Essa era a estrela polar no grande período egípcio; seu ponto mais próximo do Pólo foi em 2800 a.C. Mas quando estava a cerca de $3,5^\circ$ do Pólo (3500 a.C. ou 2100 a.C.), um observador que estivesse no fundo da Passagem Descendente da Grande Pirâmide podia ver Thuban cruzando o meridiano abaixo do Pólo todas as noites durante esses períodos. E se voltarmos ainda mais, digamos, a 24000 a.C., nossa atual Estrela Polar estava novamente guiando a vida das pessoas do planeta Terra. É um mundo pequeno, não é mesmo?

Capítulo 11

O Sistema Solar e Seus Planetas

Damos agora olhar para os próprios planetas, os "viandantes", como eram conhecidos pelos antigos, porque a palavra *planeta* na verdade significa "estrela viandante". Os caldeus, que foram os primeiros a registrar seus movimentos em tábuas de argila (por volta de 3000 a.C.) chamavam-nos cinco bodes selvagens, porque, em meio ao mar de estrelas espalhadas pelo céu, havia apenas cinco, além do Sol e da Lua, que mostravam algum movimento real. Esses cinco planetas, os únicos visíveis no sistema solar, acabaram por receber os nomes de Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno.

Aqueles antigos sacerdotes caldeus (a que com frequência nos referimos como babilônios ou sumérios) observavam os céus a cada noite e, ao longo dos séculos, classificaram e registraram as características distintivas de cada planeta em tábuas que ainda existem hoje. Eles observavam a trajetória dos planetas e calculavam sua distância em relação à Terra. Deduziram mesmo que a Lua era, de longe, o corpo mais próximo de todo o céu. Observaram o brilho, a cor e o tamanho de cada um dos planetas e essas características externas foram gradualmente associadas aos deuses da cosmogonia caldaica.

Os deuses representavam os arquétipos da existência humana, os modelos originais a partir dos quais os humanos vieram a se formar. Os caldeus passaram, então, a relacionar eventos terrenos com os fenômenos celestiais. Assim, a vida na Terra dependia diretamente das divindades (os planetas), mas de um modo meio indireto. Os planetas inclinavam-se a moldar o destino do humano, mas o próprio homem era o principal responsável por seu próprio destino. Por exemplo, o deus *Sin* (a Lua) governava a fertilidade ou a força vital, fazendo assim a vegetação e os seres crescerem. Ele era ajudado por Shamash (Utu), o deus do Sol, que produzia calor e luz. Assim, os planetas representavam os próprios deuses, ou seus mensageiros, mas ainda cabia a cada forma de vida individual usar a ajuda deles a seu modo e como

parecesse adequado. Estranhamente, essa é a mesma filosofia professada hoje pela Astrologia.

E também interessante notar que não importa para onde você vá sobre a face do globo, de uma civilização para outra, normalmente o mesmo tipo de simbologia é associado aos mesmos planetas. A única exceção é a divindade lunar, que algumas vezes é masculina e outras feminina. Os deuses possuem o mesmo significado essencial e refletem os mesmos modos idênticos de experiência. Há uma história compartilhada, a história da alma humana, a que o psicólogo dr. Carl Jung* refere-se como "inconsciente coletivo".

Os gregos levaram esse pensamento ainda mais longe e deram a cada dia da semana o nome de sua divindade planetária apropriada. Domingo (*Sunday*, "dia do Sol") recebeu esse nome em honra de Apolo, o deus da luz, da cura, da música, da poesia, da profecia e da beleza varonil. Apolo era também o deus Sol dos romanos e o mesmo deus que se manifestara 3 mil anos antes na Assíria, embora fosse então conhecido como Shamash, o complemento do Utu sumério. Mas, mesmo na época, era o mesmo, porque podemos cabalisticamente transformar "Utu" nas palavras inglesas "You too" [Você também].

Segunda-feira (*Monday*, "dia da Lua"), recebe o nome da Lua e representa a dualidade, em oposição à unidade do Sol. Aqui, descobrimos a razão pela qual a Lua é às vezes masculina e às vezes feminina; esse é o ciclo infinito do "homem na Lua". O equivalente romano da grega Artemis é Diana, a deusa da caça e a protetora das mulheres.

O terceiro dia da semana é terça-feira, que recebe o nome de Marte, o deus romano da guerra. As letras de seu nome (MARS, em inglês) podem ser rearranjadas como RAMS [Carneiros], o símbolo do signo de Áries, por ele regido. Mas se removermos o "I" de ARIES teremos ARES, o deus equivalente dos gregos. Grande parte da destruição no plano da Terra é atribuída a esse deus, que utiliza a ação da batalha em vez das palavras da diplomacia para conseguir um resultado.

Quarta-feira recebeu o nome de Mercúrio, o antigo deus romano que serve como mensageiro dos outros deuses e que é também o deus do comércio, do furto, da eloquência e da ciência. Na Grécia ele era conhecido como Hermes, no Egito seu nome era Toth e na Mesopotâmia (Babilônia) ele era Nabou, o divino escriba, o senhor da ciência e da palavra escrita.

O quinto dia da semana é quinta-feira, que recebeu o nome de Júpiter, o benevolente rei dos deuses que tem também o apelido de "Papai Noel" do Céu. Ele é também o deus do trovão, do tempo e das colheitas. Os gregos o conheciam como Zeus e, na Noruega, ele era conhecido como Thor. Ele é o maior e mais aterrador de todos os planetas, com exceção do Sol, e a simbologia relacionada a esse deus tão magnífico é a mesma em toda parte.

*N.E.: Sugerimos a leitura de *Blake, Jung e o Inconsciente Coletivo — O Conflito entre a Razão e a Imaginação* de June Singer, Madras Editora.

Sexta-feira, o sexto dia da semana, recebe o nome de Vênus, a deusa romana do amor e da beleza. Ela é a primeira estrela que você vê de manhã e a primeira da noite e sua simbologia também é universal. Era chamada Afrodite pelos gregos, Astartéia pelos fenícios, Ishtar pelos assírios e tinha nomes similares na Índia e na China, mas é sempre associada à primavera, jardins e à beleza.

O último dia da semana é sábado (*Saturday*) e relaciona-se a Saturno, o antigo deus romano da agricultura que governou a Terra durante uma era de felicidade e virtude. Mas isso não tem muito a ver com o planeta Saturno, diz você. Saturno faz-nos passar por testes de tempos em tempos e não gostamos deles. Claro que não. E por isso que ele é chamado professor cósmico, para que a humanidade possa novamente obter o estado elevado do qual decaiu. Ele é sempre representado como um velho sábio e, na Grécia, é conhecido como Cronos, simbolizado às vezes como o pai tempo. Mas vamos olhar a Mitologia. Cronos (Saturno) era um Titã, de uma família de gigantes. Era filho de Urano e em certo momento ele destronou seu pai e tomou o lugar dele na mais alta posição dos céus. Mas ele não podia ficar ali para sempre e seu próprio filho Zeus (Júpiter) acabou por fazer a Cronos (Saturno) a mesma coisa que este fizera a Urano. Todos os

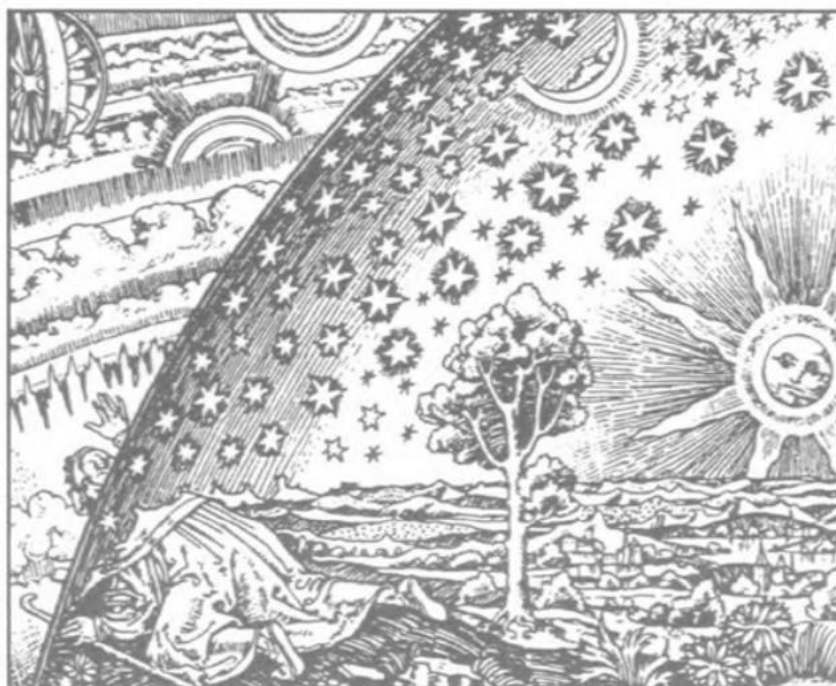


Figura 115

*O sistema do mundo de acordo com algumas das idéias predominantes da Idade Média: acima do horizonte o céu forma uma abóbada cravejada de estrelas. Mas um viajante curioso enfia a cabeça pela abóbada e descobre o complicado mecanismo que regula o movimento.*⁷³

73. A figura 115 vem da *Enciclopédia Larousse de Astronomia*, de Rudaux e De Vaucou Ieur, (Neew York, Prometheus Press. 1959), p. 4.

planetas além da órbita de Marte são Titãs, ou seja, planetas de um tamanho muito maior que os planetas interiores. Portanto, ao longo do "tempo", é destino de todos esses planetas exteriores moverem-se para a mesma posição no espaço que seu pai ocupara anteriormente.

Mas como isso é realizado? Quais são as leis que governam o movimento dos planetas? Na Figura 115 descobrimos um viajante inquiridor enfiando a cabeça pelo domo do céu no esforço de descobrir o mecanismo que o faz funcionar. Mas esse obviamente não é o jeito certo de fazê-lo; o mundo teve de esperar que Johannes Kepler, um astrônomo/astrologo alemão do início do século XVII, pusesse isso em pratos limpos.

Leis de Kepler sobre o Movimento dos Planetas

Johannes Kepler (1571 – 1630) era tanto astrólogo quanto astrônomo. Em 1602 publicou *De Fundamentis Astrologiar Certioribus* (As Bases mais Acertadas da Astrologia), que sustentava o ponto de vista predominante de que as estrelas guiavam a vida dos homens, aceitando ao mesmo tempo o sistema astronômico de Copérnico. Sua habilidade em predição astrológica estava muito em voga e ele preparou horóscopos para muitas pessoas importantes, até para o imperador. Porém, seu verdadeiro amor era a Astronomia e encontrar a solução para o enigma do sistema solar.

Seu livro *Mysterium Cosmographicum* (Mistério Cosmográfico), publicado em 1596, tentava provar a relação entre os cinco sólidos platônicos e o número e a distância dos planetas. Mas naquela época pensava-se que a órbita de todos os corpos celestes devia ser circular, porque o círculo era a forma perfeita, e nada que não fosse perfeito podia ser permitido nos céus. Porém, estava claro que os planetas não poderiam se mover em torno da Terra (ou do Sol) em perfeitos círculos, em velocidades uniformes. Os planetas não tinham um movimento regular; algumas vezes paravam, viravam e se moviam para trás em moção retrógrada, antes de continuar seu movimento para leste.

Portanto, existe realmente um mistério e Kepler propôs-se a resolvê-lo. Após cálculos longos e complexos, baseados nas observações do astrônomo dinamarquês Tiho Brahe, para quem trabalhou pouco antes de sua morte, Kepler rompeu com a teoria circular e provou que as órbitas dos planetas eram elipses, e não epiciclos, a única alternativa. Ele anunciou as primeiras duas leis do movimento planetário em *Astronomia Nova* de 1609 e a terceira em *De Harmonice Mundi* (Harmonia do Mundo), de 1618-19. As três leis são descritas a seguir e ilustradas na Figura 116.

1. Todos os planetas movem-se em órbitas elípticas. O Sol fica em um dos focos da elipse e o outro foco é vazio.
2. O vetor de raio, ou a linha imaginária que une o centro de um planeta ao centro do Sol varre áreas iguais em tempos iguais. Se ele move-se de B para C na Figura 116 no mesmo tempo que leva para se

mover de D para E , a área do triângulo $A-B-C$ deve ser a mesma do triângulo $A-D-E$. Em outras palavras, um planeta move-se em maior velocidade quando está mais perto do Sol.

3. A razão entre o *cu*bo da distância média de um planeta até o Sol e o *quadrado* de seu período sideral é sempre constante (o período sideral é o tempo que leva para que um planeta complete uma órbita em torno do Sol. No caso da Terra, o período sideral é de 365,25 dias). Essa regra é chamada também de razão $3/2$.

A Figura 116 mostra também um método alternativo para desenhar uma *elipse*, o que é especialmente útil quando se conhece apenas o comprimento dos eixos grande e pequeno. Normalmente você colocaria uma tachinha em cada foco e giraria um pedaço de barbante em torno deles. Mas às vezes é difícil conseguir que o movimento do barbante tenha o comprimento exato. Um método alternativo é desenhar dois círculos, sendo os diâmetros o eixo maior e o menor da elipse. Desenhe então uma série de linhas radiais cortando os círculos em T e R . Linhas horizontais e verticais ao longo desses pontos e paralelas aos eixos se cruzarão no ponto P , que é um ponto na elipse. Trinta ou 40 linhas radiais podem ser desenhadas sem nenhuma confusão e uma elipse acurada é o resultado.

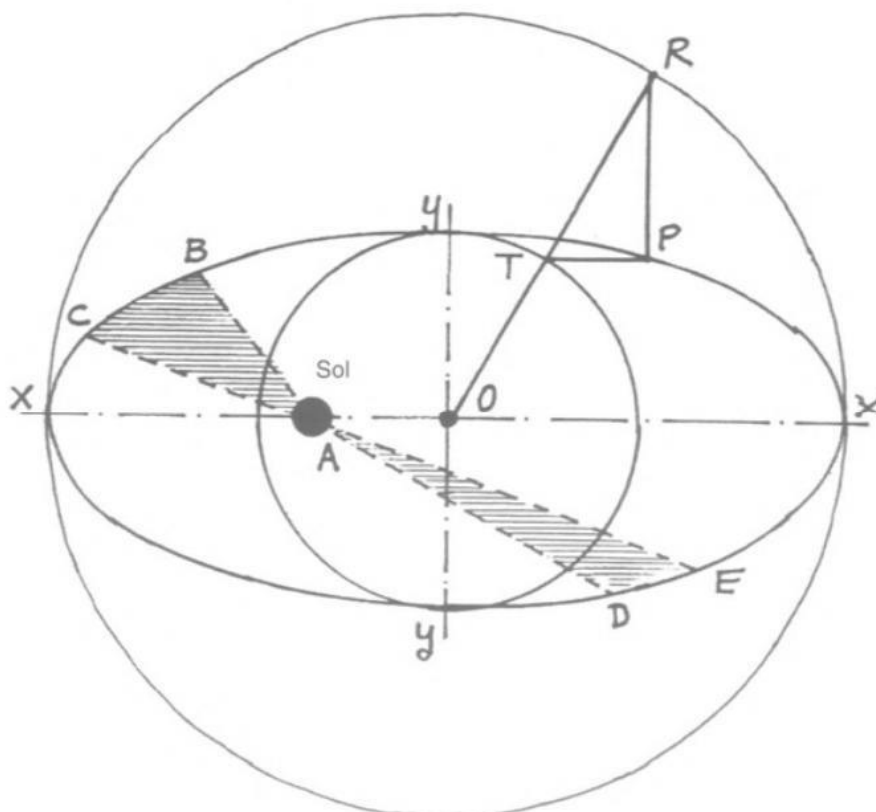


Figura 116
Um diagrama das leis de Kepler

Deve-se notar que o principal objetivo do livro *De Harmonice Mundi* (Harmonia do Mundo) de Kepler, publicado em 1618-19, era a exposição de um grande sistema de harmonias celestiais resultantes das diversas e variadas velocidades dos muitos planetas, não necessariamente o simples anúncio daquilo que agora a ciência chama de terceira lei do movimento planetário. Essa foi quase um subproduto da real intenção e propósito de seu tratado, que era relacionar o movimento elíptico dos planetas a intervalos musicais. Essas relações geométricas, cujos alinhavos podem ser rastreados em seu primeiro livro, mais de 20 anos antes, pareciam a Kepler descobertas não menos admiráveis do que a descoberta dos três conjuntos de leis que levam seu nome.

Segue-se a isso, então, que podemos ter perdido algo no caminho. Teria ele descoberto ainda uma lei, igualmente válida, mas que permanece oculta em seus escritos e que a ciência ainda não aceitou? Talvez, especialmente se prestarmos atenção às datas em que esses trabalhos foram publicados. As primeiras duas leis foram publicadas em 1609, que se translitera como Pi (T), a razão entre a circunferência de um círculo e seu diâmetro. A terceira lei foi publicada em 1618 ou 1619 (fontes diferentes citam datas distintas), mas de qualquer forma fica bastante óbvio, do ponto de vista cabalístico, que esse número deve representar o Número Aureo Phi (1,618...), a Divina Proporção, o complemento de Pi. Assim, além das três leis do movimento planetário, poderia muito bem haver uma quarta lei da harmonia matemática, que de alguma forma se relaciona aos números Pi e Phi.

Definitivamente, é necessário mais pesquisa.

As Órbitas dos Planetas em Torno do Sol

Vamos agora passar às órbitas reais dos planetas e ver se podemos determinar algo cabalisticamente interessante sobre eles. Na Figura 117 está a Eclíptica, que além de ser o caminho aparente do Sol ao longo dos 12 signos do Zodíaco, é também a órbita real da própria Terra. A Figura 117 mostra, portanto, como o Sol, como é visto a partir da Terra, passa pelos signos das constelações do Zodíaco da mesma maneira como a Terra, vista do Sol, passa por esses mesmos signos. Então, a Eclíptica, estritamente falando, é o caminho da Terra assim como do Sol, sendo a única diferença que a Terra e o Sol são sempre diametralmente opostos um ao outro. Por exemplo: no Equinócio de Primavera, a 21 de março, quando o Sol está entrando no signo de Áries, a Terra está na verdade entrando no signo de Libra, etc. A Terra está sempre em oposição ao Sol e assim será até o fim dos tempos.

Em 2 de julho a Terra está à maior distância do Sol (152 milhões de quilômetros) e, em 31 de dezembro, o último dia do ano, está mais perto (147 milhões de quilômetros). Os números 152-147 podem ser lidos como "O BAD G", com o "BAD" [Mau] entre o Sol (O) e a Justiça (G). Estaria o "Mau" no planeta Terra? A Cabala parece inferir isso. Ademais (e isso é

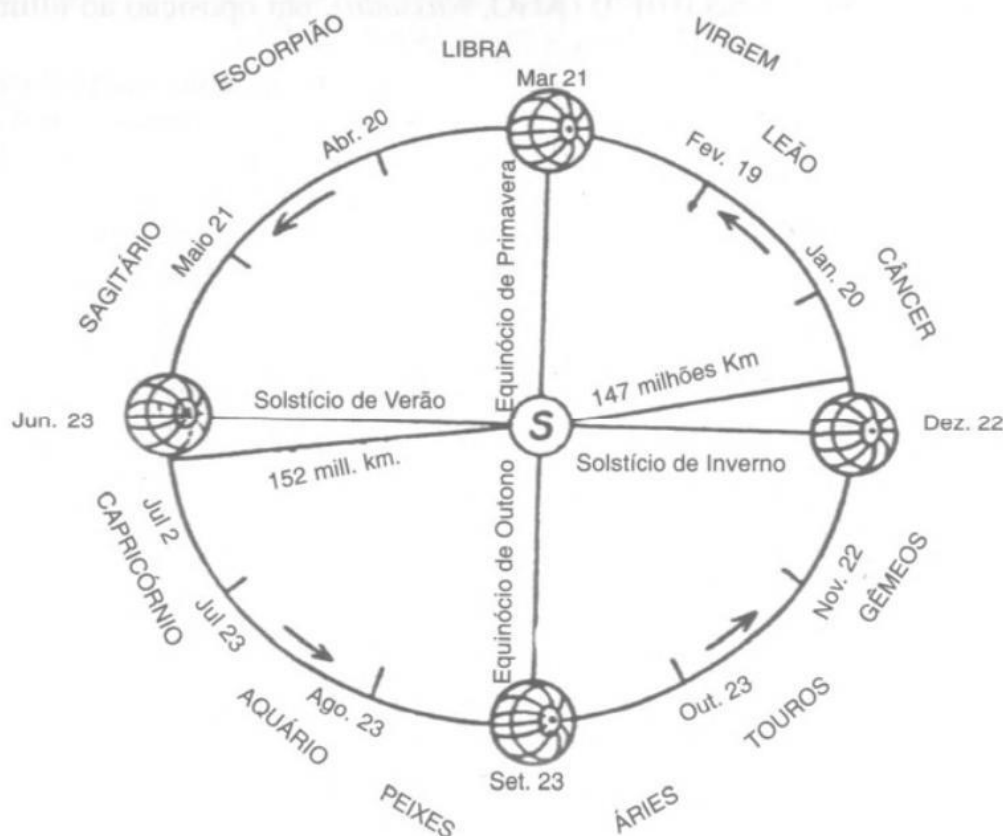


Figura 117
A Eclíptica: a órbita da Terra e/ou do Sol⁷⁴.

de fato impressionante), a distância média da Terra ao Sol é o valor médio entre esses dois números, ou seja, 149,5 milhões de quilômetros. Esse número é transliterado como A DIE [A Morre], que é exatamente o mesmo número, e a mesma mensagem, do valor total das 22 letras do alfabeto hebraico (1.495)! O que isso realmente significa fica a critério da imaginação de cada um, mas, à luz do que descobrimos no início do capítulo, a letra A poderia representar os ponteiros de hora e minuto de um relógio, simbolizados pelo Sol e pela Lua. E, nesse caso, a morte de "A" significaria uma conjunção do Sol e da Lua, quando os ponteiros do relógio se sobrepõem e tornam-se "1".

A Figura 118 mostra as estatísticas vitais restantes da órbita elíptica da Terra em torno do Sol. Esses números são auto-explicativos e não precisam de mais interpretação. Porém, se você comparar a órbita elíptica da Terra com a secção transversal elíptica ao longo de seu corpo físico, descobrirá que o caminho da eclíptica está muito mais próximo de um verdadeiro círculo do que a circunferência da Terra de pólo a pólo. A excentricidade

⁷⁴. As figuras 117 e 119 são da brochura *Sean-Globe a/s* de Hammond (Dinamarca), 1979), pp. 15 e 18.

do primeiro é de apenas 0,0170 (AGO, *Passado*), em oposição ao último que é de 0,081820 (OVRT). Veja a Figura 88.⁷⁵

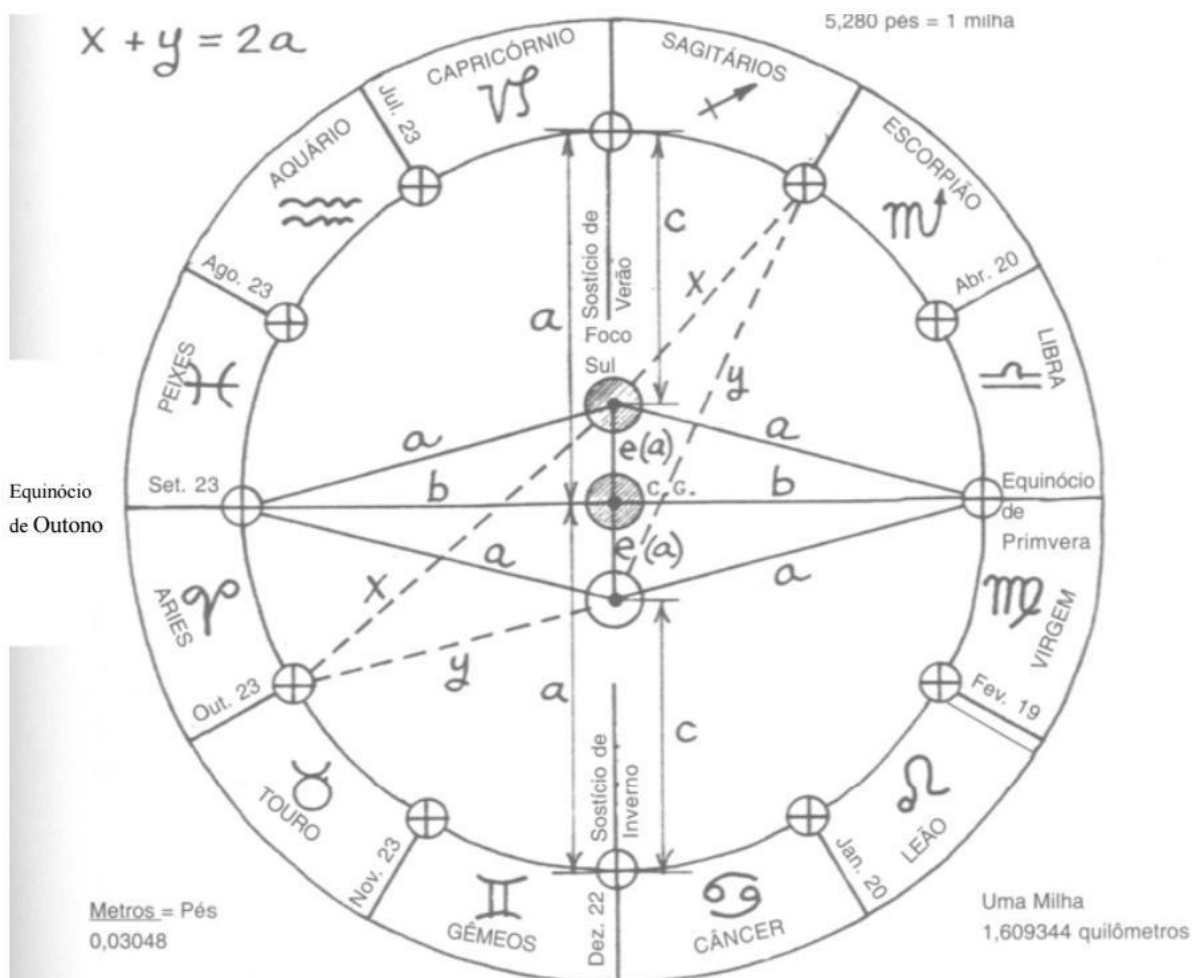
Porém, esses números ainda têm mais uma interessante interpretação cabalística. Eles fazem notar que a Eclíptica relaciona-se ao passado (AGO), enquanto o planeta Terra é associado a THOR, o deus norueguês do trovão, da chuva e da lavoura. Assim, o carro de *Thor* torna-se a própria *Terra*, que a Mitologia escandinava nos conta ser puxado por *cabras* (Capricórnio), enquanto Thor brande seu poderoso martelo *Miölnir* (a Lua) e corre em torno da Eclíptica há muitas eras no *passado*. MIÖLNIR é o nome do martelo de Thor e suas letras podem ser rearranjadas como "LION RIM" (*Aro do Leão*), cujo número Alfa é 90, o mesmo de "A Lua", a letra C. Mas THOR é também o defensor de uma raça superior de deuses chamada AESIR (ARIES). E não é Leão o regente de Áries?

Porém, antes do final da saga, Thor está destinado a matar e ser morto pela *Serpente Midgard* (uma serpente que fica enroscada ao redor do mundo com a cauda na boca). E quem é a "Serpente Midgard"? O número Alfa de "midgard" é 56 e o de "Serpent" [Serpente] é 97. Se colocarmos os números lado a lado, obtemos 56-97, que é transliterado como "E FIG", que significa a Figura "E". Isso não faz nenhum sentido verdadeiro até que somemos os dois números, obtendo 153, que pode ser lido como O-C, os símbolos do Sol e da Lua, os ponteiros de hora e de minuto de nosso relógio, cuja conjunção soletraria a morte de "A".

Essa é, portanto, a "Serpente Midgard", e se você quiser saber mais sobre ela pode encontrar seu retrato nas duas faces do relógio da Figura 110. A parte da manhã do relógio tem definitivamente a forma da figura "E" e o *meio* do relógio (6 horas da manhã e da tarde) de fato "Guarda" a serpente. Ali está ela, enrolada em torno do Sol, que representa as horas do dia, e em torno da Lua, que representa as horas da noite. Mas uma *serpente*, devemos lembrar, normalmente move-se na forma da curva senoidal ou da letra "S" e não como a ciclóide ou letra "B", o que nos leva a mais um mistério que ainda precisa ser resolvido. Quanto mais nomes adicionamos ao quebra-cabeças, mais complicado ele fica, mas acho que vocês terão de concordar que as peças se encaixam muito bem.

Vamos então nos afastar da Terra e olhar para o sistema solar como um todo. A Figura 119 mostra as órbitas e os períodos siderais de nove dos planetas conhecidos, de Mercúrio a Plutão. Embora as órbitas planetárias sejam elípticas, a maioria delas é quase circular. Como acabamos de ver, a Terra tem uma excentricidade orbital de apenas 0,0170. De todos os planetas, apenas Plutão tem uma órbita acentuadamente elíptica, embora as de Marte e de Mercúrio sejam mais excêntricas do que a da Terra.

75. Os valores dados na figura 118 vêm da *Enciclopédia Britânica* e/ou *The New Concise Atlas of the Universe* (New York, Rand McNally and Company, 1978). Este último é especialmente recomendado para estudos mais aprofundados do universo em que vivemos.



Constantes Geométricas:

	Símbolo	Milhas	Quilômetros
Diâmetro Distância máxima (da Terra até o Sol)	$2(a) - c$	94.537.000	152.142.554
Distância mínima (da Terra até o Sol)	c	91.377.000	147.057.027
Distância média (da Terra até o Sol)	a	92.957.000	149.599.790
Distância do foco	$e(a)$	1.580.000	2.542.764
Distância equinocial (da Terra até o Sol)	b	92.943.571	149.578.178
Distância média (da Terra até a Lua)		238.840	384.376
Diâmetro do Sol		865.000	1.392.082
Diâmetro Polar da Terra		7.900	12.714
Diâmetro equatorial da Terra		7.927	12.757
Diâmetro da Lua		2.158	3.473

Raios Geométricos

Velocidade Orbital Média
18.5 milhas por segundo
(66 milhas por hora)

Planagem Orbital

$$f = \frac{a - b}{a}$$

$$f = \frac{1}{6.922}$$

Ecentricidade Orbital

$$e^2 = \frac{a^2 - b^2}{a^2}$$

$$e = .0170$$

Figura 118 - A órbita elíptica da Terra em torno do Sol

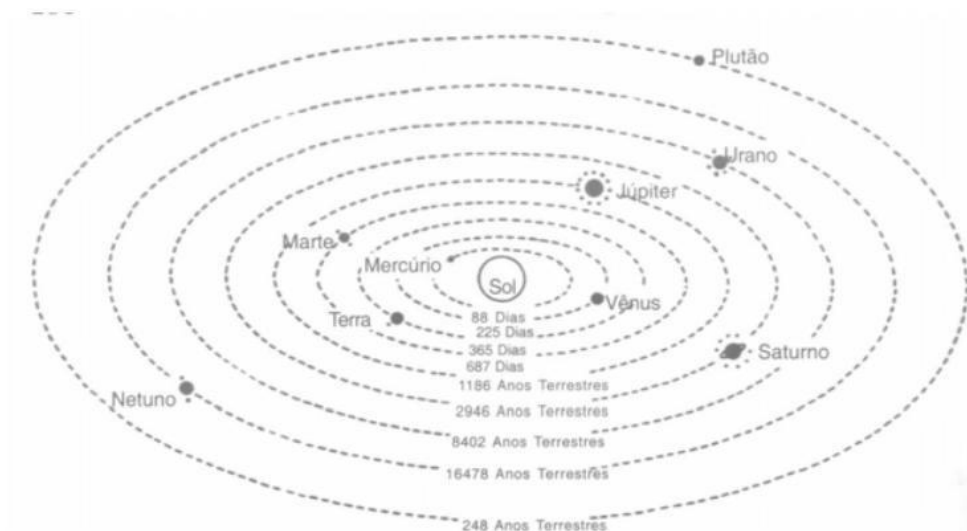


Figura 119
O sistema solar e seus planetas⁷⁷

Também é significativo o fato de todos os planetas do sistema solar (com a exceção de Plutão, que parece pertencer a uma classe-do-eu-sozinho) orbitam o Sol aproximadamente no mesmo plano. Esse é o plano da Eclíptica, que fica exatamente no centro do cinturão em volta do céu a que chamamos Zodíaco. O diâmetro dos planetas, junto com sua inclinação orbital em relação ao plano da eclíptica, está indicado na tabela abaixo:

Nome	Diâmetro Equatorial	Inclinação Orbital
MERCÚRIO	2.951 milhas	7° 0'
VÊNUS	1.700 milhas	3° 24'
TERRA	7.926 milhas	0° 0'
LUA	2.160 milhas	5° 9'
MARTE	4.219 milhas	1° 51'
JÚPITER	88.700 milhas	1° 18'
SATURNO	75.100 milhas	2° 29'
URANO	32.000 milhas	0° 46'
NETUNO	30.800 milhas	1° 46'
PLUTÃO	3.700 milhas	17° 10'

Deve-se notar que, por causa de sua inclinação orbital, metade do tempo um planeta está a norte da Eclíptica e na outra metade ele fica ao sul dela. Os pontos em que a órbita do planeta cruza o plano da Eclíptica são chamados *nodos*. Portanto, como cada planeta tem um nodo descendente e um ascendente, os nodos são os equivalentes planetários dos equinócios do Sol.

O Estranho e Forte Barbante da Gravidade

Vimos como os planetas movem-se em órbitas elípticas em torno do Sol, que está sempre em um dos focos da elipse. Vimos também que o

⁷⁷. Idem nota 74.

modo de desenhar uma elipse é girando um barbante em torno de duas tachinhas, uma em cada foco e, com a ponta de um lápis amarrado no barbante, basta desenhar a elipse do mesmo jeito que se desenha um círculo. A única diferença entre os dois métodos é que a elipse tem dois centros em vez de um. Portanto, digamos que a ponta de nosso lápis represente um planeta. Descobrimos, assim, que o planeta se move como se fosse uma miçanga amarrada em um barbante que está constantemente girando ao redor dos dois focos da elipse.

Mas o que mantém os planetas em movimento? A resposta é uma combinação de duas leis universais. A primeira é a primeira Lei do Movimento de Newton, que afirma que, uma vez que um corpo entra em movimento, permanecerá *movendo-se em linha reta* até que seja detido por uma outra força. E essa outra força é a lei da *gravitação universal*. Essa lei afirma que todos os corpos atraem-se com uma força igual ao produto de suas massas divididas pelo quadrado da distancia entre eles. Assim, se um corpo celeste movendo-se pelo espaço for apanhado no campo gravitacional do Sol, a primeira lei de Newton o manterá em movimento em linha reta, enquanto ao mesmo tempo a lei da gravitação tenderá a puxá-lo em direção ao Sol. O resultado final será que ele entrará em órbita, sempre caindo em direção ao Sol mas sem jamais chegar a atingi-lo, porque seu movimento original o manterá na outra extremidade desse estranho barbante a que ele se encontra atado.

Nas Figuras 120 e 121 reproduzimos as cartas do Tarô para a letra A e a letra Y, porque são particularmente significativas para esta discussão. Por quê? Porque representam os ponteiros do grande Relógio do Tempo. Isso foi estabelecido na página 307 do capítulo anterior, quando mostramos que os arcos Y e A são circumpolares (arcos meridianos) e não equatoriais ou zodiacais. A letra Y (Força) é um arco voltado para dentro a 0° de Áries estendendo-se até o pólo norte zodiacal, em oposição à letra A (o Imperador), que é um arco voltado para fora e que se estende do pólo sul zodiacal até o ponto de 30° em Áries. Essas duas letras representam portanto a Força do Imperador, não apenas porque são os ponteiros do relógio, mas também porque representam o *barbante* que mantém os planetas em sua órbita.

Vamos ver o Nome de Deus para a letra Y. Seu nome é STRENGTH [Força]. Mas um simples rearranjo nas letras fará surgir o nome completo, que é "THE STR()NG". Basta apenas a adição de uma vogal ou vogais para completar o espaço vazio, e assim de fato ela é "THE STR(A)NG(E), STR(O)NG, STR(I)NG(Y) STR(I)NG in which the planets are STR(U)NG."*

N.T.: Trocadilho intraduzível. O significado é "O barbante fibroso, forte e estranho a que os planetas estão amarrados". O autor usou essa mesma expressão para se referir ao "barbante" da gravidade nos parágrafos anteriores.



Figura 120
A quarta carta do Tarô (a letra inglesa A)

Há seis vogais no alfabeto inglês, que são A, E, I, O, U e Y. Se as rearranjarmos de maneira levemente diferente, descobriremos que fazem esta declaração: "I (am) EA. (each) YOU" [Eu sou cada você].

Na Roda da Vida inglesa de Pi/Phi mostrada na Figura 13, observamos que o alfabeto inglês era construído de forma que as letras com simetria bilateral dividiam a roda nos números 3,1416 (7t) e 1,6181 (0). Mas e quanto às letras inglesas com simetria entre a parte de cima e a de baixo? poderíamos tirar algum sentido delas? Certamente sim, como prova a ilustração da Figura 122. Subtraindo-se as seis vogais do alfabeto de 26 letras, temos 12 consoantes assimétricas e oito consoantes com simetria entre a parte de baixo e a de cima.

O passo seguinte no problema é colocar essas letras na posição apropriada na Roda Zodiacal. Como há 12 letras assimétricas, elas obviamente representam os 12 signos do Zodíaco. Como as letras J-K-L representaram o deus de cabeça de chagal em nossos glifos anteriores, vamos seguir o mesmo exemplo e começar uma rotação *no sentido horário* com a letra J



Figura 121
A 8ª carta do Tarô (a letra inglesa Y)

em Peixes. Esse arranjo deve ser correto, já que agora somos informados de que o "J-K-L (Jackal) P-Q (Pick) R-T (Right) B-C-D (Beast) F-G (Effigy)" [O Chacal escolheu exatamente a efigie da besta]. E o Chacal é, obviamente, Hermes Anúbis.

As oito letras com simetria entre a parte de cima e a de baixo devem representar, portanto, os oito pontos da bússola. Assim, temos as letras S (Sul), N (Norte), W (Oeste) e M (Leste). Se virarmos a letra W de cabeça para baixo, ela se torna a letra M (a Morte do Carro). Na verdade, precisamos de dois Vs para conseguir a simetria da letra X, mas uma vez que o símbolo representa os Amantes (ou seja, dois), acho que não podemos ser demasiadamente criticados por esse leve infringir das regras. Essas letras são colocadas então nos quatro pontos intermediários da bússola e eis nosso glifo completo.

As vogais podem ser colocadas onde se pareçam encaixar. A letra O (o Sol) é obviamente o símbolo correto para um dos focos e designamos a Tetra E (o Hierofante) para o foco vazio. Se dermos à distância entre os

dois focos o nome da letra I, o comprimento total do "barbante" será "STRENGHT + I" [Força + Eu]. Isso deixa à letra U (o Louco) a tarefa de ser aquele que aprende as lições no aro da grande Roda da Vida.

A letra A (o Imperador) provavelmente representa o CG do sistema ou o centro do eixo maior da elipse, em oposição à letra Y (Força), que é igual a 2(A) ou (x + y) na Figura 118.0 número Alfa de "The Emperor" [O Imperador] (123), quando somado ao de "Stranght" [Força] (111), nos dá como resultado o número 234 ou BCD (Beast, *Besta*). Além disso, o número 111 pode ser lido como "KA = Y" e o símbolo do Tarô para a letra *Kay* (K) é o Rei. Mas não seria o leão, o símbolo principal da carta, também o "Rei das Bestas"?

O Equinócio de Primavera na Figura 122 é designado pela letra M, em oposição ao Equinócio de Outono cujo símbolo é W. Uma vez que o CG da elipse é designado pela letra A, o valor total desses três pontos-chave resulta na palavra "MAW" [Papo de animais]. Mas o que é um *Papo*? O *Webster* o define como as *mandíbulas* de um *carnívoro voraz*, que pode facilmente representar as mandíbulas de nossa "Besta" (agora identificada como o Leão), e que a Grande Sacerdotisa está em processo de abrir e fechar na Carta 8 do Tarô. A simbologia é perfeita, porque as "mandíbulas" da letra A de fato se abrem e fecham nesses dois pontos equinociais.

Uma Visão Geocêntrica da Esfera Celeste

A Figura 123 é um desenho composto dos 12 signos do Zodíaco, os planetas que desde o início dos tempos foram regentes desses signos e os eixos polares geográficos e zodiacais da Terra e da esfera celeste. Ele foi elaborado na tentativa de explicar o raciocínio por trás da chamada "regência" dos signos zodiacais. O falecido astrólogo Carl Payne Tobey mostrou que o significado original de um *regente* era uma unidade segundo a qual algo poderia ser medido (como uma régua, um padrão de medida, etc.). Portanto, provavelmente seria mais correto dizer que Júpiter *mede* Sagitário, em vez da idéia comumente aceita de Júpiter "reinando" sobre Sagitário.⁷⁸

Portanto, parece que o fator de regência empregado pelos antigos envolvia duas coisas: 1) as velocidades relativas dos planetas conforme se moviam pelo Zodíaco, desde o planeta mais rápido (a Lua) até o mais lento (Saturno) e 2) seu caminho aparentemente circular pelo céu por causa da própria rotação diária da Terra. Por exemplo: se os planetas fossem postos no céu nos signos em que regem ou medem (como na Figura 123), seus nodos ascendentes diários estariam à esquerda do eixo polar da Terra, em oposição a seus nodos descendentes 12 horas depois nos signos da direita. Claro que os planetas realmente ficariam nos mesmos signos durante o

78. A figura 123 foi adaptada de um diagrama de *Astrology of Inner Space* de Carl Payne Tobey (Tucson, Arizona, Omen Press, 1973). Veja a página 83 e a figura 15 desse livro.

mesmo dia, sendo seu movimento aparente puramente ilusório por causa da rotação da Terra. Mesmo assim, o efeito geral seria colocá-los em seus signos opostos, a que Tobey chama "signos companheiros" (signos regidos pelo mesmo planeta). A única exceção seria a combinação Leão/Câncer, e mesmo essa não é uma verdadeira exceção porque fica bastante óbvio que o Sol, o regente de Leão durante o dia, é o companheiro da Lua, a regente de Câncer durante a noite. Ambos os corpos celestes têm o mesmo tamanho aparente e na verdade são complementos astrológicos.

Esse sistema, que envolvia a interação dos sete planetas visíveis com os 12 signos zodiacais, funcionava muito bem segundo as observações feitas pelos astrólogos ao longo dos séculos. Por exemplo, quando Marte estava no signo de Áries ou Escorpião, parecia estimular tanto indivíduos quanto nações à ação agressiva. Mas ele não fazia o mesmo quando estava no signo de Peixes. Por outro lado, Júpiter conseguiu afirmar sua autoridade em Sagitário e sua generosidade em Peixes, mas foi desafiado por Saturno nos signos de Capricórnio e Aquário. Disso advém, portanto, que o poder real de um planeta é grandemente influenciado pelo signo em que está.

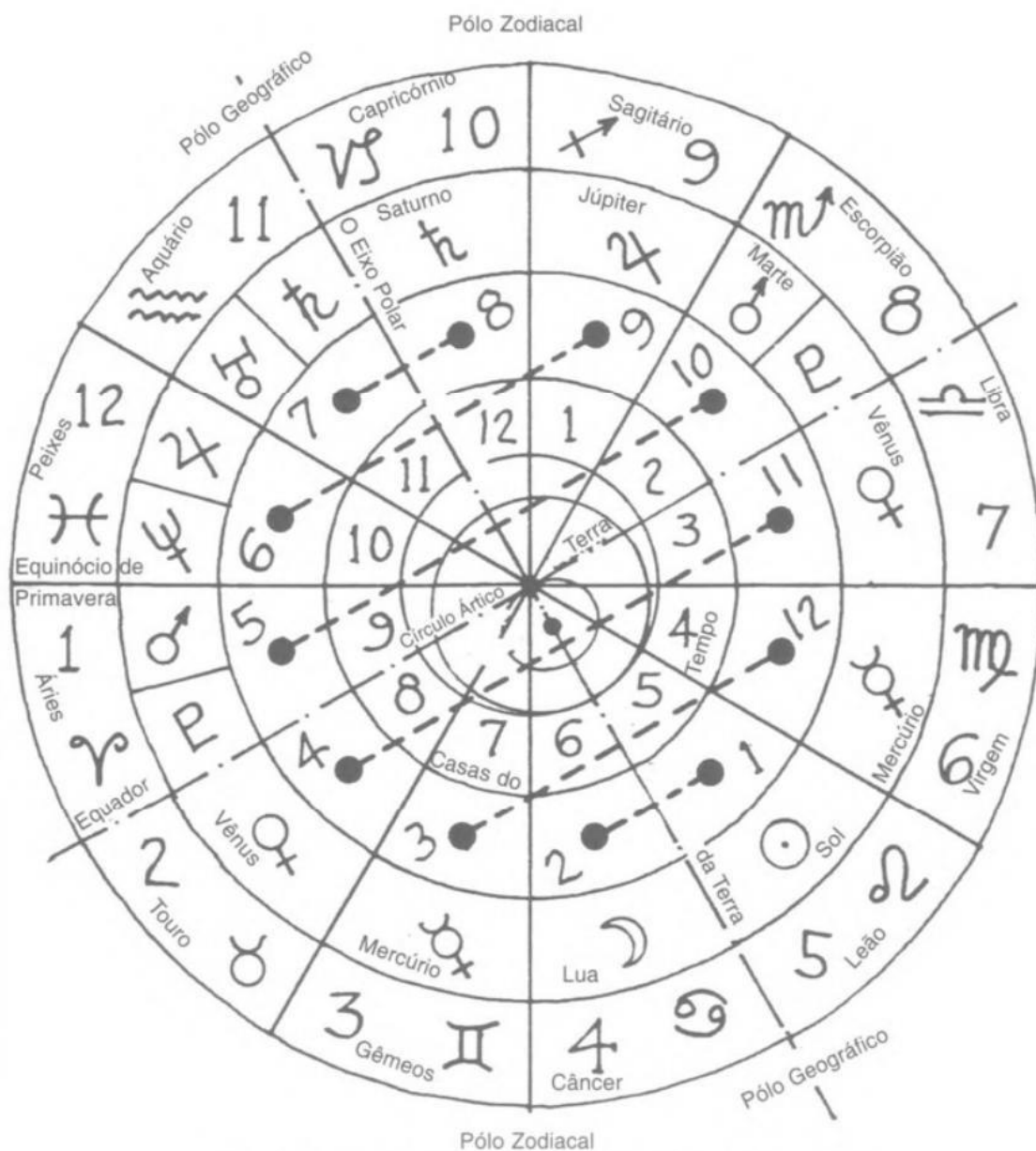
Mas veio então a descoberta de Urano, e Netuno, e Plutão, etc. e, com a descoberta de cada planeta adicional, o sistema tinha de ser revisto. Isso levava necessariamente à dupla regência de alguns signos (mostrados na Figura 123) ou, como sugeriu Nicholas deVore, a uma segunda oitava de planetas que indicavam conceitos mais avançados e maiores possibilidades para os que são receptivos a essas vibrações mais elevadas. Mas para os aspectos pouco disciplinados ou pouco desenvolvidos da humanidade, os resultados também podiam levar ao caos e à destruição.⁷⁹

A Grande Saga dos Titãs

Esse movimento dos planetas conforme avançam pelo grande Relógio do Tempo é melhor explicado e desenvolvido pela Mitologia clássica. Já falamos, neste capítulo, do grande drama cósmico dos Titãs, e agora queremos levar esse pensamento a um plano mais profundo. O primeiro princípio desse drama cósmico foi *Cronos* (Tempo), do qual veio o *Caos* (Espaço infinito) e o *Éter* (os mundos finitos). Assim, os gregos ensinam que "TIME-EMIT SPACE" [Tempo emite espaço], quando invertemos o "Tempo" e o lemos de trás para frente. E, estranhamente, o mesmo pensamento é expresso em inglês.

Mas os mundos finitos em forma de ÉTER também surgiram, dos quais o primeiro foi Géia, a deusa da Terra. Assim, se combinarmos a deusa (GAEA) com o nome de seus mundos finitos (ETHER) podemos transformar cabalisticamente "ETHER-GAEA" em "EARTH (E) AGE" [Terra (e) Era], ou no termo mais universal "THE AGE ERA" [A idade da era].

79. *Encyclopaedia of Astrology*, de Nicholas de Vore (New Jersey, Littlefield, Adams & Company, 1980), pp. 340-344.



Como o espaço natural entre as órbitas dos planetas determina a regência deles sobre os doze signos zodiacais.

Figura 123
O sistema geocêntrico (a Terra no centro)⁸⁰

80. Idem nota 77

Isso originou *Urano* (a personificação do Céu e governante do mundo), que foi o primeiro filho da deusa *Geia*. Ao atingir a maturidade, sua união deu origem aos *Titãs* (uma família de 12 planetas gigantes, seis varões e seis mulheres). Dois deles eram *Cronos* (Saturno) e *Réia*, que juntos tiveram muitos outros filhos, dos quais os mais importantes foram *Zeus* (Júpiter) e *Poseidon* (Netuno).

Mas Cronos (a personificação do Tempo) passou a devorar seus filhos assim que nasciam, o que deixou Réia muito descontente. Por meio de artimanhas, ela salvou a vida de Zeus e Poseidon e os fez serem criados longe dali. Vem em seguida o grande drama cósmico dos Titãs; nós o repetiremos para enfatizar a história. O movimento dos céus acabou por forçar Cronos a usurpar o trono de seu pai Urano e, mais tarde, o fez ser destronado por seu filho Zeus. Mas esse movimento anti-horário dos planetas tem sua vantagens. Quando um dos filhos se move para a posição ocupada por seu pai, o Rei, todos os seus irmãos e irmãs são libertados da barriga do Rei, que os regurgita para um novo ciclo da Roda da Vida. Ademais, quando o percurso dos Titãs acabou, essa ação capacitava os demais planetas menores (Marte, Vênus, Mercúrio, etc.) a ter sua vez e uma posição de poder na Roda.

Esse movimento dos planetas em torno da Terra parece, sob muitos aspectos, com os de um relógio gigantesco, cujos ponteiros das horas e dos minutos fossem, respectivamente, o Sol e a Lua. Como a Lua avança 12 vezes mais rápido que o Sol, obviamente ela completará o círculo no mesmo tempo em que o Sol se move por um ângulo de 30°, ou um signo do Zodíaco. Porém, esse "relógio" anual do Sol e da Lua gira no sentido anti-horário, o inverso do movimento horário do "tempo", permitindo assim que se "emita" tudo o que deve ser emitido (ver Figura 124).

A analogia do relógio é quase perfeita, porque se lermos a palavra CRONUS de trás para diante ela afirma que é o "SUN OR C" [Sol ou C], ou seja, o Sol ou a Lua. Da mesma maneira, se rearranjarmos as letras de SATURN, descobriremos que esse planeta "TURNS A" [Torna-se A]. E quem é "A"? Ele é o próprio Imperador, os ponteiros do gigantesco relógio do Pai Tempo. Portanto, em última análise, descobrimos que é "o Sol ou C" (a Lua) que se "torna A" (os ponteiros do Relógio do Tempo).

Mas essa relação aparentemente "coincidente" entre as velocidades relativas do Sol e da Lua acaba mostrando não ser uma coincidência quando submetemos o nome do equilíbrio dos planetas a uma análise cabalística. Ao comparar os nomes gregos com os nomes romanos, conseguimos obter indícios irrefutáveis de que as teorias aqui apresentadas estão corretas. As seguintes transformações mostrarão o que queremos dizer:

GÉA (GAEA, A AGE [Uma Era]): a deusa grega da Terra e mãe dos Titãs.

URANO (URANUS, SUN Are U [Sol é você]): U RAN US. *You are in us* [Você está em nós] (acento na primeira sílaba). O pai dos Titãs e o governante do mundo.



Figura 124
O movimento dos planetas em torno do Grande Relógio do Tempo

CRONOS (grego) = SATURNO (Romano): SUN OR "C" (Lua) TURNS "A" [Sol ou "C" torna-se "A"] (os ponteiros do relógio). Filho de Urano e Géia, que não apenas destronou seu pai como foi por sua vez destronado por seu filho Zeus (Júpiter).

ZEUS (grego) = JÚPITER (Romano): ZEUS USEZ (Uses) JUPITER to (RE-TIP U) J-ZEUS (Jesus) [Zeus usa Júpiter para saudar Jesus]. O filho de Cronos e Réia. RHEA "ARE H" [São cada]. Zeus é o deus dos céus e pai de diversos outros deuses, semideuses e mortais.

POSEIDON (grego) = NETUNO (Romano): POISED (equilibrado) ON NEPTUNE [Em Netuno]. Filho de Cronos e Réia e irmão de Zeus.

Poseidon é o deus do mar e o mais antigo equivalente de "Zeus, o deus dos céus. Seu símbolo é o tridente.

TITAS (SIT AT "N", [Ficam no "N"]): uma família de gigantes (planetas gigantes), que governavam a Terra até serem derrubados pelos deuses olímpicos (planetas menores).

ARES (Grego) = MARTE (Romano): O deus da guerra. Filho de Zeus e Hera (HERA = HER "A" ["A" dela]. Marte é o regente de *Áries*, o Carneiro.

O que foi dito aqui é apenas uma amostra do que pode ser aprendido com o estudo da Mitologia clássica. Cada nome está prenhe de uma dúzia ou mais de significados escondidos. Mas mais que isso, é espantosa a descoberta de que os antigos já conheciam a presença dos planetas Urano e Netuno cerca de 2 mil anos antes da invenção do telescópio. Definitivamente, mais pesquisas são necessárias.

Uma Visão Heliocêntrica da Espiral Aberta

Vamos agora nos afastar da Terra e concentrar nossa atenção no Sol. Como sabemos, o Sol é o centro do sistema solar; a única razão pela qual a Astrologia coloca a Terra no centro é por não haver outro modo de observar os planetas a não ser a partir da Terra, o planeta em que vivemos. Mas o sistema heliocêntrico (no qual o Sol está no centro) olha os planetas do ponto de vista do pólo zodiacal e, em vez de parecer um círculo fechado, o sistema planetário toma a forma de uma espiral aberta, ficando cada planeta mais longe do Sol de acordo com uma série matemática conhecida como a lei de Bode. As distâncias planetárias são mostradas na tabela abaixo em Unidades Astronômicas (UA), junto com o número Alfa de seus nomes:

Nº de ordem	Corpo celeste	Nº Alfa	Distância de Bode	Distância média em UA
1. SUN [Sol]	54	CG do sistema	0,00	
2. MERCURY [Mercúrio]	103	4 +	0 = 4	0,39
3. VENUS [Vênus]	81	4 +	3 = 7	0,72
4. EARTH [Terra]	52	4 +	6 = 10	1,00
5. MARS [Marte]	51	4 +	12 = 16	1,52
6. ASTEROID BELT [Cinturão de Asteróides]	130	4 +	24 = 28	2,76 (Ceres)
7. JUPITER [Júpiter]	99	4 +	48 = 52	5,20
8. SATURN [Saturno]	93	4 +	96 = 100	9,55
9. URANUS [Urano]	94	4 +	192 = 196	19,2
10. PLUTO [Plutão]	84	4 +	384 = 388	39,6
11. THE UNKNOWN PLANET [O Planeta Desconhecido]	213	4 +	786 = 772	
12. NEPTUNE [Netuno]	95	4 +	1536 = 1540	30,1

Soma Total: 1.149 (AN I) [Um Eu]

Mais indícios da espantosa exatidão da Cabala vêm à tona quando analisamos o verdadeiro valor de uma Unidade Astronômica (AU), que representa a distância média entre a Terra e o Sol. Seu valor é dado na Figura 118 como 95,957 milhões de milhas, que é a média entre 94,537 (a distância máxima) e 91,377 (a distância mínima). Isso representa a letra A (o Imperador) ou metade do eixo maior da órbita elíptica da Terra. Mas como observamos anteriormente, o comprimento total do eixo principal (A) é igual à letra Y (Força). E esse número, imagine só, tem 185,914 milhões de milhas, e pode ser transliterado na palavra "REIN" [Rédea]. O significado dela, de acordo com o *Webster*, é uma corda amarrada a um freio usada por um cavaleiro ou um condutor para controlar um animal. É um *freio*, uma influência restritiva, o poder controlador ou orientador por trás de algo, e é usado para parar ou diminuir o passo de um cavalo ou uma pessoa quando se "puxam as rédeas" — um complemento verdadeiramente magnífico ao *forte e estranho barbante da gravidade*.

De acordo com a lei de Bode, deveria haver também um planeta entre Marte e Júpiter, mas não houve indícios desse planeta até 1º de janeiro de 1801, o primeiro dia do século XIX. Nessa data, o asteroide Ceres foi descoberto, seguido por Pallas, Juno, Vesta, Astréia, etc. E, atualmente, o número de asteroides conhecidos já se conta aos milhares. Esse é o conhecido *Cinturão de Asteróides* e, se a teoria do dr. T. C. van Flandern do Observatório Naval dos Estados Unidos estiver correta, os asteroides são o único indício que resta de um planeta gigante (mais de 90 vezes a massa da Terra) que explodiu naquela órbita entre Marte e Júpiter há apenas 5 milhões de anos! Tome cuidado, planeta Terra, você pode ter a mesma sina.⁸¹

Assim, descobrimos que, se tomarmos a distância média entre a Terra e o Sol como dez em vez de um, há uma excelente correlação entre a verdadeira distância entre os planetas e as distâncias previstas pela fórmula de Bode (a essência da lei de Bode simplesmente dobra o trecho anterior depois de um ajuste segundo a constante orbital de mercúrio, que é quatro). Ou seja, a correlação existe para os primeiros dez termos da série, do Sol até Plutão, que, surpreendentemente, torna-se o décimo planeta da série, e *não* o planeta Netuno.

O planeta Netuno é um enigma. Está em uma órbita que simplesmente não parece estar de forma alguma próxima a qualquer termo da série. De fato, mesmo seu nome, "NEPTUNE", em inglês, afirma que ele

81. Em 24 de agosto de 1977, o dr. T. C. van Flandern do Escritório do Almanaque Náutico do Observatório Naval dos Estados Unidos deu uma palestra em Caltech intitulada "A Former Giant Planet in the Solar System" [Um Ex-Planeta Gigante no Sistema Solar]. Porém, ainda ha muita controvérsia na comunidade científica a respeito da verdadeira fonte dos asteroides.

sabe ser um INEPT TUNE [Uma melodia inepta], inadequado para o momento, o lugar ou a ocasião. O *Webster* define "melodia" como uma sucessão de sons musicais agradáveis, cantiga, se você preferir, mas uma "melodia inepta" é definitivamente *inadequada* para cumprir os requisitos da categoria em que está.

Então qual seria a solução? Poderíamos estar ainda em um dilema, se não fosse o fato de que a *resposta*, assim como o problema, está habilmente escondida no número que representa a verdadeira distância orbital média do próprio Netuno! A tabela anterior mostra que, se considerarmos que a distância entre a Terra e o Sol é de 10 unidades, o planeta Netuno fica a 301 unidades de distância e é nesse número que fica a chave secreta para abrir todas as portas. Devemos lembrar que a Terra não está a apenas 10 unidades do Sol; está, na verdade, a $(4 + 6)$ unidades do Sol. E Netuno não dista apenas 301 unidades do Sol, mas $(4 + 297)$ unidades, revelando assim o segredo do BIG [Grande] "4" (a órbita de Netuno), em oposição ao *pequeno* "4" (a órbita de Mercúrio).

Após essa introdução, estamos prontos para estudar adequadamente o arranjo em espiral aberta dos planetas conforme são mostrados na Figura 125. O primeiro quadrante começa com o Sol, cuja verdadeira casa está no CG do sistema solar, mas que aparentemente começa sua manifestação a 0° de Áries, no Equinócio de Primavera. Seu mensageiro (Mercúrio) começa então sua órbita a 0° de Touro, seguido por Vênus a 0° de Gêmeos e nosso minissistema Terra/Lua a 0° de Câncer. Esses são os planetas que constituem o ímpeto inicial 1-2-3-4 da força vital ao longo do primeiro quadrante do sistema solar. É interessante notar que o espaçamento dessas órbitas iniciais proposto por Bode é tal que a direção da força vital que se move de Mercúrio para Vênus está muito próxima à vertical (apenas cerca de meio grau de desvio).

Como cada intervalo sucessivo entre as órbitas é aproximadamente o dobro do intervalo anterior, os dois quadrantes seguintes da espiral entre a Terra e Júpiter e entre Júpiter e Plutão não são desenhados em escala mas comprimidos no espaço disponível. A forma geral de espiral da força vital foi, porém, mantida. Mas o que fazemos com o Cinturão de Asteróides? Por que símbolo esses 40 mil planetas, mais ou menos, devem ser conhecidos?

A resposta é surpreendentemente simples. Basta cortar o cordão umbilical que une a Lua à sua mãe (a Terra) para que ela possa assumir sua categoria legítima como substituta simbólica dos milhares de asteróides que representa. De fato, talvez até mesmo a própria Lua seja um deles. Os astrônomos ainda não estão de acordo quanto à verdadeira origem da Lua. Ela pode ter sido o maior de todos os asteróides que, de alguma forma, se aproximou-se tanto da Terra que foi "capturada" em seu campo gravitacional. De qualquer modo, a Lua é uma maravilhosa representante para personalidades tão predominantemente femininas como 1) *Ceres*, a antiga deusa

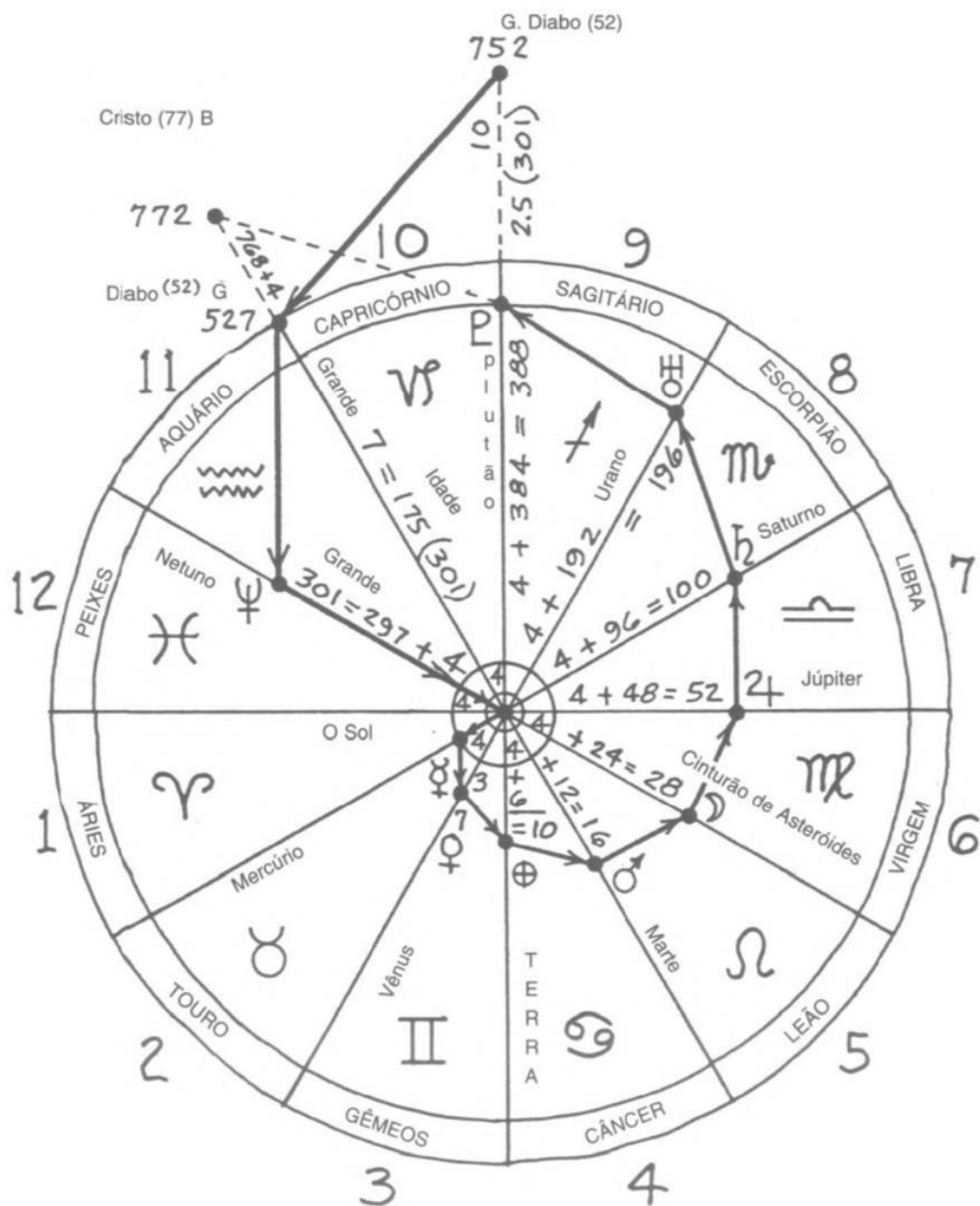


Figura 125
O Sistema Heliocêntrico (o Sol no Centro)

romana da agricultura; 2) *Palas*, o primeiro nome de Atena, a virgem deusa grega da sabedoria; 3) *Vesta*, a deusa romana do fogareiro, que era adorada em um templo em cujo altar um fogo era mantido perpetuamente aceso, aos cuidados de seis virgens vestais; e 4) *Juno*, a rainha do céu, esposa e irmã de Júpiter e protetora das mulheres e do casamento. A lista prossegue e tende apenas a demonstrar a natureza eternamente feminina da Grande Sacerdotisa (Carta 2 do Tarô), o símbolo básico do sexto signo do Zodíaco, conhecido como Virgem.

O signo zodiacal natural de Júpiter é, portanto, Libra, cujo símbolo tradicional é uma balança, e cujo símbolo no Tarô é Justiça (chave 11 do Tarô). Mas não é exatamente isso que se espera da suprema divindade e do deus dos céus? Júpiter é seguido por Saturno, que tem assento em Escorpião; em seguida vem Urano, que preside Sagitário. Isso deixa a Plutão, o deus do mundo subterrâneo, a tarefa de completar o terceiro quadrante da espiral no meio-céu, a cúspide do décimo signo, Capricórnio. Mas isso também é simbolicamente perfeito, visto que o "mundo subterrâneo" de que Plutão é o deus não é outro senão nosso planeta Terra, que está em direta oposição a ele no I.C. (Imum Coeli), o ponto mais baixo do céu na extremidade da Roda da Vida.

O próprio fato de que a órbita de Plutão (que é muito mais elíptica que a de outros planetas) tende a se afastar do plano da eclíptica parece comprovar ainda mais que o final da espiral anti-horária que se iniciou com a *pequena* órbita "4" de Mercúrio foi atingido. Mas e quanto a uma espiral no sentido horário começando com o GRANDE "4" de Netuno? Se há uma Ursa Maior e uma Ursa Menor, por que não haveria também uma "maior" e um "menor" dentro do próprio sistema solar? O leitor pode ver facilmente que a ordem 1-2-3-4 das órbitas do Sol, Mercúrio, Vênus e Terra na Figura 124 (que formam a "Ursa Menor" do sistema solar) é apenas uma imagem no espelho de uma possível "ursa maior" compreendendo o Sol, Netuno (GRANDE "4"), um 11º planeta (GRANDE "7") e um 12º planeta (GRANDE "10"), que está à espera de ser descoberto.

Se esse for o caso, o desconhecido 11º planeta que a ciência chama agora de Planeta X) teria uma distância orbital média de 527 unidades a partir do Sol ($1,75 \times 301$). E o Planeta Y teria uma distância orbital média de 752 unidades ($2,5 \times 301$). Ambos os números são formados pelos mesmos dígitos, sendo que o número Alfa de "Terra/Diabo" (52) aparece no início de um e no final do outro. Ora, talvez o 11º planeta tenha uma distância orbital média de 772 unidades (a distância teórica de acordo com o atual sistema de medição de Bode). Apenas o tempo revelará qual sistema está correto.

Uma Visão Egocêntrica do Círculo Fechado

O sistema que acabamos de descrever é heliocêntrico, com o Sol no centro do sistema solar. Mas como nem você nem eu temos o privilégio de

ver os planetas do ponto de vista do Sol (nem a partir do pólo zodiacal da Eclíptica, aliás), ainda devemos basear nossos cálculos na premissa de que o Universo gira em torno da Terra, o que elimina automaticamente a Terra da situação de planeta móvel dentro do sistema. Mas seria verdadeiro esse fato aparentemente óbvio? Ou haveria um método alternativo no qual se incorporariam os aspectos planetários (ângulos) que a própria Terra faz com todos os outros planetas do sistema? A resposta é afirmativa, embora envolva um exercício daquilo que poderíamos chamar de imaginação criativa.

Vamos dizer que você esteja no centro do Universo e que você exista em um certo ponto do tempo e do espaço. Digamos que esse seja o momento em que você nasceu e que tiramos uma fotografia que mostra a localização exata de cada objeto na esfera celestial da qual você, e você apenas, está no CG.

Mas você ainda está virado de um certo jeito e ainda há um horizonte. Você observa o caminho da Eclíptica, que está meio inclinado em direção ao horizonte e tanto os pólos geográficos quanto os zodiacais estão bem em evidência. Ali, à sua esquerda (a décima de Áries, diríamos), está o Sol. Mas onde está a Terra? Você olha à sua volta e ela não está ali. Você está rodeado pelo espaço e isso é tudo. Ah, sim, ali está ela, bem à direita. Você finalmente encontrou a Terra, movendo-se em torno do Zodíaco exatamente como qualquer outro planeta, e ela está localizada em um ponto diametralmente oposto ao Sol, exatamente a décima de Libra.

Assim, descobrimos que não há razão para que não possamos romper o cordão umbilical que nos liga à Terra da mesma maneira que cortamos o cordão que a liga à Lua. Apenas com plena liberdade de movimento para cada um dos planetas do sistema podemos obter alguma percepção real a respeito de como e por que a astrologia funciona. A Terra deve ser tratada como um planeta viável, como qualquer outro planeta em nosso horóscopo, e a Figura 126 faz exatamente isso. Mas antes de entrar em uma análise detalhada da figura 126, talvez seja melhor explicar a base de sua construção. Vamos estudar as seguintes relações:

Ordem	Signo	Planeta Natural	Exaltação	Queda
1.	ARIES	Sol	Sol	Saturno
2.	TOURO	Mercúrio	Lua	Urano
3.	GÊMEOS	Vênus	Nodo Sul	Nodo Norte
4.	CÂNCER	Terra	Júpiter	Marte
5.	LEÃO	Marte	Netuno	Plutão
6.	VIRGEM	Lua/Aster.	Mercúrio	Vênus
7.	LIBRA	Júpiter	Saturno	Sol
8.	ESCORPIÃO	Saturno	Urano	Lua
9.	SAGITÁRIO	Urano	Nodo Norte	Nodo Sul
10.	CAPRICÓRNIO	Plutão	Marte	Júpiter
11.	AQUÁRIO	Planeta X	Plutão	Netuno
12	PEIXES	Netuno	Vênus	Mercúrio

O planeta *Natural* de cada signo é simplesmente a ordem natural dos planetas em torno da espiral que começa com o Sol no Equinócio de Primavera (0° de Áries). Assim, esses planetas não devem ser confundidos com os planetas que *regem* os signos ou que são *Exaltados* neles (suas Dignidades); ou com os planetas que estão em *Detrimento* ou em *Queda* (suas Debilidades). O Regente de um signo está sempre em Detrimento no signo oposto (180° de afastamento. E um planeta é Exaltado em um signo que está a 180° daquele em que está em Queda. A base segundo a qual essas Exaltações foram atribuídas perdeu-se na noite dos tempos e certamente não queremos discutir com elas. Desejamos apenas esclarecê-las, e talvez obter um pouco mais de percepção sobre os princípios matemáticos pelos quais são governados.

A Figura 126 mostra a ordem Natural dos planetas em torno da periferia da esfera celeste, embora obviamente não estivessem nessa ordem no momento em que você nasceu. Porém, para fins de exemplo, digamos que naquele momento em particular eles estivessem nos signos que são Exaltados. Assim, o Sol e a Lua estarão levemente acima e abaixo do horizonte à sua esquerda e Saturno e Urano estarão em oposição direta a eles, mas em ordem inversa, um pouco abaixo e acima do horizonte à sua direita. Mas onde está a Terra? Como dissemos antes, ela deve estar em oposição direta ao Sol. Portanto, você a encontrará à direita, mas agora *em conjunção* com Saturno. E é aqui que começa a diversão.

Por causa da rotação diária da esfera celeste (estamos falando da rotação da esfera celeste em torno de seu pólo sul e não necessariamente da rotação da Terra), seis dos signos zodiacais se erguerão acima do horizonte à sua esquerda e descenderão para baixo do horizonte à sua direita em qualquer período de 12 horas. E o procedimento irá se inverter no período seguinte. Mas como essa rotação pode afetar Você (o Eu do Ego)? Seu corpo exterior (o Ego) sempre permanecerá com o planeta Terra e será transportado para onde quer que o planeta o leve, mas seu corpo interior (o Verdadeiro Eu) estará no cubo da roda. Assim, dessa forma, você literalmente pode ter seu bolo e comê-lo.

Esse movimento diário dos planetas conforme eles se movem pelo céu de muitos modos se parece com a ação de um pêndulo, pois balança para lá e para cá no horizonte, desde um planeta que fica abaixo do horizonte até seu complemento acima desse horizonte e de volta ao primeiro, de um para outro, até que todo o período de 12 horas tenha se completado e todos os planetas tenham sido afetados. No caso de nosso exemplo, a oscilação começa no leste, entre o Sol e a Lua, e termina no oeste, entre Saturno e Urano. Mas esse é apenas o movimento *aparente* dos planetas. As verdadeiras oscilações ou balanços do pêndulo são muito mais sutis; o pêndulo sempre cruza o CG do sistema a cada ida e volta.

Você observou a ação de um pêndulo de Foucault que demonstra a rotação da Terra, em qualquer planetário grande? Ele aparentemente muda

seu plano de oscilação, mas essa mudança é apenas ilusória. A mudança real é que o próprio horizonte mudou, não o balanço do pêndulo. Assim, as verdadeiras oscilações do pêndulo são sempre diametralmente opostas uma à outra, da posição *Exaltada* de um planeta a sua posição *de Queda*, e

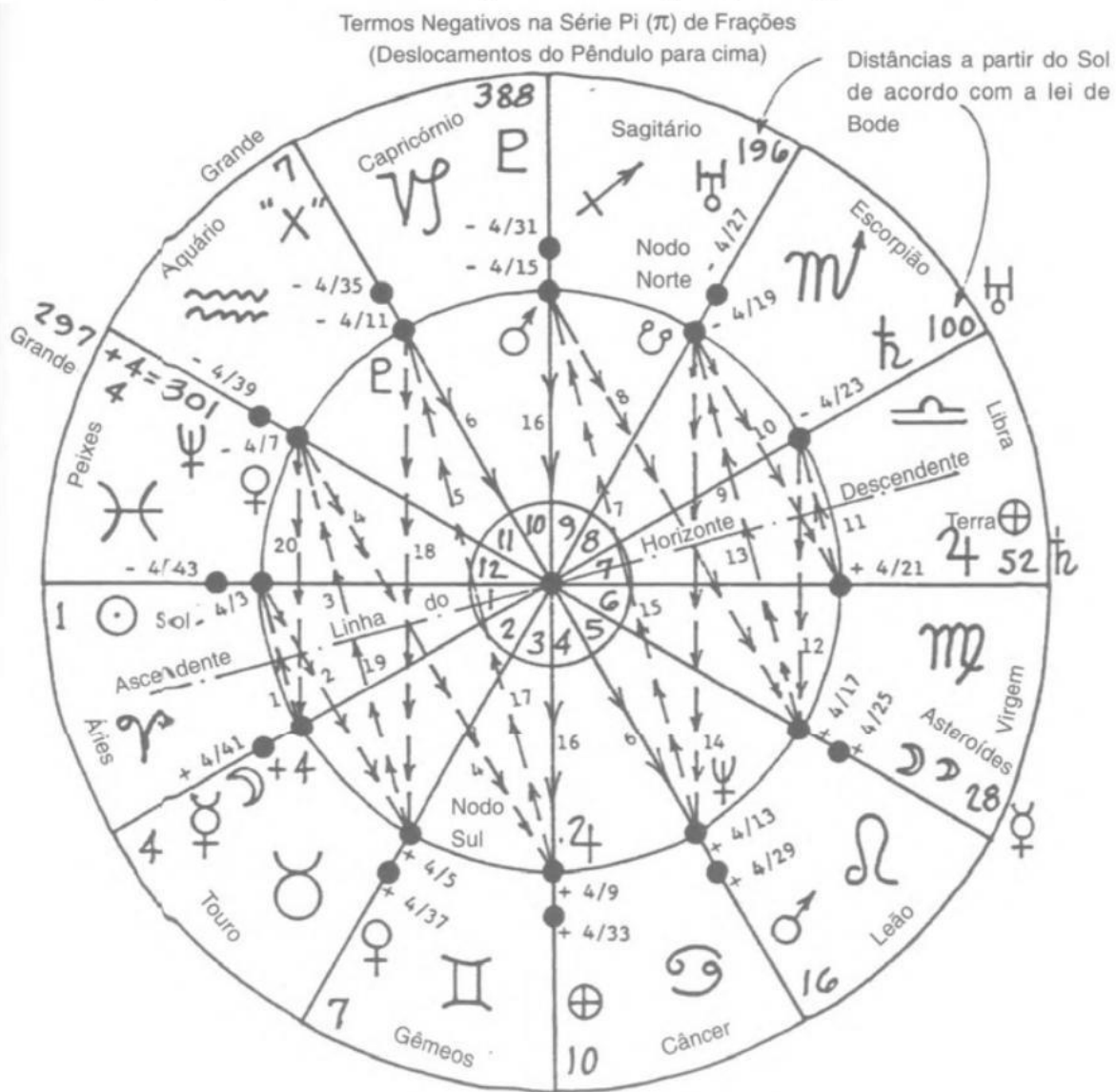


Figura 126
O sistema egocêntrico (o Ego do Eu no centro)

Termos Positivos na Série Pi (π) de Frações
(Deslocamentos do Pêndulo para baixo)

$$\text{Pi}(\pi) = 4 - \frac{4}{3} + \frac{4}{5} - \frac{4}{7} + \frac{4}{9} - \frac{4}{11} + \frac{4}{13} = 3,14159$$

A maneira como o deslocamento de um pêndulo demonstra a rotação dos 12 sistemas planetários a medida que a Terra gira sobre seu eixo durante um período de 24 horas.

vice-versa, indo e voltando, até que os balanços permissíveis naquele ciclo em particular se esgotem.

Na Figura 63 há um gráfico que mostra as flutuações positiva e negativa na série infinita de frações, cuja soma resulta no número Pi. Como cada termo é alternadamente positivo e negativo, essa série de frações poderia ser sincronizada para corresponder aos períodos vibracionais dos planetas. Tentamos demonstrar esse procedimento na figura 126, mas apenas como um diagrama esquemático. Deixaremos quaisquer interpretações adicionais a cargo do leitor.

Os 12 Sistemas Planetários

Vamos agora pensar na idéia de que cada planeta, junto com suas diversas luas, é na verdade um sistema à parte. Mas se o fizermos, devemos rotular a ordem consecutiva dos sistemas planetários individuais de maneira ligeiramente diferente. A resposta óbvia é atribuir uma letra inglesa ao planeta e a letra seguinte para representar suas luas. Assim, os 12 sistemas planetários usarão 24 letras do alfabeto inglês, deixando-nos as duas letras restantes para representar o núcleo central ou o CG do sistema, como antes. Mas onde começar? Qual planeta individual deve ser designado pela letra A? A Figura 127 traz a resposta.

Estou certo de que o leitor, ao estudar a Figura 127, deve ficar ao menos um pouco embasbacado ao descobrir que a Consciência de Deus já havia pensado nesse problema e colocado a resposta diante de nós. Parece que a chave para o sistema de numeração é encontrada correlacionando-se as letras "HG" (o símbolo químico de Mercúrio) com a posição natural do planeta na Roda. E se o fizermos, descobrimos que a Cabala identifica a letra A (o Imperador) com Marte e dá à letra B (a Roda da Fortuna) a função de representar suas duas luas, Deimos e Fobos.

Mas veja agora como isso identifica todos os outros planetas na Roda! O resultado é nada menos que fantástico! Descobrimos, ao seguir esse simples procedimento, que o Sol está agora em sua posição *exaltada* no signo de Áries e que todos os sistemas planetários (incluindo o Sol) terminam em sua ordem espiral anti-horária *Natural*, que começa com o Sol no Equinócio de Primavera. Além disso, a letra C representa a Lua da Terra e a letra D a própria Terra. Essas duas letras formam a CD (Seed, Semente) que cresce em Câncer, o Caranguejo.

A antiga Astrologia sempre designou Áries como um signo de fogo, Touro como um signo de Terra, Gêmeos como um signo de Ar e Câncer como um signo de Água. Bom, vamos ver o quão bem os próprios planetas adequam-se a esses requisitos. O Sol, obviamente, é um corpo de Fogo. Não há o que questionar aí. O segundo planeta é Mercúrio (Hg), que supostamente é um planeta de Terra, ou seja, um corpo "sólido" sem atmosfera. Antes da Era do Espaço, pensava-se que Mercúrio tinha uma atmosfera,

mas suas chamadas "nuvens" juntaram-se aos "canais" de Marte, tendo sido atribuídas apenas à imaginação dos primeiros astrônomos.

Como a Lua, sabe-se agora que Mercúrio tem pouca ou nenhuma atmosfera e é montanhoso e cheio de crateras. Portanto, é certamente um planeta de Terra. Ponto para os antigos astrólogos.

Vênus, por outro lado, é um assunto inteiramente diferente. É o planeta natural do signo de Gêmeos, que é um signo de Ar. Segue-se a isso



Os doze sistemas planetários em sua relação natural com os signos do zodíaco em sentido anti-horário como determinado pela lei de bode.

A chave para o diagrama é encontrada na correlação das letras "HG" (o símbolo químico do mercúrio) com a posição normal do planeta na roda.

Portanto, o "I" do JKL (Jackal [Chacal]) literalmente se transforma no próprio Sol, desde que a verdadeira localização do Sol seja o centro da roda em vez do signo de Áries, quando esta na posição exaltada no início deste ciclo no equinócio de inverno.

Figura 127

então que o planeta Vênus deveria ter uma atmosfera, e ele definitivamente a tem. De fato, sua atmosfera é tão densa e nebulosa que o único modo com o qual conseguimos determinar sua superfície sólida é com o uso de

radar. Mas isso não é tudo. As letras identificadoras de Vênus na figura 127 são "FE", o símbolo químico do Ferro (Fe). E a ciência descobriu que o planeta contém um núcleo "rico em ferro". E a atmosfera? É composta principalmente de dióxido de carbono (CO₂). Mas olhe a Figura 104. As duas letras inglesas que representam o símbolo de Gêmeos não são C-O? E o símbolo astrológico do signo de Gêmeos não é o número romano II? Coloque-os juntos e Você terá CO₂, o símbolo químico do *dióxido de carbono*, representando a atmosfera do planeta Vênus ou o Ar do signo de Gêmeos. Mais um ponto para os antigos astrólogos.

Chegamos agora ao sistema planetário Terra/Lua, no signo de Câncer. Câncer é um signo de Água. Mas não é verdade que a superfície da Terra é 71% coberta de água? Os únicos outros signos de Água são Escorpião e Peixes. Saturno, o planeta natural de Escorpião, tinha muitas luas contendo literalmente "oceanos" de matéria em estado líquido; e Netuno, o planeta natural de Peixes, poderia muito possivelmente ser composto do mesmo tipo de matéria "líquida", embora tivéssemos de esperar que a Voyager 2 chegasse lá, em 1989, para ter prova disso.

Porém, a *qualidade* dos diferentes estados da matéria parece variar em cada um dos três grupos. Por exemplo: se o Fogo do Sol em Áries é a fonte principal de energia, o Fogo de Marte em Leão é de natureza totalmente diferente — Fogo do Espírito. E o Fogo de Urano em Sagitário também é diferente. O Fogo Cardinal do Sol é físico, volátil e explosivo; o Fogo Fixo de Marte é espiritual, firme e constante; e o Fogo Mutável de Urano é mental e meditativo, e tão mutável como um pensamento passageiro. Portanto, descobrimos nesses três grupos dos elementos três diferentes modos de operação. Mas e quanto ao CG do sistema? Ele é provavelmente a sede das emoções, a partir da qual irrompe o grande poder do Amor Universal.

O movimento anti-horário do Sol em Áries finalmente chega ao fim com Netuno em Peixes. Os símbolos do sistema planetário netuniano são N-M, as letras iniciais de Netuno e suas Luas (em inglês, *Moons*). Elas representam a Morte (M) do Enforcado (N), significando o fim do ciclo. Coincidência? Não mais que o fato de que a força vital deve agora fazer uma curva em ângulo reto, em forma de "L", e voltar ao CG como o Cavaleiro (a letra L). A partir daí, ela será transformada no Rei recém-nascido (a letra K), que cavalgará de volta em seu corcel (o Sol) para iniciar um novo ciclo em Áries. E se nós "L-OO-K" [Olharmos] cuidadosamente, é lá que o encontraremos.

Os símbolos do sistema planetário do Sol são as letras J-I. Assim, "J-I = O = SOL" e, rearranjando as letras, descobrimos que as vibrações emitidas do Sol Central "JOIN US" [Nos reúnem] (o interior e o exterior) em uma única consciência. A verdadeira localização do Sol é sempre no CG do sistema, mas sua localização aparente é no signo em que ele parece estar no momento, que neste caso é o signo de Áries, o Carneiro.

Mas digamos que queremos começar o ciclo com o Sol em Leão, no signo que ele rege. Se esse fosse o caso, essas vibrações "fora-dentro" começariam e terminariam no signo de Leão e a situação seria parecida com a retratada na Figura 128. Mas aqui, com o Sol começando no quinto signo de Leão em vez de no primeiro signo de Áries, a relação Sol/Marte é exatamente o inverso do que era na Figura 127. Mas há diversas vantagens nesse novo sistema. Com o Sol em Leão, em vez de Áries, o sistema planetário pode ser contado no sentido *horário* normal do alfabeto inglês, e não



Figura 128

Os 12 sistemas planetários em uma relação no sentido horário com os signos de zodíaco, mas agora começando com o Sol no signo que rege: Leão, o Leão, o quinto signo do zodíaco.

Uma vez que a localização verdadeira do Sol está novamente no centro da roda, suas letras de evocação são "YZ AB" em vez de "I JKL" como no diagrama anterior. Portanto, aprendemos que "Y" pode ser "O" (Y, AB LEO), que é verdade.

Se girarmos o eixo polar da Terra no plano do papel, as relações da lei de Bode manifestam-se novamente apenas com a rotação da Terra em 180 graus no espaço anteriormente ocupado por Mercúrio.

mais com o método inverso, anti-horário, necessário quando se conta a partir do Equinócio de Primavera, com o Sol em Áries.

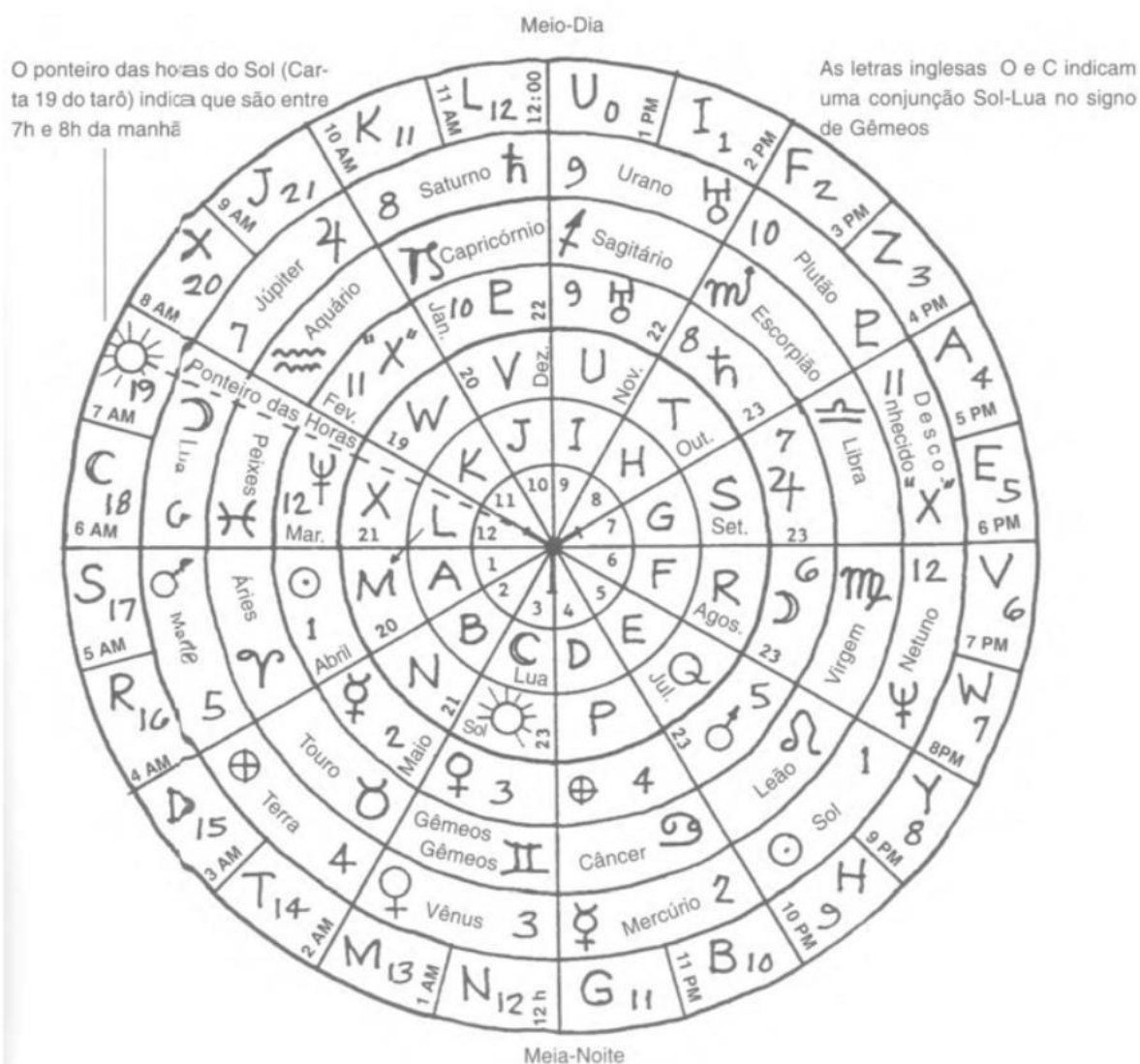
Na verdade, um método horário de contar a ordem dos sistemas planetários não é de todo estranho. A precessão dos equinócios, como você deve lembrar, ocorre em sentido horário, e não no do movimento anti-horário normal dos próprios planetas. Carl Payne Tobey, em seu livro *Astrology of Inner Space*, foi um grande defensor da contagem horária de Leão, em oposição à contagem anti-horária convencional de Áries que a maioria dos astrólogos usa atualmente. De fato, Tobey estava tão convencido da validade astrológica desse sistema que devotou a maior parte de seu livro exaltando as virtudes dele apenas do ponto de vista astrológico.

Portanto, uma vez que Marte aparece como regente de Áries na Figura 128, e como estamos agora avançando em um sentido *horário* ao longo dos sistemas planetários de Bode em torno do Zodíaco, o próximo sistema (que é o Cinturão de Asteróides) aparecerá agora no signo de Peixes e será designado pelas letras K-L. Assim, a Cabala conta-nos que algo surgiu para "kill" [Matar] o planeta original, do qual restam apenas aqueles milhares de asteróides. Mas Júpiter e suas 13 luas estão muito em evidência no signo seguinte, Aquário, e seus símbolos são as letras M-N, que neste contexto podemos dizer que representam "Man" [Homem]. Chegaremos ao fim do ciclo com as letras W-X, que agora representam o sistema netuniano no signo de Virgem, e estamos prontos para recomeçar em Leão.

Esse método é duplamente interessante porque as duas letras que designam o caminho "dentro-fora" da força vital no CG do sistema são agora as letras Y-Z, que simbolizam a Força (Y) da Imperatriz (Z). Esses dois símbolos, como indicamos anteriormente, são a expressão *interior* do aspecto exterior do Sol, onde quer que ele esteja, e que neste caso está no signo de Leão. Portanto, se você quiser encontrar Leão e ver qual é realmente sua aparência, tudo o que precisa fazer é olhar para a Carta 8 do Tarô, na qual você não apenas encontrará Leão, mas também sua amante, a Imperatriz que o serve (ver Figura 121).

O que foi dito antes leva-nos à Figura 129, o último diagrama do capítulo, que representa a visão composta da Roda da Vida completa. Neste desenho incorporamos cada um dos pontos estabelecidos, desde os símbolos do Tarô para as 24 horas do dia que aparecem no aro exterior e que são seguidos por duas ordens de Bode naturais dos planetas, tanto uma horária quanto uma anti-horária, e depois pelas letras do alfabeto inglês que representam as órbitas individuais do Sol e da Lua ao longo dos 12 signos do Zodíaco. E no cubo da roda, no CG de todo o sistema, ali está você — o Verdadeiro Eu, a parte de você a que você chama "EU SOU", o Eu Universal Único que olha para todo o sistema solar como se fosse um aspecto individual de sua total consciência.

O leitor notará que o Rei (K) e o Cavaleiro (L) representam a 114 e a 124 horas antes do NOON [Meio-dia] na Figura 129, enquanto na tabela da



Os dois círculos internos representam as órbitas do Sol e da Lua à medida que se movem pelos doze signos do zodíaco. Eles começam com 0° Áries no equinócio de inverno.

Os próximos três círculos mostram a ordem natural dos planetas como estabelece a lei de bode. O círculo interno é anti-horário para corresponder com os signos zodiacais de espaço, e o círculo externo é horário para corresponder com as casas de tempo das horas.

O círculo mais externo representa a margem de um relógio de 24 horas. Estas casas das horas são designadas na ordem das cartas do tarô, começando com o Louco (Carta 0 do tarô) na posição de meio-dia no todo do ponteiro.

Figura 129
Uma visão composta das Rodas do Espaço e do Tempo

página 313 do capítulo anterior eles são usados para designar a 11ª e a 12ª horas antes de MIDNIGHT [Meia-noite]. Por que a discrepância? A resposta é que a Cabala, em sua infinita sabedoria, tem *dois* métodos separados e distintos para estabelecer a ordem das chaves do Tarô dos arcanos maiores. A tabela da página 313 usa o sistema francês (em que o Louco é

colocado *entre* as Cartas 20 e 21 do Tarô); mas só para manter tudo equilibrado, usamos o sistema inglês na figura 129 (onde a carta 0 do Tarô, O Louco, inicia a série e é colocada antes da Carta 1, o Mago). A razão para os dois sistemas é brevemente explicada no texto que acompanha a tabela das cartas do Tarô, na página 36.

O sistema inglês usado na Figura 129 para diferenciar entre as horas da manhã e da noite tem muito que ver com isso. Por exemplo, o último signo de cada quadrante do Zodíaco é *Mutável*, em oposição ao primeiro e ao segundo que são, respectivamente, *Cardinal* e *Fixo*. Mas os signos Mutáveis são também chamados signos *Comuns*. Portanto, Gêmeos deve ser um signo comum, não apenas porque é o último do quadrante, mas também porque as quatro letras que o representam na Figura 129 são C-O e M-N. Essas letras reforçam o fato de que Gêmeos deve ser um signo "Comum", coisa que certamente o é.

Outro exemplo: as duas letras em cada um dos lados das 12 horas, meio-dia, são U-L, que podemos "unir" na palavra YULE, outro nome do Natal. Por outro lado, as seis letras equilibradas em torno das 12 horas, meia-noite, são T-M-N-G-B-H. Essas seis letras podem ser rearranjadas como as duas palavras que afirmam que "B(e) M(id)N(i)GHT" [É meia-noite]. E se lermos as letras minúsculas que estão faltando da direita para a esquerda, descobrimos que é onde "I DIE" [Eu morro], o que também é verdade, já que o "Eu" de que se trata é o "dia" que acaba de passar.

Mas nós apenas começamos. Há muitas outras gemas de sabedoria esperando para provocar o estudante sério que tem a coragem de procurá-las.

Capítulo 12

As Casas da Terra

Neste capítulo devotaremos nossa atenção às 12 casas mundanas, os diversos sistemas para sua construção e sua principal função e propósito. A palavra "mundana" deriva da palavra latina *mundus*, "mundo". Portanto, as casas mundanas relacionam-se às condições de vida aqui na Terra, em oposição aos signos do Zodíaco, que estão ligados às energias espirituais dos céus. Uma é meramente o complemento da outra, do mesmo modo que os quatro reinos dos Arcanos Menores são os complementos terrenos da *única* consciência espiritual dos Arcanos Maiores.

Há 12 tipos de ritmos ou vibrações no Universo, cada uma representando um estado de consciência distintamente diferente. As casas mundanas são o modo *subjetivo* e manifestam as condições de vida práticas, transitórias e ordinárias. Os signos do Zodíaco são o modo *objetivo* e refletem as atividades espirituais do Sol, da Lua e dos Planetas. Porém, esses dois reinos de existência, os modos subjetivo e objetivo, são apenas fases diferentes da mesma consciência geral.

O sistema de casas objetivas (os signos do Zodíaco) foi desenvolvido pelos babilônios no século 5 a.C. Por volta do ano 300 a.C., no máximo, o Zodíaco matemático com 12 casas iguais com 309 — medidas sobre o grande círculo da Eclíptica — era conhecido, utilizado e aceito por quase todos os astrólogos do mundo antigo.

Mas o sistema subjetivo das casas *mundanas* (uma divisão complementar em 12 partes da Eclíptica, mas orientada pelos quatro pontos cardeais da bússola, e não pelos equinócios) não foi desenvolvido até que o astrólogo egípcio Petosiris propôs a idéia por volta de 140 a.C. Ele pensou que um esquema suplementar poderia ser desenvolvido, iniciando com uma primeira casa contendo a parte do Zodíaco que fica logo abaixo do horizonte leste na hora do nascimento. Seu argumento era que se o Zodíaco pudesse ser subdividido daquela maneira (que nada mais era do que iniciar a natureza de 12 partes do Zodíaco em um ponto diferente), essa divisão secundária da Eclíptica poderia oferecer informações

significativas relativas aos acontecimentos mais mundanos na vida do indivíduo cujo horóscopo estava sendo preparado. A idéia pegou e todos conhecem o resultado.

Portanto, quando falamos dos signos zodiacais e das casas mundanas, não estamos falando de nada novo. As antigas observações desses primeiros astrólogos mostraram que os signos zodiacais em que os planetas estavam no momento do nascimento indicavam as condições nos reinos sutis do espírito dos quais a alma emerge. A anatomia da alma é então espelhada nas casas mundanas pelos planetas conforme eles viajam pelo Zodíaco. A Figura 130 mostra os aspectos da vida atribuídos a cada casa. Assim, eles descobriram que esse é o meio como a Natureza manifesta-se no mundo exterior.



Figura 130
As Rodas individuais das 12 Casas Mundanas, dos 12 signos do Zodíaco e dos Sete Planetas conforme giram em torno da Terra (Casas Mundanas, xilogravura de Georg Peurbach, 151)⁸²

82. A figura 130 vem de *Astrology, the Celestial Mirror*, de Warren Kenton (New York, Avon Books, 1974), figura 22.

Eles também descobriram que, no que dizia respeito às casas mundanas, o poder de um planeta era influenciado tanto por sua *posição* no céu quanto pelos próprios signos zodiacais. Um dado planeta simplesmente não possuía a mesma intensidade em todos os lugares do céu conforme ele girava em torno da Terra durante cada período de 24 horas. Em certos pontos de seu ciclo, sua influência era muito poderosa e, em outros pontos, bastante fraca. Os ângulos que os planetas faziam com o observador (*e* também consigo mesmo) tornaram-se importantes também, especialmente a casa em que aquele planeta em particular estava durante cada período de duas horas do dia.

Acabaram, então, por descobrir que havia *quatro* localizações precisas em que os planetas mostravam força excepcional em sua jornada diária em torno da Terra. O primeiro ponto a ser identificado foi quando ele estava na primeira casa ou o *ascendente*, que representava sua relação mais forte com o ego e com a energia cósmica. O nível seguinte de importância era o momento em que ele atingia seu *zênite* (o equivalente ao *meio-céu* em terminologia moderna). Ali, na cúspide da décima casa, ele ficava muito poderoso para transmitir a energia necessária para ajudar a alma na busca de seu destino.

Os dois pontos restantes eram diametralmente opostos aos dois primeiros. O ponto no horizonte ocidental em que os planetas desaparecem do pedaço visível do céu é chamado *descendente*, que contrabalança o ego na forma de casamentos, parcerias, conflitos, etc. E por último chegamos ao *nadir* (diretamente abaixo de nós e dentro da própria Terra), que representa as raízes mais profundas da alma, seu lar, suas moradas e sua terra. Dessa maneira, armados com a informação provida pelas revoluções *diárias* dos planetas, era muito simples para aqueles antigos astrólogos fazer previsões relativas às posições *reais* dos planetas nas casas no momento do nascimento. E com esse pequeno passo dos aspectos microcósmicos do mapa mundano para os aspectos macrocósmicos dos signos zodiacais, a ciência da moderna Astrologia nascia.⁸³

Direções Geográficas Versus Direções Zodiacais

Assim, descobrimos que os primeiros astrólogos tinham um sistema notável para a construção das casas, que não era estorvado pelos problemas que o homem moderno enfiou no sistema (como a diferença entre direções geográficas e zodiacais). O *horóscopo* (que significa "determinar a hora") sempre estava supostamente no plano da Eclíptica, que representava o caminho circular do Sol conforme ele corria em torno da Terra ao

83. Um excelente relato das influências das doze casas pode ser encontrado na seção Horóscopo de Astrology, History, Symbols, and Signs, de Solange de Mailly Nesle (Leon Amiel, Publisher, 1981).

longo dos 12 signos de 30° do Zodíaco. No que dizia respeito ao próprio Zodíaco, suas únicas direções *geográficas* eram os quatro pontos cardeais da bússola, que eram devidamente inseridas nas extremidades de um par de linhas, uma vertical e uma horizontal, que passavam pelo centro do círculo. A linha horizontal representava o horizonte (que ia do leste para o oeste), com o observador sempre olhando para o sul. Isso deixava o *meio-céu* na extremidade superior do mapa, representando o grau culminante na cúspide da décima casa e o ponto a partir do qual o horóscopo era medido.

Os antigas sabiam que qualquer que fosse seu caminho, alto ou baixo no céu, uma estrela ou planeta atinge seu ponto mais alto no meio do caminho entre a sua aurora e o seu ocaso, ao cruzar o *meridiano*. Esse é o nome que deram à linha que unia os pólos geográficos e cruzava o zênite em um determinado lugar, definindo portanto a direção Norte-Sul e representando a linha vertical do mapa. Como o meio-céu (MC) é a extensão do meridiano até o ponto em que este cruza o plano da eclíptica, ele teria de representar o grau culminante visto da superfície da Terra. Mas isso não é tudo. Os grandes círculos que formam os limites da casa quando o M.C. (meio-céu) é usado como o ponto de partida também passam pelo pólo zodiacal da Eclíptica. Assim, o M.C. e seu correspondente oposto, o I.C. (Imum Coeli ou Fundo do Céu) existem simultaneamente nos meridianos da esfera zodiacal, nos meridianos da esfera geográfica e no plano da Eclíptica ao mesmo tempo.

Vamos agora olhar para o *ascendente*. Esse é o grau do nascente zodiacal que aparece no horizonte oriental no momento em que o mapa será feito. Mas como está constantemente flutuando para a frente e para trás em torno do ponto leste do horizonte, de norte do leste a sul do leste e assim por diante, em qualquer ciclo de 24 horas da Terra conforme ela gira em torno de seu eixo, o termo *ascendente* é com frequência aplicado com liberdade a todo o signo nascente até toda a primeira casa, assim como especificamente ao grau exato no horizonte. O comprimento dessa oscilação depende sempre da latitude do lugar em consideração. Por exemplo: se você nasceu às 6 horas da manhã no Equador (latitude 0°), a Eclíptica oscilaria a 5° a norte do leste por volta das 9 horas, voltaria ao leste ao meio-dia e então para 5° a sul do leste às 18 horas. Essa flutuação continuaria por tantas oscilações quanto se desejasse contar. Na latitude 35° N, a amplitude da oscilação aumentaria de 5° para 16° e, na latitude 66° N, iria até 42°, mas o ponto médio do balanço estaria sempre exatamente no leste.⁸⁴

Essa divisão secundária da Eclíptica em 12 casas iguais com 30°, pela qual a natureza zodiacal do homem foi projetada nos assuntos mundanos, foi

84. Um dos melhores livros sobre o método de divisão de casas por quadrante é *Tools of Astrology: Houses*, de Dona Marie Lorenz (Topanga, CA., Eomega Grove Press, 1973). As partes orientais dos arcos diurno e noturno são chamadas *semi-arco diurno* e *semi-arco noturno*. O balanço diário do ascendente depende do semi-arco. Nas pp. 38 a 45 desse livro há uma tabela de semi-arcos para diversos graus de latitude.

meticulosamente descrita pelo matemático/astrônomo Cláudio Ptolomeu em seu *Tetrabiblos*, escrito por volta de 150 d.C. e ainda utilizado. De fato, ele se tornaria o livro básico de Astrologia por pelo menos mais 1.100 anos. Muito da confusão que atualmente existe em relação à localização exata do ascendente em um mapa foi esclarecida no Livro Três, Capítulo 12, que diz o seguinte:

"Em primeiro lugar, esses lugares, apenas, precisam ser considerados prorrogatórios (o ponto de finalização), aos quais pertence exclusivamente a futura suposição do domínio da prorrogação. Esses muitos lugares são *o signo no ângulo do ascendente, a partir do quinto grau acima do horizonte até o 25º grau abaixo dele*; constituindo os 30 graus na sêxtil destra a partir dali a 118 casa, chamada o Bom Demônio (*Daimon*); também os 30 graus no quartil direito, formando o meio-céu acima da Terra; os do trígono destro formam a nona casa, chamada Deus; e, por último, os que estão em oposição, pertencentes ao ângulo do oeste".⁸⁵

Ptolomeu deixa bastante claro que a *linha do horizonte* vai do leste exato ao oeste exato (o eixo horizontal do mapa), mas que o próprio ascendente (o ponto em que a Eclíptica cruza o horizonte) pode ser de até 5° na 12ª casa. E esse é exatamente o comprimento mínimo do *semi-arco diurno* (o ângulo entre o horizonte e o meridiano) no Equador da Terra. No Equador (Latitude 0°), o semi-arco diurno flutua entre 85° e 95°, o que reforça o número dado por Ptolomeu. Ele continua sua discussão da seguinte maneira:

"Em segundo lugar, entre esses lugares, os graus que constituem o meio-céu merecem a preferência, pois sua influência é mais poderosa e importante: os graus do ascendente são os seguintes em virtude; em seguida, os graus na 11ª casa sucedente ao meio-céu; depois os do ângulo do oeste; e, por último, os da nona casa, que precede o meio-céu".

Peço desculpas a Ptolomeu pelo que dissemos antes sobre a relativa importância do ascendente e do meio-céu. Por muitos anos houve considerável incerteza sobre qual era o mais importante, mas pela experiência o ascendente é agora reconhecido por muitos astrólogos como a força predominante. A personalidade é perceptível desde a primeira infância, enquanto os objetivos que dão forma aos esforços do indivíduo gradualmente surgem.

Mas Ptolomeu não foi a única autoridade a defender o sistema de casas iguais para determinar a cúspide das 12 casas. Ralph William Holden,

85. *Ptolemy's Tetrabiblos*, Four Books of the Influence of the Stars (North Hollywood, CA, Symbols & Signs, 1976). Livro III, Cap. XII, pp. 88-89.

em seu livro *The Elements of House Division*, conta que "o próximo escritor em importância (depois de Ptolomeu) foi Julius Firmicus Maternus. Ele dedicou seu trabalho de oito volumes sobre Astronomia a Mavortius Lollianus, um oficial do estado sob o imperador Constantino, o Grande, que governou de 306 a 337 d.C. Ao tratar das casas, os quatro 'ângulos' do horóscopo são obtidos por Firmicus pegando o grau do ascendente e somando 90° para o Imum Coeli, 180° para o descendente e 270° para o meio-céu. Ou seja, se o ascendente fosse 10° de Gêmeos, o Imum Coeli seria 10° de Virgem, o descendente 10° de Sagitário e o meio-céu 10° de Peixes".⁸⁶

Assim, o termo "ascendente" é novamente usado como a direção exata do leste, e não como a intersecção da Eclíptica com o horizonte, como é determinado pelos astrólogos hoje em dia. E, é claro, o descendente seria então o oeste exato e a combinação de ambos resultaria nas linhas horizontal e vertical da cruz cardinal dentro do círculo do Zodíaco, o símbolo astrológico da Terra.

O *Tetrabiblos* de Ptolomeu foi traduzido para o árabe no século VIII pelo astrólogo judeu Al Batrig Mashallah de Bagdá e, pelos 500 anos seguintes, até a metade do século XIII, Holden retraça a passagem da tocha astrológica para as mãos dos grandes astrólogos muçulmanos. Uma nova escola de Astronomia e Astrologia foi estabelecida em Bagdá e prosperou por muitos anos. Entre os mais importantes trabalhos literários produzidos durante esse período estava *Elementos de Astrologia*, escrito por Al Biruni no século XI. Esse livro levava ainda mais longe o sistema de Casas Iguais de Ptolomeu. Aqueles homens compreendiam perfeitamente o valor das Casas Solares (onde o Sol está no ascendente, ou no ponto Leste do mapa) e estabeleceram um sistema de Pontos Árabicos ou Partes Árabicas. A posição da Lua torna-se então o "Ponto da Fortuna", Mercúrio o "Ponto do Comércio", Vênus o "Ponto do Amor", etc. As casas em que esses pontos sensíveis apareciam, quando comparadas com as casas verdadeiras no mapa astrológico, davam mais força à interpretação geral do horóscopo em um grau bastante alto.⁸⁷

Todos esses sistemas eram possíveis porque o horóscopo — que incluía a verdadeira relação dos planetas, suas casas e os signos zodiacais — sempre permaneceu no plano da Eclíptica, no plano em que os planetas realmente se moviam. Daí todas as direções serem interpretadas zodiacal-mente em vez de geograficamente. Quero dizer com isso que elas não eram projetadas em planos geográficos correspondentes na Terra como o Equador, o horizonte, etc. O sistema original de Casas Iguais era puro, simples e

86. Outro excelente livro sobre os métodos de construção das casas é *The Elements of the House Division*, de Ralph William Holden (Great Britain, L. N. Fowler & Co., Ltd., 1977). Citamos um trecho da p. 51 do capítulo 3 desse livro.

87. *Ibid. The Elements of the House Division*, capítulo 3, Um Resumo do Desenvolvimento Histórico da Astrologia, pp. 40-59.

matematicamente exato. Os sistemas de casas desiguais que vieram mais tarde são muito mais complicados, não apenas por causa das, literalmente, dúzias de modos como essas projeções poderiam ser feitas, mas também porque os diversos sistemas colocam os planetas em casas completamente diferentes. E isso é especialmente verdadeiro nas latitudes setentrionais, a ponto de que o método normal de desenhar um horóscopo se torna uma impossibilidade acima da latitude 66° N, ou dentro do Círculo Ártico.

O primeiro dos sistemas de casas desiguais (o resultado de combinar direções geográficas com direções zodiacais) foi proposto por Porfírio em seu comentário sobre o *Tetrabiblos* no século III, cerca de cem anos após a publicação original. Mas Porfírio pertencia a um grupo de intelectuais que acreditava que a cúspide da primeira casa deveria ser o verdadeiro ascendente (a intersecção da Eclíptica com o horizonte) e que a cúspide da décima casa deveria ser o verdadeiro meio-céu (o cruzamento da Eclíptica com o meridiano). Mas, por causa da obliquidade entre o plano do horizonte e o plano do equador celeste, o "ângulo" do mapa (o ângulo entre o horizonte e o meridiano, conhecido também como semi-arco diurno) muito dificilmente é um ângulo reto de 90°. Assim, o tamanho da sétima, oitava e nona casas à direita do meridiano deve necessariamente ser maior ou menor que o tamanho da décima, 11ª e 12ª casas à esquerda do meridiano. E é aqui que começa o problema, pois agora não havia mais uma relação de igual para igual entre os signos iguais do Zodíaco e o tamanho desigual das casas mundanas (ver Figura 104).

Mas há muitos que vêm mérito no trabalho de Porfírio; no período de mil anos, entre os séculos III e o XIII, havia literalmente dois sistemas básicos em uso no mundo greco-romano — o sistema de casas iguais de Ptolomeu e o sistema de casas desiguais de Porfírio. Mas por volta da metade do século XIII o impulso muçulmano na Europa perdera seu ímpeto e junto com ele o sistema de Casas Iguais de Ptolomeu e os Pontos Árabes dos muçulmanos. Uma nova onda de curiosidade intelectual começava a erguer-se no Ocidente e dar origem a novos sistemas de projeção, dos quais os mais notáveis foram o de Camanus no século XIII, o de Regiomontanus no século XV e os de Placidus e Morinus no século XVII. Houve muitos outros, mas o sistema Placideano tornou-se o mais amplamente utilizado até o final do século XIX, basicamente porque eram as únicas Tábuas de Casas disponíveis. Raphael (pseudônimo de uma longa linhagem de editores ingleses) parecia ter o monopólio desse tipo de publicação pelo período de cem anos que remonta a 1820.

É verdade que muitos dos modernos sistemas de casas desiguais colocam o ascendente na cúspide da primeira casa e o meio-céu como a cúspide da décima casa, mas as cúspides intermediárias da segunda, terceira, 11ª e 12ª casas são completamente diferentes em cada um dos sistemas, dos quais atualmente há mais de uma dúzia sendo popularmente utilizados (o equilíbrio das cúspides é sempre a exatamente 180° das primeiras

seis). E até hoje ainda não se publicou uma Tábua das Casas, até onde o escritor saiba, que liste a cúspide das casas acima da latitude de 66° N, ou dentro do círculo Ártico. Por quê? Porque acima do Círculo Ártico o ascendente e o meio-céu podem ser um único ponto e não há espaço para a décima, 114 e 124 casas de um lado do mapa nem para a quarta, quinta e sexta casas do outro lado. Todos os métodos de cálculo dos sistemas de casas desiguais caem por terra quando se está acima do Ártico ou dos Círculos Antárticos.

Mas as pessoas continuam a nascer, viver e ter seu Ser nas áreas setentrionais e meridionais da Terra e têm direito a um horóscopo astrológico assim como qualquer outro que viva sobre a face deste planeta a que chamamos lar. Será que a Consciência Universal de Deus esquecera dessas pobres almas quando o sistema da Astrologia nasceu? Claro que não. Assim, deve haver simplesmente um engano no sistema do modo como ele é usado atualmente.

Além disso, mapas com casas desiguais não reproduzem a Terra da forma como seria vista a partir de qualquer ponto de sua superfície ou do espaço. Algumas medições são feitas a partir de um único ponto e outras de outro. O ascendente e o descendente são medidos como se estivessem *zodiacalmente* a leste e a oeste do pólo norte da Eclíptica. Mas o meio-céu é medido como se estivesse *geograficamente* a sul, na linha do zênite, a partir do pólo norte da Terra. Não parece matematicamente correto localizar o ascendente usando direções zodiacais e o meio-céu com direções geográficas.

E quanto às casas que contêm os planetas? Um dos sistemas poderia localizar o Sol, por exemplo, na segunda casa, outro o colocaria na terceira e um outro, ainda, na quarta. Pela variedade de métodos disponíveis, qualquer planeta poderia mudar da mesma forma sua posição. Assim, quando alguém lhe diz que seu Sol, ou qualquer outro planeta, está em tal e tal casa, é bom ficar meio de pé atrás, já que a afirmação não tem sentido sem um método aceito de determinar as casas. Portanto, por essas e muitas outras razões, deixaremos que o sistema de casas desiguais encontre o destino que merece e concentraremos nossa atenção, durante o que resta deste capítulo, no nascimento do mais antigo sistema conhecido pelo homem.

O Sistema de Casas Iguais

Deve-se tratar dos sistemas de Casas Iguais no plural porque, diferentemente dos sistemas de casas desiguais, há muitos modos de resolver o problema. Onde é o início de um círculo? A resposta é que ele começa em qualquer ponto da circunferência que se queira escolher. O grau culminante da Eclíptica (a cúspide da décima casa no meio-céu) pode ser usado como seu ponto de partida, assim como o grau de Ascensão na Eclíptica (a cúspide da primeira casa no ascendente). As vezes, os muçulmanos

colocavam o Sol no ascendente (a cúspide da primeira casa) e, ao fazê-lo, descobriram os pontos arábicos (a posição dos planetas nas casas com o Sol no ascendente). Mas o astrólogo americano Carl Payne Tobey descobriu que o sistema arábico tinha seu próprio ascendente e, assim, iniciou aquilo a que chamou mapa secundário, em oposição ao mapa principal do horóscopo natal do indivíduo. Assim, em última análise, há literalmente dúzias de sistemas de casas iguais que não apenas são possíveis, como também igualmente válidos.

Devemos ressaltar que este livro não representa, de forma alguma, o reflorescimento do sistema de Casas Iguais em nossos dias. Ele na verdade foi redescoberto pelo astrólogo inglês William J. Tucker no início do século XX e, na década de 1930, encontramos o psicólogo suíço dr. Carl Jung usando-o em Zurique e os astrólogos americanos Dal Lee e Grant Lewi usando-o por aqui. De fato, foi Dal Lee o primeiro a chamar a atenção de Carl Payne Tobey para esse sistema, e este lhe conferiu a publicidade necessária em seus muitos escritos. Assim, a partir da década de 1930, o sistema de Casas Iguais tornou-se mais popular a cada ano e, atualmente, é usado por muitos astrólogos em todo o mundo.⁸⁸

O sistema da Casas Iguais, da forma como é praticado hoje, sempre começa com o ascendente na cúspide da primeira casa, e não no meio-céu, na cúspide da décima. Portanto, o meio-céu aparece como um ponto sensível em qualquer casa que possa cair. Mas a Cabala, em sua infinita sabedoria, não concorda inteiramente com essa decisão arbitrária. Há momentos em que se quer orientar o mapa de acordo com o meio-céu na cúspide da décima casa. Portanto, o meio-céu será um ponto sensível não importa a casa em que caia. Nesse caso, as casas do Tempo do Tarô são usadas para representar as casas mundanas em vez das letras inglesas do espaço, que são usadas quando o mapa é orientado pelo ascendente. E o horóscopo resultante, quando lido dessa maneira no que diz respeito às casas, pode ser muito mais revelador.

Vamos olhar as Figuras 131 e 132, que aparecem nas duas páginas que se seguem. Nicholas deVore, em sua *Encyclopedia of Astrology*, agrupa as casas como Trindades de Vida, Riqueza, Associação e a Psique ou Alma. Elas correspondem às Trindades de Fogo, Terra, Ar e Água que representam os signos do Zodíaco. E, assim como os signos, as casas de cada quadrante são, ainda, classificadas como angular, sucedente e cadente, correspondendo aos signos que são cardinais, fixos e mutáveis ou comuns. Portanto, há uma correspondência ponto a ponto entre os *signos*, que são

88. O Sistema de Casas Iguais, na forma como é praticado hoje, deve muito de sua popularidade ao trabalho do astrólogo americano Carl Payne Tohey. Seu livro, *Astrology of Inner Space* (Tucson, Arizona, Omen Press, 1973) está na 3ª edição e é um excelente tratado sobre os méritos desse tipo de construção das casas.

Os Poderes e Fraquezas das Casas



Como As Quatro Trindades Terrenas da Vida, Riqueza, Associação (Laços) e Alma Correspondem Aos Quatro Elementos

Figura 131

As 12 casas do Horóscopo resultantes da rotação diária da Terra ao redor de seu eixo.

As Dignidades e Debilidades dos Planetas



Como As Letras Inglesas do Espaço, Mais Os Símbolos do Tarô do Tempo Definem As Casas da Terra

Figura 132

Os 12 signos do Zodíaco resultantes da jornada anual da Terra em torno do Sol

divisões de um ciclo anual que se inicia com o Equinócio de Primavera, e as *casas*, que são divisões do ciclo diário que resulta da rotação da Terra sobre seu eixo. Os atributos das casas são mostrados na Figura 131, diferentes dos atributos dos signos que designam as casas equivalentes na Figura 132.

Por isso há uma certa interação entre os dois sistemas de signos e casas. E o mesmo pode ser dito em relação ao uso do grau do ascendente para representar a cúspide das casas do espaço, ou o grau do meio-céu para representar a cúspide das Casas do Tempo. Não importa o sistema usado (ascendente ou meio-céu), os planetas permanecerão onde estão, mas as *casas* em que aparecem serão ligeiramente diferentes em cada um dos dois sistemas. E com o uso do ABC do alfabeto em inglês para designar as casas do espaço e a ordem das cartas do Tarô para descrever as casas do tempo, o mapa astrológico pode ser muito mais revelador do que jamais se julgara ser possível.

Como descobrimos no capítulo anterior, se um planeta é exaltado em um signo, está em queda no signo diretamente oposto. O mesmo vale para os signos que ele rege; o signo oposto representa seu detrimento. Mas o espaço é tridimensional — norte-sul, leste-oeste e cima-baixo. Essas direções podem ser representadas pelas seis faces de um cubo. Portanto, para que nosso diagrama astrológico esteja completo, devemos ter mais um par de opostos a acrescentar aos dois que usamos hoje. Proponho adicionar os termos *natural* e *oposto* aos dois conjuntos mencionados, sendo os termos aplicados à ordem natural dos planetas de acordo com os princípios da Lei de Bode. Exemplos típicos do efeito dos planetas em casas que refletem sua "regência exaltada natural" em oposição a seu "detrimento em queda oposto" podem ser vistos na Figura 132.

Essa figura mostra também como as letras INGLESAS do ESPAÇO, mais os símbolos do TARO do TEMPO, definem as CASAS da TERRA. E se usarmos o princípio cabalístico do Notaricon (abreviações) e fizermos duas novas palavras a partir das primeiras letras das palavras anteriores em inglês [English; Space; Tarot; Time; Houses; Earth], descobrimos que elas representam THE SET [O Conjunto]. E o que é um "conjunto"? O dicionário *Webster* define-o como "coisas do mesmo tipo que formam um todo", e acho que você terá de concordar que a definição é com toda a certeza apropriada.

Mas não vamos parar por aqui. Podemos aplicar também o mesmo princípio às quatro trindades terrenas de VIDA, RIQUEZA, ASSOCIAÇÃO E ALMA [Em inglês, Life, Wealth, Association e Soul] que aparecem na Figura 131. E ao fazê-lo, descobrimos que essas quatro palavras representam as "LAWS" [Leis]. Essas "coincidências" não são incomuns na Cabala e podemos apenas admitir que a intenção delas é trazer mais indícios da validade dos princípios gerais da Astrologia.

Você notará que o ascendente e o descendente designam a cúspide da primeira e da sétima casas na Figura 131, em oposição ao meio-céu (MC) e ao Imum Coeli (IC), que representam a cúspide da décima e da 4ª casas na Figura 132. Fizemos isso para mostrar como esses dois sistemas separados podem ser usados. Digamos que o ascendente esteja a 12° de Áries. Então a cúspide da segunda, terceira e quarta casas na Figura 131 será 12° de Touro, 12° de Gêmeos, 12° de Câncer, etc., sendo os 12° a cúspide de todas as casas. Mas se a tábua de casas mostrasse o meio-céu (a cúspide da 10ª casa) a 7° de Capricórnio, todas as cúspides na Figura 132 estariam nos 7° de cada um dos signos. Portanto, é bem possível que alguns dos planetas apareçam em casas diferentes em cada um dos dois sistemas de casas iguais. Mas você não precisa se preocupar com isso, já que agora tem a simbologia adicional das cartas do Tarô para esclarecer a situação. Afinal de contas, o verdadeiro propósito do mapa do meio-céu é colocar o elemento do tempo no quadro, junto com os elementos do espaço, para que a combinação de ambos ofereça uma imagem muito melhor de quem você é e o que você deve realizar nesta vida em particular.

O Horóscopo Quadrado das Casas Triangulares

Atualmente, construímos o horóscopo, junto com suas 12 casas e signos do Zodíaco, em um formato circular; mas nem sempre foi assim. Desde o início da Renascença até o final do século XIX, os astrólogos visualizaram as *casas* do horóscopo como 12 triângulos externos contidos em uma pirâmide de base quadrada, que por sua vez era circunscrita em torno de um quadrado interno e inscrita em um círculo externo. O círculo externo era o círculo da Eclíptica e o quadrado interno era o vértice de ouro da Grande Pirâmide. Esse horóscopo quadrado, com suas 12 casas triangulares interiores e 12 signos exteriores em forma de arco, é mostrado na Figura 133.

Pode-se ver prontamente que a décima casa era um reflexo da face sul da pirâmide, a primeira casa um reflexo de sua face leste, a quarta um reflexo da face norte e a sétima um reflexo da face oeste. O horizonte era então a linha horizontal que se estende de leste a oeste, desde a cúspide da primeira casa até a cúspide da sétima casa; e o meridiano era uma linha vertical que se estendia do meio-céu (a cúspide sul da décima casa), passando pelo zênite central (diretamente acima) e terminando no Imum Coeli (a cúspide norte da 4ª casa) em direção da estrela polar no norte.

Portanto, em vez de a quarta casa representar os 30° do espaço abaixo do horizonte (como se considera hoje), os antigos consideravam que a cúspide estava no centro da casa, cuja área total estendia-se por 15° para cima e para baixo em ambos os lados da cúspide. Assim, o balanço diário do ascendente, para cima e para baixo do leste exato, podia ser mais ou menos limitado aos limites da primeira casa, que é exatamente o que colocamos anteriormente.

Mas na virada do século, em uma tentativa de mostrar a posição dos planetas de maneira mais realista, o matemático francês Paul Choissard desenvolveu o formato circular que usamos hoje e o horóscopo quadrado tornou-se coisa do passado. O formato moderno é melhor em certo aspecto e pior em outro — melhor no sentido de que agora as casas podem ter uma correspondência ponto a ponto com os signos, mas pior pelo fato de que a cúspide das casas não fica mais no centro, perdendo assim seu verdadeiro significado.

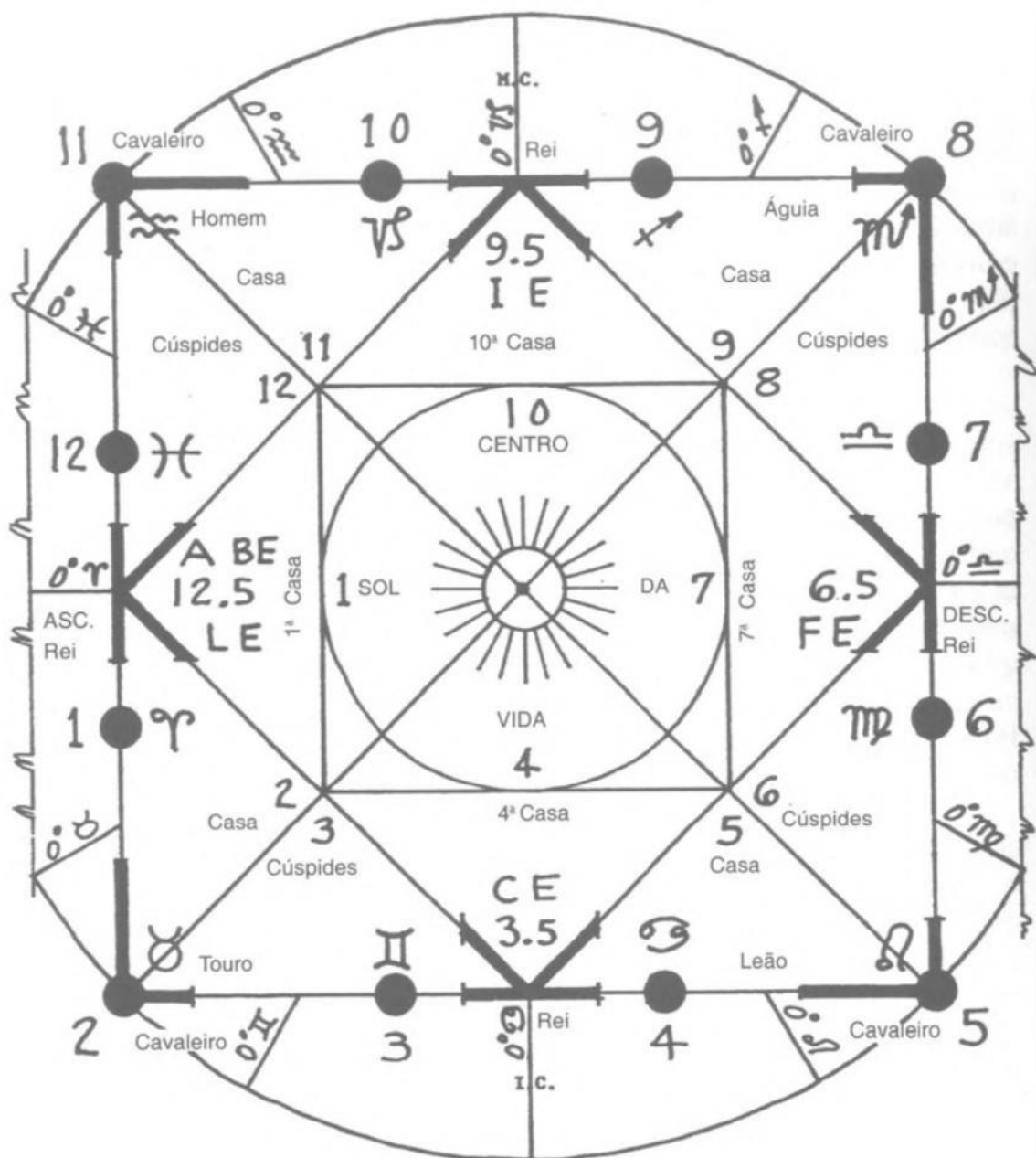


Figura 133
O Horóscopo quadrado: Os ABCs da vida

No formato quadrado, a cúspide das casas ficava no vértice do triângulo, a posição mais poderosa da casa. Assim, elas podiam ser consideradas o ponto em que um aspecto com o meio-céu se tornava exato. Antes de atingir a cúspide, o aspecto estava em formação e, depois de atingi-la, o aspecto estava em separação. Quanto mais perto da cúspide um planeta estivesse, mais exato o aspecto. Mas as casas fazem aspectos umas com as outras, assim como os planetas. Assim, o vértice das casas é muito importante.

De maneira geral, o termo "aspecto" é aplicável a qualquer mistura de raios de uma estrela ou planeta que resulte em sua interação. Aspectos zodiacais são medidos em graus ao longo da Eclíptica. Baseiam-se nas divisões fracionárias de um círculo de 360° medido a partir de dois pontos em sua circunferência do ponto de vista de um observador na Terra. Portanto, um aspecto é um ângulo, e um ANGLE [Angulo] pode ser reescrito como ANGEL [Anjo], evidenciando assim o significado astrológico dos "anjos" da *Bíblia* que desciam dos céus para ajudar os homens. Os nomes dos aspectos e seus efeitos são os seguintes:

Nome	Signos Separação	Graus de Separação	Efeito de
Conjunção	0	0	Construtivo
Semi-Sextil	1	30	Qualidade mista
Sextil	2	60	Favorável
Quadratura	3	90	Conflito e problemas
Trígono	4	120	Muito harmonioso
Quincúncio	5	150	Suavemente favorável
Oposição	6	180	Parceiro ou Oponente

Voltemos agora à Figura 133. Os quatro signos fixos de Touro, Leão, Escorpião e Aquário são mostrados nos quatro cantos da Grande Pirâmide, que está inscrita no círculo do Zodíaco. Os dois signos cardinal e mutável que ficam entre eles são projetados em cada uma das faces da base quadrada da Pirâmide, permitindo, assim, que a Grande Pirâmide "esquadre o círculo" do Zodíaco. Os signos receberam os números de Áries (1) a Peixes (12) e um simples cálculo do valor médio entre cada signo mutável e cardinal nos dará o valor numérico da cúspide da primeira, quarta, sétima e décima *casas*, que são um reflexo das faces leste, norte, oeste e sul da Grande Pirâmide. Isso pode soar um tanto complicado, mas se o leitor realizar esses mesmos cálculos, chegará aos mesmos valores numéricos que atribuímos aos quatro cantos "K" da pirâmide interna. E, é claro, o valor numérico dos quatro cantos "L" da pirâmide externa são 2, 5, 8 e 1, respectivamente.

Vamos agora "ler" os valores numéricos desses cantos "K" internos e o que eles têm a nos dizer. Começando na face leste e movendo-nos no sentido anti-horário em torno da pirâmide, os números são (12.5 + 3.5 + 6.5 + 9.5), que é transliterado como "A, BE, CEE de FIE" [A, B, C, de Phi].

Além disso, se os valores numéricos dos cantos leste, sul e oeste forem considerados separadamente, os números são (12,5 + 9,5 + 6,5). Esses números declaram representar "E's LIFE" [A vida de E]. E quem é "E"? É o Hierofante (Carta 5 do Tarô), é claro.

As Casas dos Hemisférios Norte e Sul

As Figuras 134 e 135 são desenhos compostos do Zodíaco da forma como ele aparece visto do planeta Terra, seja em um dia ou um ano na jornada do Sol. O ciclo anual da jornada do Sol ao longo das casas do *espaço* é designado pelas letras do alfabeto inglês no círculo interno que começa com a letra A no ascendente (a primeira casa) no hemisfério norte e a letra S no ascendente (a primeira casa) no hemisfério sul. A Figura 134 representa a visão a partir do hemisfério norte e a Figura 135 o modo como é visto no hemisfério sul.

O ciclo diário da jornada solar ao longo das Casas do *Tempo* é designado pela ordem numérica das cartas do Tarô no círculo exterior, no aro da roda. Esse ciclo começa com a letra I (Carta 1 do Tarô) como a primeira casa após o meio-dia no hemisfério norte e com a letra M (Carta 13 do Tarô) como a primeira casa após a meia-noite no hemisfério sul.

A única diferença entre o ciclo do espaço e o do tempo é que o primeiro gira em torno dos pólos zodiacais da Eclíptica (as letras Y-Z) e o último gira em torno dos pólos geográficos da Terra (as letras P-Q). Assim, a órbita anual do Sol pelo espaço ocorre no plano da Eclíptica, em oposição à órbita diária do Sol ao longo do tempo, que ocorre em um plano paralelo ao Equador. Para visualizar qualquer deles corretamente, é necessária uma rotação de 23,5 graus do eixo polar, para trazer o plano apropriado ao plano do papel.

Colocamos propositalmente as Figuras 134 e 135 "de costas" uma para a outra para que o leitor possa seguir o modo como o céu aparece em cada hemisfério da Terra, não importa em qual esteja no momento. É muito mais fácil projetar-se mentalmente por um círculo inteiro de 24 horas ou de 12 meses com o simples processo de virar a página em vez de realizar esses exercícios apenas com a mente. O escritor achou os diagramas bem úteis ao tentar compreender as relações bastante complexas entre essas casas do espaço e do tempo, e acreditamos que o leitor também os achará.

Hora Média Local (LMT)

Um horóscopo natal não pode ser erigido sem antes se estabelecer a data do nascimento, a hora e o lugar em que ele ocorreu. Mas a hora que aparece na certidão de nascimento normalmente é a Hora Padrão (ST) da zona de tempo local, e não reflete a Verdadeira Hora Local (Hora Solar)

naquele meridiano da Terra em particular. Essa hora é chamada Hora Média Local (LMT) e permanece a mesma em qualquer ponto do meridiano, do Pólo Norte ao Pólo Sul. Mas, por causa da velocidade da rotação da Terra em torno de seu eixo, um novo meridiano de longitude passa diretamente sobre nós a cada quatro minutos, aumentando assim a Hora Média Local em quatro minutos a cada grau de longitude entre os Meridianos Padrão.



Figura 134

Um dia inteiro e/ou ano na jornada do Sol como é visto do Hemisfério Norte da Terra



Figura 135
*Um dia e/ou ano inteiro na jornada do Sol
visto de hemisfério sul da Terra*

A Figura 136 mostra como a Hora Média Local (LMT) é calculada. Na parte de baixo da figura estão os símbolos, graus de longitude e intervalos entre cada um dos meridianos padrão de tempo a oeste do meridiano principal (Greenwich, Inglaterra, Longitude 0°). No alto da figura está um mapa da latitude 34° N (que passa pela cidade de Los Angeles) para o intervalo de tempo de 8 minutos (2 graus de arco) a partir do meridiano padrão da PST (longitude 120° 0) até o meridiano na longitude 118° O. Portanto, como a longitude de Los Angeles é 118° O 15' (15 minutos a oeste da longitude 118°), a Hora Padrão da zona de tempo local (9h30 da manhã PST) deve ser aumentada em 7 minutos para se igualar à Verdadeira Hora Solar de 9h37 LMT (Hora Média Local) para a cidade de Los Angeles naquele momento em particular.

Casas Solares do Tempo

O passo seguinte ao preparar um horóscopo natal é estabelecer a hora exata em Greenwich (Longitude 0°) em que o nascimento ocorreu. Essa é a chamada Hora Média de Greenwich (GMT) e não é, de forma alguma, afetada pela Hora Média Local em nenhum ponto do globo. Tudo o que se precisa fazer é converter a Hora Padrão (ST) local para a Hora Média de Greenwich (GMT), o que é feito simplesmente somando ou subtraindo um número inteiro de horas de 1 a 12. Se você nasceu às 9h30 da manhã PST (como no exemplo anterior), seriam exatamente 8 horas depois em Greenwich, Inglaterra, ou 17h30 GMT.

Fazemos isso para estabelecer um ponto de referência comum no *Tempo* a partir do qual a localização dos planetas será calculada. Um planeta permanece exatamente no mesmo grau em qualquer signo no Zodíaco e não faz nenhuma diferença o planeta ser visto do pólo norte, do pólo sul ou de qualquer outro ponto do globo: a posição do planeta no Zodíaco não vai mudar. Mas se permitirmos que qualquer fração do *tempo* passe, de um momento para outro a posição dos planetas se alterará, alguns mais que os outros, e a situação será completamente diferente, dependendo do tamanho do intervalo.

Para descobrir a localização exata dos planetas, em qualquer momento de qualquer dia do ano, devemos consultar uma efeméride, de que existem dois tipos. Se for uma efeméride do meio-dia, os planetas são listados exatamente como aparecem ao meio-dia GMT. Se for uma efeméride da meia-noite, suas posições são dadas à meia-noite GMT. Portanto, se o momento do nascimento for 17h30 GMT em 4 de julho de 1985 (como no exemplo anterior), seria preciso calcular o número de graus e minutos de arco que eles se moveram desde o meio-dia de 4 de julho de 1985 até o meio-dia de 5 de julho de 1985. Cada um dos inter-

alos seria diferente, mas de qualquer modo o movimento real desde o meio-dia até às 17h30 em 4 de julho seria de 5,5/24 ou 22,9% do intervalo angular diário para aquele planeta em particular. Assim, sem muito esforço, e pelo processo de interpolação, a verdadeira posição dos planetas pode ser determinada com a ajuda de uma efeméride para qualquer momento, de qualquer dia, de qualquer ano.

Vamos passar agora à Figura 137, em que construímos um horóscopo natal típico usando a data de nascimento do escritor, 20 de novembro de 1918 em Los Angeles, Califórnia. A hora da certidão de nascimento era 5/145 da manhã e, como não havia correção de horário de verão a se fazer naquele período, podemos admitir que a hora correta do nascimento foi 5h45 PST. Acrescentando 8 horas, descobrimos que a hora correta em Greenwich era 13h45 GMT; e com o simples uso de uma efeméride a posição dos planetas foi calculada e acrescentada ao mapa.

O procedimento normal seria, então, calcular a hora sideral equivalente (hora estelar) em horas, minutos e segundos, de forma que a posição



Conversão da Hora Local para a Hora Local Verdadeira

H. M. S.

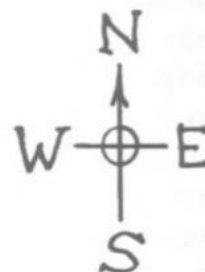
10:30:00 AM PDT (Hora Diurna do Pacífico) 4 de Julho de 1985

- 1:00:00 Subtrair 1 hora do Horário de Verão

9:30:00 AM PST (Hora Padrão do Pacífico) 4 de Julho de 1985

+ 7:00 Correção de meridiano (acrescentar 1 minuto para cada 15 a leste do Meridiano padrão). Se a pessoa nasceu a oeste do Meridiano padrão (120 W), subtrair 1 minuto para cada 15 de arco a oeste do meridiano.

9:37:00 AM 4 de julho de 1985 é portanto a Hora Local Verdadeira do nascimento ou a Hora Local (LMT) em Los Angeles, Califórnia.



Os Meridianos Padrão de Tempo são os seguintes:

	Símbolo	Longitude	Intervalo
Hora de Greenwich (Meridiano Principal)	GMT	0 W	0 Horas
Hora Padrão do Atlântico	AST	60 W	4 Horas
Hora Padrão do Leste	EST	75 W	5 Horas
Hora Padrão Central	CST	90 W	6 Horas
Hora Padrão das Montanhas	MST	105 W	7 Horas
Horas Padrão do Pacífico	PST	120 W	8 Horas
Hora Padrão do Yokon	YST	135 W	9 Horas
Hora Padrão do Alasca-Havaí	AHST	150 W	10 Horas
Hora Padrão de Behring	BST	165 W	11 Horas
Linha Internacional da Data	IDT	180 W	12 Horas

Figura 136

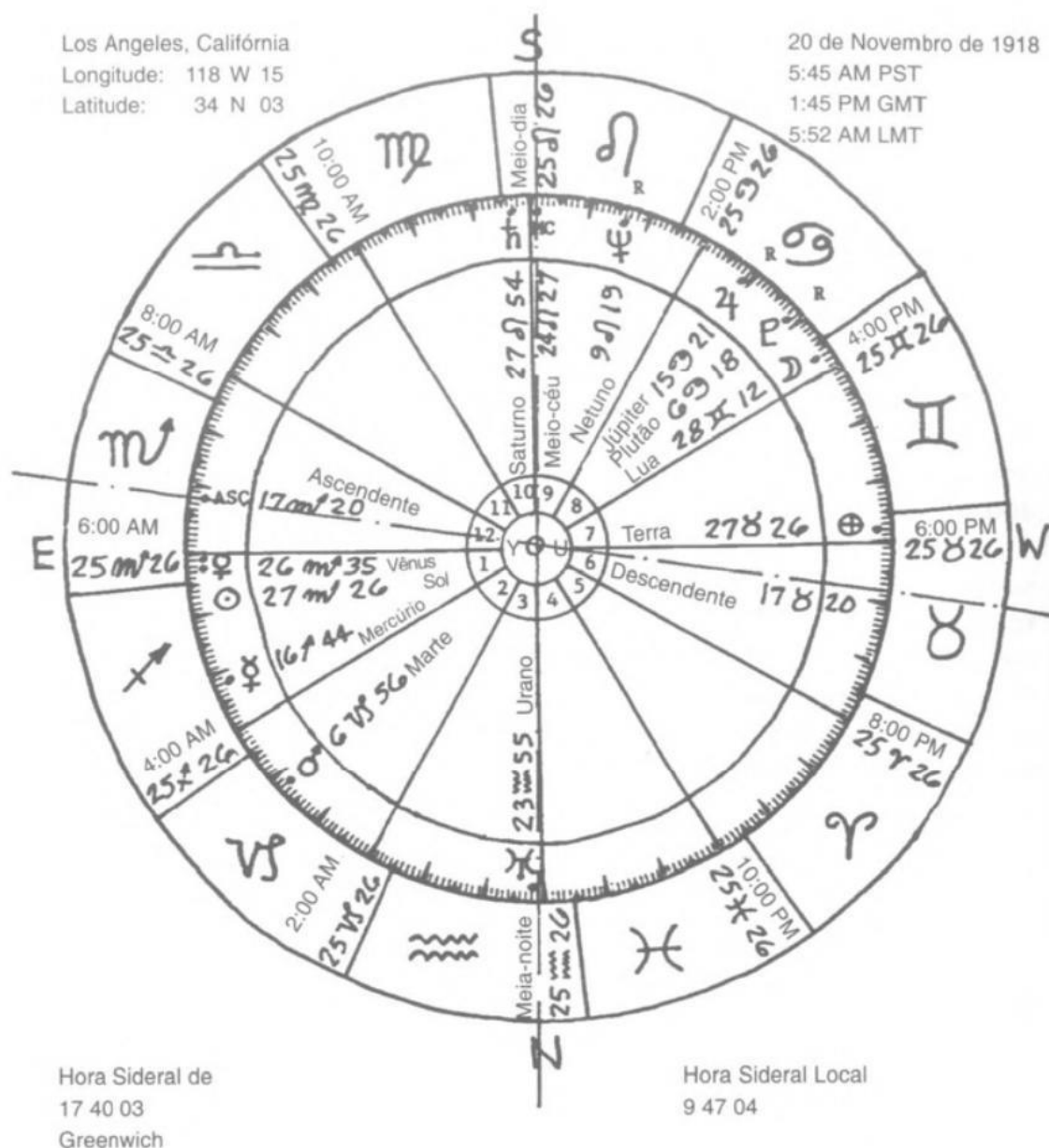
A conversão da Hora Padrão (ST) para a Hora Média Local (LMT)

das cúspides das casas mundanas pudesse ser estabelecida (a hora sideral é medida como um relógio de 24 horas correndo no sentido anti-horário ao longo dos 12 signos, de 0° de Áries a 30° de Peixes). Mas, como um relógio sideral anda mais rápido que um relógio solar (24 horas e 0 minutos *versus* 23 horas e 56 minutos), a hora solar deve ser corrigida com uma "aceleração do intervalo" de 10 segundos por hora antes que se possa encontrar a *Verdadeira Hora Sideral Calculada* (TCST) para o momento do nascimento. Isso demanda um esforço considerável, desde a conversão do meio-dia Sideral no meridiano de Greenwich (que se encontra na efeméride) até a Verdadeira Hora Local Sideral mencionada antes. Porém, os cálculos são necessários, se quisermos realmente determinar a posição da cúspide das casas por qualquer dos métodos usados pelos astrólogos de hoje. Além disso, o uso de um outro livro (chamado Tábua de Casas) é também necessário para fazer as conversões necessárias da hora sideral para o grau zodiacal da cúspide das 12 casas.

Porém, todos esses cálculos são completamente desnecessários — e seus resultados não são mais exatos — se o leitor apenas usar as fundamentais casas solares do tempo. "O que são elas?", pergunta você. As casas solares do tempo são estabelecidas pelo movimento diário do próprio Sol, que é usado para calcular a cúspide das 12 casas conforme ele se move em seu ciclo diurno do meio-dia à meia-noite, e de volta ao meio-dia, de maneira similar ao ponteiro das horas de um relógio. Além disso, uma vez que estamos tratando apenas da hora solar, todas as contas envolvendo a hora sideral podem ser inteiramente deixadas de lado. Isso inclui até mesmo a Tábua de Casas!

Veja como o sistema é simples. Uma vez que a Hora Média Local (LMT) do nascimento tenha sido estabelecida, basta adequar a hora do nascimento à posição zodiacal do Sol naquele momento e em seguida relacionar a posição das casas de acordo com esses dados. O Sol funcionará, então, como o ponteiro das horas de um gigantesco relógio de 24 horas, conforme move-se do meio-dia no meio-céu (sul exato), até a meia-noite no Imum Coeli (Norte exato). Seis horas da manhã será o leste exato e 18 horas será o oeste exato. O equilíbrio da cúspide das casas será a intervalos regulares de 2 horas e terminaremos com um sistema de casas iguais baseado nas Casas Solares do Tempo ao longo das quais os diversos planetas nos signos zodiacais do Espaço podem agir.

No exemplo da Figura 137, a Hora Média Local é 5h52 da manhã. O Sol está a 27 graus e 26 minutos do signo de Escorpião. Mas como o Sol move-se à razão de 15 graus por hora (1 grau a cada 4 minutos), a distância até a cúspide mais próxima (neste caso, 6 horas da manhã) pode facilmente ser convertida de minutos de tempo para graus angulares e minutos de arco. O intervalo entre 5h52 da manhã e 6 horas da manhã é de 8 minutos. Portanto, 8 minutos, quando divididos pela razão solar de 1 grau a cada 4 minutos, deixa a cúspide da casa a exatamente 2 graus do Sol naquele



Se o Sol puder fazer uma revolução ao redor da Terra no sentido horário, começando em sua posição inicial no nascimento do zodíaco, e na hora local real de nascimento (local significando tempo ou tempo solar) isso estabelecerá automaticamente as cúspides das 12 casas da meia-noite ao meio-dia e de volta à meia-noite novamente.

Se o Sol mover 15 graus por hora (1 grau a cada 4 minutos), a distância até a casa da cúspide mais próxima (6:00 Am neste caso) pode ser facilmente convertida de minutos de tempo para graus angulares e minutos, como segue:

Tempo da Cúspide	6:00 Am
Hora Local	5:52 Am
Intervalo	8 minutos

8 minutos de tempo
4 minutos de tempo 2 graus + 0 minutos

Figura 137
Um típico horóscopo natal

momento. A cúspide da casa às 6 horas está portanto em $25^{\circ}26'$ de Escorpião, já que o Sol está em $27^{\circ}26'$ de Escorpião e, uma vez que estamos usando um sistema de casas iguais, a cúspide de *todas* as casas estará a $25^{\circ}26'$ daquele signo em particular.

Conforme o leitor familiariza-se com o sistema, ele deve gradualmente perceber que, para todos os fins, estamos de fato usando um sistema de casas iguais baseado no meio-céu como a cúspide da décima casa. Se fôssemos calcular o grau zodiacal do meio-céu usando o método normal de uma Tábua de Casas descobriríamos que ele estaria a $24^{\circ}27'$ de Leão, ou cerca de 1 grau a oeste do meio-dia distante do que havíamos calculado. "Mas por que ocorre semelhante discrepância?", pergunta você. A resposta é encontrada na Figura 112. A posição do meio-céu estabelecida pela Tábua de Casas era obviamente para o meio-dia *anterior*, mas o sistema de casas solares a fez passar ao meio-dia do dia seguinte que, de acordo com o verdadeiro movimento do Sol no plano da Eclíptica, deve de fato *estar* 1 grau mais a leste de onde estava antes. Assim, nessa pequena discrepância, encontramos ainda mais provas da validade do sistema a que chamamos casas solares do tempo.

O Grande Horóscopo do Espaço e do Tempo

A Figura 138 leva essa idéia ainda mais longe. Ela traz basicamente o mesmo horóscopo da Figura 137. A única alteração que fizemos foi acrescentar as letras do alfabeto inglês representando as casas do *espaço* na parte de dentro da roda e as cartas do Tarô representando as horas do *tempo* no aro exterior. Também desenhamos os ponteiros do relógio da Terra, que estão constantemente se movendo em torno da Terra com o Sol e a Lua em suas extremidades. Esses ponteiros estão em movimento no plano da Eclíptica. *e não* no plano do Equador. Estão se movendo também no sentido anti-horário (como visto a partir do hemisfério norte) e, portanto, só têm significado no que toca à hora sideral, agindo os 12 signos do Zodíaco da mesma maneira que os 12 dígitos em torno do disco de um relógio terrestre.

Mas estamos falando de dois métodos distintamente diferentes de cronometragem e o Sol representa um papel importante em ambos. Como dissemos antes, se permitirmos que o Sol saia temporariamente do plano da Eclíptica e passe ao plano de seu próprio círculo diurno (diário) em torno da Terra, ele pode representar um papel duplo como o ponteiro das horas de um relógio solar de 24 horas. E por meio da magia dessas casas solares do tempo, podemos ganhar uma nova percepção da interpretação do horóscopo padrão. Porém, durante toda a duração dessa operação, o Sol nunca sai do *círculo* da Eclíptica e, por conseguinte, permanece no plano do papel o tempo todo. O plano da Eclíptica apenas balança para a frente e para trás em torno do Sol (como se este fosse um fulcro) por todo o ciclo de 24 horas do dia. Por exemplo: o nascer do Sol pode estar talvez a 30° a norte do leste o caso a 30° norte do oeste no plano do horizonte. Mas o

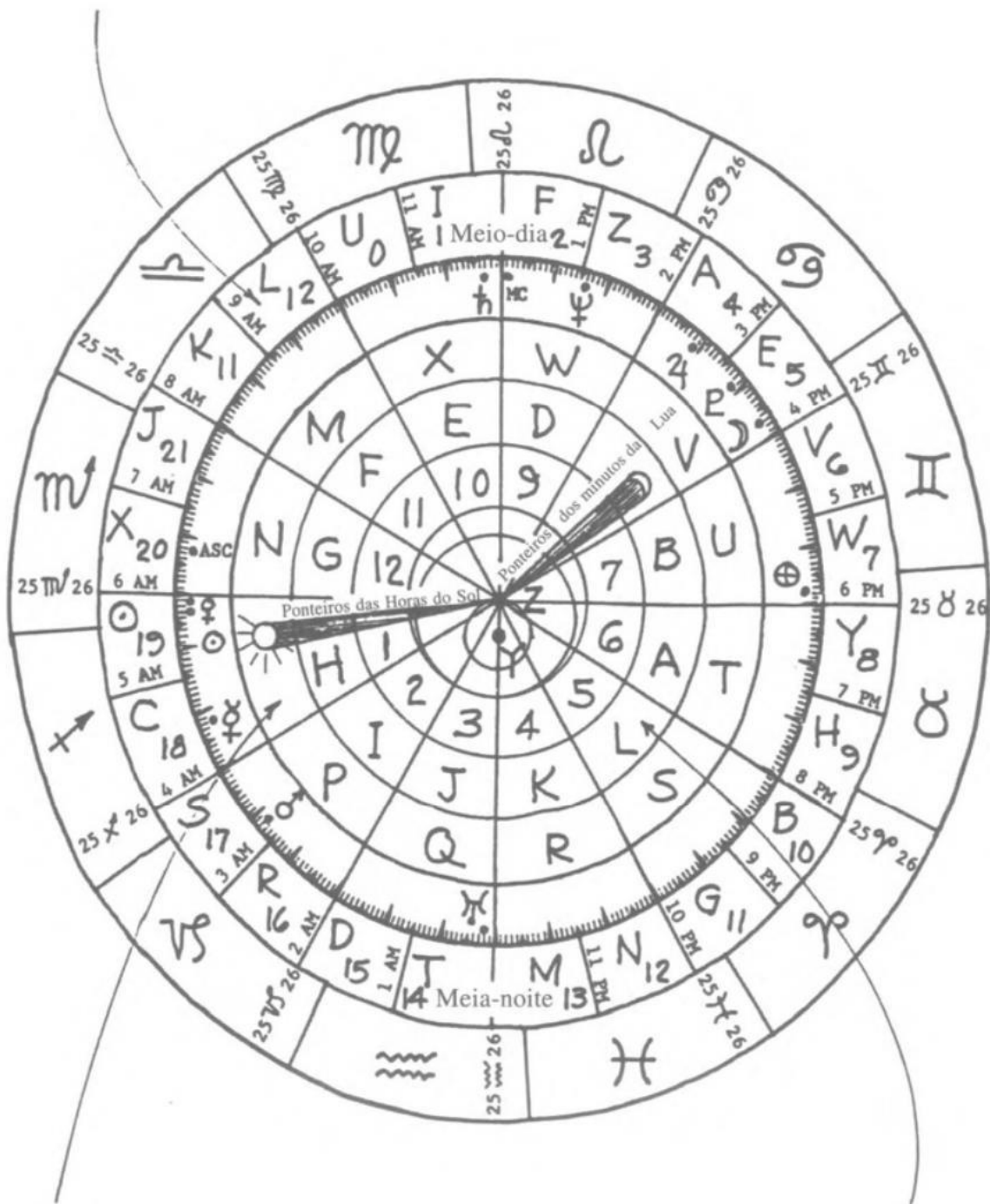
plano da Eclíptica cruzaria o horizonte entre 30° a norte do leste e 30° a sul do oeste no nascer do sol e balançaria para 30° a norte do oeste e 30° a sul do leste ao pôr-do-sol. Portanto, o sistema continua sendo de casas iguais, tanto no sentido do tempo como no do espaço, uma vez que o Sol nunca é projetado *em* nenhum outro plano além do plano do papel.

A chave para a localização das letras-símbolo corretas para as casas terrenas é encontrada ainda na Figura 129, no capítulo anterior. Ali, você deve lembrar-se, as letras de A até L representavam a órbita da Lua e as letras de M até X a órbita do Sol. Portanto, tudo o que temos a fazer é determinar qual casa é ocupada pelo Sol e qual pela Lua e designá-las, respectivamente, com as letras O e C. As casas restantes devem ser rotuladas consecutivamente no sentido anti-horário e em duas órbitas distintas. O resultado deverá ser similar (embora obviamente diferente) ao modo como as casas do espaço estão designadas na Figura 138.

Vamos agora tratar dos símbolos do Tarô para as 24 horas do dia solar. Novamente, devemos olhar para o Sol para atribuir a letra O, que representa o Sol (Carta 19 do Tarô), como o símbolo correto para a hora em que a Hora Média Local (LMT) do nascimento ocorreu. As horas restantes são rotuladas consecutivamente na ordem das cartas do Tarô mostrada na Figura 129. Porém, é necessário lembrar que as letras das casas do tempo se moverão no sentido horário, oposto ao das casas do espaço.

O resto cabe a você. Sem dúvida serão necessários mais experimentos, mas por meio da simbologia adicional das próprias cartas do Tarô — assim como por ter oferecido um método prático e fácil para estabelecer a cúspide das casas — esperamos ter trazido uma pequena contribuição para melhor compreensão desse assunto tão fascinante.

Casas do tarô do tempo percorrido pelo aparente movimento em sentido horário do Sol e/ou das Estrelas a medida em que a Terra gira em seu eixo na direção oposta.



Casas alfa do espaço percorrido pelo verdadeiro movimento dos ponteiros das horas e dos minutos do Sol e da Lua à medida que eles progridem pelos doze signos do zodíaco.

Figura 138
O horóscopo completo mostrando os ponteiros do grande relógio do tempo movendo nas casas da Terra.

Capítulo 13

O Padrão de Vibração do Nome e da Data

No Capítulo 8 afirmamos que não há nada no Universo que não possa ser identificado pela vibração de luz que lhe é própria. Também mostramos que a única diferença entre cada uma das vibrações é o grau de inclinação matemática do triângulo de luz que representa aquela coisa, qualquer que seja ela, e demonstramos esse princípio com a analogia de um poderoso holofote varrendo com sua luz as quatro faces de uma grande pirâmide de luz, com o foco mudando ligeiramente a cada revolução. Portanto, sempre que a frequência da luz combinar com a frequência do objeto sobre o qual ela está focalizada, o objeto será iluminado e se tornará uma imagem na TV da própria Luz (o vértice da pirâmide).

O que foi dito acima é um resumo aproximado do material que apresentamos no Capítulo 8, intitulado O Pulso da Vibração, que se relaciona ao número de triângulos entre o vértice e sua imagem na TV. Mas neste capítulo queremos falar mais do elemento humano — aquela vibração específica que é feita sob medida para servir em cada pessoa viva — e tentaremos provar que ela não se baseia apenas na *data* de nascimento, mas também no *nome* que aparece na certidão de nascimento.

Seus nomes sejam nossos nomes

A Figura 139 explica melhor o que queremos dizer. Ela representa metade da Árvore da Vida da Grande Pirâmide ilustrada na Figura 42: sugiro que o leitor procure esse diagrama para se orientar antes de continuar neste capítulo. O grande triângulo na base da Árvore representa o elemento tempo (seu nascimento), e ali está você, no útero de sua mãe, suspenso a meio caminho entre os elementos do tempo e do espaço (representados por todos os seus nomes anteriores nas muitas vidas antes desta). esperando sua chance de nascer. Mas, uma vez que você é a soma total de tudo o que já foi, podemos afirmar que "Seu Nome" nesta que virá

pode ser igualado a "The Fool" [O Louco] (Carta 0 do Tarô), cujo número Alfa é 81 e cujo nome é YOU [Você]. Mas o número 81 também é o número da "Tower" [Torre] (Carta 16 do Tarô), cujo símbolo é a letra R. Portanto, podemos afirmar sem medo de errar que esse é quem YOU ARE [Você é].

E quem é sua mãe? Ela é, obviamente, a soma total de "Your Names" [Seus Nomes] porque o número Alfa deles é 131, que se translitera como MA. Mas como o valor Alfa para a letra Y é 25, pode ser lido também como "BE". Assim, temos ainda mais provas de que "Seus Nomes" não apenas representam sua mãe, como também "Be Our Names" [Sejam nossos nomes], os diversos nomes de Deus. E você, claro, é o BABE [Bebê] prestes a nascer, já que o número Alfa para "Your Name's the Fool" [Seu nome é O Louco] é 212, transliterado em BAB = E. Aparentemente, a Consciência de Deus esforçou-se bastante para ter a certeza de que os valores numéricos para as palavras inglesas pudessem ser lidos do modo como mostrado na Figura 139, mas mesmo assim essas são as afirmações feitas.

E quem é o seu pai? Não é outro senão o próprio Pai Tempo, a data marcada para seu nascimento. Por que dizemos isso? A resposta é simples. Para obter o valor numérico de seu nascimento, basta somar os números que representam o século (-1) ao ano, ao mês e ao dia. O valor máximo possível para qualquer data em nossa época, desde o início dos tempos até o último dia do século 20, seria representado por 31 de dezembro de 1999. O valor é, portanto, (12 + 31 + 19 + 99), cuja soma é 161 e que é transliterado como PA, o oposto de MA.

Descobrimos então, na Figura 139, o equivalente à Santa Trindade na forma do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Você é o Filho, uma vez que o número Alfa para "Louco" é 48, o mesmo que "Son" [Filho]. E a Grande Sacerdotisa (Chave 2 do Tarô) é o Espírito Santo, pois o número Alfa de "High Priestess" é 162, igual ao de "The Holy Ghost" [O Espírito Santo]. Mas Você também representa o papel do Pai, porque o número Alfa de "Day + Month + Year + Century" [Dia + Mês + Ano + Século] é 255, transliterado como YE [Você].

Se você olhar uma certidão de nascimento qualquer, verá que lá também está registrada a hora e o minuto do dia em que você nasceu. Portanto, podemos melhorar o valor numérico do elemento "tempo" com esses dois números adicionais, para corresponder ao elemento do "espaço" representado pela soma dos número Alfa de seus nomes que aparecem na certidão (primeiro nome nome do meio, último nome, etc.). Se for um nascimento matutino, usaremos os números da forma como estão (5h45 da manhã = 5 + 45 = 50). Se for um nascimento vespertino, o número da hora deve ser convertido para a hora equivalente em um relógio de 24 horas (5h45 da tarde = 17h45 = 17 + 45 = 62). No primeiro caso você adicionaria 50 ao valor numérico de sua data de nascimento e, no segundo, 62.

Vamos agora olhar os segundos. Essas frações minúsculas de tempo nunca aparecem em sua certidão de nascimento e não temos de nos preocupar com eles porque a Cabala, em sua infinita sabedoria, já cuidou desse

problema. Você vai notar que tivemos de reduzir o valor real do número do século em 1, uma vez que o século XX é sempre designado pelo número 19, o século XVIII pelo número 17, etc., sendo o número da data um a menos que o número verdadeiro. Mas o valor numérico total da data não é reduzido em nada, no sentido de que a unidade simplesmente reverte de volta ao vértice, representando assim o primeiro segundo da série. De fato, mesmo os números Alfa das palavras podem permanecer os mesmos porque sempre podemos trocar o artigo definido "The" [O, A] (33) pela palavra "One" [Um, uma] (34), mantendo assim o total intacto.

O número final a usar para a data de nascimento seria portanto o número da *data*, composto pelo dia, mês, ano e século, que é em seguida somado ao número do *tempo*, a hora e o minuto. Mas olhe a declaração feita com a simples leitura dos números Alfa das próprias palavras. A soma das quatro palavras que representam a data é 255, que pode ser transliterado como YE [você]; e a soma dos números Alfa de "Hour + Minute" [Hora + minuto] é 144, transliterado como ADD [Somar]. Assim, a Cabala instrui-nos a somar (Você Soma) esses números não apenas à unidade que representa "O Segundo", como também aos números do *espaço* em "Seus Nomes". Porém, a plena "consciousness" [Consciência] não é estabelecida até "The Second Minute" [O Segundo Minuto] de sua vida, sendo o número Alfa de ambos os termos 175, que representa uma AGE [Era].

O próximo passo, obviamente, é seguir as instruções da Consciência de Deus e somar os diversos componentes do nome e da data em um todo composto. A soma Alfa total das palavras que formam o triângulo básico da Data é 492, e se lermos esse número da direita para a esquerda descobrimos que "Be ID" [Seja ID]. E o que é o ID? É uma carteira de Identidade que, de acordo com o *Webster*, é um cartão que traz os dados do indivíduo cujo nome aparece nele. É também chamado de carteira de identificação. A parte superior da carteira é o BABE [Bebê] e a parte inferior *Be* [É] sua ID. Mas o mais espantoso nisso tudo é que o valor total da carta de identidade (o Nome e a Data) é igual a GOD [Deus]. Isso é realmente inacreditável!

O Efeito Final do Nome e da Data

E qual o efeito disso tudo? Por que deveríamos ter o trabalho de calcular esses dois números? A resposta é que você deve ser capaz de erigir seu próprio triângulo de luz individual e, ao fazê-lo, aumentar em muito a limitada informação sobre si mesmo que pode ser obtida apenas no horóscopo natal. Você já imaginou por que gêmeos, nascidos da mesma mãe e com apenas um minuto ou menos de diferença de idade, e vindos ao mundo não apenas no mesmo *dia* como também no mesmo *lugar* do planeta, podem ter às vezes destinos tão completamente diferentes? Normalmente eles são similares, mas por vezes podem ser muito distintos. E por que isso

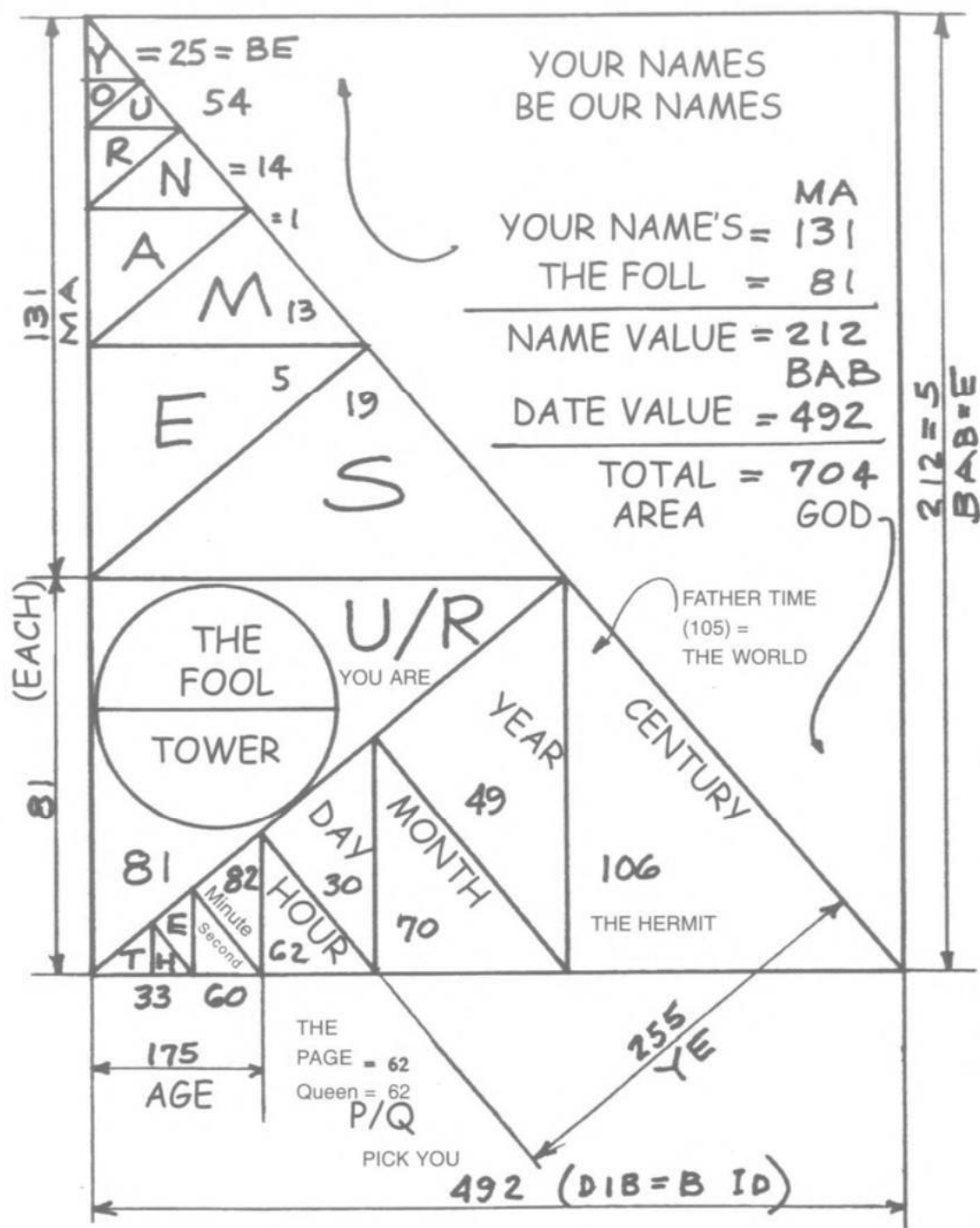


Figura 139
 Seus nomes sejam nossos nomes

ocorre? A resposta é que seus *nomes* são diferentes e, mesmo se o sobrenome for o mesmo, seu primeiro nome e o nome do meio serão sem dúvida diferentes, configurando assim um padrão vibracional bastante diverso em cada um dos triângulos de luz.

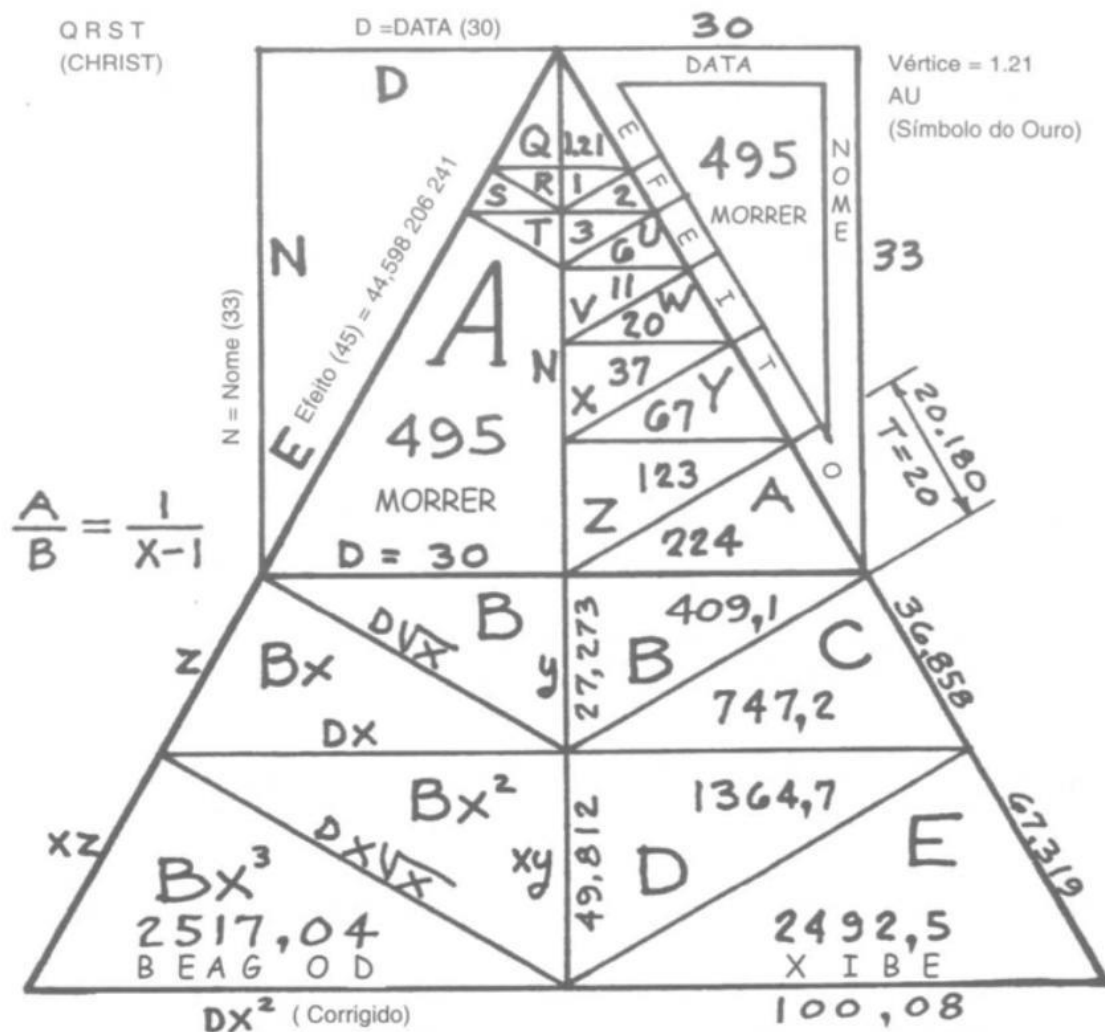
Devemos lembrar que a vida de um indivíduo é muito semelhante à vida de um planeta. Planetas têm horóscopos também e a única diferença entre o horóscopo da Terra e o seu é o elemento do tempo e a posição das casas mundanas. Porém, é possível prever com espantosa precisão a posição dos planetas há muitos milhares de anos no passado ou no futuro. Isso pode ser realizado porque os padrões geométricos dos triângulos de luz planetários permanecem constantes. E uma vez que a vida de um indivíduo é similar à vida de um planeta, pelo uso do triângulo de luz deve ser possível também prever acontecimentos passados e futuros com tanta precisão quanto as posições planetárias. Essa é a teoria e ao longo do capítulo encontraremos a prova, ou ao menos o indício, desses padrões de vida.

Vamos passar agora à Figura 140, onde erigimos um triângulo de luz baseado inteiramente nos números Alfa das palavras NAME [Nome] (33) e DATE [Data] (30). Em vez de simplesmente usar quaisquer números ao acaso, achamos que a teoria deveria ser testada usando os números Alfa das próprias palavras inglesas. Esse é o método que usaremos neste capítulo; queremos mostrar que, se o sistema funciona com o uso dos *símbolos* específicos de tempo e espaço, também deve funcionar no sentido mais geral usando-se os verdadeiros valores numéricos de *qualquer* triângulo de luz. E a mesma lei em qualquer caso; e se a lei funciona para Deus (por meio das palavras em inglês), também deve funcionar para Você (a expressão individualizada dessas palavras).

A próxima etapa é de fato construir o triângulo de luz. Isso se faz pela triangulação do triângulo reto formado pelo nome e a data (que corresponde a subdividi-lo em suas muitas partes interiores, da maneira prescrita pela Figura 140). Todos os triângulos são triângulos retos similares e, uma vez tendo sido definidas e registradas as dimensões do triângulo básico, todas as outras podem ser encontradas simplesmente pressionando-se a tecla correta em sua calculadora de bolso. Para aqueles que estão um pouco enferrujados nas relações geométricas, fizemos uma lista de todas as equações necessárias para a construção de um mapa na parte de baixo da figura; os demais cálculos serão muito fáceis de fazer.

De volta à pergunta que fizemos antes, agora estamos prontos para definir o "efeito final" de combinar o nome com a data. E descobrimos exatamente o seguinte: um triângulo reto cuja hipotenusa é o Efeito (E), cujo componente vertical é o nome (N) e cuja base é a data (D). E ali está ele. A área do triângulo básico representa o END [Fim]: o *Efeito* do *Nome* e da *Data*.

Escolhemos a palavra EFFECT [Efeito] para representar a hipotenusa por quatro razões: I) seu número Alfa é 45, correspondendo ao valor Alfa



$$E = \sqrt{N^2 + D^2} = 44,598\ 206$$

$$N = \text{NOME No.} = 33,000$$

$$D = \text{DATA No.} = 30,000$$

$$X = \frac{E^2}{N^2} = 1,82644\ 628099$$

$$\sqrt{X} = E/N = 1,3514\ 607952$$

$$Z = Y\sqrt{X} = 36,858\ 021\ 6872$$

$$A = \frac{ND}{2} = 495,0000$$

$$B = \frac{D^3}{2N} = 409,0909$$

$$\frac{A}{B} = \frac{N^2}{D^2} = 1,2100$$

$$Y = \frac{D^2}{N} = 27,2727$$

Figura 140
O efeito da triangulação de Nome e Data

calculado de 44,6 para o comprimento da hipotenusa; 2) possui *seis* letras, correspondentes às *quatro* letras em cada uma das outras duas palavras (um quadrado com as *quatro* letras em cada um de seus lados necessitaria de uma diagonal de 5,7 letras e 6 é o número inteiro mais próximo de 5,7); 3) o valor da última letra, T, é 20, correspondente ao comprimento calculado do termo, que seria de 20, correspondente ao comprimento calculado do termo, que seria 20,180; e 4) é filosoficamente adequado usar a palavra EFFECT, já que a definição dela, de acordo com o dicionário *Webster*, diz que é o resultado, a consequência ou o efeito de uma causa anterior. E a causa anterior, obviamente, é o nome e a data.

Mas se a hipotenusa do triângulo representa o efeito, a *área* do triângulo básico representa o fim. E essa área, incrivelmente, acaba sendo o número 495, transliterado como DIE [*Morrerj!* Descobrimos, assim, que o "efeito final" refere-se tanto à morte do Imperador (o vértice da pirâmide) e à sua queda em sua imagem na TV (o bebê que está prestes a nascer); ou à morte do mortal e sua ascensão ao vértice novamente após o término de uma encarnação física. Em qualquer um dos casos é o "fim". No primeiro caso ele se refere ao Imperador (A) e, no último, ao Louco (U).

Mas vamos olhar essas duas letras e ver o que têm a nos dizer. A combinação de A e U resulta no símbolo químico do ouro (Au). E não parece estranho que o número Alfa de "Ouro" seja 38, igual ao de "Morte" (Carta 13 do Tarô)? De acordo com os professores agashanos, a Grande Pirâmide de Gizé era originalmente encimada por um vértice de ouro antes de ele também cair nas areias do tempo e "morrer". Mas o ouro é um elemento espiritual e, onde quer que haja a Morte (M), haverá sempre Julgamento (X), a ressurreição do Espírito.

A Grande Pirâmide do Nome e da Data

Preparamos as Figuras 141 e 142 para explicar melhor como o processo funciona. No diagrama da esquerda estão os termos no corpo da pirâmide e na figura da direita está uma ampliação do próprio vértice. Em ambas as figuras, as letras do alfabeto em inglês são usadas para designar a ordem dos termos descendentes na coluna da esquerda, em oposição às cartas do Tarô que representam as potências positivas ou negativas de X (o número básico que é multiplicado e/ou dividido por si mesmo muitas e muitas vezes) na coluna da direita.

O leitor pode notar que há três colunas de números na Figura 141: a coluna central, representando a verdadeira progressão dos números Alfa das palavras, e as colunas da esquerda e da direita, que foram corrigidas para ($X^0 = 1$) e ($X^{20} = \pi$), respectivamente. Por que corrigimos os quadros'? Simplesmente para trazê-los ao primeiro plano de forma que o termo B logo abaixo do vértice seja igual à unidade ($X^0 = 1$) ou para que algum outro termo na série seja igual ao verdadeiro valor de Pi. Vamos deixar de

Corrigido para $X^0 = 1$			Valores Alfa das palavras	Retificado para $Pi (\pi)$		
VERTICE DE OURO	E	14,86 606 8747	44,59 820 6241	127,1 94 8348	CARTÃO	PODERES DE X
	N	11,	33,	123,6 06 3348		
	D	10,	30,	A F OF U		
	ÁREA	55, (Sum 1-10)	495, (DIE)	30,		
	X	1,82 644 6281	1,82 644 6281	1854,1 (RED A)		
	A/B	1,21	1,21	1,05 8906 206		
	A	A U (Ouro)	A S H	J HIOF B		
		1,21	1,19 821 8898	16,97 614 0001		
				PI		
				16,97 614 0001		
B	1, 00 000 0000	,99 026 3552 X OZ CEE B	1,00 000 0000	U	0	
C	1,82 644 6281	1,80 866 3183	1,05 890 6206	I	1	
D	3,33 590 6017	3,30 342 6144	1,12 128 2354	F	2	
E	6,09 285 3139	6,03 353 0395	1,18 733 2843	Z	3	
F	11,12 826 896	11,01 991 915	1,25 727 4116	A	4	
G	20,32 518 545	20,12 729 035	1,33 133 5364	E	5	
H	37,12 285 937	36,76 141 461	1,40 975 9279	V	6	
I	67,80 290 844	67,14 274 900	1,49 280 2850	W	7	
J	123,83 837 00	122,63 262 42	1,58 073 8202	Y	8	
K	226,18 413 03	223,98 190 05	1,67 385 3493	H	9	
L	413,11 316 37	409,09 090 91	1,77 245 3851	B	10	
M	754,52 900 14	747,18 256 95	1,87 686 2383	G	11	
N	1,378,10 668 8	1,364,68 882 5	1,98 742 1225	N	12	
O	2,517,03 783 6	2,492,53 083 0	2,10 449 2669	M	13	
P	4,597,23 439 4	4,552,47 366 4	2,22 846 0348	T	14	
Q	8,396,60 166 2	8,314,84 859 3	2,35 973 0492	D	15	
R	15,335,94 188	15,186,62 429	2,49 873 3263	R	16	
S	28,010,27 401	27,737,55 345	2,64 592 4159	S	17	
T	51,159,26 080	50,661,15 135	2,80 178 5513	C	18	
U	93,439,64 162	92,529,87 147	2,96 682 8068	O	19	
V	AGO 170,662,48 59	PI HC IF 169,000,83 96	PI = π 3,14 159 2653	X	20	
W	311,705,86 27	308,670,95 50	3,32 665 1957	J	21	

Figura 141
O Corpo da Pirâmide de Nome e Data

Letras inglesas esquerda (para baixo)	Vértice (1,21 x F) , 00000 212535 Erro 26 , 00000 212561 BABE (You)	Letras inglesas direita (para cima)	Potências de X	Letras do Tarô	Números do Tarô	
E		V	Vértice	I	1	
F	, 00000 175649	U	- 22	U	0	U
G	, 00000 320814	T	- 21	J	21	J
H	, 00000 585950	S	- 20	X	20	X
I	, 00001 070208	R	- 19	O	19	O
J	, 00001 954679	Q	- 18	C	18	C
K	, 00003 570118	P	- 17	S	17	S
L	, 00006 520629	O	- 16	R	16	R
M	, 00011 909579	N	- 15	D	15	D
N	, 00021 752207	M	- 14	T	14	T
O	, 00039 729239	L	- 13	M	13	M
P	, 00072 563321	K	- 12	N	12	N ⁻¹²
Q	, 00132 533009	J	- 11	G	11	G ⁻¹¹
R	, 00242 064423	I	- 10	B	10	B ⁻¹⁰
S	, 00442 117666	H	- 9	H	9	H ⁻⁹
T	, 00807 504168	G	- 8	Y	8	Y ⁻⁸
U	, 01474 862985	F	- 7	W	7	W ⁻⁷
V	, 02693 758014	E	- 6	V	6	V ⁻⁶
W	, 04920 004308	D	- 5	E	5	E ⁻⁵
X	, 08986 123572	C	- 4	A	4	A ⁻⁴
Y	, 16412 671980	B	- 3	Z	3	Z ⁻³
Z	, 29976 863700	A	- 2	F	2	F ⁻²
A	, 54751 131221	Z	- 1	I	1	I ⁻¹
B	1, 00000 000000	Y	O	U	0	1
C	1, 82644 628099	X	+ 1	J	21	X ¹
D	3, 33590 601734	W	+ 2	X	20	X ²
E	6, 09285 313910	V	+ 3	O	19	X ³

A U
Valor total do Vértice = 1,21000 000000
O Vértice de ouro da pirâmide

Figura 142
O Vértice de Ouro da Pirâmide do Nome e da Data

lado a correção de Pi por enquanto e concentrar-nos na primeira, que é de longe a mais importante.

Na construção de qualquer pirâmide, há três números usados mais do que qualquer das outras constantes. Estes são os valores de X , X^2 e A/B . Se a área do triângulo B for 1 ou a unidade, a área do vértice (A) será sempre igual a ($A/B = A/1 = A$). As vezes identificamos o vértice como A' (A linha) para diferenciá-lo do próximo termo menor sob o termo B, que seria A. Portanto, não importa onde você esteja na série — seja no quinto, no décimo ou no centésimo termo — o valor total de todos os termos acima de você será o número A' vezes o valor do termo em que você está no momento. No exemplo Nome/Data que estamos usando, o valor de A' é 1,21, transliterado como (Au), o símbolo químico do ouro. Assim, tanto literal quanto cabalisticamente ele é comparável ao vértice de ouro que falta na pirâmide.

As outras duas constantes mais importantes são X e $\sqrt{X}$. Digamos que você esteja no termo B logo abaixo do vértice (A') na figura 140. Você teria, então, um valor numérico de 1 e a área do termo C seria igual a X , o termo D a X^2 , o termo E a X^3 , etc. Mas a *linha* que separa o triângulo B do triângulo C teria um valor de $\sqrt{X}$ — e isso é da maior importância. Desse modo, você será capaz de determinar em que termo a imagem na TV do vértice existe.

Afirmamos anteriormente que a imagem da TV do vértice da pirâmide estava no bebê prestes a nascer. Assim, sugerimos que o bebê ocupava o triângulo B na Figura 140 (o útero da mãe), de forma que o triângulo C representava a data de nascimento. Porém, a área do triângulo B aparentemente não é em nada próxima à área do vértice (A'), porque o diagrama não é desenhado na escala. Se o vértice tiver um valor de 495, sua imagem na TV seria algo entre B (409) e C (747). Assim, a imagem na TV está *defasada* em relação ao vértice e se sobrepõe um pouco a ele. Mas definitivamente ela recai no triângulo B e não no C, porque 495 é menos que 552 ($409 \times \sqrt{X} = 552$). Portanto, nesse caso em particular, é correto dizer que a letra B representa o bebê prestes a nascer. Mas em outros exemplos a imagem na TV do vértice provavelmente recairia em algum outro triângulo.

Vamos descer agora até o triângulo E na base da pirâmide da Figura 140. Seu valor, de acordo com os números Alfa das palavras, é 2.492,5. Esse termo corresponde ao da letra O na coluna do meio da Figura 141; pedimos que o leitor consulte a tabela para achar exatamente onde estamos. De outra forma você vai perder-se e não queremos isso. Mas essa mesma letra O na versão *corrigida* da tabela (a coluna da esquerda na Figura 141) mostra um valor aproximado de 2.517,04. Porém, esse é o verdadeiro valor de X^{13} e não o valor defasado dado na coluna do meio. Se você permitir que seus olhos passem pelos valores correspondentes para os termos B, a razão torna-se clara como água. X^0 é igual a 1 na coluna corrigida, mas na coluna Alfa do meio ele está defasado, tendo sido reduzido a 0,99 em vez do valor correto de 1,00. Porém, o número 99 é o número Alfa de

"Judgement" "Julgamento" (Carta 20 do Tarô), simbolizando os mortos que estão prestes a ressuscitar, o que é certamente muito apropriado.

Mas agora é que vem a parte espantosa e aquele pedaço da Cabala que sempre parece esmagar-nos com o tremendo impacto de sua Inteligência Divina. Se você voltar à Figura 140, verá o que queremos dizer. Na progressão Alfa não corrigida até o triângulo de base da pirâmide, a 13ª potência de X é 2.492,5, que pode ser transliterado como X (Julgamento) I BE [X eu sou]. Mas na forma verdadeira corrigida, o número é convertido para 2.517,04, que cabalisticamente afirma que ele "BE A GOD" [É um Deus]. E isso não é pouca coisa!

Bem, agora estamos realmente perplexos. Se Deus caiu do vértice de ouro para a morte na 134 potência de X, simbolizada pela Morte (Carta 13 do Tarô), qual é o destino do bebê (o cavaleiro na Carta 19 do Tarô) que originalmente ocupava a posição correspondente ao espaço da letra O? Esse é um problema intrigante, mas temos de olhar para a correção de Pi (a coluna da direita na Figura 141) para encontrar uma pista para a solução. Você vai notar que, junto ao ciclo de 22 termos desde o valor de Pi (16,9) no vértice até o valor numérico de Pi (3,14159) na coluna da direita, a coluna do meio estava passando por um ciclo similar, também envolvendo Pi. Uma vez que o valor numérico do vértice na coluna do meio é 1,198, transliterado como ASH [Cinzas], lembramos-nos do lendário pássaro fênix que, após reduzir a si mesmo a cinzas em uma pira funeral, erguia-se jovialmente dessas mesmas cinzas para continuar sua vida.

E certamente, se passarmos para o próprio vértice de ouro na Figura 142, encontraremos a mesma história repetindo-se muitas e muitas vezes. Ali está YOU [Você], bem no meio do termo B representado por $X^0 = 1$. E o símbolo do Tarô para a letra B é a Roda da Fortuna (Carta 10 do Tarô). Mas onde está o bebê? Ele parece não estar à vista. Mas se você tiver à mão um binóculo e conseguir focalizá-los lá no alto, na extremidade da pirâmide, quase fora de seu campo de visão, lá estará ele. O 22º termo a partir de onde você está agora tem um valor de 0,00000 175649 e seus primeiros três dígitos significam o fim da AGE [Era]. E ali, no vértice de ouro dessa era, está o bebê. O valor numérico do vértice é 0,00000 212561, transliterado como BABE + FA. E em seguida ao exemplo do pássaro fênix, o pai (FA) está prestes a reencarnar novamente como o BABE [Bebê]. Mas que mundo pequeno, não é mesmo?

O Método de Análise de Área

Cada triângulo de luz sempre é composto de dois números básicos: um número que representa o componente horizontal da força da luz e o outro que representa o componente vertical dela. Eles dão origem a um terceiro número, a hipotenusa do triângulo reto, e a partir dessas três forças que agem como a Santíssima Trindade o processo de triangulação pode ser iniciado. Porém, esse mio é o único modo como um triângulo de luz pode

ser construído. O primeiro número pode representar a *área* do triângulo do vértice (A) e o segundo representaria então a *área* da base do triângulo (B). Assim, a partir desses dois números, que representam o nome e a data, o comprimento dos três lados do triângulo de luz pode ser derivado. Esse é o chamado Método de Análise de Área, e pode ser usado como um método alternativo para complementar e aprimorar as informações obtidas com o mapa linear. Um exemplo de seu uso é dado na Figura 143.

Aqui usamos os mesmos números, para o nome e a data, que surgiram com a análise original da Figura 139, em que a área total do triângulo de luz era 704 (GOD, Deus) e que por sua vez era formado pelo número 212, que representa o "BABE" [Bebê], e o número 492, o número de "ID" do nascimento. Só que no caso da Figura 143 nós invertemos os números de forma que o número menor representasse o triângulo da data na base da pirâmide e o número maior o nome em seu vértice. Desse modo, podemos manter a mesma nomenclatura, sendo que as letras "END" [Finais] representam, respectivamente, a hipotenusa do triângulo de luz, a vertical e a horizontal. E como o exemplo da Figura 140, as fórmulas para descobrir os comprimentos reais dos lados do triângulo de luz, quando conhecemos os dois aspectos de sua área, são também dadas na Figura 143.

Muito bem. O desenho é quase auto-explicativo, mas novamente está ligeiramente fora da escala para que pudéssemos colocar um número suficiente de triângulos na página. De outra forma o verdadeiro pulso da vibração seria visto mais claramente. Se a área de A' for 704 (GOD, Deus), sua imagem na TV estará mais próxima do triângulo D do que qualquer das outras, porque a linha divisória que separa D de E tem um valor de 743, que é maior que 704. Assim, tem uma pulsação de 2 (dois termos entre o vértice e sua imagem na TV).

Alguns dos valores numéricos são especialmente interessantes e cada termo tem uma mensagem por si só. Por exemplo: o comprimento da linha que separa a data do nome tem um valor de 25,415023, que, quando separado nas partes que o compõem (25-4-15-0-23) nos dá a palavra "WOODY" [Arborizado], quando o número é lido da direita para a esquerda. Uma área "arborizada" significa que ela é abundante em árvores, o que é uma descrição perfeita dos triângulos de nome e de data, quando consideramos o imenso número de árvores da vida menores crescendo dentro deles.

Também o lado longo do triângulo do nome tem um comprimento de 38,7171. O número Alfa de "Morte" (Carta 13 do Tarô) é 38, o que significa que esse termo de alguma forma se relaciona à Morte. Isso é novamente confirmado pela parte decimal do número, transliterada como "Morte (38) GAG [Amordaça] A (o Imperador)". E quando "amordaçamos" alguém, isso não significa que impedimos essa pessoa de falar? Certamente que sim, e isso nos dá mais indícios de que o termo se refere à morte, seja a morte do físico e a ascensão do espírito ou vice-versa.

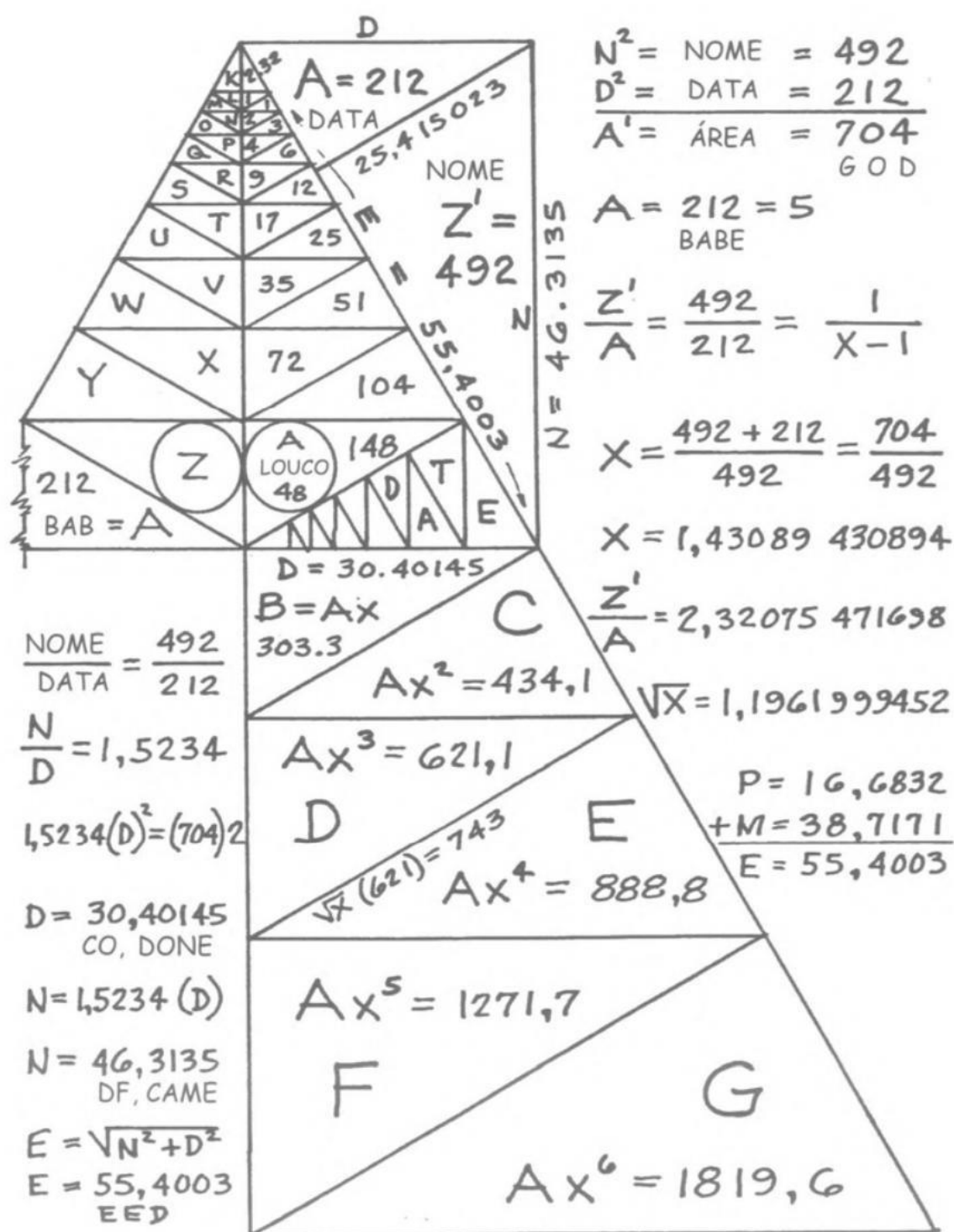


Figura 143
O método de análise de área da Consciência Total de Deus/Bebê

O número básico da vibração é o valor de X (o número que é multiplicado por si mesmo muitas e muitas vezes para dar origem à família de triângulos). O número é 1,4, que é seguido então por uma dízima periódica infinitamente longa, na forma de "30-894, 30-894, 30-894" e que é transliterada como "CO (abreviação de Companhia) HID [Se escondei". A "companhia" é obviamente a parceria formada pelo Sol e pela Lua e, de um modo estranho, o número infinito de outras companhias menores está se "escondendo" na consciência da companhia maior do Imperador (A) e do Diabo (D), a parte inteira do número (1,4). E também é interessante que esses dois números representem o vértice (A') e sua imagem na TV (D).

O Método de Análise Linear

Vamos agora sujeitar esses mesmos números (492 e 212), cujo total é igual a 704 (GOD, Deus), a um método linear de análise. Procederemos como antes, usando o número do Nome (492) para representar o lado vertical do triângulo de luz, e o número da data (212) sua base horizontal. A pirâmide foi erigida na Figura 144, mas desta vez desenhamos o diagrama em escala para evitar a confusão anterior. E, como você verá, ao desenhar em escala desvendamos outro mistério que de outra maneira teríamos deixado escapar.

A metade esquerda do diagrama na Figura 144 é uma reimpressão da vibração de luz do holofote no vértice quando ele brilha na face oeste da Grande Pirâmide durante parte de sua terceira revolução (ver Figura 81). Nessa figura havia exatamente dez triângulos vazios entre o ápice (A) e sua imagem na TV (L) e o Imperador tornou-se agora o Cavaleiro. As fórmulas matemáticas dessas vibrações perfeitas são mostradas no lado esquerdo da Figura 144, diferentes das fórmulas matemáticas equivalentes para a forma linear do triângulo de nome/data para o deus/bebê que aparece à direita. Além disso, a inclinação de cada um desses triângulos de luz é quase idêntica, sendo a diferença de apenas uma fração de porcentagem, ou quase a mesma diferença que há entre a inclinação das faces Pi e Phi da Grande Pirâmide (a altura da Grande Pirâmide, aliás, é de 481 pés, também muito próximo ao valor numérico do nome na Figura 144).

Mas o que é ainda mais notável é que a pulsação do método de análise de *área* de nosso deus/bebê é 2, diferente da pulsação do método *linear* de análise, que é dez. Elas podem ser comparadas aos pilares de Boaz (B) e Jaquin (J) que aparecem nos dois lados da Grande Sacerdotisa na carta 2 do Tarô (ver figura 20). E se essa coincidência apenas não bastar, leia os primeiros quatro dígitos do valor numérico de X na figura 144: você descobrirá que ele pode ser transliterado na palavra "ARE", o nome inglês da letra R, cujo símbolo é a Torre (Carta 16 do Tarô). Além disso, o número chega a afirmar que representa os "efeitos" da letra F. Os primeiros 8 dígitos podem ser transliterados como segue: 1,1856699 = 1-18-5-6-6-99, o que

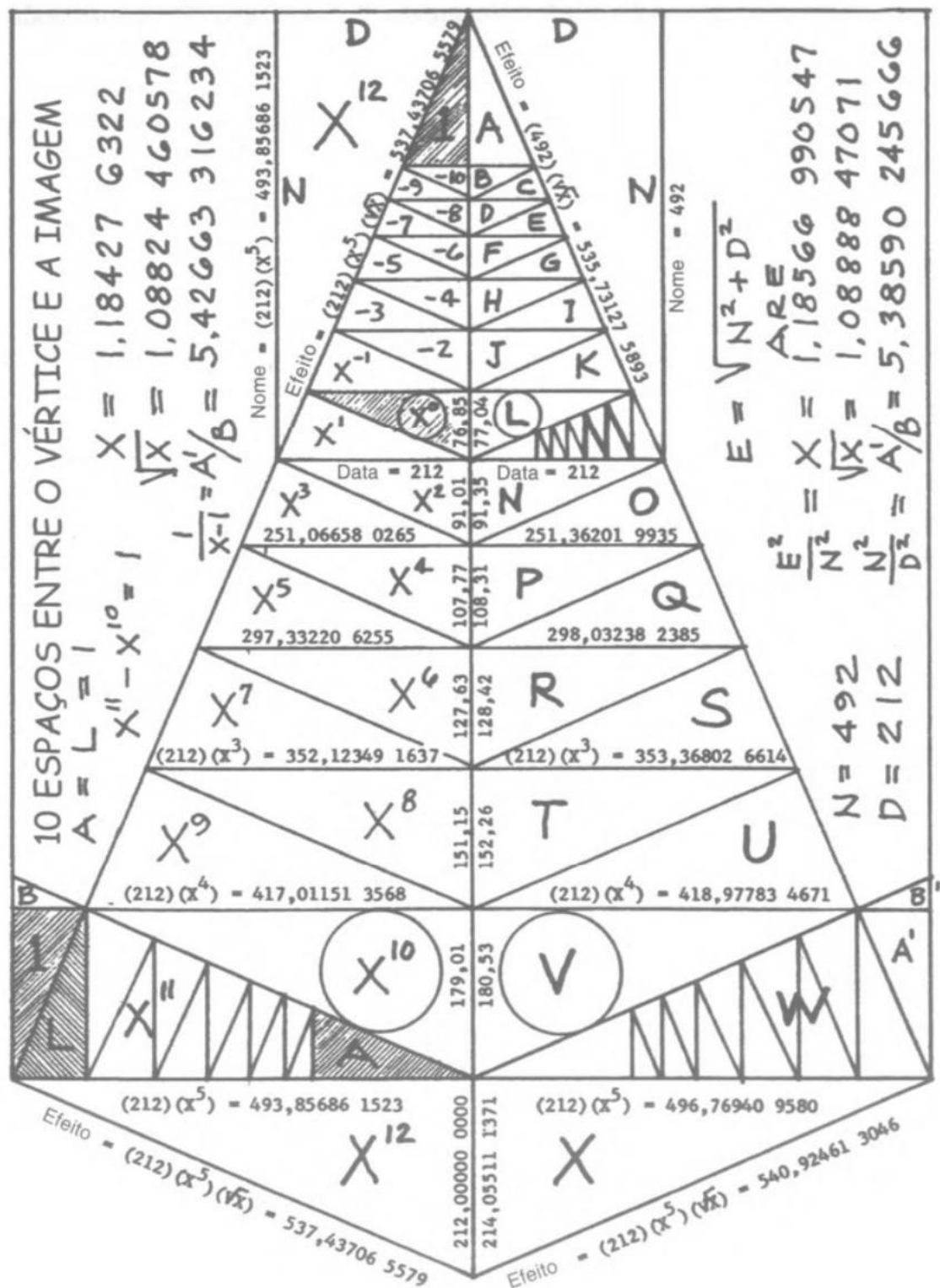


Figura 144
O Método Linear de análise da pulsação de Deus/Bebê

quer dizer que eles "ARE F EX [São efeitos]". O número 1)1) sempre pode ser lido como "X", já que é o número do Julgamento (Carta 2 do Tar)).

O Diagrama Corrigido para Qualquer Vibração do Nome e da Data

Descobrimos, então, que há *dois* triângulos de luz para cada razão possível entre nome e data: um que expressa essa razão em sua área interior e outro que a expressa pelo comprimento de seus lados. A forma dos triângulos e os valores da unidade para a base X serão diferentes, mas em qualquer caso o método de triangulação será o mesmo. A razão entre as áreas de triângulos adjacentes será sempre igual a X, assim como a razão entre os segmentos de linha de qualquer altura da hipotenusa, que sempre será igual a esse mesmo número.

Portanto, o valor real de um triângulo de luz envolvendo o nome e a data reside em sua inclinação e na razão entre seus lados, não nos valores específicos dos próprios números. Em outras palavras, o que nos interessa realmente são os três números básicos (X , $\sqrt{X}$ e A/B) e podemos esquecer o resto. O quadro também deve ser corrigido de forma que a base do triângulo seja igual a 1 ($X^0 = 1$). Essa é a data do nascimento, o momento em que a alma passa à encarnação e, a partir de então, é apenas questão de contagem. A Figura 145 corrige o quadro do deus/bebê, mostrando o método de análise de área à esquerda e o método linear de análise à direita.

Pode-se ver prontamente que as áreas de cada triângulo sucessivo representam apenas antilogaritmos de potências sucessivas de X. Portanto, a área de qualquer triângulo pode ser encontrada resolvendo-se a equação ($\text{Área} = X^y$), onde y representa a potência apropriada (logaritmo) de X. Porém, essa análise padrão não exige nenhum esforço muito grande. É necessário apenas a aquisição de uma simples calculadora de bolso do tipo "científica", que pode ser facilmente encontrada. Mas a calculadora deve ter uma tecla (X^y) e ao menos uma memória; uma vez que você tenha armazenado o valor apropriado de X na memória, não levará mais de quatro operações para que a vibração numérica de *qualquer dia em toda a sua vida* apareça como mágica no visor.

Então, para descobrir quais as condições que afetarão você naquele dia em particular, é preciso somente "ler" os números e tentar interpretar a mensagem que eles têm a transmitir. O mais impressionante é que, se você houver calculado os valores numéricos de seu nome e data de nascimento corretamente (e assim estiver "sintonizado" na frequência correta), é mais do que provável que o efeito desses números naquele dia em particular vá mostrar-se tão exato (ao menos em teoria) quanto a previsão dos graus e minutos do signo zodiacal em que um planeta estará naquele dia em particular. Por quê? Porque você está se movendo pelo Zodíaco na mesma órbita que a Terra. E a única diferença entre sua vibração e a vibração da Terra

representará o *antilogaritmo*, ou a quantidade de "espaço" preenchida pela largura de uma única linha.

A tabela abaixo foi preparada para ($X = 1,1856699$). Esse é o valor de X calculado pelo método linear de análise para o deus/bebê no lado direito da Figura 144. Poderíamos ter usado qualquer número para nosso exemplo, mas achamos que este era especialmente apropriado porque o valor linear de seu Nome e Data é 704 ou GOD [Deus]. E se essa tabela de antilogaritmos pode revelar os diversos estágios na manifestação de Deus, assim também uma tabela similar, baseada em seu próprio valor individual de X , gradualmente revelará quem e o que você é realmente.

TABELA DE ANTILOGARITMOS PARA QUALQUER NÚMERO
DE ANOS E DIAS PARA $X = 1,1856699$

<i>Anos</i>	$+ (Dias \times 0,002739772)$	$Y =$ <i>Logaritmo</i>	$X^y =$ <i>Antilogaritmo</i>
0	0	0,00000000	1,0000000
0	+	$1 \times 0,00273972 =$	1,0004667
0	+	$364 \times 0,00273972 =$	1,1851163
1	0	1,00000000	1,1856699
1	+	$90 \times 0,00273972 =$	1,2365207
2	0	2,00000000	1,4058131
2	+	$180 \times 0,00273972 =$	1,5289835
3	0	3,00000000	1,6668302
3	+	$270 \times 0,00273972 =$	1,8906198
4	0	4,00000000	1,9763105
5	0	5,00000000	2,3432518
6	0	6,00000000	2,7783232
7	0	7,00000000	3,2941742
8	0	8,00000000	3,9058032
9	0	9,00000000	4,6309933
10	0	10,00000000	5,4908293
20	0	20,00000000	30,149207
30	0	30,00000000	165,54415
40	0	40,00000000	908,97469
50	0	50,00000000	4991,0249
60	0	60,00000000	27404,866
70	0	70,00000000	150475,44
			A DD
			E DGE
80	0	80,00000000	826234,99
90	0	90,00000000	4536715,3
100	0	100,00000000	24910329,

Digamos, por exemplo, que você tenha atingido seu 70º aniversário e deseja conhecer o significado desse marco em particular na sua vida. A tabela mostra que o antilogaritmo de $X7^\circ$ afirma "ADD EDGE" [Somar extremidade]. A extremidade do quê? Talvez a extremidade do "0" (o terceiro dígito que falta). Isso pode ser muito significativo, porque o valor cabalístico de Pi é a fração $22/7$, ou seja, um círculo com uma circunferência de 22 e um diâmetro de 7 (ver a figura 19 na página 69). E a "extremidade", neste caso, seria a circunferência externa do círculo, ou o "0"!

Dissemos anteriormente que as áreas dos triângulos na escala planetária do tempo são provavelmente maiores que um ano. E quanto a 22, ou 2.200 anos? Cada Era da Terra dura aproximadamente 2200 anos (o tempo que leva para que a Terra ou o Sol se movam ao longo de cada signo do Zodíaco). Assim, temos a Era de Peixes, a Era de Aquário, etc., pois são determinadas pelo processo conhecido como precessão dos equinócios (veja a subseção que começa na página 316). Mas o período máximo de vida de um ser humano é de mais ou menos cem anos, bem diferente do ciclo de 2.200 anos da Terra. Você consegue perceber a importância disso? Temos novamente o círculo; os 70 anos do homem médio representam o diâmetro e o ciclo de 2.200 anos de uma era planetária simbolizam a circunferência.

As manchas solares passam por um ciclo de 11 anos mas, como são alternadamente positivas e negativas, seu ciclo completo leva 22 anos. Há 22 cartas nos Arcanos Maiores do Tarô e o alfabeto hebraico tem 22 letras. Em toda parte, aparentemente, descobrimos o número Pi entrando e deixando a manifestação na fração $22/7$ que representa a razão entre a circunferência de um círculo e seu diâmetro.

O Grande Método do Nome, Data, Hora e Lugar

Podemos perguntar-nos — já que fizemos tanta questão de definir a *hora* em que um nascimento ocorre — que efeito o *lugar* do nascimento teria sobre o mapa. Isso nos leva a um outro método de análise, no qual comparamos um triângulo reto composto pelo nome e a data com um segundo triângulo reto representando a hora e o lugar. Desse modo, podemos comparar o "efeito" de um com o "efeito" do outro e, assim fazendo, unir os quatro elementos em uma única força geral.

Na Figura 146 foi exatamente o que fizemos. Encontramos aquilo que cabalisticamente poderia ser chamado "segundo efeito do diâmetro circular". Por que o chamamos assim? Porque acontece que essas palavras em particular são soletradas de tal forma que descrevem especificamente a ação que ocorreu.

Na metade superior direita da figura 146 há um triângulo reto baseado nos números Alfa das palavras NAME [Nome] (33), DATE [Data] (30) e EFFECT [Efeito] (45). E no lado oposto do diagrama há um triângulo reto

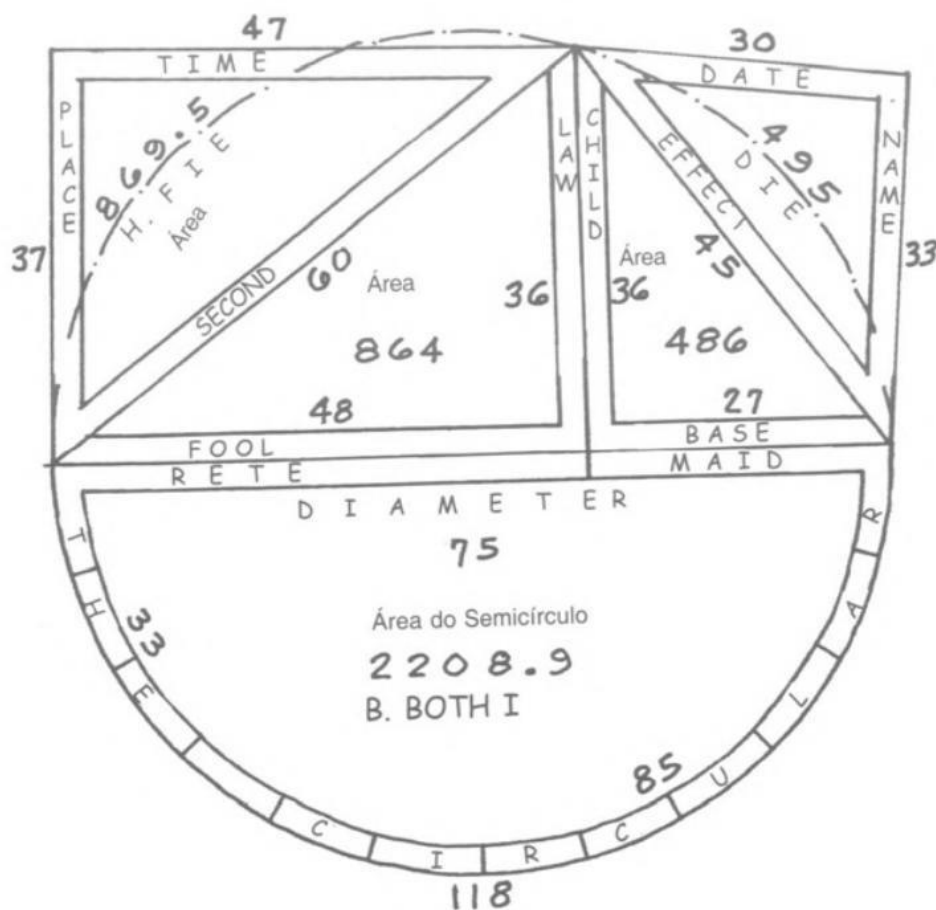


Figura 146
O segundo efeito do diâmetro circular

baseado no número Alfa das palavras TIME [Hora] (47) e PLACE [Lugar] (37). Escolhemos a palavra SECOND [Segundo] para representar a hipotenusa por três razões: 1) seu número Alfa é 60, correspondente ao valor *Alfa* calculado de 59,816 para o comprimento da hipotenusa; 2) tem seis letras que correspondem às palavras de quatro e cinco letras nos outros dois lados (o valor real calculado para a hipotenusa seria de 6,4 letras, mas seis é o número inteiro mais próximo disso); e 3) filosoficamente, faz sentido usar a palavra SECOND, já que a diagonal deste triângulo é, de fato, o SECOND EFFECT [Segundo efeito] das quatro *causas* anteriores que constituem o nome, a data, a hora e o lugar da ação inicial.

Mas se as diagonais desses triângulos representam o SEGUNDO EFEITO, as *áreas* deles trazem não apenas o FIM, mas também os TPs (Tipis), as tendas (casas) cônicas usadas pelos índios americanos, que são trazidas à manifestação pelo processo de triangulação. A área do triângulo hora/lugar é de 869,5, transliterado como "H (cada) FIE (Phi)". Esta corresponde à área do triângulo nome/datas, cuja área é 495 (DIE, morrer). Assim, ficamos sabendo que "Cada Phi morre". Além disso, o verdadeiro comprimento da diagonal do triângulo hora/lugar é o número 59,81638 (59-8-16-38), transliterado como "E PHI M" quando as letras do meio são

lidas da direita para a esquerda. Como 38 é o número Alfa da Morte (Carta 13 do Tarô), cujo símbolo é M, a Cabala reitera a afirmação de que "Cada Phi morre" escrevendo o Número Aureo Phi corretamente dentro do *nome* de 2 letras do símbolo da Morte (M).

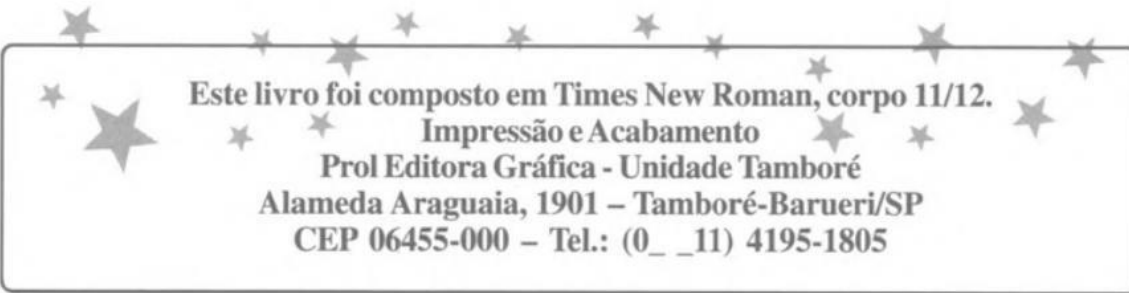
Vamos agora olhar o triângulo reto interno formado pelos números Alfa das palavras SECOND (60) e EFFECT (45). Juntas, elas somam 105, o número Alfa de "The World" [O Mundo]. Mas, mais que isso, as palavras "SECOND EFFECT" tornam-se o lado longo e o lado curto de um verdadeiro triângulo pitagórico 3-4-5, cuja hipotenusa se torna o DIAMETER [Diâmetro] (75) do círculo. Não são necessárias mais correções, já que os próprios números Alfa são números verdadeiramente pitagóricos.

Esse triângulo pode, por sua vez, ser dividido em dois outros triângulos 3-4-5. O da esquerda pode ser transformado em LAW [Lei] (36), FOOL [Louco] (48), SECOND [Segundo] (60); e o da direita pode transformar-se em BASE (27), CHILD [Criança] (36), EFFECT [Efeito] (45). Sugerimos essas palavras para mostrar como o processo funciona, mas podem ser usadas outras palavras igualmente efetivas. Realmente notável a respeito desse esquema em particular é que a palavra de oito letras "DIAMETER" [Diâmetro] quando lida de trás para a frente, encaixa-se perfeitamente no espaço requerido pelas bases dos outros dois triângulos. Suas primeiras quatro letras, "DIAM" (27) formam a "BASE" (27) do triângulo da direita; e suas últimas quatro letras, "ETER" (48), tornam-se a base do triângulo da esquerda.

O termo "THE CIRCULAR DIAMETER" [O Diâmetro Circular] é uma frase perfeita para representar a parte da letra "D" do círculo, sobre a qual repousam os triângulos. Como o número Alfa de DIAMETER é 75, o comprimento de seu arco semicircular deveria ser 117,8, confirmando o número Alfa de suas primeiras duas palavras (118). Além disso, as 11 letras mais os espaços entre elas preenchem os requisitos do arco para as oito letras da palavra "DIAMETER". De fato, foi aqui que tudo começou, porque se usarmos a fração $22/7$ para representar Pi, o comprimento do semicírculo torna-se o número 12,5714, que afirma enfaticamente que é aqui que "A BEGAN" [A Começou].

Bem, não exatamente, porque o verdadeiro "lugar" em que tudo começou seria o número de graus e minutos de longitude que, quando somados ao número de graus e minutos de latitude, revelam o verdadeiro número daquele lugar — o lugar em que você nasceu.

O INÍCIO E O FIM

A decorative border consisting of several five-pointed stars of varying sizes is arranged around the top and sides of a rectangular frame. The stars are light gray and some are partially cut off by the edges of the frame.

Este livro foi composto em Times New Roman, corpo 11/12.

Impressão e Acabamento

Prol Editora Gráfica - Unidade Tamboré

Alameda Araguaia, 1901 – Tamboré-Barueri/SP

CEP 06455-000 – Tel.: (0_ _11) 4195-1805

ORELHA

A Cabala teve início nos ensinamentos esotéricos dos judeus da Palestina e do Egito no primeiro milênio da nossa era. Foi durante esse período que as diversas doutrinas foram encontradas em antigos livros hebraicos como o Sepher Yetzirah, o Zohar e o Bahir. É um método de usar a mente de maneira que o indivíduo entra em contato direto com os poderes viventes e as forças do Universo e, por meio deles, com a fonte eterna de toda a manifestação.

Seus aspectos básicos são simples, mas, por meio de seu código cifrado, encontramos uma espantosa sabedoria oculta que permite expandirmos nossa visão de mundo.

A Cabala da Astrologia —A Linguagem do Número alia essa maravilhosa ciência à sabedoria da Astrologia, resultando em um precioso estudo da alma.

"A Astrologia talvez seja a mais antiga de todas as ciências. Desde que o homem surgiu sobre a face da Terra, olhava para o céu e observava o movimento das estrelas e dos planetas. É fácil ver como o Sol tornou-se o regente do dia e a Lua a regente da noite. Portanto, o Sol era um deus de vitalidade e força, em oposição à Lua, que era uma deusa da procriação e do crescimento. Uma vez que ambos tinham aparentemente o mesmo tamanho, um representava o pai e a outra, a mãe, embora o sexo verdadeiro dos dois corpos celestiais tenha variado segundo cada civilização."

A CABALA DA ASTROLOGIA

O autor desta obra traz a você um cuidadoso estudo sobre a “linguagem do número”.

Todos os números podem ser transliterados em palavras que formam uma linguagem espiritual, estabelecendo a comunicação entre seres de diferentes estados de consciência. Isso é Cabala.

A Cabala da Astrologia — A Linguagem do Número estuda a Astrologia à luz da Cabala e analisa o que ela tem a nos dizer.

Aqui você vai saber mais sobre:

- A essência da Cabala;
- Os alfabetos mágicos;
- A geometria sagrada;
- O zodíaco;
- O padrão de vibração do nome e da data.

Com *A Cabala da Astrologia — A Linguagem do Número* você obterá uma melhor compreensão da Consciência Universal a que os homens chamam Deus, bem como de nosso propósito aqui na Terra.



MADRAS